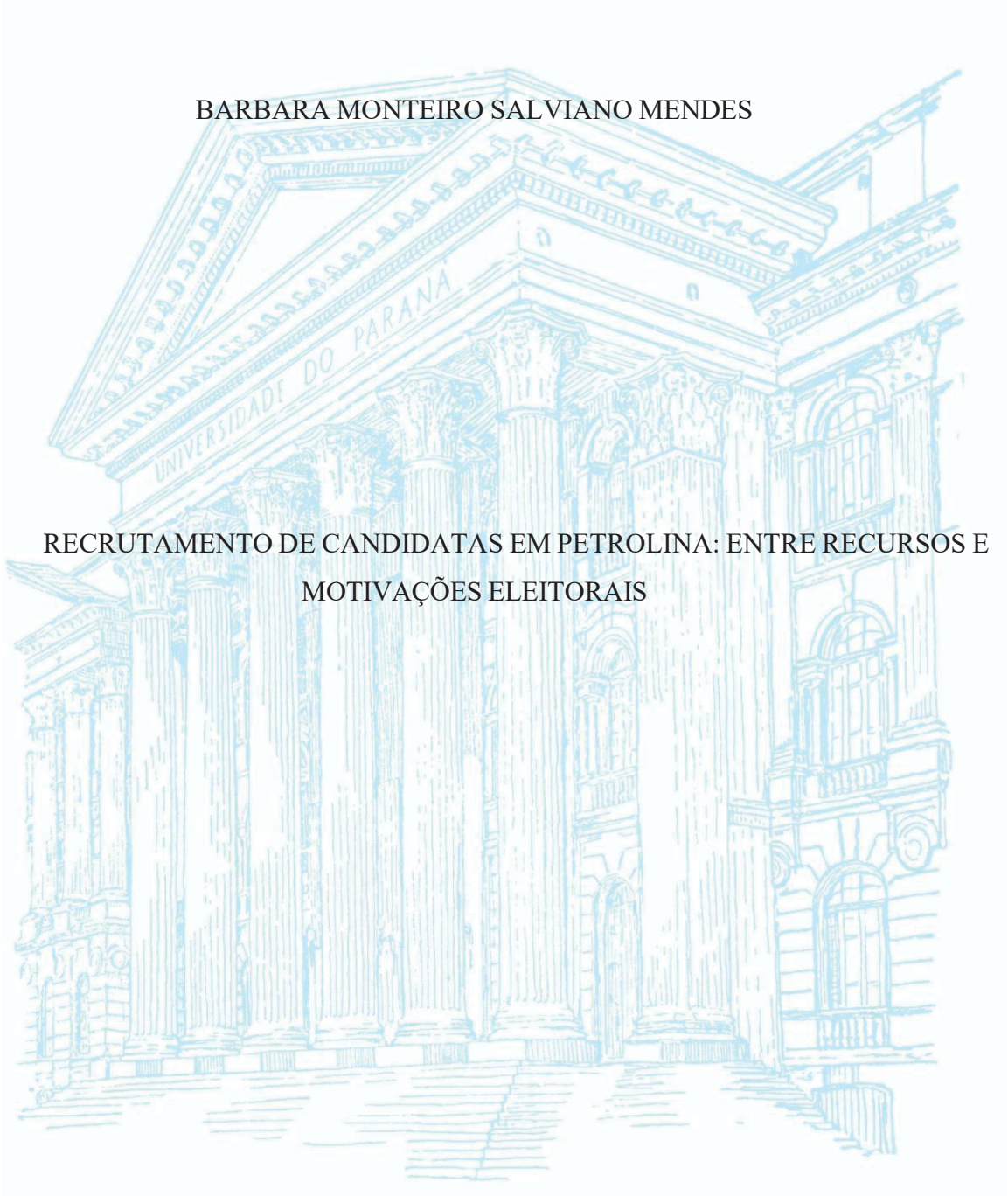
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BARBARA MONTEIRO SALVIANO MENDES



RECRUTAMENTO DE CANDIDATAS EM PETROLINA: ENTRE RECURSOS E MOTIVAÇÕES ELEITORAIS

CURITIBA

2025

BARBARA MONTEIRO SALVIANO MENDES

RECRUTAMENTO DE CANDIDATAS EM PETROLINA: ENTRE RECURSOS E MOTIVAÇÕES ELEITORAIS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência Política, na linha de Instituições Políticas e Processos Decisórios, do Curso de Pós-Graduação em Ciência Política, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Bolognesi

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Mendes, Barbara Monteiro Salviano
Recrutamento de candidatas em Petrolina: entre recursos e motivações eleitorais. / Barbara Monteiro Salviano Mendes. – Curitiba, 2025.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política.
Orientador: Prof. Dr. Bruno Bolognesi.

1. Eleições Municipais – Petrolina (PE). 2. Candidatas políticas - Recrutamento. 3. Partidos políticos. I. Bolognesi, Bruno, 1982-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ciência Política. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação CIÊNCIA POLÍTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **BARBARA MONTEIRO SALVIANO MENDES**, intitulada: **Recrutamento de candidatas em Petrolina: entre recursos e motivações eleitorais**, sob orientação do Prof. Dr. BRUNO BOLOGNESI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 10 de Março de 2025.

Assinatura Eletrônica
11/03/2025 22:09:36.0
BRUNO BOLOGNESI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
11/03/2025 16:22:04.0
NARA OLIVEIRA SALLES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

Assinatura Eletrônica
11/03/2025 16:36:20.0
DEBORA THOME COSTA
Avaliador Externo (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 428271
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp e insira o codigo 428271

AGRADECIMENTOS

A todos que ajudaram na construção deste trabalho, direta ou indiretamente, meus mais sinceros agradecimentos. Em especial:

Ao professor e orientador Bruno Bolognesi, pelo voto de confiança em mim e na minha pesquisa. Obrigada pelas palavras gentis, pela paciência e pela liberdade que me deu durante todo o mestrado.

A todos os professores da UFPR que colaboraram para minha formação e me mostraram um mundo novo dentro da Ciência Política, com os ensinamentos passados em aula e nas conversas de corredor.

A todos que não mediram esforços para me ajudar a conseguir as entrevistas para essa pesquisa. Agradeço, especialmente, Afonso Lima, Gilberto Pires, João Ricardo, Raquel Mírian, e os meus pais.

A todas as mulheres entrevistadas, por terem me cedido seu tempo. Poder conhecê-las tornou essa pesquisa muito especial e realizadora para mim. Obrigada pela gentileza, solicitude e pela confiança de me abrirem seus corações e histórias. Esse trabalho não existiria sem vocês (literalmente)!

A todos os líderes partidários entrevistados, que foram muito prestativos ao me encaixarem em suas agendas e disponibilizarem o contato de pré-candidatas dos partidos.

A Stella Montiel e Bernardo Moreira, pela ajuda imensa na conferência e formatação das entrevistas.

Aos amigos conhecidos em Curitiba, que tornaram essa jornada acadêmica e vida em uma nova cidade mais fácil de navegar. Obrigada pelos cafés da tarde e jantares regados por conversas, pela força e pelo acolhimento. Viver esse momento ao lado de vocês tornou tudo mais especial!

Aos amigos de Petrolina, que me apoiam sempre e continuam a me emocionar com esse suporte. Obrigada por não terem deixado de me incluir e atualizar das novidades da terrinha!

A minha namorada, Thaís, que ouviu todas as minhas angústias e me acolheu com amor. Obrigada pela compreensão, pelo encorajamento constante e pela paciência.

Aos meus pais, Alessandra e Ronald, por sempre acreditarem em mim e no meu potencial. Obrigada pelo apoio na mudança, nos estudos, pelos conselhos, pelo amor incondicional, e por me deixarem quase monopolizar o carro para poder ir fazer a pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa explora como ocorre o recrutamento partidário feminino nas eleições municipais de 2024, usando o caso de Petrolina, cidade média do interior pernambucano. A investigação surge a partir da proposição dos partidos políticos enquanto a principal barreira institucional que limita a entrada de mulheres na política, pelo papel *gatekeeper* que assumem diante do lançamento de candidaturas. Embora existam ações afirmativas que incentivem as mulheres a participarem do pleito eleitoral, fatores informais interferem no processo de recrutamento. Questões sociodemográficas e culturais influenciam o julgamento e os critérios exigidos pelos seletores, assim como o acesso por parte das candidatas aos cinco recursos necessários à vida pública: experiência e autopercepção, disponibilidade de tempo, condições financeiras, apoio (partidário e externo) e ambição política. Logo, avalio o acesso das mulheres aos recursos antes da candidatura, e a relação com os partidos durante o processo de recrutamento. Para isso, realizo um trabalho qualitativo, aplicando vinte e nove entrevistas semiestruturadas entre presidentes de partido a nível local e pré-candidatas às eleições. Foram escolhidos os partidos de esquerda e direita maiores e mais ativos na cidade, e as mulheres foram selecionadas pela técnica *snowball*. As entrevistas foram transcritas e analisadas utilizando o software MaxQDA, que possibilitou encontrar pontos de convergência e contraste nos discursos. Os resultados indicam que a dinâmica da política local influencia a forma de recrutamento adotada pelos partidos, e denota maior importância a alguns recursos. Destacam-se o apoio partidário, a disponibilidade de tempo e a ambição política, afetados diretamente pelas concepções socioculturais ligadas ao sexo feminino. Assim, concluo que mesmo frente aos avanços que promovem maior participação de mulheres na política, regras informais e aspectos sociais ainda geram discriminação deste grupo na esfera local.

Palavras-chave: Recrutamento partidário. Recrutamento político de mulheres. Eleições municipais.

ABSTRACT

This research explores the female party recruitment in the local elections of 2024, using the case of Petrolina, a medium-sized city in the state of Pernambuco. The investigation comes from the proposition that political parties are the main institutional barrier to women's insertion in politics, given their gatekeeping role on candidacy nominations. Even though there are affirmative policies that encourage women's electoral participation, there are still informal factors that interfere in the recruitment process. Social, demographic and cultural aspects influence the judgement and the criteria demanded by the selectorate; it also influences the candidates' access to five necessary resources: experience and self perception, time availability, financial conditions, support (partisan and external) and political ambition. Therefore, I evaluate women's access to these resources before the candidacy, and the relationship with the parties during the recruitment process. To do so, I do a qualitative study, where I apply twenty-nine semi-structured interviews, between local party leaders and female pre-candidates to the elections. The parties chosen were the biggest and most active in town, right and left-wing, and the women were selected through the snowball method. The interviews were transcribed and analysed using the software MaxQDA, which allowed finding matching and unmatching points in the discourses. The results point to the local political dynamic as an influence in the recruitment processes adopted by the parties, and they indicate more importance to some resources. I highlight the partisan support, time availability and political ambition, directly affected by the socio-cultural conceptions about women's roles. Thus, I conclude that, even in the face of social and institutional advances that promote higher levels of female participation in politics, some informal rules and social aspects continue to hinder their presence in the local arena.

Key-words: Party recruitment. Female political recruitment. Local elections.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DC – Democracia Cristã

DEM – Democratas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPU – Inter-Parliamentary Union

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PL – Partido Liberal

PRD – Partido da Renovação Democrática

PRTB – Partido Renovador Trabalhista Brasileiro

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCO – Partido da Causa Operária

PSD – Partido Social Democrático

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSL – Partido Social Liberal

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

TSE Mulheres – Tribunal Superior Eleitoral Mulheres

SUMÁRIO

1. Introdução **11**

2. Revisão de literatura **15**
2.1. Por que estudar grupos sub-representados? 15
2.2. Os partidos políticos e o sistema eleitoral 16
2.2.1. Os partidos políticos no sistema eleitoral brasileiro 18
2.3. A inclusão de mulheres na política brasileira 19
2.4. Recrutamento partidário 22
2.4.1. Particularidades do recrutamento partidário feminino 23
2.5. Abordando sistemas políticos locais 26
2.5.1. Breve histórico político-partidário de Petrolina/PE 27

3. Materiais e métodos **30**
3.1. Elaboração da entrevista semiestruturada 30
3.2. Escolha dos participantes 31
3.3 Processo de realização das entrevistas 32
3.4. Tratamento dos dados 32

4. Resultados **34**
4.1. Descrição dos partidos e líderes partidários entrevistados 34
4.1.1. Processo burocrático de seleção de candidatos 35
4.1.2. Características essenciais de um candidato 37
4.1.3. Critérios para distribuição de recurso financeiro 39
4.1.4. Assegurando candidaturas femininas 40
4.1.5. Outros pontos encontrados nos discursos 42
4.2. Descrição das pré-candidatas entrevistadas 44
4.2.1. Aspectos socioeconômicos 45
4.2.2. Recursos: ambição política 46
4.2.3. Recursos: experiência política e autopercepção 48
4.2.4. Recursos: disponibilidade de tempo 49
4.2.5. Recursos: apoio partidário e externo 51
4.2.6. Recursos: condições financeiras 52
4.2.7. Violências relatadas 54
4.2.8. Outros pontos encontrados nos discursos 57

5. Discussão **59**
5.1. As não-candidatas, as candidatas e as eleitas 59
5.2. A influência da questão sociocultural 63
5.3. O impacto dos relacionamentos com os partidos 66
5.4. As mulheres persistem 70

6. Considerações finais **72**

7. Referências bibliográficas **76**

8. Anexos **84**
Anexo I - Roteiro para entrevistas semiestruturadas - versão para líderes partidários 84
Anexo II - Roteiro para entrevistas semiestruturadas - versão para pré-candidatas 85

Anexo III - Transcrições das entrevistas 86

1. INTRODUÇÃO

O reconhecimento da inclusão como ferramenta que torna os regimes políticos mais democráticos abre espaço para que cada vez mais mulheres galguem seus caminhos (Dahl, 1997; Young, 2006). Além dos incentivos legais assegurados pela lei brasileira, referentes às cotas de candidaturas e de financiamento de campanha, dispor de condições próprias para competir privilegia certas pretendentes. As chances não só de eleição, mas também de candidatura das mulheres são influenciadas por seu *background* social, econômico e cultural, de forma que fazer uso desses recursos para analisar quem consegue passar das intenções de candidatura possibilita identificar vieses favorecidos pelas instituições e seus atores políticos (Lawless; Fox, 2012).

Apesar de crescentes com o passar dos anos, as candidaturas femininas ainda beiram a faixa dos 30% nas eleições legislativas – em 2022, foram 35% de candidatas para a Câmara Nacional e 33,5% para as assembleias legislativas, e em 2024, as candidaturas para as Câmaras municipais somam 35,4% (TSE Mulheres), o que indica que as mulheres ocupam, majoritariamente, apenas o espaço reservado a elas. Com a obrigatoriedade, surge a preocupação com a qualidade das candidaturas. Afinal, é preciso se certificar que o propósito dos partidos, ao lançar mulheres, não seja compor a chapa para agregar votos de legenda, ou ainda, apenas de forma decorativa. É necessário que sejam candidaturas competitivas (Gatto; Thomé, 2024).

Nessa perspectiva de análise, se destaca o momento anterior à candidatura, que avalia os recursos apresentados pelas pretendentes – de ambição e experiência política, tempo, apoio, financeiro e de autopercepção –, e as relações com os partidos e com o ambiente político. Com isso, pode-se identificar quais são as motivações e dificuldades das mulheres nesse momento inicial, como seu potencial será utilizado pelo partido, e o que proporciona a efetivação da candidatura e entrada na vida política (Lawless; Fox, 2010).

Além disso, em um país marcado pela extensão territorial e culturas regionais, a descentralização do poder gera personalização da operação do sistema político-eleitoral nos municípios (Kerbauy, 2005; Carneiro; Almeida, 2008). Em virtude disso, um estudo que dedica atenção aos detalhes políticos, de recrutamento partidário feminino, e socioculturais em uma localidade específica fornece informações sobre o funcionamento de parte da estrutura institucional brasileira. O que colabora com a resposta de questões sobre como

aspectos característicos de uma região influenciam na mecânica funcional do sistema partidário brasileiro.

Por isso, esta dissertação explora o recrutamento partidário de mulheres em uma cidade média do interior de Pernambuco, Petrolina. O município é o terceiro maior do estado (IBGE, 2022) e abriga um pólo econômico baseado na fruticultura irrigada para exportação, importante para a região Nordeste e do Vale do São Francisco, onde se localiza. No entanto, a cena política e cultural da cidade apresenta características originárias de décadas mais antigas: o coronelismo, marcado por práticas clientelistas, assistenciais e cuja organização política tem cunho patriarcal (Nunes Leal, 1976), remanesce em uma política dominada por um grupo familiar coeso com seus aliados, que acarreta pouca renovação na prefeitura e Câmara Municipal, e onde as mulheres são escassas (Chilcote, 1991; Santos, 2013; Viscarra, 2022; Mendes, 2023).

Diante disso, a pergunta que surge é: em um contexto político local onde há pouca presença feminina, como ocorre a seleção de mulheres para candidatura ao cargo de vereadora nas eleições municipais? Para respondê-la, duas fontes empíricas são cruciais: os presidentes de partido, e as pré-candidatas a vereadora nas eleições locais, neste caso, de 2024. Assim, há a possibilidade de jogar luz sobre os temas mencionados: o recrutamento partidário feminino pela via institucional, como as mulheres apresentam seus atributos e são impactadas pelo relacionamento com os partidos e o meio político, e o resultado da personalização do sistema político-eleitoral nesse processo.

Logo, o objetivo geral da pesquisa é responder ao questionamento feito no parágrafo anterior, e descrever, via estudo exploratório, como ocorre o processo de seleção das mulheres, dentro dos partidos, para a candidatura ao cargo de vereadora em Petrolina. Os específicos são três:

a) identificar se há acesso aos recursos necessários para que as mulheres se tornem candidatas, sendo estes identificados na literatura (Lawless; Fox, 2010), e como diferenças de acesso entre as pré-candidatas impactam na efetivação das suas candidaturas;
b) identificar, nos discursos dos presidentes de partido e das pré-candidatas, qual das partes frequentemente toma a iniciativa para estimular e efetivar candidaturas femininas, e qual das partes as desencoraja;

c) identificar, nos discursos das pré-candidatas, se elas observam sofrer discriminações baseadas em seu gênero[1].

Com isso, o intuito é contribuir para os estudos que analisam as condições prévias de entrada na vida política, com foco nas figuras femininas. Apesar da grande proliferação de pesquisas sobre mulheres na política brasileira, estas tendem a focar nas eleitas e em outros aspectos que também são relevantes, como o financiamento de suas campanhas e a relação com sucesso eleitoral; dedicam-se, ainda, às candidatas e o impacto das cotas de gênero. Contudo, deixam uma lacuna ainda pouco preenchida para estudos que se atenham ao momento anterior. Recursos como motivação, suporte familiar e partidário, disponibilidade de tempo, dinheiro e autopercepção, assim como o panorama que respalda o acesso a eles, são pontos pouco explorados entre as pré-candidatas brasileiras. Ampliar o conhecimento nesta área pode enriquecer a discussão sobre a entrada e permanência de mulheres na política.

Trazer essa análise para o estudo de caso propicia contribuir também com as consequências que características políticas e culturais de uma localidade agregam ao problema. A autonomia dada aos municípios no sistema político brasileiro propicia a criação de sistemas próprios, que compõem o quebra-cabeça do todo brasileiro e possibilitam entender as relações em outras esferas (Anastasia, 2004). Além disso, oferece uma visão recortada das movimentações políticas, que posteriormente se reproduzem em instâncias maiores (Anastasia, 2004). A escolha da cidade parte: i) da necessidade de entender esta dinâmica em municípios distantes das capitais e regiões metropolitanas; ii) da aplicação de estudos como este em cidades médias (que possuem entre 100 e 500 mil habitantes, segundo métrica do IBGE), dado que a maioria divulgada é realizada em âmbito nacional ou grandes centros urbanos e; iii) do aporte metodológico que a cidade média escolhida apresenta para a pesquisa, pois há boa quantidade de pessoas para participação via entrevista, e acesso facilitado aos dados políticos e históricos em plataformas virtuais. Ademais, Petrolina em específico possibilita estudar o tema sobre um pano de fundo que historicamente não encoraja a participação feminina, fator recorrente em cidades do interior nordestino (Chilcote, 1991; Santos, 2013).

Adiante, esta dissertação segue com a revisão bibliográfica realizada, abordando tanto o sistema eleitoral brasileiro e o recrutamento partidário de mulheres, quanto uma breve exposição da história política de Petrolina, que situa melhor o caso estudado; um capítulo que

[1]Ressalto que o conceito de gênero utilizado neste trabalho se refere à distinção sexual dicotômica homem e mulher delimitada pelo TSE. Com isso, não há intuito de aprofundamento no debate sociológico do gênero, e aplico esta palavra somente como sinônimo da condição feminina.

detalha o caminho metodológico traçado; a descrição dos resultados empíricos obtidos; a discussão dos dados com a literatura; e uma seção de considerações finais, que engloba os principais achados da pesquisa, suas limitações e possíveis desdobramentos.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Por que estudar grupos sub-representados?

Debater representação de grupos tradicionalmente excluídos das instituições políticas formais evidencia a importância de abrir espaço para que estes ocupem lugares de poder. Os princípios democráticos há muito estabelecidos, de inclusão e participação, justificam a busca por maior pluralidade de discursos nos ambientes decisórios (Dahl, 1991; Tilly, 2000). Isso impulsiona grupos sociais diversos a colocarem suas demandas, para que suas questões sejam ouvidas e tratadas.

Em um regime democrático, além de integrar as pautas das coletividades nas discussões, a figura do representante também importa, pois é nela que a comunidade vê-se representada (Urbinati, 2006). Responsável por conectar instituições estatais e sociedade, o representante deve ser continuamente reformado para que possa tomar decisões legítimas em prol dos que representa (Urbinati, 2006). Dessa forma, é necessário o diálogo entre eleitores e eleitos, baseado em uma relação de autorização, antecipação e prestação de contas (Young, 2006). Logo, um governante não é uma extensão de seus governados, pois fala *por* eles, e não *como* eles (Young, 2006).

Young (2006) também coloca que, para que um grupo seja devidamente representado, é preciso que pessoas provenientes ou similares a ele estejam à frente da representação. Assim, há maior probabilidade que o governante contemple os eleitores, dado que as chances de compartilharem dos mesmos interesses, valores e prioridades também é maior. Isso possibilita um tipo de representação ampla, que abarca a complexidade da vida moderna. Por esse motivo, Young (2006) ainda chama atenção para o perigo de unificar um grupo social, como as mulheres, pois existem diferenças de raça, classe, e religião, que fazem com que seus interesses sejam divergentes. O ideal, para ela, é que todas as categorias de pessoas sejam devidamente representadas. Uma mulher periférica, por exemplo, naturalmente terá mais acesso às prováveis necessidades de outras mulheres periféricas, pois pertence aos mesmos contextos históricos, sociais, econômicos e culturais. O mesmo vale para outros grupos, não importando a fonte da identificação: laços étnico-raciais, econômicos, culturais, religiosos (Young, 2006).

Pitkin (1967) segue esta lógica representativa, diferenciando o que define como representação descritiva e substantiva. A representação descritiva diz respeito apenas à composição do corpo político, e defende a reflexão fiel dos grupos sociais no ambiente legislativo. Um desequilíbrio representativo entre as esferas pública e privada pode acarretar em distorções das políticas públicas (Pitkin, 1967). Por outro lado, a representação

substantiva assegura que os parlamentares defendem os mesmos interesses do grupo que representam, para além de compartilhar das mesmas características sociais. Dessa forma, o melhor representante é o cujas ações são responsivas para com seus eleitores – o que complementa o colocado por Young (2006) e Urbinati (2006) em relação ao papel do governante.

Sacchet (2013) ressalta que ambas as formas de análise da representação são válidas, e não há hierarquia entre elas. Afirma, sob respaldo de diferentes teóricas feministas, que as diferenças entre grupos devem ser colocadas em pauta para que a paridade de gênero em espaços decisórios seja alcançada. Esta igualdade é importante porque contribui para novas perspectivas, promove ações mais sensatas e justiça social (p. 408).

Avaliar a eficiência da representação não se resume apenas às características dos eleitos e ao papel que desempenham. É preciso lembrar que vários fatores influenciam sua chegada ao poder, inclusive o ambiente partidário em que trafegam e sua forma de seleção. Mansbridge (1999), Htun e Power (2006) e Sacchet (2013) lembram que as instituições políticas não agem de forma neutra, e suas normas são determinadas em um contexto social que privilegia certas características em detrimento de outras. Assim, a estrutura da organização partidária e o processo de seleção podem apresentar vieses que desvalorizam os grupos sociais sub-representados, visto a seguir.

2.2. Os partidos políticos e o sistema eleitoral

A discussão acerca dos partidos políticos dispõe muitos caminhos diferentes, a exemplo, a origem, desenvolvimento, estrutura, funcionalidade e comportamento de seus atores, remontando desde clássicos como Weber (1999), Michels (1982) e Duverger (1970). O propósito desta subseção não é fazer uma retrospectiva dos estudos partidários ou esgotar as alternativas teóricas do assunto, mas delimitar os pontos que são relevantes à análise deste trabalho: a classificação organizacional e ideológica dos partidos, como isso espelha seus comportamentos no sistema eleitoral, e a influência do controle da organização no recrutamento.

Organizações de pessoas movidas por interesses que buscam ocupar o poder legitimamente, os partidos políticos são a via de entrada para a política formal (Bonavides, 2000). Suas funções, de acordo com Aguiar (1990), incluem tornar a comunicação e prestação de contas entre eleitores e eleitos mais acessível. Inseridos em um regime democrático organizado em eleições regulares, são, sobretudo, a conexão ao espaço institucional para os que aspiram a vida política, e as organizações mediadoras e atuantes do sistema eleitoral.

Nesta configuração, as decisões governamentais refletem os interesses dos grupos partidários eleitos. Logo, para manter-se relevante, um partido busca eleições, seja na arena executiva ou legislativa (Bolognesi, 2021)[2].

A depender da origem e da fonte motivadora de suas ações, os partidos políticos apresentam comportamentos diferentes e são separados em categorias. A complexificação dos sistemas eleitorais desenvolveu a forma de analisar e classificar os partidos. Panebianco (2005), por exemplo, discute elementos de análise que influenciam a distribuição do poder interno, a partir do que chama de zonas de incerteza. São seis: competência, gestão da relação com o ambiente, comunicação interna, regras formais, financiamento e recrutamento. Em um constante jogo de interesses, ter o controle das zonas de incerteza dá poder a determinados membros, o que evidencia seus desejos na manutenção do partido e de suas posições dentro dele. A atenção que Panebianco (2005) traz ao controle do quê e por quem ilumina as estratégias tomadas pelas organizações partidárias e suas consequências no jogo eleitoral (Lima; Pereira, 2020). Do lado classificatório, mudanças nas necessidades de apoio e poder para conseguir manter a estrutura partidária e adaptar-se ao pleito eleitoral incutiram novas definições de partido (Bolognesi, 2021). Destacam-se os *catch-all*, descritos originalmente por Kirchheimer: partidos com frouxidão ideológica, portanto pragmáticos, nascidos do enfraquecimento dos partidos de massa de Duverger (Krouwel, 2003); e os partidos de cartel, teorizados por Katz e Mair (1995), cuja sobrevivência depende inteiramente do Estado e de seus recursos (Frota; Borba, 2019; Bolognesi, 2021).

Em relação ao comportamento dos partidos políticos no quesito eleitoral, o modelo que melhor contempla a realidade da América Latina é o proposto por Wolinetz (2002) (Bolognesi, 2021). A separação ocorre em três frentes: partidos *vote-seeking*, *office-seeking* e *policy-seeking*. Os *vote-seeking* procuram, majoritariamente, ganhar eleições, e por isso são mais flexíveis em relação a sua programaticidade; os *office-seeking*, por sua vez, não têm amarras programáticas, pois o objetivo é participar do governo via coligações, alianças, cargos comissionados, entre outros; já os *policy-seeking* são mais rigorosos quanto ao programa, buscando impor suas agendas por meio da implementação de políticas públicas.

Outro fator inerente à estrutura e ao comportamento dos partidos políticos é a ideologia. O senso comum histórico aponta os partidos que enfatizam a programaticidade e a mobilização de seu pessoal em prol de causas, os partidos de massa de Duverger (1970),

[2]Vale lembrar que existem partidos antissistema cujos principais objetivos são a manifestação e propagação de suas agendas políticas, de forma que a obtenção de cadeiras cai em segundo plano ou não é almejada (Bolognesi, 2021). Para esta afirmação, considero os partidos que desejam concorrer e alcançar posições de poder que propiciem a imposição de seus interesses.

como ligados à esquerda; por outro lado, os partidos de cunho pragmático ou fisiológico, cujos objetivos respondem primariamente aos seus interesses eleitoreiros ou de apoio institucional e financeiros, pendem mais comumente à direita. As mudanças nos sistemas eleitorais e partidários acarretam mudanças também nas formas de análise e classificação dos partidos, de forma que seria equivocado dizer que essa separação se mantém à risca (Carreirão, 2014; Bolognesi, 2021; Bolognesi et al, 2023). A depender de seus objetivos, partidos de direita podem ser programáticos e *policy-seeking*, assim como partidos de esquerda podem flexibilizar suas pautas e procurar maior apoio do Estado ou do eleitorado. Por isso, situo a realidade do sistema partidário brasileiro, descrevendo resumidamente a seguir como os partidos brasileiros se localizam em relação à ideologia, comportamento e organização.

2.2.1. Os partidos políticos no sistema eleitoral brasileiro

Para o caso brasileiro, Bolognesi et al (2023) realizam uma classificação ideológica dos partidos políticos que sobrepõe o tipo de organização ao comportamento. A separação ocorre no *continuum* que vai desde a extrema-esquerda até a extrema-direita, e retrata as particularidades das organizações partidárias brasileiras. Os autores indicam que, de forma geral, os partidos tendem a se aproximar mais das atuações *office/vote-seeking* ou não apresentam objetivos muito claros quanto ao que propõem, o que evidencia a preponderância de organizações fisiológicas e clientelistas. Esta tese também é defendida por outros estudiosos, a exemplo de Carreirão (2014), o que explicita que o sistema partidário brasileiro baseia-se, principalmente, na troca de favores e manutenção das elites no poder. Como Lucas e Samuels (2011) e Carreirão (2014) afirmam, essa configuração mostra a crescente irrelevância da ideologia para os partidos e para o sistema partidário. A utilização dos interesses das coalizões dominantes (segundo a definição de Panebianco [2005]) dos partidos para estabelecer alianças, coligações e acordos reflete a falta de congruência entre a ideologia e o comportamento e estrutura das organizações.

Apesar desta ser a realidade de grande parcela dos partidos brasileiros, existem exceções (Bolognesi et al, 2023). Os partidos dos extremos ideológicos, por exemplo, tendem a ser programáticos, logo, *policy-seeking*. Vale destaque para os da extrema-esquerda, PSTU, PCB e PCO, que são considerados partidos antissistema, ou seja, nem possuem o objetivo de angariar votos, apenas de manifestar suas agendas políticas – o que não acontece no lado da extrema-direita, com partidos como DEM e Patriota[3] (Bolognesi et al, 2023). Os partidos de

[3]Lembro que a classificação ideológica utilizada aqui, de Bolognesi, Ribeiro e Codato (2023), considera os partidos ativos no ano de 2018. No ano de 2025, nem o DEM, nem o Patriota existem mais, tendo fundido-se

esquerda, como o PT e PSOL, ainda têm características programáticas mais fortes, mas se comportam de forma que agarram-se às três esferas: buscam políticas públicas, votos e cargos no governo. Por fim, da centro-esquerda até a direita estão os partidos majoritariamente fisiológicos, que comportam-se como exposto no parágrafo anterior. Nesta frente, apenas dois partidos são exceção: o PSDB, que apresenta comportamento menos *office-seeking* do que seus pares, e o Novo, que aproxima-se do *policy-seeking* (Bolognesi et al, 2023).

Dada a descrição da distribuição organizacional, comportamental e ideológica dos partidos brasileiros, será possível conectá-la aos modelos de seleção de candidatos, descritos na subseção 2.4. Antes disso, veremos um breve histórico e a atual realidade da participação feminina no Brasil, abarcando as estratégias de inclusão utilizadas e os desafios existentes.

2.3. A inclusão de mulheres na política brasileira

O movimento feminista que defende o direito das mulheres à política surgiu tão cedo quanto nos séculos XVIII e XIX, com as sufragistas (Marques, 2019). Mesmo assim, a extensão da participação das mulheres até a política brasileira data de menos de um século atrás. Ainda sem permissão formal, as primeiras mulheres brasileiras a votar o fizeram no ano de 1928, no estado do Rio Grande do Norte, sob respaldo de uma lei estadual que não diferenciava homens e mulheres quanto aos direitos eleitorais (Marques, 2019). No entanto, esses votos foram anulados pela Comissão do Senado, e a permissão legal que instaurou o sufrágio feminino só ocorreu em 1932, com o Código Eleitoral promulgado (Marques, 2019)[4]. Também em 1928 e sob respaldo da mesma lei estadual, Alzira Soriano tornou-se a primeira mulher prefeita nas Américas, eleita no município de Lajes (A história de Alzira Soriano…, 2020). Na década seguinte, as primeiras figuras femininas surgem no Congresso Nacional, mas suas eleições permaneceram escassas até meados da década de 80 (Araújo, 1999; Coelho; Baptista, 2009).

Vimos que as organizações partidárias são pontes necessárias para conseguir entrar na política formal para qualquer pretendente à vida pública (Aguiar, 1990; Bonavides, 2000). No Brasil, a conexão torna-se indispensável, vide que, apesar de ser possível lançar-se na arena eleitoral de forma independente, o acesso à estrutura é estabelecido por e para os partidos. Logo, eles se tornam *gatekeepers* da abertura do espaço público para as mulheres, e responsáveis por tomar medidas que adressem o problema.

---

com outros partidos: o DEM com o PSL, formando o União Brasil; e o Patriota com o PTB, criando o PRD (Partido da Renovação Democrática).

[4]Vale lembrar, mesmo com a permissão em 1932, as mulheres ainda ficavam à mercê de seus maridos para conseguirem votar nas eleições. O direito de voto das mulheres apenas se equiparou aos homens com o Código Eleitoral de 1965 (Limongi et al, 2019).

A exemplo de outros países, o Brasil aderiu às medidas afirmativas para encorajar a participação feminina (Archenti; Tula, 2007; Araújo; Diniz, 2009). A primeira lei que pautou candidaturas femininas foi a Lei nº 9.100/1995, que propunha reserva de 20% das candidaturas para mulheres e referia-se apenas ao pleito municipal. A segunda lei (Lei nº 9.504), que permanece em vigor, foi promulgada em 1997. Esta sugeria mínimo de 30% e máximo de 70% de candidaturas de qualquer um dos sexos, e abrange as eleições proporcionais em todas as esferas. O não cumprimento imediato da lei pelos partidos e fiscalização falha conceberam ementas que reforçaram o incentivo: limite do número de candidatos em lista, que antes poderia apresentar até 150% de candidaturas, o que proporcionava número ainda maior de candidaturas masculinas frente as femininas; e maior rigor fiscal, visto que o lançamento de candidaturas laranja, ou seja, não competitivas e que serviam apenas ao cumprimento formal da cota, era uma estratégia comum (Brasil, 2011; Gatto; Wylie, 2012). O debate sobre outras necessidades de apoio para as campanhas eleitorais, como a de financiamento, estenderam a cota para o Fundo Eleitoral, que assegura que 30% do dinheiro reservado para as campanhas seja direcionado para as candidaturas femininas e raciais (Congresso promulga cota…, 2022).

A promoção das ações afirmativas efetivou aumento do número de candidaturas femininas, e em certa medida, de eleições (Araújo; Diniz, 2009; Gatto; Thomé, 2024). No entanto, quando em comparação com a presença masculina, as mulheres não são expressivas na política brasileira. O Brasil de 2024 ocupa a posição 132 no ranking de igualdade de gênero do Inter-Parliamentary Union, organização que acompanha os índices de representação das Câmaras Legislativas ao redor do mundo. O IPU aponta 18,3% de mulheres na câmara legislativa federal brasileira, nem 10 pontos percentuais a mais dos resultados de 11 anos antes: 10% das cadeiras eram femininas (Biroli, 2014). A sub-representação se alarga em alguns casos, como das mulheres negras. O Censo 2022 do IBGE aponta que a população de mulheres pretas e pardas alcança aproximadamente 54% (Sá et al, 2024), enquanto na Câmara Federal ocupam apenas 5,7% das cadeiras, com 29 representantes (TSE Mulheres, 2024).

Os motivos que justificam a baixa adesão e fracos resultados do sistema de cotas no Brasil são variados, e perpassam a arena partidária, eleitoral, e cultural (Matland, 2002; Araújo; Diniz, 2009). Do lado eleitoral, o sistema de lista aberta brasileiro pode ser prejudicial, pois estudos mostram que as cotas de gênero são mais efetivas em países onde a lista é fechada, e mais ainda, onde é zebrada, ou seja, há alternância entre o sexo dos candidatos na ordem de prioridade (Araújo, 2005; Archenti; Tula, 2007; Sacchet, 2011). A alta competitividade dos cargos combinada ao baixo financiamento também prejudica as

mulheres nos distritos e nos partidos, mostrando que suas eleições são mais frequentes em lugares e partidos com menores níveis de competição – o que difere do observado pela literatura internacional (Araújo; Diniz, 2009; Carlomagno, 2017).

No que tange aos partidos, aspectos organizacionais de institucionalização e transparência dos procedimentos e ideológicos interferem na inclusão feminina. Os dados apontam que organizações com regras mais transparentes tendem a recrutar mais mulheres, o que é o caso para partidos do campo da esquerda (Norris; Lovenduski, 1993; Araújo, 2005; Sacchet, 2011; 2012). Essas observações costumam confirmar-se no Brasil (Araújo; Diniz, 2009; Sacchet, 2012), mas esta perspectiva muda um pouco em eleições recentes. Gatto e Thomé (2024) apresentam dados que confirmam o aumento de candidatas e eleitas por partidos de direita, para pleitos de nível local (2020) e nacional (2022). Os dados divulgados pelo TSE para as eleições municipais de 2024 seguem na mesma direção. Este comportamento pode derivar do maior constrangimento institucional imposto aos partidos, devido à fiscalização para o cumprimento das reservas de candidaturas e do financiamento; ou da predominância de partidos do campo da direita no sistema partidário brasileiro (Bolognesi et al, 2023; Gatto; Thomé, 2024). Além disso, a ampliação de organizações e movimentos de direita é um fenômeno visto há alguns anos, no Brasil e no mundo, e o fortalecimento deles perpassa a cooptação de pautas comumente ligadas a esquerda, como as lutas de mulheres (Levitsky; Ziblatt, 2023; Solano et al, 2023).

Do lado cultural, características socioeconômicas e do ambiente político e social exercem influência sobre a participação feminina (Norris; Lovenduski, 1995; Matland, 2002; Power; Mochel, 2006; Lawless; Fox, 2010; 2012; Sacchet, 2011; 2012). Face a um *ethos* social e político hostil, que escanteia e relega as mulheres a espaços privados e de cuidados familiares, os relatos são de desafio de entrar e permanecer na política (Araújo, 2005; Lawless; Fox, 2010; 2012; Sacchet, 2011; Gatto; Thomé, 2024). Atrito com os partidos políticos, com os colegas e o ambiente de trabalho, ou pessoais, de cunho familiar e/ou financeiro ainda fazem parte do cotidiano de mulheres na política (Sacchet, 2011; 2012; Gatto; Thomé, 2024). Estes dois últimos pontos, sobre o recrutamento partidário das mulheres e questões socioculturais, serão desenvolvidos na seção seguinte.

2.4. Recrutamento partidário

O recrutamento partidário é o processo de escolha dos candidatos para as eleições, que conecta as elites partidárias aos candidatos e eleitores (Taylor, 2000). Duas vias principais influenciam o recrutamento: a comportamental, que se detém em quem é selecionado e de que

forma isso acontece; e a institucional, que observa a estrutura partidária durante o processo (Araújo, 2005; Braga; Bolognesi, 2013). Esta área de pesquisa revela os vieses de seleção, que podem perpetuar elites excludentes no poder, e como os modelos de partido influenciam no processo de escolha (Taylor, 2000; Power; Mochel, 2006; Norris, 2006).

Norris e Lovenduski (1995) dividem o processo seletivo em três etapas: i) quem pode ser eleito, ii) quem escolhe, e iii) quem é selecionado. A primeira tem um teor burocrático, pois se relaciona a quem apresenta os requisitos legais para elegibilidade, como atingir a maioridade e estar em conformidade com seus direitos e deveres civis e eleitorais. O aspecto cultural também dá sua contribuição, visto que as normas sociais informais participam do processo de tomada de decisão para entrar na vida política – logo, este fator pode prejudicar grupos menos incentivados socialmente, mesmo que atendam aos critérios de elegibilidade (Matland, 2002; Norris, 2006).

A segunda etapa refere-se ao aparato partidário, e envolve o nível de centralização da tomada de decisão e a extensão de participação dos membros, ou seja, quem são os seletores. Como colocado por Panebianco (2005), ter o controle de quem pode entrar e disputar pela organização é uma fonte de poder crucial, pois determina os princípios do partido e quais indivíduos se encaixam no padrão designado. Assim, os seletores se tornam os responsáveis pela inclusão (ou falta dela) no meio partidário e eleitoral. Nesse sentido, a literatura aponta caminhos conflitantes: por um lado, argumenta que partidos descentralizados tendem a ser mais inclusivos, pois um grupo diverso tomando as decisões promove também maior diversidade do corpo partidário. Por outra via, seleções exclusivas, feitas pelo líder ou por um grupo dominante do partido tornam mais fácil a escolha inclusiva, justamente pelo menor escopo de decisão (Rahat; Zahan, 2001; Kelbel, 2014; Spies; Kaiser, 2014). Pesquisas realizadas ao redor do mundo apresentam ambos os resultados (Kelbel, 2014; Spies; Kaiser, 2014; Gauja; Cross, 2015; Babireski; Roeder, 2018), e as alternativas podem variar a depender do grau de estabilidade do regime democrático do país estudado (Field; Siavelis, 2007; 2008; Siavelis; Morgenstern, 2009; Siavelis; Field, 2011) e do objetivo do partido (Kelbel, 2014).

Nessa toada, as características procuradas pelos recrutadores ditam outro quesito importante desta etapa da seleção (Norris; Lovenduski, 1995; Field; Siavelis, 2007). Também com duas alternativas possíveis, a que corrobora com as teorias clássicas da oligarquia partidária e manutenção das elites (Michels, 1982) afirma que a identificação com pessoas afins e a necessidade de perpetuar um grupo no poder intrapartidário faz com que os selecionados apresentem características muito similares aos seletores, em aspectos

sociodemográficos e culturais (Taylor, 2000; Field; Siavelis, 2007; Gaxie, 2012). Isso gera um ciclo vicioso, que reforça o recrutamento de um mesmo perfil e facilita que a ação dos eleitos seja congruente com os interesses dos líderes partidários (Taylor, 2000; Gaxie, 2012). De certo modo, nos casos de partidos onde a ideologia tem peso sobre os valores e ações de seus membros, a restrição também pode assegurar o cuidado de não trazer figuras destoantes para a organização (Babireski; Roeder, 2018). A segunda alternativa relaciona-se à necessidade de inclusão dos seletores. Frente a crescentes debates sobre maior inserção de grupos historicamente excluídos, o constrangimento institucional gera uma resposta nos partidos, que precisam adequar-se ao novo modelo e aderir a medidas como as políticas de cotas (Kelbel, 2014; Spies; Kaiser, 2014).

Por fim, a terceira etapa do processo de recrutamento partidário de Norris e Lovenduski (1995) remonta aos selecionados. Com toda a carga oriunda dos momentos anteriores, os escolhidos para compor a lista de candidatos refletem a organização e ideologia do partido, elementos do sistema eleitoral como o formato de lista (aberta ou fechada), e aspectos socioculturais (Álvares, 2008; Araújo; Diniz, 2009). Abordo as nuances desses aspectos no recrutamento de mulheres a seguir.

2.4.1. Particularidades do recrutamento partidário feminino

Na área dos estudos de recrutamento partidário, a seleção de mulheres merece destaque em vista de alguns pontos. No âmbito partidário, o comprometimento das elites em manter seu poderio foi um fatores que gerou a exclusão histórica deste grupo da política (Htun; Power, 2006; Álvares, 2008). Dessa forma, os perfis de candidatos e eleitos em estudos mostram majoritariamente pessoas do sexo masculino, brancas, com maiores níveis de escolaridade e da faixa etária que se aproxima da meia-idade (Norris; Lovenduski, 1995; Power; Mochel, 2006; Araújo, 2013; Cervi; Borba, 2019; Gatto; Thomé, 2024). O gradativo debate sobre pautas de inclusão e diversidade de representação na política tornou a necessidade de integração das mulheres impassível de ignorância, resultando na tomada de medidas reparadoras pelos partidos (Norris; Lovenduski, 1995). As políticas de igualdade de oportunidade e estratégias de discriminação positiva, como as cotas de gênero, vêm com o intuito de realizar uma mudança institucional (Norris; Lovenduski, 1995; Araújo, 2005; Power; Mochel, 2006). Assim, reitero o que se observa em estudos no Brasil e fora: no âmbito partidário, organizações mais transparentes sobre seus processos e que pendem ideologicamente à esquerda costumam beneficiar a candidatura de mulheres (Araújo, 2005; Sacchet, 2011); para o processo eleitoral, o mesmo vale para sistemas de lista fechada

(Archenti; Tula, 2007; Araújo; Diniz, 2009); e em relação ao método de seleção, processos mais exclusivos apontam melhores resultados recrutando figuras femininas (Kelbel, 2014; Spies; Kaiser, 2014; Gauja; Cross, 2015).

É válido lembrar que as normas institucionais não existem no vazio, embebidas pelas noções culturais do ambiente em que existem (Htun; Power, 2006; Sacchet, 2011; 2012; 2013). Por isso, regras informais do recrutamento ainda prejudicam a efetividade das leis afirmativas. O exemplo mais frequente do caso brasileiro são as candidaturas laranja, que existem apenas para cumprir a formalidade da cota de gênero (Gatto; Wylie, 2012). Insistir em não lançar candidaturas femininas competitivas pode ilustrar como o gênero ainda é um fator relevante para a decisão dos seletores (Araújo, 2013), o que pode estar relacionado aos aspectos socioculturais (Htun; Power, 2006; Lawless; Fox, 2011; Sacchet, 2012). A abordagem feminista vê que a esfera da vida pública foi criada por e para homens, e abrir mão do poder para sua distribuição pode ser um desafio para os políticos estabelecidos (Htun; Power, 2006; Araújo, 2013; Sacchet, 2013). Do outro lado da moeda, as mulheres também são feridas por este domínio cultural, pois suas capacidades, intenções e atitudes são ditadas pelo mundo estabelecido do ponto de vista masculino. Na política, isso significa que, para além dos atritos com os partidos e com o aparato institucional, também possuem dificuldades de cunho pessoal, no que tange às crenças sociais e psicológicas, e ao acesso aos recursos necessários à vida política.

Lawless e Fox (2010) explicam o recrutamento partidário pela experiência feminina. Para eles, o *background* de gênero que molda o comportamento e as crenças sociais molda também o sistema político. Dessa forma, é impossível separar o estudo do meio político dos três fatores que definem as convicções sociais relacionadas ao gênero: i) o papel social feminino, definido pelas ideias machistas de longa data que relegam a mulher ao espaço privado e de cuidado; ii) o ‘’inconsciente coletivo social’’[5], que se refere às crenças inconscientes sobre o comportamento padrão feminino, como manter posições de submissão, não se impor ou falar alto; e iii) o ambiente político desfavorável, pois este é majoritariamente composto por homens que compartilham e reforçam os pensamentos dos itens i e ii.

Derivando desses fatores culturais e sociais, Lawless e Fox (2010) definem cinco recursos que se mostram necessários para a vida política. São eles: i) ambição política; ii) apoio, tanto partidário quanto de outras áreas; iii) tempo; iv) dinheiro, proveniente do partido, para fins de campanha, e próprio, para sustentar-se; e v) autoconfiança, pautada numa

[5]Aqui, faço uma tradução livre do termo usado pelos autores, ‘’*gendered psyche*’’. Isto refere-se às crenças e limitações mentais sobre as mulheres que são difundidas no imaginário social coletivo.

percepção positiva e segura de si mesma. Destaco que estes recursos não são cruciais apenas para as mulheres, mas para os homens também. No entanto, as condições sociais citadas tornam o acesso aos recursos mais caro às figuras femininas. Assumir tarefas domésticas e de cuidado de filhos e terceiros, por exemplo, faz com que disponham de menos tempo para a política (Sacchet, 2011; Lawless; Fox, 2012). O retrato das mulheres brasileiras é marcado pela dificuldade de manejar as áreas profissional e pessoal e ainda incluir a vida política, pelo desafio da falta de apoio da família e dos partidos, e pelas violências sofridas no processo (Sacchet, 2011; Gatto; Thomé, 2024).

Adentrar esta área dos estudos de recrutamento partidário toca em pontos subjetivos que influenciam grande parcela da decisão de concorrer às eleições, pois refere-se a questões intrínsecas ao pensamento inconsciente social e organização pessoal de cada um. Para as mulheres, a carga psicológica e emocional pesa de forma diferente pelos papéis que ocupam nas esferas social e familiar (Lawless; Fox, 2012). Diante disso, um ponto complementar é a ideia adaptada da lei de oferta e procura, colocada por Norris e Lovenduski (1995). As autoras questionam qual lado costuma pesar mais para decidir pelas candidaturas femininas entre os empecilhos da política formal e os de caráter pessoal das mulheres. Do lado da procura, entendem que os seletores tomam suas decisões a partir de julgamentos preconcebidos, supostamente neutros, sobre o aspirante a político – o que pode prejudicar a parcela feminina, justamente pelas concepções e papéis socialmente estabelecidos. Pela oferta, sugerem que o resultado do recrutamento reflete a gama de tentantes, considerando todas as restrições de recursos e motivação. Assim, o sistema se retroalimenta, visto que os seletores partidários argumentam não haver predominância de grupos sub-representados pois esses não se colocam à disposição.

Aqui, surgem duas questões que influenciam na lista final de candidatos e eleitos que são de complexa mensuração empírica: do lado da procura, ou seja, dos partidos, é difícil capturar uma fala que abertamente discrimine as mulheres, especialmente com os avanços do movimento feminista e quebra de paradigmas sociais do último século. Assim, mesmo que a lógica de pensamento dos líderes seja ativamente excluir grupos sub-representados, conseguir esta declaração é um trabalho quase impossível. Por isso, as discriminações mais sutis, como a imputada (Norris; Lovenduski, 1995), baseadas nas características gerais do grupo, são mais passíveis de verificação, a partir de atitudes de subfinanciamento, de lançamento de candidaturas falsas, e discursos que apontam as candidaturas femininas como mera obrigação (Sacchet, 2011; 2012; Gatto; Thomé, 2024).

Já do lado da oferta, ou seja, das pretendentes a candidatas, o acesso diminuto aos recursos gera menos motivação, além do desencorajamento por já não esperarem ser escolhidas (Norris; Lovenduski, 1995; Lawless; Fox, 2010). Com isso, se exclui uma parte das aspirantes que nem ao menos chega a tentar oficializar a candidatura, em um processo definido por Norris e Lovenduski (1995) como ‘’não-decisão’’. Acolher esse fragmento das pré-candidatas abre um leque de possibilidades para buscar entender como os fatores sociais, de acesso a recursos e institucionais influenciam em suas vontades e na (não-)decisão de tentar a candidatura.

2.5. Abordando sistemas políticos locais brasileiros

Esta pesquisa configura um estudo de caso da política de um município no interior do Nordeste brasileiro. Para finalizar esta parte teórica da escrita, destaco as particularidades do sistema eleitoral e do recrutamento a nível local.

Com a Constituição Federal de 1988, houve a restauração da autonomia política dos municípios, o que proporcionou maior poder de deliberação sobre políticas públicas e ações econômicas na esfera local (Kerbauy; 2005). O legislativo municipal, portanto, surge apresentando novos atores políticos que influenciam a regência das agendas políticas e que possuem motivações referentes ao seu contexto restrito (Cervi; Borba, 2019). Outra consequência da autonomia local é o descolamento entre as dimensões nacional e subnacionais característico do sistema partidário brasileiro (Carneiro; Almeida, 2008; Carreirão, 2014), de forma que é coerente respeitar essa diferença ao buscar compreender os comportamentos de cada esfera. Essas informações complementares justificam o estudo direcionado a essa configuração.

Kerbauy (2005) expõe dois caminhos apontado pela literatura: o primeiro, com maior consenso, afirma que a instância legislativa municipal é essencialmente clientelista e apenas uma extensão que legitima as decisões da face executiva, pautada em uma relação viciosa de troca de favores que gera manutenção das elites locais e codependência entre os atores políticos. Nesse caso, o apoio mútuo ultrapassa o apreço partidário, provocando as migrações entre partidos até ideologicamente incoerentes para permanecer no grupo da situação (Souza, 2004) – o que corrobora com a visão do sistema partidário descrita por Carreirão (2014), e com os comportamentos dos partidos (Bolognesi et al, 2023). A segunda proposta da literatura defende que transferir responsabilidades políticas ao governo local, junto a uma gradativa incorporação da sociedade civil na criação e gestão de políticas públicas, resultaria em um governo com mais probabilidade de renovação política e qualidade em suas ações, e

por isso, mais eficaz (Avritzer, 2002). Navegar entre essas duas vertentes depende do nível de suporte oferecido ao local, o que reflete invariavelmente as condições de desenvolvimento urbano e econômico (Kerbauy, 2005).

Nesse panorama, em regiões historicamente menos desenvolvidas economicamente em detrimento de outras e com maiores índices de população rural (IBGE, 2022), como a Nordeste, predominam os sistemas mandonistas, clientelistas e paternalistas (Kerbauy, 2005). Fenômeno, inclusive, antigo, pois remonta ao coronelismo que atuou na região, sobretudo nos lugares distantes das capitais (Nunes Leal, 1976).

Face à situação feminina de entrada na política, o complexo quebra-cabeça do sistema político, combinado às práticas inerentemente patriarcais do sistema coronelista (Nunes Leal, 1976), contribui para a barreira institucional e social enfrentada pelas mulheres na região. Com o intuito de adentrar a arena legislativa local e o recrutamento de mulheres, exponho brevemente a trajetória política da cidade escolhida para esta pesquisa, Petrolina.

2.5.1. Breve histórico político-partidário de Petrolina/PE

Localizada no Vale do São Francisco, na porção sertaneja do interior do estado de Pernambuco, Petrolina surge como cidade em 1893. Antes conhecida como ‘’Passagem de Joazeiro’’, era apenas uma via para comerciantes que se movimentavam entre os estados nordestinos. A cidade toma grandes proporções e cresce rapidamente a partir da década de 1930, com apoio do governo federal em aliança às lideranças locais (Chilcote, 1991). Atualmente, é o maior município do interior e terceiro maior do estado pernambucano, configurando uma cidade média de quase 400 mil habitantes (IBGE, 2022); e é um pólo de referência econômica e estrutural para a região.

Na esfera política, a história de Petrolina é permeada pela presença de figuras de autoridade coronelistas. Chilcote (1991), Sousa (2001), Aquino (2011), e Santos (2013) possuem discordâncias em relação a quais famílias são mais influentes em diferentes momentos, mas cinco núcleos são constantes na trajetória petrolinense: as famílias Santana de Souza, Padilha, Cavalcanti, Amorim e Coelho. Esta última sendo a que prevalece e, após 1930, se fortalece progressivamente. De forma lenta e gradual, os Coelho ganharam a confiança da população por meio da abertura de comércios e fábricas (e decorrente emprego de muitos cidadãos), assim como da prática de ações assistencialistas, a fim de mitigar as consequências das mazelas sertanejas (Chilcote, 1991).

Apesar de já possuir um posto de autoridade perante a população, a entrada da família Coelho na política institucional acontece pela necessidade de manutenção de seu poderio

sobre a região, dada a aproximação entre os municípios e a federação durante o governo de Getúlio Vargas (Viscarra, 2022). Os filhos de Clementino Coelho, patriarca da família, ocuparam cargos institucionais importantes. Com o progressivo estabelecimento do núcleo no poder, os cargos passaram da prefeitura e câmara de vereadores a esferas estaduais e federais, chegando a nomeação para cargos comissionados em ambos os governos[6]. O alcance político da família trouxe visibilidade para Petrolina, o que fomentou investimentos e criação de diversas iniciativas, como os projetos de irrigação (a exemplo, o Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho), da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (CODEVASF) e da rodovia Recife-Petrolina (Viscarra, 2022).

Um aspecto relevante da política local, desde a era varguista até dias atuais, é a tendência do poder municipal de acompanhar o poder federal. As migrações partidárias da família Coelho são constantes, e ocorrem com o intuito de adaptar-se ao poder presidencial, nunca perdendo o apoio daqueles que estão em posições superiores de poder (Viscarra et al, 2021). A Câmara de Vereadores, de maneira análoga, é bastante fechada no quesito corpo político, dado que a renovação das cadeiras entre mandatos não é expressiva; além disso, muitos dos atores políticos estabelecidos possuem uma relação de mútuo apoio com a família Coelho e o poder executivo (Sousa, 2013), afirmando o que se constatou por Souza (2004) em relação ao comportamento legislativo local.

Sob a ótica de gênero, não há a presença de muitas mulheres em posição de destaque dentro da política institucional, nem mesmo na elite local. Historicamente, Sousa (2001) e Aquino (2011) apontam a participação de Josepha Coelho, esposa de Coronel Quelê e matriarca da família, mas apenas nos bastidores. A figura de Josepha Coelho é importante no referente às práticas assistencialistas realizadas pelo clã, no atendimento e atenção aos que procuravam ajuda ou trabalhavam para a família. A única mulher pertencente ao núcleo que participou da política de maneira formal foi Terezinha Teixeira Coelho, vereadora por dois mandatos (Mendes, 2023).

À parte do grupo dominante, as mulheres são escassas no cenário institucional. A maioria dos pleitos após a redemocratização de 1988 elege apenas uma ou duas mulheres para a Câmara de Vereadores, com exceção para os anos de 1992 e 2008, com 5 e 6 eleitas, respectivamente – não há, contudo, uma conjuntura que explique estes adventos (Mendes, 2023). O número de candidatas, apesar de crescente (especialmente após 2008), é quase

[6]Destaco Nilo Coelho, que chegou a governador biônico de Pernambuco durante a ditadura militar, nomeado pelo presidente Castelo Branco, e foi senador eleito entre 1979 e 1983, oportunizando muitos avanços para a cidade (Viscarra, 2022); e Fernando Bezerra Coelho, que entre outros cargos, foi ministro da Integração Nacional do Brasil em parte do governo Dilma (2011-2013).

irrisório quando comparado ao de candidatos homens, e a porcentagem somente respeitou a marca estabelecida pela cota de gênero no ano de 2016, com 31,45% (Mendes, 2023).

Dentre as eleitas, a maioria consegue o feito por partidos de esquerda, dado em consonância com a literatura exposta (Sacchet, 2011; Mendes, 2023). No entanto, o espaço para a reeleição se abre com mais frequência para as mulheres filiadas a partidos de direita e/ou que comungam com a elite política. Um caso que vale destaque é o de uma vereadora em seu sexto mandato no momento desta pesquisa, que abertamente apoia e recebe suporte do grupo da situação local (Mendes, 2023).

Diante dos caminhos teóricos tomados para construção deste estudo, passo agora à rota metodológica traçada.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa investiga como ocorre o recrutamento partidário feminino no caso de Petrolina, cidade do sertão pernambucano. Os objetivos são identificar mulheres que estão em processo de investimento em uma candidatura ao cargo de vereadora e o trâmite intrapartidário pelo qual passam para se tornarem candidatas oficiais, assim como o impacto deste em suas percepções do sistema político e eleitoral. Para isso, avaliam-se os recursos disponíveis retratados por cada entrevistada, sendo estes retirados da literatura, para posterior comparação entre as bem-sucedidas e as que não obtiveram êxito. De maneira paralela, consulto também os presidentes partidários, a fim de avaliar quais características procuram em candidatos e como se dá a inclusão de mulheres no processo de cada partido.

A pesquisa, portanto, é exploratória, descritiva e de natureza qualitativa. Para obter os dados que mensuram o recrutamento partidário, foram realizadas vinte e nove entrevistas semiestruturadas. Dessas, vinte e duas com as pré-candidatas às eleições locais de 2024, e sete com os presidentes de partido dos diretórios municipais. A escolha dos entrevistados será detalhada nas subseções adiante. As entrevistas foram realizadas em um período de quatro meses, entre janeiro e abril de 2024, anteriores ao anúncio das candidaturas oficiais.

3.1. Elaboração das entrevistas semiestruturadas

Foram elaborados dois roteiros para as entrevistas semiestruturadas, um direcionado às pré-candidatas, e um aos presidentes de partido. Para as pré-candidatas, a entrevista divide-se em três propósitos principais: i) saber suas trajetórias e entender o impulso que as fez decidir entrar na política; ii) identificar a quais recursos necessários para a política elas têm acesso; e iii) relatar quais dificuldades encontram enquanto mulheres na política, e se já foram vítimas de alguma violência nesse espaço. Os recursos referidos no ponto ii são cinco: ambição política, experiência política e autopercepção, tempo para dedicar-se, apoio (partidário e externo), e dinheiro (vindo do partido ou de financiamento próprio). Segundo a literatura, dispor desses recursos dá mais chances de vitória nas eleições (Lawless; Fox, 2010). Já os pontos i e iii foram incluídos na entrevista por caracterizarem de forma persistente a presença feminina na política institucional; ciente da dificuldade de participação destas figuras, é preciso entender suas motivações e os empecilhos que possivelmente as desestimulam.

Já para as entrevistas realizadas com os líderes dos partidos, os objetivos são quatro: i) saber qual o processo intrapartidário de seleção de candidatos, ii) quais características são visadas em um candidato, iii) como ocorre a distribuição de recursos financeiros, e iv) quais

medidas são tomadas para assegurar o cumprimento das cotas femininas estabelecidas por lei. Com isso, é possível confirmar as etapas que antecedem a escolha final dos candidatos, assim como quantas e quais pessoas têm o direito a decisão. Os itens ii e iii conectam os recursos mencionados ao que os presidentes procuram em seus candidatos, possibilitando visualizar quem possui mais chances. O item iv investiga se os partidos encontram dificuldade de lançar candidaturas femininas e se as mulheres escolhidas apresentam candidaturas competitivas.
Para elaborar as entrevistas, apoiei-me na teoria e resultados dos trabalhos já clássicos na área de recrutamento partidário de Norris e Lovenduski (1995) e Lawless e Fox (2010). Os roteiros completos estão disponíveis nos anexos I e II.

3.2. Escolha dos participantes

Para a escolha das pré-candidatas entrevistadas, inicialmente, a aproximação se deu por dois meios: abordagem de pessoas envolvidas no cenário político, detentoras de nomes em ascensão para as eleições de 2024; e através de conhecidos em comum. Posteriormente, as pré-candidatas foram apresentadas por meio do método *snowball*, que consiste em procurar indicações similares com os próprios entrevistados. A amostra final foi auto selecionada. Foram contatadas cerca de quarenta mulheres, e destas, foram entrevistadas todas que responderam ao contato e aceitaram participar, totalizando vinte e duas.

As sete entrevistas restantes foram realizadas com os presidentes de partido municipais. Foram escolhidos os que presidem os partidos mais atuantes da cidade, tanto de direita quanto de esquerda, em quantidades iguais[7]. O fator de atividade englobou, em primeira instância, os partidos com mais cadeiras na Câmara Municipal, e em segunda, os partidos que costumam apresentar mais candidatos nas eleições, ou seja, que chegam próximo ou alcançam a quantidade máxima de candidatos permitida na lista de cada eleição. Esta última se justifica por entender que dispor de muitos nomes para lançamento implica em maior debate interno para escolhê-los, e consequentemente, maior competição intrapartidária entre os pretendentes. Para ambas as métricas, o parâmetro utilizado foi o das três legislaturas e pleitos anteriores a 2024 (eleições municipais de 2012, 2016 e 2020; e legislaturas 2013-2016, 2017-2020 e 2021-2024, respectivamente), por serem as disponíveis no arquivo digital da Câmara Municipal de Petrolina. Os oito partidos cujos representantes foram abordados são PT, PSOL, PCdoB, PSB, União Brasil, DC (que, à época da entrevista,

[7]A definição de ideologia partidária é feita de acordo com Bolognesi et al (2023). Englobo os partidos de centro-esquerda na esquerda e centro-direita na direita, por serem mais propensos a esse lado, e porque a categorização mais minuciosa, apesar de relevante, não reflete mudanças na análise descrita aqui.

compunha o diretório municipal do PRTB, mas que migrou sua estrutura, líderes e candidatos para a legenda antes das eleições), PSDB e PL. Destes, apenas o presidente do União Brasil, casa do maior grupo político da cidade, não concordou em realizar a entrevista. Para o PSDB, o líder declarou não ter espaço em sua agenda para participar, mas autorizou que a secretária do partido respondesse às questões.

Durante o contato, a pesquisa e seus objetivos foram apresentados aos entrevistados, que escolheram participar voluntariamente. Ao final, somam-se 29 entrevistas: 22 com pré-candidatas, das quais 10 eram filiadas a partidos de esquerda, 9 a partidos de direita e 3 não possuíam filiação no momento da entrevista; e 7 com os líderes dos partidos referidos.

3.3. Processo de realização das entrevistas

As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com o roteiro montado previamente, que contavam com oito questões para as pré-candidatas (ver anexo II) e cinco para os presidentes partidários (ver anexo I), mas que não se limitaram a estas, a depender do encaminhamento da conversa. Das vinte e nove, dezoito entrevistas foram realizadas presencialmente, em estabelecimentos comerciais, nas sedes dos partidos, nos locais de trabalho ou nas residências das entrevistadas. Todas estas utilizaram o auxílio do gravador de voz do telefone celular para o registro. As onze restantes foram feitas de forma online, por meio de chamadas de voz ou vídeo do WhatsApp, que foram gravadas.

No momento da entrevista, todos os entrevistados foram informados que seus dados pessoais são privados, e sua participação mantida em anonimato. Por isso, na seção de descrição dos dados desta dissertação, os nomes utilizados para fins de ilustração são fictícios. Além disso, os participantes declararam consentimento com o registro das conversas, utilização e divulgação dos dados para fins exclusivamente acadêmicos em fala gravada.

3.4. Tratamento dos dados

Os dados empíricos foram obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas. Os socioeconômicos, que dizem respeito à cor/raça[8], idade, nível de instrução e estado civil das pré-candidatas foram fornecidos por elas. Para os que por alguma razão não foram citados, foram coletados na plataforma de candidaturas do TSE.

Os áudios das entrevistas foram transcritos com auxílio da ferramenta de IA *Whisper AI*, utilizada por meio do Google *Collaboratory*. A posterior conferência e formatação das

[8]Os dados de cor/raça não foram passíveis de coleta em quatro casos, pois não declararam em entrevista e, como posteriormente não saíram candidatas, não há registro na plataforma de candidaturas do TSE.

entrevistas foi realizada manualmente, de forma a excluir momentos de interrupção ou repetição excessiva de palavras e frases, que não agregariam à análise.

A categorização dos dados para responder aos objetivos foi feita na plataforma MaxQDA, codificando os momentos de resposta que se referiam a cada intenção. O uso do software possibilitou agrupar e comparar os discursos semelhantes e diferentes dos participantes. A escolha dos pontos relevantes analisados e das citações utilizadas foi realizada manualmente. Os resultados obtidos serão apresentados a seguir.

4. RESULTADOS

Os achados empíricos da pesquisa, derivados das entrevistas realizadas, serão apresentados a seguir. Dividem-se em uma primeira parte que foca nas conversas com os líderes partidários, e uma segunda que se dedica aos discursos das pré-candidatas. O destaque maior é dado ao que relatam os participantes do estudo, de forma que o aprofundamento dos resultados conjugados à literatura abordada se reserva ao capítulo cinco.

4.1. Descrição dos partidos e líderes partidários entrevistados

Nesta primeira parte são descritos os dados empíricos obtidos nas entrevistas com os presidentes partidários. Recapitulo que os presidentes procurados para participar da pesquisa presidem as organizações partidárias maiores e mais ativas em Petrolina, objetivando um mesmo número de partidos de esquerda e direita. Esta métrica leva em conta, em relação ao tamanho, a quantidade de cadeiras que os partidos ocuparam na Câmara Municipal durante as três legislaturas mais recentes (2013-2016, 2017-2020, 2021-2024). Para o grau de atividade, considera-se os partidos que tendem a apresentar quantidades de candidatos que se equiparam ou se aproximam do número máximo de nomes permitido na chapa daquela eleição, também nos três pleitos antecedentes (2012, 2016, 2020). Este último aspecto se fez particularmente presente na escolha dos partidos de esquerda, pois na ocupação das instâncias municipais de Petrolina predominam partidos de centro e direita (Viscarra, 2022). O único partido de esquerda a ocupar uma cadeira na Câmara de Vereadores no ano de 2024 é o PT, e nas duas legislaturas anteriores, o outro partido que se fez presente foi o PSB (Câmara Municipal Petrolina). Desse modo, os partidos escolhidos para a abordagem de seus líderes foram o PL, União Brasil, PSDB e DC, ao lado da direita; e PT, PSOL, PCdoB e PSB, à esquerda. O presidente do União Brasil recusou-se a participar, de modo que os dados aqui descritos englobam apenas os outros sete partidos.

As entrevistas com os líderes objetivaram responder quatro questões principais: i) qual o processo da seleção de candidatos, ii) as características essenciais em um candidato; iii) os critérios para a distribuição de recursos, e iv) quais são as medidas tomadas para assegurar as candidaturas femininas. As subseções seguintes destrincham essas questões separadamente. Além dessas, outra aborda outros aspectos que, apesar de não serem o foco, repetem-se nos discursos e podem iluminar certos questionamentos sobre a visão e inserção das mulheres na política formal.

4.1.1. Processo da seleção de candidatos

O processo intrapartidário que leva à lista final de candidatos nas eleições não é discricionário, e nem difere muito entre partidos. Geralmente descrita nos estatutos partidários, costuma ser uma parte burocrática da seleção que envolve a captação de possíveis candidatos, as convenções partidárias e suas discussões, e a votação definidora dos aprovados, que partem para homologação das candidaturas. As diferenças surgem no que diz respeito a quem propõe os nomes, quem participa das convenções e quem tem direito ao voto (Norris, 2006). Entra em cena o jogo de poder realizado pela coalizão dominante (Panebianco, 2005), cuja reserva do processo decisório a grupos mais ou menos inclusivos influencia diretamente os nomes levados à disputa eleitoral e seus papéis na competição (Roeder et al, 2018). O objetivo de fazer esta pergunta aos líderes, além de introduzir o assunto, é entender como os candidatos são prospectados localmente, tenham estes chegado ao partido por meio de convite ou iniciativa própria, e confirmar quão inclusivo é o processo de participação dos filiados nas discussões e votações.

De maneira geral, todos os partidos prospectam candidatos por meio de convites ou esperam que os interessados tomem a iniciativa de aproximar-se – alguns apoiam-se mais em uma forma à outra, sem grandes diferenças entre ideologia partidária. Os líderes de todos os partidos de esquerda entrevistados (PSOL, PSB, PT e PCdoB) e do DC e PL relatam grande demanda espontânea de pessoas interessadas, ainda que por motivos diferentes. Enquanto o Democracia Cristã aponta que, por exercerem um trabalho exitoso na cidade há mais de 30 anos, são procurados pela confiança e conhecimento de seus feitos, os demais observam que a maioria de seus interessados se aproxima pela identificação com a bandeira do partido. Alguns partidos, como o PL e o PCdoB, incentivam também este comportamento, já que costumam realizar grandes campanhas de filiação. O presidente do PL, a exemplo, conta sobre as campanhas massivas realizadas em redes sociais e meios de comunicação:

> *A gente tenta veicular o máximo possível para que eles possam fazer suas filiações. Então é muito importante que todo aquele que deseja participar de um processo eleitoral, ele faça o seu ato de filiação. Pela própria internet, ele pode estar se filiando. [...] Primeiro a gente faz essa convocação, por meio de rádio, internet, muitos outdoors são colocados também em certos períodos para que seja feito esse ato de filiação, para provocar realmente a sociedade.*

De forma similar, o PCdoB também faz suas campanhas, mais focadas no contato direto com o eleitor:

> *Nós defendemos a sociedade socialista, sem exploração ao ser humano. Cada um de acordo com o fruto do seu trabalho, com as suas necessidades básicas, enfim, nós defendemos uma sociedade justa, solidária. Então quem simpatizar com essa ideia, ver na TV, ‘’opa, onde é que eu acho esse ‘caba’ aí?’’, aí procura. Mas nós fazemos*

> *também as chamadas campanhas de filiação de massa. Ali na Praça Dom Malan, às vezes sábado de manhã a gente pegava, botava uma barraquinha, botava uma mesinha com um banner do partido, botava um monte de ficha de filiação, uns panfletos, e chamávamos as pessoas*.

Presente nesta fala, nota-se que o PCdoB possui um discurso de maior cuidado em relação à ideologia do partido, assim como os demais partidos de esquerda, e de como é importante que os candidatos saibam que estarão defendendo não apenas suas pautas pessoais nas urnas, mas as do partido. Por isso, a conferência do *background* destes interessados e a asseguração de que acreditam na luta partidária é de suma importância. Como coloca o líder do PT:

> *É preciso que [...] as pessoas tenham consciência do papel que está exercendo, do papel que vai exercer, que vai assumir diante o partido, porque não é candidatura por ser um candidato de si próprio, é uma candidatura para representar o partido, representar o projeto que o partido tem para a sociedade.*

Apesar da grande procura espontânea, todos estes partidos também realizam seus convites, em especial a pessoas que apresentam grande potencial eleitoral. Os convites são frequentemente feitos a pessoas já filiadas ao partido, tendo elas concorrido em eleições anteriores ou não, como é o caso do PSOL, PT e PSB, e a pessoas de fora, como é o caso do PL e PSDB. Este último é o único partido que relata prospectar mais candidatos por convites, feitos por cada diretoriano de acordo com os interesses próprios e dos convidados, baseados principalmente nos cálculos do coeficiente eleitoral. A secretária do diretório municipal detalha como ocorre:

> *Acontece tudo dentro da janela partidária, onde se tenta fazer o cálculo do coeficiente eleitoral. Muitos candidatos, primeiro, pensam onde é que pode ser mais tranquilo para eles serem eleitos, além do próprio partido ter uma questão tradicional e metodológica quantitativa de buscar pessoas que desejam ser candidatos — que já tentaram uma vez ou que tem afinidade, ou que seja um líder comunitário, por exemplo —, a legenda fica aberta. Tem muito mais interesses pessoais do que comuns do partido, [...] de todos os atores envolvidos. Da mesma maneira que o partido faz essa busca, deixa aberto e divulga quem é que está à frente da legenda. Por exemplo, na nossa cidade tem [nome da vice-presidente]. [A vice-presidente] tem o seu perfil de voto de opinião, de causa. Do outro lado tem um presidente que é [nome do presidente], que já é uma tradição na cidade, o próprio sobrenome em si, então as pessoas fazem essa busca, né? Tanto a [vice-presidente] como o [presidente] também procuram pessoas que eles têm afinidade de pauta, afinidade de causa, mas no final mesmo, na hora do registro da candidatura, na minha perspectiva, o que acontece é que cada um faz as suas contas de como ser eleito ou trazer mais votos para aquele partido.*

Em relação às mulheres, os presidentes do PL e do DC destacam que conseguir suas candidaturas depende mais de convite, e que é necessário certo convencimento. Este ponto será mais exposto na seção 4.1.4 deste capítulo.

Possuindo os nomes dos pré-candidatos e pré-candidatas, os partidos seguem para as convenções, ou seja, reuniões onde decidem quem se tornará candidato oficial. Do lado da direita, o PL e PSDB, e da esquerda, o PSB e PT fazem convenções partidárias apenas com a comissão executiva, onde os diretorianos discutem e votam na chapa de candidatos apresentada. Para o PT, caso não haja maioria na discussão interna, convoca-se uma plenária com todos os filiados, onde o debate e a votação abrangem todos os que comparecem. Ainda assim, é preferível que a escolha seja feita em primeira instância, apenas com os diretores executivos. Já o DC, PCdoB e PSOL realizam convenções inclusivas, abertas a todos os filiados locais. Os filiados que estão em dia com suas obrigações partidárias também podem dar seu voto nas pessoas que desejam ver tornarem-se candidatos, à exceção do PSOL, onde, apesar da discussão ser ampla, a votação é limitada ao diretório municipal eleito. Os partidos defendem que a discussão e escolha são democráticas, no entanto, tanto a presidenta do Democracia Cristã quanto o líder do Partido Comunista do Brasil afirmam que a lista de pessoas apresentada é debatida previamente entre os líderes, de forma que há um direcionamento dado para os filiados sobre o perfil dos candidatos.

4.1.2 Características essenciais de um candidato

Nesta seção, são refletidas as respostas acerca das características visadas nos candidatos, ou seja, o que os líderes procuram quando pensam a chapa de candidatos. O objetivo desta pergunta é usar as respostas para analisar, posteriormente, se as mulheres que se tornaram candidatas seguem o padrão desejado.

Inicialmente, de acordo com a lei brasileira, todos os possíveis candidatos são analisados de acordo com os critérios de elegibilidade, que englobam ser brasileiro, alfabetizado, estar em dia com a Justiça Eleitoral, ter cumprido o alistamento militar obrigatório para homens, possuir filiação partidária há, no mínimo, seis meses antes da data da eleição, e possuir a idade mínima para concorrer ao cargo desejado – no caso de vereador, 18 anos.

Para além destes requisitos gerais e burocráticos, as características envisionadas por cada partido não fogem de certa lógica, colocadas pela literatura em critérios que costumam levar a maiores chances de eleição – ser mandatário, possuir base eleitoral, dispor de recursos financeiros (Codato et al, 2013). Adicionalmente, dispor de tempo, apoio partidário e pessoal,

ambição, experiência em arena política, mesmo que não institucional, são critérios que saltam aos olhos de presidentes de partido, além de motivarem o candidato (Lawless; Fox, 2010). Dessa forma, as características desejadas pelos líderes partidários de Petrolina não foge à regra. Dentre as citadas, todos os partidos listam duas características essenciais: ter experiência política e apoio popular. A experiência política pode vir de já habitar a arena eleitoral, tendo sido eleito ou candidato anteriormente (especialmente se possuir histórico no atual partido), ou de ser uma liderança popular. Isso pode ser desde pessoas que representam segmentos da população, como mulheres e pessoas negras, a presidentes de associações de bairro, líderes sindicais ou defensores de sua categoria de trabalho, até líderes religiosos. Esta última aparecendo especialmente nos partidos de direita, neste caso, PL, DC e PSDB.

Esses dois critérios principais geram, por consequência, um terceiro citado por todos os entrevistados: potencial eleitoral. O principal motivo é estratégico, afinal, é necessário que o partido alcance o coeficiente eleitoral para não perder cadeiras e eleger suas apostas. Estas são, segundo os líderes, as prioridades de candidatura.

A única outra característica que foi mencionada por todos os partidos é que o candidato seja uma pessoa de boa índole. Adjetivos frequentemente utilizados são pessoas decentes, honradas, que tenham dignidade e queiram ir para a política para trabalhar honestamente, em prol do povo. Os líderes afirmam que a competição deve ser justa, e descartam interessados que estão à procura de dinheiro. Nessa toada, nenhum dos partidos citou recursos financeiros próprios como fator decisivo ou importante para conseguir se eleger – alguns, inclusive, procuram candidatos que não tenham dinheiro ou experiência eleitoral prévia para servir-lhes de plataforma de visibilidade, como é o caso do DC:

> *Nós [eu e meu marido] éramos líderes no nosso bairro e nós montamos o partido com esse objetivo de dar oportunidade a líderes comunitários que não tenham os [recursos] financeiros para chegar na política, tá?*
> *Então, assim, esse tem sido o nosso legado ao longo desse tempo. Então a gente não coloca candidatos que tenham recursos financeiros abastados porque nós iríamos estar saindo dessa visão de oportunizar quem tem menos a chegar.*

Seguindo este movimento, o Democracia Cristã, assim como o PSOL e o PL, deram ênfase à vontade e motivação própria dos candidatos. A necessidade de ação diante das mazelas da população e a exaustiva jornada de campanha são motivos pelos quais a vontade dos candidatos é essencial. Segundo o presidente do PSOL, precisam ser pessoas ‘*’que a política corre no sangue*’’. Também por estes motivos, o líder do PSB cita o tempo como um requisito necessário.

Por fim, como citado na seção anterior, outra característica amplamente abordada por alguns presidentes é a identificação com os ideais partidários. Com exceção do PSB, os

partidos de esquerda enfatizam este fator, pois sair candidato pelo partido é também defender o projeto de sociedade da organização. Como cita o líder do PCdoB, ‘’*o PCdoB é um partido ideológico. Nós temos uma ideologia, nós não somos um partido qualquer que é só eleitoreiro*‘’. Nesse sentido, o cuidado dos diretores do PT chega a analisar como o aspirante a candidato chegou ao partido – caso tenha sido indicação de algum filiado, há mais confiança e credibilidade no indivíduo. Critério não reservado à esquerda, os líderes do PL e DC também o destacam sob o pretexto de assegurar que são pessoas honestas e que os interesses individuais e partidários convergem:

> *E assim, claro, a gente dá uma olhada na vida da pessoa, para saber quem é que está chegando, porque hoje é complicado, né? Chega muita gente querendo ser político e líder, e daqui a pouco a gente está vendo que tem outros interesses, não só o interesse do trabalho para população, que é o que a gente precisa ter. Então a gente dá assim uma olhadinha no perfil da pessoa, para saber quem é, o que faz, por onde anda, se realmente é uma pessoa que é digna de estar e andar conosco. (Líder do Democracia Cristã)*

> *Eu posso colocar aqui como os valores do PL, do Partido Liberal, o conservadorismo. Então você vê que os candidatos que nos procuram tem esse perfil ideológico, de serem conservadores, do Estado mínimo, que realmente buscam a todo momento o livre mercado. Então tem algumas características que vão facilitando nessa condução partidária. (Líder do Partido Liberal)*

4.1.3. Critérios para distribuição de recurso financeiro

Outro ponto que influencia a capacidade de eleição dos candidatos é dispor de recursos financeiros para fazer a campanha (Power; Mochel, 2006; Codato et al, 2013). Em tempos de pleito, os partidos distribuem entre seus candidatos o Fundo Eleitoral, método de financiamento estatal cujas quantias são designadas de acordo com a presença de representantes de cada sigla e o tamanho das bancadas partidárias no Congresso Nacional (Lei nº 9.504/1997). Como medida afirmativa, um percentual do Fundo Eleitoral é reservado às candidaturas femininas e racializadas (Congresso promulga cota…, 2022). Ainda assim, as mulheres relatam receber menos dinheiro, o que prejudica suas campanhas e chances eleitorais (Sacchet; Speck, 2012; Eduardo, 2017; Gatto; Thomé, 2024). Exceto por estas prioridades legais, a forma de divisão do recurso nas legendas é particular, e normalmente, discricionária.

O dinheiro destinado ao financiamento de campanha é entregue aos diretórios nacionais, que decidem como realizar a partilha para as instâncias estaduais e locais (TSE, 2024). Os líderes entrevistados contam receber seus montantes do diretório estadual, com exceção para o PSOL, que afirma não intermediar a alocação de recursos para os candidatos municipais – nesse caso, o dinheiro sai do diretório estadual diretamente para a conta bancária

dos candidatos locais. Os participantes relatam que a distribuição entre os municípios costuma ser feita a partir do potencial eleitoral e tamanho dos diretórios na localidade, e alegam que estar em uma cidade do interior do estado os deixa em desvantagem nesse quesito, pois isso acarreta não receber muito dinheiro do Fundo Eleitoral. Dentre os sete, o PSB e o DC alegam nunca ter recebido o Fundo, e as ajudas de custo dadas aos candidatos são o material gráfico, popularmente conhecidos como santinhos, e combustível para rodar durante a campanha. A fonte para essa ajuda, segundo os presidentes, vem da aliança com outros partidos, principalmente apoio ao candidato da majoritária. O presidente do PL, encaminhando uma eleição enquanto líder pela primeira vez, afirma que não há certezas, mas que irá buscar junto ao diretório estadual conseguir uma quantia para os candidatos da cidade. Caso consiga, ele defende uma distribuição equânime entre os aspirantes a vereador.

Os demais partidos alegam receber Fundo Eleitoral, ainda que não sejam grandes porções. Para o PSOL, o único dinheiro assegurado pelo presidente é o de quem se enquadra nos critérios de cota de gênero e/ou racial. O PCdoB, PT e PSDB também afirmam que quem se enquadra em alguma cota certamente recebe a quantia pré-estabelecida, e que o restante do dinheiro é distribuído de acordo com o potencial eleitoral. Ou seja, quanto maior a força política dos candidatos, maior a complementação do valor inicial.

Mesmo diante das narrativas de carência de financiamento estatal, os presidentes reiteram que dispor de recursos próprios também não é imprescindível para a campanha. Mais uma vez, recorrem à explicação da localização geográfica de Petrolina, que proporciona certo descaso da instância estadual para com as demandas interioranas, inclusive de financiamento eleitoral. Esta desatenção também é sentida pelas pré-candidatas, como será explicitado mais adiante. Com os relatos delas, na seção 4.2.6, será verificado se há confirmação do financiamento declarado pelos líderes, e como avaliam a importância do recurso (ou falta dele) para decidirem disputar as eleições.

4.1.4. Assegurando candidaturas femininas

A Lei nº 9.504/1997 que assegura mínimo de 30% de candidaturas femininas tornou alcançar o número mínimo de mulheres candidatas uma preocupação para os partidos. A escassez de mulheres no campo institucional e relutância dos políticos em agregar aspirantes competitivas aos partidos resultou em movimentos informais como o lançamento de candidaturas falsas, denominadas laranjas, que servem para constar nos processos burocráticos ou desviar verba de candidaturas femininas para outras (Gatto; Wylie, 2012; Araújo; Rodrigues, 2023). Com medidas que reforçaram as cotas de gênero e a inclusão delas

no financiamento de campanha a partir de 2018 (Araújo; Rodrigues, 2023), os partidos mostram maiores tentativas de incentivar mulheres a participarem ativamente do espaço partidário e eleitoral. No entanto, a dificuldade de encontrar mulheres motivadas e competitivas não se desfez, como dizem os presidentes entrevistados. Para medir a posição do partido em relação à inclusão de mulheres, e o tamanho do esforço feito para avançar na representação feminina, pergunto quais medidas são tomadas para assegurar que existam candidaturas femininas – e que estas sejam reais.

Os presidentes dos sete partidos afirmam ainda ser difícil prospectar mulheres, mas também apontam que atualmente, há um esforço coletivo sendo feito em todas as instâncias, cujo resultado já aparece. O PSDB, PL, PT, PCdoB, PSOL e PSB possuem estruturas partidárias, como Secretarias da Mulher, que incentivam a participação feminina, e reconhecem que estas são necessárias para fazer a diferença dentro do sistema carente de mudança. A promoção de reuniões, seminários e grupos intrapartidários feitos por e para mulheres são estratégias realizadas por estes partidos, com o intuito de conscientização feminina acerca da importância de sua presença na política eleitoral. Dessa forma, estes partidos respondem aos incentivos legais que prevêem o encorajamento da participação feminina (Roeder, 2024). Partidos como o PCdoB se orgulham, de acordo com seu líder local, de serem referência de luta feminina em todas as esferas, tendo sido o partido responsável por propor a cota dos 30% e que estimula fortemente a participação delas. Esse partido, assim como o PT e PSDB, dão destaque a mulheres fortes que estão na organização como forma de captação de outras figuras femininas.

Além disso, a busca de possíveis candidatas com antecedência é outra estratégia – no PCdoB, a procura começa um ano antes do próximo período eleitoral. O PT, DC e PL relatam o mesmo esforço. Outra medida tomada é destinar mais recursos financeiros para as candidatas femininas, adotada pelo PSDB e PT. Segundo a secretária do PSDB, a estratégia é eficiente: ‘’*fazer essa garantia pelo menos do financiamento digno da campanha é uma ferramenta que dá coragem para você se candidatar*’’.

Alguns partidos reconhecem que a discriminação contra mulheres na política deve ser erradicada e que seria benéfico contar com mais delas na organização. Ao mesmo tempo, alegam não possuir dificuldade alguma de conseguir mulheres para as candidaturas – é o caso do PSB e PSOL. Durante a entrevista, no entanto, estes líderes partidários apresentaram certa esquiva destas perguntas, com respostas curtas e amplas.

Outros partidos, apesar do empenho, ainda relatam bastante dificuldade de promover a participação feminina. O DC e PL discorrem sobre as adversidades em encontrar mulheres que realmente estejam motivadas a competir, e a necessidade de convencimento delas:

> *A gente tem que correr atrás para despertar a vontade, quem sabe até despertar a sua vocação realmente para ser uma candidata, mas não adianta forçar muito. [...] Então muitas vezes para completar ali o processo, você vai identificar possíveis lideranças, possíveis candidatas, e tentar todo um processo de convencimento, de quase chorar realmente, para que saiam candidatas, que desejem essa vontade. (Líder do Partido Liberal)*

Um dos motivos da preocupação em conseguir candidatas reais é justamente se certificar de que todas as candidaturas serão motivadas e competitivas eleitoralmente, além de não correr o risco de precisar cortar homens da lista de candidatos por não alcançar a quantidade de mulheres que respeita a cota. No entanto, tanto o PL quanto o DC afirmam que, por vezes, não é necessário aprovar a chapa feminina em votação, pois o número de candidatas é o mínimo requisitado, o que pode gerar falta de rigor nos critérios: *‘’Mulher às vezes está faltando, então a gente nem tem muito critério. Então todas que acabam vindo, a gente acaba colocando pra sair candidata porque realmente precisa’’ (Líder do Partido Liberal).*

Por esse mesmo motivo, o presidente do PL também observa que alguns partidos tendem a manter suas candidaturas femininas em segredo até o último dia do período de filiação, para que não sejam ‘’pescadas’’ por outros partidos – em uma investida de não colocar candidaturas laranja e não perder seus candidatos masculinos. Ademais, apesar do esforço descrito, alguns líderes observam a persistência do lançamento de candidaturas laranja na cidade, embora nunca mencionem seus próprios partidos. Um caso relatado extensivamente pelos entrevistados é o de uma vereadora eleita em 2020, vítima de fraude eleitoral por candidatura laranja de outro partido. Foram necessários três anos de luta judicial para que a fraude fosse reconhecida, o vereador responsável cassado, e a vereadora pudesse tomar posse.

4.1.5. Outros pontos encontrados nos discursos

Nesta última subseção, abordo questões levantadas pelos partidários entrevistados relevantes de menção. Elas dizem respeito às percepções do sistema eleitoral petrolinense, ao papel dos eleitores no pleito, e às características frequentemente vistas e mencionadas em relação à participação das mulheres e seus comportamentos.

Em relação ao sistema eleitoral, o PL e o PSDB discorrem sobre a política local ainda dominada por uma lógica familiar, patriarcal e clientelista, que dificulta a renovação de cadeiras na Câmara e a eleição de mulheres:

> *Mas na hora do registro da candidatura tem essa questão de que o voto em Petrolina é muito clientelista… a Câmara de Vereadores ela se mantém, ela quase não tem alternância, então você tem que despontar da coragem de disputar com pessoas que já têm seis mandatos, por exemplo, da coragem de sofrer violência de gênero quase que diariamente — porque isso vai acontecer, dado que você é tratado como um café-com-leite, pode-se dizer. (Secretária do PSDB)*

A culpa destes fatores recai também sobre os próprios eleitores, presente no discurso de todos os líderes. As falas pedem conscientização do eleitorado, e há especial destaque para as eleitoras mulheres – a máxima ‘’*nem as mulheres apoiam e votam em outras mulheres*’’ foi repetida diversas vezes.

No que refere-se às candidatas, os responsáveis pelo PL e DC percebem que, além dos percalços institucionais, falta motivação própria. Os relatos versam sobre a frequente desistência das candidaturas, por descrença em si ou preferir oferecer apoio a outra pessoa. Para remediar este fator, os líderes do PT e PSDB incentivam campanhas de filiação e encorajamento feminino fora do período eleitoral, de forma que se fortaleçam junto ao partido ao longo do tempo. Além disso, todos os presidentes acreditam que ver outras mulheres em posições de poder pode motivá-las a participar, como coloca a presidenta do DC:

> *As pessoas olham para você como uma referência. E aí, elas automaticamente, elas processam da seguinte maneira, ‘’poxa, é possível, ela conseguiu, eu também posso’’. E aí a gente passa a implantar uma nova cultura na sociedade. [...] Se ela se colocar à disposição, as pessoas vão ver nela o potencial para isso. E se ela chega lá e fizer um bom trabalho, então ela vai garantindo o seu espaço.*

Enquanto mulher, a presidenta do Democracia Cristã também relata ter passado por discriminações em seu percurso, em sua maioria veladas – em forma de olhares, exclusões sutis de discussões. No entanto, afirma que, após 30 anos de jornada, aprendeu que a melhor forma de garantir seu espaço é mostrar competência, pois isso gera confiança em seu trabalho.

Por fim, o último aspecto amplamente comentado é um motivo que justifica a presença feminina na política: a percepção da mulher enquanto cuidadosa, sagaz, sensível, maternal. Há um combo de adjetivos socialmente atrelados às mulheres que podem as caracterizar como pessoas dignas do trabalho público (Lawless; Fox, 2010). Para os entrevistados, estes traços as tornam passíveis de fazer uma política mais honesta que os homens.

Esta primeira seção dos resultados se concentrou em descrever os relatos dos sete líderes partidários participantes (PT, PSB, PCdoB e PSOL à esquerda; DC, PL e PSDB à

direita). Buscou-se delimitar a extensão da participação dos membros e o grau de inclusividade do processo seletivo de cada legenda, quais características são visadas nos candidatos, como ocorre a distribuição de recursos financeiros, e como os presidentes asseguram a participação feminina na disputa eleitoral. Os principais achados indicam que a maioria dos partidos, sem distinção ideológica, discutem e votam a lista de candidatos em um grupo restrito composto pelos diretores executivos de cada sigla; para escolhê-los, experiência política, potencial eleitoral, ambição e boa índole são aspectos essenciais.

Para o financiamento das campanhas, a quantidade de recursos recebida no diretório municipal depende da força eleitoral do partido no local, e esse também é o principal critério para a distribuição entre os candidatos (à parte das prioridades por lei, que recebem a quantia determinada). Para os partidos que dispõem de menos recursos, a busca de suporte financeiro com outras legendas e grupos políticos que disputam a majoritária se faz necessária. Finalmente, todos os entrevistados relatam estar em conformidade com os incentivos legais para participação feminina e reconhecem a importância da presença de mulheres competitivas, embora admitam que ainda é difícil recrutá-las. Estes resultados serão colocados em perspectiva com a literatura utilizada em maior detalhe no capítulo cinco.

4.2. Descrição das pré-candidatas entrevistadas

Esta segunda parte explora os relatos das pré-candidatas entrevistadas. A tentativa foi de alcançar um equilíbrio de pessoas filiadas a partidos de direita e esquerda, tentando também refletir os partidos cujos líderes foram entrevistados. As vinte e duas entrevistas com mulheres que pleiteavam uma candidatura nas eleições municipais de 2024 contam com nove previamente filiadas a partidos de direita, sendo esses o DC (2 pessoas), DEM[9] (1), União Brasil (2), PL (2), PSD (1) e PSDB (1). Desses, o DEM e o PSD não tiveram seus líderes entrevistados, e houve tentativa de conversar com o União Brasil. Conta com dez previamente filiadas a partidos de esquerda, sendo esses o PT (4), PCdoB (4) e PSOL (2). Apesar do registro com o PSB, o partido optou por não lançar nenhuma candidatura. As três entrevistadas restantes não possuíam filiação partidária no momento da conversa, e posteriormente duas alinharam-se a partidos de direita: mais uma ao PSDB, outra ao União Brasil; e a última alinhou-se ao PDT, de esquerda (Bolognesi et al, 2023).

[9]Esta candidata era previamente filiada ao DEM, que juntou-se ao PSL para fundar o União Brasil. No momento da entrevista, ela ainda estava em contato com o grupo que presidia o diretório municipal do antigo partido, e por isso a descrevo como filiada a ele. Para sair candidata às eleições de 2024, filiou-se posteriormente ao Republicanos.

Para descrever o que foi contado pelas mulheres, esta seção é dividida em aspectos socioeconômicos, os cinco recursos avaliados para inserção na política, violências relatadas, e outros pontos frequentemente mencionados.

4.2.1. Aspectos socioeconômicos

Além dos cinco recursos previamente explicados e que serão analisados mais adiante, existem certas características relativas à fenotipia e condições educacionais e econômicas que podem influenciar a eleição de candidatos. Isso porque, deter de certo poder, seja financeiro ou social, sobretudo dentro da hierarquia social, torna alguns indivíduos mais propensos ao sucesso (Codato et al, 2013). De forma geral, os homens eleitos em todas as instâncias costumam ser brancos, casados, ter entre 35 e 44 anos, e possuir ensino superior (Power; Mochel, 2006; Gatto; Thomé, 2024). Para as mulheres eleitas, o panorama não é diferente: também são brancas em maioria, casadas, com ensino superior, e têm entre 35 e 44 anos. Para as Câmaras de Vereadores, objeto de análise desta pesquisa, este padrão se mantém – a diferença está em que, apesar de não refletirem os maiores números, há mais eleitas mais jovens, devido à idade mínima de 18 anos para concorrer ao cargo, e maior eleição de pessoas com nível de instrução de ensino médio completo (Gatto; Thomé, 2024).

Gatto e Thomé (2024) mostram, com dados de 2020, que esse panorama difere um pouco do padrão das candidatas. Os indicadores que permanecem os mesmos são raça e faixa etária, com maioria de candidatas brancas, maiores de 35 e menores de 44 anos. No que se refere ao estado civil, é mais comum que as candidatas sejam solteiras, e que o nível de escolaridade seja de ensino médio completo. Segundo o TSE, nas eleições municipais de 2024, os dados são similares, com sutis diferenças: candidatas brancas lideram, com 46,34%, seguidas por pardas, com 39,65%, e pretas, com 12,39%; por menos de um ponto percentual, mulheres entre 45-54 anos são maioria, com 30,68%, a faixa etária entre 34-45 fica com 29,52%; solteiras ainda estão em evidência, computando 42,48% das candidatas; e as mulheres com ensino médio figuram 44,25% do total, seguidas por 32,84% com ensino superior.

Dentre as pré-candidatas entrevistadas, se observam algumas divergências. Pelo padrão racial, temos maioria de mulheres autodeclaradas pretas e pardas, com seis em cada categoria. Juntas, computam mais da metade das pré-candidatas (54,54%). As mulheres brancas vêm em seguida, com quatro representantes (18,18%) e duas representantes indígenas (9,09%). A diferença deste resultado para o padrão nacional pode refletir a grande quantidade de pessoas pardas e pretas no Nordeste, pois configuram maioria da população (IBGE, 2022);

as indígenas, por sua vez, podem ser produto da existência de várias tribos indígenas na região do Vale do São Francisco[10].

A idade segue lógica parecida ao visto nacionalmente, com sete pré-candidatas na faixa entre 35 e 44 anos; as faixas entre 45-54 e 55-64 empatam com seis mulheres em cada; duas pré-candidatas de primeira viagem têm até 34 anos; e uma mulher, já eleita por seis mandatos e buscando outro pleito, está na categoria acima dos 65 anos. Para o estado civil, as entrevistadas são majoritariamente casadas, sendo exatamente metade da amostra (11). São seguidas por sete solteiras, três divorciadas e uma viúva. Por fim, o grau de instrução das pré-candidatas segue a linha nacional, com 59,09% (13) das entrevistadas graduadas em curso superior. Das restantes, oito possuem ensino médio completo, e uma das mulheres possui o ensino fundamental incompleto.

Reitero, a amostra coletada para esta pesquisa pode não corresponder ao universo das pré-candidatas da cidade de Petrolina, mas exibe parte das mulheres que desejam concorrer ao cargo de vereadora, e aportam características que se relacionam diretamente ao poder, força e recursos que lhes são necessários para conseguir uma vaga na disputa eleitoral.

4.2.2. Recursos: ambição política

O primeiro recurso a ser analisado relaciona-se à fagulha inicial que motivou as mulheres a almejarem uma cadeira na Câmara de Vereadores. Um dos requisitos amplamente citados pelos presidentes partidários e responsável, em grande parte, pela força de vontade dessas mulheres para persistirem na luta, a ambição política é um fator importante. Quanto mais ambição, maiores as chances, pois maiores são a vontade de conseguir um cargo e a disposição de enfrentar os desafios (Lawless; Fox, 2012). Entende-se que a ambição pode vir de dentro, nascida de alguma particularidade da pré-candidata, ou pode ser instigada por outros, membros políticos ou externos. Pode ainda nascer e crescer, ou diminuir, conforme as experiências vividas (Lawless; Fox, 2012).

Intrinsecamente relacionada ao surgimento do desejo, é interessante observar a origem política das pré-candidatas. A maioria esmagadora das entrevistadas relata envolvimentos com algum tipo de movimento social, sem distinção entre filiadas a partidos de direita ou esquerda. Os movimentos a que pertencem também são diversos, passando pela luta dos trabalhadores (as que se relacionam fortemente às suas categorias tendem a atuar no

[10]Em Petrolina e cidades próximas, tanto em Pernambuco quanto na Bahia, existem seis tribos indígenas: Atikum, Truká, Pankararu, Tuxá, Tumbalalá e Pankará (IBGE, 2022). Esta última sendo a tribo originária de uma das pré-candidatas entrevistadas.

movimento sindical, com destaque para as áreas de educação e saúde), estudantil (berço de muitas na juventude), ambiental, de segurança e justiça social, de pessoas com deficiência, esportiva e pastoral. Além disso, grande parte relata o cuidado e a luta por condições melhores aos mais pobres – quatro delas, que se identificam fortemente com a pauta, são líderes comunitárias em seus bairros periféricos. À parte destas que estão imersas na política, ainda que não formal, existem mais duas situações de origem: quatro que tiveram sua primeira atenção levada à política por participarem de famílias com envolvimento político, de forma que, mesmo que não fossem filhas de grandes nomes ou poderio na cidade (são mulheres cujas famílias atuavam em cidades menores e próximas à Petrolina), observavam a dinâmica e participavam ajudando nos momentos de campanha; a outra situação refere-se a três pré-candidatas que não possuíam qualquer enlace prévio com a política – chegaram até ela por uma curiosidade inicial de saber como funciona, e por incentivo de pessoas externas.

A ambição política destas três, portanto, surgiu de um movimento exterior. Uma delas ouviu durante muito tempo em seu trabalho com atendimento ao público que ‘’*tinha muito jeito para a política*’’, e por isso deveria candidatar-se. Outra, jornalista com um programa na rádio, começou a aprender sobre e discutir assuntos relacionados à saúde após ter uma filha com um problema grave. O reconhecimento de figuras políticas da cidade fez com que ela despertasse a vontade de candidatura. A última, após começar a estudar sobre política para ter mais conhecimento, construiu a noção de que queria se candidatar um dia para ajudar sua cidade – o convite realizado por líderes partidários, no entanto, foi crucial para que colocasse o plano em ação antes do previsto.

Assim como essas, outras entrevistadas tiveram sua fagulha acesa ou intensificada por agentes de fora. Metade das mulheres conta não ter se visto de primeira em um lugar de destaque, e o incentivo dado por colegas de partido, amigos e conhecidos foi essencial para que considerassem a possibilidade. Isso acontece, inclusive, com mulheres que já eram ativas em algum movimento. Por já terem consciência da importância de seus espaços de luta, poderia-se esperar que as pré-candidatas militantes teriam mais ambição de se candidatar, o que não é o caso. Muitas das mulheres que participam de movimentos sociais, em especial as filiadas a partidos de esquerda, observam que não queriam lançar seus nomes de início – e várias relatam participar anteriormente e atualmente para ajudar o partido. Colocado na seção anterior, todos os líderes de partidos de esquerda enfatizam que são partidos programáticos, não atendem somente ao período eleitoral e defendem um ideal de sociedade. Isso reflete-se nas pré-candidatas, que alegam entender a importância de colaborar com a luta do partido, e

pela necessidade coletiva, surge a individual. É o caso de Lavínia Oliveira, candidata anteriormente e pré-candidata pelo PCdoB:

> Não é a minha intenção, porém existe uma construção, né? A gente estuda muito o coletivo, o que é melhor para o cenário político. Então, eu não tenho a intenção, mas eu trabalho com um conjunto de ideias, um conjunto de pessoas, um conjunto de programas e de projetos políticos que a gente tem para a nossa cidade. [...] Demorei muito para aceitar, mas, no fim, acabei aceitando.

Ao mesmo tempo, há mulheres que manifestam grande desejo interno antes de tentar uma aproximação. A exemplo, quatro entrevistadas se destacam por falas entusiasmadas: Sirlene diz ‘’*de forma muito gritante quero participar*’’; Lorena, que começou a fazer política muito nova sem ter a consciência disso, conta que ‘’*a política está no sangue*’’; Cibele, com uma trajetória parecida, afirma ‘’*nasci para isso*’’; e Raíssa, após ter passado a vida sentindo o ímpeto de participar, resolveu ‘’*atender ao chamado*’’ após a aposentadoria.

O último ponto a ser considerado é o crescimento ou declínio da ambição política. Algumas das entrevistadas, com mais idade e envolvidas no movimento partidário há muitos anos, comentam que atualmente não possuem tanta vitalidade para participar, além de acumularem experiências, por vezes violentas, que as desiludem e afastam da atividade. Reforçam, o único motivo que as mantém firmes é o propósito com os partidos e suas lutas. Por outro lado, as pré-candidatas que estão ‘’frescas’’ na vida política, mesmo as menos jovens, exibem grande ambição de competir e crescer na carreira. Mariana Valente foi candidata laranja nas eleições de 2020, mas da experiência surgiu a vontade e a força de trabalhar para se eleger em 2024. Outro exemplo é Camila Rocha, que se candidatou pela primeira vez como forma de protesto contra o Estado, após a investigação do assassinato de sua filha ser interrompida. O apoio da população foi massivo, ela conta que ‘’*o resultado da votação surpreendeu e passei a pensar diferente*’’, se candidatando novamente com gana de ser eleita – e conseguiu. Depois de um processo judicial para conseguir a nomeação, pois foi vítima de fraude eleitoral (mencionada na seção 4.1.5), Camila segue firme em sua pretensão de ser reeleita vereadora, e, quem sabe, alçar voos mais altos.

4.2.3. Recursos: experiência política e autopercepção

Um recurso entrelaçado ao anterior e também enfatizado pelos presidentes de partido é a experiência política. Mais experiência gera mais resiliência e habilidade por parte das candidatas. Adicionalmente, dispor de experiências prévias traz para as mulheres mais segurança em si mesmas, fortalecendo a crença de que são capazes de exercer aquele trabalho (Lawless; Fox, 2010; 2012). Experiências em circunstâncias políticas são desejáveis, mas atividades que requeiram falar em público, elaborar planos de ação ou lidar com pessoas, por

exemplo, também são bem-vindas, uma vez que se relacionam ao fazer político (Lawless; Fox, 2010).

Com exceção de duas, as pré-candidatas apresentam experiências políticas. Quatro dispõem de experiência formal, com três vereadoras em exercício no momento da entrevista e uma ex-vereadora. Além delas, outras doze mulheres já haviam sido candidatas em eleições passadas. Há diferenças, no entanto, entre níveis de preparo. As que foram candidatas mais vezes e relatam maior apoio partidário veem sua experiência como enriquecedora. Estas tendem, inclusive, a se lançar pelo mesmo partido, pois encontram uma rede de apoio. Já outras, com menos experiências de campanha e menor apoio do partido, têm um discurso de que todas as vivências são úteis, pois ensinam algo, mas desejam ainda mais conhecimento para enfrentar novos pleitos. Entre elas, migrações partidárias são mais comuns. Lila Gomes, em busca da segunda candidatura, reconhece que sua primeira disputa foi insatisfatória pela falta de apoio e rapidez com que as decisões foram tomadas – além de entrar para compor a cota feminina, seu principal objetivo era trazer votos de legenda para ajudar na eleição de outra candidata. Para o segundo pleito, sem partido definido quando conversamos, ela ainda se considera ‘’*crua”*, ‘’*verde*’’, e diz precisar amadurecer seus posicionamentos e habilidades.

Externo às candidaturas e eleições, várias mulheres detêm experiência política em trabalhos na prefeitura, atuando como gestoras em secretarias, por exemplo. Duas também relataram assessorar campanhas de terceiros. Fora das instituições, compor a organização de movimentos sociais e sindicatos traz contribuições, assim como atuar enquanto liderança em seu grupo, como é o caso das presidentes de bairro e das líderes religiosas. Citadas inicialmente, duas pré-candidatas apenas não possuem experiência na arena política, formal ou informal. Nesse caso, os atributos que as favorecem vêm de suas profissões, enquanto jornalista e advogada. Apesar da inexperiência, elas reconhecem que suas vivências profissionais as preparam para o cargo. A advogada, por exemplo, afirma que a autoridade de sua ocupação a ajudou a perceber que não há dificuldade em se ver em uma posição de poder.

4.2.4. Recursos: disponibilidade de tempo

Mulheres, de forma geral, possuem vidas atarefadas, bancando jornadas duplas e até triplas de trabalho, dividindo-se entre cuidados familiares, afazeres domésticos e vida profissional (Lawless; Fox, 2010; Sacchet, 2011; Araújo, 2020). Participar da política exige comparecer a reuniões, fazer visitas, estrategizar e executar planos de ação, o que demanda muito tempo. Dessa forma, entende-se como dispor de tempo para dedicação é importante, e como esse recurso pode ser menos acessível às candidatas.

O tempo (ou a falta dele) é um discurso muito presente nas falas das entrevistadas. Todas elas admitem, em algum grau, ter dificuldade de gerir todas suas demandas. As que conseguem dedicar mais tempo apontam duas razões principais: já estão inseridas nesse meio, seja pela participação em algum grupo ou movimento, seja pelas que fazem da articulação política pré-campanha sua única ocupação. Logo, a dedicação já faz parte da agenda regular. É o caso das vereadoras eleitas, mas também das mulheres militantes sindicais, e das que fazem ações sociais. A segunda razão é possuir uma rede de apoio familiar, especialmente para as que são mães de filhos menores. Algumas das mulheres destacam que, sem a ajuda de seus maridos e outros familiares, não conseguiriam dedicar-se tanto. Motivos adjacentes ressaltados por determinadas participantes são horários de trabalho flexíveis, e condições financeiras que possibilitam afastar-se do trabalho para as atividades de pré-campanha.

Por outro lado, a falta de tempo é latente em algumas trajetórias. Pré-candidatas de baixa renda, por exemplo, contam se desdobrar para dar conta de tudo. Raíssa, mulher aposentada em busca do primeiro pleito, admite que só conseguiu dedicar tempo devido a sua condição atual. Nessa toada, certas participantes decidem se esforçar e galgar seu espaço na política mesmo com a dificuldade, e encontram a culpa como consequência. A escolha da política em detrimento da família é citada por várias como um ônus da posição. Militante por muitos anos do PCdoB, Bianca Lima relata o julgamento sofrido por ter escolhido a vida política:

> *[...] Quando eu fui pela primeira vez candidata a vereadora, meu filho era um menino pequeno, eu já tinha 30 anos, então não era fácil. [...] Eu tinha que levar o meu filho, falar no microfone segurando, amamentar, mas falava, não deixava de ir. Ainda assim, eu não deixava de ouvir as avaliações machistas, por exemplo, do pai, "você é uma mãe ausente". Amamentei meu filho durante cinco anos por culpa, porque eu pensava "sou uma mãe ausente, vou dar o peito".*

Caso semelhante, Lorena Macedo adiou sua entrada na política formal por ter filhas pequenas e nenhuma ajuda do então marido. Somente agora, divorciada e com suas filhas crescidas e graduadas, encontrou um terreno fértil para lançar a candidatura. Débora Fonseca desabafa sobre o desafio do acúmulo de tarefas, e apesar de ter amparo conjugal antes, ainda tenta organizar a nova rotina para dar continuidade a sua carreira política após enviuvar:

> *Ser mãe, ser esposa, ser dona de casa, ser secretária, lhe coloca em xeque a todo momento, várias vezes eu pensei, ''eu sou uma péssima mãe, eu não vou conseguir, meu filho não vai gostar de mim''. É preciso muito apoio psicológico para você continuar, porque quando você está na política, você tem hora para sair de casa, não tem hora para voltar, e às vezes quando você volta, ainda tem telefone, ainda tem gente na sua casa, então é bem desafiador. Agora ainda mais, porque após ficar viúva, passou toda a estrutura familiar a mim, então é uma responsabilidade gigantesca de casa, de filho, de família, de escola, de trabalho, de dar conta financeira, emocional, fisicamente.*

Por fim, em alguns casos, a falta de tempo é o fator principal a prejudicar o lançamento de candidaturas. Militante do PT há mais de 20 anos, Lúcia Neves declara não ter vontade de se tornar candidata porque ‘’*a política demanda muito tempo, e a família é minha prioridade*’’. Vivi Ferreira, responsável pelos cuidados com sua mãe idosa e doente, aponta este como o maior empecilho para sua candidatura:

> *Para mim o tempo é crucial, porque política não se faz só num período de campanha, política se faz todos os dias, e estar na política todos os dias é estar para além da casa e do trabalho. Estar para além da casa e do trabalho é estar em espaços de formação exclusivo sobre política, é estar na discussão do partido, nas mais diversas reuniões, é estar nos ambientes, como nos parlamentos acompanhando as discussões de construção das políticas públicas, é estar nas assembleias. Uma mulher que é mãe, que tem a casa para cuidar, que tem um familiar adoecido, não dá conta de fazer isso. Hoje com a experiência que eu vivo de ser a cuidadora da minha mãe, uma idosa com 83 anos, com Alzheimer, sem uma rede de apoio, é impossível fazer a política nessa perspectiva, então eu me sinto muito afetada diretamente.*

4.2.5. Recursos: apoio externo e partidário

Os recursos analisados estão conectados, de forma que o apoio foi citado na subseção anterior como essencial para que as participantes pudessem dispor de tempo para se dedicar. Aqui, abordo o tema mais profundamente, englobando também o apoio partidário.

Sem apoio, seja do partido ou de pessoas alheias ao mundo político, a motivação das candidatas tende a diminuir, dado que o amparo contribui para maior autoestima e força de vontade (Lawless; Fox, 2010). Todas as entrevistadas citam a família como fonte de fortalecimento de sua jornada em níveis distintos. A maioria denota grande importância ao apoio da família mais próxima, incluindo cônjuges, filhos e pais, declarando que ‘’*não seria possível sem eles*’’ (Débora Fonseca, pré-candidata pelo PCdoB). Já certas participantes colocam a família em posição mais distante, afirmando que nem todos os membros são favoráveis, ou que, de início foram relutantes e aceitaram com o passar do tempo. Dois motivos surgem para a recusa da família: o sentimento de que dedicar-se à política é um sacrifício que não vale a pena, pelo tempo e estresse passados; e o receio de que sejam associadas a uma política suja, que sejam taxadas de corruptas ou putas – ambos partem de uma ideia primária de que a política não é lugar de mulher (Lawless; Fox, 2010).

A falta de apoio, muitas vezes, pode desmotivar uma mulher a participar. Raíssa Silva, lançando-se pela primeira vez na aposentadoria, conta que mesmo ansiando esse momento desde nova, esperou tanto tempo para realizar seu sonho pela aversão política do marido. Ela descreve que a intervenção de seu grupo de mulheres cristãs fez o esposo entender que a

política é seu propósito divino, e compara a concessão dele ao recebimento de sua carta de alforria.

Outra fonte constantemente mencionada de apoio às candidatas são os amigos, que costumam ajudar nas atividades de campanha, e de outras pessoas da população. As líderes comunitárias, por exemplo, recorrem bastante aos seus bairros para incentivo, e outras encontram encorajamento em colegas de trabalho e militância. Ouvir de diversas pessoas ‘’*por que você não se candidata?*’’ (pré-candidatas Lorena Macedo [DEM/Republicanos] e Franciane Costa [União Brasil]) ou ‘’*você deveria concorrer a um cargo*’’ (pré-candidatas Sirlene Souza [DC] e Clara Mendonça [PSD]) foi responsável por dar o empurrão necessário para que muitas tomassem suas decisões.

Este empurrão, outras vezes, parte de líderes políticos ou presidentes de partido, como foi o caso de dezesseis das entrevistadas. Umas receberam convite de vários partidos, algumas foram levadas para o meio político por alguma figura importante, e outras encontraram acolhimento e abertura nos partidos que procuraram. Os movimentos de inserção de seus nomes na política local as encorajaram, em especial para as que se sentiram pessoalmente escolhidas e contempladas pelos seus grupos. Isso porque, apesar de terem sido inseridas por meio de outras figuras, determinadas mulheres afirmam que o propósito principal era que ajudassem a compor a cota partidária. Dessa forma, elas eram lançadas candidatas, mas não recebiam nenhum tipo de instrução ou apoio para a campanha. Foi o caso de Mariana Valente, que relata ter se sentido como uma ‘’*cega num tiroteio*’’ durante seu primeiro pleito.

Ademais, dessas dezesseis, oito não encontraram este apoio no primeiro partido a que se filiaram, precisando buscar outras alternativas – o que, apesar de não restrito a elas, aconteceu com maior frequência com mulheres mais propensas a partidos de direita. O apoio procurado pelas pré-candidatas, além do encorajamento para a candidatura, perpassa outras categorias: recursos financeiros, instrução, treinamento, suporte jurídico durante a campanha, que serão discutidos na próxima subseção.

4.2.6. Recursos: condições financeiras

O último recurso a ser discutido são as condições financeiras, tanto oferecidas pelo partido quanto próprias. O aporte financeiro se apresenta como um dos principais condicionantes para o sucesso eleitoral, e o subfinanciamento das mulheres aponta esta como uma causa do menor número de eleições femininas (Sacchet; Speck, 2012; Eduardo, 2017; Sacchet, 2020; Araújo, 2023). Além disso, as mulheres costumam deter menores condições financeiras próprias quando comparadas aos homens, o que evidencia ainda mais a

necessidade do financiamento institucional (Sacchet; Speck, 2012; Eduardo, 2017). Logo, as estratégias utilizadas pelas pré-candidatas partem dessa realidade.

Para escolherem a legenda pela qual sair, a maioria das mulheres entrevistadas parte de uma visão estratégica, que engloba o cálculo de qual partido pode lhes oferecer maiores chances de eleição, a partir do seu tamanho e coeficiente eleitoral, e a plataforma de recursos disponíveis que lhes proporcionará o impulso para a eleição. Onde há recursos para desfrutarem, consequentemente, há abertura e acolhimento vindo dos líderes e colegas – outro motivo bastante colocado. Enquanto mulheres, a questão de se sentir respeitada também conta – algumas alegam que é possível captar no comportamento dos líderes se o incentivo é verdadeiro ou motivado pela obrigação legal de lançar mulheres.

Os recursos que elas mais recebem são instruções e treinamentos para o período de campanha, inclusive com suporte jurídico e burocrático para o processo de abertura de conta bancária e prestação de contas. As pré-candidatas do PT, PCdoB, DC e PL afirmam ter acesso a esses recursos mais frequentemente. Com relação à parte financeira, as únicas candidatas que recebem maiores quantias de dinheiro são as mais longevas ou que apresentam maior potencial para esta eleição – o que corrobora com o colocado pelos presidentes de partido e com a literatura (Codato et al, 2013). A grande maioria, no entanto, afirma ter sido prometido acesso apenas a combustível e ao material gráfico para a campanha. Esses recursos são oferecidos diretamente pelo partido, ou o dinheiro recebido do Fundo Eleitoral é usado para cobrir essas despesas – e somente essas, não havendo aporte para fazer campanhas mais elaboradas. Apesar de todas, em algum grau, reclamarem da falta de recurso financeiro, muitas entendem essa dificuldade como uma característica normal da campanha – afinal, são mulheres, filiadas a partidos pequenos em uma cidade do interior do estado, com menores chances diante dos vereadores bem estabelecidos – e, por isso, dizem que não é suficiente, mas desenrolar com o dinheiro ofertado é a única opção.

O recurso financeiro oferecido pelo partido é essencial, principalmente, pois muitas das entrevistadas não possuem condições próprias de bancar os gastos de campanha. A maior parcela das entrevistadas vem de profissões na educação básica, de atendimento ao público ou gerem pequenos negócios, afirmando não ser possível destinar valores altos para financiamento da campanha. Mesmo assim, muitas utilizam de suas contas bancárias privadas para complementar as despesas básicas. Além disso, a maior demanda do complemento acontece no período de pré-campanha, quando a articulação política e visitas às comunidades precisam ser intensas, segundo as mulheres, e o Fundo Eleitoral não pode ser utilizado, visto que destina-se apenas à campanha oficial:

> *Nós estamos na pré-campanha, então as reuniões que eu faço, as visitas, o combustível que eu uso está saindo do meu bolso porque o partido mesmo só coloca a ajuda do fundo partidário durante a campanha. Logo, a pré-campanha é um momento bem melhor e sério para se trabalhar do que na própria campanha. E também, essa ajuda que o partido aloca não é grande coisa também não, quero fazer essa observação. (Franciane Costa, pré-candidata pelo União Brasil)*

Outras fontes de dinheiro mencionadas pelas candidatas são suas famílias, que ajudam quando podem, empréstimos bancários, e doações de conhecidos e líderes políticos (para as que estão alinhadas ao grupo da majoritária). Destaco duas pré-candidatas, que afirmam dispor de dinheiro próprio para ajudar em suas campanhas, mas se recusam a precisar disso. A primeira diz que, caso o partido não apresentasse condições de financiar sua campanha, não teria aceitado o convite; a segunda conta que não vai investir nada, pois quer ganhar com a força do povo. Apesar de não ser uma quantia monetária, esse recurso se repete no discurso de várias entrevistadas, que colocam a confiança de seus próximos como fonte essencial de incentivo e voto.

4.2.7. Violências relatadas

O meio político é um ambiente propício aos ataques violentos, vindo de partidos, de outros candidatos, ou do eleitorado. As mulheres, com o adicional do gênero sobre suas identidades, tendem a sofrer mais alguns tipos de violência, como a simbólica (Krook; Sanín, 2016; Gatto; Thomé, 2024). Por ser um tema abordado amplamente nas entrevistas, dedico esta parte a descrever as violências mais frequentes e graves cometidas, em especial as que se relacionam ao gênero das participantes. Para isso, separo a descrição em quatro tipos de violência política de gênero, como categorizado por Krook e Restrepo Sanín (2016): física, psicológica, econômica e simbólica.

A violência física diz respeito a qualquer ação que ameace ferir ou fira a integridade física da mulher. É a menos comum entre as entrevistadas, mas aparece em relatos intensos: duas admitem receber ameaças de morte, outras duas já foram perseguidas de carro em momentos de atividade política, e uma pré-candidata conta que o escritório de sua empresa de consultoria sofreu atentados. Bianca Lima, militante do PCdoB, traz relatos de assédio que passou em campanhas anteriores em três momentos:

> *O aspecto da aparência, ser chamada de gostosa, né? Eu ouvi de um cara da política pegar meu panfleto e dizer "esse aqui eu vou levar que chegar em casa eu vou bater uma". Dá ódio, né? [...] Ele disse "você está muito sensual aqui nessa foto", mas a minha foto aí não foi para ser sensual não, foi para ser conhecida, todo mundo me conhece assim.*
> *[...]*
> *O fato de ser mulher na política, como você é uma pessoa pública, os nossos corpos são públicos, os nossos corpos são objetificados. Aí, quando você é candidata, ele é*

> *mais público ainda. "Ah, você quer meu voto, né?" aí, você sempre vai receber as cantadas e ali você tem que respirar fundo para não dar um murro. "Ah, você é chata, né?" O cara já fala pegando em você. "Ave Maria, você é de ouro", eu não sou de ouro, querido. "Já que você está aqui, vamos tomar uma cerveja?" e eu tive que ir lá e falar, "Eu nem lhe conheço, como é que você me chama para sentar na sua mesa?''*
> *[...]*
> *Já ouvi um homem dizer que ia votar em mim porque eu era bonita. Eu pensei: "Bonita? Vou resolver seus problemas porque sou bonita?" Isso é frustrante.*

A violência econômica, por sua vez, refere-se àquela que limita o acesso das mulheres aos recursos econômicos. Enquanto na violência física, os malfeitores dos ataques eram candidatos oponentes ou o próprio eleitorado, na econômica a violência origina-se nos partidos. A queixa mais encontrada nas entrevistas é a manipulação e enganação das participantes; ora não se conta quanto será dado de recurso financeiro (e o valor, depois, não chega ou é irrisório), ora se promete uma quantia que não é cumprida, o que as deixa desestruturadas, financeiramente e mentalmente, para seguir com a campanha. A falta de transparência na distribuição do dinheiro é uma das razões que desmotiva Cibele Santos:

> *É uma coisa que vem para o presidente do partido para ser rateado, uma coisa que você não tem certeza se realmente veio aquele valor só para você [se foi distribuído igualmente]. [...] Então nunca lhe dá a certeza de que realmente foi agido de forma justa com você. São essas coisas que desestimulam um pouco na política. Eles prometem e você fica a ver navios, essa é a realidade.*

A terceira violência, a psicológica, diz respeito ao que os ataques tolerados podem significar para o bem-estar emocional das mulheres. Ou seja, as ameaças, assédios e manipulações influenciam diretamente nesta terceira, que também pode aparecer de outras formas. É uma das mais comuns nas conversas com as participantes, e que surge, principalmente, das interações com os partidos e outras pessoas da política. Trechos incluem perseguições políticas enfrentadas por mulheres de oposição, em especial as profissionais da rede pública, como professoras – contam injúrias no trabalho, ameaças de demissão suas e de colegas que declarem voto. Certas pré-candidatas que se colocam favoráveis ao governo da prefeitura também relatam perseguições políticas, mas por serem figuras com potencial que ameaça outros vereadores. Estas mesmas mulheres admitem que já receberam ofertas de dinheiro para não competir eleitoralmente, ou para realizarem suas campanhas em prol de outro candidato.

Dentro dos partidos, o grande potencial de algumas participantes também incomoda os líderes – algumas observam que foram subestimadas inicialmente por seus presidentes, e posteriormente surpreendidos com a força de suas votações. Cibele Santos traz mais uma fala forte: foi expulsa do partido que compunha pouco antes do fim da janela de filiação, sob alegação de que sua pretensão de votos era superior ao dos outros candidatos do partido,

inclusive um que era vereador eleito. Como o interesse maior era reeleger aquele que ocupava uma cadeira, ela já não era conveniente ao partido. À parte da expulsão, outras três participantes dizem o mesmo, observando ser difícil encontrar um partido que as acolham – os partidos pequenos não as querem pois são candidatas grandes demais, e nos partidos maiores não há chances de disputa contra os caciques eleitorais e vereadores já estabelecidos. As experiências parecem ter o propósito de fazê-las desistir, e desgastam a estabilidade mental dessas mulheres. Lavínia Oliveira, saindo pelo PCdoB, fala sobre como ficou enfraquecida após sofrer perseguição no trabalho e discriminação por pessoas de sua igreja evangélica:

> *Eu sofri muita pressão mesmo, sofri um desgaste emocional grande e ainda estou em tratamento, desde aquela época, devido à sobrecarga e de muitos aspectos que vieram dessa polarização. Além do fato de eu ter tido Covid três vezes, fiquei com sequelas… Por isso eu digo, foi um desgaste físico e emocional muito grande.*

Por fim, a violência simbólica é a que mais se relaciona diretamente ao aspecto de gênero, e é bastante enfatizada nos discursos. Caracteriza-se como uma violência que prejudica o acesso das mulheres a cargos políticos, por vias de deslegitimação e descredibilização. Esta última palavra, inclusive, é usada em larga escala por várias das entrevistadas, alegando que os homens dos partidos frequentemente desconfiam de suas competências. Palavras comumente associadas às mulheres de forma machista, como loucas, descontroladas, agressivas e frágeis também foram enunciadas diversas vezes, utilizadas contra elas e contra outras do meio. Além da forma verbal, discriminações frequentes são olhares de canto de olho, ignorância completa da existência (como se não estivessem ali), exclusões de grupos de debate e momentos de descontração, e interrupções de fala. Essa última foi abordada, majoritariamente, pelas que são ou já foram vereadoras. Elas apontam o espaço da Câmara de Vereadores como hostil, ouvem piadas quando precisam debater algo sério e são cobradas disciplina mais tenaz. Conta a vereadora e pré-candidata Ana Lúcia:

> *Então, existe um tratamento velado, diferenciado, contra a fala da mulher. Por exemplo, você é o vereador tal e eu sou a vereadora. Estamos tratando sobre o mesmo assunto. Você se empolga, você cresce a sua voz. Então, você, como homem, está tudo ok. A mulher, fazendo isso, é uma louca, uma desequilibrada, você está entendendo? E são em movimentos como esses que a gente percebe a velada desproporção entre a forma do vereador, os espaços para o parlamentar e os da mulher. [...] A questão das falas [nas assembleias], você tem três minutos. O colega homem pode passar um pouquinho; a mulher, se passa... "Ah, vereadora!", entendeu? [...] Se o homem mata um leão para garantir o seu espaço, a mulher tem que matar cinco leões.*

Para finalizar, além da violência simbólica de gênero, algumas mulheres são acometidas por ataques que dizem respeito à sua condição física, financeira e racial. Isabela, mulher cega, confirma que a descredibilização que sofre por não enxergar é pior do que por

ser mulher, e ainda aponta como nenhum dos espaços políticos e partidários estão preparados para receber pessoas com deficiência e debater suas questões. Cibele revela que ser uma pessoa baixa renda é fonte de riso constante entre colegas de partido, e já ouviu deles que não tem o que é necessário para ser eleita pois seu único conhecimento é ‘’*fazer pastel*’’ (referindo-se à sua ocupação). E Juliana, ex-vereadora e mulher negra, aborda como sua cor de pele influenciou no tratamento que recebeu dentro da Câmara:

> *Eles vinham pra cima, discutiam os projetos lá, e não me respeitavam de jeito nenhum. [...] Eles já me olhavam assim, ‘’oh, é negra, essa negra’’, já tinha essa discriminação, ‘’cuidado com o veneno, ela vai fazer macumba’’, eu digo, ‘’toma cuidado, porque a macumba é forte’’. [...] Via o machismo, eu era a única mulher, e olhavam pra roupa que eu vestia, eu tinha que estar bem vestida, não repetir nenhuma roupa, estar sempre cheirando bem, para eles enxergarem que ali não era uma vagabunda. Porque por ser do PT, eles achavam, por ser mulher e por ser negra [que eu não era digna].*

4.2.7. Outros pontos encontrados nos discursos

Similarmente à parte 4.1, onde ao final, compilei alguns aspectos que foram amplamente mencionados pelos presidentes de partido, aqui faço o mesmo com as falas das entrevistadas. Os pontos se referem à estrutura político-eleitoral da cidade, à estrutura da política em si, ao papel do eleitor nesse meio, às suas principais percepções da mulher dentro da esfera política, e às características inerentemente femininas.

Paralelo ao que foi posto pelos líderes partidários, as pré-candidatas confirmam a organização da política petrolinense, ligada intimamente ao grupo político dominante há décadas. Todas as participantes afirmam ser difícil competir por uma cadeira sem o apoio dos que têm poder sobre a prefeitura, e alinhar-se a eles é a estratégia a que recorrem algumas delas. Com isso, elas notam também a constante manutenção dos vereadores da Câmara – em sua maioria, homens alinhados ao grupo dominante –, há pessoas com mais de 20 anos de permanência. A força e reduto eleitoral destes candidatos tende a ser maior que a delas, especialmente as iniciantes. Muitas mulheres conectam essa configuração política familiar e fechada a uma política patriarcal, herdada de quando os líderes políticos eram coronéis e traduzida atualmente na discriminação e falta de abertura para figuras femininas. Por isso, todas as entrevistadas abordam a necessidade de renovação da Câmara, para mais diversidade de pensamento e representação. Ademais, quatro participantes dedicaram-se a falar sobre a diferença de tratamento entre os diretórios do partido na capital e no interior. Por sua localização geográfica distante do litoral, Petrolina recebe menos recursos, e essa falta é sentida por certas pré-candidatas, que pedem maior reconhecimento para as demandas da cidade e da região do sertão pernambucano.

Partindo disso, outro discurso presente em todas as entrevistas é a vontade de renovar não só a instituição, mas a política em si. Há uma separação entre uma política boa e uma política ruim, sendo a primeira, a política honesta, que não se preocupa com dinheiro e busca promover melhorias nas políticas públicas; e a segunda, a política suja e corrupta, que alegam estar em evidência nas instituições formais. Todas almejam, entre seus objetivos, mudar a política internamente e externamente, ou seja, há o desejo de mostrar para o eleitor que a política pode ser boa e justa.

Assim como os presidentes partidários, as pré-candidatas também utilizam o eleitor como uma das explicações para as menores eleições femininas e a persistência da ‘’velha política’’. Elas observam que a compra de votos e falta de conscientização política são dois adventos recorrentes que ainda pairam sobre a população, movimentos frequentes na política local também observados por Kerbauy (2005). Segundo as entrevistadas, a persistência desses comportamentos atrasa o avanço das mulheres. Também pedem que as mulheres da sociedade, especialmente, apoiem as candidatas, pois a identificação de pautas faria com que a importância do espaço ser ocupado fosse entendida.

Quanto a como veem o espaço da mulher na arena política, embora reconheçam que existem melhorias ao longo do tempo, ainda há um longo caminho a ser percorrido. A maior parcela das participantes enxerga desvalorização da mulher na política local, sobretudo pelo entendimento machista de que o espaço público não deve ser reservado a elas (Lawless; Fox, 2010). Nesse viés, elas também indicam que existem características inerentes à natureza feminina que tornam a mulher um ser propício para a vida política, e isso justifica terem mais espaço (Lawless; Fox, 2010). Assim como os líderes partidários, elas se descrevem enquanto sábias, atentas, cuidadosas, responsáveis e com melhor traquejo social e estratégico.

Assim, as mulheres entrevistadas compreendem um grupo diverso, que em grande parte conforma com os perfis sociodemográficos de candidatas nacionais (Gatto; Thomé, 2024). O acesso aos recursos varia entre as participantes, mas as narrativas de dificuldade em navegar todos os aspectos da vida frente à condição feminina são comuns, o que se confere em outras pesquisas (Lawless; Fox, 2010; Sacchet, 2011). O capítulo seguinte relaciona todos os achados empíricos aos pressupostos teóricos utilizados no capítulo de revisão bibliográfica, abordando como o gênero interfere nos meios social e eleitoral e no contato com os partidos.

5. DISCUSSÃO

Para redigir este capítulo, retomo os objetivos apresentados na introdução para relacionar os dados empíricos à literatura utilizada. Os objetivos enunciados foram três: i) identificar o acesso aos cinco recursos necessários para tornar-se candidato, e se as diferenças de acesso geram diferenças na efetivação das candidaturas; ii) identificar qual das partes, entre presidentes de partido e pré-candidatas, toma mais iniciativa de lançar candidaturas femininas; e iii) observar se as mulheres identificam sofrer discriminações decorrentes de seu gênero no meio político.

Nas porções seguintes, respondo as proposições retratando o acesso aos recursos das que não sucederam na proposta de candidatura e das que sucederam, assim como o diferencial das que conseguiram a eleição; descrevendo como a visão sociocultural do sexo feminino exerce influência em suas vontades e presença; e expondo as experiências partidárias que encorajam e desestimulam sua participação.

5.1. As não-candidatas, as candidatas e as eleitas

Dentre as vinte e duas pré-candidatas entrevistadas, quinze homologaram suas candidaturas e realizaram campanha. Exploro em maior detalhe o relato das sete mulheres não efetivadas em relação aos recursos e os possíveis motivos do não lançamento de suas candidaturas.

As sete pré-candidatas são filiadas a partidos de esquerda: três ao PCdoB, duas ao PT e duas ao PSOL (as únicas psolistas entrevistadas). Para os aspectos socioeconômicos, nenhum salta aos olhos como razão para possíveis exclusões. Todas as sete possuem ensino superior completo e estão na faixa etária mais frequente entre as candidatas e eleitas, padrão que se confere em outros estudos sobre o Brasil (Power; Mochel, 2006; Gatto; Thomé, 2024) e na amostra deste trabalho. Quatro são casadas, o que contrasta com a literatura que aponta maioria de candidatas solteiras (Gatto; Thomé, 2024), mas está em conformidade com a maior parte da amostra; as outras três configuram uma divorciada, uma solteira e uma viúva. O fator étnico-racial não é passível de análise coerente pois esse dado foi coletado para apenas três das sete – no entanto, as três se autodeclaram mulheres pretas[11].

Em relação aos recursos, dois dos cinco são acessados francamente pelas pré-candidatas. A experiência política e a relação com a autopercepção, colocada por Lawless

[11]Como explicitado no capítulo de Materiais e Métodos, estas pré-candidatas não afirmaram sua autodeclaração racial no momento da entrevista, e sem as candidaturas efetivadas, não possuem esse registro no Portal de Candidaturas do TSE.

e Fox (2010) como essencial para o reconhecimento de suas capacidades, não é um problema para essas pré-candidatas. Todas apresentam experiência na arena política, visto que relatam longas vivências em movimentos sociais e instâncias de deliberação política, e eleitoral, pois já haviam sido candidatas em pleitos anteriores (com exceção de uma). Por suas experiências de trabalho e militância, afirmam serem confiantes de suas aptidões para assumir o cargo de vereadora. A menção também é positiva para o apoio externo, de familiares, amigos, colegas de trabalho e conhecidos. As sete pré-candidatas contam possuir uma rede de incentivo, que as encoraja a perseguir a carreira política, e em alguns casos oferece suporte com outras demandas da vida.

Outros recursos podem ser evidenciados como possíveis causas da candidatura falha para determinadas participantes. A literatura aponta o apoio partidário como um ponto crucial no lançamento de candidaturas competitivas, especialmente diante do papel *gatekeeper* que desempenham (Norris; Lovenduski, 1995; Araújo, 2005; Lawless; Fox, 2010; Gatto; Thomé, 2024). Apesar de quatro das mulheres relatarem forte apoio partidário, com incentivos frequentes às suas candidaturas e suporte financeiro, jurídico e instrucional, esse não é o caso para as restantes. Lúcia Neves, pré-candidata pelo PT, revela que o partido nunca provocou diretamente sua candidatura, sendo a possibilidade levantada sempre por terceiros; e as duas pré-candidatas pelo PSOL contam que já conseguiram bastante apoio dos líderes em pleitos anteriores, mas enfrentam atualmente um clima desarmônico que não as beneficia. Envolvidas há muito tempo na militância partidária, elas afirmam que as intrigas internas são responsáveis pelo descaso com suas candidaturas. O único motivo pelo qual permanecem no partido é por ainda acreditarem na luta que fomentam e na capacidade da organização a nível nacional. Dizem que o diretório municipal do PSOL é dirigido por um grupo seleto com maioria masculina, centrado em seus interesses e excludente de mulheres que não comunguem com suas ideias. Esse relato também esteve presente na fala de outras pré-candidatas que foram filiadas ao PSOL em algum momento, e será mais destrinchado na subseção 5.3, que investiga a relação das mulheres com os partidos.

Outro recurso ambíguo é a disponibilidade de tempo. Entre as sete, quatro dispõem de espaço em suas rotinas para encaixar os afazeres da vida política, e os motivos para isso passam pelo apoio da família com as atividades domésticas e de cuidado, pelo envolvimento político já estar presente em suas ocupações, e pela carga reduzida de trabalho para as aposentadas. No entanto, as outras três relatam grande dificuldade de manejar todas as demandas. Lúcia Neves prioriza estar com sua família e o trabalho; já Vivi Ferreira e Débora Fonseca recentemente tiveram suas vidas reestruturadas, e aprendem a lidar com as novas

responsabilidades – ambas citadas na seção de resultados, Vivi é a única pessoa disponível para assumir os cuidados com a mãe idosa e doente, e Débora reorganiza sua rotina com a profissão e o filho pequeno após perder o marido repentinamente. Lawless e Fox (2010) indicam a falta de tempo, especialmente devido às designações sociais de cuidado reservadas às mulheres, como grande causadora de prejuízo nas candidaturas femininas. Esse discurso se confirma nas figuras políticas brasileiras entrevistadas por Sacchet (2011).

A ambição política também possui relatos positivos e negativos entre as não efetivadas. Vivi e Débora são as únicas duas mulheres que apresentam grande motivação própria para concorrer, visto que acreditam nos projetos que constroem, de melhorias ambientais e para a população e renovação política. Trilhando este caminho desde eleições anteriores, apontam a persistência como primordial no processo até a vitória. As cinco restantes, entretanto, narram vontades quase opostas: concorrer a um cargo não é a primeira opção de nenhuma delas. Recaem na categoria apresentada durante os resultados: são as mulheres filiadas a partidos de esquerda que acreditam na luta coletiva, e por necessidade de construí-la, aceitam sair em disputa eleitoral. A falta de desejo de compor a chapa de candidatos vem principalmente de duas fontes: o receio da vida pública pelo sacrifício exigido e sujeição ao julgamento alheio, e o desestímulo frente às violências sofridas. Com anos de experiência no movimento político-partidário, as discriminações, assédios, conflitos com outros membros e desilusão com a política e o partido desgastam a ambição dessas mulheres. Segundo elas, a carga mental cansa bastante, e com idades avançadas, acreditam não ser mais o espaço que devem ocupar. Como indicado pelos presidentes partidários e por Lawless e Fox (2010; 2012), estar deficiente deste recurso fundamental gera chances mínimas de eleição, pois não há perseverança para enfrentar a exaustiva corrida eleitoral – o que diminui significativamente suas possibilidades de candidatura.

Por fim, a condição financeira é o único consenso entre as sete pré-candidatas: utilizar de recurso próprio não é uma opção. Majoritariamente funcionárias públicas da educação básica e saúde ou aposentadas desta área, afirmam que seria muito difícil captar parte de seus salários para usar na campanha, e com exceção de uma, as doações e empréstimos de familiares também são escassas. Este impedimento, no entanto, não diverge de quase toda a amostra entrevistada. Logo, não pode configurar o motivo de suas exclusões. Por outro lado, o apoio financeiro do partido é assegurado a todas, mesmo que apenas a quantia reservada pela cota, sem complementos. O retratado pelas pré-candidatas corrobora com o colocado pelos líderes dos partidos de esquerda: ainda que o valor seja baixo, o dinheiro da cota de gênero e racial do Fundo Eleitoral é garantido. Corrobora também com o que é delimitado por outros

estudos: partidos de esquerda garantem o financiamento das candidaturas femininas (Sacchet, 2011) e cumprem o prometido, dado que financiam superiormente suas candidatas (Eduardo, 2017).

Comparando com as mulheres que oficializaram as candidaturas, as principais dificuldades também se referem ao tempo dedicado, apoio partidário e condições financeiras. Como exposto no capítulo anterior, a queixa de precisar desdobrar-se para dar conta de todos os afazeres foi muito comum; algumas precisaram migrar de partido para encontrar o suporte adequado, outras possuem reclamações do partido atual, e certas participantes relatam frustração por não possuírem seus potenciais devidamente reconhecidos pelos líderes; similarmente, dispor de dinheiro próprio para cobrir os gastos da campanha é raro, e apesar de não receberem montantes expressivos dos partidos (quando recebem algo), assumem esta como uma dificuldade inerente à campanha realizada por mulheres em partidos menores em uma cidade do interior. Elas expressam um sentimento de resignação, fazem a campanha com o que lhes é oferecido, e muitas afirmam que o dinheiro não é o mais importante para conseguir a vitória – embora não deixem de reconhecer o privilégio que esse recurso dá aos políticos já estabelecidos, pois proporciona maior estrutura e maiores chances de eleição (vide Eduardo, 2017). Essas denúncias correspondem totalmente ao colocado por outras candidatas e eleitas, visto em pesquisas feitas por Sacchet (2011) e Gatto e Thomé (2024), de forma que as dificuldades das pré-candidatas petrolinenses não divergem da realidade brasileira. No entanto, entre todas as candidatas oficiais, um elemento que se distingue é o impulso proveniente de si para a vida política. O desejo de trazer atenção a suas pautas faz com que tenham resiliência para enfrentar as dificuldades e realizar suas campanhas da forma que for possível – sem dinheiro, deixando os filhos com a família, com o apoio de amigos para distribuir santinhos. Essa força de vontade, segundo Lawless e Fox (2010), é o principal motor das mulheres.

Nessa toada, a ambição política pareceu ter papel importante nas vitórias eleitorais das participantes. Das vinte e duas entrevistadas e quinze candidatas, duas foram eleitas. Uma delas não trouxe surpresa: Ana Lúcia, vereadora agora reeleita para seu sétimo mandato. Sua realidade alinha-se com o que a literatura indica gerar chances elevadas de eleição: já ocupava uma cadeira na Câmara, e orienta seus posicionamentos e ações com o grupo da situação local (Kerbauy, 2005; Araújo, 2005; 2010). Eleita pelo União Brasil, partido do grupo político dominante na cidade e que garantiu a continuidade na prefeitura, Ana Lúcia detém aporte institucional importante. Embora reconheça as dificuldades decorrentes do gênero, declara ter acesso aos cinco recursos. A segunda mulher eleita é mais surpreendente: Sirlene Souza,

candidata de primeira viagem. Saindo pelo DC, relatou acolhimento da líder, mas recebeu claras instruções de que seus votos serviriam majoritariamente para ajudar a reeleger um vereador do partido. No entanto, o resultado a consagrou vereadora, ao lado de um colega do partido também eleito pela primeira vez. Sirlene é liderança de um bairro periférico há muitos anos, e sua maior força era o apoio de sua comunidade e a vontade de fazer a diferença. Além de Ana e Sirlene, mais uma mulher foi eleita para a Câmara de Vereadores. Ela integra o grupo familiar que lidera o município e participa do mesmo partido (União Brasil), de modo que suas contribuições ao trabalho seriam de grande valia, visando compreender sua experiência a partir do lugar que ocupa na arena política local. No entanto, apesar de sua aparente relevância, não foi possível entrevistá-la para a pesquisa.

Dessa forma, entre as pré-candidatas que oficializaram suas candidaturas, as não exitosas, e as eleitas, três recursos se destacam: o apoio na frente partidária, a disponibilidade de tempo e a ambição política. No grupo das não-candidatas, o primeiro recurso, embora apareça com certo peso, em especial para as que possuem conflitos dentro do partido, assume um lugar periférico nos discursos, ao mesmo tempo que ajuda a provocar a falta do terceiro. A carência de ambição política toma o protagonismo das falas das mulheres, e parece ser o motivo pelo qual suas candidaturas não foram lançadas. Afinal, se o fariam para ajudar o partido na luta coletiva, e posteriormente não saíram candidatas, pode-se concluir que suas candidaturas não se fizeram necessárias – espera-se que em decorrência do lançamento de outras mulheres com maior ambição e potencial competitivo. Esse recurso também parece ser o diferencial para as que homologaram suas candidaturas e as que foram eleitas. Para as duas mulheres que tinham vontade mas não se tornaram candidatas, o grande empecilho parece ser a falta de tempo. A prioridade dada a suas responsabilidades com a família as impediram de seguir com seus planos eleitorais. Os recursos enunciados concernem os dois campos que interferem na entrada e permanência das mulheres na política: a visão sociocultural ligada ao sexo feminino, e a arena partidária e suas lacunas. Expando a discussão sobre eles adiante.

5.2. A influência da questão sociocultural

Durante as entrevistas, uma questão perguntada aos líderes partidários e às pré-candidatas correspondia a qual das partes costuma tomar a iniciativa para lançar candidaturas femininas. A lógica por trás dessa pergunta baseou-se na ideia de oferta e procura (*supply* x *demand*) de Norris e Lovenduski (1995), que procurava saber qual lado pesa mais na balança do recrutamento partidário. O objetivo era entender qual das partes envolvidas agia de forma a prejudicar a presença de mulheres na política, com a falta de apoio

(pelo lado dos partidos) ou iniciativa (pelo lado das mulheres). Norris e Lovenduski usaram cálculos de regressão linear com o número de pessoas participando do processo em cada etapa para responder a pergunta, e os resultados indicaram que, em certos aspectos, a culpa era atribuída aos partidos, em outros, às candidatas; e alguns apresentavam equilíbrio. Não busco replicar a forma de medição das autoras, mas utilizar a ideia para compreender qualitativamente como as pessoas entrevistadas veem essa situação. Sendo uma das últimas perguntas feitas, os participantes tendiam a fazer uma reflexão analisando tudo que já havia sido debatido e suas próprias experiências.

Como visto anteriormente, dois dos motivos mais relevantes que empataram a candidatura das que não sucederam foram o desestímulo, proveniente da minguada ambição política, e a restrição de tempo para dedicação. Para Norris e Lovenduski (1995), estas mulheres estiveram no processo de recrutamento na arena da não-decisão, ou seja, o acesso limitado a recursos essenciais resulta em uma impossibilidade da participação, mesmo que essa seja desejada. O impedimento causa frustração, muito narrada por estas pré-candidatas:

> *Minha candidatura para esse ano seria uma candidatura natural, para dar continuidade à de 2020, mas a questão familiar me impede. Agora mesmo eu estou cozinhando, fazendo almoço, enquanto os meus companheiros e companheiras estão em reunião com o nosso senador, discutindo as eleições 2024, ou seja, uma demanda familiar me tira desse lugar e, consequentemente, eu me afasto. Claro que isso é só um dos aspectos, mas esse é o mais evidente, esse é o mais determinante para esse ano. (Vivi Ferreira, pré-candidata pelo PT)*

A responsabilidade pelo cuidado costuma ser designada às mulheres, noção definida pelos papéis de gênero socialmente estabelecidos (Lawless; Fox, 2010; Sacchet, 2011; Araújo, 2020). A literatura indica que a reserva do ambiente privado ao trabalho feminino ainda prejudica a entrada das mulheres na política, e mesmo face aos avanços legais e sociais, essa noção se confirma com pesquisas recentes e com a amostra do presente estudo (Lawless; Fox, 2010; Araújo, 2010; 2020; Sacchet, 2011; Gatto; Thomé, 2024). Tanto as mulheres quanto os líderes partidários comentaram o assunto:

> *Tem [...] a falta de interesse das mulheres, porque a gente tem um mito que as mulheres têm que ficar mais [nos bastidores], ser secretária, ou estar em algum serviço que é só de servir. [...] É uma das lutas que eu estou dentro do PSOL, para que a gente possa inclusive filiar mais mulheres, mas mesmo assim essas mulheres que eu filiei são tímidas, têm receio, tem as coisas de casa, sempre uma não pode ir porque está fazendo um serviço em casa, tem a questão do trabalho, porque além de trabalhar fora, tem os afazeres de casa, quando chega vai fazer e termina impossibilitando a participação. (Vitória Bastos, pré-candidata pelo PSOL)*

> *Muitas até têm a vontade de serem candidatas, e aí começam a esbarrar, por exemplo, que o esposo não apoia a candidatura, que a família não apoia a candidatura. É uma coisa muito cultural. Às vezes os filhos não estão apoiando ali a candidatura, ou então ela é mãe com um filho muito novo, tem muito isso. (Líder do Partido Liberal)*

A ‘’psiquê generificada’’ (*gendered psyche*) de Lawless e Fox (2010), ou seja, o inconsciente coletivo social sobre as mulheres, é a segunda razão mitigante apresentada. Esse motivo se refere a concepções socialmente aceitas que ditam o comportamento supostamente adequado a esta parcela da população: possuir decoro, não se exaltar, assumir posições de submissão são exemplos. Mulheres que saem desse padrão são taxadas de loucas, desequilibradas, histéricas – adjetivos usados com o intuito de descredibilizar suas faculdades mentais e habilidades (Araújo, 2010; Lawless; Fox, 2010; 2012; Gatto; Thomé, 2024). Os autores mencionados acusam que a pressão psicológica para corresponder aos padrões esperados pode influenciar diretamente na ambição política feminina, pois o menosprezo gera a crença de que não se encaixam no ambiente:

> *Também tem uma questão da própria propagação de que eles fazem com que as mulheres se sintam inferiores, de que elas não são capazes, e eles sim, que elas fiquem fazendo os seus outros serviços, que nós não somos capazes de gerir uma cidade, um estado, que não somos capazes, não tem esse manejo, e acaba inibindo as mulheres. (Lila Gomes, pré-candidata pelo PDT)*

> *Em partido é uma violência mais leve, mas geralmente eles fazem [algo]. Como eu coloquei, essa questão da voz, que tem que ser um homem contra outro homem, então isso já é uma violência para a gente, achando que nós não somos capazes de debater com o outro gênero. (Vitória Bastos, pré-candidata pelo PSOL)*

O terceiro e último causador apontado por Lawless e Fox (2010) como agente que tolhe a participação feminina é o ambiente masculinizado da política, produto dos anteriores. O pressuposto é que as instituições políticas não foram criadas por nem para as mulheres (Htun, Power, 2006; Krook, 2009; Sacchet, 2013), o que se confere até no aspecto físico. Um exemplo claro é a estrutura do Senado brasileiro, que construiu banheiros femininos no plenário apenas em 2016 (Bancada feminina do Senado, 2016). Alguns autores apontam que há dificuldade por parte dos homens de abrir mão de seus espaços de poder, e a resistência a mudança se expressa através das discriminações imputadas ou do uso de estratégias que restringe e controla a presença feminina (Norris; Lovenduski, 1995; Taylor; 2000; Htun; Power, 2006; Krook, 2009; Gatto; Wylie, 2012). Dessa forma, o espaço político se torna hostil para as mulheres, o que se confirma em seus discursos:

> *[...] De uma certa forma, como é um meio tão predominado por homens, a gente sente o machismo exalando de todas as formas. É uma disputa diária, não só porque você tem que mostrar que é boa, mas que você tem que ser forte o tempo todo para suportar e superar esse machismo, essa autoridade, essas coisas de eles se imporem, de quererem excluir você porque você é mulher. (Lila Gomes, pré-candidata pelo PDT)*

> *Eu acho que a mulher tem um certo medo do ambiente. O ambiente é hostil, o ambiente político é hostil. [...] Mas, devagarzinho está mudando, mas está muito*

> *lento, muito devagar. Na política, principalmente, que é o meu espaço de trabalho, eu vejo essa mudança muito lenta. [...] E assim, eu vejo pouca vontade também das lideranças, sabe? Pouca vontade. A mulher ainda é olhada… Um pouco de invisibilidade nesse setor, tá? Para ela conseguir um destaque nesse setor, ela tem que ser muito boa. Muito boa, realmente. (Líder do Democracia Cristã)*

Assim, mesmo que as pré-candidatas aparentem ter descartado suas candidaturas por razões pessoais, os motivos que as levaram a retirar seus nomes da competição derivam de fatores psicológicos e sociais que minimizam suas condições. O outro motivo apresentado para suas desistências, relacionado ao apoio com os partidos, também pode ser interpretado sob essas lentes. As instâncias decisórias dos partidos são formadas majoritariamente por homens (Roeder, 2024), que vivem no ambiente masculinizado da política, e possuem suas crenças sobre a figura da mulher e seu desempenho formadas nas concepções sociais (Taylor, 2000; Htun; Power, 2006; Krook, 2009). Em locais que historicamente reforçam os estereótipos de gênero (Chilcote, 1991; Miguel; Queiroz, 2006), a transferência dos critérios discriminatórios para o processo institucional pode ser mais aparente. Na próxima seção, exploro a relação das pré-candidatas com os partidos.

5.3. O impacto dos relacionamentos com os partidos

Se por um lado, os obstáculos pessoais de cada pré-candidata geram desqualificação de suas candidaturas, por outro, as organizações partidárias ainda prejudicam o lançamento de mulheres (Sacchet, 2020). Nesta porção, confiro como os resultados sobre os partidos nas esferas organizacional, eleitoral e ideológica se relacionam à literatura utilizada, e abordo os desafios ressaltados pelos participantes.

Apresentado na revisão bibliográfica, o recrutamento partidário pode ser menos ou mais inclusivo a depender da extensão em que participam os membros e quem detém o poder da decisão final (Norris, 2006). Nesse sentido, os partidos de esquerda tendem a ser mais democráticos e inclusivos no escopo decisório, e os de direita a adotar um processo exclusivo, onde participa um grupo seleto (Araújo; Diniz, 2009; Roeder et al, 2018). A conformidade com os entrevistados não é integral: o PCdoB e PSOL, de esquerda, e o DC, de direita, relatam debater as candidaturas com todos os filiados. Entre esses, a votação final também abrange o corpo partidário completo, com exceção do PSOL, que limita a escolha aos líderes municipais. Os demais partidos de direita (PL e PSDB) e esquerda (PT e PSB) escolhem suas candidaturas a partir de conversas entre os diretores executivos, e a votação também é reservada a esse grupo. Os motivos apontados pelos líderes para seguir esta forma de

organização a nível local são duas: a preocupação programática de partidos com teor ideológico mais forte, e o controle do grau de competitividade de seus candidatos.

O primeiro motivo confere-se em Roeder et al (2018), que indica a exclusão dos filiados na decisão final como uma estratégia para garantir a qualidade das candidaturas no quesito ideológico. Exposto na parte de resultados, esse aspecto foi muito enfatizado pelos líderes de esquerda, pois há expectativa que seus candidatos representem fielmente os ideais do partido. Embora seja uma característica predominante nessas organizações (Roeder et al, 2018), não se limita a elas, visto que o PL e o DC também revelam cuidado com a coerência ideológica entre partido e candidatos. Assim, alguns partidos da direita brasileira têm apresentado maiores tendências programáticas (Bolognesi et al, 2023), o que pode decorrer da recente ascensão de valores e práticas conservadoras na política mundial (Levitsky; Ziblatt, 2023). Aqui, o PCdoB e o DC são exceções, pois apesar de conferirem forte valor a ideologia, possuem processos de recrutamento inclusivos. A explicação advém exatamente da prerrogativa de inclusão: os presidentes locais afirmam que as organizações são plataformas de apoio e visibilidade a pessoas e agendas menos favorecidas (no PCdoB, valorizam-se figuras que reforcem a luta socialista; já no DC, o objetivo é alavancar a carreira política de pessoas com menos oportunidades).

Se o primeiro motivo refere-se a comportamentos mais *policy-seeking*, o segundo possui razões eleitoreiras. Diante de uma Câmara Municipal composta por um grupo fechado e de forte apelo popular, a seleção criteriosa e restrita a um grupo responde a uma necessidade de avaliar quais personalidades possuem potencial eleitoral maior. Esse comportamento de busca por cadeiras (*vote-seeking*) se confere sem distinção ideológica, sendo adotado pelo PT, PSB e PSOL, pela esquerda, e PL e PSDB, pela direita. Esses resultados correspondem ao que parece ser o padrão dos partidos a nível nacional (Bolognesi et al, 2023). A esfera *office-seeking*, que busca compor o governo através de acordos e permutas (Bolognesi et al, 2023), racionalmente se reflete nos partidos que estabelecem uma relação de apoio mútuo com a legenda e os candidatos da majoritária pertencentes ao grupo político dominante (Viscarra, 2022) – dentre os entrevistados, o DC e o PSDB.

Em relação ao incentivo às mulheres, os estudos sinalizam maior lançamento e financiamento de candidaturas femininas por partidos de esquerda (Norris; Lovenduski, 1993; Araújo, 2005; Kelbel, 2014; Eduardo, 2017), mas a apresentação das candidaturas e intenções de financiamento da amostra não sugerem diferenças entre ideologias partidárias. Todos os partidos entrevistados respeitaram a quantidade mínima de candidatas[12], com destaque para o

[12]Resultado conferido no Portal de Candidaturas do TSE.

PSDB, que lançou uma a mais do que seria obrigatório. Esses resultados podem ser influenciados pela fiscalização mais atenta que parte da instituição e da sociedade, verificável em ações dos órgãos públicos como campanhas de incentivo à participação feminina (Mulher na política, 2024). O receio da represália pode acarretar no cumprimento da lei – ainda assim, não é possível assegurar que todas as candidaturas apresentadas são reais (Gatto; Wylie, 2012). Para a análise a nível local, o discurso dos líderes é de reconhecimento da responsabilidade do partido em oferecer suporte às candidaturas femininas, e todos alegam efetuar ações de encorajamento e procura ativa por candidatas competitivas, situação exposta na seção 4.1.4. Confirmam respeitar a cota de candidatura e de financiamento, assim como dispor de secretarias especializadas cujo objetivo é incentivar a integração de mulheres (o que não é legalmente obrigatório, mas é incentivado desde 2009 pela emenda adicionada à Lei n. 9.096/1995 [Roeder, 2024]). As respostas positivas e confiantes dos líderes não são inesperadas, vide que captar o teor discriminatório em depoimentos, especialmente frente à pressão social e à cessão voluntária de entrevista a uma pesquisa que discute o tema, é uma tarefa árdua (Matland, 2002; Sacchet, 2013). Assim, dado o viés qualitativo deste estudo e com coleta prévia ao *debut* das candidaturas, uma fonte alternativa para avaliar o comportamento dos partidos são as pré-candidatas.

Visto na amostra e em outros estudos brasileiros (Sacchet, 2011; Gatto; Thomé, 2024), as mulheres que se sentem contempladas por seus partidos, tanto em candidaturas anteriores quanto no momento de pré-campanha, sentem mais segurança de participar da competição eleitoral. Entre as vinte e duas entrevistadas, dezesseis estão satisfeitas com o atual suporte oferecido (lembro que, das seis restantes, três ainda não eram filiadas a nenhum partido no momento da entrevista, o que resulta em somente três insatisfações atuais). No entanto, para grande parte, o amparo partidário não veio de primeira: das vinte e duas, oito realizaram migrações partidárias. As razões estão sempre relacionadas ao abandono ou menosprezo por parte dos líderes, que causam desconforto e desestímulo nas mulheres – em conformidade com os achados por Sacchet (2011; 2020). As mulheres relatam que estes partidos as recrutam por conveniência, mas depois as isolam e/ou não fomentam suas ações. Contam que lançam suas candidaturas para ajudar na composição da chapa, mas que subestimam seus verdadeiros potenciais, ou ainda utilizam deles com o intuito de conquistar mais votos de legenda (ou seja, não há intenção verdadeira de eleger seus nomes) – hipótese também levantada por Gatto e Thomé (2024).

No parâmetro ideológico, as migrações dividem-se da seguinte forma: duas migraram entre partidos de esquerda; três entre partidos de direita; e três para partidos de ideologias

opostas, saindo da esquerda para a direita. As cinco derradeiras, filiadas a partidos de direita ou vindas para este lado, assumem suas pretensões eleitorais, e afirmam que as mudanças foram feitas em busca de um lugar onde se sentissem devidamente respeitadas e apoiadas por seus colegas, ou para acompanhar os grupos que lideram a política local. Para as migrantes no campo da esquerda, a insatisfação também deriva da falta de suporte, e isso parece ser um baque maior para estas pré-candidatas. A noção de que a esquerda é mais receptiva às mulheres (Araújo, 2005; Araújo; Diniz, 2009; Sacchet, 2011; 2012) faz com que, ao se depararem com mínimo apoio e descrédito de suas habilidades, se desiludam da política. O mesmo acontece com as pré-candidatas originalmente filiadas a partidos de esquerda e com as três que estão atualmente insatisfeitas com suas organizações. Nesse sentido, dois partidos ganham atenção a nível local: o PT e o PSOL. As reclamações são diversas, e sempre passam pela máxima de que esses partidos não cumprem com o que supostamente defendem. A exemplo, Camila Rocha, que relatou inércia do partido frente a uma ação que ela propôs e que os líderes disseram apoiar durante seu recrutamento:

> *Em 2022, o PSOL teve a oportunidade de defender uma dessas pautas que eles dizem que defendem, que é a justiça social e a segurança pública, que é a vida, e não o fez, quando foi com a CPI. [...] Quantas e quantas vezes eu liguei para eles, compartilhei o inquérito com eles, compartilhei demandas importantes como corrupção por parte de agentes públicos e não houve sequer nenhum tipo de manifestação, nenhuma movimentação dentro do mandato. Isso vai te desestimulando, ''pô, será que esse partido realmente defende as pautas que diz que defende?'' Mas, enfim, acreditando ainda no partido, liguei para o presidente estadual e para a deputada que estava no mandato e tive a surpresa com a negativa de que eles não iriam apoiar a CPI. Pior ainda, fui surpreendida posteriormente com a posição que ele tomou, que foi contra a criação da CPI, ainda fez movimentação lá dentro para que ela não fosse espalhada. Aí eu fiquei puta da vida, eu disse: "Não, aí já é demais, estão me expulsando do partido". Bom, o partido está aqui, dizendo que apoia a vida, a segurança, a justiça social e na primeira oportunidade que tem de investigar… porque a CPI não pune, mas sim investiga, então, é uma atribuição do parlamentar, do legislativo. Uma vez que se recusa a fazer parte dessa investigação, o partido é conivente, certo? Eu não pensei duas vezes e me desfiliei porque eu não iria compactuar com aquele crime que eles estavam cometendo ali e o partido ficou inerte. Então foi difícil, porque eu acreditava no partido, sabe?*

Filiada ao PT, Alane Araújo expressa sua indignação com as atitudes do partido, que prioriza alguns filiados em detrimento de outros:

> *Vontade de sair [do partido] eu já tive. Mas não é nem pelo partido, é por algumas pessoas. Porque a briga é interna. Então já tive vontade de sair [do partido]. Porque eles não lembram da gente, só lembram da gente nessas horas [de necessidade]. [...] Assim, poderia ser melhor. Se as pessoas fossem unidas, se fossem compartilhadas as coisas certas e tudo por igual. Mas não. Eles pontuam e escolhem as pessoas deles, e os outros ficam de fora. Isso é o que deixa a desejar. Eu poderia ser uma das queridinhas, mas não sou. Já tem ali os preferidos deles. É assim aqui. Não era para ser assim, lógico.*

Apesar disso, algumas mulheres nem cogitam trocar de legenda ou sair do campo da esquerda. Essa decisão surge, principalmente, da conexão que sentem com a ideologia dos partidos. Para as que, mesmo descontentes, permanecem na mesma legenda, o apego ao plano de sociedade pelo qual lutam supera a organização partidária. Outras decidem tentar a sorte em partidos de ideologia análoga, e muitas encontram o apoio esperado, como é o caso das filiadas localmente ao PCdoB.

Mais uma vez, o controle das instâncias decisórias das legendas no município é ressaltado, pois a lógica da competição local parece influenciar o recrutamento. Os partidos que dispõem de maior aparato para disputar cadeiras selecionam seus candidatos a fim de otimizar suas chances, o que se torna ainda mais necessário face ao grupo político continuamente reeleito. De um lado, isso responde aos princípios comuns da disputa eleitoral; por outro, para partidos que notoriamente oportunizam diferentes grupos a alcançarem posições de poder, a estratégia pode desagradar filiados que discordam das atitudes. Essa configuração confirma a adaptação da estrutura da disputa e dos partidos à lógica municipal, posto em outros estudos de sistema partidário e recrutamento a nível local (Carneiro; Almeida, 2008; Roeder et al, 2018; Vilarouca et al, 2022).

Com isso, vê-se que os partidos políticos, embora demonstrem esforços de integração feminina, ainda agem de modos que escanteiam as mulheres na competição eleitoral. Pelos depoimentos vistos nesta pesquisa e em similares (Sacchet, 2011; Gatto; Thomé, 2024), a discriminação de gênero por vezes assume tons mais sutis, pelas vias de descredibilização e menosprezo. Isso pode ser interpretado como consequência direta dos valores culturais referentes ao gênero, dado o contexto histórico e social em que se insere o aparato institucional (Matland, 2002; Krook, 2009). Além do desestímulo às mulheres, a diluição do preconceito em atitudes e pensamentos é de difícil alteração. Htun e Power (2006) questionam se a mudança institucional faz realmente alguma diferença se o pensamento dos componentes do corpo estatal ainda segue a hierarquia de gênero – uma válida proposição de debate. Ademais, reitero outro problema, este de cunho metodológico: assim como reverter esse raciocínio, a sutileza da exclusão torna a mensuração empírica destes fatores complexa.

5.4. As mulheres persistem

Mesmo diante de todos os quesitos que as afastam da política, as mulheres detém força. A persistência delas se apresenta em suas vontades de levantar as pautas de seus grupos, no ímpeto de renovar a política, na declaração de que ajudar ao próximo é o propósito

determinado por Deus, e principalmente, na oportunidade de representar a parcela feminina da população petrolinense.

Os discursos esperançosos de uma sociedade mais equilibrada quanto ao gênero foram unânimes entre as participantes, e muitas de suas motivações partem desse desejo. A proposição das mulheres enquanto figuras capazes, hábeis, estratégicas, atenciosas e sensíveis, embora responda às noções socialmente atreladas ao feminino e que não reflete uma personalidade inerente a elas (Lawless; Fox, 2010; 2012), colabora para a valorização da mulher nas falas, e as elevam a um patamar de confiança e reconhecimento de suas contribuições. A rede de conexão entre elas também se mostra uma poderosa fonte de incentivo e solidariedade.

Para encarar os desafios, as pré-candidatas com mais experiência contam que o segredo é chegar devagar, mostrando competência e dando abertura para que os homens compreendam seu valor. Com isso, estão determinadas a galgar o lugar da mulher na política, mesmo que pareça incomodar aos poderosos estabelecidos. Para isso, lutam pela maior participação nas instâncias partidárias, estudam a política, estrategizam seus movimentos, e pretendem incitar cada vez mais mudanças institucionais que as beneficiem. Assim, esperam tornar a variável gênero em um fator que não enviesa os resultados eleitorais (Sacchet, 2013). Evidenciam, sobretudo, a necessidade de vigilância constante para assegurar seus direitos e proporcionar condições melhores para as vindouras:

> *Se eu tivesse hoje a oportunidade de dizer às mulheres que querem fazer parte desse processo, elas precisam lutar por esse respeito porque é muito dinâmico. [...] Você tem que lutar para que esse respeito permaneça, para que a gente, enquanto mulher, não seja violentada nesse espaço que deveria nos proteger. Para que a gente possa proteger outras mulheres. A permanência do respeito é fundamental, isso aí a gente não pode perder de jeito nenhum. Ou seja, é uma luta permanente, até a gente vencer todos esses preconceitos, mas o que a gente não pode abrir mão de forma alguma é de fazer parte dessa estrutura. (Camila Rocha, pré-candidata pelo PSDB)*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho explorou como ocorre o recrutamento partidário de mulheres para as eleições legislativas municipais em um estudo de caso em Petrolina, buscando analisar como o acesso das pré-candidatas aos recursos necessários à vida política e o relacionamento com os partidos influenciou o processo.

Os pressupostos teóricos que baseiam a pesquisa relacionam-se, por um lado, aos partidos e o processo de seleção realizado pela organização, que considera o escopo da decisão, quem são os seletores e quais critérios ditam a escolha; por outro, às motivações e condições que proporcionam a candidatura feminina, assim como o pano de fundo sociocultural converge e contrasta com estes desejos. Ademais, o escopo local que situa a pesquisa analisa como a estrutura da disputa municipal interfere no recrutamento, no viés partidário e das aspirantes a vereadora. Vale ressaltar que este trabalho configura um estudo de caso, logo, os resultados debatidos e aqui sumarizados não podem estender-se a outras realidades municipais sem prévia pesquisa.

Os principais achados em relação ao processo nos partidos revelam que a classificação ideológica não reflete o nível de inclusividade da seleção, de modo que os métodos de escolha parecem responder primariamente à chance que as organizações possuem de disputar as cadeiras da Câmara de Vereadores, o que contrapõe determinados estudos (Araújo, 2005; Araújo; Diniz, 2009), mas conforma com outros que também fazem o recorte municipal (Roeder et al, 2018; Vilarouca et al, 2022). Dessa forma, confirma-se que a estratégia partidária responde ao modelo da competição local, que necessita de fortes nomes para competir com os vereadores estabelecidos da política municipal (Vilarouca et al, 2022). Além disso, observa-se a dependência de determinados partidos de alinharem-se aos candidatos preferidos à eleição majoritária, que compõem o grupo político dominante da cidade há décadas, para conseguir apoio financeiro e eleitoral aos seus candidatos – o que também corrobora com achados sobre a tendência clientelista dos legislativos municipais brasileiros (Kerbauy, 2005) e sobre o padrão da política petrolinense (Santos, 2003; 2013; Aquino, 2011; Viscarra et al, 2021; Viscarra, 2022). Outro ponto determinante do recrutamento, tanto no processo interno do partido quanto nas características procuradas em seus candidatos, é a congruência ideológica entre organização e membros. Para os partidos propensos à programaticidade, de direita e de esquerda (Bolognesi et al, 2023), é importante se certificar que seus representantes partilham dos mesmos valores e reconhecem que estão ajudando a construir a visão coletiva do todo. A consequência, para o aspecto decisório, é a limitação de escolha dos candidatos a grupos exclusivos (Roeder et al, 2018).

No que tange às mulheres, os partidos demandam sua participação pela obrigatoriedade legal. De forma geral, os líderes reconhecem a responsabilidade da organização em tomar a iniciativa de integrá-las, e embora usem de estratégias que incentivem a população feminina, ainda apresentam dificuldade em recrutar candidatas competitivas. Por sua vez, as pré-candidatas relatam enfrentar desafios com os líderes e com o meio político-eleitoral. O ambiente é hostil, permeado por noções antiquadas e machistas sobre o papel social designado ao sexo feminino, e o desprezo masculino surge em discriminações sutis – olhares desdenhosos, piadas, exclusões de determinados momentos de debate ou descontração. Esse panorama não diverge do posto por outros autores que pesquisam as mulheres na política mundial e brasileira (Norris; Lovenduski, 1993; Araújo, 2010; 2020; Lawless; Fox, 2010; 2012; Sacchet, 2011; 2012; Gatto; Thomé, 2024). Os retratos da violência ainda são frequentes, e embora muitas admitam que o gênero é protagonista dos ataques (principalmente por meio da violência simbólica como descrita por Krook e Sanín [2016]), outros fatores também influenciam. As pré-candidatas de oposição sofrem perseguição política com mais frequência, assim como as que possuem maior potencial eleitoral; para além, a raça e a condição socioeconômica se destacam entre os motivos das injúrias.

Sob a ótica dos recursos, três entre os cinco sobressaem pela escassez relatada e o nível de importância deles para as pré-candidatas entrevistadas: apoio partidário, disponibilidade de tempo e ambição política. O descaso com suas presenças e candidaturas sob a tutela de alguns partidos causou descontentamento e desencorajamento de algumas mulheres, que afirmam ser essa uma das notáveis razões para suas desilusões com a política e desistência da arena eleitoral. Esses depoimentos ocorrem sem distinção ideológica, o que vai de encontro com as expectativas inclusivas sobre partidos de esquerda (Norris; Lovenduski, 1995; Sacchet, 2011). Para a maioria delas, esses conflitos geraram a migração para outros partidos, e grande parcela afirma se sentir contemplada por suas organizações atuais, ao menos nesse momento de pré-oficialização das candidaturas.

Os outros recursos mencionados carregam mais peso na decisão das próprias mulheres sobre suas candidaturas. Certas participantes revelam não ter a possibilidade de dedicar tempo às atividades políticas devido a compromissos familiares, e a carência (ou perda) de ambição política frente às dificuldades gera crescente desestímulo. Estes dois recursos são indicados pela literatura como cruciais às mulheres (Lawless; Fox, 2010; 2012), e a falta de acesso a eles situa as pré-candidatas entrevistadas em uma área de não-decisão (Norris; Lovenduski,

1995), pois não tê-los influencia diretamente em seus desejos e chances de candidatura e vitória.

Um último recurso que vale menção é o financeiro: embora seja frequentemente apontado nas pesquisas como essencial para o sucesso nas eleições (Eduardo, 2017), as pré-candidatas e os presidentes partidários reconhecem sua importância, mas alegam não ser primordial para suas campanhas. Esse comportamento pode derivar do mencionado costume de tocar campanhas eleitorais com pouco ou nenhum recurso, devido às parcas condições dos próprios candidatos, e ao menor acesso ao dinheiro do Fundo Eleitoral, vide a diminuta porção que recebem os partidos menores em eleições municipais de cidades do interior, algo também ressaltado pelos líderes partidários entrevistados. Novamente, enfatizo que os padrões observados para as pré-candidatas correspondem somente à amostra entrevistada, cuja autosseleção limita-se a um grupo dentro do universo das pré-candidatas petrolinenses. Assim, embora correspondam com resultados de pesquisas em outras instâncias (Araújo; Diniz, 2009; Sacchet, 2012; Gatto; Thomé, 2024), as informações aqui não são passíveis de generalização para grupos maiores de pré-candidatas, a nível municipal, estadual ou nacional.

Diante da agenda política que visa gradualmente inserir as mulheres na política formal, vê-se a importância do incentivo a esta parcela da população pela via institucional. Em um contexto onde os partidos são a principal via de entrada e suporte político, dentro de um aparato institucional que cria e fiscaliza as regras, é responsabilidade desse mesmo Estado abrir caminhos que instiguem o processo de mudança (Htun; Power, 2006). O esforço para a inclusão de mulheres é visto e reconhecido: adoção da política de cotas e de financiamento eleitoral, a criação de secretarias intrapartidárias dedicadas ao tema (Araújo, 2005; Eduardo, 2017; Roeder, 2024). No entanto, as barreiras invisíveis advindas das concepções socioculturais insistem em limitar o acesso desse grupo à política por meio de estratégias informais (Gatto; Wylie, 2012). Ainda assim, o desejo de mudança das faces novatas urge junto com a motivação para ocuparem os lugares que lhes são devidos.

Finalizo com algumas limitações e possíveis desdobramentos da pesquisa. Uma diz respeito ao recorte do momento do processo adotado; mesmo que o objetivo tenha sido avaliar a passagem entre o momento prévio à candidatura para a oficialização desta a partir dos recursos relatados, estender o recorte até o momento posterior a campanha poderia ser benéfico para mensurar como se passou a disputa, principalmente no que tange aos partidos – seria importante saber se as promessas de suporte estrutural, instrucional e financeiro foram cumpridas, e se as candidatas ainda estão satisfeitas com os líderes. Outra possibilidade seria a entrevista de candidatos homens que participam do processo municipal, a fim de comparar

se também relatam divergências (e o teor destas) com seus partidos. Sobre as violências retratadas, a comparação com candidatos do sexo masculino poderia indicar se o que as mulheres sofrem decorre apenas do gênero, ou se outros fatores interferem (a exemplo, poderia-se verificar se homens de oposição também padecem de perseguição política). Por fim, ressalto que coletar e identificar discursos abertamente excludentes de mulheres vindo dos presidentes partidários é muito difícil, sobretudo diante da premissa da pesquisa e da prerrogativa legal de inclusão a qual precisam responder. Por esse motivo, presidentes de partido e filiadas à mesma organização apresentaram visões completamente diferentes sobre o acolhimento oferecido às figuras femininas. Essa é, no entanto, uma adversidade inerente a este tipo de mensuração e abordagem metodológica. Logo, não descarto os esforços feitos pelos líderes, mas não desacredito do que foi narrado pelas entrevistadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguiar, J. As funções dos partidos nas sociedades modernas. In: Análise Social. v. 25, n. 107, p. 287-331, 1990.

Álvares, M. L. Recrutamento político e seleção de candidaturas: acesso às listas e o papel das lideranças no ‘’jardim secreto’’. 6º Congresso da ABCP, 2008.

Alves; J. E.; Araújo, C. A política de cotas no Brasil, o sistema eleitoral e a sub-representação feminina. Congresso da LASA, Rio de Janeiro. 2009.

Anastasia, F. Federação e relações intergovernamentais. In: Avelar, L.; Cintra, A. O. (orgs). Sistema Político Brasileiro: uma introdução. 1a ed. Rio de Janeiro: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung; São Paulo: Fundação Unesp Ed., 2004.

Araújo, C. Cidadania Incompleta: o Impacto da Lei de Cotas sobre a Representação Política das Mulheres no Brasil. Tese de Doutorado, IFCS/UFRJ. 1999.

Araújo, C. Partidos políticos e gênero: mediações nas rotas de ingresso das mulheres na representação política. Revista de Sociologia e Política. Curitiba, n. 24, pp. 193-215. 2005.

Araújo, C. Cotas Femininas e Financiamento de Campanha. Cadernos ADENAUER, São Paulo, v. 1, p. 11-30. 2013.

Araújo, C. Rotas de ingresso, trajetórias e acesso das mulheres ao legislativo: um estudo comparado entre Brasil e Argentina. Artigos Temáticos Mulheres no Mundo do Trabalho • Rev. Estudos Feministas 18 (2). Agosto 2010.

Araújo, C. Divisão sexual do trabalho doméstico como problema político. In: Mulheres, poder e ciência política: debates e trajetórias / organização: Flávia Biroli [et al.] – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

Araújo, C. Borges, D. Trajetórias políticas e chances eleitorais: analisando o ‘’gênero’’ das candidaturas em 2010. Revista de Sociologia e Política, v. 21, n 46. 2013.

Araújo, C; Rodrigues, T. Judicialização da competição política e gênero: ação afirmativa nos Fundos Partidário e Eleitoral no Brasil. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 40, p. 1-31, e260812. 2023.

Archenti, N.; Tula, M. I. Cuotas de género y tipo de lista en América Latina. Opinião Pública, Campinas. vol. 13, n. 1, pp. 185-218. 2007.

Aquino, T. CAMINHOS DO PODER: Práticas Políticas da Família Coelho na Cidade de Petrolina - PE, 1930-1947. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). 121 páginas. Recife, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7928.

Avritzer, L. Modelos de deliberação democrática: uma análise dos orçamentos participativos no Brasil. In: SOUZA SANTOS, B. de (org.). Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização, 2002.

Babireski, F; Roeder, K. A ideologia partidária e a seleção de candidatos nas eleições municipais de 2016 em Curitiba. Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais. v. 4, n 3. 2018.

Biroli, F. Autonomia e Desigualdades de Gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática. Vinhedo: Editora Horizonte. 2014. Edição do Kindle.

Bolognesi, B. Organização partidária: modelos de análise e novas agendas. BIB São Paulo, n. 95. 2021.

Bolognesi, B.; Codato, A.; Cervi, E. Uma Nova Classificação Ideológica dos Partidos Políticos Brasileiros. Revista Dados. Rio de Janeiro, vol 66, n 2. 2023.

Bonavides, P. Ciência Política. São Paulo: Malheiros Editores. 2000.

Braga, M. S.; Bolognesi, B. Dossiê "Recrutamento Político e Seleção de Candidatos em Democracias Contemporâneas". Revista de Sociologia e Política 21 (46) Jun 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782013000200001>.

Brasil, Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Relatório Anual do Observatório Brasil de Igualdade de Gênero 2009/2010. 1ª impressão. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. 2010.

Carlomagno, M. Em que lugares as mulheres têm maiores chances de se eleger vereadoras? Newsletter Observatório de Elites Políticas e Sociais do Brasil. v. 4, n. 1. 2017.

Carneiro, L. P.; Almeida, M. H. T. de. Definindo a arena política local: sistemas partidários municipais na federação brasileira. Dados, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 403- 432, 2008.

Carreirão, Y. de S. O sistema partidário brasileiro: um debate com a literatura recente. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 14, p. 255–295, ago. 2014.

Cervi, E. U.; Borba, F. Os diretórios partidários municipais e o perfil sociodemográfico dos seus membros. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 28, p. 65–92, abr. 2019.

Chilcote, R. Transição capitalista e classe dominante no Nordeste. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

Codato, A; Cervi, E; Perissinotto, R. Quem se elege prefeito no Brasil? Condicionantes do sucesso eleitoral em 2012. Cadernos Adenauer XIV, n. 2. 2013.

Coelho, L. M.; Baptista, M. A. História da Inserção Política da Mulher no Brasil: uma Trajetória do Espaço Privado ao Público. Psicologia Política, vol. 9. nº 17 . PP. 85-99. jan. - jun., p. 87-94. 2009.

Congresso promulga cota de 30% do Fundo Eleitoral para candidaturas femininas. Câmara dos Deputados. 05 abr. 2022. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/864409-congresso-promulga-cota-de-30-do-fundo-eleitoral-para-candidaturas-femininas/. Acesso em: 17 set. 2024.

Dahl, R. Poliarquia: participação e oposição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

Duverger, Maurice. Os partidos políticos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

Eduardo, M. C. Gênero financiado: uma análise da distribuição de recursos financeiros e o desempenho eleitoral das mulheres nas eleições de 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2017.

Field, B. N.; Siavelis, P. M. The Genesis of Candidate Selection Procedures in Democratizing Countries: A Framework Applied to Europe and Latin America. Congresso de Latinoamericanistas Europeus (CEISAL), Bruxelas, 11 a 14 de abril. 2007.

Field, B. N.; Siavelis, P. M. Candidate selection procedures in transitional polities: A research note. Party Politics, set. 2008.

Folha de São Paulo. Apuração 2024 Petrolina-PE: prefeito e vereadores. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2024/apuracao/1turno/pe/petrolina/25216.shtml>. Acesso em: 05 jan. 2025.

Frota, L.; Borba, R. Apontamentos acerca da tipologia dos partidos políticos no Brasil. Suffragium - Revista do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, Fortaleza, v. 10, n. 17, jul./dez. p. 9-19, 2019.

Gatto, M.; Thomé, D. Candidatas: os primeiros passos das mulheres na política do Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV. 1 ed. 2024.

Gatto, M.; Wylie, K. N. Informal institutions and gendered candidate selection in Brazilian parties. Party Politics, v. 28, n. 4, p. 727–738, 1 jul. 2022.

Gauja, A.; Cross, W. Research Note: the influence of party candidate selection methods on candidate diversity. Representation, 51:3, 287-298. 2015.

Gaxie, D. As lógicas do recrutamento político. Revista Brasileira de Ciência Política, nº8. Brasília, maio - agosto de 2012.

G1 Pernambuco. Pernambuco tem quarta maior população de povos originários do país, diz atlas que traça perfil de indígenas. 27 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2023/01/27/atlas-virtual-traca-perfil-de-indigenas-de-pernambuco-estado-tem-4a-maior-populacao-de-povos-originarios-do-pais.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2025.

G1 Petrolina. Censo 2022: com 386.786 habitantes, Petrolina supera Caruaru e Olinda e é a terceira maior cidade de Pernambuco. 28 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2023/06/28/censo-2022-com-386786-habitantes-petrolina-supera-caruaru-e-olinda-e-e-a-terceira-maior-cidade-de-pernambuco.ghtml>. Acesso em: 05 jan. 2025.

Htun, M.; Power, T. J. Gender, parties, and support for equal rights in the Brazilian Congress. Latin American Politics and Society, v. 48, n. 4, p. 83–104, 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 16 jan. 2025.

Inter-Parliamentary Union. 2024. Dados disponíveis em: https://data.ipu.org/women-ranking/?date_month=1&date_year=2024. Acesso em: 16 jan. 2025.

Katz, R.; Mair, P. Changing models of party organization and party democracy. The Emergence of the Cartel Party. Party Politics, London, v. 1, n. 1, p. 5-28, 1995.

Kelbel, C. THE INFLUENCE OF THE SELECTORATE ON GENDER REPRESENTATION-THE CASE OF CANDIDATE SELECTION FOR EUROPEAN ELECTIONS. ECPR Joint Sessions of Workshops Salamanca. 2014

Kerbauy, M. As câmaras municipais brasileiras: perfil de carreira e percepção sobre o processo decisório local. Opinião Pública, Campinas, Vol. XI, nº 2, Outubro, p. 337-365. 2005.

Krook, M. L. Can there be a feminist rational choice institutionalism? Politics & Gender 5(2), 2009.

Krook, M. L.; Restrepo Sanín, J. Gender and political violence in Latin America: concepts, debates and solutions. Revista Política y Gobierno, vol. XXIII, n. 1. 2016

Krouwel, A. Otto Kirchheimer and the catch-all party. West European Politics, London, v. 2, n. 26, p. 23-40, 2003.

Lawless, J; Fox, R. It Still Takes a Candidate: Why Women Don't Run for Office. Cambridge University Press. 2010.

Lawless, J; Fox, R. 2012. Entrando na arena? Gênero e a decisão de concorrer a um cargo eletivo. Revista Brasileira de Ciência Política, n 8. Brasília. 2012.

Lima, M.; Pereira, A. Robert Michels, Maurice Duverger e Angelo Panebianco: o debate sobre as elites partidárias. Suffragium - Revista do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, Fortaleza, v. 11, n. 18, jan./jun. p 72-88. 2020.

Limongi, F.; Oliveira, J.; Schmitt, S. Sufrágio universal, mas… só para homens. O voto feminino no Brasil. Revista de Sociologia e Política, v. 27, n. 70, e 003, 2019.

Levitsky, S.; Ziblatt, D. Como salvar a democracia. São Paulo: Editora Zahar, 1ª ed. 2023.

Lopes, M. A história de Alzira Soriano, a primeira mulher a virar prefeita no Brasil. BBC Brasil. 27 nov. 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55108142. Acesso em: 15 set. 2024.

Lucas, K; Samuels, D. A ‘coerência’ ideológica do sistema partidário brasileiro, 1990-2009, em Power, Timothy & Zucco Jr., Cesar (orgs.). O Congresso por ele mesmo: autopercepções da classe política brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011.

Mansbridge, J. Should blacks represent blacks and women represent women? A contingent ‘yes’’. Journal of Politics, 61(3), p. 628- 657. 1999.

Marques, D. O que são as cotas para mulheres na política e qual é sua importância? 13 set. 2018. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/o-que-sao-as-cotas-para-mulheres-na-politica-e-qual-e-sua-importancia/>. Acesso em: 08 fev. 2025.

Marques, T. C. O voto feminino no Brasil. / Teresa Cristina de Novaes Marques. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados. Edições Câmara. 2019.

Matland, R. Enhancing Women’s Political Participation: Legislative Recruitment and Electoral Systems The Legislative Recruitment Process and its Impact on Women. International IDEA, Women in Parliament, Stockholm. Disponível em: <http://www.idea.int>. 2002.

Mendes, B. O Nordeste brasileiro e a representação feminina na esfera municipal: o caso de Petrolina/PE. Anais do IV Seminário Discente de Ciência Política. Universidade Federal do Paraná: Curitiba. 2023.

Michels, Robert. Sociologia dos partidos políticos. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

Miguel, L. F; Queiroz, C. Diferenças regionais e o êxito relativo de mulheres em eleições municipais no Brasil. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto/ 2006.

Morgenstern, S.; Siavelis, P. M. Pathways to power and democracy in Latin America. In: SIAVELIS, P. M.; MORGENSTERN, S. (org.). Pathways to power: political recruitment and candidate selection in Latin America. University Park: Pennsylvania State University Press, 2008.

Norris, P. Recrutamento político. Trad. Bruno Bolognesi. Revista de Sociologia e Política. Curitiba, v. 21, n. 46. pp. 11-32, jun. 2013. Original ‘’Recruitment’’, in Crotty, W.; Katz, R. S. Handbook of Party Politics. London: Sage, 2006.

Norris, P; Lovenduski, J. Gender and party politics. SAGE Publications Ltd. 1993.

Norris, P; Lovenduski, J. Political Recruitment. Oxford University. 1995.

Nunes Leal, V. Coronelismo, enxada e voto: o município e o sistema representativo no Brasil. São Paulo: Editora Alfa Ômega. 1976.

Panebianco, A. Modelos de partido: organização e poder nos partidos políticos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Pitkin, H. The Concept of Representation. London: University of California Press. 1967.

Portal de Candidaturas e Transparência do TSE. Disponível em: <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/NORDESTE/PE/2045202024>. Acesso em: 16 jan. 2025.

Power, T.; Mochel, M. Shaping the Brazilian political class: causes and consequences of recruitment to the Chamber of Deputies. ALACIP, Campinas, SP. 2006.

Rahat, G.; Hazan, R. Y. Candidate Selection Methods: An Analytical Framework. Party Politics, v. 7, n. 3, p. 297-322, 2001.< http://doi.org/10.1177/1354068801007003003>.

Roeder, K. Os partidos políticos promovem a participação de mulheres na política? Uma análise empírica, de 1996 a 2021. Anais 14º Encontro da ABCP. UFBA, Salvador, 2024.

Roeder, K.; Babireski, F.; Bolognesi, B.; Cruz, G. Seleção de candidatos em nível local: eleições 2016. In F. Bolognesi, Bruno; Roeder, Karolina; Babireski (Org.), Quem decide concorrer: eleição e vereadores em Curitiba (p. 266). Massimo 22 Editorial/Tribunal Regional Eleitoral. 2018.

Sacchet, T. Partidos políticos e (sub)representação feminina: um estudo sobre recrutamento legislativo e financiamento de campanhas. In: Mulheres, política e poder. Org.: Denise Paiva. Cânone Editorial. Goiânia. 2011.

Sacchet, Representação política, representação de grupos e política de cotas: perspectivas e contendas feministas. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 20(2): 399-431, maio-agosto. 2012.

Sacchet, Democracia pela metade: candidaturas e desempenho eleitoral de mulheres. Cadernos Adenauer XIV, n 2. 2013.

Sacchet, T. A culpa é dos partidos: desigualdades de gênero em disputas eleitorais. In: Mulheres, poder e ciência política: debates e trajetórias / organização: Flávia Biroli [et al.] – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

Sacchet, T.; Speck, B. W. Dinheiro e sexo na política brasileira: financiamento de campanha e desempenho eleitoral em cargos legislativos. In: Alves, J.; Pinto, C.; Jordão, F. (orgs.). Mulheres nas eleições de 2010. Pp. 417-452. São Paulo: ABCP, 2012.

Sá, E.; Santos; Y.; Silva, T. Edição Censo Demográfico 2022. Ministério da Igualdade Racial. (Informe MIR - Monitoramento e avaliação, nº 3), Brasília: DF, fev/2024.

Santos, R. Neocoronelismo aspersor e voto: Metamorfoses do coronelismo no sertão do São Francisco. Dissertação de mestrado para obtenção do título de mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). 143 páginas. Ed. Livro Rápido, Recife, 2003. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/1645/1/arquivo4945_1.pdf.

Santos, R. Nas sombras da família Coelho: a dinâmica de uma dominação política. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2013.

Senado Federal. Bancada feminina do Senado conquista direito a banheiro feminino no Plenário. 06 jan. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/comum/bancada-feminina-do-senado-conquista-direito-a-banheiro-feminino-no-plenario>. Acesso em: 20 fev. 2025.

Senado Federal. Fernando Bezerra Coelho é homenageado em despedida da Casa. 07 dez. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/12/07/fernando-bezerra-coelho-e-homenageado-em-despedida-da-casa>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Siavelis, P.; Morgenstern, S. Selección de candidatos, política partidista y rendimiento democrático. Tribunal Eleitoral do Distrito Federal do México. 2009.

Siavelis, P.; Field, B. Procedimientos de selección de candidatos a elecciones legislativas en América Latina: de dónde venimos y nuevos caminos para la investigación. In: Manuel Alcántara Sáez y Mercedes García Montero (eds.), Algo más que Presidentes: el papel del Poder Legislativo en América Latina (Zaragoza: Fundación Manuel Giménez Abad de Estudios Parlamentarios y del Estado Autonómico). 2011.

Solano, E.; Rocha, C.; Sendretti, L. Mulheres de extrema-direita: empoderamento feminino e valorização moral da mulher. Caderno CRH, Salvador, v. 36, p. 1-16, e023040, 2023.

Spies, D. C.; Kaiser, A. Does the mode of candidate selection affect the representativeness of parties? Party Politics, v. 20, n. 4, p. 576–590, 2014.

Sousa, J. M. As práticas do coronelismo: o domínio político dos Coelho em Petrolina - PE. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2001.

Souza, R. B. Clientelismo e voto na Califórnia fluminense. 28º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2004.

Taylor, S. L. Towards a Detailed Discussion of Candidate Selection in Latin America. XXII International Conference of the Latin American Studies Association. Miami, Florida, March 16-18. Disponível em: <http://spectrum.troyst.edu/~sltaylor>. 2000.

Tilly, C. Processes and Mechanisms of Democratization. Sociological Theory 18:1 March. 2000.

Tribunal Regional Eleitoral do Paraná. Conheça as regras de elegibilidade para concorrer aos cargos de prefeito, vice-prefeito e vereador. 16 jan. 2024. Disponível em: <https://www.tre-pr.jus.br/comunicacao/noticias/2024/Janeiro/conheca-as-regras-de-elegibilidade-para-concorrer-aos-cargos-de-prefeito-vice-prefeito-e-vereador>. Acesso em: 04 jan. 2025.

Tribunal Superior Eleitoral. Dados disponíveis em: <www.tse.jus.br>. Acesso em: 16 jan. 2025.

Tribunal Superior Eleitoral. Financiamento de campanha: saiba como é feito o repasse do Fundo Especial. 16 mar. 2024. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2024/Marco/financiamento-de-campanha-saiba-como-e-feita-a-distribuicao-do-fundo-especial-aos-partidos>. Acesso em: 01 fev. 2025.

Tribunal Superior Eleitoral. Eleições 2024: confira seis pontos essenciais sobre o Fundo Eleitoral. 23 fev. 2024. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2024/Fevereiro/eleicoes-2024-confira-6-pontos-essenciais-sobre-o-fundo-eleitoral>. Acesso em: 01 fev. 2025.

Tribunal Superior Eleitoral. Mulher na política é outra história: campanha do TSE incentiva participação feminina nas eleições. 09 mai. 2024. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2024/Maio/mulher-na-politica-e-outra-historia-campanha-do-tse-incentiva-participacao-feminina-nas-eleicoes>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Tribunal Superior Eleitoral Mulheres. Dados disponíveis em: https://www.justicaeleitoral.jus.br/tse-mulheres/#estatisticas. Acesso em: 16 jan. 2025.

Urbinati, N. O que torna a representação democrática. Lua Nova: São Paulo, n 64, p. 191-228. 2006.

Vilarouca, M. G.; Freire, A. O. G.; Guedon, P. C. O jogo das nominatas nas eleições municipais do Rio de Janeiro. Opinião Pública, v. 28, n. 1, p. 126–168, 2022.

Viscarra, S; Ferreira, M. G. 2021. Eleições, partidos e ideologia no interior do Brasil: o caso de Petrolina (PE). Agenda Política. Volume 9, Número 1, p. 226-252, janeiro-abril, 2021.

Viscarra, S. 2022. Petrolina (PE) através do tempo: um estudo sobre a formação política da cidade até os dias atuais. Revista Crítica Histórica, Ano XVIII, v 13, n 26. Dec. 2022.

Weber, M. Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora UnB, 1999.

Wolinetz, S. B. Beyond the Catch-All Party: Approaches to the Study of Parties and Party Organization in Contemporary Democracies. In: GHUNTER, R.; MONTERO, J.; LINZ, J. (org.). Political Parties: old concepts, new challenges. Oxford: Oxford University Press, p. 136-165. 2002.

Young, I. 2006. Representação política, identidade e minorias. Lua Nova, São Paulo, n 67. 2006.

ANEXO I

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - VERSÃO PARA LÍDERES PARTIDÁRIOS

INTRODUÇÃO

Apresentação - me apresentar, apresentar pesquisa. Explicar o porquê da pessoa ter sido escolhida, agradecer a disponibilidade. Falar sobre o tempo de entrevista, afirmar que não há respostas certas ou erradas. Reiterar anonimato e utilização das respostas para fins acadêmicos, pedir consentimento para gravação.

APRESENTAÇÃO BREVE

Para começar, gostaria que falasse um pouco sobre você. Vou pedir que se apresente e fale um pouco sobre seu papel dentro do partido.

TÓPICOS:

1. Qual é o processo de escolha dos candidatos para as eleições?

2. O que é levado em consideração para escolher um candidato?

3. Quais são os critérios de distribuição de recursos entre os candidatos?

4. A legislação brasileira prevê mínimo de 30% de candidaturas para mulheres nas eleições. Quais são as medidas tomadas para o cumprimento das cotas?

5. Pensando em sua experiência e na arena política-partidária como um todo, você percebe que o primeiro passo dado para lançar candidaturas femininas parte das mulheres ou do partido?

ANEXO II

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - VERSÃO PARA PRÉ-CANDIDATAS

INTRODUÇÃO

Apresentação - me apresentar, apresentar pesquisa. Explicar o porquê da pessoa ter sido escolhida, agradecer a disponibilidade. Falar sobre o tempo de entrevista, afirmar que não há respostas certas ou erradas. Reiterar anonimato e utilização das respostas para fins acadêmicos, pedir consentimento para gravação.

APRESENTAÇÃO BREVE

Para começar, gostaria que falasse um pouco sobre você. Vou pedir que se apresente, por favor (vida pessoal, ocupação, formação).

TÓPICOS:

1. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?

2. Como e por que você resolveu se tornar candidata?

3. O que você levou em consideração para tomar essa decisão?

4. Você recebeu incentivo e apoio de alguém para se candidatar?

5. A iniciativa de considerar uma candidatura partiu de você ou dos líderes partidários?

6. Por que você escolheu esse partido para se candidatar?

7. E no processo de escolha dos candidatos dentro do partido, há diferença entre o tratamento de homens e mulheres?

8. Você percebe diferenças entre homens e mulheres na competição eleitoral?

ANEXO III

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada: Líder do Democracia Cristã
Categoria: Presidente de partido
Partido: Antigo PRTB/atual DC
Data: 31/01/2024
Local: Sede do PRTB municipal, Petrolina/PE

P.1. Então, para começar, você me fala, por favor, seu nome, qual partido que você é presidente e um pouquinho sobre seu papel dentro do partido.

R: Meu nome é [nome]. Sou mãe, esposa, professora, ativista política e social. Hoje milito há 30 anos na formação partidária. Nem sempre foi como presidente de partido, mas em outras funções também. Na formação propriamente dita de partidos, desde 1996, quando a gente começou a primeira formação partidária e nós conseguimos eleger quatro vereadores aqui no município de Petrolina. E daí, em diante, nós passamos a fazer essa formação. Eu e meu esposo, meu esposo é vereador atualmente, está no quinto mandato. E a gente trabalha em conjunto. E daí, desse período em diante, a gente continuou na formação partidária. E do ano de 1996 até 2024, nós conseguimos eleger vinte vereadores no município de Petrolina. Nesse período a gente passou pelo PSL, depois fomos para o PSC e esse ano eu migrei para o PRTB. Então, atualmente eu estou na presidência do PRTB, município de Petrolina.
Hoje, as atribuições do presidente é avaliar o potencial municipal, procurar qualificar o melhor possível o nível dos candidatos no município, que sejam candidatos que sejam comprometidos com a causa da população, que estejam envolvidos em trabalhos. No nosso partido, a gente procura avaliar muito essa qu**es**tão de envolvimento comunitário. Esse é um dos principais critérios para nos acompanhar. Ter trabalho com as comunidades, conhecer as comunidades, saber as suas dores e as suas necessidades. Esse é o principal perfil que a gente procura hoje e também ao longo desses anos a gente tem procurado esse perfil.
No nosso partido sempre os eleitos são ex-líderes comunitários, professores, pessoas engajadas na luta de alguma localidade, de alguma comunidade que conhece realmente a comunidade e suas dores.

P.2. Antes da gente continuar, você só me autoriza a gravação?
R: Sim.

P.3. Para começar, qual o processo de escolha dos candidatos para as eleições?
R: Hoje, como a gente já tem experiência vasta, a gente não precisa fazer muita coisa para atrair candidatos. Automaticamente os candidatos nos procuram e a gente seleciona. Como a gente já vem há 30 anos trabalhando com política, a maioria dos nossos candidatos já são companheiros que nos acompanham já há muito tempo e que acreditam na nossa forma de trabalhar. Então eu posso dizer que em grande percentual do nosso partido, da nossa formação

partidária hoje, em torno de 60 a 70% são companheiros que nos acompanham ao longo desse período, do ano de 96 para cá. Tem novas aquisições? Sim. E essas novas aquisições nós selecionamos de forma a avaliar o perfil do candidato, da sua trajetória política e profissional e como ser humano, sua doação política na comunidade que ele está inserido. Então nós procuramos avaliar o potencial eleitoral desse candidato a partir dos serviços que ele presta na comunidade. Ele é ativista, ele é engajado, ele tem uma bandeira, a bandeira dele coincide com a nossa? Nós temos pontos de convergência na forma de ver o mundo e de achar como deve ser construída a sociedade que nós queremos? Então, é dessa forma que a gente avalia a entrada ou não de um candidato no nosso partido.

P.4. E qual que é o processo, depois que já estão todos no partido, vamos dizer, qual que é o processo de escolha? Vocês pegam pessoas específicas, as pessoas se oferecem para a candidatura?

R: Nós recebemos demanda espontânea e nós também convidamos. Se tem uma liderança comunitária que a gente observa que ela tem potencial e que ela pode vir a ser um bom quadro para o partido, nós convidamos. Mas nós recebemos também demanda espontânea, que a gente avalia esse potencial, tá?

Qualquer pessoa que queira se filiar ao partido, é franqueado, é amplo. Mas o processo de escolha de candidatos é feito na convenção. Então só na convenção nós referendamos os candidatos, que o quantitativo é determinado pela lei eleitoral. Hoje, em Petrolina, são 16 candidatos homens e 8 mulheres de acordo com a lei. Então, assim, essa é a quantidade que a gente registra de candidatura. Então a convenção é feita com escolha dos próprios filiados e os próprios filiados vão avaliar esses pontos que eu coloquei. A gente direciona o perfil. O perfil que o partido quer. Que é um ativista social e político, que é uma pessoa que seja extensível às demandas da comunidade. Conheçam as suas dores, que esteja inserido no processo. De preferência, que já tenha sido um líder comunitário ou que tenha algum envolvimento social nas suas comunidades. Isso não quer dizer que não possa ter um candidato que nunca foi envolvido em liderança, mas ele é um agricultor que trabalha em prol do pessoal. Nós temos candidatos da irrigada que são pessoas que lutam pela melhoria da qualidade de vida da irrigada. Mas é necessário ter o perfil para isso. E o perfil é que seja uma liderança onde ele está inserido. Na sua comunidade ou na profissão que ele exerce. Aonde ele está inserido, ele precisa ser uma liderança e ele precisa conhecer as dores daquele grupo que ele está se colocando como representante.

P.5. Então que ele tenha experiência e apoio popular.

R: Isso, apoio popular. Fundamentalmente, apoio popular precisa.

P.6. Você falou da convenção. Quais são as etapas da convenção? Quem que vota?

R: São os filiados. Os filiados é quem diz quem são os candidatos. É aberta a convenção. E os filiados votam e a gente escolhe quem são as pessoas. E depois nós registramos lá, encaminhamos para o Tribunal Superior Eleitoral. E aí cada um vai homologando a sua candidatura. Aí tem todo o processo que a lei eleitoral exige para que seja homologada a candidatura pelo próprio Tribunal Superior Eleitoral. E aí as pessoas votam, fazem a pré-campanha, e depois a campanha propriamente.

P.7. E vocês têm algum tipo de orientação para as pessoas que querem ser candidatas?
R: Para as campanhas, temos. A gente está com o nosso quadro de candidatos completos, digamos assim. A gente já tem uma boa quantidade de líderes comunitários que querem ser candidatos. E a gente orienta de acordo com o que o Tribunal Superior Eleitoral vai nos orientando. Nas reuniões que a gente vai transmitindo essas orientações para os candidatos. Nós fazemos alguma orientação também com relação, por exemplo, ao marketing, como fazer a sua marca eleitoral. Na busca do voto também, a gente faz algumas orientações. Mas o candidato é livre também para ter seus contratos com profissionais que ele acha ser necessário para essa etapa aí. Inicialmente, a gente está criando uma página para colocar o perfil de cada candidato. Só que a gente só vai poder colocar depois da convenção. Hoje a gente tem muitos, mas vai ser afunilado ainda. E aí a gente também faz essa parte de divulgar o perfil deles, onde eles são inseridos, o que é que eles fazem. Uma mini-bio com uma foto, com o número do candidato e do partido. Ele também ajuda na divulgação, digamos assim, dos serviços que a gente tem disponível com os nossos candidatos para que a comunidade possa escolher e eleger os melhores para lhe representar.

P.8. E aí vocês vão ter a votação, a convenção. Dos que são mais votados, todos são escolhidos ou tem ainda uma outra seleção depois disso?
R: Não, nós só temos, a quantidade de vagas é o tribunal que define. Então nós só temos, são 16 homens e 8 mulheres. Definiu ali, escolheu, está pronta a chapa para a eleição. Os filiados são os últimos votantes. Aqueles que foram mais votados eram os que ficam para ter uma campanha para ser candidato. Digamos assim, a grosso modo. É uma campanha dentro dos filiados do partido para que você possa chegar até a campanha propriamente dita para as eleições municipais. E cada filiado vota em uma pessoa.

P.9. Entendi. E você falou que tem bastante tempo que você já está nessa jornada, falou de mudanças de partido. Entre os partidos que você foi presidente, teve diferença?
R: Não, porque assim, a lei que regulamenta é do tribunal. Então assim, é igual para todos. O que é que difere um partido para outro? O pensamento e a ideologia política.
Vou dar um exemplo aqui. Por que eu saí do PSC pro PRTB? Porque o PSC, ele fundiu com outro partido agora. Tinha essa nova lei. Os partidos, eles poderiam se fundir. E aí eles federaram, essa é a palavra que usa, o PSC federou com o Podemos. Então, por isso eu saí para um outro partido. Mas assim, não foi uma saída porque teve problemas. Não, foi uma saída simplesmente porque dois corpos não ocupam o mesmo espaço. Dois partidos federaram e aí tinham dois presidentes e só precisavam um. E aí a gente entrou no processo de eleição eu achei por bem [sair do partido]… Eu já tinha uma opção e o convite de um outro partido. Ao longo desse período, a gente sempre recebe convite de um, de outro partido. Existia esse convite, a gente resolveu aceitar o convite e deixar o companheiro lá, na presidência do partido que federou. Mas o pensamento partidário é o mesmo. Então você escolhe o seu caminho. Se você quer trilhar meio mais que centro, mais para a direita, mais para a esquerda. É de acordo com o pensamento de cada um. E aí o nosso pensamento é mais centro-direita. Então a gente trilha nesse caminho.

P.10. E existiu diferença de critério de seleção entre os partidos? No PRTB, você comentou que conta mais experiência e apoio popular.

R: Sim. Trabalho comunitário. Que o candidato seja uma pessoa atuante, que trabalhe, que queira ajudar a população. Porque a política, na minha forma de ver, a política é uma arma importantíssima de mudança para a comunidade. Se a gente não coloca pessoas que conheçam essas dores, e que tenham condição de representá-las… Porque não é só conhecer. O vereador é legislador, vai fazer leis. Então você não pode também colocar uma pessoa que não tem nenhum entendimento legislativo. Porque é uma pessoa que conhece a necessidade, sabe a necessidade, mas ele não vai saber bem representar naquele espaço. Então é necessário ser uma pessoa que conheça, que saiba, que tenha sensibilidade para atuar em prol daquelas pessoas, mas que também tenha um conhecimento do que é lei, como fazê-las. Então esse é o perfil ideal. Se você me perguntar ‘’*[nome da líder], você tem esse perfil ideal?*’’ Não, não estou longe disso.

Uma das nossas lutas ao longo desses 30 anos é aumentar a participação feminina na política. É muito difícil, muito difícil. Ao longo desse período, nós elegemos 20 vereadores, e se você me perguntar ‘’*[nome da líder], quantas mulheres?*’’ Uma. 19 homens. Então é uma minoria esmagadora. E ao longo dos anos a gente vem tentando cotar mulheres que tenham essa possibilidade, essa capacidade de ter articulação política, mas que tenham também a escolaridade suficiente para que saibam elaborar leis, e que também queiram. Tem muita mulher boa, que tem sensibilidade, que conhece a necessidade,que tem níveis de escolaridade muito bons, mas ela está trabalhando num nicho profissional que ela não quer abrir mão para ir para a política. A gente tem uma dificuldade de convencimento dessas mulheres a se interessar por esse ambiente, digamos assim. A se interessar por esse espaço de poder, porque é um espaço de poder, um espaço de decisão, e que a mulher precisa também ser representada. Para você ter uma ideia, em Petrolina hoje, são 23 vereadores, só tem 2 mulheres. 21 são homens. Nós somos maioria, nós somos maioria em população, nós somos maioria em eleitores, mas nós não somos maioria em representação. Essa conta não fecha, concorda comigo?

Então tem uma coisa errada aí nesse processo que precisa ser corrigida. Essa estagnação feminina, na hora de ocupar esses espaços, ela precisa ser quebrada. Existe a necessidade de quebra. Hoje a gente vê isso aí caminhando, né? Já temos uma governadora mulher, uma vice-governadora mulher, e com isso eu não estou dizendo que botou a mulher, resolve. Não, eu estou dizendo que bota a mulher, se ela não for competente a gente tira a mulher e bota outra mulher ou outro homem, tá? Mas assim, o que eu acho desproporcional é o nível nos números do que chega no poder, entendeu?

P.11. E o que você acha que é mais difícil em trazer mulheres para o partido?

R: Eu acho que a mulher tem um certo medo do ambiente. O ambiente é hostil, o ambiente político é hostil. Essa é minha orca, tá? É um pouco hostil para a mulher, historicamente, né? Alguns ambientes são hostis. A parte da polícia era hostil para a mulher, hoje a mulher já ganhou uma participação grande. A própria aviação, para mulher, é um ambiente que não era muito aceito, né? Mas, devagarzinho está mudando, mas está muito lento, muito devagar. Na política, principalmente, que é o meu espaço de trabalho, eu vejo essa mudança muito lenta. Eu acho que para chegar a uma paridade, vai demorar uns 150 anos se a gente não fizer nada,

né? E assim, eu vejo pouca vontade também das lideranças, sabe? Pouca vontade. A mulher ainda é olhada… Um pouco de invisibilidade nesse setor, tá? Para ela conseguir um destaque nesse setor, ela tem que ser muito boa. Muito boa, realmente. Então, assim, a gente tem que procurar incentivar essas mulheres. Eu estou formatando uma campanha aí para pedir às mulheres de Petrolina, que tomem partido, que se filiem, né? Porque o que a gente observa é que a mulher não tem interesse em participar. Ela vai dar o voto, ela muitas vezes até se engaja na campanha de algum candidato, faz algum trabalho, né? Mas quando parte para ela mesmo, ela teme.

Eu agora tenho só 8 candidatas, eu começo muitas vezes com 18, 20. Aí uma vai desistindo, outra vai desistindo, outra vai apoiando outra. No final, como já aconteceu, da gente chegar na convenção, não precisa escolher. Porque a quantidade de mulher não… A quantidade de mulher que a gente tem é essa, vamos votar. Isso tem acontecido bastante. Esse ano, eu estou até mais animada, a gente está com um grupo bom de mulheres, líderes comunitárias, advogadas, professoras, líderes de sindicatos, que estão com vontade realmente de fazer uma campanha bonita e inovadora. Isso deixa a gente bem satisfeita.

P.12. Legal. Espero que dê certo esse ano, tenha um pouquinho mais. E além do trabalho, do apoio, tem mais alguma coisa que é levada em consideração para escolher um candidato?

R: A motivação própria dele, porque uma campanha política, ela é exaustiva. Os nervos são abalados, porque além de ser exaustiva, você inicia pela manhã 3 você vai até à noite, você precisa andar muito, você precisa visitar muito, você precisa conversar muito, e a pressão é muito grande, porque você precisa estar à frente dos outros, entendeu? Então, assim, tanto a sua autocobrança como a cobrança das pessoas que rodeiam. Nós, enquanto dirigentes, nós cobramos também, nós queremos que os candidatos cheguem na rua, nós queremos que o candidato faça agenda, nós queremos que o candidato acompanhe a majoritária, que é o prefeito, que a gente acaba escolhendo em convenção quem vai apoiar. Essa pressão é muito grande. Então, a motivação nesse processo, ela funciona como uma válvula de escape, para você conseguir terminar o percurso e se sair bem, entendeu? Então, a motivação é um dos itens chave, porque se você já entra num ‘’*ah, se der, se der…*’’ Não dá, né? Você tem que entrar no processo, fazer o seu planejamento de campanha, para você chegar àquele *plantativo* que você acha que dá para você alcançar, seu objetivo. Nesse processo, a motivação é uma boa chave.

P.12. E tem algum perfil de pessoa que tem prioridade na seleção?

R: O perfil é ser um líder, como eu já falei, ser um líder, seja ele comunitário, seja ele profissional, seja ele estudantil, ser um líder, estar motivado, ter um grupo que ele sustente, ter um grupo de pessoas que sejam da sua base eleitoral, digamos assim. Ter o mesmo perfil do partido, estar dentro da visão que o partido está inserido. Esses são os critérios básicos. E assim, claro, a gente dá uma olhada na vida da pessoa, para saber quem é que está chegando, porque hoje é complicado, né? Chega muita gente querendo ser político e líder, e daqui a pouco a gente está vendo que tem outros interesses, não só o interesse do trabalho para população, que é o que a gente precisa ter. Então a gente dá assim uma olhadinha no perfil da pessoa, para saber quem é, o que faz, por onde anda, se realmente é uma pessoa que é digna

de estar e andar conosco. É um dos pontos que a gente analisa. A gente junta todas essas condições, e na convenção isso é avaliado por todos os filiados, né? Mas principalmente, se você perguntar, ‘’*o que é que você acha que todo mundo olha?*’’ Quantidade de voto. Mesmo porque, se você não faz o coeficiente eleitoral, o que hoje em Petrolina vai ficar em torno de 80 mil votos, você não vai se eleger, né? Então você fica sem representante. Ao longo dessa caminhada, a gente tem feito dois, três, até quatro vereadores, então a gente tem que estar também de olho no coeficiente eleitoral.

P.13. Em relação a, por exemplo, vereadores que já tenham mandato. Ou pessoas que têm mais recursos financeiros, para financiar a própria campanha, tem prioridade também ou não?

R: Não. Veja só, como eu falei anteriormente, hoje o meu esposo é o único candidato eleito no nosso partido. Por quê? Ele também veio de base comunitária. Eu sou professora, ele também. E ele veio de presidência da associação de moradores. Nós éramos líderes no nosso bairro e nós montamos o partido com esse objetivo de dar oportunidade a líderes comunitários que não tenham os financeiros para chegar na política, tá?

Então, assim, esse tem sido o nosso legado ao longo desse tempo. Então a gente não coloca candidatos que tenham recursos financeiros abastados porque nós iríamos estar saindo dessa visão de oportunizar quem tem menos a chegar. A liderança comunitária, muitas vezes nos grandes partidos, ela fica sem chance. O voto dela só serve para ajudar quem está no poder. Tem muita gente que vai em chapas grandes sabendo que não tem chance de se eleger. Ele vai simplesmente para fazer volume de voto para os caciques eleitorais, para os grandes caciques políticos eleitos. Então, a gente vê essa realidade de liderança comunitária que não tem espaço para chegar.

Então, a gente, hoje, a gente pratica esse tipo de organização. Você tem que poder aquisitivo? Se a gente souber que a pessoa está querendo comprar, comandar, a gente elimina. Elimina, porque esse não é o objetivo do partido. O objetivo do partido é priorizar lideranças comunitárias natas a chegar ao poder. O que ele vai fazer depois de chegar? Se não tiver de acordo com os estatutos do partido, a gente deixa ele por conta e risco dele. Mas o objetivo é ser líder comunitário, seguir as dores da população, estar lá representando a população da forma que um dia a gente iniciou, trabalhou e chegou. Entendeu?

Então, ao longo do tempo, a gente tem procurado oportunizar essas pessoas, que têm a liderança no sangue, que não têm o dinheiro para comprar eleição, porque a gente não compra eleição, nenhum candidato do partido. Se a gente perceber que está fazendo isso, aplica a disciplina, porque o objetivo não é esse, mesmo porque é contra a lei. Então, a gente procura trabalhar, primeiro, dentro da legalidade, e segundo, dentro do perfil programado e esperado pelo partido.

P.14. Entendi. Em questão de recurso, quais são os critérios de distribuição de recursos?

R: Historicamente, partido pequeno não recebe recurso. Por quê? Porque a nacional divide com os diretórios estaduais e os diretórios estaduais com os municipais. Nosso grupo, a gente está acostumado a fazer campanhas sem dinheiro. Por quê? Porque o nosso partido, como nós somos partidos pequenos, não chega dinheiro de fundo partidário. Eu nunca recebi fundo partidário. Então, qual é o recurso que a gente vai atrás? O que é que realmente necessita?

Necessita a parte de marketing, propaganda e combustível para andar. Então, é isso que a gente vai atrás para os candidatos do partido. Daí, a necessidade de você ser realmente um líder. Porque eu não peço que venha com o nosso partido para ter dinheiro para gastar, porque não tem. O que a gente dá para o candidato é a parte de marketing, o santinho, o adesivo, o perfurete, uma cota de combustível para ele andar, que é o que o candidato precisa. E geralmente… De onde vem? Sempre que a gente coliga com um partido, apoia a majoritária, que no caso são os prefeitos. Geralmente, a majoritária e os prefeitos, eles viabilizam a estrutura mínima para os candidatos. Porque o candidato vai estar pedindo voto para ele e para o prefeito. É dessa forma que a gente trabalha. Não tem grandes empresários por trás, não tem patrocínios absurdos. Realmente, só o material de campanha vai para a rua com o trabalho que você tem, com a credibilidade que você tem e o povo tem recebido. Ainda tem jeito nesse país. Apesar da confusão que é a política, que a gente vê direto, mas ainda tem pequenos grupos, como o nosso, que faz política sem fazer nenhum tipo de negócio. Não é fácil, mas ainda tem.

P.15 Em relação às cotas, que agora tem os 30%… Como vocês asseguram o cumprimento da cota?

R: Aí são as cotas para candidatos homem e mulher. No caso de Petrolina, são 16 homens e 8 mulheres. Sendo mais clara, são 16 homens que a gente pode candidatar e 8 mulheres só. No nosso partido. Em cada partido vai ter também esse mesmo número, porque aí ninguém pode fugir disso aí. Só pode colocar 16 homens e 8 mulheres.

A escolha dessas mulheres é por convenção. As mulheres procuram a gente, ou a gente escolhe. Nesse ano, umas duas ou três eu fiz o convite, outras me procuraram, entendeu? Esse ano, as mulheres vão para a convenção, viu? Tem mais [mulheres dispostas] do que vaga que tenho. Esse ano a gente tem... Acho que umas 12 e só vai botar 8, então vão ser escolhidas. O mesmo processo dos homens. Vai para a convenção e escolhe. Em eleições passadas não precisou ir, porque só tinha quantidade de ser candidato, então a gente só analisou e acabou. Não tinha o que escolher, porque as que queriam eram as vagas que a gente tinha. Mas esse ano não, esse ano a gente tem mais interessadas do que vagas. Aí vai ser o mesmo processo dos homens. Vai para a convenção.

P.16. Você falou que tem muita dificuldade, né? Às vezes tem várias e aí quando chega na época da convenção vão desistindo várias. Já chegou alguma vez de chegar na convenção e não ter o número mínimo?

R: Não, porque a gente procura substituir. Mas já aconteceu de mulheres desistirem próximo da convenção e a gente ter que buscar outras. Porque se tiver menor número de mulheres, tem que diminuir o número de homens. Sim, porque é percentual, 70/30, né? Então se você não tem 30% de mulheres, você vai diminuir a quantidade de homens. Então, quanto menos candidato, menos possibilidade de você chegar ao coeficiente eleitoral, dobrar, fazer dois ou triplicar, fazer três, entendeu? Aí a gente procura ocupar todas as vagas, mas com candidatos reais. Candidatos que realmente queiram, candidatos que vão para a rua, candidatos que peçam voto, candidatos que estejam motivados, candidatos que sejam líderes. Então a gente não quer candidatos que não estejam motivados, não. Se você não está motivado, não tem porquê você ir para a rua. Então, sempre que tem uma demanda espontânea, por exemplo, me

liga uma mulher, ‘’*eu quero ser candidata*’’. Beleza, eu marco para conversar. A primeira pergunta que eu faço é a seguinte: qual é a sua motivação de ser candidata? Dessa primeira resposta, eu já sei se eu vou poder trabalhar com ela como candidata, ou se eu vou direcionar ela para ser cabo eleitoral de alguém no partido. Porque se ela não tiver motivação, não tem porquê ela ser candidata. É uma das condições que é necessária. Se você não está motivado o suficiente para entrar em um processo de campanha, que é um processo exaustivo, não tem porquê iniciar.

P.17. Então o objetivo é sempre conseguir candidatas de verdade.
R: Sim, todas que estejam motivadas o suficiente. Porque se uma candidata vai para a eleição sem motivação, ela vai ter pouco voto. Ela precisa saber pedir, ela precisa saber convencer, ela precisa estar nos eventos, ela precisa ser vista, ela precisa ter sua campanha de marketing. Ela precisa principalmente saber que ela não vai resolver o problema de todo mundo, porque são muitos problemas, muitos pedidos, muitas demandas. Eu preciso definir minhas prioridades. Qual é a comunidade que eu vou atuar? Escolho a comunidade, atuo naquela comunidade para que eu seja uma liderança ali. E eu tenho que ter capacidade também para sair dali, porque se ali não der certo, eu não chego. Então eu preciso ser uma liderança no meu reduto, que a gente chama de reduto eleitoral, mas eu preciso também ter voto em outras comunidades, para que isso possa juntar e eu possa chegar no meu objetivo, entendeu? Então só uma pessoa motivada consegue isso.

P.18. Pensando então na sua experiência todos esses anos na arena eleitoral, você acha que o primeiro passo dado para lançar as candidaturas normalmente parte das mulheres ou dos líderes partidários? Quem você acha que tem mais esse papel de chamar?
R: Olha, eu acho que hoje é meio a meio, porque a informação está chegando muito fácil. E os exemplos também. Daí a necessidade de você divulgar também. Ah, você é mulher? Você é política? Divulga o teu trabalho, sabe? Para que outras pessoas possam ver em você um exemplo a ser seguido. Independente de ser política, você é uma líder no seu seguimento, divulga o teu trabalho. As redes sociais estão aí abertas, né? Quando você divulga, as pessoas olham para você como uma referência. E aí, elas automaticamente, elas processam da seguinte maneira, ‘’*poxa, é possível, ela conseguiu, eu também posso*’’. E aí a gente passa a implantar uma nova cultura na sociedade. Então, tem pouca mulher na política, tem. Mas por que tem? Porque a mulher não se interessou, porque ela não se colocou à disposição. Se ela se colocar à disposição, as pessoas vão ver nela o potencial para isso. E se ela chega lá e fizer um bom trabalho, então ela vai garantindo o seu espaço. E com isso eu não estou querendo dizer que mulher é melhor que homem. Não penso dessa forma. Eu acho que os dois se complementam e chegam ao resultado. Entretanto, eu questiono a paridade, sabe? Eu acho que a mulher hoje é uma minoria esmagadora nesse espaço e que precisa crescer. E isso não tem nada a ver com feminismo, tá? Porque eu acho que a gente constrói junto, a gente constrói junto. A gente precisa de diversidade de tudo. E diversidade de pensamento é uma maravilha. Porque através da diversidade de pensamento você constrói coisas que ficam aí para várias gerações. Então agora há a necessidade de mulher lá, para que ela possa falar sobre políticas públicas para a mulher, por exemplo. Para que ela, não só para isso, ouviu?

Não estou rotulando, não. A mulher hoje é capaz de falar sobre todos os assuntos e ser voz em todos os espaços. Mas especificamente sobre, por exemplo, política de saúde para mulher, a proteção. Então são assuntos que têm um interesse maior e que a mulher conhece profundamente. Então por que não deixar ela ter voz para falar sobre isso também, né? Não que não tenha alguns homens que também representem bem, tem. Mas eu acredito que com uma igualdade de vozes masculinas e femininas a gente possa fazer um trabalho bem mais proveitoso.

P.19. Você acha que atualmente essa falta de paridade vem do lado dos partidos que faltam incentivar? Ou do lado das mulheres que não se propõem?
R: Eu acho que a maioria é dos partidos. Não quero ser injusta. Mas é uma visão que eu tenho assim. Eu acho que a maioria dos partidos só coloca mulher porque tem uma lei, sabe? A gente tem uma cultura, digamos assim, de que os maiores e melhores espaços ocupados têm que ser ocupados por um homem, né? Historicamente é interessante quando a gente começa a observar… O ambiente escolar, que é onde eu vim, que eu sou professora. Quando iniciou esse processo de escolarização, as mulheres eram as professoras porque achava-se que ela tinha um cuidado maior por conta de ser mãe e elas eram professoras. Mas a direção da escola não era mulher. A direção da escola era homem porque se achava que a mulher não tinha o poder de tomada de decisão eficaz. Então obrigatoriamente as direções escolares, no início de tudo, eram masculinas. Então a gente observa que isso é um rastro histórico. E que a mulher precisa, sim, ir mostrando que ela sabe tanto quanto. Não é que ela sabe mais, mas ela sabe tanto quanto. A mulher ajudaria na decisão, ao entrar no espaço de poder, tá entendendo? E muitas vezes até com mais sensibilidade e mais sagacidade do que o homem. Porque Deus dotou a mulher de mais sentimentos e percepções, exatamente porque ela ia ser mãe e ela precisava disso. E hoje a gente pode utilizar essas ferramentas que nós recebemos gratuitamente e a gente pode utilizar em todos os ambientes do trabalho que a gente ocupa. Eu acho que é um dom, né?

P.20. E na sua experiência como presidente de partido, você sente diferença? Você sente que você já sofreu alguma coisa por ser mulher nesse espaço?
R: A gente observa, sim, muitas vezes um olharzinho de canto de olho, sabe? Como se não é o ambiente dela, tá? Mas ao invés de me sentir triste ou ofendida, eu procuro mostrar que eu estou lá tanto quanto eles, entendeu? Eu não me vitimizo em relação a isso. E a gente sofre preconceito mesmo, isso é uma realidade. Acho que a gente tem que observar as coisas como elas são. Existem algumas pessoas que ainda não evoluíram o suficiente pra perceber que o mundo mudou, né? E a gente não vai jogar essas pessoas fora por isso. Elas têm que estar no processo e elas precisam ser modificadas ao tempo que elas vão sendo trabalhadas, né? Então eu já senti, sim, preconceito, muito, não aberto, mas velado. Mas eu procuro, mesmo quando eu sinto, eu procuro só mostrar que eu estou ali porque eu tenho competência suficiente pra estar, né? Porque quem tem competência se estabelece. Se você chegou no espaço, não chegou por acaso. E procuro mostrar que estou pra ajudar, que estou pra contribuir, entendeu? Então, o que é que acontece muitas vezes? Esse preconceito inicial vai sendo diluído e de repente eu vejo essa mesma pessoa que no início olhou assim como se dissesse, *o que é que está fazendo aqui*? Mais na frente ela faz, *[nome da líder], vem cá, me ajude nisso aqui*. Tá

entendendo? Então é uma forma de você vencer também. Nem sempre você vence uma batalha brigando. Às vezes você vence uma batalha se impondo, às vezes você vence uma batalha se colocando à disposição. Então, assim, é preciso ter sabedoria pra poder encarar cada batalha como ela tem que ser. Mas se precisar brigar, eu brigo também. Sou boa de briga.

P.21. Você pode me dar algum exemplo de alguma discriminação que você já sofreu?
R: A maioria é assim, velada, entendeu? Em algumas reuniões, em alguma convenção e tal, a mulher é olhada. Mas assim, nada tão significativo que eu possa dizer, ah, eu sofri. Também já estou há muito tempo. É mais assim, um novo que chega, mas como eu já estou há mais tempo… Mas eu não posso dizer a você que não tem, tem. Mas assim, comigo, pessoalmente, nada tão significativo que eu possa dizer, ah, eu tive que brigar por isso. Eu também acredito que a gente vai conquistando o nosso espaço, como já lhe disse anteriormente, né? A gente precisa escolher as nossas brigas, nossas guerras. Eu acho que o meu legado, a minha guerra principal é oportunizar outras mulheres a crescer. E eu estou caminhando nesse sentido aí. Muito lentamente, meu trabalho tem ajudado mais os homens a crescer do que as mulheres, mas a gente segue nesse sonho de conseguir inserir mais mulheres nesse processo.

P.22. E uma coisa que você falou que eu achei interessante, você comentou de 96, que eu acho que 96 e 2008, foram os anos que mais teve eleição de mulheres aqui na Câmara de Vereadores. E você falou que em 96 você ajudou a eleger quatro mulheres.
R: Não, quatro homens. Nós só elegemos uma mulher, foi Anatélia, e nem me lembro qual foi o pleito. Eu lembro bem pouco. Mas só entrou uma, que é uma mulher envolvida na área de saúde, muito boa, mas elegemos quatro [homens] nesse mandato. E ela foi um mandato de mulheres que conseguiu chegar. Aí no pleito passado, teve uma que bateu na trave, uma representante rural, sindical, muito boa, bateu na trave. Chegou bem perto, ficou em suplência. Mas foi eleito três homens de novo.

P.23. Eu acho que é isso, terminamos.
R: Pronto. Você tá fazendo mestrado, eu também. Eu sou bióloga, né? Me especializei em gestão ambiental. E estou terminando mestrado em Desenvolvimento no Semiárido, em inovação e tecnologia. E aí a vida me levou para outro caminho diferente, porque hoje eu trabalho com elaboração de projetos, captação de recursos. Eu dei aula quase 20 anos, e aí depois comecei a fazer curso de projetos, captação de recursos e os trabalhos comunitários vão me absorvendo. E daí, ninguém me chamava mais para fazer outra coisa. Ninguém quer que eu dê aula mais, só quer que eu faça projeto. Até hoje eu vivo nessa área de elaboração de projetos e captação de recursos. E aí enveredei na área política em 96, formamos um partido, dois doidos juntos, eu e ele [o marido]. Resolvemos formar um partido diferente, um partido que desse a oportunidade de pegar pessoas com menor condição financeira. Porque é injusto o processo, é bem injusto. E aí a gente caminhou por isso aí e está aí até hoje. Balanceando a parte profissional e a parte política e tentando contribuir da melhor maneira possível. Mas estou à disposição...

P.24. Você pode me indicar, se tem alguém para me indicar, de pré-candidata, do partido, que eu possa falar.

R: Aqui em Petrolina, vereadora mulher tem [nome] e [nome]. Do nosso partido a gente tem uma líder comunitária, que eu posso indicar, não sei se você conhece, [nome]. E tem uma advogada também que eu acho que seria bom você conversar com ela. Porque elas vão falar da motivação delas, todas duas são novas, não tem muita experiência, mas podem contribuir com o seu trabalho. Eu vou falar com elas, caso elas não tenham nenhum problema em lhe dar essa contribuição, eu já mando o contato delas para você. [nome], ela está inserida numa comunidade muito carente, que é uma comunidade perto do presídio. No Fernando Idalino, depois do presídio. Lá ela tem um trabalho muito bom, ela faz parte de assistência social, ela cuida da população e conhece a necessidade. Já a [nome], já é um outro nicho, é advogada e professora de cursinho pré-vestibular e concurso. Então, o que eu acho interessante é essa diversidade de representatividade. E que eu consigo enxergar, que você junta essas pessoas para dar uma boa coisa. E tem também essa líder rural, não sei se você vai conseguir falar com ela, porque ela trabalha muito.
E outra coisa, eu fiz mestrado também, e é necessário a pessoa ter sensibilidade para saber a importância de um trabalho desse. Não é todo mundo, você precisa ser para alguma pessoa para poder contribuir e a pessoa não quer se comprometer. Não sei se isso já aconteceu com você, porque comigo já aconteceu. Os grupos iniciais que eu queria pesquisar, no caminho eu desisti de alguns porque eu via falta de interesse em me ajudar na pesquisa. Aí eu resolvi centrar nos que que eu vi que tiveram interesse em me ajudar. Porque as pessoas não sabem que a importância do trabalho desse, ficar registrado nos anais acadêmicos, pode fluir um artigo de um trabalho desse, pode gerar material para outras pessoas em tempo diferente utilizar. Mas quem não tem esse conhecimento não dá o devido valor que ele tem. Eu vou conversar com elas, caso elas digam, não, a gente contribui para participar, eu passo o telefone e você procura.

P.23. Pronto, muito obrigada.
R: Obrigada. Qualquer coisa estou à disposição.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistado: Líder do Partido dos Trabalhadores
Categoria: Presidente de partido
Partido: PT
Data: 24/01/2024
Local: Sede do diretório municipal do PT e SINTEPE, Petrolina/PE.

P.1. Para começar, vou pedir pra você se apresentar, e falar um pouquinho sobre seu papel dentro do partido.
R: Bom dia, eu sou o [nome], eu sou o presidente do partido, atualmente também sou coordenador do Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Pernambuco, SINTEPE, e estou exercendo a presidência do Partido dos Trabalhadores.
Esqueci de dizer, pode ficar à vontade pra gravar, não tem problema, autorizo a gravação.
Então, o meu papel é de conduzir as decisões do diretório e levar pra executiva. A gente tem reuniões do diretório municipal, uma vez a cada mês, e a reunião da executiva que é quem faz o encaminhamento das decisões do diretório. A função do presidente é basicamente conduzir

esse processo, não tem poder deliberativo de tudo, mas é um processo amplamente democrático, e a gente discute dentro dos dois colegiados, tanto da executiva quanto do diretório.

P.2. Falando do processo de escolha [dos candidatos]. Como é o processo, quais são as etapas para chegar na escolha dos candidatos, quem que vota?
R: Veja, nós temos o partido, ele tem suas instâncias partidárias, tem estatutariamente, tem alguns critérios e instâncias para escolha das candidaturas, principalmente quando se trata do Legislativo, tanto a Câmara Municipal quanto a Assembleia Legislativa e Câmara dos Deputados, e a gente procura estabelecer esses critérios dentro do próprio diretório. Ele não é estático, ele pode ser variado a cada eleição. O principal de tudo é que a gente discute democraticamente no diretório municipal. As candidaturas são apresentadas, as pessoas se apresentam, e daí a gente vai discutir quais os critérios, quais as etapas, as formações, é preciso que a gente passe por uns processos de plenária, seminários, para que as pessoas tenham consciência do papel que está exercendo, do papel que vai exercer, que vai assumir diante o partido, porque não é candidatura por ser um candidato de si próprio, é uma candidatura para representar o partido, representar o projeto que o partido tem para a sociedade.

P.3. Então no início são as pessoas que se apresentam?
R: É, a gente tem as prioridades, podemos dizer assim, que são os mandatos, quem já tem mandato, está exercendo o mandato. Esse ano nós vamos ter eleições para vereadores, nós temos um mandato, então a gente tem a prioridade de reconduzir esse mandato, de reeleger esse mandato para mais um mandato legislativo que representa o Partido dos Trabalhadores.
E a partir daí a gente procura os meios para que as pessoas se coloquem à disposição do partido para se candidatar para a gente ampliar. A nossa meta é manter a vaga que temos e ampliar pelo menos mais duas vagas na câmara de vereadores, e a partir daí a gente começa os processos de escuta, procurar pessoas que tenham interesse, as pessoas que já procuram o partido, e aí quando a gente tem essa quantidade de pessoas que ou procuraram o partido, ou que a gente foi atrás, buscou para conversar, dialogar e vir representar o projeto do partido, a gente vai estabelecer alguns critérios para que a gente forme a chapa de vereadores. Principalmente esse ano que a gente está dentro de uma federação, e essa federação nos limita bastante. São três partidos, são vinte e quatro vagas com a câmara de vereadores, e a ideia é que cada partido aponte oito candidatos. Nós sabemos que não vai ser dessa forma, o peso maior vai ficar para o Partido dos Trabalhadores. Os outros partidos, que é o PCdoB e o PV, a gente tem a clareza que eles não vão apontar oito candidatos cada um, então a gente vai ter que suprir, ver dentro das nossas condições como a gente vai compor a chapa. Se a gente vai compor uma chapa com os vinte e quatro nomes, a gente vai reduzir a depender do que a gente tem para apresentar.

P.4. E aí o processo depois disso, você comentou dos seminários…
R: É, a gente tem. Por exemplo, como é que a gente vai procurar os candidatos, os possíveis candidatos? A gente vai para as eleições anteriores ver quem se apresentou como candidato, quem se candidatou, quem teve um bom desempenho nas eleições e a gente conversa com

essas pessoas, elas são filiadas ao partido ainda e a gente conversa, você tem interesse, você vai disponibilizar o nome mais uma vez para ser candidato, qual a sua posição, e aí a partir dessa escuta a gente vai vendo, e aí automaticamente tem outras pessoas que se apresentam querendo ser candidato, e aí dentro dessa apresentação que a gente vai fazer esse processo de formação. Para aqueles que a gente busca, a gente já entende que já participou do processo, já tem um compromisso com o partido, já entende a situação, mas muitas vezes a pessoa chega para se filiar no partido, ‘’*eu quero me filiar para ser candidato*’’. Não é dessa forma, a gente tem que estudar, ver qual o perfil daquela pessoa, qual o serviço prestado que a pessoa tem para a comunidade, qual a área de atuação dele, como a gente vai inserir essa pessoa numa campanha eleitoral, ver se ela tem potencial político para representar o Partido dos Trabalhadores.

A gente tem tido aí nos anos anteriores muito problema com candidatos, as pessoas aparecem, dizem que tem tantos votos, dizem que representam tal comunidade, e dá muito trabalho durante a campanha. E aí às vezes vem só pensando que tem dinheiro, que tem verbas, que tem horrores de recursos para a campanha, e na verdade não existe, a gente não tem fundo partidário. O Diretório Municipal não tem fundo partidário, e o pouco de recursos que chega a gente tem que ver os critérios para distribuição desse recurso. E muitas vezes esses candidatos se frustram porque não era aquilo que eles pensavam, pensam que a candidatura dentro do partido é como em qualquer outro partido. E não é como em qualquer outro partido, que as pessoas muitas vezes vão para lá só para barganhar, porque a gente não tem um trabalho dessa forma, não tem essa política, porque a gente tem clareza da real importância de um mandato do Partido dos Trabalhadores, tem a real importância do que significa o Partido dos Trabalhadores para a sociedade, então a gente não pode cair nesse jogo político de chamar ou de colocar candidatos apenas para compor ou para fazer barganha política dentro do partido.

P.5. E aí então passando esse processo, como são escolhidos no final, quem são as últimas pessoas que votam para que os candidatos entrem na chapa?

R: A gente publica um edital que convoca uma reunião que é para homologar as candidaturas, e o diretório aprova ou não essas candidaturas. É a convenção partidária, ela se dá lá no mês de junho. A gente faz um edital de publicação da convenção, é claro que quando chega na convenção já está tudo mais ou menos arrumado, e aí os convocados para a convenção, que são os filiados, é quem aprova aqueles candidatos a representar o partido. Até chegar lá nós vamos passar pelos processos de discussão, formação, análise de critério ,e aí se tiver um pré-candidato que a gente avalia que não condiz com a realidade do partido, não dá para representar. O próprio diretório, dentro da sua reunião ordinária ou extraordinária que seja chamada, ele faz análise e diz, olha, a gente vai barrar essa candidatura, por isso, por isso, por isso, e a pessoa fica sabendo que foi barrado. Muitas vezes a gente tem que barrar candidaturas masculinas porque a gente não atinge a cota feminina, e aí para não ser prejudicado o partido, a gente vai ter que retirar candidaturas masculinas para cumprir a cota. A cota feminina que diz que 30% deve ser preenchida por mulheres, infelizmente a gente ainda tem que fazer isso, porque a gente não tem um nível de participação ainda voluntária das mulheres para participar no processo. Isso acontece nos partidos, todos os partidos, e é tanto que hoje a justiça está muito em cima disso, tem mandatos de vereadores sendo cassados, de deputados, porque usaram candidaturas femininas como laranja apenas para

compor a cota exigida pela lei. A gente não, a gente prefere que as mulheres se apresentem, que sejam candidatas por ter consciência e convicção de serem candidatas do Partido dos Trabalhadores. Se a gente não tem a quantidade de mulheres suficientes para cumprir a cota de uma chapa completa, a gente reduz o número de candidatos para que com aquelas mulheres que nós temos candidatas, nós compomos a chapa completa, a chapa de vereadores.

P.6. E o que é levado em consideração para escolher o candidato? Você falou dos critérios, quais são esses critérios?

R: A gente leva em consideração, primeiro, como essa pessoa chega ao Partido dos Trabalhadores. A gente tem um processo de filiação que chama-se de homologação, de abonação. Você se filia ao partido, quem lhe trouxe para ser filiado ao partido? Então isso já é um critério bastante significativo, porque ele vem indicado por uma pessoa, então a partir daí a gente vai avaliar qual o cenário que essa pessoa vem. Primeiro, candidatos que têm historicamente participação de processos que são contrários aos nossos princípios ideológicos, por exemplo, candidato que apoiou o Bolsonaro na eleição passada não vai mais ser candidato na chapa de vereadores do PT, porque ele não representa o projeto do Partido dos Trabalhadores.

O perfil desse candidato, de onde ele vem, quem ele representa, qual o trabalho que ele tem prestado para a sociedade, qual as ideias que ele tem, o que ele entende do Partido dos Trabalhadores, qual a visão que ele tem do projeto do partido, tudo isso são critérios utilizados para que a gente possa ter um candidato do Partido dos Trabalhadores. Muitas vezes quando a gente tem umas candidaturas que a gente não leva em consideração esses critérios, como eu disse anteriormente, a gente encontra problemas lá na frente, porque as pessoas acham que é um candidato como outro qualquer e não é. Então a gente estabelece esses critérios, discute muito bem dentro do partido. Esse ano a gente já começou, na última eleição a gente começou tardiamente, começamos a discussão do processo lá para abril, esse ano a gente já está discutindo, já estamos fazendo reuniões sobre como é que a gente vai estabelecer os critérios para compor. E também porque não vai ter muitas vagas para compor. E mesmo não tendo muitas vagas, a gente ainda está tendo dificuldade de quantas pessoas nós vamos apresentar que tenham competitividade. A gente teve candidaturas, na última eleição a gente teve uns 20 candidatos, teve candidaturas que tiveram 5 votos, tiveram 10 votos, tiveram 20 votos.

Então essas pessoas já provaram que não tem representatividade na sociedade, então a gente vai chamar essas pessoas e dizer que não tem potencial político. ‘’*Olha, você já foi candidato outra vez, teve essa quantidade de votos, então você não tem potencial político para ser competitivo na chapa. Você pode apoiar outros, você pode juntar com outro, pode fazer campanha para outro candidato dentro do partido. E, se você no futuro tiver uma condição melhor, você vai ser candidato, mas nesse momento você não vai ser candidato*”. Então a gente tem que ter essa clareza para que a gente possa garantir minimamente a eleição de 1 ou 2 candidatos dentro do partido. Porque se a gente não garantir candidatos que tenham potencial eleitoral que garanta o coeficiente eleitoral, a gente pode até perder a vaga que a gente tem.

Então tem que pensar nisso, estrategicamente tem que pensar como a gente vai garantir os votos. A gente tem o voto de legenda, que é aquela pessoa que não vai votar em nenhum

candidato, mas se identifica com 13, vai votar no 13. Na outra eleição nós tivemos 2.040 votos de legenda, esses votos foram todos para o PT. Esse ano não, esses votos vão contar para o PT, para o PCdoB e para o PV. A gente tem mais essa dificuldade ainda, então nós vamos ter que ter candidatos que os votos sejam direcionados a eles e não ao partido. Porque o do partido não vai servir só para a gente, vai servir para os outros partidos da federação. E essa federação acaba em 2026. Então se a gente pegar os votos do PT para eleger o candidato de outro partido da federação, em 2027 esses parlamentares não vão estar mais nessa federação. Então não vão mais representar o Partido dos Trabalhadores. Então é importante que a gente escolha candidatos, estabeleça critérios bem claros e um deles, o principal é de ter voto mesmo. Ter garantia de apresentar quantidade de votos que garanta a eleição dos nossos vereadores.

Ter um apoio popular maior é muito importante. E para isso a gente está buscando, pessoas que foram filiadas ao PT, saíram do PT, a gente já está fazendo a lista. Foram candidatos para outro partido que é do nosso campo de atuação da esquerda, a gente já está conversando com esses nomes para trazer de volta para poder ser candidato pelo Partido dos Trabalhadores. Entendeu?

Recapitulando, se era do partido, se tem trabalho prestado para a sociedade, para a organização, se é estudante, se representa a juventude, se representa a mulher, tem um trabalho voltado para a defesa da mulher, dos direitos da mulher. Tudo isso conta para a gente avaliar se é ou se não candidato do Partido dos Trabalhadores. E o apoio. Tem que ter minimamente o apoio da sociedade. Porque no final é o que garante.

P.7. Beleza. Em relação ao que você falou, que o diretório não recebe muito recurso?

R: Para a manutenção do diretório nós temos apenas a verba parlamentar. Como é que funciona? Nós temos um vereador, esse vereador tem uma contribuição mensal que vai para o diretório nacional, e o diretório nacional devolve para a gente 75% do que o vereador contribuiu. Hoje a gente não tem sede porque esse recurso não dá nem para pagar um aluguel. E aí tem as contribuições dos filiados. Quem é diretoriano, dirigente, tem uma contribuição de 15 reais mensais. E quem não é diretoriano tem uma contribuição de 15 reais a cada seis meses, por exemplo. Não é todo mês, dá 30 reais por ano. Mas nem todo mundo contribui. A situação não permite que todo mundo contribua. Tem a questão de as pessoas esquecerem, que as pessoas não lembrarem. Não está na sua pauta mensal, e terminam deixando para lá. E aí termina que a gente tem pouco recurso para manutenção do diretório.

Durante o processo eleitoral, aí não. Aí tem as verbas eleitorais. Nós não temos fundo partidário. O diretório municipal não tem fundo partidário, que é aquele fundo que vem periodicamente para os partidos se manterem. Só vem para o diretório estadual, o diretório municipal não recebe. Quando chega o período de eleição tem o fundo eleitoral. Que aí chega alguma coisa para os candidatos, mas é muito pouco. Aí a gente vai estabelecer. Isso é discutido nacionalmente, tem uns critérios estabelecidos. E aí vem para estadual, e a estadual dentro dos critérios estabelecidos na nacional, aí faz a prioridade para distribuir para os municípios. E aí vai...

Qual o princípio da distribuição? Ver quais os municípios que têm potencial de eleger. Isso é o primeiro passo. Depois, dentro do município Petrolina, quem tem mandato. Então esse mandato tem prioridade de recurso. Fora o mandato. Quem já foi candidato, teve bom

desempenho. Quem foi parlamentar, teve bom desempenho, vai estar voltando para ser candidato. Aí está no segundo patamar de prioridade para distribuição. Mulher tem prioridade para distribuição dos recursos, porque já está na cota nacional mesmo da prioridade. Raça também tem prioridade em determinados recursos. Você está no coletivo de negros e negras do Partido dos Trabalhadores, você tem também prioridade de recursos. A distribuição de recursos é feita a partir dessas prioridades.

Primeiro, a gente faz essa análise eleitoral. Potencial eleitoral, quem já tem mandato; quem já foi candidato; quem foi parlamentar e está voltando a se candidatar. Então a gente tem um olhar diferenciado, porque a gente sabe que esse pessoal tem condição de trazer um recurso melhor. Trazer mais votos para o partido. E aí a gente vai para os recortes de mulheres, de gênero, de raça, de cor, de juventude. E aí também esse já tem no parâmetro do Estatutário do Partido. Para distribuição dos recursos a partir desses recortes. Então, com isso, a gente consegue estabelecer uma distribuição dos recursos.

É justo? Eu não sei dizer se isso é justo. O correto é que a gente tivesse todo mundo no mesmo nível de competitividade. Que a gente distribuísse, tirando essa parte de gênero, de raça, das cotas. Mas o ideal é que fosse distribuído de forma igualitária. Que a gente tem que dar condições a todos.

Mas como a gente sabe, nem todos têm o mesmo potencial político. E aí muitas vezes essa pessoa que não tem o potencial político, não é o recurso que a gente tem que avaliar. Por que não tem potencial político? É o dinheiro? Ou é a própria atuação da pessoa? Porque se for a própria atuação da pessoa, você pode dar um milhão de reais, que ela não vai trazer os votos. Então tudo isso é levado em consideração para a gente estabelecer os recursos. É uma pessoa que tira cinco votos. Se você der um milhão de reais a essa pessoa, talvez não… Só se comprar os votos. E a gente não vai distribuir recursos do partido para compra de voto. Recursos do partido é para fazer campanha eleitoral. E a gente tem como princípio, já contratar uma empresa, contratar uma equipe, para dar conta da campanha eleitoral dos candidatos a vereadores que não tem condição de bancar.

E aí a gente é bem claro para as pessoas que o partido não tem dinheiro para bancar uma candidatura completa, todos os custos. E que aquele que quer estar com a candidatura para competir a vaga mesmo, ele tem que ter a consciência que ele também vai ter que procurar os meios dele. Ou de vaquinha, ou de arrecadar recursos para bancar a campanha dele. Ou de recursos próprios dentro dos limites da legislação para bancar a candidatura dele. Porque o partido não tem as condições de bancar toda uma campanha de um candidato. E muitas vezes, como eu disse, os candidatos se frustram. Porque acham que vai ter dinheiro para bancar toda a campanha, e não tem.

Por mais que o partido estabeleça alguns critérios para priorizar os candidatos… O recurso desses candidatos também não dá para eles bancarem uma campanha. Eles vão ter que se virar para ir atrás de recursos. E muitas vezes eles ficam frustrados por conta dessas situações. ‘’*Ah, mas o fulano de tal tem dinheiro. O fulano de tal, vereador tal aí do prefeito aí está distribuindo dinheiro*’’. A gente não sabe qual a fonte de recursos deles. Não sabe qual a origem desse recurso. Então a gente não vai se pautar por isso aí não. Candidatos tal tão derramando dinheiro aí, estão fazendo campanha, estão botando gasolina em carro, estão botando perfurado em carro, tão pagando para botar adesivo. A gente não vai fazer isso porque a gente sabe de onde saiu os recursos da gente. São recursos lícitos. A gente não sabe

de onde saiu esses recursos. Então a gente não pode pautar por isso a campanha. E aí por isso as nossas campanhas são no sacrifício, mesmo.

P.8. Entendi. E aí tem essa ordem de prioridade, mas tem diferença também na distribuição de recursos? Então, as pessoas que têm mais prioridade recebem mais recursos? Por exemplo, as cotas têm uma quantidade específica já? Como é isso?
R: As cotas já têm quantidade específica. Eu não vou saber dizer quais são os percentuais. Mas as cotas já têm prioridade, tanto de gênero, como de raça. Já têm prioridade nacional. Por exemplo, mulheres. Além delas terem prioridade na distribuição do recurso que vem para o município, elas ainda têm uma participação na cota nacional, que vem direto para elas para fazer, tanto de gênero, quanto de raça. Então, por que isso? Porque a gente tem que garantir que as dificuldades que a mulher teve para se inserir na política por conta do regime do patriarcado, do machismo, mas que é histórico no país. A gente tem que garantir as condições dessas pessoas se inserirem no processo político. E isso se dá através dos recursos, muitas vezes. Então a gente tem que priorizar essas cotas para tratar de forma diferente, para que eles tenham o princípio da equidade. Para que eles tenham condições de competir e de a gente acabar com essa dívida histórica, desses recortes das cotas, tanto de gênero, quanto de raça. Para a gente garantir uma maior participação feminina e de negros e negras dentro das assembleias e das câmaras de vereadores. Por isso esse tratamento diferenciado para que a gente acabe historicamente com essas injustiças cometidas.

P.9. E as outras pessoas que têm prioridades também têm uma quantidade definida de recursos?
R: A quantidade vai ser definida a partir do montante que chega. Chega no diretório estadual, ‘’*olha, chegou tantos milhões*’’. Para o diretório estadual tem tantos municípios para a gente distribuir. Para Petrolina tocou tantos mil e a gente vai estabelecer essas prioridades aqui, para a gente distribuir esses recursos. E aí infelizmente tem dissabores nessa distribuição. Têm queixas, na última eleição mesmo, a gente enfrentou muita dificuldade por conta disso. Os candidatos acharam que iam receber horrores de dinheiro, não teve dinheiro. Aí termina frustrando eles e atrapalhando a campanha também. Não tem jeito de não atrapalhar a campanha. Espero que esse ano a gente tenha uma melhor discussão. Que a gente conscientize melhor os candidatos. E que aqueles que receberem recursos menores entendam que são os critérios estabelecidos, para que a gente garanta minimamente a vaga na câmara de vereadores.

P.10. As pessoas têm que conseguir recursos próprios. Conseguir patrocínio, enfim, com outras pessoas, com uma empresa. Quem tem mais possibilidade de conseguir recurso próprio também, tem prioridade ou tem mais chance?
R: Quem tem condição de atrair recursos, por exemplo, as vaquinhas. Doação de empresas, CNPJ, não, a legislação não permite mais. Só pessoa física. Mas as pessoas podem fazer vaquinhas eletrônicas. Ou de outra forma. Contando que esse recurso que entre na conta, seja prestado conta à justiça eleitoral. Que foi por meio de tal instrumento que ele arrecadou esse dinheiro. Ou que ele apresente no ato da candidatura que vai utilizar tantos mil reais dos recursos próprios dele. Seja de uma poupança que ele tem, seja de um investimento que ele

tenha. E isso não vai levar em consideração a divisão do fundo partidário, do fundo eleitoral. O fundo eleitoral a gente vai discutir de maneira geral, sem considerar que as pessoas tenham. Porque mesmo que ele tenha, mas a gente também vai garantir alguma coisa para eles. Porque muitos candidatos saem devendo. Quem entra pra disputar a vaga mesmo, eles terminam a eleição devendo. E muitas vezes passa quatro anos se virando pra tentar pagar as dívidas que fez na campanha. É claro que se, dentro do processo da discussão da distribuição, fulano de tal já tem condição de bancar sua campanha, então nós vamos direcionar esse recurso aqui pra ajudar esses daqui, que vai ajudar esse candidato. Isso aí é perfeitamente conversável dentro do partido. Até mesmo com o próprio candidato que já tem as condições de bancar sua própria campanha. Isso não está deliberado, não está determinado que tem que ser daquela forma. A gente pode conversar e falar, '*'Fulano de tal, você já tem as suas condições aqui. Vamos pegar aqui pra que você mesmo possa ser ajudado por esses outros candidatos. Vamos pegar esse recurso aqui que seria pra você. E vamos redistribuir aqui pra esses outros candidatos*.'' Isso aí a gente dialoga durante o processo mesmo.

Essa parte dos recursos vão chegar pra gente só lá pra maio e junho. Agora só vai ser a parte de candidaturas, ver nomes, legalização. Ver quem é que não está na lista da justiça eleitoral. Quem está, quem não está. Tem um prazo pra inserir na relação da justiça eleitoral pra ser candidato. E a parte de recursos mesmo, a discussão vai lá pra maio e junho, que a gente vai saber. Ter mais ou menos uma noção do que é que a gente vai ter de recursos, e como vai ser a distribuição. Então pra que a gente não tenha problema lá na frente, a gente tem que resolver aqui atrás como é que a gente vai compor a nossa chapa. E a gente já evita problema mais na frente. Se a gente trazer um bocado de gente pra ser candidato sem nenhum critério,

sem nada, a gente vai ter problema mais na frente na distribuição dos recursos. Se a gente monta uma chapa bastante competitiva, bastante consciente, bastante dialogada agora, mais na frente a gente vai ter mais facilidade de discutir essa questão dos recursos. Mas é sempre um gargalo. É sempre uma dificuldade muito grande.

P.11. Eu acho que a próxima a gente acabou já comentando, que era sobre as cotas, mas eu queria que você retomasse. Quais são as medidas tomadas pra poder cumprir as cotas? Principalmente as cotas de gênero.

R: Infelizmente, a gente tem que ter a legislação pra cumprir, pra garantir a participação das mulheres. E os partidos não têm trabalho pedagógico ainda pra que naturalmente essas candidaturas apareçam, se apresentem. Então a gente termina tendo que garantir por força da lei. Muitos partidos têm que garantir por força da lei.

Mas durante os processos pré-eleitorais a gente já discute bastante**.** Como a gente vai garantir a participação, não pra cumprir a cota. Só pra cumprir a cota. Mas que a gente tem a participação feminina no processo mesmo. Quando a gente busca conscientizar a participação feminina, automaticamente a gente cumpre a cota. Se não cumprir, aí a gente infelizmente vai ter que tomar medidas drásticas. Ou eliminar candidaturas masculinas pra cumprir a lei, ou ir atrás de pessoas que queiram ser candidatas. Agora, a gente sempre diz que é pra ser candidata, não é pra cumprir cota. Porque pra cumprir cota seria candidatura fictícia. A gente tem que ter candidaturas pra valer. Então, é uma questão bastante delicada. Mas a gente procura já previamente discutir a participação feminina dentro do partido. Para que a gente garanta essas candidaturas e cumprimento da cota. Esse ano a gente está apontando aí que a

gente possa ter por volta de dez candidaturas ao todo na chapa. Se a gente tiver dez candidaturas, a gente tem que ter no mínimo três mulheres. A gente tem garantia de uma mulher hoje. Mas tem pessoas já procurando pra serem candidatas. Então a gente entende que, como a gente já tem pessoas interessadas em ser candidatas, a gente vai cumprir essa cota facilmente. É uma questão que a gente já vem trabalhando dentro do próprio diretório.
E aí os candidatos que se apresentam como possíveis candidatos a majoritária mesmo já apresentam candidaturas, já apresentam nome**s.** A gente tem nomes que participaram da outra eleição que a gente vai conversar com elas pra serem candidatas. Porque tiveram um bom desempenho eleitoral, e a gente quer novamente que as pessoas sejam candidatas. E a gente dá uma condição melhor pra, quem sabe, elas cheguem lá pra ocupar uma vaga na câmara de vereadores. Então são medidas que a gente toma antecipadamente pra evitar que mais adiante a gente tenha que fazer corte de candidaturas pra cumprir a cota.

P.12. E aí vocês normalmente esperam que essas pessoas cheguem? Ou vocês vão atrás também?
R: Não, agora nós já estamos fazendo a relação. A gente já começou a fazer a relação de quem a gente vai buscar pra ser candidato. A gente já tem umas três pessoas que foram candidatas na última eleição. Tiveram um bom desempenho. A gente vai conversar com elas e saber se elas estão dispostas a serem candidatas novamente. Então, se a gente conseguir três com mais um que tem garantida já, já tem umas quatro candidaturas. E a gente fica tranquilo pra o cumprimento dessa cota. Passa do cumprimento já. Essa é a meta.

P.13. Quando chega ao final do processo, quais são as pessoas que tem direito a dar o voto?
R: Nós somos de um diretório formado por 36 membros. É um diretório paritário, metade mulher e metade homem. E esse diretório é quem tem o poder de decisão. Se for pra homologar as candidaturas, se for pra barrar alguma candidatura, a gente vai discutir dentro do diretório. Inclusive pra escolha do candidato a prefeito. A gente hoje tem duas pré-candidaturas internas postas. E a gente vai decidir, quem vai decidir é o diretório. Dois terços, foi estabelecido pelo diretório nacional, pelo executivo e diretório nacional, que se dois terços do nosso diretório, ou seja, 24 pessoas, decidir por um nome, isso aí já está sacramentado. Se nós não tivermos essa decisão aqui, a gente vai para a plenária. A gente vai fazer plenária municipal, chamando os filiados, e aí dentro dessa plenária a gente vai fazer a discussão e a decisão de quem vai ser o candidato. Aí na plenária, todos os filiados que tiverem, que forem convocados, eles têm direito a voto. Dentro do diretório, são os diretorianos que decidem. Então, primeiro o processo nós vamos tentar ter resolvido dentro do diretório, para que a gente não estenda o processo muito para frente, para não ter que convocar uma plenária municipal.
E aí, dentro do diretório nós temos mais uma executiva, que são os mesmos membros do diretório, que é a diretoria executiva, que faz os encaminhamentos, que leva as propostas para dentro do diretório, discute as propostas para o diretório, para ser apresentados e deliberados pelo diretório. A instância máxima de deliberação é o diretório municipal, que são esses 36 membros.

P.14. E aí, passando todo esse processo, quando chegam no final de falar assim, a gente tem os nomes, foram escolhidos, então a gente pode mandar para o diretório nacional. Se uma pessoa se candidatou, demonstrou interesse, passou por todo o processo e foi escolhida no final. O diretório manda os nomes independentemente ou nesse último momento a pessoa ainda pode querer retirar seu nome?

R: Pode, o candidato tem autonomia para isso, se quiser retirar, ele retira. Agora, assim, a gente tem que fazer um processo de conscientização que, se ele foi até o final, chegou na convenção partidária, que é o último momento para a deliberação das candidaturas, que é quando você faz a ata para encaminhar para a justiça eleitoral. Porque essa ata da convenção, ela tem que ir junto com as candidaturas. Quando você vai preencher lá no *drap* da justiça eleitoral, você tem que apresentar, você tem que anexar a ata da convenção partidária, que acontece geralmente lá pro mês de julho, agosto. Então, se chegar na convenção e a pessoa querer retirar essa candidatura, aí ela pode prejudicar o partido, porque você já está com tudo montadinho. Aí você retirou a candidatura, aí a gente diz, olha, segura aí, não vai dar mais para você retirar sua candidatura agora, posteriormente você pode retirar, mas nesse momento você não vai poder retirar, porque senão vai ter que mexer em toda a chapa, então tem que manter a candidatura. Então por isso que é importante a gente ter esse processo formativo antes, processo de discussão, para que as pessoas cheguem lá na frente com segurança que vai ser candidato.

A gente, quem tem alguma palavra, como disse, é o diretório em relação a aceitar ou não aquele nome como candidato. Pode acontecer da gente aqui estabelecer alguma coisa, estabelecer uma candidatura, e mais adiante, o diretor nacional perceber que tem alguma coisa que é contra os princípios do partido e dizer, ‘’olha, isso aqui não pode’’, quem vai decidir é a nacional. Muitas vezes a gente pode escolher um candidato aqui e a nacional dizer que lá esse candidato não passa. Isso é muito difícil de acontecer, mas pode acontecer.

P.15. Por que acontece isso às vezes?

R: Por exemplo, se a gente descobrir que tem um candidato aqui, e ele no passado teve algum processo que foi contra o Partido dos Trabalhadores, então essa candidatura pode ser barrada. Não percebeu aqui, mas lá, mais adiante o diretor nacional percebe que tem algum elemento desse tipo. Às vezes um candidato que se apresenta aqui e passa a despercebido que na outra eleição ele era de direita. O diretório nacional pode dizer, esse nome aqui não passa não. Mas a gente faz a discussão antes para não chegar a isso lá no final do processo, que no final do processo, é só se a pessoa querer retirar mesmo. Chegou na convenção, que já está tudo definido dentro do partido,aquelas candidaturas. Se ele quiser retirar, a gente vai chamar essa pessoa e conversar e dizer que retirar a candidatura agora vai prejudicar o partido. Então a gente tem que trabalhar anteriormente para que isso não aconteça lá no futuro.

P.16. Entendi. Pensando na sua experiência na arena político-partidária atualmente, você acha que o primeiro passo para lançar candidaturas femininas parte normalmente das mulheres ou do partido?

R: Essa é uma análise bastante complexa. Apesar da gente ter a legislação que obriga que 30% seja de candidaturas femininas, o partido, na minha visão, tem que proporcionar a discussão independente da legislação. Tem que garantir essa discussão, incentivar a

participação das mulheres. E aí quando o Partido dos Trabalhadores já tem no seu estatuto que metade do diretório tem que ser formado por mulheres, a gente já está colocando a discussão em prática, está propiciando que as mulheres venham fazer a discussão dentro do diretório e isso garante que elas tenham uma participação mais efetiva e isso pode garantir que elas venham participar dos processos eleitorais. Então acho que por um lado as mulheres têm que se sentir representadas no partido, têm que se sentir pertencentes à política para querer participar da política de boa vontade, com convicção do seu papel na sociedade. E por outro lado o partido também tem que impulsionar isso, tem que propiciar os momentos de discussão para que as mulheres se sintam acolhidas pelo partido e se sintam à vontade para ser candidatas. Eu acho que tem que partir dos dois lados, tanto do partido, quanto da vontade da mulher participar, mas o partido tem esse papel de incentivar, de instigar essa participação feminina, não só para ser candidata, mas dentro dos processos de discussão política do partido, das políticas públicas, das questões sociais, porque a partir daí ela vai se sentir apta para participar do processo de representar o partido, de representar a sociedade nos meios de discussão e de decisão política, que são as câmaras legislativas, as Assembleias Legislativas e a Câmara Federal.

Então, é importante que o partido tenha esse papel fundamental de incentivar e não deixar em segundo plano a participação feminina, e aí no momento dos processos eleitorais estar correndo para ter que cumprir cota. O processo tem que vir antes, ele tem que partir do partido para que as mulheres possam participar efetivamente de todos os processos políticos e a candidatura é uma consequência nesse sentido. Ela tem que ser uma consequência dessa participação que ela foi instigada a fazer durante todos os processos. Eu acho que se isso acontece a gente tem alguma participação, e a gente vai ter, quem sabe aí no futuro, maioria das mulheres participando da política.

P.17. E o PT atualmente tem algum tipo de programa nesse sentido? Um curso de formação?

R: Nós temos uma secretaria da mulher, executiva. Tem várias secretarias e tem umas secretarias que são primordiais. Secretaria da Presidência, Vice-Presidência, Secretaria de Finanças, Secretaria de Organização, necessariamente menos importante que Finanças, Secretaria de Organização, Secretaria de Comunicação, Secretaria da Mulher e Secretaria de Juventude. Tem 14 secretarias representando os diretórios e essas são chave. Essa Secretaria da Mulher é responsável de propor políticas internas, programas, formação, reuniões para participação da mulher dentro do partido.

A secretaria é tanto nacional, como estadual e municipal. Todas as três instâncias têm a Secretaria da Mulher, que tem esse papel de incentivar a participação da mulher na política. Dentre isso, tem programas dentro da própria plataforma do partido, tem políticas voltadas para a participação da mulher na política. E acho que é por isso que a gente tem menos dificuldade do que outros partidos. Dificuldade a gente tem, mas a gente tem menos dificuldade do que outros partidos na questão da participação feminina na política.

P.19. Hoje em dia você acha que a dificuldade vem do lado do partido ou do lado das candidatas?

R: Eu acho que é do partido mesmo. Os partidos ainda têm muito preconceito. Acham que é um campo de atuação masculina. Você tira por alguns comentários, alguns discursos que a gente vê, principalmente na Câmara dos Deputados, principalmente esse pessoal voltado para a direita, os conservadores, em relação à participação da mulher na política. E quer queira, quer não, a gente vive na sociedade ainda patriarcal, machista, que deixa a mulher no segundo plano, que acha que o papel da mulher é o da casa, é do cuidar. E termina isso prejudicando a participação da mulher na política. Acho que se os partidos tivessem mais consciência… Já mudou muito. A lei em si obriga os partidos a mudarem. Já tem algumas políticas, os partidos fazem campanhas publicitárias, televisão, da participação da mulher, mas eu acho que falta ainda na prática, no discurso do dia a dia, dentro dos espaços políticos, essa vontade, esse desejo da mulher participar mais da política. Então eu acho que pesa muito para os partidos isso.

P.20. Eu acho que nesse papel do dia a dia realmente é mais eficiente de se conseguir.
R: Claro, claro. E aí eu acho que por isso que, por a gente não ter o dia a dia da participação, isso termina afastando mais as mulheres. Muitas vezes, elas que participam da política, muitas vezes elas têm que se desdobrar para se fazer aparecer na política. Por que? Porque não tem, no dia a dia do partido, essa cultura, essa facilidade, essa abertura para se discutir a política. E muitas vezes o homem acha que a última palavra tem que ser a dele. Não é assim. Tem que ser democrático, o peso da mulher tem que ser igual ao do homem. A fala dela tem que valer tanto quanto a do homem. Não pode ter essa diferenciação. Infelizmente o machismo ainda é muito forte nesse espaço.

P.21. E das mulheres que chegam até vocês, tem alguma característica, alguma coisa que você acha que proporciona elas a ter interesse, a quererem ser candidatas?
R: As características que as mulheres apresentam, muitas vezes, que chegam para a gente tem aquelas que apresentam projetos amplos, discussão ampla, como tem aquelas que também vem para fazer a defesa do projeto, da participação da mulher, da questão que a mulher tem mais sensibilidade nas questões da gestão pública, da gestão de recursos, na defesa do papel da mulher na sociedade. Muitas vezes a mulher que chega para a gente ela representa, por exemplo, além de ser mulher, ela é negra. E isso conota muito fortemente para a gente do partido e para elas também. Então isso são características que elas trazem que são agregadas à sua proposta de participar da política. Ser mulher, ser negra, ser líder, ser representante de determinada comunidade. Então são características que se apresentam muito nas candidatas que aparecem. Fora aquelas que representam um determinado segmento. O segmento da educação é muito forte para a gente nesse quesito, porque como a educação é formada majoritariamente pelo segmento feminino, muitas das nossas candidatas, das mulheres que participam das nossas discussões são professoras. Então carregam muito fortemente essa bandeira da educação, a participação delas na política. Hoje nós temos como senadora a professora Teresa Leitão, nós tivemos como deputada estadual a professora Teresa Leitão, a falecida professora Isabel Cristina, tivemos como vereadora a professora [nome]. Então são pessoas que representam a bandeira da educação e a gente tem a bandeira da educação como prioridade, como um elemento muito forte como transformação da sociedade, só a educação é

que transforma. Então essa bandeira da educação é uma característica muito forte da presença feminina na política, principalmente, sobretudo no Partido dos Trabalhadores.

P.22. Então, elas representam, têm um papel dentro da comunidade delas muito grande, elas têm um apoio popular, mas elas normalmente são mulheres também que já têm bastante recurso, seja de dinheiro ou algum outro tipo de recurso?
R: Não necessariamente. Não necessariamente, eu acho que é o lado mais frágil ainda. A participação feminina com a questão do recurso. Como a gente, se você for olhar pelo lado da educação, a gente vem de candidaturas femininas que são professoras, por exemplo, vem da educação. Historicamente, o salário do professor não dá nem pra formação pedagógica, a sua formação profissional, a sua qualificação. Então são pessoas que vêm em situação financeira bastante precária. Então é por isso que o Fundo Partidário, o Fundo Eleitoral dá prioridade às mulheres, porque ainda tem esse agravante. Além de serem historicamente marginalizadas na política, ainda tem a situação financeira para a participação da política inferior à dos homens, muitas vezes. Então, isso na regra geral. Claro que tem as exceções, mas isso é fato.

P.23. Beleza, acho que é isso, acho que terminamos.
R: Terminamos? Pronto. Aí você vê aí.
Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistado: Líder do PCdoB
Categoria: Presidente de partido
Partido: PCdoB
Data: 01/02/2024
Local: Estabelecimento comercial, Petrolina/PE

P.1. Vou pedir para você se apresentar, falar sobre qual seu partido e qual o seu papel dentro do partido.
R: Bom dia, boa tarde, boa noite, Barbara. Aluna do curso de ciências, Ciência Política da UFPR. Barbara, meu nome é [nome], eu sou do PCdoB, o Partido Comunista do Brasil. Já faço parte do PCdoB desde 1981, eu vou completar agora quarenta e três anos que eu sou membro do partido. Eu sou da direção estadual, membro da direção estadual, do Pleno. A gente chama de Pleno, são 69 membros, eu sou um dos membros e sou atual presidente municipal do PCdoB, em Petrolina.
Meu papel é o seguinte, eu tenho basicamente duas funções, a função estadual, por ser membro da direção estadual, do Pleno da direção, eu termino tendo algumas responsabilidades no sentido de ajudar a construção do partido no sertão do São Francisco. O sertão é muito vasto, mas eu tenho como uma das funções ajudar na construção do PCdoB nos municípios da região do sertão. E a segunda função, papel que eu desempenho é de dirigir o PCdoB em Petrolina, sou presidente municipal, que é buscar, enquanto presidente, dar rumo ao partido aqui, nas suas decisões políticas internas e externas no sentido de colocar o PCdoB numa situação mais avançada em Petrolina.

P.2. Beleza. E o senhor me autoriza a gravação?
R: Sim, autorizo a gravação.

P3. Então para começar, qual é o processo de escolha dos candidatos para as eleições? Quais são as etapas, quem vota?

R: O processo de escolha das candidaturas se dá de forma interna, onde os partidos lançavam a chamada, para a eleição proporcional, a chamada chapa própria.

Então, vou pegar o exemplo de Petrolina. Petrolina tem 23 vagas de vereador, então até 2020, a legislação obrigava a gente a lançar uma chapa exclusiva do PCdoB. 1 vez e meia o número de vagas, então a gente tinha que lançar 35 candidatos. Desse total, no mínimo 30% dessas 35 vagas tem que ser destinadas à mulher. Então você apresenta a chapa do partido internamente, você faz a chamada conferência ou convenção, que é o encontro do partido com a pauta específica de deliberar sobre o processo de escolha dos candidatos, então aí nós apresentamos, e os filiados aprovam a chapa, e aí a chapa é aprovada nessa conferência ou convenção. Uma vez aprovada, eles tornam o nome, número, tudo direitinho, e eles entram no processo de disputa eleitoral. Aí quando a campanha tem início, tem um calendário eleitoral que o TSE determina todo ano, aí eles vão para a luta, buscar o voto, tentar buscar se eleger. Basicamente é isso, é um processo democrático de debate interno.

É claro que antes da escolha da Assembleia tem todo um debate interno, porque você tem um monte de pessoas, como é que você vai escolher só 35 se você tem 300, 800 nomes? O critério é basicamente político e densidade eleitoral, prestígio de massa, papel que cumpre naquela situação. Por exemplo, alguém que seja aluno da Univasf, que queira ser candidato a vereador. Sem problemas, mas é claro que precisa ser uma liderança, porque para você ser eleger tem que ter voto. Quem não for liderança, não tiver prestígio muito na sua base territorial, geográfica, social ali, não consegue se eleger. Um dos critérios é esse, que você seja uma referência da luta. O principal na verdade é esse, você ser uma referência da luta do povo onde você atua. Porque se você for essa referência na sua comunidade, evidentemente você tem supremacia, digamos assim, em relação a quem não tem referência nenhuma. Um camarada que é um filiado ali, participou da reunião, mas que a praia dele não é muito o social, evidentemente que a possibilidade de eleição de um camarada desse é mais difícil. Então é só alguns critérios para a escolha dos nomes, basicamente isso, liderança de massa, lutador do povo e ter essa referência.

P4. E normalmente vocês esperam as pessoas virem até o partido ou vocês convidam também?

R: Sim, o partido também tem essa forma. É claro que o partido tem o guia eleitoral, tem na TV, no rádio, então o partido faz campanha institucional de filiação. O partido faz a sua campanha para se apresentar enquanto partido político, as suas ideias. Então nós temos direito ao chamado programa eleitoral anual. Como nós somos pequenos, só temos 5 minutos. É de acordo com o tamanho da bancada, nossa bancada é pequena, então nós temos 5 minutos a cada programa desse. Esse programa é quando nós apresentamos as nossas ideias. Nós defendemos a sociedade socialista, sem exploração ao ser humano. Cada um de acordo com o fruto do seu trabalho, com as suas necessidades básicas, enfim, nós defendemos uma sociedade justa, solidária. Então quem simpatizar com essa ideia, ver na TV, ‘’*opa, onde é que eu acho esse caba aí?*’’, aí procura. Mas nós fazemos também as chamadas campanhas de filiação de massa. Ali na Praça Dom Malan, às vezes sábado de manhã a gente pegava, botava

uma barraquinha, botava uma mesinha com um banner do partido, botava um monte de ficha de filiação, uns panfletos, e chamávamos as pessoas. Então, tem o filiado que procura o PCdoB quando vê nossas ideias nas mídias oficiais, ou a gente vai atrás. Seja na porta da fábrica, ou na porta da universidade, na porta dos colégios, no comércio, enfim.
São as duas formas, basicamente. Respondi?

P.5. Sim. E em relação aos critérios, o que é levado em consideração para escolher um candidato?
R: A primeira, como eu te falei um pouco antes né, ser uma pessoa de luta. Lutador do povo, que defende o povo, ser uma referência da luta popular. Estudante, por exemplo. Eu fui estudante da UPE, mais tempo do que deveria. Eu passei minha vida lá lutando, na minha época lutava por bebedouro, pra você ter ideia. Água gelada, um bebedouro nos corredores aqui da UPE, mas eu entrei lá em 1981. Eu passei muito tempo como do movimento estudantil, eu fui do DA, fui diretor de cultura, diretor de imprensa. Então um dos critérios é que a pessoa seja um lutador, e eu era, porque eu lutava para o bebedouro, para cuidar da UPE. Como diz o Che Guevara, se você consegue se indignar com uma injustiça, você já é revolucionário. O PCdoB acolhe exatamente essas pessoas, os lutadores. A luta você dá em vários campos, na luta política, eleitoral. É uma luta institucional, chamada, a luta por mandatos, que tem um papel hoje determinante na vida pública e nacional. Porque quase tudo que você possa imaginar na vida da gente, passa pelo parlamento ou câmara de vereadores, ou assembleia legislativa, ou Congresso nacional.
Então o critério é você ser um cara que esteja no ambiente da luta social. A luta parlamentar, a vida institucional que eu falei pra você, o parlamento ou as prefeituras, o governo estadual, o federal. E os movimentos sociais, sindicato, associação de moradores, grêmio estudantil, diretório acadêmico, DCE, enfim. O que for de movimento social.
Além disso, se identificar com os ideais nossos. A defesa dos direitos dos trabalhadores. Porque muitas vezes a pessoa não tem nem uma noção muito profunda do que é o socialismo, do que é a teoria do Marxismo-Leninismo porque nós nos baseamos, o PCdoB é um partido ideológico. Nós temos uma ideologia, nós não somos um partido qualquer que é só eleitoreiro. Não, nós defendemos um projeto, nós defendemos uma outra sociedade, nós queremos acabar com o capitalismo e construir uma sociedade diferente. O nosso objetivo é construir o socialismo. Então por isso lutamos para educar o povo politicamente. Fazendo as lutas próprias, as lutas específicas. Moradia, por água, por saneamento, por iluminação, habitação popular, financiamento da agricultura familiar. Isso é uma luta específica agora, mas ela ajuda o povo a ir se educando que você só consegue as coisas com luta.
Além disso, precisa do apoio da massa, do povo. Se você não defender o povo, ele não vai lhe apoiar.

P.6. E existe alguma prioridade em escolher um candidato?
R: Prioridade pra escolher candidaturas, assim especificamente, não. O PCdoB é o partido da luta operária, então nós buscamos nos construir basicamente, no segmento dos trabalhadores, juventude e... Mulheres. E alguns segmentos assim... Cultura e tal. No ambiente intelectual, da universidade. Porque é um ambiente mais aberto às ideias avançadas, às ideias

revolucionárias, então é um ambiente importante, formador de opinião. Buscamos pessoas da classe de professores, mas também a juventude, por que?
Primeiro, vamos começar com os trabalhadores. Porque o trabalhador é a razão de ser do PCdoB. Nós somos um partido da luta operária, nós defendemos os trabalhadores porque defendemos o fim da exploração de quem produz. Então, nossa prioridade número 1 de construção do partido é entre os trabalhadores. A segunda prioridade é a juventude. Não tem uma ordem de prioridade. Trabalhador, juventude. Porque a juventude é mais aberta. É uma faixa etária que aceita mais as ideias do socialismo, as ideias revolucionárias. Numerosa, aguerrida, energia, tudo. Então, a juventude pra gente é fundamental junto com os trabalhadores e as mulheres. Porque, assim, não tem nem muito o que argumentar pra falar pra você.
Mas a mulher… Primeiro, é o segmento majoritário da sociedade, 52% da sociedade brasileira é mulher. Historicamente discriminada, relegada, cumpre um papel decisivo hoje pra humanidade. E infelizmente ela não foi incorporada ainda na devida necessidade… A mulher tem o direito de participação da vida social. Como todo, não só na vida doméstica. O PCdoB tem um trabalho muito forte no ambiente feminino. Nós chamamos UBM, União Brasileira de Mulheres, é do partido. É uma entidade de luta, tem muitos anos, e desenvolve a luta da mulher, de emancipação feminina. A política da mulher precisa ter mais espaço. Tanto é que fomos nós que propusemos os 30%.
Você viu aqui, teve um vereador aqui que ele se candidatou e botou a mulher como candidata pra cumprir a cota dos 30%. Ela acho que não teve nem um voto. Nem o dela, ela votou no marido. E o marido se elegeu, Júnior do Gás. Foi cassado aí depois de 3 anos. Então o PCdoB procura o fortalecimento da luta da mulher [na política]. Porque a sociedade brasileira não avança se você não tiver um processo de emancipação da mulher.
A nível nacional, a nossa presidente nacional é mulher. Mulher, negra, jovem, de 50 e poucos anos, ministra de Ciência e Tecnologia, Luciana Santos, pernambucana de Recife, Olinda.
Aqui em Petrolina, Odacy Amorim foi candidato pelo PT a prefeito em 2016, e o PCdoB indicou a vice, uma mulher, Léia. Ficamos em segundo lugar, quase que a gente ganha a eleição. Tivemos aqui a candidatura de [nome], tivemos três disputas eleitorais de vereadora, ficou na primeira suplência. Nós temos participação das mulheres em várias entidades, a vice-presidente hoje do sindicato dos profissionais da rede municipal é uma mulher, inclusive deficiente visual. [nome], foi candidata à vice-prefeita por outro partido, mas no PCdoB ela foi candidata ano passado a deputada estadual. Pode ser candidata à vereadora agora. Além de termos a UBM, nós temos a participação da mulher em várias lutas. Parlamento, formação social, sindicatos, mas também a própria entidade dela, UBM, que desenvolve a luta pela emancipação da mulher.
Então é isso, os critérios são esses. Trabalhador, jovem e mulher. Não é exclusivo, mas é prioridade.

P.7. Uma pessoa que tenha mais recurso próprio, financeiro? Tem mais prioridade ou não tem importância?
R: Não. Não, não. A militância é voluntária e ela é igual para todos. Eu sou presidente do partido, meu voto é o mesmo. No nosso processo de reunião, a gente faz uma abertura, um texto sobre o assunto da reunião, e a gente abre o debate de forma tranquila, não tem

imposição. O que nós temos é uma coisa que a direita abomina, o chamado centralismo democrático. O PCdoB não tem divisão. Você tem debate. Você pode brigar se tiver uma ideia diferente dentro do partido, você pode dizer a porra, pode esculhambar. Colocamos em votação depois. E aí, se a sua ideia for a vencedora, eu vou ter que seguir, eu não posso ser divergente. Isso é o chamado centralismo democrático. Você tem o direito de discordar de todo mundo, de debater, de defender sua tese. Mas uma vez decidida, baixa todo mundo.

P.8. E aí você falou que tem uma assembleia para votação, isso? Quem que vota nessa assembleia?

R: Todos os filiados. Qualquer filiado, tem que ser filiado só. Filiado e tem que estar regular com a contribuição financeira, com as suas obrigações políticas. Não existe peso diferente, não. O voto é um só, o peso é o mesmo. Você tem o direito de debater, de argumentar, de discordar, de defender sua tese, de espernear, mas você vota lá. Se são três, três ideias, vota as três. O que for vitorioso, o conjunto segue.

P.9. E aí todos os mais votados vão direto como candidatos…

R: A gente apresenta uma lista, para você não ter muita surpresa. Essas coisas tem muita confusão. Mas você faz geralmente uma lista pré ordenada, distribuída antes, debatida. Aí quando chega na convenção, você reúne as pessoas que são habilitadas de acordo com o estatuto a votar, aí você abre o debate, as pessoas argumentam. ‘’*Eu acho que a candidata tem que ser Barbara, porque Barbara é jovem, mulher, estudante universitária, pessoa da luta e tal, tem que ser ela*’’. Eu acho que… Botar outro nome aqui, ‘’*Vanessa não está muito bem… Enfim, não está desenvolvendo a luta, está muito afastada e tal. Acho que ela não vai ter a simpatia da eleição, então a melhor candidata é Barbara*’’. Quem concordar, vota em Barbara para ser a candidata, e não em Vanessa. Uma vez decidido, você vai buscar o voto do povo. Você busca o voto interno do filiado, para ser candidato. Depois você vai atrás do voto para você ser eleito, entendeu?

P.10. E aí quando já tem todos os candidatos, como é o critério de distribuição de recursos?

R: Em 2018, o financiamento eleitoral da campanha era privado. Não existia financiamento público. Ou seja, sendo candidato, você ia atrás do dinheiro, buscava o apoio, que no geral, a gente tinha a solidariedade do povo, porque nenhum empresário vai botar dinheiro num comunista, né? Mas você tem os amigos. Ajuda a fazer a vaquinha lá, roda o chapéu, ajuda de um jeito, ajuda de outro. De 2020 para cá, foi criado o chamado financiamento público de campanha. Então, é proibido hoje o dinheiro particular, tem que usar o chamado fundo eleitoral.

Como é distribuído esse dinheiro? Por partido. Como é que você sabe o quanto é que cada um vai receber? Pela bancada, de acordo com a bancada federal. Tem a divisão de acordo com a bancada, de acordo com a quantidade de mulheres, de acordo com a quantidade de negros. Porque tem isso também, tem a cota de gênero e tem a racial. Aí de acordo com o tamanho do partido, da bancada federal, a direção nacional recebe um valor. E de lá, a direção nacional divide para os 26 estados e o distrito federal. De acordo com o tamanho do partido, de acordo com a disputa local.

P.11. E aqui na cidade, a distribuição entre os candidatos. Chega o fundo eleitoral aqui, como que faz para distribuir entre os candidatos aqui?
R: Um dos critérios, a gente faz uma distribuição equânime, igual para todo mundo. A partir do momento que você identifica alguém com mais chances, você pode até dar um apoio maior, com panfleto, com algumas condições, como transporte, combustível, são coisas que você usa na campanha. E isso qualquer partido adota. Chega faltando 15 dias para as eleições, evidentemente se você percebe que alguém desenvolveu melhor a capacidade, você pode dar um recurso maior. Isso não é tão subjetivo, essas coisas tem um resultado, tem pesquisa. O critério é muito isso. Tem a distribuição equânime para todo mundo, e tem essa coisa de desenrolar a campanha, que você pode ver alguém que desenrolou mais.
Não tem privilégio, não existe um privilégio. Por simpatia da pessoa porque o presidente, ou alguém da direção gosta mais de fulano, é mais amigo. Todo mundo é camarada, mas digamos que eu tenho uma proximidade com alguém, é meu parente ou sei lá, eu tenho uma liga maior com fulano. Aí, agora, se eu tenho o poder de decisão, eu vou agora… [dar preferência] Não. Até porque a decisão é colegiada, não é minha como presidente. É colegiada, debatida.

P.11. Então os valores que seriam dados de reforço, são dados só depois.
R: Quando você começa a campanha, todo mundo se lança igual. À medida que o tempo vai passando, as dificuldades vão chegando, uns vão ficando para trás, outros vão se destacando, aí começa a se distanciar. Mas o partido tem que tratar todo mundo de forma equânime para garantir o mínimo, o básico para que todo mundo se desenvolva. E aí, como eu disse, só o processo é que diz. Se mais na frente você, vendo alguém que está para se eleger ali, precisa de uma besteirinha a mais, um reforço do partido para a campanha dele, para que ele chegue, não tem porque você não operar. Enquanto que tem outro que começou bem mas fraquejou porque teve um problema familiar, teve um problema na campanha, surgiu uma dificuldade aqui ou acolá com a base, perdeu apoio acolá, e o camarada não foi. Evidentemente que você tem que ter a capacidade, a direção municipal de forma coletiva, de enxergar isso. Ter a percepção disso e você saber como resolver. Não insistir numa coisa que você não acha que vai chegar. Nem abandonar ninguém.

P.12. E além do Fundo Eleitoral, o PCdoB tem algum apoio de estratégia, alguma instrução aos candidatos?
R: Nós temos internamente. Nós temos uma chamada inteligência política, que nós fazemos. E nós fazemos isso não só no período eleitoral, nós fazemos isso de forma permanente. O PCdoB faz curso de formação. Nós chamamos de Escola Nacional João Amazonas. É uma escola do PCdoB, uma escola mesmo, fica em São Paulo. João Amazonas foi o presidente do PCdoB mais longevo, aí homenageamos ele criando a Escola João Amazonas. É uma escola que forma o político ideologicamente. Geralmente os cursos têm nível 1, 2 e 3. O nível 3 é o nível mais elevado. São os quadros [de militantes] formados com uma bagagem mais firme, mais tempo, mais firmeza ideológica. Mas temos também aquele principiante que está entrando no partido que não sabe direito o que é socialismo. Porque às vezes o camarada entra no PC do B sem saber o que é socialismo. Mas o cara é lutador, então vem pra cá [aprender].

P.13. E aí para as pessoas que são candidatas também tem esse curso de formação?
R: Sim, aí nós temos curso mesmo de formação. Falando sobre a campanha eleitoral, o que pode, o que não pode o que fazer, a abordagem, até isso a gente faz. Porque se você não fizer, você se elege e não toma posse. Porque se você cometer qualquer deslize financeiro… Porque tem coisas que pode, coisas que não pode [na campanha]. Tem que ter cuidado para não fazer nada que configura como compra de voto. Qualquer brinde, um boton, se você pegar uma caneta dessa, você botar seu nome vereadora tal, número tal, e entregar para alguém, é compra de voto.
Então nós temos que fazer essa formação para todos os candidatos. Uma vez definida a chapa, você junta todo mundo, geralmente os advogados, a assessoria política do partido diz, ‘*’oh, você vai fazer a campanha, vai pedir voto, mas não é tudo que você pode fazer não*’’. A Justiça Eleitoral tem algumas regras. Você tem que obedecer isso, isso, isso, isso, você não pode fazer isso. Então assim, nós fazemos essa formação para os candidatos. Uma vez definida a chapa, dizendo para ele como ele deve se comportar, a abordagem eleitoral, inclusive isso a gente faz.
O camarada às vezes tem muita disposição, muita vontade, quer se eleger, mas não sabe nem como é que pede voto. Porque, ô negócio ruim danado é pedir voto. Eu mesmo não tenho o menor jeito, sou muito tímido para pedir voto. Tem gente que não, faz aquela festa, *zuada* da peste, e já abraçam uns, beija outros… Então a gente chega a fazer o curso dizendo, como é que você aborda o eleitor? Saber como falar, que mensagem você vai levar para ele para você conquistar o voto dele. Porque um voto é um negócio complicado. Você está dando um voto de confiança numa pessoa que você nem conhece direito. Você está dando voto para eleger o cara, com mandato, com poderes. Aí como é que você conquista o voto desse cidadão? Você tem que ter um discurso, tem que dizer, ‘’*eu defendo isso e aquilo. Se você concorda comigo, você defende o que eu defendo, vota em mim”*. Até você tem que saber como abordar, como não abordar, pra não ser agressivo com o eleitor.

P.14. E em relação… Você até chegou a comentar que vocês têm os 35 candidatos, e aí precisa ter 30% mínimo de candidaturas femininas.
R: Isso foi antes, isso foi até 2020. Só que agora tem uma novidade. É a chamada federação. Aqui a nossa é Federação Brasil da Esperança, que é PT, PCdoB, e PV.
A federação é como se fosse um único partido, sendo que a federação não é uma coligação, a federação tem que ser feita pra durar no mínimo quatro anos. Então a federação de 2022 vale até 2026. Então aqui em Petrolina são 23 vagas, vamos lançar 23 mais um, são 24 vagas na chapa. Sendo o critério pra escolha de quem tem maior número de candidatos, PT, PV ou PCdoB, é de acordo com a eleição anterior, no caso a de 2022. Quem teve mais voto foi o PT, depois PCdoB e PV. Então vamos lançar aqui os 24 seguindo essa proporção. Aí daqui, 30% dessa chapa dos 24 tem que ser de mulheres. Aí não precisa ser especificamente 30% de cada partido, você pode ter 30% da federação. Então eu posso lançar aqui 6 nomes, 6 homens. Eu não vou fazer isso, eu vou ter que lançar mulher. Aliás, PCdoB a maioria é mulher, mais de 50% da gente aqui da chapa vai ser mulher. Eu acho que vai ter umas 4 mulheres, entendeu?

P.15. Então vocês costumam no partido ter dificuldade de cumprir a cota dos 30%?

R: Não, pelo contrário, a gente sempre cumpriu. Não só aqui em Petrolina, o PCdoB no Brasil todo sempre teve facilidade de cumprir a cota de mulher. Sempre cumpre bem a nível aqui. Para você ter uma ideia, o PCdoB tem 7 deputados federais, e são 4 mulheres e 3 homens. A maioria é mulher.

P.16. Então nunca chegou em algum pleito que não conseguiu alcançar? Que medidas vocês tomam para conseguir cumprir [a cota]?
R: Não. A gente sempre busca, quando vai se aproximando… Por exemplo, desde o ano passado que a gente já vem se preocupando e vendo essa questão de mulher. Porque nós sabemos que… O PV mesmo, o PV não vai botar nenhuma mulher. Eles que falaram, só vai ter um candidato e vai ser um homem, que é Gaturiano. Como o PCdoB tem muito mais mulher do que o mínimo, aí a gente termina suprindo a cota do PV. Sendo que você tem que destinar 30% do recurso para a mulher. Se não tiver mulher candidata, você não pode usar o recurso. É tipo assim, você só pode utilizar da verba… Se só tiver 20% da cota de mulher, você não pode também usar muito para o homem além dessa cota. Você não pode usar a cota da mulher para o homem. Ela fica lá. Você não pode gastar. Eu tenho a impressão que é assim, não tenho certeza.

P.17. Entendi. Estamos terminando já. Só tem mais uma… Tem muito tempo já que o senhor é o presidente do partido?
R: Nossa. Já não aguento mais. Tem mais do que deveria. Eu já sou presidente de partido há 41 anos, parece.

P.18. Pensando na sua experiência, que já enfrentou várias eleições, o senhor acha que o incentivo, a primeira vontade de participar das eleições parte das mulheres ou parte do partido, de incentivar e de falar que tem que ir?
R: O PCdoB tem uma política muito forte e muito determinada de estímulo à participação feminina. Como eu te falei aqui antes, é um dos três segmentos que a gente mais busca conquistar. Eu não diria o único, mas é o partido que tem o trabalho mais forte, mais incisivo, no ambiente feminino. Então nós não temos dificuldade. Nós temos esse cuidado de buscar já com o tempo anterior, um ano antes, você já ir identificando quem é que tem potencial.
Às vezes precisa chegar e dar um impulsozinho, pra poder você favorecer as candidaturas de mulheres, e também negras. Pessoas negras também não temos dificuldade. O partido que tem o maior percentual de candidatos negros do Brasil. Só a Bahia já leva uma porrada, porque quase todo mundo na Bahia é negro. Mas assim, as mulheres também, hoje, eu diria que há uma narrativa de estímulo à participação feminina. Você acha assim?

P.19. Mas você diz no partido? Ou no geral?
R: Não, no geral, na sociedade. Claro que existe ao mesmo tempo um combate pesado do Bolsonarismo contra a mulher, contra os negros, contra LGBT, é um negócio horroroso. Mas eu acho que a mulherada, ela está mais ativa. Acho que o governo federal hoje, a forma como o ministério se compôs também cria um... [ambiente propício]. Porque quando você tem o ministério da desigualdade racial, tem ministério dos direitos humanos, ministério da mulher,

ministério… Que mais? Enfim, indígena. É uma forma do Estado criar situações e estimular a participação. Primeiro, ajudar a resolver a vida, a demanda, da falta do segmento.
Além disso, você criar toda uma situação de inserção dessa desse segmento, indígena, negro, mulher, LGBT, que já são parte da sociedade. Aí eu acho que isso vem ajudar, tem ajudado. Eu tiro pela escola. Um aluno que faz brincadeira machista, sem graça, denunciam na hora. Ou seja, a sociedade está mais atenta, eu acho. Estão mais ligadas com o debate de gênero. Então isso estimula a mulher também a ir mais à luta, participar mais nos debates. Mesmo sabendo que ela tem todo um confronto também contra ela. Da família, da sociedade. O Bolsonarismo exacerbou muito essa coisa do machismo, da homofobia, sem empatia com o outro, misógino, enfim. Mesmo assim, eu acho que isso criou um ambiente que eu acho que tem coisa ruim, mas eu acho que ajuda a mulher a ir para o pau, para a guerra.

P.20. Então você sente que hoje em dia, não existe muita falta de iniciativa por parte das mulheres?
R: Tem ainda, porque para a dimensão que é o gênero feminino, eu acho que ainda está pouco. Mas nós já avançamos muito em relação à realidade que a gente já viveu. Mas o Brasil ainda é muito machista. Assim, a mulher ainda ganha salários menores que o do homem. O trabalho que ela consegue acesso, são mais precários, os salários são menores. E é uma dificuldade de trabalhar, a mulher não tem… [apoio].
Eu tenho divergência com Júlio Lóssio [ex-prefeito da cidade]. Mas eu acho que o que ele fez com o Nova Semente, para mim, foi um achado fenomenal. Ele criou uma situação que permitiu às mulheres deixarem os filhos na creche e irem trabalhar. Foi uma política pública de impacto imenso pro gênero feminino, porque com isso, ela teve com quem deixar o menino, seguro,com trabalho pedagógico, refeição. E a mãe chegar no final do dia, pegar a criança. Então foi uma revolução. Infelizmente o atual aí não percebeu.

P.21. Pois é isso, terminamos.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistado: Líder do Partido Liberal
Categoria: Presidente de partido
Partido: PL
Data: 02/02/2024
Local: Estabelecimento comercial, Petrolina/PE

P.1. Beleza, então pra começar eu queria que você falasse um pouco sobre você. Se apresenta, fala o partido que você preside e qual que é o seu papel.
R: Meu nome é [nome], aqui na cidade eu sou conhecido como [nome], estou como presidente do PL municipal aqui na cidade de Petrolina; e a gente tem esse papel de formar esse time, onde tenha homens, onde tenha mulheres, onde ele seja múltiplo, pra que a gente possa escutar a população de uma maneira geral, da melhor maneira possível, cada um com seus ideais, e que a gente possa construir uma cidade que a gente sonha, organizada. E esse papel masculino e o papel feminino, ele é muito importante pra construção da política.

P.2. E você me autoriza a gravação?
R: Autorizada.

P.3. Então pra começar, qual é o processo de escolha dos candidatos pras eleições? Quais são as etapas, quem vota?
R: Vamos lá. Primeiro, a gente tenta veicular o máximo possível pra que eles possam fazer suas filiações. Então é muito importante que todo aquele que deseja participar de um processo eleitoral, ele faça o seu ato de filiação. Pela própria internet, ele pode estar se filiando, existe um prazo para isso, né? Nesse ano, nessas eleições, até o dia 6 de abril. Então as pessoas que desejam, homens, mulheres, que desejam ser candidatos, eles precisam fazer a filiação e a gente vai provocando algumas reuniões, e dentro dessas reuniões a gente vai fazendo essa composição. E aquilo que antes da nossa gravação, aquilo que eu já falava, né? Seria muito bom, muito positivo, se fosse muito natural das mulheres, principalmente das mulheres, que é o mais difícil de se encontrar pra saírem candidatas. delas fazerem esse processo de filiação, de procurarem um partido pra poder concorrer às eleições, que elas realmente pudessem colocar sua vocação a serviço da população. Hoje a gente vê mais esse papel predominante dos homens, muitos homens procuram um presidente partidário, muitos homens têm mais essa iniciativa. E o nosso desejo é que isso possa se estender também para as mulheres, que elas possam procurar mais, desejar mais estar dentro dos espaços públicos, não só com um cargo eletivo, mas com uma presidência de bairro… Em todos os âmbitos onde ela possa de fato exercer a política, seja ela partidária ou não partidária.

P.4. A maior parte dos candidatos são pessoas que chegam até vocês? Ou vocês procuram também, convidam pessoas?
R: Primeiro a gente faz essa convocação, por meio de rádio, internet, muitos outdoors são colocados também em certos períodos para que seja feito esse ato de filiação, pra provocar realmente a sociedade. Então, primeiro tem que se ter essa vontade espontânea das pessoas porque a gente não conhece todo mundo que tem a vontade de ser candidato. Nós temos um limite de 24 cadeiras aqui em Petrolina, que são 23 cadeiras aqui na cidade, mais um, que são 24. Teria esses 30% que seriam de cotas, não quer dizer que seja só feminina, mas de um dos gêneros. E o que a gente vê é que a procura de mulheres do partido é pouquíssima, então a gente acaba, por conta dessa falta de procura realmente, ir atrás e provocar essa candidatura nas mulheres. Então a gente acaba conversando com os candidatos ali, os homens que já são candidatos de outras eleições, que já estão nessa caminhada, a gente pede pra que eles possam também indicar nomes que a gente não consegue, que o presidente partidário não visualiza, pra que a gente possa ir lá, conversar, tomar um café, convidar pra ser candidata. Mas existe uma dificuldade muito grande, realmente é uma dificuldade grande que ainda existe.

P.5. Como vocês procuram essas mulheres?
R: Olha, hoje as redes sociais ajudam bastante porque muitos começam a fazer defesas das suas comunidades, lutas pelo bem-estar da sua comunidade e a gente começa a perceber esses nomes. Então a gente vai identificando que muitos têm alguns espectros ideológicos e partidários. Hoje de partido existe esquerda, centro, direita, então o nosso partido é um partido

de direita, então essas pessoas que a gente vê que têm essa pauta, a gente vai ao encontro delas. No processo eleitoral passado, a gente percebeu um grande número de mulheres liderando esses movimentos de carreata, esses movimentos de organizações, de reuniões, então essas pessoas que se colocaram como lideranças, a gente já fica de olho nelas e desejando muito que elas saiam candidatas. Porque esse é o desejo de partida.

P.6. E aí depois então que vocês têm os nomes das pessoas, como que faz pra escolher definitivamente aquelas que vão ser candidatas?

R: Todas essas pessoas que se colocaram ali como candidatas, nós só podemos colocar 24 nomes. Então a gente vai vendo essa movimentação. Mulher, como eu já falei, às vezes está faltando, então a gente nem tem muito critério. Então todas que acabam vindo, a gente acaba colocando pra sair candidata porque realmente precisa. Mas nos homens, em grande maioria, a gente vê muito a questão da força política de cada candidato ali. Então muitos candidatos já foram candidatos em eleições passadas, que a gente já tem um raio X eleitoral desse candidato, outros representam setores da sociedade e que tem uma certa influência, e a gente tenta mensurar mais ou menos o potencial desse candidato. Mas existem inúmeros candidatos novos que nunca saíram, que estão concorrendo no seu primeiro pleito, muito jovens e isso é muito bacana porque a gente vê a juventude querendo sair candidato, e aí é um processo muito natural, a gente vai vendo a força de vontade realmente. Porque muitos que fazem o processo de filiação, quando chegam próximo realmente, esbarram em um número de dificuldades. E eu não falo aqui da dificuldade do partido em si, é a dificuldade que muitos acreditam que o partido tem inúmeros recursos financeiros, que vai financiar toda uma campanha, e que não é bem assim. Eu aqui posso me colocar muito bem, eu fui candidato a vereador aqui na cidade de Petrolina, fui candidato também a deputado estadual aqui representando o nosso estado, e eu não recebi fundo partidário. Então tem muitos que vêm achando que vai ter todo um recurso financeiro, e não é, porque a gente não tem essa liberdade, muitas vezes o recurso não chega na conta. Então isso é importante, que as pessoas venham para um partido tendo a realidade, não como se a gente estivesse provocando que elas vão ter tudo isso, que vai ser lindo… Que elas venham para fazer um processo político de maneira transparente, de maneira limpa, honrada. Hoje a política traz inúmeras maneiras de captar recursos, por exemplo, vaquinha, então cada candidato vai construir a sua base eleitoral e também vai construir toda uma estrutura de campanha.

P.7. e aí tem uma assembleia, uma convenção para votação desses candidatos?

R: A gente faz uma reunião, e nessa reunião a gente tem o corpo de diretoria. Alguns dos diretores são também candidatos, e ali a gente faz uma escolha. A gente vai analisando exatamente isso, pessoas que já foram candidatas, que realmente serão candidatos, que não irão desistir, porque acaba que a gente coloca um ou outro que se filia, registra a candidatura, e a gente vê que só foi fogo do momento.

P.8. Então quem vota é só o pessoal da diretoria?

R: Isso, todo o processo parte da diretoria, do conjunto partidário, dos presidentes, diretores ali, e a gente vai escolhendo. Entre eles mesmos, muitos que estão ali, eles mesmo já recuam a sua própria candidatura e já desejam apoiar outros candidatos.

Às vezes a gente fica com uma dor no coração… Eu nunca precisei, mas eu já me vi na situação de ver presidente partidário ter que cortar nomes, e a gente não sabe até que ponto esse nome poderia agregar para a nossa democracia, então é um processo difícil. Mas, na grande maioria, se tem é a falta deles. A gente pensa que vem inúmeras pessoas serem candidatas a vereadores, não tem isso, são poucos que buscam ser candidatos e ficam vagas ociosas, e aí a gente tem que correr atrás de pessoas para que de fato possa montar a chapa. Tanto que é difícil um partido conseguir montar 100% com os 24 nomes, muitos colocam 18, 19… Não é porque foi cortado, é porque não tem candidato.

P.9. Beleza. Você começou a falar um pouquinho, mas eu queria que você falasse um pouco mais sobre o que é levado em consideração para escolher um candidato. Qual é o perfil do candidato ideal?

R: A gente fala do perfil do candidato ideal. Essa palavra candidato ideal até é um pouco distante, não existe o candidato ideal. Existe aquele que tem vontade de colocar sua vocação a serviço da população, e a gente vai percebendo aqueles que são mais vocacionados para a coisa pública. Muitos são presidentes de associações de bairro, muitos já fazem parte de alguma ação social dentro da cidade, de alguma ONG, dentro das igrejas, são lideranças. Então a gente vai realmente percebendo essas pessoas e a liderança dessas pessoas. Elas começam a fazer reuniões como pré-candidatas, e aí começam a aglutinar pessoas e a gente vai percebendo a força que aquela pré-candidatura tem para disputar aquele mandato eletivo. Muitos que são pré-candidatos fazem toda essa movimentação, fazem reuniões, fortalecem as suas bases, tem muitos amigos e familiares ajudando, e quando chegam lá na frente elas optam em não serem candidatas, e apoiar um outro candidato porque viu que aquele candidato representa os seus ideais e os seus valores. Eu posso colocar aqui como os valores do PL, do Partido Liberal, o conservadorismo. Então você vê que os candidatos que nos procuram tem esse perfil ideológico, de serem conservadores, do Estado mínimo, que realmente buscam a todo momento o livre mercado. Então tem algumas características que vão facilitando nessa condução partidária. Os candidatos que já tem um viés de mais de esquerda,de causas populares, eles nem procuram a gente, já vão procurar o partido que melhor representa e isso é o bonito da democracia. Porque a democracia não é só feita de conservadores, têm os progressistas. E é isso que a gente precisa numa democracia, ter vozes, pessoas que representam aquilo que acreditam. Eu acredito em um perfil conservador, esse é o meu posicionamento, de direita, do mínimo de interferência possível do Estado dentro do mercado, deixar realmente o mercado livre pra produzir, que o cidadão possa ter essa liberdade de produzir, de gerar riqueza, então é isso que eu acredito e é isso que eu prego dentro do partido.

P.9. Então, recapitulando. Seria uma identificação com a bandeira do partido, apoio popular, mais alguma coisa?

R: Eu acho que isso é o que fica mais forte. E a procura. os candidatos precisam procurar. Não pode só esperar que o presidente do partido vá bater na porta da sua casa e lhe fazer um convite. A gente faz convite? Faz, a gente vai atrás dessas pessoas? Vai, até porque a gente quer fortalecer o partido. A gente identifica que aquele candidato tem um potencial, representa um setor da sociedade, tem uma voz, é bem visto, e a gente vai atrás porque a gente

no partido precisa de votos também, para poder de fato ter voz. E essas pessoas acabam sendo convidadas, mas são mínimas, porque a grande maioria que tem o desejo realmente de ser candidato já procura o presidente, já encosta, já vai para as reuniões, porque a gente anuncia várias reuniões. Então a gente coloca na rádio, vai ter uma reunião tal dia, tal horário, aquelas pessoas que se sentem vocacionadas para a coisa pública, que querem ser candidatos a um cargo eletivo estão convidadas. A reunião é aberta, e a gente vai intensificar isso mais ainda agora próximo ao período eleitoral. E que as pessoas precisam entender também que o presidente de um partido também tem uma vida. Eu não recebo nada para ser presidente partidário, eu faço isso porque eu quero construir o meu país, eu quero construir um Estado forte, uma cidade forte, uma cidade que tem escuta, que tem voz, que representa os nossos ideais, aquilo que eu acredito, aquilo que as pessoas que comungam com o nosso partido acreditam e acabam aglutinando dentro desse processo. Fica esse sentimento que as pessoas precisam buscar mais, precisam não deixar que qualquer pessoa a governe, que elas se coloquem na posição de liderança e liderem o processo eleitoral.

P.10 Existe algum quesito que torne uma pessoa uma prioridade na fila de candidatura?
R: Existe. Um candidato que já foi testado, ele é uma prioridade para o partido, seria hipocrisia dizer que não. Aquele candidato que já foi testado nas urnas, que tem uma força dentro de uma comunidade, que é uma voz naquela região, naquele setor, naquele segmento, e que já foi testado… Pessoas que na eleição passada saíram candidatos e ficaram como suplentes, estão ali bem fortalecidos, continuaram fazendo a sua política e desejam ser candidatos novamente. É claro que essas pessoas terão prioridade porque elas já foram candidatas. Agora, assim, nessa prioridade, ela ainda tem que ter uma identidade com o partido. Não simplesmente sair candidato, porque tem voto ou porque foi testado, não. Essa pessoa foi testada, essa pessoa tem uma votação mas ela também tem uma identidade, ela tem um ideal parecido com o partido, é isso que a gente busca. Aqueles que nunca foram testados também, porque sempre tem a primeira vez e são esses que a gente vai atrás mesmo,que desejamos ter no partido.

P.11. E em questão, por exemplo, pessoas que têm mais recursos próprios para financiar a própria campanha ou que têm um apoio político já de algum modo?
R: A gente percebe muito isso, e aqui eu me coloco não só como presente partidário. Dentro do PL, a gente busca minimizar o máximo possível, certo? Seja você uma classe financeira menor ou mais alta, todos têm direito de serem candidatos. Não quer dizer que a pessoa que tem uma condição financeira melhor, ela vai ter mais voto. Às vezes aquela pessoa que tem uma condição financeira melhor, e ela está respaldada de ser candidata, dentro do seu imposto de renda ali, ela pode colocar um percentual daquele valor, agora não me recordo, dentro como doação ela tem esse direito, certo?
Mas aquele que não tem a mesma condição financeira tem inúmeras alternativas, uma vaquinha online, buscar doadores. Então cada um vai construir a sua candidatura. Se a gente disser que o processo é muito justo, acho que seria a maior mentira que um presente partidário diria. Existem aquelas pessoas que têm uma condição financeira melhor, outros têm uma condição menor, mas todos vão participar do processo eleitoral, e não quer dizer que aquela que tem uma condição financeira melhor vai ter mais votos do que aquela que não tem. Eu

conheço inúmeros vereadores eleitos aqui em Petrolina que vieram de comunidades lá de baixo mesmo, de base, são pessoas humildes mas que construíram com o tempo o seu nome e o seu espaço político. E é isso que é bonito. Esse sentimento de família, de família política, está se perdendo com o tempo. Petrolina ainda tem muito essa cultura, mais no executivo, de nomes de famílias que construíram a cidade, mas isso está mudando com o tempo. Nós já tivemos outros nomes de pessoas que nem sequer eram filhos de Petrolina, por exemplo o Júlio Lóssio que foi candidato a prefeito e foi prefeito de Petrolina duas vezes, bem votado, venceu a eleição de um grande cacique político de Petrolina que era Fernando Filho, que tinha o pai como ministro de integração naquela época,tinha Eduardo Campos governador apoiando, tinha o PT ali por trás apoiando também a sua candidatura, e mesmo assim perdeu a eleição para um candidato que pontuava nas pesquisas com 2, 3%. Então foi um sentimento da população, quem decide tudo é a população, é a vontade do povo. Enquanto o povo não acordar para isso, a gente vai continuar realmente preso a esses que se dizem donos de uma cidade.

P.12. Em relação à distribuição de recursos entre os candidatos?
R: Todos esses recursos não passam pela gente, é tudo nacional. A nacional é que faz toda essa distribuição. Esse é o meu primeiro pleito eleitoral como presidente, e a gente vai buscar! Junto ao presidente estadual, junto ao presidente nacional, para que a nossa cidade seja contemplada pelo Fundo Partidário. Agora, eu não posso assegurar que será, ou também não posso assegurar quanto será, então a gente enquanto presidente municipal, a gente fica muito dependente da nacional. E aí eu prego que todos recebam de maneira igual. Se a nacional tomar por decisão enviar o recurso para Petrolina, e nós tivermos ali 24 candidatos, que todos recebam de maneira igualitária. Então isso é o que é justo, isso é a maneira correta para que a gente possa fortalecer e dar espaço a todo mundo. Eu espero que tenha.

P.13. Você sabe de eleições passadas? Como que foi?
R: Eu nunca recebi, eu nunca recebi. Na época eu saí candidato pelo PSC, e não recebi. Então assim, é muito relativo isso. Acaba que a executiva, os candidatos a prefeitos, que fazem toda essa negociação por cima, é que acabam destinando como é que será de material, como é que vai ser essa divisão. Mas às vezes não chega lá na ponta.

P.14. É, o que normalmente me dizem é que o que mais se assegura é dar santinho e combustível.
R: Eu nunca recebi combustível. Você acredita? Eu já recebi material da majoritária, o material gráfico mesmo, o santinho, e já vem ali o CNPJ do próprio candidato a prefeito. O seu nome está ali só anexado, atrelado. Mas hoje com as redes sociais, facilita muito. A rede social ajuda muito, porque às vezes a pessoa que tem muito capital financeiro para poder estruturar uma campanha forte não tem aquilo que é o que hoje mais se precisa, que é esse bom relacionamento nas mídias sociais, esse diálogo com a população na ponta. E hoje em dia com o celular, você consegue fazer uma campanha.

P.15. Bem, eu ia perguntar também se existia prioridade na distribuição de recursos, mas não tem muito sentido.

R: Eu não posso falar no nível nacional. Para o nível municipal, essa vai ser a minha primeira vez como presidente. Então a gente vai buscar esse recurso para que todos possam ter acesso. Se esse recurso vai vir ou não vai vir… É muito difícil você conseguir mulheres que saiam candidatas, e a gente tem que buscar e ir atrás o máximo possível. Não quer dizer que você vai conseguir 100%, mas você tem que buscar o máximo, até porque é importante que tenha o homem e a mulher dentro do partido, independente de cota. Agora eu estou falando com o meu pensamento, independente de cota, eu acho importante existir tanto o homem quanto a mulher dentro do processo, porque deixa o ambiente mais harmônico, deixa o diálogo mais sensível, a escuta é melhor. Você não só está escutando o homem, está escutando mulheres, mães de famílias e querendo ou não a mulher tem essa sensibilidade maior. Eu não estou dizendo que o homem não tem essa sensibilidade de ouvir, mas a mulher tem um jeito diferente, tem um jeito materno de cuidar das pessoas, e como é bom se a gente tivesse mais mulheres dentro do partido porque eu acho que a política seria mais humana.

P.16. Antes da gente começar a gravação também, você falou um pouquinho sobre essa dificuldade de conseguir as mulheres. Você pode retomar um pouquinho?
R: Hoje, a maior dificuldade que os partidos têm, é de terem candidatas mulheres no processo eleitoral. Então, primeiro a gente espera que elas procurem, e quando a gente vê que não está conseguindo, a gente tem que correr atrás para despertar a vontade, quem sabe até despertar a sua vocação realmente para ser um candidato, mas não adianta forçar muito. Às vezes a gente vai conseguir, e tem outros momentos que a gente não vai conseguir. Antigamente era penalizado o partido quando não se tinha o número x de mulher, diminuía-se proporcionalmente o número de homens dentro do partido. Hoje está mudando essa realidade, hoje os partidos já podem ter só homens, que não é o ideal. O bom é que tenha homens e mulheres.

P.17. Já teve alguma vez que chegou a essa situação? Chega perto da eleição e não tem a quantidade de mulheres necessária, e aí o que acontece?
R: Antigamente, o processo era assim: pode ser 70% de mulher e 30% de homem, pode ser 70% de homem e 30% de mulher. Como já tem mais homens que buscam, sempre há 70% homens e 30% para as mulheres. Antigamente, nessa época eu não era presidente do partido, quando uma mulher daquela saía, desistia, tinha que tirar três homens do partido. Hoje com a nova mudança já não é mais assim, certo? Mas isso penalizava muito, por quê? Porque o que a gente percebia é que muitos presidentes de partido, a todo custo para ter um número máximo de homens, fazia de tudo para ter mulheres no partido, convidando mulheres de toda maneira, e isso é muito perigoso, porque você deixa de estar ali presidindo da maneira correta e indo atrás de mulheres somente para completar, para se ter um processo eleitoral. E isso é perigoso, por quê? Porque dessas maneiras é que surgem muitas vezes candidaturas laranjas, e isso o presidente do partido tem que evitar ao máximo porque isso é ilegal, certo? Então a maneira como está sendo construído esse debate democrático, toda essa construção demanda tempo, mas acordem, mulheres, saiam candidatas.

P.18. E pensando na sua experiência, do que você vê, de qual lado você acha que parte mais a iniciativa da candidatura, do lado das candidatas ou do lado dos líderes partidários?

R: Eu vejo muito mais partindo dos presidentes partidários, porque é muito difícil uma candidatura mulher, são poucas, pouquíssimas realmente. Então muitas vezes para completar ali o processo, você vai identificar possíveis lideranças, possíveis candidatos, e tentar todo um processo de convencimento, de quase chorar realmente, para que saiam candidatas, que desejem essa vontade. A gente precisa provocar mais esse sentimento das mulheres tomarem os espaços de poder. Pode ser que isso seja diferente nesse processo eleitoral, tendo uma governadora e uma vice mulher, governadoras do estado de Pernambuco, a primeira governadora do estado de Pernambuco. Uma mulher ali, tomando o papel de liderança, eu espero sinceramente que isso possa provocar de cima para baixo, mostrando que uma mulher chegou ao governo do estado de Pernambuco, com toda certeza isso vai provocar muitas mulheres a serem senadoras, deputadas federais, deputadas estaduais, prefeitas, vereadoras, porque elas vão começar a se espelhar, a ver que mulheres chegaram lá, e que elas podem também.

P. 19 Então qual você acha que é a grande dificuldade de conseguir mulheres hoje em dia?

R: A dificuldade é que realmente não tem. A gente faz as reuniões, a gente provoca, muitas não querem ser candidatas. Aí a gente vê algumas alegações. Muitas até têm a vontade de serem candidatas, e aí começam a esbarrar, por exemplo, que o esposo não apoia a candidatura, que a família não apoia a candidatura. É uma coisa muito cultural. Às vezes os filhos não estão apoiando ali a candidatura, ou então ela é mãe com um filho muito novo, tem muito isso. Muitas mulheres jovens e solteiras que a gente vai ao encontro, a primeira coisa que elas falam é ‘’não, tem uma faculdade pela frente, eu preciso concluir minha faculdade, eu preciso fazer meu mestrado, eu preciso fazer meu doutorado’’. As mulheres estão buscando se especializar cada vez mais, então os espaços que a mulher está buscando dentro do mercado tem avançado muito. Dentro do mercado privado, como também no setor público. Hoje você fala assim, a gente não vê muitas mulheres candidatas, mas se você for nas secretarias, tem muitas secretárias, muitas diretoras, muitas coordenadoras. Então todo aquele trabalho de frente, muitas estão fazendo. Você vai para um processo eleitoral e começa a perceber, nós vemos muitas mulheres nas ruas pedindo voto, e bem menos homens, mas são os homens candidatos. Então é isso que eu não consigo entender. Se um dia você conseguir dentro da ciência entender esse mistério, me diga que eu estou querendo muito descobrir.

Porque a gente vê, secretaria de saúde tem muitas mulheres, tem mais mulheres que homens aqui em Petrolina. Secretaria de educação também, a maioria das coordenadoras são mulheres, você vai para inúmeras secretarias… Elas estão fazendo política, elas não estão ainda no cargo eletivo, mas elas já estão fazendo política, elas já estão tomando os espaços. Então eu poderia até mudar um pouco toda a nossa conversa de agora. Eu digo que a mulher está tendo e está buscando muito mais espaço do que o homem, mas ainda não no processo eleitoral, e eu acredito que isso não vai acontecer. Porque a gente percebeu um aumento muito grande nos conselhos tutelares, a gente não via essa quantidade de mulher sendo candidata nos conselhos tutelares, isso já é um avanço, porque ela sentiu o processo eleitoral e ela vai

para o processo maior, a nível de vereância, a governo. Isso está mudando, e eu vejo que está sendo construído com base, estão construindo com conhecimento, não estão vindo de qualquer maneira, estão vindo bem estudadas, com bastante intelecto, com bastante força de diálogo. Eu posso dizer que as poucas mulheres que temos dentro de uma câmara dos vereadores, dentro de uma Assembleia Legislativa dentro de uma câmara federal, dentro do Senado, são mulheres com qualidade. São poucas, mas se a gente colocar na balança, às vezes essas poucas estão dando de lavada nos muitos homens que ali estão.

P.20 E dentro do partido, vocês têm alguma política de incentivo, preparação ou instrução para mulheres que desejam ser candidatas?
R: A gente tem o PL Mulher. Por exemplo, agora no Recife, teve um evento, e esse evento foi exatamente para convidar todas as mulheres [a participar]. Michelle Bolsonaro veio à cidade do Recife, fez esse grande evento junto com a Presidente Estadual, inúmeras pessoas aqui de Petrolina foram para esse congresso em Recife, começaram a fortalecer, começaram a despertar aquela chama dentro, de mostrar que existe o espaço, que elas precisam buscar esse espaço. Aqui dentro de Petrolina, essas patriotas têm grupos só delas, a gente até fica brincando assim, ‘’elas não chamam a gente nem para tomar um café’’. Então eu tenho visto muito isso, essas células sendo montadas, por isso que estou dizendo, elas estão fazendo de maneira inteligente, elas estão montando essas células do PL Mulher, fazem parte do partido, ou então conservadoras, as mulheres conservadoras, estou falando aqui do espectro da direita. A gente tem visto esse fortalecimento. Muita mulher que tem essa liderança de organizar. A mulher consegue liderar, ela consegue arrastar pessoas, só que quando a gente provoca para serem candidatas, ela fala, ‘’não, vai tal pessoa, não, eu lhe apoio, mas eu não quero sair candidata’’. Isso é um processo, leva um tempo. Eu acredito que a gente está avançando, e avançando bem.

P.21 você falou aqui também da dificuldade de manter a candidatura, né, as vezes consegue [que a mulher participe], mas quando chega perto da eleição desiste.
R: É um perigo. E é uma coisa que eu tomo muito pra mim [enquanto presidente partidário]. Não adianta você ficar querendo montar o partido 100%, de todas as maneiras, a todo custo, pisando em cima de tudo e de todos. Tem risco de fazer isso, e eu não quero correr esse risco. Eu convido, as mulheres que quiserem ser candidatas pelo partido, venham, são bem-vindas, nós queremos. Meu desejo é que nós tenhamos 70% do partido só de mulheres e 30% de homens, certo? Mas infelizmente, não é a realidade, hoje a gente não consegue nem os 30%. Então essa política de conscientização demanda tempo, esforço, e a gente vê um avanço muito grande dos partidos de fazerem isso, até porque hoje nós temos mais mulheres do que homens nesse nosso Brasil, então nada mais justo que nós tenhamos sim uma grande parcela significativa das mulheres exercendo essa liderança, esse protagonismo dentro dos espaços públicos.

P.22 E você falou também de precisar, por exemplo, fazer algum acordo com as mulheres pra que elas sejam candidatas, e você comentou comigo também do roubo de candidatas para outros partidos…

R: O que a gente percebe é que, no modelo anterior, quando se tinha essa obrigatoriedade de, se não tiver aquela quantidade, diminui o quantitativo masculino, o que a gente percebia… Isso eu não posso falar porque eu não era presidente do partido, isso a gente visualiza, percebe, que existia uma proteção do presidente de não anunciar essas candidaturas femininas no primeiro momento, porque outros partidos acabavam pescando essas pessoas, essas mulheres do partido, para serem candidatas no partido deles. Não para se ter mulheres dentro do partido e fortalecer o nosso debate, mas pra não perder o número de homens candidatos. Isso é o triste da política. Hoje, com essa nova legislação, isso mudou, então tem os 30% de garantia, mas hoje não vai penalizar se não tiver mulher no partido. E eu acho que o caminho tem que ser por aí. Não pode ser algo forçado. Pra que muitos partidos não façam candidaturas laranjas hoje, o que a gente tem que trabalhar é no convencimento, nessas reuniões, é provocando que as mulheres ocupem os seus espaços, e o seu direito de estar ali. Existe essa cota mínima, pode ser 30, pode ser 70, não importa isso, mas um mínimo 30 ali. Ela tem um direito. Então isso aí tem que ser garantido, e isso é o bonito, essa garantia tem que ser dada, pra que a gente não deixe de ter mulher. Para que a gente não priorize o homem ao invés da mulher. Eu acho importante ter, porque você vai começando a abrir o espaço pra que elas possam fazer parte. O que eu não achava correto, e eu acho que isso é uma questão de evolução, era penalizar o outro lado.

P.23 Uma coisa que eu achei interessante também que você comentou, foi de existirem candidatos que na época da campanha eleitoral, acabarem convencendo mulheres a pedirem votos pra eles, e não mais serem candidatas [focarem na própria campanha].
R: Isso é um crime eleitoral. Sua candidatura tem que ser legítima, ela não pode ser uma candidatura laranja. Ela não pode ser uma candidatura só pra compor o partido. ‘’Eu vou sair candidata pra ter 10, 20, 30 votos, porque o partido precisa desse número de mulheres’’. Não, uma candidatura ela precisa ser legítima. É preferível que não tenha os 24 candidatos, que se tenha menos, mas que sejam legítimas, onde as mulheres que estão ali no partido, elas estão no partido porque elas querem ser candidatas, elas querem ir pra rua pedir o voto, elas querem vencer o processo eleitoral, e não serem usadas. O que a gente percebia muito era que mulheres eram sim usadas dentro do processo eleitoral, porque precisava preencher aquela cota partidária, e aquelas mulheres eram convidadas exclusivamente pra compor o partido, e não é essa visão que tem que se ter, não é esse o caminho que o partido tem que tomar. Então o que a gente percebia muito era que vereadores de mandato viam essas mulheres, e acabavam cotando essas candidaturas, que já estavam registradas, pra pedir voto pra eles. Ou seja, um desvio total da função eleitoral, então isso é crime, e a fiscalização tem que ser cada vez mais dura pra coibir isso. Para que, de fato, o partido que fizer isso seja punido. E nós temos casos assim aqui em Petrolina, de partidos que foram cassados, porque a justiça, na sua investigação, percebeu isso e julgou, e mandatos foram perdidos aqui. Não só aqui em Petrolina, mas em outras cidades do estado de Pernambuco e do Brasil.

P.24 Só pra terminar, quais medidas você acha que podem ser tomadas pelo partido pra incentivar mais essas mulheres?
R: Acho que as medidas que já estão sendo tomadas já são um começo. Reuniões com as mulheres, não adianta estar ali o homem palestrando pra elas. Dê o espaço pra elas liderarem,

que elas possam estar ali palestrando, que elas possam estar ali incentivando, que as nossas vereadoras, que as nossas deputadas estaduais, que as nossas deputadas federais, governadoras, vice-governadoras, as nossas prefeitas, do Brasil como um todo, comecem a se movimentar. Se elas sabem da dificuldade que tiveram de chegar aonde chegaram, que elas possam também se unirem. Seja você do espectro eleitoral que você for, você possa dentro daquele seu espectro eleitoral, fazer essa união para promover grandes congressos, grandes eventos, pra que isso possa arrastar cada vez mais mulheres, pra que elas possam realmente sentir que podem ocupar esses espaços. Da mesma maneira que existe dentro de um mercado privado, onde essas mulheres fazem essas reuniões que estimulam e incentivam. Dentro das universidades, a gente vê hoje muitas mulheres estudando, muitas mulheres fazendo mestrado, doutorado, eu posso dizer aqui, sem medo de errar, muito mais do que homens, não é verdade?
Porque precisou-se ter essa conscientização de que a mulher pode ocupar o espaço que ela quiser ocupar. Eu acredito que ela pode ocupar onde ela quiser ocupar. E não existe isso de homem ser melhor do que a mulher, e nem muito menos de a mulher ser melhor do que o homem, certo? O que existe ali são o homem e a mulher, que desempenham dentro da sociedade seu papel. E que eles podem sim [em um partido ou processo eleitoral], ter mais mulheres do que homens, ou mais homens que mulheres. Não tem como você dizer que vai ser igual, 50/50, eu não acredito nisso.Eu acredito que tudo vai ser construído com o tempo. Pode ser que se tenha 70, 30, 70 mulher e 30 homens, ou o contrário. Mas que tenha homens e mulheres, que tenha a voz masculina e que tenha a voz feminina.

P.25 Beleza, pois terminamos. Muito obrigada.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistado: Líder do Partido Socialismo e Liberdade
Categoria: Presidente de Partido
Partido: PSOL
Data: 16/04/2024
Local: Online, via chamada de vídeo WhatsApp

P.1. Então, para começar, eu vou pedir para o senhor se apresentar, falar qual o partido o senhor está atualmente e qual o seu papel dentro do partido.
R: Bom dia Barbara, né? Eu agradeço aqui pela oportunidade. Dizer que me chamo [nome], sou popularmente conhecido como [nome]. Sou militante do campo de esquerda, a cerca de trinta e poucos anos, sou filiado ao PSOL, Partido Socialismo e Liberdade, há 14 anos. Hoje estou presidente do diretório do PSOL Petrolina, e posso dizer a minha amiga que com muito orgulho, né?

P.2. E qual é o seu papel enquanto presidente do partido?
R: Olha, meu papel como presidente do partido é fazer os bons direcionamentos do campo de esquerda em meu município, Petrolina, né? Dialogando com todos os filiados e filiadas, né? E traçando junto com os companheiros o melhor caminho dos partidos do campo de esquerda, partidos progressistas em Petrolina do campo de esquerda, o nosso querido PSOL, PT, PC do

B, enfim. Nós que somos do campo de esquerda, a gente tende a ser de um determinado partido de esquerda, mas também querer que os outros partidos do campo de esquerda também cresçam, sejam grandes, sejam atuantes. Todos fazendo a boa política, né? Muita seriedade, dialogando. Claro e evidente que tem pessoas que a gente acaba não conseguindo dialogar muito, porque são sempre do contra, né? São sempre contrárias. Muitas, às vezes, estão à frente de um partido, querem ser donos do partido, certo? O partido não tem dono, o partido é de todos os filiados e filiadas. Qualquer filiado, qualquer filiada está apta a ser presidente de um partido, a ser vice-presidente, a ser secretário, a ser pré-candidata à prefeita, vereador, deputado estadual, federal, senador, etc., né? Disso eu digo com muito orgulho, porque o nosso partido, o PSOL, não tem dono, o nosso partido é plural, é de todos e todas que o constroem.

P.2. O senhor me autoriza a gravação?
R: Autorizo, claro, tranquilo.

P.3. Qual é o processo de escolha dos candidatos?
R: Olha, eu posso dizer que o nosso partido, ele é criterioso, né? Eu vou te dar um exemplo, nós vamos ter aqui em Petrolina cerca de 18 candidatos, que hoje são pré-candidatos, né? 12 homens e 6 mulheres. Claro que não dá também para estar exigindo demais das pessoas. Lamentavelmente as pessoas não têm tempo de fazer política, né? Poucos tem. E aqueles que se propõem a fazer a boa política, a política com decência, com honradez, com dignidade, a gente abraça com muita tranquilidade. E geralmente são pessoas que atuam no campo de esquerda, ou que têm uma tendência à esquerda, pessoas que são líderes comunitários, líderes de ambulantes, líderes de associações, de pessoas que representam as massas, né, a periferia. Pessoal do interior, pessoal da zona ribeirinha, pessoal dos assentamentos. E se falando em questões de mulheres, de cota de mulheres, nós temos aí nossa camarada, [nome], né? [nome], ela atua no campo de esquerda há mais de 30 anos, ela é filiada ao nosso partido. Ela foi do PT, foi do PSTU, ela é filiada ao PSOL há cerca de 14 anos, inclusive já foi candidata à vereadora, tanto por esses outros partidos quanto pelo PSOL, já foi candidata a deputada federal, a deputada estadual, foi candidata a prefeita em Petrolina em 2016, é uma mulher bem atuante no campo da saúde, no campo dos movimentos sociais e que hoje é com muito orgulho que eu digo que nosso partido PSOL tem uma mulher pré-candidata a prefeita de Petrolina. Nossa querida [nome]. E claro, evidentemente que com amplo discurso, amplo diálogo com o campo de esquerda, né? A gente acredita que Petrolina, por ser a terceira maior cidade do estado de Pernambuco em termos populacionais, merece uma mulher [como prefeita]. Não é a primeira, tem outra candidata aí que é de outro partido. Mas [é a única] com amplo diálogo com o campo de esquerda em Petrolina, os partidos progressistas, partidos que querem realmente o bem da população, o bem das minorias, que são a maioria, né? O bem da nossa querida Petrolina, do nosso estado de Pernambuco.

P.4. E como vocês chegam aos candidatos? Vocês esperam que eles venham ao partido ou procuram ativamente?
R: Olha, nós temos aqui cerca de 300 filiados em Petrolina. A gente consulta quais têm interesse de participar. Alguns deles de cara dizem que sim, outros dizem que vão avaliar,

outros dizem que querem militar no partido mas não querem ser candidatos, e isso a gente entende com muita tranquilidade. E que também às vezes chega um ou duas pessoas que nunca militaram na política, certo? Que tendem a atuar no campo progressista de esquerda. E que a gente entende que o partido certo pra essa pessoa é partido de esquerda, no caso o PT, o PSOL, o PCdoB, etc. E aí claro, evidentemente que a gente abraça e traz para o partido e querendo ser candidato a vereador, faz uma pequena avaliação, consulta se realmente tem interesse, pede pra pessoa eles dialogar com os familiares, com os amigos e tudo mais, e sentindo a boa vontade, a boa fé, claro, evidentemente, a gente não pode recusar, né? A gente coloca lá e vamos apreciar o currículo dessa pessoa, o nome dessa pessoa, e o partido valida a avaliação dessa pessoa. E que sendo uma pessoa realmente do nosso campo, a gente abraça, e traz para o partido e poderá ser um pré-candidato a vereador, aliás, já é, né? Vai ser um candidato a vereador.

P.5. Entendi. E aí, como é dentro do partido, tem convenção, quem é que vota no final para decidir os candidatos?

R: Olha, nós temos aqui a nossa pré-candidata a prefeita [nome], porque já existe um consenso dentro do nosso partido. Claro que, como eu acabei de citar, dialogando com o campo de esquerda, a gente quer o melhor para a Petrolina. E é a nossa pré-candidata, no caso de vereadoras, e vereador, como eu acabei de citar também, teremos doze homens e seis mulheres. E que são pessoas do bem, são pessoas que realmente querem ajudar, querem ver uma Petrolina para todos e todas, são pessoas que têm um senso familiar, de coletividade muito grande, muito importante. E que a gente, como partido plural, eu costumo dizer que nosso partido, o PSOL, é o partido do Brasil, porque hoje nós temos catorze deputados federais, a bancada mais atuante do Congresso Nacional, temos deputados federais que são a mulher trans Erika Hilton, temos a Sônia Guajajara, que é indígena, temos um pastor evangélico, o pastor Henrique Vieira, deputado federal lá do Rio de Janeiro, temos o nosso deputado Guilherme Boulos em São Paulo, que inclusive é pré-candidato a prefeito. Mas assim, muito feliz com o [desenvolvimento do] nosso partido PSOL, com o campo de esquerda.

P.6. Você falou de [nome], que foi unanimidade para candidatura à prefeitura, tem os 12 vereadores e as 6 vereadoras, e para escolher essas pessoas, o que é que é levado em consideração? Quais são as características essenciais que vocês procuram em um candidato?

R: Olha, em primeiro lugar, é a vontade, né? É a vontade de serem candidatos, e realmente de serem pessoas que tenham algum tipo de atuação no seu campo, nos seus locais de residência, né? Pessoas que ajudam de uma maneira ou de outra as pessoas menos favorecidas. Periferia, zona ribeirinha, assentamentos, as ocupações. Pessoas que realmente a política corre no sangue, corre na veia, né? No meu caso mesmo, eu acabei de dizer há pouco tempo aqui, eu milito na esquerda há mais de 30 anos, nunca tinha me filiado a um partido, mas sempre votei no campo de esquerda. O primeiro partido que eu me filiei foi o PSOL em 2010, e até hoje me encontro, 14 anos depois, certo? E já enfrentei algumas candidaturas, duas candidaturas a vereador, uma candidatura participante de um coletivo, duas para deputado federal, fui presidente da Associação de Moradores, sou liderança de ambulantes do ramo de eventos em

Petrolina e nunca ganhei um mandato, mas continuo firme e forte na luta, né? Na luta querendo o bem da nossa cidade, do meu bairro, do nosso estado e do nosso querido Brasil, né? Eu acredito que a boa política, a política para todos e todas, tem que ser a política realmente que a pessoa queira vir, é claro, galgando um mandato, porque com o mandato você tem força para poder atuar, mas principalmente que as pessoas venham para a política no intuito de não enricar. Porque política não é para o *caba* enricar, política é para o camarada vir se doar, acreditar numa cidade melhor. E que um mandato eleitoral, se vier é beleza, e se não vier, que a pessoa toque a política, né? O camarada quer enricar, quer ficar milionário, ele vai ser comerciante, vá trabalhar, porque política não é local para isso. No meu ponto de vista quem entra na política e enrica muito rápido, normal não é, há algo de errado. Então a boa política se faz com decência, com tranquilidade. As pessoas realmente revelando quem são, não comendo pelas beiradas, não sendo lobos em pele de cordeiro, né? E que lamentavelmente no nosso país elegemos a maioria de congressistas de direita. E muita gente critica nosso presidente eleito Lula pelos acordos que ele tem que fazer com o pessoal do Congresso Nacional, mas na democracia é dessa maneira, para se dirigir uma cidade o prefeito tem que passar as leis na Câmara dos Vereadores, e a mesma coisa é no Congresso Nacional.

P.7. Então tem essas características, a pessoa tem vontade, tem integridade, já tem uma certa atuação política. E existe algum tipo de prioridade no partido para escolher um candidato? Então, uma pessoa que já foi candidata antes, ou algum tipo de prioridade nesse sentido?

R: Olha, é claro e evidente que temos N filiados, né, como eu acabei de citar, cerca de 300 filiados, todos têm o direito de pôr seu nome à disposição, mas existe um diretório legitimamente eleito, e esse diretório, por maioria, pode decidir pelo nome de uma determinada pessoa, e que a gente acredita que por sermos um partido realmente do campo de esquerda, não somos legendas de aluguel, não somos simplesmente legendas, somos um partido orgânico. O PSOL é um partido que tem vida, todos os filiados e filiadas têm direito de opinar, falar o que pensa, certo? Vamos para as avaliações.

No caso da nossa companheira [nome], é uma militante de mais de 30 anos, atua no partido há cerca de 14 anos, é uma pessoa que é 24 horas fazendo política em nossa cidade. Então ela tem um currículo cabível e importante para ser candidata, certo? O que a gente prega dentro do nosso partido é justamente isso, somos um partido orgânico, somos um partido que não é legenda de aluguel, entendeu? E que não pode, de maneira alguma, alguém cair de surgir lá, não sei da onde, vim para dentro do partido de uma hora para outra e impor uma candidatura a prefeito. Isso não existe, entendeu? Um partido que tenha honradez, que tenha dignidade, que faça política com seriedade, segue uma lógica. Nós temos que avaliar primeiro os nossos quadros, de pessoas que estão afiliadas há cinco anos, dez anos, quinze anos, e tendo nomes aptos e viáveis para pré-candidaturas, evidentemente temos que dar preferência às pessoas que constroem o partido**,** que é o caso da nossa camarada [nome], o meu caso, o camarada [nome], meu camarada [nome], nossa camarada [nome].

P.8. E como é a questão de recurso pro partido? Vocês recebem fundo partidário, é muito, é pouco, dá, não dá?

R: O nosso partido tem direito a uma determinada cota, no momento eu não sei te informar quanto, entendeu? Eu simplesmente sou o diretório do PSOL Petrolina. Essa informação fica mais a critério da estadual, então são informações que num momento eu não tenho como te passar, entendeu?

P.9. Tranquilo. Mas vocês recebem um fundo partidário na cidade?
R: O PSOL recebe, o PSOL recebe no estado e será distribuído nas cidades onde teremos candidaturas. Agora, o valor é que eu não posso dizer quanto é, que eu não sei. Como eu sou um cara que eu faço a boa política, eu falo por mim. Pessoalmente, sempre fiz campanha, muitas vezes até me doando, às vezes até sem recurso de fundo partidário. Eu acho que quando a pessoa tem algum interesse realmente de ver a cidade grande, o estado grande, o país grande, a pessoa tem que se doar também. Eu faço a boa política. Ou vindo fundo partidário ou não vindo, quando se trata de mim, Mariozinho, procuro ser atuante me doando, né? Essa é a realidade.

P.10. Sim. E como é pra distribuir entre os candidatos quando chega o fundo partidário?
R: Olha, o nosso presidente a nível estadual, esse trâmite vem diretamente de lá. Todos que se confirmem como candidatos a vereador ou a prefeito, tem que abrir uma conta bancária. E os valores vêm pra essa conta, a qual eles vão administrar fazendo seus trabalhos gráficos de divulgação, e que todos têm que ter tirado notas pra poder fazer a prestação de conta. Porque isso é muito sério e se não tiver uma prestação de conta bem feita, provando realmente como se gastou esse dinheiro do fundo partidário, a pessoa pode ser impugnada, pode ser cassada, pode responder processo, por aí vai, entendeu?
Quando se doa pra ser um pré-candidato a prefeito ou a vereador, a pessoa tá se sacrificando. E tudo tem que ser prestado conta direitinho, através de um contador, pra que não aconteça nenhum ônus, nenhum prejuízo pessoal a pessoa.

P.11. Então o diretório [estadual] manda direto pros candidatos, não passa pelo diretório municipal?
R: Não, exatamente. E aí cada um que administra da sua forma, assim, pra fazer o seu trabalho gráfico, combustível, esse tipo de coisa.

P.12. Então vocês, no município, não têm nenhum controle da distribuição pros candidatos?
R: Olha, dizer que a gente tá finalizando a lista de prováveis candidatos, né? Evidentemente que no futuro a gente vai saber mais detalhadamente, mas é uma informação que me pega de surpresa no momento aqui. Controle, evidentemente, tem que ter. Eu acabei de citar aqui pra minha amiga aqui que, no meu caso, quando eu fui candidato, caía na minha conta, vindo diretamente do diretório estadual e eu faria meu trabalho, meu trabalho gráfico de divulgação e etc. E logo depois eu teria que prestar conta.

P.13. Então passando pra falar um pouquinho sobre as cotas. Você comentou, tem 12 candidatos masculinos e 6 candidatas femininas. Como que vocês fazem pra ter certeza de que as cotas vão ser cumpridas?

R: Vem, vem, vem, vem. Lá o nosso diretório estadual é um diretório muito sério, sempre foi. E de forma justa, quem é indígena, quem é pessoa parda, tem direito a um valor maiorzinho, entendeu? E eu posso dizer com muito orgulho que, se tem um partido que faz as coisas com muita decência em nosso país, principalmente aqui em Petrolina, se chama PSOL, certo? Somos um partido de pessoas humildes, simples. Pessoas que galgam um mandato de vereador, de prefeito, realmente visando o bem-estar da população. E este presidente aqui pode te garantir que fazemos política com muita seriedade, com muita honradez, que a gente quer o bem da nossa cidade.

P. 4, E vocês têm dificuldade de conseguir candidaturas femininas ou não?
R: Não, essa questão de 18 candidatos, 12 anos e 6 mulheres, tá tranquilo. Tá tranquilo, não tem não. Inclusive, temos uma menina trans, a [nome], que é pré-candidata à vereadora em Petrolina, pelo nosso partido do PSOL. É o nome de registro, [nome].

P.15. Então, é sempre tranquilo? As mulheres do partido são interessadas, sempre pensando naquelas características que o senhor também comentou, de pessoas que realmente têm interesse na candidatura?
R: Exato, não tem. Não, é com tranquilidade, né? Não no nosso partido, mas a gente vê muito aí um clima de animosidade entre muitos candidatos. Mas eu posso dizer que no campo de esquerda a gente faz política com muita tranquilidade, dialogando, e somos pessoas do bem. Posso dizer, todo o campo de esquerda, não só o PSOL, como PT, PCdoB, etc. E que estamos abertos a dialogar, mas fazemos política com muita tranquilidade, com muita seriedade e tranquilidade. Sem estresse, sem abusos, sem posição. Dialogando com quem quer diálogo porque tem pessoas que lamentavelmente não querem diálogo, querem impor, né? E na política não dá pra gente impor porque no meu entendimento, imposição é ser ditador.

P.16. A gente já tá chegando no finalzinho. Então, pensando na sua experiência como candidato, agora também como presidente do partido, você percebe que o primeiro passo para as candidaturas femininas parte do lado das mulheres ou do lado do partido? Então, são as mulheres que vão mais à frente ou é o partido que tenta puxar mais?
R: Olha, lamentavelmente, em nosso país existe uma tendência. Eu não digo nem que é dos partidos de esquerda, é no geral. Em não informar as valorosas mulheres, o que seria do mundo se não fosse as mulheres, né? Eu sou homem, mas eu nasci de uma mulher, evidentemente. Eu tenho uma esposa mulher, eu tenho uma filha mulher, eu tenho duas netas mulheres, né? Além de mim que sou homem, eu tenho três filhos homens, mas posso dizer com muita tranquilidade, ai de mim se não fosse as mulheres, ai dos homens se não fosse as mulheres. E não tenho vergonha de dizer não, quem manda na minha casa é minha esposa e minhas netas e minha filha. Tenho muito orgulho de falar das mulheres, e dizer que a cota de mulheres é muito importante. Aqui em Petrolina, na Câmara de Vereadores, existem vinte vereadores homens e três mulheres. Lamentavelmente, a maioria das mulheres não votam em mulheres, votam em homens. Sabemos que a população brasileira é majoritariamente maior de mulheres do que de homens, e se houver a união das mulheres nessa eleição municipal em Petrolina para votar em mulheres, teremos majoritariamente vereadoras na Câmara de Petrolina. E que é sempre importante a mulher na política, a mulher ela dirige uma casa muito

bem, dirige a vida familiar, e mulher na política só tem a favorecer a todos e todas, né? Por isso eu conclamo, venham mulheres para o PSOL, venham mulheres para o campo de esquerda, venham mulheres serem candidatas.

P.17 E o senhor acha que atualmente tem uma boa quantidade de mulheres, tem uma vontade e um incentivo grande às mulheres na política ou não?
R: Olha, dentro do meu partido eu posso garantir que sim. A gente dialoga com as filiadas, com os filiados. A gente sugere as candidaturas delas e deles também, né? Só que a gente não impõe. A gente sugere e eles decidem se querem ou se não. Mas é evidente que quando se trata de mulher, como temos a maioria de cota para homens, no caso 12 homens e 6 mulheres, a gente quer que realmente mais mulheres venham para a política. Venham para a política fazer parte do nosso partido do PSOL. Fazer parte de qualquer partido, mesmo que seja da direita, mas que mulher na política é sempre importante.

P.18. E o que que o senhor acha que impede que as mulheres participem tão ativamente? Por exemplo, vocês deixam aberto, fazem a chamada, mas ela não quer participar, ela se retrai desse campo. O senhor vê algum motivo dentro do campo político ou da sociedade?
R: Olha, existe um processo de desinformação, né? Desinformação por as mulheres terem a vida muito sobrecarregada. Vou dar um exemplo aqui, minha esposa praticamente dorme muito pouco, né? Ela toma de conta da casa, ela toma de conta da família, ela se preocupa com a saúde dos netos, netas, do marido, de filhos e filhas, né? Então é uma vida sobrecarregada. E muitas vezes por falta de informação a mulher acaba se privando de se filiar a algum partido e ser candidata. E isso acaba favorecendo o campo masculino. Onde lamentavelmente também existe a questão do machismo, né? Da arrogância de alguns homens referente às mulheres na política, onde existe aquele campo do clube do bolinha, onde desfavorece o campo das luluzinhas, das mulheres, né? Mas eu acredito muito na força da mulher e nessa eleição municipal em Petrolina, acredito piamente que teremos muitas candidatas. E que acredito que podemos eleger uma quantidade maior de mulheres para a Câmara de Vereadores de Petrolina. E dizer, não aceitem a demonização das mulheres, o machismo, os ataques às mulheres feministas. Eu tenho muito orgulho de dizer que que sou um homem feminista, defendo mulheres com unhas e dentes. O que nosso país está precisando é de mulheres na política. Venham pra política e principalmente pro nosso PSOL, pro nosso PT, pro nosso PCdoB.

P.19. E dentro do PSOL, existem políticas de incentivo, de apoio às mulheres, de instrução? De ensinar sobre o campo político, ensinar como lidar com a campanha, esse tipo de coisa?
R: Existe. A gente tem reuniões frequentes. Inclusive aqui citar que nossa camarada [nome] é presidenta eleita da Federação PSOL-Rede, que agrega o nosso partido PSOL e agrega o Rede-Sustentabilidade. E que temos reuniões mensais tanto do nosso diretório, como da Federação PSOL-Rede, né? E isso a gente dialoga, deixa bem claro.
Temos no diretório municipal um homem, presidente do diretório, que no caso sou eu, e na Federação PSOL-Rede existe uma mulher que eleita democraticamente com a maioria do

diretório. Então há espaço, há espaço para as mulheres, para quem quer fazer a boa política. E que não acreditem no processo de demonização da política, onde muitos fazem pra se favorecer. A política é um lugar de boa fé, certo? Só que lamentavelmente muitos fazem da política favorecimento próprio, favorecimento familiar, de oligarquia, de enriquecimento ilícito, né? E que isso muitas vezes demoniza a boa política, né? E que muita gente acha que todo político é igual, mas não é verdade. Eu posso dizer, porque eu faço parte de um partido onde todos fazem a boa política. E o caminho é esse, é o caminho da democracia, do bem-estar, para que todos e todas da nossa cidade possam viver melhor. E o viver melhor é a democracia, é fazer a boa política.

P.20. Pois, muito obrigada, é isso. Terminamos, eram essas as perguntas.
R: Eu queria te agradecer pela pesquisa, né? Mais uma vez, pedir desculpa, porque demorou muito, né? Mas foi um prazer te conhecer e qualquer coisa, estou às ordens.

Entrevistadora: Barbara Salviano

Entrevistado: Líder do Partido Socialista Brasileiro
Categoria: Presidente de Partido
Partido: PSB
Data: 19/04/2024
Local: Online, via chamada de áudio do WhatsApp

P.1. Para começarmos, eu preciso que o senhor autorize a gravação.
R: Está autorizado, pode anotar.

P.2. Por favor, se apresente e fale qual seu partido e qual seu papel dentro do partido hoje.

R: O meu nome é [nome], o nome político é [nome]. Entrei na política quando completei a maioridade, me filiei na época em que era o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e fiquei 21 anos. Inclusive, como parlamentar, por oito anos no MDB. E estou no PSB, partido Socialista Brasileiro, há 32 anos. Fui deputado durante 40 anos, até fevereiro do ano passado. Tive dez mandatos como deputado só nesses dois partidos.

P.3. O senhor agora está como presidente do PSB em Petrolina, não é isso?

R: É, eu hoje sou presidente do partido em Petrolina, tenho 32 anos nesse partido e não serei mais candidato a deputado. Eu pretendo, já que estou sem mandato, e se o partido autorizar, ser candidato a senador em 2026.

P.4. Qual é o processo de escolha dos candidatos para as eleições?

R: Olha, a primeira coisa é que as pessoas preencham os requisitos legais e que queiram ser candidatas, elas se apresentam como candidatas. Os partidos, no meu caso o PSB, analisam esses pedidos de candidaturas e apresentam esses pedidos de candidaturas judicialmente. Eu, por exemplo, fui candidato a prefeito na cidade de Salgueiro quando tinha 20 anos, mais ou

menos, em 1976. Depois, eu vim a Petrolina e aqui me candidatei a deputado em 1982, o partido autorizou, depois me candidatei em 1986, em 1990, 1994, 1998 e em 2000 eu me candidatei a prefeito de Petrolina e tirei cinco mil e poucos votos. Em 2002 eu me reelegi deputado e em 2004, me candidatei a prefeito em Petrolina e tirei 34 mil votos. O partido autorizou e eu me reelegi em 2006 como deputado federal e em 2008 eu me candidatei a prefeito em Petrolina, tirei 49 mil votos. Ainda tive as eleições de 2010, 2014, 2018 com vitória e essa eleição de 2022, mesmo conseguindo 67 mil e tantos votos, eu não me elegi, fiquei na primeira suplência. Só que se elegeu um deputado federal no meu estado, Pernambuco, em outro partido, com menos de 60 mil votos… isso são coisas da lei eleitoral.

P.5. E fora as pessoas que se apresentam, o partido procura ativamente pessoas para compor ou só realmente quem vem até o partido?

R: O partido procura também. O partido vê alguém que preenche os requisitos, que é uma pessoa politizada, que é uma pessoa querida, que é uma pessoa que pode ser candidata e ele convida, se a pessoa quiser ele dá a legenda, se não quiser, tudo bem. Mas o partido procura pessoas também que podem ser candidatas.

P.6. Quais são essas características essenciais de um candidato?

R: Olha, na política é preciso que a gente olhe com bons olhos quem são as pessoas boas, decentes, cuidadosas, humanas, para que sejam candidatos. Porque para você ser vereador, prefeito, para você ser governador, deputado estadual, deputado federal, senador, presidente da república, você tem que ser alguém que preencha não apenas os requisitos da lei eleitoral, mas que você seja uma pessoa humana, que você olhe para as pessoas mais carentes. Então essas são as qualidades das pessoas que o partido deve procurar para serem candidatas pelo partido.

P.7. E existem prioridades de escolha de candidato? Por exemplo, que já tenha sido candidato alguma vez, que já tenha sido eleito, algum tipo de prioridade nesse sentido?

R: Tem, essas pessoas são as mais procuradas porque a gente pode procurar alguém que nunca foi candidato a nada por a gente conhecer aquela pessoa, a sua família, o que aquela pessoa faz, mas a gente procura também ver alguém que foi candidato por outro partido, que foi um bom vereador, um político com bom mandato e a gente procura que essa pessoa se filie ao nosso partido e que seja candidato pelo partido na cidade, para quando a gente presidir.

P.8. Pessoas que têm mais condições de serem candidatas também têm prioridade ou não?

R: Por exemplo, as pessoas que a gente entende que têm mais condições de serem candidatas são as pessoas que dispõem de tempo, as pessoas que procuram fazer o bem, as pessoas que são políticas e que demonstram a sua politização, todas essas aí são as qualidades dessas pessoas… tirar um tempinho da sua família, um tempinho do seu trabalho, um tempinho da sua alimentação, da sua caminhada para trabalhar na política.

P.9. Com relação a ter recurso próprio, para poder se autofinanciar, por exemplo, em uma campanha, isso é levado em consideração ou não?

R: Campanha, para você ter uma ideia, eu fui candidato 14 vezes, eu fui candidato a prefeito em Salgueiro uma vez, três vezes em Petrolina, são quatro, e outras 15 vezes fui candidato. Eu

nunca precisei de dinheiro a não ser aquelas coisinhas pequenas para fazer a campanha, você precisa fazer umas publicidadezinhas, os retratos, tem que botar um pouquinho de combustível no carro para se locomover. Então, as pessoas para serem candidatas, elas devem ter essas condições pequenas, porque muitos candidatos são diferentes.

Você vê, há pouco se inventou no Congresso Nacional um negócio chamado emendas secretas. Isso é uma vergonha, porque enquanto eu, deputado, na época tinha 12 milhões de reais por ano para chegar com a metade desse dinheiro nos hospitais, nas UPAs, nas casas de saúde e os outros 6 milhões e pouco, chegar nas prefeituras para atender as necessidades do seu povo. O camarada, sendo deputado igual a mim, mas sendo do governo, recebia no lugar de 12, 100, 200 milhões de reais de forma secreta. Os 12 milhões a que a gente tinha direito eram abertos, tinha que declarar para onde vai esse dinheiro e quem vai ser atendido por esse dinheiro. A emenda secreta era exatamente o contrário, você recebe, ninguém sabe o quanto você recebeu e não sabe onde você colocou, então por isso muitos candidatos compraram votos - o que é uma vergonha, uma coisa feia -, tanto quem compra quanto quem vende o seu voto. Eu nunca comprei um voto porque acho que a gente tem que ter um pouquinho de dinheiro para fazer a mobilidade da campanha e não para comprar votos.

P.10. E aí, então, escolhidos esses candidatos, como é feita a distribuição de recursos? Tem fundo partidário? Petrolina recebe fundo partidário do PSB?

R: Todos os partidos políticos têm seu fundo partidário. Mas, por exemplo, nas eleições municipais, Petrolina nunca recebeu fundo partidário. Eu, como presidente do partido há muito tempo, nunca tive fundo partidário para campanha eleitoral, então os candidatos que a gente apoia a gente tem que mandar fazer uns santinhos aí com o dinheirinho da gente, porque o partido nunca teve um centavo de fundo partidário. Esse partido de Petrolina, tudo o que recebeu de recursos até hoje do partido nacional, foi para fazer movimento social. Por exemplo, a Galeria Romana foi alugada ao PSB para fazer grandes movimentos, movimento das mulheres, movimento dos negros, movimentos das pessoas especiais, movimento dos vaqueiros, e tantos outros movimentos. Mas nunca recebeu um centavo de fundo partidário.

P.11. Entendi. Então é feito tudo com o dinheiro do próprio candidato mesmo…

R: Sim, os candidatos que estiveram pelo PSB de Petrolina sempre tiveram seu próprio recurso.

P.12. Em relação às candidaturas femininas, a gente tem a cota mínima de 30%. Quais são as medidas tomadas para o cumprimento da cota?

R: A gente sempre procura filiar homens e mulheres ao partido… se puder, pelo menos metade, porque obrigatoriamente quando o partido lança candidatos ele tem que ter hoje 30% desses candidatos mulheres. E eu que cheguei na Câmara de Deputados com 500 e tantos deputados, tinha quase 500 homens e 15 ou 20 mulheres, eu sempre lamentei ver isso, porque eu acho que deveria ser a metade, até porque com todo respeito aos homens, mas as mulheres são mais cuidadosas, são mais exigentes, elas brigam mais pelas coisas melhores para o país. Infelizmente, ainda temos um número reduzido de mulheres no parlamento brasileiro. Por isso, defendemos essa cota. Como presidente do partido, é claro que não teremos candidaturas este ano em Petrolina — não estamos lançando candidaturas agora. Mas nas próximas

eleições, nossa meta não é só ter 30% de mulheres, queremos pelo menos a metade.

P.13. E essas mulheres, como que é, é difícil consegui-las ou sempre há mulheres no partido que tem interesse em se candidatar?

R: Não é difícil, é fácil. É fácil colocar mulheres filiadas ao partido, é fácil conseguir o trabalho delas nas campanhas eleitorais. Minhas campanhas tiveram apoio maior de mulheres que de homens. Principalmente, nas minhas campanhas a prefeito de Petrolina. Eu me lembro que fizemos um movimento na Guararapes, onde você tinha mais de 70% de mulheres com as faixas, apoiando.

P.14. E para elas saírem como candidatas, é difícil ou elas também têm esse interesse?

R: Elas têm interesse também, é fácil. As mulheres que nos procuram, a gente faz as suas filiações e na hora de fazer as candidaturas, elas, com certeza, aceitam ser candidatas.

P.15. Gostaria de saber, na sua experiência política, observando a Arena Política, em relação às candidaturas femininas, se são mais as mulheres que manifestam interesse em se candidatar ou se são, principalmente, os partidos que tendem a convidar e incentivar que elas se tornem candidatas?

R: Olha, infelizmente os partidos não têm muito interesse em colocar candidaturas femininas, quem às vezes procuram são as próprias mulheres. Eu quero ser candidato, você pode ver que o número de cinco mil e tantos prefeitos — municípios no Brasil — tem menos de mil mulheres, então as mulheres querem ser [candidatas], os partidos é que não procuram, porque os partidos sempre têm compromisso com o fulano que já foi prefeito, que vai ser prefeito novamente, que é o candidato, não sei o quê. Então tem essas coisas, as mulheres são meio esquecidas. Quando elas aparecem, é por vontade própria.

P.16. O que que o senhor acha que poderia ser feito pelos partidos, que medidas poderiam ser tomadas para melhorar isso?

R: Eu acho que uma coisa já foi feita, dizer que tem que ter x, 30% das mulheres. Eu acho que a gente poderia continuar fazendo isso e as próprias mulheres hoje elas estão sendo exigentes. Você vê as mulheres no parlamento brasileiro, os discursos que essas mulheres fazem, os projetos de leis que essas mulheres apresentam no parlamento, tudo isso vai ajudando. Não dá para a gente continuar com, entre aspas, essas discriminações de formas indiretas. Por que não uma mulher para ser candidata a prefeita em tal cidade? *"Não, porque o que está lá vai ter direito à reeleição"*, tudo bem, mas tem outros partidos… e esses outros partidos, por que não colocam as mulheres para serem candidatas? Tem que olhar para isso, para a mulher que trabalha, que olha para frente.

Eu não quero que você use o que eu vou dizer agora, mas só para você tomar conhecimento… Ontem, passou na televisão, às onze horas da noite, aquela menininha assassinada em Petrolina. Eu não vi muito interesse das autoridades governamentais para identificar quem fez isso com aquela menininha lá no colégio. A mãe, essa política, essa mãezona é que andou atrás e localizou o assassino. Quer dizer, não é para a mãe ir atrás, quem tem que ir atrás são as autoridades, é o governo. Infelizmente, tem muitas coisas que não são feitas, é uma das coisas absurdas que existem no Brasil e no mundo.

P.17. Para finalizar, dentro do PSB existem políticas de incentivo, de apoio e de instrução a essas mulheres que têm interesse na política?

R: Existe. Nós temos mulheres dentro do partido, inclusive a Tábata Amaral, lá em São Paulo, faz um trabalho muito grande, de todas as categorias, sexos, e ela olha muito para as mulheres. A gente tem deputadas e mulheres em muitos outros setores trabalhando para as mulheres. O partido, a nível nacional, tem o presidente Carlos Siqueira, que tem um setor de mulheres. A gente tem, aí em Pernambuco, o Sileno Guedes, que é o nosso presidente, ele tem um setor dentro do partido que olha, trabalha, identifica e traz as mulheres. Então o Partido Socialista Brasileiro é um partido socialista em todos os sentidos, principalmente em olhar para as mulheres.

P.20. Bom, terminamos. Muito obrigada, de verdade!

R: Terminamos a 19 minutos e 46 segundos… brincadeira, tá bom minha filha, e com Deus. Qualquer coisa extra, às suas ordens.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada: Secretária do Partido da Social Democracia Brasileira
Categoria: Secretária de partido
Partido: PSDB
Data: 29/04/2024
Local: Online, via chamada de vídeo WhatsApp

P.1. Para começarmos, você me autoriza a gravação?

R: Autorizo. A minha única curiosidade é se na sua pesquisa você vai fazer a identificação da pessoa ou se vai ser anônimo.

P.2. Não, é tudo anônimo. Por favor, peço para você se apresentar e falar sobre o seu papel no partido.

R: Perfeito. Eu sou [nome], estou como secretária do partido do PSDB em Petrolina e eu já venho desempenhando essa atividade há 11 anos. O papel da secretária é, basicamente, cuidar dos trâmites burocráticos que o partido precisa atender; desde a filiação a gente tem um sistema dedicado a isso, que é o Filiaweb, onde a gente faz os registros de filiações, conferências — se as prestações de contas estão ok —, eventos do partido — como convenções, reuniões, agenda do presidente, da vice-presidente —, entre outras atividades que possam surgir nesse sentido.

P.3. Qual é o processo de escolha dos candidatos para as eleições?

R: Olha, depende. Pelo que eu pude acompanhar, como já estou há 11 anos neste trabalho, vai variando de como cada grupo político se comporta, sabe? Acaba que por mais que a gente tenha todo um trabalho a se desenvolver no partido, como encontros prévios e reuniões, o próprio pluripartidarismo do país da gente faz com que as pessoas se identifiquem com aquela legenda e busquem aquela legenda para se filiar e se candidatar por ela. No meu ponto de vista prático, as pessoas que definem por qual partido ou os partidos convidam ela, praticamente, na última semana de filiação. Acontece tudo dentro da janela partidária, onde se

tenta fazer o cálculo do coeficiente eleitoral. Muitos candidatos, primeiro, pensam onde é que pode ser mais tranquilo para eles serem eleitos, além do próprio partido ter uma questão tradicional e metodológica quantitativa de buscar pessoas que desejam ser candidatos — que já tentaram uma vez ou que tem afinidade, ou que seja um líder comunitário, por exemplo — a legenda fica aberta. Mas eu, como cientista social que sou, particularmente, faço a análise de que tem muito mais dos interesses pessoais do que comuns de partido, sabe?

P.4. E aí, de "interesses pessoais", você diz das pessoas que estão ali na presidência do partido, do grupo que está no partido, ou das pessoas novas que entram?

R: De todos os atores envolvidos. Da mesma maneira que o partido faz essa busca, deixa aberto e divulga quem é que está à frente da legenda. Por exemplo, na nossa cidade tem [nome]. [nome] tem o seu perfil de voto de opinião, de causa, do outro lado tem um presidente que é [nome], que já é uma tradição na cidade, o próprio sobrenome em si, então as pessoas fazem essa busca, né? Tanto a [nome] como o [nome] também procuram pessoas que eles têm afinidade de pauta, afinidade de causa, mas no final mesmo, na hora do registro da candidatura, na minha perspectiva, o que acontece é que cada um faz as suas contas de como ser eleito ou trazer mais votos para aquele partido — e isso eu consigo dizer pelo PSDB, mas falo por outras legendas que a gente acompanha também nesses trâmites de janela eleitoral.

P.5. Normalmente, os partidos têm a convenção em que colocam os nomes das pessoas, né? Ainda existe isso dentro do PSDB? Tem esse processo?

R: Tem, tem sim. Não tem um fluxo engessado e fechado, cada diretoriano — acho que hoje são 65, ao todo —, faz as suas próprias articulações políticas e os seus convites, não é nada sistematizado de forma institucional, e ele vai mudando de acordo com quem lidera o partido nacionalmente e estadualmente. Por exemplo, hoje tem uma governadora no estado de Pernambuco que é do partido do PSDB e isso abre mais os olhares das mulheres para quererem estar mais próximas desse partido e a gente também a buscar mais essa representação feminina, por exemplo, porque o partido tem dado essa essa linha de trabalho, de raciocínio, de abertura e de modernização. Mas eu não consigo, Bárbara, te dizer assim: *"nossa, de forma sistematizada a captação, quando é que ela começa?"* Eu acho que vai fluindo dessas relações de cada diretoriano que culminam nesses prazos. Tanto é que eles dão muito trabalho para nós, secretários de partido, porque acabam deixando tudo para a última fase e dizem assim *"eita, a convenção já é no próximo mês, vamos agitar isso aqui, vamos movimentar"*, porque acaba que é um colegiado e cada um também tem as suas atribuições à parte do partido, né?

Então, esses prazos que a justiça eleitoral coloca também são muito importantes nesse momento. E eu tiro aqui também um comentário de quem analisa, de que os partidos mais liberais, como o PSDB, não tem uma militância tão ativa e junta ali como outros partidos de esquerda, que tem várias outras movimentações. Cada um ali na sua líder se junta mais nesse protocolo que são as atividades do partido, sabe? Essa é uma percepção minha nessa atividade.

P.6. E aí, quando chega nesse momento de escolher mesmo, quem é que tem esse poder de votar e decidir?

R: O presidente e a vice-presidente fazem esse chamamento, mas o colegiado tem que aprovar o nome dos candidatos dentro da convenção. E essa ata tem que ser assinada pelos diretorianos, pela parte majoritária. Então, por exemplo, tem pessoas que deixam de se candidatar com receio do partido não abonar aquela candidatura. Mas depende sim da convenção do partido e dos nomes que são aprovados para candidatos no município. Exemplo, a gente vai ter a convenção, o PSDB vai consagrar para ser o candidato da majoritária — prefeito, a pessoa *x* —, e se tiverem dois, o partido tem que determinar a linha de quem o partido vai prestar o apoio. Geralmente, essas próprias tratativas caem antes da convenção, pois partidos discutem antes. Quem vai ser o candidato do PSDB, do PT, do PSOL? Essas tratativas são feitas antes e caem antes porque se eu quiser sustentar meu nome de forma individual, se eu disser hoje *"[nome] é a prefeita do partido do PSDB"*, não acontece, pois não é da minha escolha. Eu posso chegar na convenção e não ter o meu nome abonado, não ir para a ata e não conseguir registrar a minha candidatura dessa forma.

P.7. Tudo bem. E o que é levado em consideração para escolher um candidato? Quais são as características que são visadas em um candidato?

R: Como eu sou mais burocrática na política, fico dentro dessa divisão — a pessoa técnica —, são os critérios legais do cartório eleitoral. Ou seja: 18 anos, brasileira e por aí vai. Porém, pela parte mais política do processo, quando se trata de escolha, você quer no seu partido as pessoas que já têm algum trabalho dentro da comunidade, certo? Você quer pessoas que já tiveram pleitos anteriores. Hoje os partidos — eu não digo que isso é do PSDB — , infelizmente tem cooptado muitos conselheiros tutelares, o que não é interessante para a política da criança e do adolescente, por exemplo, fazer dos conselheiros tutelares um pré-candidato, sabe? *"Teve 500 votos aqui, se a gente fizer um investimento pode ser um vereador"*, sabe? Tem também a visão de quem se relaciona em grandes grupos, podem ser esses religiosos, por exemplo, a escalada da igreja católica ou então de alguma igreja evangélica. São pessoas que conseguem agregar gente e que a gente chama de formadores de opinião.

Então, a gente tem os candidatos que sabemos que têm um potencial mais forte. Por exemplo, aqui temos a [nome] dentro do partido hoje, que é um voto que a gente consegue trazer para a urna: o voto da causa, o voto de opinião, que você não precisa nem bater na porta das pessoas para entregar um panfleto. Porque ela tem a militância dela pela justiça, mas ainda assim ela é uma candidata leve, que você consegue fazer um voto de base. Por exemplo, [nome], que sou eu, fui gestora por muitos anos aqui em Petrolina, do Cadastro Único e do Bolsa Família, conheço muita gente e muita gente me conhece. Ela é um nome fácil para eu apresentar para muitas pessoas que eu conheci nesse networking de trabalho, sabe? E assim a gente vai observando, esses que se relacionam, esses que têm a capacidade de juntar gente, né?

E hoje também tem outra coisa importante. Antigamente, e eu falo isso com propriedade porque minha avó era líder comunitária, e ela era responsável por fazer reuniões na casa dela. Então assim, [nome] era líder comunitária e ela era tida como uma líder comunitária de alta

performance, porque ela conseguia, na casa dela, juntar toda a vizinhança para ouvir os candidatos falarem. No próximo pleito, [nome] era convidada a ser candidata. *"Ah, mas [nome] não consegue ultrapassar o coeficiente de 400 votos"*, mas é voto importante para a legenda e ela tem poder de mobilização, convida [nome]. E assim ela foi candidata a vereadora há muitos anos aqui na cidade. Portanto, a gente tem a dinâmica moderna do processo, porque hoje também, além dessa questão de juntar gente, que é muito difícil, as pessoas estão desacreditadas, tem a ação das redes sociais também. Isso também é levado em conta, né? Como as pessoas se relacionam, a quantidade de seguidores, a impressão que as pessoas têm sobre o que a pessoa fala ao colocar o celular na cara de repente, e como isso se multiplica. Hoje eu digo que a escolha de um candidato é de multicausalidade, não é só uma, não tem uma linha específica.

P8. E aí, nesse sentido, tem algum tipo de característica que tem uma prioridade em se tornar candidata? Uma pessoa que já foi eleita ou que já tenha sido candidata ou alguma coisa assim? Que faça parte de algum grupo ou movimento…

R: Tem, tem essa prioridade, de ter uma expressão, por exemplo. Você pode acreditar no potencial dessa pessoa, mas o nome dela nunca foi à urna, sabe? Você não sabe o potencial de levar o voto. Claro que vai ter uma prioridade… vou te dar um outro exemplo de partida em Petrolina. Professor Gilmar, antes de ser vereador, ele foi suplente. Então, qualquer partido olha para um suplente de uma forma diferente da pessoa que está se candidatando pela primeira vez. Isso é um diferencial também. Porém, com a política de gênero, de cotas para gênero, acaba que a política é desenhada para estimular a participação feminina na política, o que é uma corrida, porque os partidos em si ainda precisam de consolidações que tragam as mulheres para a política antes do registro da candidatura. Isso é uma dificuldade para todos, para todos, né? Essa baixa mobilização, esse baixo incentivo à participação contínua das mulheres na política fazem, por muitas vezes, você ter que cortar — isso nunca aconteceu com a gente —, mas muitas vezes você tem que cortar o candidato homem para poder fechar a porcentagem de mulheres que estão ali candidatas. Então, eu acredito que ainda não existe a prioridade em si, mas deveria ser dada essa prioridade para além do cumprimento da cota, que é o registro da candidatura feminina.

P9. E acredito que depois da lei das cotas tenha ficado mais importante isso, uma preocupação maior dos partidos.

R: Sim, Bárbara. Só que assim, a gente é muito bom em fazer leis no país da gente, a gente é muito bom mesmo, a gente é ótimo nisso. Em propor… esse papel a gente faz muito bem. Mas a qualidade ainda é baixa no sentido de manter a mulher nessa disputa de forma perene. Quando você pega, hoje, a Câmara de Vereadores do município Petrolina, tem 23 vereadores, apenas 3 mulheres, sabe? Então assim, você tem garantido a quantidade de mulheres que podem se candidatar, mas você não tem isso garantido em cota, por exemplo, de mandato, é muito difícil. E também você, os movimentos dos partidos, eles são muito masculinos ainda. Eu observo que falta no dia a dia…

Vou lhe dar um bom exemplo. Eu já estive como candidata uma vez, mas foi minha primeira e última vez, porque eu não tenho um amparo político para estar política a vida inteira. Eu

tenho meu trabalho a desenvolver, sabe? E eu não consigo me manter como, por exemplo, um colega meu que é vereador já há dois, três mandatos, trabalha e vive para a política. Hoje eu vivo dela, ele vive para ela. Então tem uma diferença de gênero nesse contexto ainda em que as cotas, para mim, ela precisa de outras políticas e é bom até a gente fazer uma autocrítica para um partido que tem hoje uma governadora mulher, a gente precisa de políticas que façam com que essa demanda seja mais tranquila de ser preenchida, sabe? E que a gente possa fazer o registro de mulheres com potencial de competitividade. Eu acho que ainda falta isso.

P.10. E você acha que tem um movimento ainda de colocar a mulher só para que a cota seja cumprida?

R: Existe, existe 100%. A gente tem um exemplo da vereadora do nosso partido que ela passou três anos fora do mandato por conta de uma fraude eleitoral desse nível, uma fraude de gênero, onde a própria assessora do candidato era candidata a vereadora fazendo campanha para ele. Ela passou três anos na justiça para poder assumir o mandato e isso não é feito de forma velada. A gente contou muito com a figura de [nome] para trazer mais pessoas, mais mulheres para o partido e manter a nossa qualidade de registro de candidatura nesse sentido.

P.11. E aí é muito difícil para o partido conseguir mulheres que tenham esse potencial de competitividade? Gostaria de saber se é muito custoso, se precisa insistir muito... ou as mulheres se propõem?

R: É fácil e é difícil. Eu acho que o potencial político está na veia de todas as mulheres que a gente lida no dia a dia, porque se a gente tem o mínimo de proximidade delas, como partido, elas estão por ali no movimento, né? E tem esse potencial, sim. Mas na hora do registro da candidatura tem essa questão de que o voto em Petrolina é muito clientelista… a Câmara de Vereadores ela se mantém, ela quase não tem alternância, então você tem que despontar da coragem de disputar com pessoas que já têm seis mandatos, por exemplo, da coragem de sofrer violência de gênero quase que diariamente — porque isso vai acontecer, dado que você é tratado como um café-com-leite, pode-se dizer. E também tem a questão da mulher se dividir entre diversas atividades, então isso é uma dificuldade, ainda, para convidá-las ao registro da candidatura.

P.12. E aí quais são as medidas tomadas pelo partido para garantir que as cotas vão ser cumpridas?

R: A negociação do Fundo Partidário, por exemplo. No último pleito como deputado federal foi garantido que nós mulheres tivéssemos uma parcela maior do que os homens de acesso ao Fundo Partidário. E esse Fundo Partidário é dividido também pelo potencial. Por exemplo, [nome] recebeu a maior cota do Fundo Partidário do nosso partido, eu recebi metade da cota de [nome], e tiveram homens que receberam menos que a gente. Então, fazer essa garantia pelo menos do financiamento digno da campanha é uma ferramenta que dá coragem para você se candidatar.

P.13. Entendi. E aí como que é então a distribuição de recursos, como que se decide para onde o recurso vai, quanto vai?

R: Ela é discricional. Ela é discricional de acordo com a filosofia do partido e o partido — e isso não é no nível municipal, mas sim nacional — vai fazer o estudo do potencial desses

candidatos.

P.14. Entendi. Mas aí tem isso, né, as cotas. Você tem uma quantidade maior...

R: A gente tem uma legislação também que eu posso te mandar, que já garante uma quantia às mulheres, aos negros e pardos. Eles asseguram isso no Fundo Partidário, e o restante também vem como uma complementação, certo?

P.15. Agora gostaria de saber de você, a partir da sua experiência, como você vê a Arena Político Partidária, o primeiro passo para lançar as candidaturas femininas parte das mulheres ou parte do partido?

R: Parte do partido, porque a gente ainda está dentro de uma estrutura totalmente dominada por homens. A maioria dos presidentes dos partidos são homens. Geralmente as mulheres estão nessa figura que eu estou, de secretariado. A gente está sempre na função do cuidado, da organização. Por mais que a gente tenha o potencial de política de rua, de política técnica, mesmo assim… Eu trabalho com a gestão pública há 11 anos, como eu te falei, mas esses espaços ainda estão muito relegados às mulheres, o espaço do cuidado, do zelo. A pesquisa qualitativa ainda é um indicador de que aquela cidade precisa ou não de dar aquela figura feminina como candidata. Petrolina agora está no momento de ter a sua primeira prefeita? De ter só uma vice-prefeita para compor uma chapa? Então, são dados de pesquisa… Mas isso vai mudando aos pouquinhos, só que a tomada de decisão, majoritariamente, vem dos homens. Eu falo no geral.

P.16. Você comentou que você acha que ainda precisa de mais coisa, de mais políticas, principalmente para manter as mulheres na competição. Já existe algum tipo de medida dentro do partido que sirva de incentivo ou de apoio?

R: Existem as diretrizes da própria divisão de atividades do diretório. Por exemplo, tem a legenda principal, que é o PSDB. Tem o PSDB Mulher, que é liderado por [nome]. PSDB Jovem, que eu nem posso mais, pois agora já estou nos 30, mas eu fiquei à frente por muito tempo. Então, são esses tipos de atividades que são para ser provocadas pelos próprios diretorianos, sabe? Encontro político com as mulheres. Essas atividades chegam para a gente, mas eu acho que é muito sistemático tudo e a gente não tem nada sistematizado, na verdade.

P.17. E o que você acha que impede ainda as mulheres de entrarem na política?

R: O que impede muito é a participação ativa não ser garantida, é você ter a participação determinada por meio de lei de cotas que não determina a participação. O fato da política ser um ambiente totalmente masculinizado, um ambiente muito hostil para as mulheres, infelizmente. Mas apesar de todos os passos que as mulheres têm tomado, acontece algo que os dados mostram de que mulheres não votam em mulheres. Em Petrolina, hoje, a gente tem a maior parte da população do eleitorado feminino e a gente tem um reflexo disso na Câmara de Vereadores, só temos três mulheres lá, então ainda falta esse apoio das próprias mulheres, sabe? A gente votar em mulher, a gente dar essa oportunidade e também esse espaço tão demarcado pelo domínio masculino de poder.

P.18. Tudo bem, pois acho que é isso, terminamos.

R: Pronto, eu vou ver se eu encontro essa lei da garantia de cotas, tá certo? E te mando.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada (Nome fictício): Cibele Santos
Categoria: Pré-candidata
Partido: ex-PSC e Patriota, sem partido no momento da entrevista. Posteriormente saiu pelo União Brasil
Data: 01/02/2024
Local: Comércio da entrevistada, Petrolina/PE

P.1. Para começar, eu vou pedir para você se apresentar, falar um pouquinho sobre você (seu estado civil, formação, ocupação).
R: Meu nome é [nome], como sou conhecida politicamente. Sou casada, tenho um filho. Minha profissão é comerciante e também exerço a função de liderança comunitária dentro da minha região da Zona Oeste, e também trabalho com muitos trabalhos sociais. Eu gosto muito do social. É justamente isso que me levou a um horizonte da política, eu gosto demais do social.

P.2. E aí, só para a gente continuar, você me autoriza a gravação?
R: Sim, com certeza.

P.3. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?
R: Por muitos anos, eu sempre ouvia a rádio, sempre investigava os problemas da comunidade. Sempre que tinha alguma coisa, eu partia para cima, eu ligava, reclamava. E aí, surgiu, assim, do nada, porque na verdade eu era uma política anônima. Eu mesma não sabia que eu estava fazendo política, de certa forma, porque a política é o ato de servir. E assim, eu sempre fui muito de servir, eu sempre gostei muito de fazer isso. Não são todas as pessoas que pensam assim, infelizmente ainda existe aquele que pensa em barganhas [na política institucional]. E, na verdade, a boa política é feita para trabalhar mais pela parte mais carente, que é justamente quem precisa de políticas públicas. E aí uma pessoa me escutou falando na rádio, e eu estava um dia consertando o meu carro, e do nada ele chegou e disse ‘’*[nome], eu lhe conheço do rádio, eu conheci a voz da senhora*’’. Eu estava sentada na lanchonete, conversando com uma amiga minha, e ele sentado do lado, e aí perguntou se eu não tinha interesse em entrar na política. E aquilo, para mim, foi uma coisa muito nova, eu fiquei [surpresa]... Ele disse ‘’*é porque eu gosto tanto das suas participações no rádio, eu faço parte de um partido, e acho que a senhora poderia desenvolver um bom trabalho na política*’’. E aí eu liguei para o meu companheiro de trabalho aqui, que é uma pessoa que me ajuda há muitos anos, e ele disse, ‘’*vamos para cima*’’. E aquilo me empolgou, acabei entrando na política.
Em 2016, minha primeira campanha, fiquei na terceira suplência, não tive apoio financeiro, foi algo feito realmente com os amigos. Tirei 730 votos ainda, fiquei na terceira suplência do partido. Pela primeira vez, foi muito bom. E aí, fui para a segunda vez, continuei meu trabalho comunitário, porque eu sempre gostei muito, muito mesmo desse trabalho. E a gente sabe que o único retorno quem vai te dar é Deus, eu costumo falar que não foi a política que me trouxe para isso [o trabalho comunitário], foi isso que está me levando para a política. Porque através do trabalho social, você começa a ver novos horizontes para as pessoas carentes, você começa

a pensar em coisas que você poderia fazer se você tivesse algum mecanismo. E aí eu parti para a política através daí.

P.4. A senhora falou que fazia política sem saber que fazia política. Então, antes disso, você nunca teve vontade, nunca pensou que pudesse atuar na política formal?
R: Não, foi algo que surgiu mesmo. Eu costumo falar que na Terra, todos nós viemos com uma missão. E aí você sente que você tem algo mais a descobrir na sua vida, só que você não entendia, eu não entendia isso e era isso [a política]. Hoje eu entendo que eu nasci para isso, eu gosto disso. Sabe quando você gosta do que faz? Eu, quando estou no meio das pessoas, a sensação que eu tenho é como se fosse uma criança com um saco de pirulito na mão. Amo mesmo, de verdade. Não é aquela coisa de você botar a cabeça do lado de fora, faltando seis meses, um ano para a política [eleitoral], não. Não, eu me envolvo mesmo da cabeça aos pés, eu me viro aqui, eu tenho o meu comércio, tenho que sobreviver, mas eu faço tudo ao mesmo tempo. Eu gosto mesmo.

P.5. E quais são os projetos sociais que a senhora desenvolve?
R: Eu tenho o sopão social, que inclusive agora esse ano eu não posso fazer mais, porque é ano de eleição. Primeiro porque eu respeito muito essa parte do social, é uma particularidade que eu tenho com Deus também, eu não quero envolver isso [na política]. Eu tenho um brechó social, eu arrecado roupas, sapatos, utensílios, aquele que tiver bom, de boa qualidade, eu arrecado, a gente leva para algumas comunidades carentes. Antigamente eu tinha um projeto de botar aí as pequenas lojas em cada localidade, mas eu não tive condições para isso, aí eu faço da minha maneira, eu ponho um plástico no chão, eu exponho aquelas coisas, as pessoas vêm, escolhem, leva tudo que precisa. Eu deixo bem claro antes de tudo, que é para as pessoas terem consciência de escolher somente o que precisa, não é para comercializar. Eu não vendo, eu doo para quem precisa. Quando tem alguma coisa melhor, que eu sei que eu vou favorecer só a um, para não ser injusto com ninguém, eu faço um pequeno sorteio daquelas coisas melhores, porque às vezes tem poltrona, tem um móvel que precisa para casa, alguma coisa assim de melhor qualidade, aí eu faço um sorteio para não ser injusto com ninguém. No final, aqueles que escolheram, participam do sorteio também. É algo que eu faço que é muito gratificante.
O interessante é que eu falei para as pessoas, ‘’*olha, eu não vou, eu vou dar uma parada*’’, mas mesmo assim, eu tenho coisas em casa que eu arrecadei, e as pessoas pedem para levar porque às vezes aparece alguém precisando, e aí eu acabo levando. Nunca falta, é incrível, mas nunca falta, não precisa nem fazer campanha pedindo, é bom demais isso, são as coisas de Deus. Eu já ouvi falar que Deus não se envolve com a política, eu não sei se com a política Ele se envolve, mas com o social, Ele se envolve com certeza.

P.6. Como e por que a senhora resolveu se tornar candidata?
R: Resolvi me tornar candidata justamente por isso, para tentar buscar mais recursos. Eu sei que eu não vou mudar tudo, mas também acho que uma vírgula em uma frase, ela é muito importante, a frase sem a vírgula tem outro sentido. Então mesmo que eu seja só a vírgula, eu quero ser, eu quero chegar, eu quero poder ser a voz realmente ativa daquelas pessoas mais carentes. Sinceramente eu não vou trabalhar para a alta sociedade, nem para a classe média

não, vou trabalhar justamente para a classe pobre, aquela que precisa de alguém lá, que precisa de uma voz. Foi isso, é a carência de você andar nos locais, é você sentir a falta de alguém ali, talvez para fiscalizar alguma coisa, para pedir algo para aquelas pessoas, e você não achar justo. Porque assim, você está aqui [nesse ponto do bairro], mas se você entrar um pouquinho mais num lugar aqui chamado de Buracão, você vai sentir vontade de fazer alguma coisa. E apesar da política ser muito difícil também, você precisa da política, foi por isso.

P.7. E como foi esse processo de decisão?
R: Sentei com minha família, recebi apoio, que eu acho que antes de qualquer coisa, acho que tudo que você vai fazer na sua vida é primordial, apoio da família. Eu tive apoio da minha família, meu filho, meu esposo também, todos da minha família me apoiaram. Foi complicada a primeira vez, porque você não sabe como agir, você não sabe aonde você está se enfiando, a realidade é essa, e aí só fica aquele tipo de preconceito, ‘’*mas tem um barraquinho, você não vai ter voto não*’’, ‘’*eu sou capaz de apostar que não vai ter voto nenhum, só sabe fazer pastel, vai cair de paraquedas na política*’’. Essas coisas que infelizmente existem. Eu falo que a parte mais difícil de todas é ser mulher na política, porque a sociedade infelizmente ainda existe muito preconceito contra a mulher, então eu encarei muitos problemas e perseguições que talvez fosse um homem, não passaria por isso. Inclusive quando eu concorri a primeira vez, as pessoas mesmo do partido ficaram sem entender como que eu tinha tirado 730 votos na minha primeira vez, saindo do nada, mas foi isso aí, foi dessa forma.

P.8. O que a senhora levou em consideração para tomar a decisão?
R: Justamente isso, o poder de você representar, saber que a sua voz vai ecoar com mais força. Você vai ter poder maior de pedir, de solicitar, às vezes até emendas através de deputados, você vai ter mais acesso para você conseguir tirar algo da política para oferecer para as pessoas mais carentes. Justamente isso, a vontade de fazer algo por quem precisa realmente, foi isso que me instigou a ir para a política.

P.9. E no âmbito pessoal, em sentido, por exemplo, de tempo que a senhora pudesse dedicar à política, porque é uma coisa que demanda o tempo da gente?
R: Não tive como planejar nada. Pronto, é como se você entrasse no trem andando, foi isso que aconteceu, e eu fiz, eu consegui, eu entrei, estou até hoje, ainda não consegui administrar meu tempo. Eu faço tudo ao mesmo tempo e vou tentando dessa forma, porque eu tenho família, porque na minha casa também eu sou âncora da família, eu tenho uma comunidade para cuidar e tenho a questão da vida política para cuidar, que não é fácil. E eu sou uma pessoa carente de uma certa forma, porque eu dependo do meu comércio, que trabalha a noite aqui até 11 horas da noite, dependo disso para viver, então eu tenho que administrar tudo isso daquela forma que dá. É difícil, mas nós mulheres temos um jogo de cintura para lidar com as coisas de uma forma que às vezes a gente fala ‘’*meu Deus, eu nem sabia que era capaz de tudo isso*’’.

P.10. Em questão de incentivo, apoio, a senhora comentou do apoio da família?
R: Principalmente. Da minha família, dos amigos, das pessoas que já conheciam a minha desenvoltura. Você começa a pegar aquela responsabilidade, e as pessoas começam a te

colocar como voz dela. Quando eu percebi, eu já estava sendo a voz dessas pessoas, e aí essas próprias pessoas inclusive me incentivaram, dizer ‘’*seria muito bom se você pudesse realmente ganhar, se pudesse ser uma representante lá dentro da Câmara de Vereadores*’’, e aí foi o próprio incentivo dos amigos e da família.

P.11. E aí a senhora falou que quando você pensou nisso pela primeira vez, foi um rapaz que falou com você. Como que foi isso?
R: Eu não fiquei no partido dele, porque assim, na verdade, tem uma questão de ideologia partidária também. Não era muito a minha cara, mas isso me despertou a vontade de ser, e aí foi através disso que eu realmente me candidatei, mas não foi pelo partido dele.

P.12. Qual foi o partido em que a senhora se candidatou?
R: PSC, a primeira vez.

P.13. E aí a senhora foi atrás do partido ou eles te convidaram?
R: Não, eu fui atrás do pessoal que era quem comandava política aqui na região, que é do partido da época de Miguel Coelho. Através deles eu entrei na política. Ele me indicou o PSC porque era muito bom, um partido que é pequeno, mas que tinha chance de ser eleita, e aí eu entrei no PSC. Não logrei êxito, aí fui para a segunda campanha, já agora em 2020, e na segunda campanha eu fiquei na primeira suplência, já consegui conquistar 1.235 votos, eu aumentei 505 votos. Mas foi difícil, porque eu só não fui eleita, justamente porque os partidos não são respeitosos com os seus componentes. Houve um acordo lá de uma pessoa também que era da região, junto com o presidente do partido, que se sentia ameaçado, dizendo que eu tinha chance de ser eleita, então eu não podia continuar no partido. Aí houve essa panelinha, me cortaram do partido, e eu teria sido eleita em terceiro lugar. Porque a pessoa que foi eleita, se não me engano, teve 1.100 e poucos votos só, eu tive 1.235, então eu teria sido eleita. Aí teve que escolher outro de repente, seis anos no partido, aí você sai, *poxa vida, e agora?* Aí eu fui procurar um outro partido, fui para o Patriotas. Porém o Patriotas, os outros componentes não tiveram uma votação boa, elegeu só um, que teve 1.500 e poucos votos, e eu fiquei na primeira suplência.

P.14. Então nessa última eleição que você ficou como primeira suplente, foi pelo Patriotas, não pelo PSC?
R: Não, porque eu tive que sair do PSC. Disseram que não queriam que eu concorresse porque eu tinha a chance de ganhar, eu vinha forte, aquelas coisas assim. Foi a famosa panelinha, vamos ser realistas, né? Um com o outro, uma combinação que existiu de não [me] aceitar, porque eu vinha muito forte, e eu podia ganhar a eleição. Então eu achei chato, porque assim, os partidos precisam de mulher, e às vezes deixam de dar chance para mulher que tem capacidade, que quer realmente concorrer, que gosta, para colocar pessoas que às vezes não tem nem interesse, para cumprir cota, né? E aí eu saí, mas tudo na vida serve de experiência. Eu me tornei mais forte com tudo isso, porque você acaba tendo que aprender, nem que seja na tora, mas tem que aprender.

P.15. A pessoa que ficou no seu lugar, que ganhou a eleição, no caso, era um homem?

R: Sim. Eu sempre falo que as pessoas, quando elas tiverem consciência de que sentar numa cadeira de uma Câmara não precisa de força muscular, precisa ter inteligência, ter vontade de trabalhar, ter compaixão. No momento que você tem compaixão, você está apto a ajudar pessoas, e aí, infelizmente, na política hoje você vê que nossa Câmara aqui são 23 vereadores, apenas três são mulheres. Então é uma diferença muito grande, você sofre preconceito, sim, ainda. Tem muito preconceito, principalmente na hora que você tem potencial de ganhar. Você é excluído de um partido. Agora, quando você não tem potencial de ganhar, você é necessária dentro de um partido, apenas para cumprir cota. É algo que eu não concordo. Essa visão tem que mudar. Primeiro que a mulher não deveria se submeter a ir para um partido apenas para cumprir cota, e se colocar realmente para ser uma mudança.

P.16. Como foram as campanhas para você?
R: Foi bom, porque eu amo. Meu esposo diz assim, ‘’*meu Deus, se eu não tivesse a certeza de que você não bebe bebida alcoólica, eu diria que você estava bebendo*’’, porque eu fico realmente eufórica, eu gosto. Eu sou assim, tudo o que eu gosto de fazer, eu vou de cara. Eu gosto mesmo de fazer, eu gosto de campanha, eu gosto demais. Foi um pouco difícil essa de 2020, porque foi uma campanha que a gente estava em plena pandemia, não podia ter contato físico, não podia conversar com ninguém, tinha que manter a distância, não podia ir com muitas pessoas, eram no máximo três pessoas para fazer campanha nas portas. Então foi um ano difícil. Eu acho que ter sido um ano difícil, não ter sido eleita, mas ter ficado na primeira suplência ainda foi um ganho. Porque sem dinheiro… É lamentável, eu não gosto muito de falar essa palavra, não era para a gente pensar em dinheiro para fazer política. Era para a gente pensar em projetos, pensar em conteúdo, e não em cifras, mas no nosso país infelizmente ainda tem isso, é outro problema que você tem que lidar com ele. Principalmente quem é carente. Você ser carente, ser mulher e entrar na política tem que ter muita coragem. Com toda certeza, tem que ter muita coragem.

P.17. E como foi o apoio da sua comunidade, por exemplo, aqui do bairro?
R: Eu sou primeira suplente, majoritária na zona oeste. Na zona oeste não teve nenhum candidato, mesmo os vereadores de mandato, nenhum teve mais voto do que eu na zona oeste. Estão tentando tirar isso [o posto, de mim] porque tem uma pessoa, um homem, que ganhou e está lutando para isso. Mas assim, eu costumo falar que aquilo que Deus dá, ninguém toma. Aquilo que você conseguiu por mérito, quando sua construção é feita de concreto mesmo, ninguém consegue derrubar. Que seja o que Deus quiser, eu espero continuar sendo majoritária, espero ganhar na próxima, não sei até quando vou ser candidata. Eu sou uma pessoa que faço muito aquilo que vem daqui [do coração], não é por dinheiro em si. Até porque política, para quem trabalha realmente, não é um processo enriquecedor não, pode ter certeza disso.

P.18. E o que faria a senhora desistir da campanha, de tentar de novo?
R: Eu vou tentar esse mandato novamente. Não sei… Não que você pense em desistir, mas o que desestimula você é justamente essa falta de apoio com mulher, realmente. Já que você é excluída, era para ter um investimento maior em cima da classe feminina, para que a gente pudesse realmente ter a oportunidade de marcar. Não era para ter apenas cota para concorrer,

era para ter cota dentro da Câmara. Tantas vagas vai ser para a mulher, deveria ser assim. Por exemplo, hoje vai ser só 24 candidatos, né? São 8 mulheres, certo, era para ser 8 mulheres também dentro da Câmara. Outra coisa, poder financeiro. Você vê os partidos, manda a verba partidária, que deveria ser, na minha opinião, acho que deveria vir para cada candidato já aquele valor estipulado, na conta do candidato. Porque a gente abre uma conta que é um processo complicado, burocrático, tanto para abrir quanto para fechar. E às vezes você não recebe um real naquela conta. Só abre pela formalidade. Então era para vir esse dinheiro diretamente para o candidato e não vir para o presidente [do partido]. Primeiro vem de Brasília para o estado, do estado passa na peneira, vem para a cidade, e na cidade escolhe alguns que o partido recebe e acabou. Você fica a ver navios, essa é a realidade.

P.19. E como foi então a distribuição de recursos nas suas campanhas?
R: Na primeira não recebi nem um real, nem um real. Nessa segunda, eu acho que eu recebi R$ 3.150,00. Já foi um dinheiro, mas foi uma coisa que veio para o presidente do partido, para ser rateado, uma coisa que você não tem certeza se realmente veio aquele valor só para você [se foi distribuído igualmente]. Não veio diretamente do partido central para você, veio para o local para poder ser rateado. Então nunca lhe dá a certeza de que realmente foi agido de forma justa com você. São essas coisas que desestimulam um pouco na política, mas a vontade de [ajudar]... Não sei, talvez eu seja uma sonhadora. Eu costumo falar que o ser humano não sonha, não é nada. Para viver nesse mundo, a gente tem que sonhar. Mas desestimula a gente um pouco essa falta de respeito com a mulher, essa falta de poder realmente dar uma assistência maior também, da justiça, inclusive.
A justiça eleitoral, inclusive, vê as coisas de uma outra forma diante da mulher. Esse negócio de laranja é uma coisa que já foi longe demais, só existe porque é permitido. Eu conheço aqui casos. Alguém aqui, envolvida em projeto, professora, como é que você pode ter quatro votos? Não tem lógica isso. Está na cara que foi algo que foi colocado ali para ter quatro votos. Aí você que tem a capacidade de ter acima de mil, você não tem a oportunidade de um partido pequeno porque você é uma ameaça para o partido.

P.20. A senhora falou da distribuição. Os candidatos não têm noção de quanto vai para cada um dentro do partido?
R: Eles deram a cifra que foi de 50 mil. Foi dividido esse valor e a mulher tem 30% a mais desse valor. Mas a gente não tem a certeza de que veio só esse valor. Não tem transparência, não tem um relatório feito dizendo foi distribuído tanto, vou pegar esse valor e vou distribuir para você. Você nunca tem essa certeza. Então seria muito mais fácil se fosse colocado diretamente na conta.

P.21. E dentro do partido, nesse período pré-campanha, vocês têm alguma preparação, alguma instrução? Eles dão algum tipo de apoio nesse sentido?
R: Não, nenhum, não. Assim, a majoritária da cidade sempre apoia na questão de prestação de contas, de você ter um advogado para você poder ter um auxílio quando tiver alguma dúvida. O partido dá isso para você, mas não mais que isso. Questão de assessoria, cada um faz sua parte. Quem tiver tem, quem não tiver não tem. A minha sorte é que eu tenho um filho que é publicitário e ele elabora a logística da minha campanha. Mas o resto é muito difícil.

P.22. E a senhora vai tentar esse ano pelo Patriotas também?
R: Não. O Patriotas não vai mais sair. Eu não sei lhe explicar bem direito, não. Eu não me aprofundo muito nessas burocracias, mas eu não vou sair pelo Patriotas. Eu estou ainda estudando, eu estou analisando. Os partidos pequenos não me querem. São poucos, porque é justamente por isso. Você tem chance de ter votos e você não é bem visto naquele partido Porque geralmente quando você monta um partido, eles já montam para eleger um ou dois. Ou o presidente e o vice-presidente do partido, geralmente é assim. Se você representa uma ameaça para um daqueles dois, você já não é bem-vindo no partido. Então provavelmente eu vou ter que ir para um chapão, que eles chamam, os partidos da majoritária, os partidos maiores. Vou ter que ter coragem para encarar dessa forma. Tem que confiar em Deus e pronto.

P.23. E aí a senhora que está procurando os partidos, pesquisando?
R: Eu estou analisando propostas ainda. Tem duas questões. A minha situação que é [seguir] o prefeito atual, porque política é isso. Você não tem como ficar em cima do mundo nem tem como andar em dois caminhos, você tem que ter lado. Sozinha, sem dinheiro, você não vai mesmo. Então o que acontece? Se tem algum partido pequeno que me quer, é da oposição. Aí fica difícil eu sair também de um partido da situação para ir para a oposição, porque eu posso ter minhas perdas também. E aí eu estou analisando tudo isso. Estou esperando para ver, é só até o dia 6 de abril e até lá eu vou me filiar. Por enquanto, no momento, eu estou solta, sem partido ainda.

P.24. E o que a senhora está levando em consideração para pensar no partido?
R: É importante que você esteja ligado ao prefeito pelo fato seguinte: quando você é um vereador que é oposição, fica mais difícil para você conseguir colocar seus projetos em prática. A realidade é essa. Vou fazer uma comparação: você não recebe uma pessoa que não é seu amigo na sua casa da mesma forma que você recebe um amigo. Então política também é assim, você tem que ser sábia. Não para você usar isso a seu favor, mas que você possa futuramente usar isso a favor do povo. Para poder ter mais chances de colocar seus projetos em prática. Você tem um respaldo para pedir algo que venha para a comunidade. Tudo isso eu estou levando em conta. Por isso que tem que ser junto, tem que ser do lado da situação. No momento eu penso assim. Eu não sei se futuramente eu venho a mudar, mas no momento eu penso assim.

P.25. Questão de ideologia importa para a senhora?
R: Também. Importa sim. Eu acho que política não adianta você dizer que é dessa bandeira. Não, eu sou da bandeira de quem trabalha em prol da população, cumpre com aquilo que prometeu. Mas eu não tenho aquele negócio de estar do lado de um partido que bate no outro, porque só presta se for aquele meu, outro não presta. Eu acho que não é assim. Não tenho a questão de estar dentro de um partido apenas pela sigla do partido, tem que ver a composição realmente. Se é um partido que acolhe os seus, porque também tem que ter um acolhimento, se não é muito difícil trabalhar com ele. E que cumpre com aquilo que promete. Mas ter uma ideologia não é o que pesa mais. Mas hoje em dia, na política, não é mais assim. Pode até ter

sido um dia, mas lamentavelmente hoje não é. A ideologia política apenas não é o que pesa mais, porém tem uns partidos que jamais eu iria. Um partido que eu não gostaria de citar o nome, se for possível. Mas tem um que eu não iria de forma nenhuma.

P.26. Pensando nos outros partidos que a senhora participou, o PSC e o Patriotas. Por que você escolheu esses partidos na época?
R: O PSC porque ele era o partido social cristão. Na época, eu tinha muitos sonhos que hoje em dia eu não tenho mais. Eu achava que o partido contava nessa questão [de princípios]. Mas eu escolhi mais por questão de ser um partido pequeno, que eu tinha a chance de ganhar. Hoje eu não posso mais escolher isso, porque eu não tenho como escolher mais um partido pequeno, porque os pequenos não me querem. Eu escolheria um pequeno. Não iria mais pro PSC. Apesar de que não é o PSC mais, mudou. Eles juntaram com o Podemos e já não é mais o PSC. Mas, mesmo pelos dirigentes eu já não iria mais. Porque assim, pela retaliação que eu sofri na primeira vez, eu não ia fazer isso de novo. Seria acho que até, da minha parte, um pouco de burrice, ir para o mesmo partido que me deu uma rasteira, e eu deixei de ter um mandato justamente por causa disso.

P.27. E o Patriotas?
R: O Patriotas não existe mais, mas na época escolhi por falta de opção. Ou eu ia pro Patriotas, ou ia pro chapão, ou ia pra um partido que não andava com o prefeito. Eu tinha essas três escolhas. Foi uma escolha dificílima. Então, na verdade, eu tava no Avante. Aí o prefeito disse,''*olha, se você ficar continuar no Avante, você não pode sair do lado do prefeito, porque é um partido que é oposição*''. Então eu iria ter uma perda muito grande, porque eu vinha fazendo um trabalho já na comunidade. Eu já tinha alguns êxitos em algumas coisas que eu havia pedido. E aí, se eu fizesse isso, eu ia ter uma perda de votos também. Se eu não pudesse ligar a minha imagem à do prefeito, que na época, estava em alta. Aí eu tive que sair. E eles queriam que eu fosse pro MDB, e eu não fui. Se eu tivesse ido pro MDB, talvez eu teria até entrado, porque lá, creio que financeiramente, talvez eu teria uma verba maior para trabalhar. No PSC foi pouco demais, não me ajudou como deveria, né?

P.28. E o apoio político, então, é bastante importante pra senhora também?
R: É. É, se você não tiver um lado que lhe apoia… [você não chega]. É como te falei, pensar financeiramente na política não deveria ser o correto, mas se você tem dinheiro, você ainda consegue ter algum êxito sozinho. Mas sem dinheiro e sem ter um lado político, algum apoio [é difícil]. Porque quando você tá do lado de alguém, da situação ou oposição que seja, você tem um apoio material, tem horário de televisão, essas coisas. Você sozinho sem isso não logra êxito, não. Porque o marketing também é importante. A parte de você ter um espaço na TV, de você ter santinho pra trabalhar, tudo isso é importante.

P.29. A senhora falou também sobre retaliações que você sofreu. Você pode falar um pouco mais sobre isso?
R: Sim. No começo, na primeira vez, eu entrei e ouvi aquelas coisas, que eu só sabia fazer pastel, não iria lograr êxito porque não sei fazer política, não tenho experiência. Eu falo que fazer pastel é um dom. Hoje eu não faço mais porque não consigo, hoje eu tenho uma

hamburgueria e eu faço só hambúrguer porque eu não conseguia fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Vender a comida e ainda vir trabalhar com a comunidade, era muito difícil cuidar de casa, de tudo ao mesmo tempo, aí eu larguei. Mas falo que formei um filho fazendo pastel. Eu tenho orgulho de falar isso, formei um filho fazendo pastel. E quase que eu caio de paraquedas dentro da Câmara, foi por pouco. Então é isso, e as retaliações você sofre quando você vê homens fazendo grupinhos para discutir se quer você ou não dentro de um partido, isso é muito intrigante.

Se eu fosse outra mulher, talvez eu teria até uma depressão, teria desistido, essas coisas teriam me desestimulado. Mas graças a Deus continuei de pé, fazendo meu trabalho. Eu procuro não olhar pra trás e focar na frente, mas é muito difícil, muito, porque ainda hoje eu sinto na pele isso porque não é fácil estar o tempo inteiro com alguém te perseguindo, dizendo assim, ‘’*não vai, você não vai*’’.Você faz isso, a pessoa vai lá e faz igual, faz na sua frente, aqueles quatro anos disputando com uma única pessoa, é muito difícil. É uma concorrência que não é só de 4 em 4 anos, você concorre todos os dias, é difícil. E aí você percebe que o único intuito que a pessoa tem é de te derrubar. Você sabe que se fosse com um homem tem coisas que não seriam feitas porque teriam medo, às vezes até de uma reação, e com a mulher não, acha que a mulher é um sexo frágil, que não tem como reagir com força muscular, como talvez como um homem reagiria. Eu sofro na pele até hoje a perseguição política. Tem coisas que você guarda só pra você mesmo, mas é contínua, não parou. Nem parou a perseguição e nem paro eu.

P.30. A senhora percebe esse tratamento diferente só com você ou com outras mulheres também?

R: Eu creio que sim. É como se você tivesse na plateia, e em algumas situações, você vê as coisas e você vê que não é do mesmo jeito como se fosse com um homem, não é? Às vezes, como primeira suplente, você teria uma chance de entrar na câmara, mas tem alguém o tempo todo lá dentro trabalhando contra isso, dizendo que não vou entrar porque se entrar vou me fortalecer mais [politicamente]. É isso, essas coisas que acontecem e que não deveriam ser assim.

P.31. E na competição eleitoral, quais são as diferenças que a senhora percebe entre homens e mulheres?

R: O discurso de falar que uma mulher não vai ter voto, ela está só pra cumprir cota, ela não sabe fazer política, o que eu percebo é isso. É tanto que as discussões, quando você vê alguma discussão de uma roda política, geralmente tem mais homens do que mulheres, porque justamente, além de ser poucas mulheres, é como se ela não tivesse inteligência pra discutir política também, a gente sabe que a realidade não é essa. Eu gosto de política, se eu sentar com alguém pra discutir política, eu amo. Eu sou muito aprofundada, eu não tenho vergonha de falar de mim, eu me assumo completamente. Eu terminei o quinto ano muito bem estudado, que na época eu muito me dedicava, mas terminei, eu fiz o EJA, sem tempo pra estudar, mas encarei. Fiz o EJA, eu terminei a quinta, a sexta, a sétima e a oitava. Fui pra prova, não estudei nada, mas eu fui, foi uma prova difícil.

Passei, e aí fui pro ensino médio, fiz o primeiro, o segundo e o terceiro ano. Eu passei em tudo e com notas boas. Eu tenho determinação, completei o ensino médio, não tenho faculdade. Às vezes sinto falta, necessidade, eu gostaria de fazer porque a inteligência é como

um diamante. Se você não lapidá-lo, você não vai ter um diamante bonito como você tem quando lapida. Infelizmente eu sinto carência nesse sentido ainda, mas me viro como posso.

P.32. E o que você acha que faz diferença na competição política? O que dá mais chance a alguém?

R: Quem tem mais dinheiro. É o que eu digo, não deveria ser assim. Eu acho que o próprio eleitor também tem sua culpa. Porque quantas vezes eu não fui fazer campanha e alguém me chamava no cantinho e dizia ‘’*eu tenho sete votos aqui, e aí?*’’ E aí que infelizmente eu não posso fazer isso [se referindo à compra de votos], eu estou entrando para fazer diferença, para mostrar que a gente sem dinheiro consegue fazer uma boa política. Porque o dinheiro que é alguém que dá hoje, vai fazer falta amanhã.

É difícil porque vem alguém quando chega o dia da eleição com uma mala e leva aqueles votos que poderiam ser seus. Inclusive é uma competição injusta. O dinheiro faz diferença e muita. Apesar de eu não concordar com esse método, mas no nosso país às vezes você é obrigado. Você é colocado para fazer algo que você não concorda apenas porque se você não fizer daquele jeito, você não vai conseguir. Mas mesmo assim eu continuo na esperança de conseguir. Hoje, não adianta dizer que é falta de informação, porque você tem informação a todos os momentos. Nós temos rede social para isso. As pessoas deveriam ter a mente mais aberta e não votar em alguém que está querendo comprar seu voto. Porque o seu voto pode mudar tudo, mas infelizmente não é todo mundo que pensa assim.

P.24. E só para terminar… Imagino que a senhora deva conhecer outras mulheres também que atuam dessa forma. No seu perceber, você acha que a falta de interesse ou a falta de presença parte do lado das mulheres ou do lado dos líderes partidários, da instituição?

R: Parte um pouco ainda do lado das mulheres, porque ainda tem aquele costume de achar que tem coisas que são feitas para o homem. Não existe isso. Muitas mulheres têm dificuldade em conseguir apoio do marido, que graças a Deus eu tive esse apoio do meu marido, mas tem muitos homens ciumentos que acham que a mulher não pode estar no meio de outros homens, não é para estar conversando nem abraçando ninguém. A dificuldade maior às vezes é da família. E ao mesmo tempo vem [da falta de] amparo dos partidos, que eles já lhe colocam como inferiores, porque você está ali apenas para cumprir cotas. Se não precisasse daquela cota, talvez você nem ia nem ser chamada para ir para aquele partido. Eu acho que são as barreiras primordiais, a questão da família e a questão da forma de você entrar, da aceitação, inclusive da própria sociedade, da política. Entender que a mulher tem uma sensibilidade maior para conseguir se comover com uma situação, para tentar buscar uma solução. A mulher sabe lidar com várias situações ao mesmo tempo, pelo fato de ser mãe e trabalhar fora, cuidar de casa, de marido, de filho, de tudo. Ela tem o poder de se reinventar também. E as mulheres são inteligentes.

P.25. Beleza, é isso. Se você conseguir me indicar outras mulheres que também estão nessa jornada…

R: Conheço, vou te passar o contato.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada (Nome fictício): Lorena Macedo
Categoria: Pré-candidata
Partido: DEM no momento da entrevista, saiu candidata pelo Republicanos
Data: 30/01/2024
Local: Estabelecimento comercial, Petrolina/PE

P.1. Eu quero que você se apresente um pouco. Seu nome, estado civil, ocupação e formação.
R: Meu nome é [nome]. O pessoal me conhece por [nome], ou até mesmo pelo bairro que eu moro, que é [nome], popularmente. Eu tenho 47 anos, sou divorciada. Eu tenho duas filhas. Moro no meu bairro acho que há quase 20 anos. Eu sou técnica em segurança do trabalho, mas eu não exerço a minha profissão hoje em dia.

P.2. Você me autoriza a fazer a gravação da nossa conversa?
R: Sim, autorizo.

P.3. Então para começar, como e quando surgiu o seu interesse pela política?
R: Na verdade**,** o meu interesse pela política não surgiu do dia para noite. Eu acredito que a política está no sangue. Minha mãe é uma pessoa que é semianalfabeta, porque ela sabe fazer o nome. E ela diz que eu sou o patinho feio da família porque não tem nenhum outro histórico familiar de gente lá de casa que tenha essa liga, essa aproximação com a política. Agora, corrigindo, tem um primo meu também no Piauí que tem também esse envolvimento.
Na verdade, a minha história com a política começou quando eu nem sabia o que era nem como se tratava a política. Mas quando eu tinha 13 anos de idade, eu morava em uma cidade do interior do Piauí. E eu nunca me conformei quando eu via a desigualdade, quando eu via que uns tinham acesso e outros não tinham. Mas eu não sabia se faziam políticas públicas com aquelas pessoas, e eu era uma menina de 13 anos, e aliás, algumas coisas há 30 anos eram bem diferentes do que acontece hoje.
A gente morava numa rua, num quarteirão. Acho que a uns 200 metros da nossa casa tinha a rede de energia elétrica. E esse quarteirão não tinha, a gente vivia no escuro. E aí a gente estudava a noite, eu lembro, era até o chamado grupo escolar. E, lá na época, também não existia a palavra bullying, mas tinha a história de você colocar apelido, de pirraçar. E lá na sala, quando terminava as aulas, o pessoal começava a sair, e os meninos diziam ‘’*vocês vão para o escurão, vocês moram na rua do escuro*’’. Isso me incomodava.
E aí quando foi um dia, era tempo da Copa, e eu disse, ‘’*mãe, o que é a Copa?*’’ ‘’*Ah, são seleções de futebol…*’’ e me explicou como funcionava a Copa, mas a gente não tinha como assistir aos jogos. E eu disse, por que a gente não tem direito à TV? Todo mundo tem, era uma injustiça. Tinha vereadores na cidade, tinha prefeito, partidos, mas até então eu não sabia de nada. E aquilo ali me revoltou. E tinha um padrinho meu que era vereador da cidade. E eu fui conversar com ele. Para você ter ideia, ele morava na entrada da minha rua, e tinha energia na casa dele, e na nossa não tinha. Aí eu cheguei e falei para ele que não era certo, que a gente vivia na escuridão, e que no colégio a gente sofria esse tipo de bullying, esse preconceito, e eu disse que aquilo estava errado. Não sei o porquê, mas estava errado. E ele me orientou e falou,

‘’*por que você não faz um abaixo-assinado?*’’ Foi a primeira vez que eu ouvi falar em abaixo-assinado.

E cheguei na minha casa, só que naquele tempo lá, a mãe tinha que cumprir a ordem do pai e a gente cumpria a ordem do pai e da mãe. E eu disse, ‘’*ah não, eu não vou ficar cumprindo esse tanto de ordem, a gente tem que fazer, nós vamos fazer*’’. Eu disse, ‘’*mãe, quero que você me deixe fazer*’’. E minha mãe ficou com medo, mas eu disse, ‘’*não, vamos fazer*’’. E foi o meu primeiro ato.

E depois, quando eu fui passar por dentro, eu fui vendo que era ali que você começava a criar a política do coletivo, do bem comum. E aí nós fizemos esse primeiro movimento. Eu participei de uma entrevista na rádio-jornal, me perguntaram tudo. Isso foi bem interessante, porque eu dei essa entrevista na rádio-jornal aqui, e essa entrevista repercutiu também na rádio-jornal do Recife. E o que me impressionou? Porque eu fui para a porta do povo. E eu fui sem saber o que eu estava fazendo. Eu comecei a bater na porta do povo, fui lá chamar e dizer o que a gente tinha direito. E, resumindo, a gente conseguiu. A gente conseguiu as assinaturas. Só que naquela época eu era tão desligada, que eu não sabia que precisava protocolar, fica tudo registrado, né?

Mas eu saí chamando o pessoal, e todo mundo me apoiou. E o que me chamou a atenção foram os idosos, porque eu ia convidar uma pessoa da casa, e eles celebravam como se fosse uma festa. ‘’*Nós vamos, pode contar [conosco]*’’. Mas só que não ia só o pai e a mãe. Se tivesse cinco crianças, eles levavam as crianças. Se a casa tivesse dois adultos, fora pai e mãe, ia todo mundo. Você não tem noção do primeiro movimento que eu fiz.

E a gente chegou na Câmara de Vereadores à noite, estava tendo sessão. Nós chegamos de uma forma muito passiva e tranquila. E minha mãe não foi. Mas ela me recomendou aos mais velhos, os idosos. E todos me protegeram, disseram que se mexessem comigo, estavam mexendo com eles também. E naquela época, um costume comum era que todo mundo andasse com facas. E aí eu pedi que todo mundo tirasse. Eu nem sabia o que era, mas eu tinha [a sensação]. Então assim, quando você nasce para isso… Porque tem muita gente que entra pra política visando carros, dinheiro, mas não sabe fazer [política] porque [ela] é uma luta. Uma luta muito paciente, muito bonita. Se a política fosse realmente para melhorar a vida das pessoas, a gente viveria em uma situação bem melhor.

E aí eu pedi que as pessoas deixassem as facas em casa. Os homens, na época, que era quem fazia isso, para que não achassem que a gente tava chegando lá meio que ameaçando. E nós fomos. Foi sucesso. A princípio, quiseram nos barrar. Mas o que eu lembro mais é que eu sou baixa, não é? Eu só tenho 1,60, mas eu era mais baixa ainda, uma menininha. E comandei um batalhão de pessoas, e as pessoas me seguiram, e ninguém saía do meu lado, e nem ninguém tomou nenhuma atitude fora do que eu disse.

Só que cidade pequena, quando acontece um evento, chama a atenção. E por onde nós passava, as pessoas foram vendo a multidão, que na época parecia uma procissão, que tinha os comícios, e aí as pessoas foram agregando para saber o que era. Tu já imagina, que foi todo mundo da nossa região. E por onde nós passava, o povo ia sem saber o que era, mas queriam ver. E quando nós chegamos lá na Câmara, eles se assustaram, porque a cidade nunca tinha tido nenhum movimento assim. Eu fui a primeira a fazer esse movimento. Fizemos esse movimento, e tivemos sucesso.

E as pautas que estavam para ser colocadas, eu falei, foi a primeira vez que eu falei numa tribuna, e tivemos resposta. Com 100 dias, a nossa rua tinha energia, todas as casas. Todo mundo comemorou com festa, as pessoas acendiam as lâmpadas, e aí fizeram festa a noite toda, e comemoraram, festejaram, porque foi uma celebração.

Depois eu vim embora de lá, para Petrolina, casei, fui morar em Salgueiro, e lá também eu sempre envolvida, sabe? Mas assim, quando eu via as coisas que chegavam menos para uns e mais para outros, eu fui amadurecendo, vendo, e aí eu voltei para Petrolina. Quando eu me divorciei, e fiquei mãe solteira, com duas filhas, morando no bairro Dom Avelar, considerado bairro periférico de Petrolina.

Então, a mulher, apesar de muita coisa a gente ter conquistado, a gente ainda não chegou num lugar de respeito e de estar em lugares que a gente deveria estar ocupando. Eu sempre costumo dizer que ainda existe uma maquiagem na valorização da mulher, no espaço para a mulher, na política. Do ano passado para cá, a gente viu candidatas laranja, em jornais aqui na nossa cidade, vereadores que perderam o mandato, por ter essa tabela a cumprir, porque hoje tem que ter os 30%. Pode até não sair muitas laranjas porque não é interessante, mas eles ainda buscam mulheres para formar partidos, é isso que a gente ainda escuta. Que são mulheres de partido, eles acham que não são mulheres de voto. Mas, no mesmo instante, eu volto a minha fala aqui, e vejo que há um erro muito grande, porque é matemática, e a matemática é exata. Porque já é provado no Brasil que nós somos o maior eleitorado, quem decide as eleições de nosso país. Mas o que acontece, que a gente não chega pelo menos em 20, 30% [na política]? Uma casa de vereadores completa com 23 candidatos, só cabem 3 vereadoras? Eram 2, agora tem essa outra vereadora que chegou lá. O que de fato mesmo [acontece]? Será que nós não estamos votando mesmo? Porque eu quero ver você sentada numa cadeira de um reitor de uma faculdade, você sentada na cadeira de um comando geral da polícia militar, a gente ter uma governadora no nosso estado, a gente ter nossas câmaras de vereadores discutindo realmente a igualdade, a política pública para a mulher. Porque os nossos salários ainda não são iguais? Porque na maioria dos serviços… A exemplo, a área da saúde, quem faz o serviço mais pesado, de frente, mais cansativo, são as mulheres. Na educação, quem educa esse país são as mulheres. A maioria dos lares ainda são hoje chefiados totalmente por mulheres, e na hora de sentar nas cadeiras, de ocupar o espaço, fazer a política transparente, fazer valer… [são os homens]. Essa conta não chega, não fecha.

O que tem que ser mudado e trabalhado também, além do homem, é essa conscientização que a gente tem que valorizar a colega, a companheira, tem que mostrar que ela pode, sim, as pessoas podem ser chefiadas, governadas, administradas por mulheres. Há muitas mulheres de bairro que fazem trabalhos, que são representantes legais, e as pessoas não sabem que elas estão nas periferias, no anonimato, fazendo o seu trabalho ali todo dia. Agora, eles precisam de políticas públicas, que sejam implementadas dentro das periferias, em bairros como São Jorge, Mandacaru, Terras do Sul, o próprio João de Deus, o Henrique Leite, Vila Vitória, Jatobá. O IBGE mostrou que a maior população de Petrolina é o público feminino. E por que a gente não consegue eleger essas mulheres? Porque a própria periferia ou as próprias mulheres, a gente vê ainda apoiando outros homens? Nada contra o homem, a gente tem que saber separar aquele que respeita, que valoriza, sabe? Então, assim, há muita coisa ainda que tem que ser feita para valorização das mulheres em ocupar. Mas não é ocupar só pra ocupar, é ocupar e saber porque que tá ocupando, é ocupar e saber também que vai ter a minha hora [de

sair]. Eu tenho a minha idade, e eu preciso dar esse espaço pra você, mas para dar esse espaço pra você, eu tenho que fortalecer você, para você se inspirar e dizer assim ‘’*a política de [nome] é uma política de valorização das mulheres*’’. Não é também que colocar as mulheres, e vai mudar completamente, o problema vai deixar de existir. Esse problema não vai deixar de existir. Mas aí a gente precisa dar esse espaço, e eu preciso também, chegada a minha hora, preparar você.
Quantas mulheres tem vontade? Acho que ainda tem a questão do preconceito da mulher, do apoio, do companheiro, do namorado, do marido, precisa ter cabeça aberta pra apoiar. Já passei por isso. Hoje, quando eu vejo que quer me prender muito, eu me solto, eu saio. A minha política não é essa, a política que eu quero é ver minhas duas filhas, ver você, a juventude. Eu acredito muito que vocês vão mudar [o ambiente], e eu quero ver o espaço sendo ocupado. A maioria é por muitos homens, mas a gente precisa ver mulheres, então a gente já tá um pouquinho na frente, mas eu ainda acho que a gente é muito restrita de números. Tipo assim, não tinha que ser 30%, tinha que ser meio a meio. Eu acho que tem que começar assim, sabe? Porque a gente quem decidiu, e a gente quem vai decidir as eleições da nossa cidade, e a gente vai decidir a posição desse país daqui pra frente.
Isso é fato, são números que vêm crescendo muito. Mas muitos partidos fazem uma política muito antiga, então tem que haver essas mudanças. O meu pensamento é esse.

P*4*. Então, você teve essa atuação enquanto jovem, depois viu [a desigualdade] em Salgueiro e aqui também. Como foi essa virada de pensar que você pode entrar e você quer entrar na política formal?
R: Então, na política formal, porque como eu te falei, foi uma coisa do passado que eu vinha amadurecendo. Vim aqui chegando num presente hoje, num futuro que deu direito ao voto, deu direito ao divórcio, deu direito da mulher estudar, deu direito de escolher o que eu quero ter até mesmo em relacionamento, o que é mesmo que eu quero vestir, o que eu quero usar, então assim, a política também tem que ter esse papel de trabalhar e aceitar. E assim, é não aceitar a desigualdade, a injustiça, sabe? E aí como eu disse, morar numa região que a gente é bem favorecida pelo trabalho que a prefeitura vem fazendo como um todo na cidade, o bairro foi contemplado em ações, em obras e melhorias, mas precisa muito, muito, muito, muito, muito pra mudar. Então, eu ouvi esses dias uma pessoa me dizer assim, ‘’*você quer comparar uma pessoa que mora numa região há 20 anos, que sabe a realidade, que sabe o sofrimento…*’’ [com quem não vive a realidade]? Mas quando ela retorna, ela precisa ter acesso à saúde, ela precisa ter acesso à escola, ela precisa ter acesso a segurança. E muitas vezes, a mulher, ela é atraída para esse período eleitoral, porque ela foi uma presidente de bairro, ou ela se tornou uma liderança, ou ela tá à frente, ou ela não tem medo, porque chega aquela caravana de homens, e aquele pessoal todo bem vestido, bem apresentável, então assim, as pessoas tem até medo de se identificar, de chegar ali e falar. Eu não, eu não. Eu acredito que o dinheiro, ele é, sim, importante, porque a gente não vive sem dinheiro, certo? Mas estar no poder não é tudo. Eu acredito que a gente trabalhando, a gente investindo em educação de qualidade, investindo em saúde, em espaço, dando direito, quando chegar a hora que fique uma mulher ali. Porque que seja mulher jovem, a gente precisa dar essa coragem pra vocês que estão chegando. Dizer que a política não é só um lugar sujo não, que a política não é só ter o que é raro não. Apesar de tudo que a gente está colocando aqui, que você está

agora nesse momento, fazendo essas perguntas, é porque nós tivemos uma política assim, curta, trabalhada e pautada. A gente tem um lado sujo da banda, mas eu acredito que a gente tem um lado bom maior ainda. O que está faltando ainda é espaço, e dar oportunidade para novas cabeças, para novas pessoas chegarem com pensamentos e ideias, e botar na cabeça das pessoas que a gente não deve favor. Porque a gente tem essa cultura, de lealdade a políticos. Isso não deveria existir.

P.5. A sua motivação seria dar esse espaço?

R: Dar esse espaço para a mulher, dar esse espaço para a juventude, para muitas meninas que precisam. A gente tem muita coisa boa na cidade toda, a gente tem muita coisa boa nas periferias, a gente só precisa de um lugar. A gente tem que estar lá dentro. Tem muita, muita, muita mulher que voltou para a sala de aula depois que casou, que passou por um casamento de violência, que se separou, depois de ser mãe e depois de ser avó.

E eu acredito muito que através de fazer as pessoas terem consciência de quem é o seu candidato, isso é importante. Para que é que a política serve na vida das pessoas, não é uma moeda de troca. A gente tem que tentar mudar essa realidade daqui para a frente. E eu acredito que quando você ensina uma criança a ler e escrever, ela tem mais conhecimento e acesso, ao contrário dos idosos de antigamente. Então, a educação, e dando consciência às pessoas do voto, do que a política pública trabalha com a cidade, eu acredito que a gente consegue mudar muita coisa, porque a gente tem muita coisa boa na política.

A gente vive porque existe política, e com relação às mulheres, precisa que todas tenham consciência. Eu cheguei a participar agora num foro de discussão de gênero, de igualdade, de violência contra a mulher, então, onde é que está o erro?

Será que a falta é que a mulher também está contribuindo para que [essa cultura] permaneça e que não lute por esse espaço para a outra? E aí se continua essa política que o cara ganhou uma vez, e aí a mulher ganhou uma vez, ela continua em três, quatro, cinco, dez mandatos, e quando ela sai de lá, ela quer colocar o filho, ou quer colocar a filha, muitas vezes despreparados. Diferente de quem vai pra rua, pra militância. Não, é porque o filho é de fulano, então tem que seguir. Não, não é assim, tem que ser trabalhado. Para você exercer sua profissão, você passa oito períodos, passa dez períodos na faculdade. E porque na política é diferente?

P.6. Então, como foi que você resolveu se tornar candidata? Você já concorreu em alguma eleição?

R: Sim, já. Eu concorri nas eleições passadas. Nós fomos para a porta do povo, nós fomos conversar, mas a gente estava em um período de pandemia, então assim, tinha hora que a campanha estava na rua e tinha hora que a própria justiça eleitoral tirava a campanha da rua por questão de preservar a vida mesmo, né? E chegou um período que muitos candidatos de primeira viagem, como foi o meu caso, a gente chegou a dar um recuada também, porque não podia haver aquela aglomeração de pessoas, né, e muita gente também não queria receber a gente em casa, porque todo mundo ficava preocupado. Mas justamente por passar as eleições [dessa forma], os representantes legais, eles sumiram mesmo das comunidades, sabe? E quando chegou perto do período, eles apareceram. E a gente que estava na labuta, todo dia vendo a falta, a realidade, buscando. Até a gente chegar no prefeito, nos secretários, e mostrar

‘’*oh, está precisando disso*". E aí, eu tenho acesso, você tem acesso mais fácil, João tem acesso mais fácil, Maria tem acesso, mas Francisco e Joana não tem. Então, o acesso, eu acredito que esse é o caroço.
Um gestor tem que ir nas comunidades, visitar, escutar. Mas nem todo mundo tem acesso. Então acho que o acesso é para todos e nós estamos nessa luta, sabe. E você saber que você pode criar leis, projetos, fazer requerimentos, apontar, fiscalizar, porque o papel do vereador é, às vezes, de fiscalização e apontar ao executivo para que chegue nas comunidades, tá? Tem que ter esse papel, porque as lideranças e presidências de bairro são atendidas. Então é ajudar dessa forma.

P.7. E aí, como que foi nas eleições? Você procurou um partido, o partido procurou você, você já era envolvida de alguma forma?
R: Eu já era envolvida, e nós começamos a conversar. E a gente começou com as ideias, e também assim, amigos, a vizinhança, pessoal do bairro. ‘’*Ah, por que você não vai? Por que você não vai?*’’ Porque assim, tudo é uma escadinha, uma construção, se não for [vencer] agora, mas pelo menos é uma experiência. Mas é dolorido o processo.
Tem um ditado que diz, nós somos madeira de lei, madeira que cupim não rói. A gente racha mas não quebra. Eu sou muito de insistir, eu não sou de desistir fácil. Foi uma experiência onde a gente vê muitos erros, a gente também entra com uma bagagem toda, e aí você tem um norte, que você diz assim, eu errei aqui, eu não posso mais errar agora. E até por preocupação, e às vezes até por medo, não que você esteja fazendo nada errado, mas aquela dúvida. E nós fomos pra porta do povo, e não vamos desistir não, estamos aí pra ir novamente.

P.8. O que foi que você levou em consideração pra poder tomar essa decisão de se candidatar?
R: O que eu levei em consideração é porque aquilo que me incomoda, se eu só falar e eu não agir, eu não posso mudar. Então eu pensei assim. Eu observo o ser humano não pela fala, mas pela sabedoria, como ele age. Eu quero ver na prática, eu quero ver se é pra cima mesmo. Passou as eleições, não veio o resultado esperado pra mim, mas eu nunca deixei de ouvir nenhum pedido na minha comunidade, pedido de socorro, pedido de uma orientação. Eu sempre falo, eu não tenho, mas posso buscar onde tem, quem tem, quem pode resolver. Porque é muito constrangedor você prometer, você criar uma expectativa no próximo que está em um momento de dificuldade e você não poder cumprir. Dizem os mais velhos que na política, ninguém pode ser 100% verdadeiro. Mas a gente procura não estar mentindo, e buscar resolver. Tem coisas que precisam ser feitas, e que devem ser feitas em conjunto. Uma pessoa que tem o olhar atento dentro das comunidades, pode ajudar o executivo. Os vereadores precisam dos seus gabinetes, do seu suporte para eles conhecerem e rodarem o município. Eles precisam dessa estrutura e é legal, porque se é a serviço do povo, é necessário. E aí é justo que ele receba, mas também é justo que ele dê retorno.
E enquanto líderes comunitários, a gente consegue muita coisa. A diferença para os vereadores é que eles têm requerimento, têm projeto. E nós vamos muito na fala, e na ousadia de pedir. E a gente insiste, e a gente persiste.

Então, foi isso que me fez levar a pensar que eu poderia contribuir. E venho contribuindo para a população em geral. Eu acredito muito na política, mas na política que seja discutida, na política que é consciente. Por isso que eu acredito e não vou desistir.

P9. Em relação a recursos, tipo apoio da família, apoio da comunidade, você recebeu bastante, você acha que isso influencia também?

R: Influencia da seguinte forma. Quem tem um mandato hoje na mão, ele já sai na frente. Quem tem um mandato, já tem aquela estrutura que ele tem, já tem assessores, que trabalham para ele. Então, vamos dizer que eu sou vereadora e você é minha assessora. A gente está nessa reunião, e eu falo que eu vou pra outro setor e eu preciso que você vá no José e Maria, que você vá fazer uma visita, então eles podem e tem essa facilidade.

No nosso caso, a gente como é de primeira viagem ou segunda viagem, a gente faz esse trabalho só, de visitar, de ir, porque a pessoa quer ouvir, quer falar, quer me conhecer. A gente tem os amigos, a gente tem a família, mas assim, muitas vezes, nem toda a família apoia, sabe? E nem muitos amigos também chegam a votar em você. Se a comunidade apoiasse, dentro da nossa comunidade a gente era eleito, sem precisar sair pro bairro vizinho. Mas eles ainda tem essa cultura, que fulano chegou lá, com um carro assim, com fulano bem vestido… Eu tava conversando justamente com uma moça sobre isso, que a gente se ajuda e vamos fazer esse trabalho novamente, pra que a gente tenha um resultado diferente do que a gente teve, porque a gente vai amadurecendo também o processo, a gente vai vendo onde errou, a gente vai vendo em quem pode confiar. Todo mundo acha que a gente tem [recurso], mas na verdade a gente não tem, e chega o material, o material de gráfica e tudo, mas pra ter uma igualdade, a gente precisaria de muita coisa. Os partidos ainda precisam fiscalizar de perto. Esse ano teve algumas mudanças. Esse ano quem vai fiscalizar nas eleições municipais é a ministra Carmem Lúcia, então ela vai estar muito atenta à violência contra a mulher, que a gente sofre violência na campanha, por alguns homens do partido, alguns homens que acham que a gente não tem potencial, que a mulher é frágil, esse tipo de violência. Vai ter essa fiscalização. Então assim, a gente também vai passar ainda pelas reuniões partidárias, é um período muito delicado, que você não pode mais dar entrevista, certas palavras você não pode mais falar, então você tem que esperar abrir o calendário de campanha. Tem que declarar também as fontes da campanha, tudo tem que ser declarado. Mas tem muita campanha rica, tem muita questão do poder, ainda tem muito, então a gente tem que rever isso aí [para tornar a disputa justa].

A gente ainda vai sentar, a gente ainda vai entender as mudanças [do processo], de horário, do que pode e não pode, etc. O que sai na mídia é que teve mudanças e que esse ano vai haver uma fiscalização maior com relação às campanhas femininas. Se a gente vai ser chamada no começo, no meio e fim, eu não sei, porque a gente ainda não sentou ainda com o jurídico pra ver essas mudanças, como é a fiscalização. Mudou com relação ao total que a gente sabe que é assegurado 30% da chapa, e tem que garantir para vir esses 30% de participação de mulher, aí o pessoal que não é mais obrigatório, porque na passada era obrigatório ter esse número de candidatas. Eu não sei, é um pensamento meu, mas não é interessante [essa mudança]. Se lutou para que assegurasse esse percentual para candidaturas femininas, e de repente, você muda e na hora de registrar uma candidatura, o partido não consegue ter o número de x

candidatas femininas, mulheres que não são de partido, mulheres que são fortes e podem ser eleitas, podem ter voto?
Para mim não é interessante, é trocar seis por meia-dúzia. Não, é interessante que preencha com candidatas e que dê realmente o espaço que elas precisem, que elas possam também ir pelo menos para a igualdade de lutar, de ir para rua e pedir o voto no período que for liberado. Não é só o cara que é o candidato que pode estar aqui nesse top não, que a mulher também possa estar, que o partido também fiscalize.
Eu espero que com essas mudanças, haja mudanças nas cadeiras porque é uma vergonha ter 23 cadeiras, 3 mulheres e 20 homens ainda sentando naquelas cadeiras, porque a gente é a maioria no eleitorado.

P.10. Em relação ao processo de candidatura, de recurso financeiro, como que é de fundo partidário, você recebeu?
R: Então, até nas eleições passadas, a gente recebeu a estrutura com materiais, mas de recurso mesmo… [não]. Por isso que esse ano houve essa mudança, tá havendo mais essa fiscalização, pra não acontecer resultados que deram aí. Teve candidatas que saíram no Maranhão, que ela teve um voto, nem a família dela votou nela. Precisa de mais do que santinho, um carro abastecido e alguns adesivos. Não se faz campanha sem dinheiro, e precisa mostrar como é que ela tem que se organizar, e que também a candidata possa mostrar que recebeu e como gastou. O que a gente precisa é de outros políticos que venham no futuro mudar [essa distribuição], porque é desigual demais.

P.11. E aí você recebeu só o material?
R: Nas passadas aí, muitas candidatas receberam só os materiais. E que a gente não fique mais dessa só ajuda de materiais, e nem do combustível para as carreatas. Não, a gente quer de fato [recurso]. Se é lei, e está aqui mostrando que o partido tem x e é para ser dividido entre as candidatas, para que elas possam ter esse empoderamento de fazer sua campanha bonita, limpa. Esse é meu pensamento.

P.12. Você recebeu o apoio e o incentivo de alguém para se candidatar?
R: Eu recebi, foi a princípio das minhas duas filhas e do meu irmão, e de muita gente da minha comunidade e de muita gente do partido, comerciantes, colegas do curso, gente que conhecia a nossa história, a nossa luta, o nosso trabalho de não desistir. Mas não de muita gente que a gente esperava que ia receber, a gente não recebeu, isso foi também decepcionante. E pessoas que a gente pensava que não ia receber, a gente recebeu esse incentivo.
Esse ano, agora é todo mundo pré-candidato, e vamos daqui mais para frente decidir porque a gente tem prazos para serem cumpridos, para poder chegar lá ou não. Mas eu não vou desistir.

P.13. Você acha que tem algo que pode te atrapalhar em continuar na vida política, em ser candidata?
R: É um trabalho que a gente faz voluntariamente. Porque quando você sai do seu conforto, você sai da sua casa e você se torna uma pessoa pública. Como eu disse, mesmo que você não

tenha nenhum diploma na mão, quando você é vereador ou secretário, devido ao trabalho que você faz, aonde você chega, alguém vai conhecer.
Então, o que me faria hoje sair e não seguir mais a vida na luta por dias melhores seriam minhas filhas, minha família. Ou se houvesse caso de alguma doença ou alguma coisa que eu não pudesse mais. Isso aí me faria sair da política com certeza, mas enquanto eu acreditar que eu posso resolver na hora do aperreio, eu vou continuar. Quando chove, a gente tem na cidade vários pontos de alagamento, é impressionante a gente receber essa ligação uma hora, duas horas da manhã, duas ou três pessoas ou quatro pessoas falam comigo e eu não sei quem é, e me chamam pra conversar porque ouviram falar de mim, porque eu posso fazer algo. Eu não sou vereadora, eu não tenho contatos, diploma, mas nunca deixei de ajudar se eu posso.
Preste atenção que eu vou te dizer aqui agora. Primeiro, o morador pede a quem pode resolver, quem tem mandato. Aí ele pede aos secretários, aí ele pede a quem pode resolver. Então eles vão pedindo e não chega. Então eles pedem às lideranças, eles que estão aqui na comunidade, a gente escuta a dificuldade e mostra [aos governantes]. E aí eu sempre chego e digo, ‘’*olha, eu não sei se eu vou resolver, porque não depende de mim, eu não tenho a caneta na mão, mas eu vou buscar quem pode resolver*’’. Trabalhar com gente é difícil. Eu já fui presidente no meu bairro duas vezes, e tem uma turma aqui me chamando pra ir de novo, mas aí eu disse não, porque eu não posso misturar agora esses dois caminhos, eu tenho que estar focada. Porque é um processo bem parecido, só que é um processo que é de uma eleição partidária e uma eleição que é apartidária. E aí eu tenho que ver o que é que vai trazer benefício pra comunidade.
O que me tiraria hoje, da política, seriam minhas filhas ou caso de vida ou morte.

P.13. Eu não sei a idade das suas filhas, mas você acha que ser mãe solo foi um empecilho pra você não ter entrado antes?
R: O empecilho foi meu ex-marido, minhas filhas nunca me atrapalharam. Porque hoje eu tenho duas filhas, uma é casada, formada, enfermeira, e eu tenho outra filha que é formada em educação física, fazendo outra faculdade aos 23 anos. Então eu fui uma mãe que eu não sei se falhei, mas fui muito presente, fui muito insistente. Fui muito braba, mas de ser exigente, incentivei muito minhas filhas a estudar. Então, por isso que eu não desisto. Quando a gente se separa ainda tem o julgamento da família. Eu nunca fui de baixar a cabeça. O meu pai, ele me criou com as condições que teve, e nunca foi violento com a gente. Então assim, eu não poderia casar com um homem e eu aceitar levar um grito. Eu quero respeito, eu vou respeitar, eu prefiro ter essa parceria.

P.14. Quando você foi candidata em 2020, foi por qual partido?
R: Eu fui candidata pelo DEM, Democratas.

P.15. Por que você escolheu o DEM?
R: Então, antes eu militava pelo PT, mas eu fui vendo algumas coisas. Eu era filiada, militante, eu ia pra rua. E aí, foram algumas coisas locais, no trabalho, que fui vendo e resolvi que não dava mais. Mas tem muita coisa boa, é um partido que é muito bom pra quem entrar realmente conhecer as políticas públicas de base, as políticas de chão de fábrica ali mesmo, sabe? Como é a dinâmica de um partido, como funciona. Existiam os escândalos aí que não é

o que faz parte da nossa pesquisa de hoje, mas eu sempre fui de partidos de grandes siglas. O primeiro partido que eu me filiei foi o Partido dos Trabalhadores. E, em seguida, fui pra o DEM. Não posso falar sobre o partido todo, esfera nacional, estadual e os municipais. Mas hoje, eu digo a você que as pessoas são muito de votar na pessoa e não no partido. Tanto que nós tivemos uma prova agora nas eleições passadas. As pessoas ainda votam na pessoa, mas quando você vai estudar e você vai ver o histórico, e você vê como é que as coisas acontecem e como é que funciona ali [no meio partidário], aí você faz meio que um parâmetro, assim, uma peneira. Então, assim, me ofereceram outros partidos, me mostraram outros partidos, mas eu fui no DEM.
Escolhi pela história, pelo que apresenta, pela valorização, até pelo respeito, com a presença feminina e pelo espaço ali que eles também dão essa valorização, sabe? Eu saí de um partido que tem totalmente uma linha diferente, sempre existe uma coisa ou outra diferente. Mas o DEM tem essa valorização, por esse respeito pela própria presença feminina dentro do partido, sabe**?** Existem condições lá.

P.15. E aí agora, você vai tentar pelo DEM também?
R: Então, estou no DEM até agora, só que a gente vê que quando a gente segue o Executivo… Tem as bases, que são os partidos de base. Então, assim, se vai haver essas alianças ainda ou não com o Executivo, e aí por isso que se tem as janelas partidárias, que o candidato pode sair sem ser prejudicado. É tanto que esse ano, uma coisa mudou, que essas janelas partidárias são só municipais. Tipo, um cara que é deputado estadual poderia sair do partido dele e vir pra um partido da sua cidade pra concorrer, sem correr o risco de perder o mandato. E hoje ele corre o risco da infidelidade partidária. Então, ele tem que cumprir a lei e esperar abrir a nacional pra ele ir pra um partido que ele sinta vontade. Estão tendo essas conjunturas e coligações para que haja essa diminuição de partidos, porque é muito partido.
Então a gente vê também, porque não adianta você lutar e lutar e lutar só pra lutar. Você tem que ver condições favoráveis que aquele partido também proporciona. E eu vou muito frisando no que é a política de direitos para a mulher. Eu vou muito nessa parte, o que é que oferece, o que é que tem de garantia, o que é que tem de respeito ao cidadão com a distribuição e com a valorização da mulher. Então, a gente espera, porque agora em abril vê as coligações e o que vem. Se for favorável, a gente continua, porque a gente já vem com o trabalho de lá, a gente continua. Se não, a gente vê o que é que busca e o que é que tem de condições que seja melhor. Mas valorizando a mulher e não servindo de escada.

P.16. Então esse processo, foi você que escolheu o partido, não é? Você foi atrás?
R: Eu fiz essa escolha, porque me apresentaram vários e eu decidi. Se eu quero ter a minha identidade definida, eu deveria escolher. Você tem que ter a sua marca, você tem que ter a sua identidade. E eu sou um osso difícil de dobrar, de moer.

P.17. Você sente que o DEM tem essa abertura para as mulheres, tem respeito. Você sente alguma diferença no tratamento entre homens e mulheres em relação aos candidatos? Ou você sentia em outros espaços e agora no DEM é melhor?
R: Então, por incrível que pareça… Eu vou voltar aqui para o partido anterior, às vezes, existe muita hipocrisia. A fala é uma coisa, a mídia mostra uma, e lá dentro... Aí é que a banda toca

de verdade, sabe? Lógico que como a gente costuma dizer, com os cabeças, a gente tem um tratamento muito respeitoso, mas às vezes é quando vai diminuindo. Às vezes é na conta, às vezes não é nem o presidente nacional do partido, sabe? Às vezes não é nem o estadual, o municipal, às vezes são as ramas. Mas que… Se eles ficarem sabendo de coisas que passei e não fazerem nada, é diferente de um partido que não aceita desrespeito de forma nenhuma, onde chega até a dar expulsão. A gente percebe isso também.

P.18. E na competição eleitoral? Você percebe diferença entre homens e mulheres? De tratamento, de recurso?
R: Sim. A gente sente a diferença na rua. Como eu disse, nas passadas, a gente sente essa desigualdade. Eu estou falando muito aqui da experiência com o pleito passado. Espero que agora com essas novas mudanças, haja essa mudança… Mas a gente sente sim.
Mais por quem está aqui na ponta, do seu lado. O próprio candidato, o próprio colega do partido que está na rua, o cara, sabe? E já teve casos, isso não aconteceu comigo não, mas já teve casos de uma colega estar fazendo uma campanha de ponta de ponta no bairro dela, e chegar um candidato do mesmo partido, da mesma base, e por ter condições maiores, não chegou nem a falar com ela, passou na frente dela, e fez uma cena de interromper na frente dela, e ela conversando com o eleitor. E ela simplesmente se afastou, e deixou que ele concluísse, e ele estava... Cego, o que eu chamo é cego mesmo. Quando ela contou a gente, que ele ficou tão cego naquele nível [de pensar] ‘’*eu posso, que eu sou homem, estou aqui*’’, e nem percebeu que a colega do mesmo partido estava lá fazendo um trabalho. Ela disse que sofreu, e isso fez ela sair. Ela disse que ficou assim, abismada com aquela cena que viu. Ela disse que ele pensava que ela era mais uma das pessoas que estava ali naquela calçada. Ele chegou, deu boa noite, e foi lá, cumpriu a missão dele e foi embora. A gente ainda encontra muita coisa. É um mundo que precisa de muita igualdade.
É como diz a letra daquela música, ‘’*Paraíba masculina, mulher macho, sim, senhor*’’. Então, a mulher precisa ser menina, mas tem hora que ela tem que buscar um espírito masculino e incorporar. Dizer ‘’*eu estou aqui, viu, danada*’’.
Tem que ter muita determinação e não baixar a cabeça. Se a lágrima cair, dizem que é frágil. Tem que se manter firme. Ser assim incomoda [os homens]. Isso assusta muito. Tanto que no discurso, às vezes os próprios candidatos dizem ‘’*tem umas colegas que são brabas*’’. Passamos por agressivas, descontroladas. Mas a gente dá a resposta assim sorrindo, sabe?
Tenho uma colega que diz que acha tão interessante a minha fala, porque eu falo umas coisas que ela queria falar e não tem coragem. Por isso que a gente não pode desistir.

P.19. É isso, terminamos. Muito obrigada!
R: Espero ter ajudado.

ENTREVISTADORA: Barbara Salviano
ENTREVISTADA (Nome fictício): Carolina Calado
CATEGORIA: Pré-candidata
PARTIDO: PT
DATA: 06/02/2024
LOCAL: Sede do PT e SINTEPE em Petrolina/PE

P.1. Para começar, eu vou pedir para você se apresentar, falar um pouquinho sobre você, seu estado civil, ocupação e formação.

R: Bom, sou [nome], meu nome completo é [nome], sou baiana, nasci na cidade de Juazeiro. Hoje minha vida profissional, bancária, política é aqui em Petrolina, resido também aqui em Petrolina, mas meus familiares são de lá [Juazeiro]. Sou uma das oito membros da família que meu pai e minha mãe teve, sou a caçula de todos. Professora da rede estadual, sempre tive vontade de atuar dentro da educação, dos oito irmãos que nós somos, eu fui a única que estudei em escola particular, todos os meus irmãos estudaram em escola pública, meus irmãos não tiveram a mesma sorte, as mesmas condições que eu já tive e todos eles se realizaram na minha pessoa, eu mais fui criada pelos meus irmãos do que pelos meus pais. Quando eu terminei o ensino médio eu decidi ser professora, porque gosto de ensinar e meu desejo era trabalhar com filho de trabalhadores, com crianças carentes, com pessoas que não tinham acesso à escola, pessoas que não tinham facilidade de escolha ou as condições de estudar numa escola melhor, fazer cursos que pudessem se diferenciar da profissão dos seus pais, então eu fui trabalhar como voluntária a mini contrato no projeto N1. Ali me identifiquei muito, trabalhei sete anos como mini contrato, saía de Juazeiro cedo, não tinha transporte, mas pegava carona para ir trabalhar, de Juazeiro [até lá] são 15 km e fiz amizade nessas caronas. A gente corria risco mas também fazia muita amizade, fiz muita amizade com muitos caminhoneiros que passavam para ir para o Sul, para o Paraná, para o Centro-Oeste, ‘’*vamos, professora, passear e para o mês eu volto, trago a senhora e tudo*’’, juntava um grupo de colegas e fui trabalhar, peguei e revolucionei na escola que eu trabalhei. Por serem crianças do projeto Nilo Coelho, que os pais eram agricultores, trabalhavam na roça, não tinha muito acesso, muito conhecimento, então eu tinha toda a facilidade, o amor, o carinho, a dedicação de tornar a vida deles mais suave, mais diferente, então trabalhei ali na época. Eu era uma pessoa que gostava de trabalhar, mas não gostava do movimento sindical, achava que o movimento sindical, greve, era coisa de malandro, de vagabundo, de pessoas que não tinham o que fazer, que prejudicava a vida das crianças, e a partir do momento que eu fui trabalhando eu fui vendo que mesmo a minha boa vontade, meu amor, meu carinho, a minha condição de dar uma coisa melhor que outras colegas minhas, professoras que trabalhavam lá e não tinha, eu vi que sozinha a gente não conseguia. Era preciso a gente se organizar, a gente se unir, a gente buscar e foi assim que eu fui enxergando o outro lado, da importância da organização da coletividade. Aí eu saí, exigi da minha mãe, da minha família, que queria me formar numa escola pública, então eu estudei até a oitava série na escola particular e o primeiro ano [do Ensino Médio] eu vim estudar na escola estadual, aí me formei lá dentro do movimento estudantil, já fui participando. Depois fui para a universidade, fiz na FFPP, minha área é Letras, lá também já participava de grêmios, me organizei, sempre fui ativa**,** participante e quando eu entrei no projeto trabalhando como mini contrato, depois de sete anos a gente foi chamada para receber um contrato [integral].

Nesse momento, nesse contrato, na época não tinha concurso, os políticos davam os empregos em troca de apoio, do voto para que as pessoas ficassem ali submissos ou sendo reconhecido, achando que muitos, como faziam, tinham o poder por ser deputado estadual ou deputado federal, conhecia a máquina, tinha acesso à máquina, mas fazia as coisas para a gente na perspectiva, achando que a gente era obrigado eternamente a ficar refém e agradecido ali.

Então quando foi determinado dia, depois de sete anos, meu irmão chegou para me buscar e disse para gente ir embora porque minha mãe estava precisando falar comigo, eu digo, ‘’v*amos, mas tem que esperar as colegas porque tem a dificuldade de [conseguir] transporte*’’. Ele disse não, para eu ir só, mas eu fiz ele esperar as colegas e deixamos elas em Petrolina. Seguimos para Juazeiro, ele agoniado, eu disse ‘’*o que é, tá ficando doido?*’’, e ele disse que tavam me chamando na Geres, que era a gerência regional de ensino. E aí fui lá, a gerente na época, Sineide Veiga, me chamou, eu lembro que foi no intervalo do almoço, já tinha terminado o meu horário e ali ela me perguntou se eu transferiria meu título de Juazeiro para Petrolina, porque eu estava sendo contemplada com um contrato para ficar efetiva no estado de Pernambuco. E eu fiquei assim, [para conseguir a efetivação] agora eu teria que transferir o meu título de eleitor de Juazeiro para Petrolina. Diante disso, eu disse a ela que eu não transferiria, de jeito nenhum, ela ficou assustada, ‘’*você vai perder um contrato? É um emprego para o resto da vida, até sua aposentadoria*’’, e eu disse, não, não vou transferir. E ela, ’’*mas como é que você vai fazer isso? É doutor Geraldo que está lhe dando esse emprego*’’. Eu não sabia nem quem era doutor Geraldo, ele nunca tinha me visto, nem branca, nem preta, não sabia da dificuldade, o quanto a gente arriscava a vida para chegar no projeto, mas eu respeitei. Aí eu disse a ela, ‘’*não, eu não vou transferir, eu vou tirar o título, porque eu não tenho título ainda*’’, e realmente eu não tinha tirado o título, e foi que ela respirou, se acalmou, e eu fui, tirei o título.

Quando foi o determinado dia da eleição, eu estava lá em casa, a minha mãe me grita, chegou um carro da empresa dos Coelho, um fusquinha branco, com motorista e tudo, e uma pessoa coordenadora que foi me procurar. Aí eu observei que todas as pessoas que passavam pela Geres, eles tinham o controle de endereço, sabiam quem era quem, e foram me buscar para votar. Eu não estava nem preparada para votar, e aí eu lembro, eu lá em cima, minha mãe me gritou da escada, ‘’*[nome], desce, tão querendo falar com você*’’. Eu desci, era o carro da empresa, dizendo ‘’*eu vim buscar você para votar*’’. Eu disse que não estava nem preparada, estava desarrumada ainda, e eles disseram que esperavam. Aí me arrumei toda, quando entrei no carro, a votação ainda era de cédula de papel, aí eu recebi, ele me mostrou a cédula, eu olhei, tinha o doutor Geraldo, tinha o Fernando… Vários candidatos da Arena na época. Aí eu olhei a chapinha, recebi, eles me levaram na escola Dom Malan, onde eu votava. Antigamente tinha os nomes dos candidatos ainda [na cédula], aí eu olhei a minha chapa, que era a chapa da situação, e observei a outra chapa, que não tinha nenhum desses membros, aí foi ali que eu comecei a minha consciência política.

Eu sei de tudo que eu passei, tudo que eu enfrentei, e a gente não é reconhecido pelo nosso trabalho, pela qualidade. Aí calada, ele me deu a cédula, eu votei na chapa contrária. Voltei pro carro, e eles me disseram, ‘’*e aí, tudo certo, votou certo?*’’, eu digo, ‘’*votei*’’. O voto é secreto, eu votei tudo ao contrário, pronto, peguei o contrato do Estado, fiquei efetiva. Dentro da escola, minhas colegas me achavam uma pessoa metida pelas condições que a gente tinha e tudo [a família], e eu tive que fazer um trabalho de resgate, de voltar para minhas colegas para elas entenderem que eu compreendia o problema que elas estavam passando, que nós éramos parceiras. Eu não era de greve no momento, tinha muitas greves, tinha o Sintepe, eu não participava. Depois disso, quando eu adquiri a consciência, depois de todo esse movimento do contrato, as dificuldades que as colegas e os alunos enfrentavam, eu passei a coordenar, passei a fazer greve, organizava as greves, eu não parava, só minhas colegas paravam. Como eu não

parava, isso dificultava para elas, aí eu passei também a parar em tudo, foi aí que a gente começou. Dentro da minha profissão, com muito orgulho de ser professora, que é uma profissão que eu amo muito, então foi assim que a gente começou a nossa luta no projeto, depois vim para o movimento sindical.

P.2. Como e porque você resolveu se tornar candidata?

R: No movimento sindical, passando a ver na luta dos trabalhadores, a luta por salário, por condições de trabalho, valorização, por melhores condições de escolas, por merenda escolar, para que os alunos tivessem também, então eu vim e passei a participar das nossas assembleias aqui no sindicato. E aí me filiei, passei a atuar dentro do sindicato, tinha os coordenadores, mas eu dava só minha contribuição. Sempre fui de intervir, de falar, de questionar. Seja onde eu chego, eu observo as coisas, mas sou muito de falar, de questionar, muitos até me dizem ‘’*controla a tua língua*’’. Fui participando, participando, quando foi determinado dia, [nome], que era a nossa liderança daqui, Neuma, no dia 25 de outubro…

Eu sempre dei a minha contribuição à luta, mas quando chegava assim, final do ano, não queria nem saber, ia viajar, conhecer o estado. Aí determinado dia eu estava lá, elas chegaram com um girassol para mim, e disseram ‘’*[nome], o pessoal quer você para ser coordenadora do Sintepe*’’. Eu digo, ‘’*eu não vou. Por mais estrutura que eu tenha, mas eu não tenho um carro, eu não sei dirigir*’’. E eu precisava de gente, de equipe para trabalhar, porque sindicato não se faz sozinha. Uma coordenação é muito importante, e se você não tiver uma coordenação coesa, dialogada, discutida, e que outras pessoas enxerguem o que eu não enxergue, isso pode comprometer a luta. Aí elas mentiram para mim dizendo que minhas amigas de trabalho, Belonice, Helena, todas elas toparam, agora só vão se você for. Eu acreditei nelas, já levaram o documento, eu assinei. Quando saíram, já foram para casa de Belô dizendo ‘’*[nome] topou, ela já assinou aqui, agora ela só fica se você ficar*’’. Aí pronto, todas toparam, e entrei no movimento sindical, entrei no Sintepe. Formamos o Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Petrolina, fui por três mandatos coordenadora geral, sempre atuando nas escolas, encaminhando greve, discutindo com os professores, enfrentando político de direita, inclusive aqueles que achavam que me deram o contrato e que eu votei neles, mas sempre fui oposição aos Coelho aqui em Petrolina.

Fiquei na coordenação, fundamos os sindicatos municipais de Cabrobó, Orocó, Lagoa Grande, Afrânio e Dormentes. Organizei todos esses professores da rede municipal, eu sendo da rede estadual, o Sintepe sendo da rede estadual, mas esses municípios nós formamos os sindicatos. Se tornou referência, então esses servidores municipais passaram a se filiar e agregar no nosso sindicato. Enfrentei muitos prefeitos, muito coronelismo, passei muita dificuldade, arriscando a vida na estrada, de madrugada, tudo pra formar sindicato e conseguimos avançar, fazer com que os trabalhadores da educação dos municípios, que nessas prefeituras o coronelismo era muito grande na época, eles [os trabalhadores] tinham medo, não tinham coragem de agir, engoliam. E como os municípios não eram muito grande, os empregos eram controlados por eles [pelos políticos], eram vigiados e tudo, então eu observei tudo isso.

Foi aí que na minha atuação política, eu representando o Sintepe no momento de greve, nossa eterna deputada [nome] nessa liderança, ela se tornou vereadora. Na nossa greve, ela convidou o Sintepe pra expor e pegar o apoio da Câmara de Vereadores, porque o papel do

sindicato, dos trabalhadores, é a gente lutar, é ir pra rua, é fazer greve, é ir para imprensa, mas quem tem o poder da caneta são os parlamentares ou o executivo. Então eu fui representar o Sintepe lá na Câmara de Vereadores, usei a tribuna, falei sobre nossa luta, os desafios que a gente enfrenta, os equívocos dos políticos em colocar em toda campanha educação como prioridade, mas só no discurso, e na prática nada. Eu fiz minha fala e eu lembro muito do doutor Moisés, foi vereador aqui de Petrolina, ele, como era da situação, eles aqui sempre tiveram a maioria da Câmara, [nome] era sozinha como a única vereadora do PT, e ali eu fiz minha fala que a categoria gostou, muitos gostaram, e aí eu lembro muito bem que o doutor Moisés virou pra mim e fez, ‘’*tá vendo aqui, ela tá a serviço do partido, ela tá aqui usando tudo isso pra fortalecer o PT, porque ela só faz isso porque é do partido, é do PT*’’. Eu não era filiada, eu só era filiada ao sindicato, não era filiada ao PT. Já tinha aqui uns 6 anos, eu apoiava e compreendia a luta do PT, mas não me despertou a filiação. Foi a partir dessa minha participação na Câmara, quando ele veio com a fala no tom autoritário, arrogante, machista, porque tava na Câmara de Vereadores, casa dele, que era o parlamentar eleito, aí a forma que ele falou para comigo, de dizer que eu tava usando a estrutura do sindicato para fortalecer o PT, que eu estava me beneficiando, que eu tava beneficiando o PT e eu senti que ele quis jogar a categoria contra o sindicato. Aí eu deixei ele falar e depois disse a ele o que era ser um sindicato, o que era o salário de professora, e que ele tava certo em colocar daquela forma, porque ele era vereador e tinha o voto de muitas professoras. E isso porque ele usava a bandeira da educação, mas na prática não defendia. E me apresentei, disse que não tinha filiação partidária. Aí ele se assustou, mas eu disse ainda ‘’*sou muito consciente e usando essa tribuna hoje, diante dos parlamentares que eu tô vendo e de sua atuação, se algum dia eu chegar a me filiar a um partido, pode ter certeza, é o PT, é o Partido dos Trabalhadores, porque é o partido que senta, respeita e escuta os problemas dos trabalhadores, ouve os trabalhadores. Então se algum dia eu chegar a me filiar, pode ter certeza, vai ser por espontânea vontade e vai ser o PT, porque a gente debate, a gente discute, escuta, coisas que vocês não fazem, que vocês enganam*’’. Pronto, daquela forma acabou, fomos embora.

E como foi que [nome] chegou ao PT? Mesmo assim, depois desse ato, eu não me filiei logo. Nossa liderança, [nome], ela sempre foi um exemplo na política, na luta, mesmo ela sendo filiada ao PT e coordenadora do Sintepe, sempre eu vi que ela sabia diferenciar o que é o partido e o que é o sindicato. E quanto aos sindicatos, quem dá sustentação aos sindicatos são os partidos de esquerda, a gente via que os projetos que diziam respeito a nós, era o PT, era o PCdoB, era o PSB, era o PSTU que votava. Aí eu fui, me filiei, tomei conhecimento, falei ‘’*vou me filiar ao PT agora, eu tô decidindo, eu quero ajudar o partido, mas sem pensar em ser parlamentar, sem pensar em concorrer a cargo*’’. Eu admirava o trabalho dela, a luta dela, e ela me passou a segurança que eu poderia ser coordenadora do Sintepe, respeitando a autonomia do sindicato, respeitando a base, que tinha gente que era filiada ao PT, tinha gente que era filiada ao DEM na época, ao PMDB, e tinha gente que não tinha filiação nenhuma. E o nosso objetivo era o Sintepe, a luta da educação, e que a categoria podia exercer sua cidadania lá fora, mas aqui dentro a gente tinha que ter a união. Então, eu percebi tudo isso e me filiei ao PT.

Depois, em determinada reunião ia ter eleição do PT, quando [nome] disse, ‘’*gente, me ajudem que eu estou com câncer*’’, mas ela brincava muito, a gente não ligava, porque ela sempre brincalhona e tudo. Eu lembro que ela estava com uma camisa branca de linho, e aí

melou, caiu um pingo de sangue. Quando caiu esse pingo de sangue, eu olhei para a camisa dela, ela notou e achou que eu sabia o que era, e ela prontamente olhou para mim, ficou parada, não sei se ela estranhou a minha reação, porque eu não fui logo direto perguntar o que era. Eu lembro que ela fez assim, ‘’*você está olhando, né, você sabe o que é*’’. Aí aquilo me chamou a atenção, e eu fiquei sem saber, mas ao mesmo tempo fiquei calada, ela falando, eu tentando ganhar tempo, aí ela disse ‘’*você já sabe o que que eu tenho*’’. Quando ela disse isso, eu entendi. Falei, ‘’*bom, se você já sabe o que você tem, você é um exemplo de luta para mim, companheira de sindicato, de profissão, nós estamos aqui enquanto grupo, você confia ou não na gente?’’* Minha sabedoria foi essa, aí foi quando ela abriu o jogo, disse que estava com câncer, estava muito feio, estágio avançado. Depois disso senti que ela ficou mais à vontade, ela contou que já tinha cinco anos [da doença], e que todo dia ficava sozinha no espelho medindo o crescimento. Várias vezes ela dizia pra gente que tava [doente], mas eu pensava que era brincadeira pela forma que ela falava, todo mundo pensava. Aí quando eu vi assim, realmente, aí eu disse que ia conversar com a família dela e levar ela ao médico. Ela disse, ‘’*peraí, vou lhe pedir um favor. Eu tô no processo eleitoral disputando a presidência do partido. Eu vou ao médico, mas não aqui em Petrolina, porque senão vão dizer que já tô morta e a curiosidade [do povo] vai ser muito grande, e você só vai dizer a minha família depois do resultado da eleição*’’. A eleição era no domingo, isso foi da sexta pro sábado. Eu concordei, marquei a consulta em Recife, compramos passagem, e fui com ela. Terminou a eleição, ela ganhou, comemoramos, na medida do possível, né. E chamei a irmã dela e contei tudo, falei que estávamos indo para Recife.

Aí fomos, quando chegou lá, no outro dia, nós fomos pra o médico, o médico olhou, examinou tudo direitinho. Ela virou pro médico e perguntou se era maligno, e o médico confirmou. Ela se levantou feito uma louca, por mais que ela tava vendo a situação, mas ela ainda tinha esperança [de que não fosse câncer], aí ela saiu às carreiras e quis ir embora. Eu conversei com o médico, ele passou uns exames para ela fazer, e eu liguei pra família e eles pegaram o voo também. Fizemos os exames com ela, o *caba* que fez o exame disse que não dava seis meses de vida a ela. Eu não disse pra ela, nem disse pra ninguém, fomos pra casa. Aí ela começou a chorar, ‘’*[nome], a vida acabou, o que é que vai ser, eu tô preocupada*’’, e ela estava preocupada não com ela, mas com muita gente que depende da gente, muitas pessoas que dependiam desse mandato, que a força éramos nós. E eu disse que entendia, mas que ela precisava se cuidar e fazer o tratamento. E ali ela chorou, e pediu ajuda. Hoje, quando eu lembro, eu sei que ela usou uma estratégia, usou da doença pra me comover, aí ela ‘’*eu vou [fazer o tratamento], agora quem vai dar sequência a isso, a esse mandato? Quem vai ajudar essas pessoas?*’’. Eu falei para discutir com o partido, e ela disse que não. Aí eu falei ‘’*você vai ter que cuidar, fazer tudo que o médico mandar, se você respeitar e fazer tudo que o médico mandar, eu vou buscar, eu vou ser candidata a esse mandato*’’. Mas pela fé de Deus, eu falei da boca pra fora, pra incentivá-la a se cuidar. E ela aceitou, conversamos com o senador Humberto Costa, nosso companheiro. Ele também tinha câncer, o médico tinha dado seis meses de vida e já tinha passado dez anos. Nós conversamos com ele, ele quis levar ela para o Sírio Libanês em São Paulo. Ela foi, se tratou lá, fez cirurgias. E veio a campanha. Eu saí candidata, tímida, tinha vergonha pra pedir voto, ela lá em São Paulo fazendo carta pedindo apoio dos amigos, e me fez a referência dela. Passou um tempo, quando eu vi que ela já estava bem, eu quis cair fora, ela ‘’*de jeito nenhum, você tem palavra*’’, eu tenho que

cumprir. Para decidir o número, ela disse que já estava tudo pronto, meu número ia ser 13688, que era o número dela. Aí eu fiz, ‘’*oxente, não mulher, esse aí é o seu número*’’, ela fez, ‘*’meu, agora de deputada, e esse é o seu de vereadora*’’, eu falei que não podia, ela disse que podia sim. E disse ‘’*[nome], deixa eu lhe dizer uma coisa: você é mulher, você é negra, você é professora, e você é [nome] igual a mim*’’. Eu fui enxergando que ela foi se projetando, mas eu não percebia nada disso [na época]. Concorri, tivemos 908 votos, faltou cento e poucos votos pra gente entrar, não entrei, mas tímida. Veio a segunda eleição, a segunda vez que eu concorri, aí já tava mais [confortável]. Coincidentemente, ela continuou fazendo o tratamento, eu acompanhando, e tinha uma outra cirurgia que ela tinha que fazer, a redução da mama. Mais uma vez, ela tava lá em São Paulo, e eu passei aqui a fazer a campanha.

Eu já fui com garra, eu já fui com determinação, aí eu já senti que era eu que tava me expondo. Mesmo tendo o apoio de uma pessoa de referência, mas eu precisava vestir a camisa, fortalecer, já tinha uma outra compreensão do que é o partido, a importância, que no sindicato aqui a gente só lutava, ia pra rua fazer a greve, mas lá [na Câmara] que decidiam as coisas. Então ali já fui com muita convicção, aí quando foi, ganhamos, aí ganhamos a eleição. Concorri ao segundo mandato, no segundo mandato ela também tava fazendo tratamento, e na terceira vez que eu concorri, ela morreu. Ela faleceu e me fez presidente, eu assumi a presidência do PT. Eu achava muito ruim você ser parlamentar e presidente do partido, péssimo, porque as pessoas achavam assim que você tava fazendo tudo no seu direcionamento [a benefício próprio]. Então, quando ela faleceu, eu tive que, enquanto presidente do partido, encaminhar uma candidatura própria, que era o companheiro Odacy Amorim. A primeira vez ela acompanhou, eu fortaleci, na segunda eu tive que encaminhar mesmo. Aí eu queria desistir, como ela morreu, senti que já tinha dado minha contribuição, não quero mais. Mas aí os colegas, e muita gente [apoiando], ‘’[nome]*, é o projeto do partido*’’ e tudo, aí fui novamente, ganhamos.

Então fui vereadora por 12 anos. Nesses 12 anos, no terceiro mandato, eu concorri a deputada estadual, tive 12 mil e poucos votos, aí voltei pra reeleição da Câmara, [nome] faleceu, e aí eu já encontrei muitas pessoas que não eram petistas, mas que ela trouxe pra dentro do partido, que começaram a enxergar diferente a gente, a fazer coisas, e fui vendo que o poderio dos Coelho era muito grande, e ali a maioria que entra realmente é na boca de urna, e eu não sou da boca de urna. Porque na minha visão, para você ser parlamentar, você tem que entrar livre, autônoma, sem comprar o voto, porque senão, meu amor, se for pra comprar o voto, você se corrompe, você fica ali, com licença da expressão, com o rabo preso, porque são bancados por eles. Eles dão o dinheiro, e você tem que fazer o que eles querem.

Então a presença de [nome] contribuiu muito pra mim, porque era uma pessoa de referência, não tinha dinheiro, mas tinha força política, e ela [me] ajudava muito. Eu concorri, fiquei na primeira suplência. Enfrentei internamente, coisas dentro do partido, companheiros que foram lá por cima e me tiraram do guia. Quando eu fui tomar conta, a assessoria já disse assim, ‘’*não dá mais pra esconder, a gente não quer trazer as preocupações pra você, mas a gente manda seus guias, seu guia não sai*’’. Aí foi que eu parei uma hora, peguei a funcionária aqui comigo, fomos lá e fui tomar pé, aí comecei a questionar, entender um pouco o que era o PT a nível estadual. Porque a nível estadual era a [nome] que participava, e ela era uma grande liderança, não passava as dificuldades que ela enfrentava lá, enquanto liderança, em nenhum momento ela colocou pra gente. Então eu entrei na política como instrumento de

fortalecimento pra [nome], se cuidar e tratar de um câncer. Muito feliz, de seis meses que o médico deu a ela, ela viveu 9 anos e 6 meses. Foi assim que eu entrei na política, pra ajudar. Gosto mais dos bastidores, sou pau toda obra, os bastidores, mas a proporção da atuação que a gente vai… Você vai, naturalmente fazendo de boa vontade, de coração, não na perspectiva de ocupar um espaço amanhã, mais pro compromisso de luta. Nessa brincadeira, fui compreendendo a maturidade, nos tornamos referência dentro do partido, e muita gente hoje nos cobra, e depende da nossa força, da nossa atuação.

P3. Além desse impulso de Isabel, o que a senhora levou em consideração [para candidatura], em relação a tempo, recurso, apoio de outras pessoas, da família?
R: Bom, na minha visão, eu nunca fui de ser candidata. Eu gosto de ser muito autônoma, eu não gosto muito de ficar esperando pelas coisas dos outros, eu gosto de agir e combater. Quando eu entrei na política, eu não tinha dinheiro, [nome] foi quem me apoiou e ela que organizava. Ela mandava fazer o material, não sei aonde ela ia buscar os meios, se ela discutia lá no partido pedindo. Ela bancava essa candidatura, ela pediu os apoios. Como ela era deputada também, eu sempre fui seguidora dela, que ela tinha confiança, em um momento eu passei a ser a assessora dela, a gente sempre se ajudou, e ela tinha essa confiança. Ela abria conta conjunta, ia ficar em Recife, mas a confiança dela não era nem a família, era eu, o movimento sindical. Ela dizia, ‘’*essa conta que é conjunta é minha e sua, você vai ser a minha referência. Os movimentos sindicais, as pessoas que é pra ajudar, eu lhe digo o que é que tem que fazer*’’. Eu sempre fui tesoureira da campanha dela, porque sempre administrei direitinho, eu enxugava, ia pedir o voto e tudo, eu resolvia as coisas dela. **E**ntão ela facilitou, porque ela era de mandato de deputada, ela me ajudou várias vezes. Quando ela faleceu, eu tive autonomia, quem me ajudava era a minha família e eu mesma. E quando a gente se elegeu, por quase dois mandatos, ela deputada e eu vereadora, a gente juntava o que entrava, porque eu sempre tinha consciência que o mandato não era meu. Minha vida era de professora, meu salário era de professora, eu não podia viver com aquele salário de vereadora. E minha família sempre foi de condição, sempre me ajudou, tudo que eu precisava minha família me dava, então quando eu entrei era minha família que me ajudava e a gente juntava a estrutura do gabinete dela com a estrutura do meu gabinete. A gente criou o CAP, o Centro de Apoio Parlamentar, onde você discutia as questões de advogados, era um ponto de apoio para o pessoal do interior que vinha, para tirar o seu dinheiro, para ir ao supermercado, ia ao banheiro e tinha onde deixar suas coisas, enquanto o carro do interior voltava, ou antes de chegar a hora de viajar. Era para discutir e orientar as questões previdenciárias, as questões trabalhistas e também de saúde, então a gente fez isso e também dava cursos de qualificações, vamos fortalecer, aproveitar essa estrutura para dar cursos, orientar, qualificar. Trazia um representante de tal entidade para abrir a cabeça, porque a gente observava que o domínio era política assistencialista e a gente precisava combater isso, então a gente fez muito isso, passava seminário, discutia nos bairros, a gente cansou de fazer isso, a minha estrutura e a estrutura dela. Tanto é que quando ela faleceu eu não pude manter essa estrutura sozinha. Nós equipamos tudo, eu tive que alugar uma sala, o dono pediu, muitas coisas a gente guardou, outras coisas a gente vendeu e outras coisas a gente deu, está na casa de pessoas de confiança, porque eu não tive condição de sustentar.

Eu tinha meu salário de professora, esse era meu, como eu era solteira, não tinha filho, minha despesa era dentro de casa. Quando eu comecei a ir para a rua, meu pai tinha preocupação, dizia ‘’*se você chegar aqui grávida, a gente bota para fora*’’, ele era muito enfático, mas meus irmãos me davam toda força, apesar de terem medo. Tanto é que, pelo respeito, eu não trouxe eles para votarem aqui, só dois irmãos e sobrinhos depois que vieram porque queriam votar em mim. Mas a maioria dos meus irmãos e minha família não votam aqui, votam lá [em Juazeiro]. Aí eu fui me organizando, fazia minha poupança, eu conseguia juntar 40 mil, o máximo que eu juntei foi 50 mil, deixava a poupança lá tudo direitinho. Quando chegava na época da eleição, você tem recursos próprios, se não tem, eu tomava um empréstimo, que meu raciocínio era, eu tomo um empréstimo, eu vou ser reeleita e eu saio pagando esse empréstimo. Apresentava os contratos e apresentava minha poupança. Do partido, os deputados, assim, que vinham para nos apoiar, e davam uns santinhos, mas dinheiro não. Eu vim receber dinheiro do partido pela primeira vez na minha candidatura a deputada estadual, a primeira candidatura, eu tive 12 mil e poucos votos, eu recebi, aí eu fui compreender que lá por cima, eles discutiam quem eram as prioridades do partido, aí nessa hora me botaram como prioridade, aí me mandaram em torno de 40, 45 mil, foi a única vez que eu recebi.

Minha família tem condição, minha prima, o marido tem gráfica, eu vou lá e ele faz meu material todo e eu vou pagando. Pronto, é nessa linha, a gráfica é uma pessoa de confiança que me dá ao longo do ano para pagar, agora nessa eleição de deputado, eu fiz uma dobradinha com o deputado [nome], aí ele me ajudou, bancou todo o meu material. Eu disse a ele, eu não quero dinheiro, eu quero respeito, e eu quero as emendas depois, porque o meu maior medo é você ir buscar o voto do trabalhador, do cidadão, e ele lhe dá na perspectiva, e quando ele precisa ali, você não tem. Então eu sempre pedia as emendas, é uma emenda para poder pavimentar a rua, é uma emenda para poder botar um postinho ali. Sempre trabalhei assim, para atender. Então nessa visão, a gente tem uma coisa que eu não sei se é defeito ou qualidade, mas muitos vêm e confiam na gente, porque tem uma preocupação, em qualquer lugar que eu esteja, se alguém chegar e falar comigo, eu quero ajudar de alguma forma.

Eu nunca fui candidata confiando em dinheiro de partido, de jeito nenhum, sempre fui sincera, porque eu gosto de autonomia, mesmo dentro do PT.

P.4. A senhora já fazia parte do sindicato, acredito que isso dá uma aproximação maior ao partido. Mas o que te faz acreditar no PT, por que, depois de tanto tempo, a senhora continua ainda filiada ao PT?

R: Hoje eu sempre digo, eu sou o caso do Sintepe. Eles investiram muito na minha pessoa, muitos cursos, seminários, palestras, e eu me sentia na obrigação de dar o retorno. Foi um investimento. Quando eu entrei para o PT, e aí fui vendo o que me chamava a atenção do PT, eram as discussões. Primeiro eu achava que o PT tinha muitas tendências, era muita briga, muita discussão, coisas que podiam ser resolvidas com um meia hora, com um minuto, levava horas, levava dias, por causa daquela briga política, e eu não entendia. Depois eu fui vendo, e quando eu entrei eu digo, eu quero ver qual é a tendência que eu vou entrar. E aí eu fui, na época era Unidade Brasil, hoje é CNB, eu fui participar consciente e vi a forma democrática, que a gente quebrava o pau, mas a gente discute, a gente chama, eles pegavam os projetos e traziam pra gente discutir dentro do partido. O parlamentar não pode votar como quer, tem que ouvir o partido, o partido chamava, colocava crítica, dizia qual o caminho, queria ouvir

[os outros], diferentes dos outros partidos. E o que mais me chamou a atenção é a eleição, o PED, que é o processo de eleição, de escolha dos diretórios. Não chega aqui a presidente do partido, o senador por ter o mandato, a senadora, o deputado. Não, os eleitores decidem, os filiados do PT decidem, então você vai ali, visita os filiados, apresenta uma proposta ao projeto do partido, da gestão partidária, e vem a votação, então a gente é escolhido. O presidente municipal, o presidente estadual, o presidente nacional, diretório municipal, diretório estadual, diretório nacional, tem que ser votado, e outra coisa é que a gente contribui mensalmente com o partido. Aquilo ali fez a gente ser ouvido, diferente de outros partidos, dos coronéis que vem de cima pra baixo, dizendo ‘’*é você que tem que ser o candidato, é você que vai ser, você não vai*’’. Então tudo isso me chamou a atenção, foi isso que me fez perceber que é no partido [PT] que eu quero estar.

Não é o partido também que tudo é perfeito, de jeito nenhum, tem suas dificuldades. Hoje a gente enfrentou a Lava Jato, a gente enfrentou o mensalão, eu enfrentei muita crítica dentro da Câmara por ser do PT, que o partido é de ladrão, o partido que roubou. E eu ficava besta, porque quando eu voltava das eleições, meus colegas internamente, diziam, ‘’*eu gastei 600 mil, eu gastei 500, eu gastei 800, eu gastei 1 milhão’’*, e eu ficava besta, dizia ‘’*como é, menino, tu gastou isso pra vir pra cá?*’’ Se eu tivesse um dinheiro desse, nem aqui eu tava, eu tava curtindo e viajando. Com esse dinheiro eles poderiam ajudar muita gente. Ao todo eu acho que eu gastei 100 mil, e aí eu fui entender como funcionava. Meus colegas chegavam, as pessoas iam pra lá, os trabalhadores, os cidadãos, e tudo deles é não, e caía tudo no meu gabinete, e eu ajudava muita gente. Com processo, medicamento, emprego. Minha força política, eu tirei disso e sempre trabalhei nisso, aí fui conquistando, e esse trabalho eu vi Isabel fazer. Isso me ajudou muito pra que a gente tivesse os três mandatos, e eu observei que meus colegas passavam os quatro anos e não davam nada [ao povo], não agiam nada, só economizavam, porque tinha que pagar o que gastou, e tinha que guardar [para a próxima campanha]. Chegava no último ano do mandato, próximo da campanha que eles agiam, aí eu fui vendo que era boca de urna. Eu não boto boca de urna, como é que vou passar os quatro anos trabalhando e ainda botar boca de urna? Em alguns momentos, me frustraram pessoas que estavam ali os quatro anos com a gente, e quando chega no dia [da próxima eleição], por 50 reais vende o voto. E se for pra eu comprar minha cadeira, não contem comigo, não vou. Se eu comprar, eu vou me corromper, eu vou aceitar o que o executivo está [fazendo]. E eu vi muito, fui secretária-geral da Câmara, era pra assinar o cheque com o presidente, e eu dizia, vamos compartilhar, eu respondo por tudo aquilo que eu assumo, agora, se for dessa coisa, nem bota em minha assinatura, porque eu não respondo. Quilometragem dos carros, no posto os frentistas diziam que eu era a única vereadora que não deixava o cartão lá. Quando chegava o Tribunal de Contas para visitar a Câmara, os colegas já diziam logo, ‘’*tira [nome] daqui*’’, tinham medo que fossem conferir o meu carro. Então eu tive muito embate dentro da Câmara, quando a gente enfrentou aquele lado negativo do PT, e que eu via que a gente atuava de forma decente, responsável, respeitando, e muitos colegas diziam, ah, o PT é partido de ladrão, e eles sabiam que não era, que eu não era. A gente tinha assessoria, eu não dividia salário, não queria que nenhum assessor meu pegasse o salário e repartisse pra dois, que eu não queria ficar refém. Teve já colegas que tiveram problemas [com isso], então quando eles chamavam ‘’*ladrão*’’, eu dizia, ‘’*é, só um ladrão conhece o outro*’’. Agora a minha revolta é porque eu sou do PT, sou petista, a gente leva a fama de ladrão, agora não rouba nada, não

desfruta nada. Os outros roubam, desfrutam, e a gente é que leva a fama. Eu ficava chateada, comecei a mudar dentro do partido, chamar a atenção, falar como é que se davam as coisas, o respeito. Foi um momento difícil que a gente enfrentou, mas que a gente conversou um debate interno e brigando dentro do partido, pode ter certeza disso. Pela transparência, para que pensassem e respeitassem, que senador não é melhor do que vereador, que o mandato também não pertence a ele, que o deputado federal precisa do vereador, entendeu, somos nós que estamos aqui, e aí aos poucos fui me pondo dentro do partido. Hoje sou vice-presidente estadual do Partido dos Trabalhadores, mulher, e vamos pra briga agora, pra ver que desafio a gente vai enfrentar.

Como a gente ficou sem mandato, entregamos a sede do PT. Muita gente dizia, ‘’*é [nome] que manda aqui*’’, mas isso aqui é nosso. Agora eu sempre tive a visão, que o salário de vereadora não era meu, então vocês [os militantes, filiados] aqui decidem o que é que faz. Quando foi para montar o gabinete, pedi só o que eu precisava de assessores, advogados e jornalistas. Com essa experiência, eu senti a diferença do que é o PT para os outros partidos.

P5. A senhora já falou que já passou por dificuldades quando estava no sindicato, quando estava nos mandatos, quais as diferenças que a senhora percebe entre homens e mulheres dentro da competição eleitoral?

R: Olha, no primeiro lugar eu vi uma diferença, mesmo sendo do partido, por mais que seja democrático em relação aos outros, eu já sinto uma diferença, antes de ser homem, mulher, entre interior e capital. Tenho observado isso e bato muito dentro do partido, dentro do processo. Cheguei a ser vice-presidente do partido hoje, porque eu tive que bater de frente com a chapa que era apoiada pelo meu companheiro, que sempre teve comigo. Mas as pessoas que não eram petistas, que vieram de outros partidos, e que foram pra dentro do partido, que lá por cima, nossos deputados estaduais, nossas lideranças, aceitavam a filiação... A pessoa daqui de Petrolina, então pra se filiar, tem que ser filiado ao diretório municipal de Petrolina, mas pelo peso, quem tem que autorizar é lá em cima. Então eu vi as coisas como é que elas aconteciam, e eu fui observando. A gente do interior só era pra segurar o pau da bandeira? Não, de jeito nenhum. Então eu comprei desafios, e aí rompi, e montei uma chapa a nível estadual, fui chamada na época pra encabeçar essa chapa a nível estadual, mas como eu enxergava muito bem a diferença capital-interior, dentro do sindicato vi muito isso também. A gente tem que se valorizar, a gente tem que se respeitar. Pernambuco é do sertão ao cais, do cais ao sertão. Você pode estar vereadora, deputado, senador, presidente, mas tudo tem que ser discutido, debatido. Se você me convencer, tudo bem, se não eu vou ouvir a base, não faço nada sem ouvir o grupo, eu respeito, é a segurança. Então fui percebendo isso, a diferença que o pessoal da capital usa muito a estrutura do interior e priorizou lá [a capital].

E dentro do PT eu vi o machismo. Existe machismo, a política é muito machista, por si só, independente de ser PT ou não, veio mudar muito isso depois que Gleisi passou a ser a presidente do partido. Então observei quando a gente ia pra dentro do partido, quando foi no processo eleitoral do PED, eu não quis ser presidenta, mas aceitei meu nome pra ser vice, então nós perdemos por 35 votos a direção estadual, mas eles ganharam na capital e perderam no interior, no resto do estado todo. Nós ganhamos no interior e perdemos na capital, aí eu fui ver o jogo [político], como o PSB é um partido dominante aqui, o diretório municipal do Recife, as influências e tudo, eu fui entendendo, né. Aí enfrentei a direção do PT, a maioria

homens, a gente foi falando, aquele negócio de dar atenção das mulheres, dizer ‘*’olha, vocês são nossas lideranças, são nossos deputados, são nossos senadores, mas não podemos nós mulheres ir também?*’’ A gente só serve pra eleger eles? A gente não serve também pra ocupar esses espaços? Então a gente enfrentou isso, porque no momento que dentro do PT, independente de ser mulher, você já vai se destacando, já vai buscando autonomia e depois vai influenciar… Eu passei a ser isso [essa potência] dentro do Partido dos Trabalhadores. Saí da Câmara, fui chamada pra ser diretora do Sintepe a nível estadual, vi muitas coisas lá, a diferença hoje, o Recife, a capital não é quem dá a vitória ao povo do interior e aí voltei agora pra ser coordenadora geral. E enfrentando esse machismo, porque lá, as mulheres que estão lá, elas se acham prioridade em relação ao interior.

Eu fui fortalecendo as bases, busquei lideranças, a credibilidade, e foi nesse espaço que a gente foi crescendo dentro do PT. Não é fácil, o machismo existe. Por exemplo, você tem uma atividade, Lula vem, o senador vem, nós somos da executiva e somos convidadas, mas quando chega lá, se juntam os homens, e eles já vão logo tomando a frente. Eu, é porque eu sou ousada, sou diferente. Mas por si só, eu acho que é a natureza da política que é muito machista, e o desafio nosso é incentivar as mulheres a ocuparem mais espaços, pode ter certeza disso.

P.6. Dentro do partido, tem alguma política de incentivo, de instrução?

R: Tem, hoje o PT tem mais. Nós temos a Secretaria das Mulheres, nós temos o grupo Elas Por Elas, que é das mulheres, hoje a cota, o recurso do PT separado para as mulheres candidatas. Porque antes a maioria do recurso ia para os homens, as mulheres quase nada, então hoje nós temos as cotas, por ser negra e por ser mulher. A gente cresceu muito, vai ter a eleição agora esse ano, nós temos uma federação, PT, PCdoB e PV. Decisões que tomaram lá em cima, que muitas vezes não foram discutidas aqui, e é a primeira vez, e agora que a gente está sentindo o que é essa federação, e que não foi bom para a gente. Então nós somos a federação, são três partidos, as vagas na câmara são 24, isso vai ser costurado, as vagas divididas por três partidos, logicamente 8 para cada, mas aí dessas 24 você tem que ter um percentual de candidatas mulheres, e como vai ficar? O PT hoje já é diferente, mas você tem partidos ainda que… [não tem facilidade].

Graças a Deus a justiça eleitoral já exige isso, então precisa ter um número de candidatas mulheres, e dentro do PT, essas candidatas mulheres, se for mulheres negras, tem a prioridade por ser mulher, e tem uma prioridade maior no recurso por ser negra, aí eu vou testar isso agora.

P.7. E na atuação municipal, acho que principalmente também por ser da oposição, enfrentou algum [preconceito]?

R: Ave Maria, mulher, eu enfrentei o machismo dentro da Câmara, de 23 cadeiras parlamentares, eu fui a única mulher.

Tive uma legislação que passei com 22 homens. Na primeira não, nós tivemos um momento riquíssimo, que nós tínhamos 6 mulheres na Câmara de Vereadores. Dessas 6 mulheres, 5 estavam na mesa diretora. Quando eu fiquei sozinha, eu enfrentei muito desafio, muito machismo, porque no início, quando eu cheguei na câmara, o PT era muito discriminado, era o partido dos sem-terra, da bagunça, de tudo, e eu tive que mudar a impressão. Quando foi no

sorteio do gabinete, me lembro que eu pedi o 13 e me cederam. Um companheiro tirou o em frente ao meu e disse ‘*’não quero, na frente dessa cobra?*’’ Desse jeito, aquilo ali já me senti humilhada. Pensei, ‘’*meu Deus, eu estou saindo de uma vida muito boa, curtia, viajava…*’’ Mas fiquei, me virei, depois eu fui mostrando [minha força]. Eles vinham pra cima, discutiam as coisas, os projetos lá, e não respeitavam de jeito nenhum, eu fui fortalecendo as minorias, os sindicatos, povos de terreiro, mesmo sendo católica. Eles já me olhavam assim, ‘’*oh, é negra, essa negra*’’, já tinha essa discriminação, ‘’c*uidado com o veneno, ela vai fazer macumba*’’, eu digo, ‘’*toma cuidado, porque a macumba é forte*’’. A gente internamente discutia os projetos, quando voltava, chegava no plenário pra votar, fui observando que eles não leem, eles não gostavam de ler, não atentavam, e eu, cada projeto de uma lei que era pra ser votada, eu lia cinco, seis livros, devorava livro, chamava os meus assessores, você vai ver isso aqui comigo, e os assessores deles não tinham nada disso.

Em outro momento, sendo presidente e relatora da comissão de justiça e redação, depois me tornei presidente da comissão de educação muito tempo, e aos poucos eu fui enfrentando os debates que eles impunham, com aquela voz, aquela coisa, e eu, por ser mulher, eu não abaixava a cabeça. E eu me assustava, tinha colega que vinha que eu pensava que ia me bater, pensava mesmo que ia me bater. Chegando em casa, eu chorava, quantas vezes eu chorei, o pessoal [da família] tinha medo, eles me davam muita força, aí eu disse ‘’*não, não pode ser assim não, se eu tô, eu tenho que agora seguir*’’. Aí eu fui enxergando que eu não precisava bater de frente, não adiantava força, eu tinha que respeitar. Via o machismo, eu era a única mulher, e olhavam pra roupa que eu vestia, eu tinha que estar bem vestida, não repetir nenhuma roupa, estar sempre cheirando bem, para eles enxergarem que ali não era uma vagabunda. Porque por ser do PT, eles achavam, por ser mulher e por ser negra [que eu não era digna], então eu fui me impondo pelo meu estilo e depois pelo conhecimento, aí eu fui entender que não era bater de frente, era a sabedoria.

Começamos a discutir e foi a gestão que eu mais contribuí pra Petrolina, criei a comissão parlamentar da mulher, a frente parlamentar, lá não tinha comissão feminina, só as comissões tudo machista, eu tenho que botar uma comissão aqui, onde tudo que diz respeito a mulher passar pela comissão. Era as músicas que discutiam coisas, projetos que faziam, poemas, sempre discriminando, desrespeitando a mulher, aí eu criei a comissão da mulher. Eu digo, não vou ficar aqui eternamente na Câmara, eu vou fazer uma frente parlamentar da mulher. Criei pegando todos os segmentos de mulheres, independente se de direita ou de esquerda pra compor essa frente, pra debater, e depois eu criei a patrulha da mulher de Petrolina, porque muitas mulheres apanhavam, choravam, não tinham coragem de denunciar. Teve determinado dia eu tava numa entrevista, convidaram a mim de oposição e outro vereador que era da situação, ele perdeu no debate, quando perdeu no debate, que eu terminei de falar, ele veio para cima, aí eu segurei ele pela gola da camisa, ele pensou que eu ia até jogá-lo escada abaixo. Eu fiquei assustada e todo mundo que tava presente ficou assustado, aí botei ele em um processo na justiça, fiz exame de corpo de delito e tudo, botei a ação, ele perdeu, aí recorreu, eu ganhei, ele recorreu de novo, quando foi agora, o ano passado, né, que já deve estar saindo aí as coisas, aí eu fui procurada pelo advogado para saber se a gente entrava num consenso. Eu disse não, mesmo hoje tendo outro relacionamento [com o vereador], tem que servir de exemplo para as mulheres, entendeu, então foi um momento mais difícil, eu enfrentei, aí passei a conquistá-los. Uma referência, tudo na Câmara passava por meu

gabinete e eles passaram a enxergar, porque eles viram que eu pegava na fraqueza deles, e eu passei a ser diferente.
Aí eu dizia, ‘’*gente, vocês tem prefeito, vocês tão com a prefeitura na mão, eu não tenho*’’, e muitas coisas depois eu fui levando na brincadeira. Tinha as confraternizações, eu passava a ir, tinha a confraternização da Câmara, eles chamavam a imprensa, a prefeitura, deputados, eu achava aquilo ali… Você passou o ano nas dificuldades, com os funcionários e tudo, e quando chegava o final do ano, você confraternizar com quem não tava lá [trabalhando]? Aí eu passei a fazer uma confraternização do meu gabinete, desse meu gabinete fui ampliando fazer a confraternização da Câmara, e já vinha o assessor de outro, outros vereadores passaram a participar. Então eu fortalecia todos os movimentos e categorias, e eles me fortaleciam também. Todo e qualquer projeto que chegava lá, eu mandava para as partes interessadas, e nisso eu senti que eu fui conquistando o apoio, e eles foram vendo a minha seriedade, meu compromisso, e foi assim que a gente foi fazendo. Eu fui entendendo que na política você também tem que ter um diálogo, não é por ser de esquerda que você é dona da verdade, mas você tem que dialogar. Fui me impondo, conquistando, dialogando, com nada de contrapartida para mim. Eu só queria o respeito, e o melhor a parte interessada. Minha visão é que eu estou com mandato, eu tenho que aproveitar para fazer o melhor, otimizar o meu tempo, minhas ideias, minhas energias para fazer o melhor, para deixar aqui para esse povo, sempre pensei nisso, dessa forma.

P*9*. Beleza, e só a última agora, pensando na sua trajetória de partido, na Câmara, você acha que a dificuldade das mulheres de participarem da política parte mais do lado das próprias candidatas ou parte mais do lado dos partidos, dos líderes que não abrem muito espaço?
R: Eu acho que parte das candidatas porque justamente elas não veem o partido fortalecer, o machismo é muito grande, e no PT não é diferente, pode ter certeza. Eu chamo muita atenção dos meus colegas, eu digo gente, eu acho que todo mundo tem que ser um vereador, tem que passar pela política, ocupar um espaço para entender. Política não pode ser conluio familiar de jeito nenhum, vocês deram uma contribuição, vamos renovando quadros, vamos trazendo pessoas novas. Mas o egoísmo, o machismo que está introduzido é muito grande, então muitas mulheres deixam de ser [políticas] por causa disso, porque não veem o partido [colaborando], e quem está no controle do partido tem suas prioridades, e os homens são muito íntimos [entre si]. Tanto é que hoje o partido me diz, você tem que estar à disposição do partido, eu digo que estou. Eu vou para onde o partido decidir. Eu não vivo de política, eu não vivo de dinheiro de política e posso atuar, gosto dos bastidores, agora se for me escolher eu prefiro estar no legislativo, autonomia, para isso eu preciso que o partido respeite e valorize, e vamos incentivar outras mulheres. Eu posso até compreender a construção, porque não é fácil formar quadro, mas que tenham consciência que precisam trabalhar para a gente criar outros quadros. Porque já está partindo para outro momento e chegando pessoas novas na política, então muitas mulheres têm a dificuldade do apoio que não encontram, fora que não tem coragem para combater o homem.
Geralmente não dão a legenda, muitos dos partidos de direita não dão a legenda. Eles hoje estão dando porque tem que ter a cota, e quando bota, bota laranja, essas mulheres são laranjas, diferentes da gente. Então as mulheres precisam se impor mais, a gente é a maioria,

mas a gente não sabe se valorizar. Eu noto que a mulher vai para o embate com a própria mulher, mas não vai com o homem. Ela discrimina [outra mulher], ela fala da mulher mas não fala do homem, eu observo muito isso. O desafio para a gente enquanto classe, enquanto mulher, é a gente se impor mais. Eu acho que a mulher tem a sensibilidade, o dom que Deus nos deu de procriar. Se você observar hoje dentro de casa, você tem a mulher, tem o marido e tem os filhos, mas na hora que o bicho pega, é para a barra da saia da mãe que os filhos vão. O homem não tem a criatividade que a mulher tem. O meu sonho é ainda ver hoje numa Câmara de Vereadores, 50% ou maioria mulher, no Congresso a maioria mulheres, porque nós somos muitos seguidores de homens. A gente acha que ele é que sabe, por ser homem. E tem muita mulher que acha que para debater com o homem, é força, e não, é o conhecimento. O homem tem medo quando a mulher tem conhecimento e tem sabedoria, porque geralmente quando ele não tem conhecimento e sabedoria, ele usa violência. E a gente não pode ter medo, de jeito nenhum.
Então, as mulheres hoje faltam porque não tem coragem, com medo, porque os espaços do machismo hoje dentro dos partidos, na própria sociedade brasileira, que não valoriza.

P.10. Pois é isso, terminamos. Muito obrigada!
R: Espero que eu possa ter contribuído. E eu autorizo sim a publicação, viu, socializa depois tiver tudo pronto para a gente.

ENTREVISTADORA: Barbara Salviano
ENTREVISTADA (Nome fictício): Lila Gomes
CATEGORIA: Pré-candidata
PARTIDO: Sem partido no momento da entrevista, posteriormente candidata pelo PDT
DATA: 31/01/2024
LOCAL: Estabelecimento comercial, Petrolina/PE

P.1. Para começar, eu vou pedir para você se apresentar, falar um pouquinho sobre você, vida pessoal, sua ocupação, sua formação, estado civil.
R: Bom, eu sou [nome], campeã mundial pela seleção brasileira de futsal, solteira, né? E sou hoje empreendedora social e gerente de esportes no município. Tenho algumas contribuições através de projetos sociais na região, através de instituições. Realizadora de alguns programas e eventos também esportivos. Mas, enfim, um pouco do meu resumo, hoje sou estudante de psicologia e gestão esportiva.

P.2. Você me autoriza a fazer a gravação?
R: Sim, sim.

P.3. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?
R: Foi em 2020, depois de uma lesão no joelho, eu era atleta ativa, né? Atleta profissional. E diante dessa lesão, que mudou para sempre a minha carreira esportiva, eu tive que parar precocemente. E isso eu morava no Paraná. Quando eu retornei para casa, com a recuperação dessa cirurgia, eu recebi um convite dos meus ex-empresários, que era quem trabalhava essa minha imagem de pessoa pública. A menina do esporte que veio da periferia e conseguiu

ganhar o mundo, onde consegui representar Petrolina no mundo afora, na Europa, cheguei a morar fora do Brasil. E nisso, diante dessa figura esportiva, eles viram que eu era um exemplo para os jovens da nova geração, de que o esporte poderia levar uma criança aonde ela quisesse. E aí eles trabalharam um pouco minha imagem nesse sentido, de pessoa pública para política. E como eles também trabalhavam com uma forte candidata, eles decidiram fazer com que eu apoiasse essa outra mulher. Através de meus ex-empresários, mas justamente para ajudar uma outra candidata, para fortalecer, para ajudar num partido. E a gente já vem fazendo esses trabalhos sociais juntas também, uma fortalecendo a outra [eu e a outra candidata]. E isso era pelo PSOL, em 2020. Hoje ela é vereadora, mas de oposição, e hoje eu trabalho na situação do governo municipal.

P4. Como e por que você resolveu se tornar candidata?

R: Como? Foi pelos convites dos meus ex-empresários, onde eles me convenceram de que eu tinha uma história de exemplo, que eu poderia levar essa mensagem, que era possível uma menina da periferia chegar tão longe. Era possível fazer isso acontecer de uma forma, através do esporte e de projetos sociais que eu já fazia. E aí eles perceberam a necessidade que tinha essa esfera, que é a minha, que é do esporte, de ter representantes, representantes que realmente têm essa sensibilidade de mudar a realidade em si. E atrelou uma coisa a outra, que era a outra candidata, que também era do mesmo grupo. Eram duas mulheres fortes, que tinham duas histórias diferentes, mas com o mesmo objetivo. E aí eles quiseram unir uma coisa à outra e me convenceram para que eu aceitasse. E aí, através da lesão, fez com que eu voltasse para casa e eu percebi, por que não tentar, né? A gente precisa de mais representatividade, de mulheres que possam estar ali, usando da sua voz, se encorajando num lugar onde se dizem que é predominado por homens, mas que a gente sabe que precisa ter mais representantes da nossa área, da nossa classe. E eu já tinha essa coisa mesmo de aceitar desafios, de me encorajar, de não me intimidar, já era comum, né? Eu acho que desde nova, a vida, o destino, Deus vem me lapidando para que eu fosse inserida de uma forma social, porque eu sou oriunda de projetos sociais, da realidade vulnerável da sociedade, então não foi tão difícil.

A gente sabe como é usado o mecanismo da política, às vezes de uma forma até ruim, onde as pessoas, por poder, são capazes de tudo, mas eu faço a política independente de ser uma política partidária, eu já faço desde nova, praticamente, inclusive com alguns projetos que já têm muitas contribuições sociais aqui em Petrolina e região.

P5. Então, você veio de um projeto social também?

R: Sim, sou oriunda mesmo, né? De projetos sociais, principalmente esportivos. Quando criança, eu morei de frente a uma quadra poliesportiva, era dentro de uma escola na verdade e ali foi onde eu fui despertando essa vontade de… Esse dom que Deus me ofereceu. Nisso, algumas pessoas que estavam na gestão disponibilizavam alguns projetos, algumas ações esportivas e sociais, e aí eu fui contemplada, inclusive no bairro João de Deus.

E nisso, eu me sensibilizava diante da dor dos outros, né? Mas dos meus próprios problemas, porque eu cresci sem mãe, então era ali onde tirava um pouco da ausência da minha mãe na minha vida. Eram essas práticas [esportivas]. Então sempre desde criança tive esse desejo de fazer pelos meus semelhantes, porque era a minha dor vivendo na dor das pessoas. Então hoje

a única forma de eu ter voz e poder fazer mais pra ajudar a massa é me inserindo numa realidade como essa, que é ser uma das representantes do povo, principalmente da classe jovem.

P.6. Você falou que já fez projetos sociais também?

R: Sim, inclusive eu faço. Eu tenho algumas coisas que tem até no Google também, algumas matérias. Tô formalizando uma instituição, né? Eu criei um corpo diretório e já tá incluindo no cartório algumas coisas, trâmites burocráticos, com várias áreas de atuações, não só esportes e cultura, mas com inclusão social, terceira idade, tecnologia, agronegócio, é pra contemplar toda a gente, em várias áreas. E isso não precisa ser política pra fazer, de política partidária, estar inserida em uma equipe ali, num partido. Eu entendi que independentemente de estar num mecanismo político, eu posso fazer de outra forma, ajudar as pessoas de uma maneira. E aí eu faço várias realizações, dias das crianças, pego crianças nas periferias e levo pra o teatro, já fiz ações de dia das mulheres, pra quem sofreu de violência doméstica, levando elas pras ilhas, propiciando a elas um dia de lazer com acompanhamento psicológico. Eventos esportivos, campeonatos, inclusive fui parabenizada em um programa da ONU, justamente por estar contemplando muitas crianças, isso desde 2017, tem matérias, né? Então se uma pessoa chegar e dizer assim, ‘’*ah, ela tá aparecendo porque tá chegando no meio político e quer se beneficiar disso*’’, aí eu só digo assim, ‘’*dá um Google aí só*’’. Não é nem ser prepotente, sabe, se achar, porque eu tenho já uma contribuição social há muito tempo, até muito mais do que pessoas que têm maneiras de estar fazendo isso, força, voz, e elas não fazem, porque não se importam, né?

E aí, inclusive, já tô com a própria instituição fazendo um projeto social esportivo em dois bairros, que é no Antônio Cassimiro e no Porto da Ilha, que é onde a política pública não chega, né? E aí vou levar agora para as áreas ribeirinhas, tentar levar o mais distante possível, porque dentro do centro já tem mais ações. Estou fazendo no Cassimiro porque é o meu bairro e eu preciso atender a minha gente, porque as pessoas vão dizer, ‘’*oh, ela é daqui, mas foi primeiro lá pra casa dos outros, né?*’’ Mas aí eu comecei aqui no meu bairro, moro ainda na periferia, né? Faço questão de andar ali pelas ruas porque eu sou isso, gosto muito do meu legado, de onde eu vim. E fui agora no Porto da Ilha, onde eu percebi mais ainda que a carência, a necessidade é extrema.

P.7. Entendi. E fazendo esses projetos desde 2017, você nunca pensou antes em levar isso para uma esfera formal da política?

R: Pronto, é por isso que eu estou engatilhando agora, porque hoje a instituição está em trâmites burocráticos. De formalizar, de se tornar ativa. Quando ela se torna ativa, eu tenho um CNPJ, eu consigo aporte financeiro municipal, né? Porém eu levei quase um ano pra conseguir formar, conseguir convencer as pessoas de que era uma coisa grandiosa. Encontrei algumas dificuldades no caminho, onde queriam me impossibilitar de dar continuidade. É um pouco burocrático, é um pouco difícil. Eu tive que entender como se faz uma instituição e como é que eu poderia estar apta a estar dentro do mecanismo, né? Para que eu consiga já ajudas [institucionais/formais] assim que saia o CNPJ. Então eu não tive suporte de pessoas jurídicas e tal, que me passasse essas ideias. Então eu tive que sozinha ir buscar para ver de que forma eu poderia já me enquadrar e conseguir ter esses benefícios. Então levou um pouco

de tempo, né? E também até para convencer as pessoas, que é uma coisa muito boa para a sociedade, para o próximo, que a princípio não era remunerado, né? Infelizmente as pessoas querem algo imediato. E nessa tentativa me tomou muito tempo, algumas taxas. Falei com alguns vereadores, justamente para conseguir essas taxas, não consegui, porque eu sou uma concorrente deles. Então ele não está pensando no povo, está pensando em mim. Aí agora como está nesse trâmite de documentação, consigo aporte municipal com um ano de CNPJ, aporte do governo de Pernambuco, depois os federais, com dois anos. É porque tem o tempo, né? Para que você consiga atingir outras esferas. O municipal de imediato eu já consigo, mas aí eu quero entrar dentro do sistema municipal, conhecer os caminhos para começar a potencializar e atingir de uma forma mais ampla, de massa, as pessoas. Então, sem muita pressa, né? Para não fazer de todo jeito. Até a questão do esporte, eu tenho que estar enquadrada dentro da lei Pelé, para que consiga, através de outras leis, ter esse aporte financeiro. Lei Rouanet na Cultura, e outras leis também, né? Então eu tive que contratar uma pessoa, pagar uma pessoa em São Paulo para escrever esse estatuto, fazer toda a questão documentada, de forma mais legalizada e mais dentro da realidade, né? Para que eu não vá no cartório, eles analisarem o documento e lá na frente veja que precisa voltar de novo e eu tenha que pagar todas as taxas novamente.

P.8. E qual é a sua motivação hoje em dia para se tornar candidata?

R: Cara, a motivação é, eu entendo que eu tenho uma missão de vida, porque Deus me trouxe aqui com essa missão, com esse propósito. E quando eu estou nas minhas aulas, que eu vejo a realidade do povo dentro dessas periferias, eu me coloco no lugar delas, porque eu já estive ali. Então, antes, o pouco que eu tive de pessoas que me dissessem como eu deveria fazer para ser uma boa pessoa, né? Seguir o caminho bom, me ajudou e praticamente salvou minha vida. Então, mesmo que eu plante a sementinha todos os dias, fazendo de pouquinho em pouquinho, isso me motiva de que eu serei uma boa lembrança para essas crianças. Crianças, adolescentes, adultos, para que a gente tenha condições de vida mais dignas. E isso me motiva porque eu tenho essa responsabilidade social mesmo, esse interesse de contribuir até para mim, porque isso vai melhorar a minha qualidade de vida. E que eu acredito que a política é boa, sim, ela salva vidas. Infelizmente, quem faz ela não presta, né? Então, eu tenho isso em mim, de que, você sabendo fazer a política de uma forma verdadeira, você pode contemplar e fazer com que o seu objetivo seja contemplado de uma forma melhor. Só isso, assim. Mas o que me motiva mais são as crianças, saber que tem alguém olhando por elas.

P.9. E o que você levou em consideração para tomar essa decisão?

R: Bom, eu vou ser bem sincera. É o meu trabalho, né? Eu tenho que sobreviver. Hoje eu não atuo como atleta, eu ainda estou na minha formação acadêmica, e de uma certa forma, como é um meio tão predominado por homem, a gente sente o machismo exalando de todas as formas, é uma disputa diária, não só porque você tem que mostrar que é boa, mas que você tem que ser forte o tempo todo para suportar e superar esse machismo, essa autoridade, essas coisas de eles se imporem, de quererem excluir você porque você é mulher. E se deixar brotar a gente sabe para onde vai, né? Então, até nisso você tem que ser forte todos os dias, até porque eu não sou apadrinhada por ninguém, não tenho costas largas, não venho de famílias políticas, então se torna mais difícil ainda. Se eu tivesse pessoas políticas e uma rede de

pessoas que vivem esse meio, era mais fácil, só ia pra rua fazer meu trabalho lá ou camuflava, né? Mas quem realmente sabe fazer, porque sabe da necessidade, é muito mais difícil, muito mais difícil de fazer e se consolidar nesse meio e fazer ela [a política] de uma forma mais leve. Também é novo para mim, o cenário é novo. Eu sou uma formiguinha nesse meio, onde se eu não tiver cuidado, vão passar por cima de mim, porque infelizmente se faz dessa forma, a questão do poder em si, dos privilégios. As pessoas deixam a empatia, a humanidade de lado, e a arrogância, os poderes, prevalecem. Mas é uma coragem todos os dias, só que é mais pelo meu trabalho, porque eu preciso mostrar resultados, né? Então, como eu estou na esfera política, a gente sabe que estando com cargo, só funciona se a gente tiver força, e se não, a gente é descartado. Então, é mais por isso, mas se eu chegar lá, as minhas ideias já são justamente mudar toda essa realidade que a gente vive.

P.10. Em relação a, por exemplo, tempo, porque a gente sabe que política é uma coisa que exige bastante tempo, né? Em relação ao apoio, como que é com isso?
R: Bom, eu estou tendo pouco apoio porque poucas pessoas sabem. É uma coisa que eu nem decidi, né, de fato. Era uma coisa que eu preferia apoiar em vez de… [ser candidata]. Porque é como eu te disse, eu não sei fazer a política partidária em si, os mecanismos, a forma, as estratégias. Então, se eu tivesse uma equipe, facilitaria. A gente não tem todo o aporte, o apoio de um partido, né? É balela dizer que tem. Claro que eu não vou generalizar também, né? Mas eu estou aos poucos plantando isso, principalmente com pessoas que já estão na política há muito tempo, tentando convencê-las que eu sou algo bom para ser apostado, né? Então, isso é algo que eu estou conquistando no dia a dia, mesmo que eu seja uma cara nova. Estou há um ano, praticamente. Eu me candidatei em 2020, porém, eu me desvinculei, né? Eu não continuei fazendo trabalhos para a sociedade me ver, nem para políticos verem. Só quem estava comigo sabia que eu dava continuidade. Então, assim, eu não entendo muito do sistema, do meio, como se faz. Eu sei só como chegar numa pessoa e vender a ideia, que ela possa acreditar no meu trabalho e no que eu posso fazer pelo todo. Mas a política de estratégia e tal, ainda eu não tenho esses manejos, porque eu sou verdinha ainda nesse meio. E a gente precisa de uma rede, de uma equipe para estar me direcionando.

P.11. Hoje em dia, tem ainda seus empresários que ajudam?
R: Não tenho mais. Eles estão no governo estadual, onde eu me desvinculei. Eles que faziam tudo isso. E eu não tenho muita rede de apoio. Eu estou começando agora, porém, eu sou uma aposta. Então, eu não vou ter tudo aquilo que eu possa merecer, o que eu imagino que eu preciso ter para fazer uma campanha belíssima, uma campanha sólida, onde eu possa conseguir ter resultados mais positivos. Eu tenho plena consciência, precisa de pessoas para fazer, e sozinha eu não vou conseguir ser tudo. Existe a questão de marketing, existe a questão estratégica, e ‘’n’’ coisas, que essa parte não é comigo.
Imagine, estão articulando, vão pensar em um partido, e aí é onde vão me apresentar e dizer ‘’*você quer ir para esse, você quer ir para aquele?*’’. Mas eu não tenho uma pessoa tão fiel que tipo assim, eu vou ficar só com você. Eu tinha antes, agora eu não tenho mais. Mas é um desafio.

P.12. Em relação ao apoio familiar, de amigos?

R: Amigos, alguns, mas é pouco ainda. Familiar, eu tenho pouca família. Ter uma rede eu acho que é de extrema importância, total. Porque de um vai para outro, convida outro, chama um amigo aí, ‘’*vota na minha irmã, na minha prima*’’. Acho que era fundamental, mas a minha família é um pouco mais distante. Assim, são poucas pessoas que moram aqui. E dos amigos, poucos também, mas se Deus quiser, vai multiplicar.

P.13. Em questão de te dar apoio, de te motivar mesmo? Mesmo distantes, por exemplo, sua família apoia sua decisão?
R: Eu não falo com eles sobre isso, mas eles sabem que eu sou capaz. Eles falam, ‘’*você é muito boa no que faz*’’. Eu não converso muito sobre isso com eles. Não sei se é porque eles já notaram, já perceberam que eu tô no meio político mesmo, tô ali fazendo uma caminhada política. Eles não falam nada, só acham que eu sou desenrolada mesmo. E corajosa também. Sobre os amigos, eles me admiram. Porque sabem que eu faço isso há muito tempo. Não é algo para me prevalecer. É porque realmente eu tenho já em mim essa questão de mudar toda essa realidade mesmo. Já está em mim essa motivação de fazer pelo próximo.

P.14. E quando você começou em 2020, você falou que recebeu apoio dos seus empresários?
R: De uma certa forma, sim. Era um apoio de materiais e mídias para se propagar, para chegar a ter um alcance maior, de direcionamento. Mas financeiro... Foi pouco porque foi pandemia. Então não se deu para fazer muito porque eu não conseguia chegar nas pessoas e vender a ideia de o que eu ia fazer, meu plano de trabalho. Até a gente não poderia ter esse acesso direto com as pessoas. Chegar nas casas, ter essa proximidade, olho no olho, um cafézinho, que a política em si propicia isso.
Então eu cheguei também com pouco tempo do Paraná. Acho que foi um mês, dois meses. Aí já foi entrando na disputa do pleito. Acho que era mais para tirar voto de quem não merecia. Foi mais isso. Mas o tempo foi pouco, não deu nem para ser testada, de uma certa forma.

P.15. Você se candidatou pelo PSOL. Como foi a experiência com o partido?
R: Experiência ruim. Eles procuraram essa pessoa que eu apoiei, queriam se beneficiar da história dela. E aí meus empresários me convenceram para ajudar nessa disputa eleitoral. Mas não deram suporte nenhum. Não senti essa proximidade, não senti esse apoio, na rede, de nada. Nem jurídico, nem de instrução, de nada, nada, nada. Financeiro teve porque já é uma obrigação, né? Foi pouco, e além disso, tem outras outras coisas que se requer essa aproximação com o próprio candidato. E aí não foi uma experiência muito boa.
Eu só recebi dinheiro para a questão dos portfólios [santinhos] e adesivos. Só isso. Nada além. Nem suporte jurídico, nem de estratégia, nem de como vamos fazer aquilo, principalmente para mim que era uma menina nova, não sabia como fazer política, falar de política, como chegar nas pessoas e convencê-las. Então não foi uma boa experiência.

P.16. Aí você saiu do PSOL e agora você está sem partido? Como você vai achar outro?
R: Sim, estou sem partido. Eu estou dando um tempo para esperar qual partido, dos que vão me apresentar, de quem eu estou hoje no governo do prefeito. E aí eu acho que vão me apresentar quatro nomes. O que se identificar mais com a minha caminhada, com os meus

ideais, o que me oferecer também condições, condições de apoio para que eu possa estar fazendo uma campanha limpa, bonita, mas com suporte, eu vou escolher. Tentar escolher o melhor possível, obviamente, para que eu tenha mais condições de ter êxito. Vamos ver o que me reservam esses partidos aí. Eu não tenho muita ideia, mas tem um tempo até abril, não tenho muita pressa. Daqui para lá pode mudar muita coisa.

P.17. Você tem um direcionamento, mais ou menos, do que você tem em mente para escolher? Você se importa com as ideias do partido?
R: Pouquíssimo, porque quem fazia isso eram as minhas empresárias. Então, eu confesso que eu vou começar até a estudar, pensar nisso nos próximos dias, para que eu possa estar pensando em algo, justamente para me alinhar dentro das perspectivas desses partidos e do que eu posso estar fazendo dentro dos meus ideais, do que eu já aplico, do que eu sou, da minha realidade de vida, justamente para as políticas sociais, para o povo, para ser a voz do povo. Entendeu?

P.18. E na época que você se candidatou, em 2020, puxaram você para o PSOL, depois botaram você para fazer apoio para [nome]. Você acha que esse movimento foi, talvez, de colocar a sua candidatura só para constar, só para cumprir cota?
R: Acho que sim, para ajudar. Para ajudar no coeficiente [na cota]. É assim que se chama, né? Para ajudar no coeficiente. E a gente sabia, tinha plena certeza e entendimento total de que com tão pouco tempo eu tinha chegado em Petrolina, mesmo que eu fosse a menina que fazia projetos sociais e tal, não teria chances. Até porque a gente sabe como a política em si é feita de uma forma pejorativa. E a gente também, infelizmente, sabe que a política não ganha quem tem contribuições sociais. Claro que eu não vou massificar todas as pessoas. Não, pode acontecer de uma, duas pessoas, três, ganharem realmente com trabalhos. Mas a gente sabe que 80% não é dessa forma. Então a gente tinha plena consciência de que não iria ganhar na primeira e posso não ganhar na segunda ou na terceira. A gente está plantando essa sementinha, como estou falando. Tentando e consolidando certos trabalhos.

P.19. Entendi. E dentro do que você já participou da Arena Eleitoral, de competição, você sente diferenças de tratamento entre homens e mulheres?
R: Sim. Principalmente aqueles que já estão ali há muitos anos, né? Que é a briga pelo poder. Então, se uma pessoa que tem interesse de fazer pelos demais, ela não entende disso, de saber como é as curvas, os atalhos da política em si, eles [os políticos estabelecidos] vão lá e se aproveitam. Se aproveitam disso, e não de quem realmente tem responsabilidade com os demais, com a sociedade, o compromisso com aonde você vai representar, com essa representatividade. Então eles nem ligam, eles que vão estar lá na frente. Então existe uma diferença muito grande, espero que isso mude, justamente se incluindo mais mulheres, vindo mais mulheres para representar, se encorajando para entrar nessa esfera e, aos pouquinhos, a gente ganhar nossos espaços.

P.20. Você, por exemplo, já sofreu algum tipo de discriminação? Dos partidos ou de homens em uma disputa [eleitoral]?

R: Se eu já, não, eu estou nesse momento, de disputa, né? Que é apagar justamente o meu trabalho, a minha visibilidade, a minha notoriedade que eu estou diante da sociedade, das pessoas. E principalmente por eu viver numa esfera que é predominada por homens, que é o esporte, eles acham que eles que são capazes, que entendem, é onde eu mais sofro. Pessoas que, inclusive, trabalho junto. Passo por esse tipo de situação, onde querem me podar, onde querem apagar e diminuir a minha visibilidade. Então, infelizmente, não confiam no seu próprio trabalho, então não faz e não deixa as outras pessoas que entendem, que se capacitam [fazerem]. Porque eu estudo para isso, para me capacitar, para conhecer as necessidades, conhecer como se faz da melhor forma possível uma política social, uma política esportiva, como a gente tem que agir. Eu me capacito para isso, então eu acabo sendo ameaça. Não é só eu ter a bagagem, nem a experiência de atleta, mas o conhecimento do todo.

P.21. E dentro dos partidos, você já viveu ou presenciou alguma coisa?
R: Não, porque da última vez que eu estive em partido, não existia um partido próximo. Era super distante, não me sentia presente no partido. Sabe, justamente a rede de apoio, uma contribuição em uma necessidade, não senti isso. Não tive ninguém para me orientar. Então, não consigo te falar.

P.22. E quando a gente fala nessa questão de paridade entre homens e mulheres na política, você acha que o que falta, a dificuldade de conseguir mais mulheres para a política, é do lado das mulheres, das candidatas? Ou do lado dos partidos?
R: Eu acho que das candidatas também, porque elas se inibem muito, porque elas dão a voz mais aos homens do que a elas mesmas, e até às próprias mulheres em si, porque a mulher tem que apoiar a mulher. Cada uma sabe a necessidade da outra, não é o homem em si. E tem essa questão, infelizmente, dessa disputa, mulher para mulher, aí elas se sentem inferiores, também tem uma questão da própria propagação de que eles fazem com que as mulheres se sintam inferiores, de que elas não são capazes, e eles sim, que elas fiquem fazendo os seus outros serviços, que nós não somos capazes de gerir uma cidade, um estado, que não somos capazes, não tem esse manejo, e acaba inibindo as mulheres. E, consequentemente, faz com que, como não tem esses apoios dos partidos, de justamente empoderá-las, encorajá-las mais com esse desejo de estar à frente, também falta muito isso. Acaba fazendo com que as mulheres não tenham esse interesse, não tenham essa coragem e esse interesse. Então quer ficar ali na majoritária, quer ficar ali atrás, nos bastidores. E eu já cresci sabendo que eu não sou dos bastidores, eu tenho que fazer, eu tenho que resolver, mas eu acho que existem vários meios para que as mulheres se inibam, vão se inibir para não entrarem nessa esfera política.

P.23. E, pensando em você, o que você acha que foi um estopim para você querer passar de fazer seus projetos, para querer participar da arena política formal?
R: Através do projeto. É o meu próprio trabalho, o meu emprego. Hoje eu não jogo, se dependesse de mim, estava jogando. Mas aí é onde eu tenho dificuldade de conseguir uma ajuda para o projeto. Eu vejo pessoas que querem materiais, que não conseguem as coisas, com a facilidade de que quem quer fazer, faz e consegue, eu senti a necessidade de entrar, porque não é tão burocrático como se faz as coisas acontecerem, é só ter o interesse.

Porém, muitos querem fazer para os seus, e não para o todo, para as pessoas que vão contemplar a sociedade inteira, o cidadão, muitos que estão ali e querem fazer para benefício próprio. Quando eu senti isso, que além de ser uma campeã mundial, eu tinha dificuldade de conseguir ajudar o próximo, pedindo ajuda a quem deveria nos ajudar, foi onde eu criei essa coragem de dizer,''*posso mudar tudo isso*'', de que eu posso mudar a realidade que se encontra de uma forma mais ampla e igualitária.

P.24. Legal. Pois é isso. Obrigada.
R: Obrigada!

ENTREVISTADORA: Barbara Salviano
ENTREVISTADA (Nome fictício): Alane Araújo
CATEGORIA: Pré-candidata
PARTIDO: PT
DATA: 18/04/2024
LOCAL: Online, via chamada de voz WhatsApp

P.1. Eu vou pedir pra você primeiro se apresentar, falar seu nome, sua ocupação, sua formação e seu estado civil.
R: Meu nome é [nome], eu sou casada, eu sou descendente indígena e tenho duas filhas. Tenho nível superior, duas formações acadêmicas. Eu sou professora, sou tecnóloga em segurança do trabalho também, já fui motorista de ônibus também. E no momento, agora, eu estou desempregada.

P.2. Antes da gente começar com as perguntas, você me autoriza a gravação?
R: Sim.

P.3. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?
R: Na verdade, foi desde quando eu fazia a faculdade de história, que eu já fazia parte do diretório acadêmico. Aí eu fui gostando, mas antigamente eu votava principalmente naquelas pessoas que eram do interior. Porque eu acreditava que eles poderiam mudar muita coisa, por ser da roça, por ser do interior. Que poderiam ajudar a gente como agricultor, que meus pais são agricultores. Era isso que eu tinha no pensamento, antigamente. Só que não é bem assim não.

P.4. Você fez parte do centro acadêmico, e depois continuou em movimento, se aproximou de partido?
R: Sim, foi. Eu sou filiada ao partido, tem mais de 20 anos. Eu sempre gostei de participar dessas coisas, mas assim, ultimamente com tanta mudança, com tanta coisa que está acontecendo no mundo, eu me afastei mais devido às violências.

P.5. Você diz de dentro do partido?
R: Não, dentro do partido não, fora mesmo, porque nem todo mundo gosta do PT. O povo tem discriminação com o partido. Eu prefiro ficar mais neutra.

P.6. Além de fazer parte do centro acadêmico, você teve mais algum tipo de experiência nesse sentido?
R: Não, só saí candidata duas vezes. Eu saí em 2016 e saí em 2020. Para esse ano, meu nome está lá. A gente está conversando ainda. O cenário político está muito... como é que diz? Aqui aconteceu muita coisa, por causa dessa pandemia. As coisas estão mudadas. A gente tem o partido, né? Que é o Partido dos Trabalhadores. E a gente esperava coisas melhores, só que a gente não está vendo essas coisas que a gente realmente esperava não [no partido].

P.7. Por que você resolveu se tornar candidata pela primeira vez?
R: Assim, acho que foi mais por curiosidade, para ver como era. Assim, se caso eu ganhasse... Assim, a gente tem sonhos, né? Principalmente eu que gosto de ajudar pessoas. Eu pensei por essa forma. Se eu chegar a ganhar, eu vou poder ajudar mais pessoas.

P.8. Entendi. Então, a sua vontade de entrar foi por querer ajudar as pessoas?
R: Foi, é mais... e fazer uma política, assim, melhor, né? A política de hoje é muito... sei lá. Cada um pensa em si. Nem todos, né? Mas alguns, cada um pensa em si. E a política não é para pensar em si, é para pensar no todo. É um Brasil melhor, né?

P.9. E como o seu nome apareceu para a candidatura em 2016? Foi você que se propôs? Foi o partido que chamou?
R: Então, eu recebi um convite do deputado Odacy Amorim. Ia precisar de mulheres na bancada, né? Para compor, para sair candidata mulher. Eu fiquei um pouco assim, mas... eu participei.

P.10. Você disse que ficou um pouco ‘’assim’’, por quê? Você não tinha vontade de ser candidata?
R: É porque, assim, ser candidata não é só ser candidata. Você tem que fazer um trabalho. De muito tempo. Você tem que ter grupo. É todo um processo, filha. Não é cair de paraquedas, igual eu caí... foi de repente. Precisavam de mais mulheres, aí me lançaram. Aí, eu saí candidata. Tive mais de 200 votos. A experiência foi boa. A primeira foi 211. Já a segunda agora, eu aumentei. Mesmo na pandemia, eu obtive 516 votos. Já aumentou, né?

P.11. Então, nessa primeira você entrou mais para ajudar o partido. Como foi a experiência de campanha?
R: É, você tem que fazer o porta-a-porta, visitar as pessoas. E assim, eu já tenho essa facilidade porque, como eu também trabalho com vendas, eu conheço muita gente. E eu gosto de gente. Eu sou do povão. Aí, assim, para mim não foi difícil, não. Além disso, professor não tem medo de gente, professor encara. Professor gosta de falar. Para mim, foi uma experiência boa, né? Poderia ter sido melhor. A gente pensa [que é] uma coisa e é outra.

P.12. E o que você achou da experiência da campanha?
R: Foi muito boa, não. Foi muito boa, não, porque assim, você trabalha só com a cara e a coragem. Só com o apoio da família, é complicado.

P.13. Como foi o apoio da família? Teve apoio de amigos?
R: [A família] Ajudava. Amigos, poucos. Porque nessas horas o povo só pensa em dinheiro. O povo só vai ajudar as pessoas pensando em dinheiro. Aí, amigo que é amigo é o povo de casa, que vai com a cara e a coragem, sem dinheiro. Na família, todo mundo apoiou, sim. Só que agora eu fui convidada novamente para sair candidata. E eu não estou muito satisfeita, não. Porque só a gente vê a luta da gente. Eu não sei se você sabe, mas é muito candidato. É muita gente, às vezes, da família.

P.14. Então, na sua família, tem outras pessoas que participam da política também?
R: Tem. Primos, amigos. Mas não é muita gente, não. E não é todo mundo do mesmo partido, são de partidos opostos. Nem temos o mesmo candidato a prefeito.

P.15. É uma família que já está acostumada, vamos dizer assim, com o movimento político, com pessoas que participam da política?
R: É, minha família é toda politizada. Minha tia já foi vereadora, só que em outra cidade. Minha família já é assim, todo mundo gosta de política. Quem não gosta de política, minha filha, como é que vai entender o mundo? Tem que ser politizado, tem que entender de religião, futebol, né?

P.16. Você acha que já ter esse contato com política na família te impulsionou também para tentar, para entrar no partido?
R: Rapaz, não foi nem tanta questão da família. Foi de mim mesma. Minha família é tranquila. Mas assim, é de apoiar, sabe? De apoiar. Não custa nada, a gente é aquele tipo de pessoa que diz assim, não custa nada tentar.

P.17. Entendi. E como foi em relação ao tempo? Você tinha tempo para se dedicar, mesmo com o trabalho, com a família?
R: É, trabalhando, mas eu tive que sair, né? Eu me afastei para poder sair candidata. Tem que se afastar, não pode sair candidata com emprego não. Antes disso, com as reuniões, eu ia para tudo. Sempre tive disponibilidade, porque eu sou uma pessoa que eu sei o que eu quero e vou atrás. Vou à luta, podia ser onde fosse, eu ia. Comigo não tem tempo ruim, não.

P.18. O que você pensou para decidir aceitar o convite do partido? Em todas as vezes.
R: Rapaz, eu acredito que o sonho, né? Que eu poderia, não, que eu posso chegar, né? Eu posso chegar e realizar. Porque assim, para mim seria um sonho. E outra coisa, né? Acho que Petrolina, na Câmara de Vereadores, precisa de mulheres empoderadas, mulheres avassaladoras, mulheres que sabem o que é gente, entendeu? Porque a maioria dos vereadores que estão ali, cada um pensa no seu, pensa só no dinheiro, não está pensando no próximo. A maioria, sim. E são contra as mulheres. Era para ter mais, tem que ser metade mulher, metade homem. Só tem três mulheres e vinte homens, são vinte e três, né? São vinte homens contra três mulheres. E pensam em si e nada mais.

P.19. E na sua visão, o que você acha que impede as mulheres de entrarem na política?

R: Apoio. Mais apoio, mais ajuda, mais tudo para a mulher. Esses homens... É porque o povo gosta de dinheiro. Se ele investe, o homem já tem dinheiro, a mulher não tem. Tem gente que só vota se você der o dinheiro da gasolina, pelo amor de Deus. Para o homem é mais fácil se corromper dessa forma, já a mulher não. A mulher tem medo das coisas erradas. Eu falo nesse sentido.

P.20. Você acha que em Petrolina tem muita política velha ainda, de compra de voto?
R: Sim. Tem, não tenha dúvida. É uma política sebosa.

P.21. Você me contou da primeira campanha, como foi a segunda em 2020?
R: Foi difícil por conta da pandemia, mas a gente não parou, não. As pessoas não queriam que a gente visitasse por conta da pandemia, né? E pelo WhatsApp eu ligava para as pessoas, era desse jeito. E eu entendi as pessoas, né? O medo.

P.22. E agora falando um pouquinho de partido. Você falou que está no PT há mais de 20 anos, né? E por que você escolheu o PT?
R: Porque, como eu disse a você, eu fazia história [na faculdade]. Eu peguei uma cadeira que contava a história de Dilma Roussef, a história de Lula. Isso fez com que eu gostasse da política.

P.23. Você falou que hoje em dia tem um pouquinho de descontentamento com o partido. Por que isso?
R: Tem. Por exemplo. Lula foi preso, só que eu não culpo Lula. Eu culpo as pessoas que estão ao redor dele. Que o Presidente da República não dá conta de tomar conta do Brasil sozinho. Mas quem toma de conta de Petrolina? Quem não sabe da necessidade dos candidatos de Petrolina? É o partido daqui. E eu estou com umas [pessoas] desempregadas. A gente tem aqui os órgãos federais, a CODEVASF, a Embrapa. Vários setores, e eles não deram oportunidade à gente, e deram ao povo de fora. Aí vai e lançam a gente candidato. Faz o convite. A gente sai candidato para ajudar, porque a gente acredita, e 2026 vem aí e Lula vai precisar da gente. Só que eles não pensaram nisso não. Tanta gente aí que está desempregada. Desde a pandemia também, e ainda tem gente [desempregada] que está ainda na peleja.

P.24. Você ainda tem vontade de permanecer no partido, de sair candidata por ele?
R: Não, vontade de sair [do partido] eu já tive. Mas não é nem pelo partido, é por algumas pessoas.
Porque a briga é interna. Então já tive vontade de sair [do partido]. Porque eles não lembram da gente, só lembram da gente nessas horas [de necessidade].

P.25. Se você fosse, por exemplo, mudar de partido. O que você levaria em consideração para escolher o novo partido?
R: Talvez eu não fosse mais para nenhum partido. O PT não é ruim não. A gente tem o melhor presidente do Brasil. Sou lulista. Mas não é por Lula não [que eu sairia do PT]. Como eu estou te falando, é uma coisa interna.

P.26. O que para você importa no partido?
R: O que mais importa no partido… Assim, poderia ser melhor. Se as pessoas fossem unidas, se fossem compartilhadas as coisas certas e tudo por igual. Mas não. Eles pontuam e escolhem as pessoas deles, e os outros ficam de fora. Isso é o que deixa a desejar. Eu poderia ser uma das queridinhas, mas não sou. Já tem ali os preferidos deles. É assim aqui. Não era para ser assim, lógico.

P.27. Nas suas candidaturas, o partido ofereceu instrução e preparação, apoio no sentido da campanha?
R: A primeira vez, foi muito pouco. Foi muito rápido também, foi pouco tempo. A gente teve algumas aulas de como se comportar na televisão, essas coisas. Foi muito sem graça. Se pudesse aprender uma boa oratória [seria melhor]. Você tem que ter uma boa oratória também para poder se expressar. Porque tem uns que é melhor ficar calado, se expressa muito mal, não tem aquele preparo para estar à frente de uma câmara municipal.

P.28. E como foi a questão do recurso? Você recebeu o fundo partidário nas eleições, nas campanhas?
R: Não. Nem fale em dinheiro que a gente tem trauma. Recebi não, nada. Só me deram os santinhos e combustível, isso vem de certeza, agora dinheiro mesmo, não. Minha campanha foi eu, Deus e muita coragem. Tem que ter muita vontade, viu, filha.

P.29. Você conseguiu fazer a campanha só com isso que foi ofertado?
R: Sim, com a gasolina, que era o deslocamento. E os santinhos, que era o material de campanha. E nada mais. Aí tinha que passar o dia em um trecho [do bairro]. A gente mesmo levava a comida da gente, e a água. Mas é bom não, era sofrido. Parecia um pião [de obra]. Era bom e divertido. É, mas não é todo mundo que gosta dessas... É porque eu sou raiz. Eu como qualquer coisa, até rapadura com farinha. Mas tem gente que não aguenta, não.

P.30. E você via esse mesmo tratamento para outros candidatos do partido? Ou era diferente?
R: Não. Todo mundo recebe por igual, né? Eu não tinha como ver [se o tratamento era igual] porque cada um faz o seu trabalho. Mas eu acredito que sim, porque muita gente reclamava, né? Porque não tinha dinheiro, né? Aqui é um lugar que você tem que ter dinheiro, porque tudo é distante.

P.31. Então, você acha que dentro do partido falta mais esse tipo de apoio, sim?
R: Com certeza, muito. As coisas se modernizaram, querida. A gente vive como nos tempos das cavernas, sofrendo, podendo fazer um trabalho melhor. Ninguém mais quer trabalhar assim, não. Por exemplo, no partido, vem dinheiro pra uns e para mim não veio. Eu já era candidata pela segunda vez, e não recebi. O dinheiro que caiu na minha conta foi mil reais. Mil reais não dá para nada, né? Agora esse ano não sei como vai ser, porque tudo é caro hoje.

P.32. Na sua segunda candidatura, você disse que não recebeu quase nada, e teve gente que recebeu bastante. Qual era a diferença? Era candidatura de prefeito?

R: Não, vereador mesmo. Teve gente que saiu candidato pela primeira vez e recebeu mais que eu. Depois eu fiquei sabendo que ela era negra, né? Aí tudo bem. Mas eu não sabia que eu também era descendente indígena, e não botei lá minha cota de índio. Eu vim descobrir que eu era descendente indígena um dia desse. Mas assim, mas por ser mulher, candidata pela segunda vez, o valor era pra ser mais, né? Se vem um dinheiro pra pessoa que é afrodescendente, é pra vir pra todo mundo, não ficar escolhendo.

P.33. Estamos quase acabando. Quero que você fale um pouco sobre como você vê o cenário político. Você percebe diferenças entre homens e mulheres na competição eleitoral?
R: Sim. Tem preconceito por ser mulher. Acham que a mulher não é capaz, só que a mulher é capaz duas vezes. A mulher tem o esforço de uma leoa, filha. A mulher é desbravadora, né? Quando ela quer, ela faz. E faz melhor. Nada contra eles, os bichinhos. Mas que a mulher é mais... Destemida no que faz, é. É mais organizada.

P.34. Você chegou a sofrer alguma violência de gênero? Você já sentiu algum tipo de discriminação por ser mulher na política?
R: Rapaz... Não, assim… Em outras situações, mas não na política. Às vezes outros candidatos olham assim, olham. Porque justamente o gênero, né? Porque muita gente vai apoiar os homens pensando no dinheiro. Querem trabalhar com eles, e muitas vezes ninguém quer vir trabalhar com a gente de graça, arriscando. Se ganhar, talvez conseguir um emprego [no mandato]. Porque as pessoas acreditam nisso também, se ajudar uma campanha que ganhe, vai arrumar um emprego. Então, o homem sempre tem maior condição financeira. Pra gente ninguém quer trabalhar porque ninguém gosta de trabalhar de graça. Mas o povo está errado não.

P.35. E dentro do partido, você acha que tem espaço, tem abertura para as mulheres?
R: Tem muita falsidade, é cobra engolindo cobra. Eles não incentivam as mulheres. Tem poucas mulheres candidatas por justamente falta de incentivo. Falta incentivo e companheirismo. Eles puxam o saco de alguns, e outros… [nada].

P.36. Só para terminar, eu queria saber o que você acha que faz com que uma pessoa consiga ganhar uma eleição?
R: O que dá mais chance para a pessoa ganhar uma eleição é fazer um trabalho antecipado de muito tempo, né? Tipo, eu gosto do social. Você vem trabalhando antes, por exemplo, já que eu venho a ser lançada agora novamente, já vou fazendo um trabalho. Porque as pessoas vêem que você está fazendo alguma coisa, você não está parado de tudo. Tem que fazer algo, porque quem não é visto, não é lembrado. Eu acho que você tem que fazer um trabalho de formiguinha por muito tempo. Não é assim, decolar de repente, lançar você candidata e quer ganhar a eleição? É o que eu cobrei e cobro do partido. O nosso partido tem emprego e não dá para gente. Estão deixando a desejar. Foi o que eu mais cobrei quando me convidaram novamente, como eu vou sair candidata se eles não me ajudam a construir um trabalho?

P.37. Entendi. Terminamos as perguntas, obrigada!

R: Pronto, qualquer coisa estou por aqui.

ENTREVISTADORA: Barbara Salviano
ENTREVISTADA (Nome fictício): Vitória Bastos
CATEGORIA: Pré-candidata
PARTIDO: PSOL
DATA: 11/04/2024
LOCAL: Online, via chamada de vídeo WhatsApp

P.1. Para começar, eu vou pedir para você se apresentar, falar seu nome e falar um pouquinho da sua ocupação, sua formação e seu estado civil.
R: Eu sou [nome], nasci e me criei aqui em Petrolina. Eu tenho um curso técnico em agropecuária, mas não exerci, e [sou] técnica em análise clínica. Trabalhei 25 anos dentro do laboratório, fazendo exames. Sou funcionária pública aposentada, sou mãe, sou avó, bisavó, tenho duas filhas e um filho, tenho cinco netos e cinco netas, três bisnetos e uma bisneta.
Vou fazer 64 anos, trabalho há 32 anos mais ou menos nos movimentos sociais, fui da ONG CDD, Católicas pelo Direito de Decidir, do Centro Nordestino de Medicina Popular. Fui também diretora do sindicato a nível aqui Petrolina, do SindiSaúde, fui também presidente [estadual] do sindicato, na época fui coordenadora por dois mandatos, fui para Recife, passei oito anos conduzindo o sindicato, que é o sindicato da segunda maior categoria do estado de Pernambuco, a área de saúde, depois saí do sindicato em 2010. Militei, fui simpatizante no início do PT, depois fui uma das fundadoras do PSTU, depois do PSTU fui para o PT, e do PT hoje estou no PSOL.
Já participei de várias conferências, conferências de segurança alimentar, conferência de saúde, conferência de direitos humanos, conferência de educação, participei da conferência municipal, estadual e federal na defesa de muitas pautas, inclusive pauta dos fitoterápicos, dos remédios caseiros, a regulamentação, através do Centro Nordestino de Medicina Popular. Através do Centro Nordestino de Medicina Popular e CDD, eu fui multiplicadora, na época de 2000 até 2004, quando eu representava aqui em Pernambuco e aqui na região, a gente recebeu cursos para ser multiplicadora de direitos sexuais reprodutivos, direitos das mulheres, segurança alimentar, políticas públicas, direitos à saúde e direitos humanos. Mais ou menos isso aí.

P.2. Beleza. Antes da gente continuar, você me autoriza a gravação?
R: Com certeza.

P.3. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?
R: Eu comecei aos meus 32 anos, por aí, quando a gente começou a se organizar dentro do local de trabalho, no hospital. A gente era explorado, a gente começou a denunciar não só as questões dos trabalhadores e trabalhadoras, mas também a situação de como funcionava. As dificuldades, falta de material, falta de medicamentos, e aí a gente começou a se envolver e daí a gente fez uma associação, criou uma associação. Depois a gente fez uma greve em 93, foi uma greve histórica da saúde e foi aí que eu comecei a me envolver, através do movimento dos companheiros e companheiras lá de Recife, a gente começou a participar em assembleias,

seminários, e de lá até cá eu continuo ainda nesse movimento. Não estou mais atuando enquanto sindicada, porque infelizmente em 2010 a gente teve um processo eleitoral, inclusive muito pesado, né? Mas hoje eu milito voluntariamente, assim, através do partido, organizações.
A partir do Centro de Medicina Popular e da CDD, eu passei a interessar mais pela questão das políticas públicas e também por ver a situação da população, inclusive vendo a luta e principalmente a questão de nós mulheres que somos mais... tanto em partido como no sindicato, as mulheres são mais taxadas e têm mais dificuldade porque os homens querem achar que são melhores que nós, e aí a gente termina às vezes atropelando e fazendo coisas que dificultam. Mas mesmo assim eu não desisti, e acho que nós mulheres temos que continuar essa luta, avançamos muito mas precisa muito ainda para que as mulheres se empoderem, que as mulheres tenham condições de participar da política, e eu acho que a arte política é bonita, o problema é a politicagem. E às vezes o machismo, o mito que diz que mulheres é mais para ficar em casa, que é para cuidar dos filhos, cuidar da casa, e no entanto que nós mostramos que nós somos capazes. O campo de trabalho, onde a maioria das mulheres estão mais na parte de educação, mas a parte que tem outras áreas é menos, porque foi criado esse mito e aí a gente tem que desconstruir, ainda há muito que desconstruir. Geralmente os companheiros vão para as reuniões e as companheiras que ficam em casa tomando conta dos seus filhos e aí por isso que há uma dificuldade, eu acho hoje, acho não, sempre houve essa dificuldade.

P.4. A partir dos sindicatos, como você chegou no partido?
R: Foi através da organização do pessoal em Recife. Quando eu comecei a ir para Recife, participar das reuniões, e na época o pessoal começou a se organizar. Era a Convergência Socialista, que era uma organização dentro do PT, na ECA, e que eu não cheguei a filiar porque essa Convergência Socialista era uma organização a nível internacional, a gente tinha jornalzinho, e teve várias oficinas, cursos, e através daí foi que eu me interessei nessa questão. Passei um período fora de partido, mas há uma necessidade de se organizar dentro do partido, porque através do partido, se você não faz parte de alguma organização sindical ou associações, o partido deixa você mais livre, você consegue trabalhar quando pode, e essa questão sindical é fundamental, é importante, inclusive no movimento sindical precisa ter uma reflexão, os sindicatos e associações passaram mais a ser ligados a grupos políticos, em vez de encaminhar as lutas. E aí o partido foi uma forma de estar sempre no movimento, participando.

P.5. Entendi. Nesses momentos que você esteve nos partidos, em algum momento você foi candidata?
R: Eu fui candidata a vereadora em [19]95, depois passei um tempo, depois fui candidata em 2012, e em 2016 eu fui candidata à prefeita de Petrolina junto com a companheira [nome], a vice. Em 2018 fui candidata a deputada federal, e em 2020 eu não fui candidata, de lá pra cá eu não me candidatei mais, eu apoiei.

P.6. Como você resolveu se tornar candidata? Como você chegou nessa decisão?

R: Primeiro foi a questão partidária, contribuir também com a questão de empoderamento das mulheres e as mulheres participarem, e também a questão que a gente precisa, aquela questão de cota, no princípio foi a questão de cota. Em 2016 foi porque a gente entendeu que era importante lançar uma mulher [à prefeitura]. Petrolina já tinha mais de 100 anos, e não tinha ainda lançado uma mulher, e aí o partido discutiu, lançaram o meu nome. Foi difícil porque sem estrutura, existe uma desigualdade que começa desde o processo eleitoral, que os recursos vêm mínimos. Na época mesmo quando eu fui candidata à prefeita, acho que eu gastei em torno de R$4.500,00, porque a gente não tinha essa questão de fundo eleitoral ainda, foram doações, material, mas mesmo assim a gente ainda teve 1.655 votos. Foram votos de pessoas que realmente acreditam na pauta, que acreditam no projeto do partido, que a gente ainda defende, que eu ainda estou.
Todos os períodos de candidatura foram com dificuldade, sem recurso. A eleição pra vereadora ainda teve 285 votos. Na última, eu fui candidata, mas eu me envolvi na questão burocrática do partido e não fiz campanha praticamente, porque eu já fui em cima, e aí eu fiquei com pouco voto, porque na realidade não teve como eu trabalhar, porque eu assumi a tarefa, terminei me envolvendo na questão burocrática e não fiz a campanha, que agora eu não faço mais.

P.7. Então, o seu movimento de se tornar candidata sempre foi também por apoio das outras pessoas, apoio do partido de lançar, de confiar no seu nome.
R: Isso, e também por a gente poder passar a nossa mensagem. A questão do processo eleitoral não é só ser candidata para se eleger, mas também a gente ter um espaço para a gente colocar qual é o projeto que a gente defende, qual é o projeto de governo que a gente quer. Aí assim, é uma forma também de transmitir para a população o que nós pretendemos e o que nós lutamos e defendemos.

P.8. E quando surgiam essas conversas nos partidos, o que que você levou em consideração, de mais pessoal mesmo, para decidir aceitar e se tornar candidata?
R: Primeiro, a necessidade, segundo o empoderamento das mulheres de estar participando desses espaços, que é uma forma de a gente conquistar. Eu acho que nós, mulheres, temos dificuldade em se manter nos partidos, seja de esquerda ou direita. Geralmente, os homens querem mais ser candidatos, e agora com essa cota que temos de mulheres pela lei, assim mesmo ainda ficam colocando que temos que ter mais mulheres para poder ter mais homens também participando. Inclusive, tivemos um embate na reunião dessa semana sobre isso. Meu nome está sendo colocado para pré-candidata a prefeita aqui no partido, com a condição de também estar dialogando com os partidos de esquerda, e aí inclusive tem companheiras defendendo candidatura masculina para a majoritária. Então, isso [o machismo] em todas as instâncias, seja em partido, seja em sindicatos, seja em instituições, geralmente as próprias companheiras terminam sendo machistas igual aos homens quando elas não têm entendimento e, em vez de defender as candidaturas femininas, defendem a candidatura masculina por entender que o companheiro quer que ele seja candidato e não ela, e aí quer colocar outras mulheres para poder cumprir a cota.

P.9. Esse movimento de colocar mulheres é uma busca ativa, são pessoas que têm interesse, ou você vê mais um movimento de colocar mulheres só para preencher mesmo a cota?
R: Não, eu defendo que as mulheres têm que ir, inclusive é uma das minhas defesas, que nós mulheres temos que nos candidatar, e não que os homens digam que nós devemos nos candidatar. Porque nós temos que ter nosso protagonismo, nós temos que mostrar a nossa capacidade, nós temos que mostrar que também vamos ali para concorrer a um pleito. Mas que nós temos a possibilidade de estar nesse espaço, independente de indicação masculina, mas sim a mulher decidindo que quer estar, e não porque um homem veio dizer que ela precisa estar por questão de cotas.

P.10. Mas dentro do partido, os líderes partidários, você sente também esse impulso para as mulheres?
R: Alguns sim e outros não. Eu, por exemplo, hoje estou na presidência da federação aqui PSOL-Rede em Petrolina. Estou também na secretaria do diretório do PSOL, mas tem alguns companheiros que têm uma visão que é a favor que as mulheres participem, já tem outros que têm aquela visão de que as mulheres que têm que entrar por conta da cotas, se preocupam mais com a questão da cotas, porque se não tiver mais mulheres não tem mais homens.
E que, na realidade, essa questão de gênero tanto faz, se tem mais mulheres ou homens. Inclusive é uma das coisas que a gente discute, nós somos maioria e temos minoria em todas as instâncias, e aí é justamente mostrar e incentivar a outras mulheres a participar, concorrer, a se candidatar sem ter que cumprir cotas.

P.11. Voltando só um pouquinho nas suas candidaturas, você recebeu incentivo e apoio de alguém para se candidatar, tanto do partido quanto de fora, amigos, familiares?
R: Sim, recebi sim. Uma parte dos familiares que não gosta que eu participe, acha que é sacrifício, que não ganho nada com isso. Eu sempre fui uma pessoa que nunca me corrompi, nunca assumi cargos em prefeitura, estado, qualquer lugar, apesar de ter sido muito assediada para isso, mas eu nunca quis, porque eu acredito na minha história. A gente às vezes vê pessoas que estão dentro do nosso partido, de esquerda, e aí terminam indo para a extrema-direita, então essa pessoa não tem ideologia. E como diz Marx, o militante não se forma de um dia para o outro, são mais de 10 anos tendo uma visão coerente e uma visão que ele defende. Além de formação de estudar, saber a que classe pertence e defender.

P.12. Existiu apoio e instrução por parte do partido para ajudar na candidatura, e entender como funcionava [a campanha]?
R: Dentro do PSOL eu vi mais esse apoio, né. Apesar de só ter começado o recurso do fundo eleitoral a partir de 2018. Antes tinha essa dificuldade, mais da questão financeira, de estrutura, e uma coisa que hoje eu não me perdoo é que eu não dirijo, né, porque isso me limita, não me dá muita asa. Se eu dirigisse, talvez eu tivesse mais liberdade de estar onde às vezes eu quero estar, de estar acompanhando as comunidades, aí eu fico dependente de outra pessoa ir comigo, graças agora que tem Uber, que aí já facilitou esse acesso.

P.13. E quais foram as dificuldades desses períodos de campanha?

R: A questão financeira, uma dessas que eu coloquei sobre a questão de dependência de transporte, e a questão da mídia. Por exemplo, quando foi em 2016, eles tinham uma avaliação que tinha 5% para o negativo, mas para fazer debate, inclusive eu não participei do debate na TV por conta que a gente só tinha 1% [de intenção de voto], só que na pesquisa eles achavam que tinha 5%, que eu acho um absurdo. Eu não participei do debate na TV, participei do debate na rádio porque eu já tinha assinado um compromisso e aí a gente cobrou, a gente assinou um compromisso então eles permitiram. Mas a TV não foi, e a gente questionou muito na época porque, primeiro por ser mulher, só tinha uma mulher candidata à prefeita, tinha 4 homens e aí eles não deram essa oportunidade. Então, essas dificuldades também de mídia, que favorece aos grandes, que tem recurso financeiro, isso pesa muito também para a gente. O tempo de fala, que você só tem 7 segundos, em 7 segundos você não diz nada. Eu acho que no pleito eleitoral deveria ser dividido igual [o tempo], porque está todo mundo concorrendo pelo mesmo espaço, então era para que todos pudessem ter a mesma oportunidade de apresentar seus projetos, de apresentar os programas de governo, de expor o que você quer. Pelo menos a gente tem agora as redes sociais, que é isso que a gente vai tentar usar, o Twitter, Instagram, Facebook, WhatsApp, por elas a gente pode chegar na população. Mas antes era mais difícil. Uma cidade grande quando você vem visitar um bairro, você não tem como visitar todos. E fizemos uma carta para a população colocando nossa história, porque o PSOL não é visto, e tem muita coisa na cidade que fomos nós que conseguimos, nas nossas lutas, e ninguém sabe. Um exemplo foi colocar universidades de medicina aqui no Nordeste, a questão da proteção da família, a questão das creches, todas foram lutas que a gente participou. A gente foi muito decisivo nessas lutas, e nossos nomes não estão lá. E que não são dadas tanta atenção quanto as pessoas que têm mais poder, que têm mais condições financeiras.

P.14. E aí, agora, mudando um pouquinho para falar de partido, você teve algumas mudanças de partidos, você falou que foi do PT, depois do PSTU, voltou para o PT, e depois PSOL, isso?

R: Isso. Do PT, inicialmente, eu fui simpatizante, porque eu estava na convergência, na organização, que era nacional e internacional, que tinha jornal, a gente fazia discussão.

E aí, depois dessa tendência, na época, o PT expulsou essa organização interna do partido, aí foi criado o PSTU. Ao longo dos anos, o PSTU eu achei um partido um pouco mais radical, não tinha flexibilização, e aí eu achei que por bem sair, passei um tempo sem partido, depois voltei para o PT. Aí me filiei de fato ao PT, passei um período no PT, e aí, em 2012, após ser candidata pelo PT, avaliei o PSOL, um partido que estava crescendo, que estava dentro da mesma linha e ideologia, e aí eu achei melhor, hoje estou no PSOL.

P.15. E o que foi importante para você, ou o que é importante para você, nessa atitude de escolher o partido?

R: É mais aprendizado, porque na época, quando foi fundado o PSOL, foi por conta de que dentro do partido, a gente era um pouco mais radical em relação a questão de coligações, a gente não era a favor de coligar com o patrão, um pessoal de centro de esquerda, que não ajudava. Que, na realidade, a gente sabe que Lula está conduzindo o país com a maior dificuldade, justamente porque as pessoas não sabem escolher, as pessoas não votam em

partido, votam em pessoas. Eles acham que votam em pessoas porque a pessoa é boa, mas não sabem o que está por trás da sigla do partido. Cada partido tem um estatuto e tem uma ideologia a defender, então assim, eu sempre estou dentro desse campo, já disse, se eu sair de um partido de esquerda, eu não vou para partido nenhum, mas é preciso investir na formação de que é necessário saber o que é que está por trás do partido, o que é que o partido defende, porque as pessoas votam em pessoas e não em projetos.

É isso que eu sempre costumo dizer, a população precisa entender que nós temos dois projetos, um projeto que beneficia uma minoria, que a maioria somos nós, a minoria são os banqueiros, os latifundiários, aquele grupo que explora, que não valoriza a mão de obra, porque ninguém é rico sozinho, tem uma base que enriquece quem está lá. E o outro projeto que é defender a classe trabalhadora, defender a igualdade, defender oportunidades, investimento na educação, hoje a nossa educação não é uma educação transformadora, é uma educação mais competitiva, de inserir você no mercado para competir com o outro, mas não é uma educação que forma o cidadão, não é uma educação que cria o senso crítico para avaliar que momento você está vivendo.

O partido, ele dá essa questão, que dentro do partido, a gente faz análise de conjuntura, faz uma análise municipal, estadual, federal e internacional, porque às vezes as pessoas acham que lá fora não interfere aqui, e todas as decisões lá fora do país também interferem no Brasil. E é justamente isso, as pessoas não entendem, e votam por pessoas, ou por favor, ou por parentesco ou por amizade.

P.16. Na sua visão é importante então se manter fiel a um projeto de sociedade?

R: É. Um projeto que inclua todo mundo, que respeita a questão da diversidade, que acabe com essa intolerância religiosa, incentivar a questão do respeito à vida, seja a vida como ser vivo, ou como planeta, porque nós vivemos num planeta que pede socorro. Nós temos uma cidade que eu estou agora batizando Petrolina do Concreto, e a gente não vive só de prédio. Então é um projeto que realmente os partidos defendem, os partidos que têm a visão de luta. Muitos outros partidos visam lucro, e não a vida.

P.17. Hoje em dia você acredita que o PSOL atende às suas necessidades?

R: Sim, é um partido de lutas, que defende todas as áreas, os negros e negros, quilombolas, indígenas, que defende o pessoal da diversidade LGBTQI+, que defende uma sociedade onde a gente possa ter acesso à educação, à saúde, geração de emprego e renda, questão do saneamento básico, questão do meio ambiente. Então o PSOL hoje, como o PT ainda defende, são os partidos de esquerda que estão com essas bandeiras de luta de uma sociedade mais justa, igualitária, mais humana, uma sociedade que tem amor um pelo outro.

P.18. E dentro do partido, considerando que é um partido que defende essas bandeiras, que defende a diversidade e inclusão, você acredita que as mulheres dentro do partido têm um bom espaço, que é incentivada a candidatura, incentivada a participação?

R: Em parte sim, por alguns companheiros. Mas tem companheiros hoje dentro do partido que tem uma visão diferente né, tem outros que tem uma visão mais personalista, e aí não é só no nosso partido, acho que em todos os partidos têm, e aí ele pensa mais em si do que no

coletivo. ‘’*Eu defendo o coletivo, mas na prática eu pratico o personalismo*’’, e isso a gente enfrenta também dentro do próprio partido.
Hoje, dentro do PSOL, tem uma organização de mulheres, agora no nosso estatuto é a exigência ter uma secretaria da mulher nos diretórios, municipal, estadual e nacional, e dentro desses espaços a gente também está lá. Tem um grupo de mulheres, tem o grupo de mulheres negras, tem o grupo de mulheres trans, e aí assim a gente está, é o melhor que tem de acolhimento, apesar que tem alguma divergência, mas o nosso objetivo maior.

P.19. Quais são as diferenças que você percebe entre os homens e as mulheres na competição eleitoral, pensando na sua experiência?
R: Eu percebo que as mulheres ainda estão muito tímidas de participar desse processo, elas têm receio. Teve uma fala uns dias atrás, ‘’*porque o homem tem que combater outro homem*’’, mas por que as mulheres não podem combater? ‘’*Ah, porque ele fala mais forte, porque a voz dele é mais grossa, porque a voz dele é mais agressiva*’’, mas nós com nossa fala mansa e calma também podemos combater. Então assim, tem essas dificuldades, os homens acham que são mais eles que têm que participar, e aí as mulheres ficam tímidas e às vezes não se propõem, e ficam mais atrás, ficam pensando que é isso mesmo que eles dizem, e é por isso que tem poucas mulheres nossas que enfrentam e dizem,‘’*não, nós vamos participar*’’.
Então, vendo o pensamento desse grupo, e aí dá essa oportunidade. Inclusive, nós temos aí agora nossa deputada estadual, Dani Portela, que está junto com a companheira da Rede, que são pré-candidatas à majoritária em Recife, negra, mulher, e isso nos incentiva, nós temos outras mulheres que nos incentivam. A própria companheira Marielle Franco, que foi assassinada, que mostra que dentro da periferia existem mulheres também capazes de estar, e que a morte não nos intimida, só nos encoraja.

P.20. E dentro desse cenário de que as mulheres têm um pouco mais de dificuldade, ou têm receio de participar, você acha que tem mais de uma falta de interesse das mulheres, ou que parte de uma falta de incentivo dos partidos?
R: Tem as duas coisas, a falta de interesse das mulheres, porque a gente tem um mito, que as mulheres têm que ficar mais [nos bastidores], ser secretária, ou estar em algum serviço que é só de servir. E tem essa questão também dos partidos, os homens que às vezes dificultam a inserção das mulheres, mas as duas coisas pesam para as mulheres. E tem aquele também que coloca, ‘’*ah, eu odeio a política*’’, então isso também pesa muito, porque essa questão de odiar a política, isso vem lá deles mesmo, dos grupos conservadores, para justamente incentivar as pessoas não querer discutir política. Os partidos não têm ainda um incentivo maciço, no sentido de dar mais para que as mulheres participem. É uma das lutas que eu estou dentro do PSOL, para que a gente possa inclusive filiar mais mulheres, mas mesmo assim essas mulheres que eu filiei são tímidas, têm receio, tem as coisas de casa, sempre uma não pode ir porque está fazendo um serviço em casa, tem a questão do trabalho, porque além de trabalhar fora, tem os afazeres de casa, quando chega vai fazer e termina impossibilitando a participação.

P.21. De forma geral, são coisas que afastam mais as mulheres?

R: Isso, e por isso a importância de ter seminário, de ter encontros. Acho que isso seria também na própria escola, acho que deveria começar a discutir principalmente na parte de ensino fundamental, a importância das mulheres estar nesses espaços, e estar conquistando esses espaços.

P.22. E você sofreu algum tipo de violência nesses espaços políticos, do partido, das candidaturas, na época de campanha, alguma violência de gênero?
R: Teve mais em questão sindical. Em partido é uma violência mais leve, mas geralmente eles colocam [algo]. Como eu coloquei, essa questão da voz, que tem que ser um homem contra outro homem, então isso já é uma violência para a gente, achando que nós não somos capazes de debater com o outro gênero.
E teve a questão também, agora na eleição mesmo, que inclusive o próprio partido também não ajudou na eleição de 2010, no sindicato, onde eu já cheguei a ser ameaçada de morte, em Recife, já mandaram dizer, ‘’*fica quieta, se não tu não vai viver*’’. Aí eu mandei a resposta de que eu estava na luta para viver e para morrer. Também não me intimidei, mas fui muito perseguida também na questão do movimento sindical e dentro dos partidos também. Porque eu nunca baixei a cabeça, por conta disso, às vezes me excluíam por eu não ser conivente ou seguir com o que todos falam. Então isso também pesava muito por já ter essa autonomia minha, de expor o que eu penso e o que eu acho. E isso também pesa, dentro dos partidos, dentro dos sindicatos, dentro dos movimentos. E incomoda também, né?

P.23. É isso, terminamos. Muito obrigada!
R: Obrigada, querida.

ENTREVISTADORA: Barbara Salviano
ENTREVISTADA (Nome fictício): Débora Fonseca
CATEGORIA: Pré-candidata
PARTIDO: PCdoB
DATA: 28/02/2024
LOCAL: Online, via chamada de vídeo Zoom

P.1. Para começar, vou pedir que se apresente, fale seu nome, estado civil, formação e ocupação.
R: Meu nome é [nome], eu sou de Petrolina, nascida, criada e formada aqui. Eu me formei em Biologia, na UPE, Universidade de Pernambuco. Lá em 2008 eu fiz especialização em gestão ambiental, em auditoria e perícia ambiental, já sabia que eu queria seguir essa carreira do meio ambiente. E alguns anos depois, a gestão do ex-prefeito Júlio Lóssio implantou a Agência de Meio Ambiente de Petrolina, que foi uma iniciativa extremamente importante e pioneira porque em Pernambuco, só existia essa Secretaria de Meio Ambiente na capital, em Recife. Logo depois Petrolina quem abriu a agência, que deu a oportunidade do município se desenvolver muito com relação ao licenciamento ambiental, à sustentabilidade. E eu iniciei na AMA, na Agência Municipal de Meio Ambiente, como estagiária voluntária, porque eu queria aprender. A minha vontade era de ser uma empresária da área ambiental, de trabalhar com consultoria ambiental. Então eu iniciei lá com estágio voluntário, mas eu me identifiquei

muito com a política, com o contato, com o social e continuei lá, assumi um cargo de gerente. Depois fui convidada para ser responsável pela análise de qualidade de água que a Compesa distribuía em Petrolina, isso na ARMUP, então [eu] era a bióloga responsável por essa análise de qualidade. Fizemos diversas mudanças de conduta da própria organização da Compesa, como por exemplo, exigimos algo que a lei já obrigava, que era a exposição na conta dos parâmetros de qualidade da água, que antes não era feito. Então hoje, a parte da nossa atuação ajudou muito, agora é [exposta na conta de água os parâmetros].

Depois eu fui para a Secretaria de Planejamento de Petrolina como superintendente, cuidava do monitoramento de todas as obras da cidade, do município. E logo depois eu recebi o convite para ser Secretária de Meio Ambiente de Petrolina, eu tinha apenas 28 anos de idade, então eu saí de estagiária para Secretária de Petrolina com muito orgulho, por onde fiquei dois anos. Fiquei também como conselheira do Estado de Pernambuco, da nossa Mesorregião do São Francisco, eu representava os 12 municípios. E aí a gestão [municipal] finalizou, a gente consequentemente também finalizou o trabalho e eu fui desenvolver o que hoje é a DL Ambiental, que é uma empresa especializada na área ambiental. A gente trabalha em Pernambuco, Bahia, em todo o sertão, em todo o Vale do São Francisco. Para você ter ideia, Barbara, Pernambuco hoje tem 35 municípios com Secretarias de Meio Ambiente ou agências de meio ambiente. Desses 35, em 11 municípios a DL estava lá nesse trabalho de fortalecimento da sustentabilidade da nossa região e do nosso estado e do Brasil, a DL Ambiental com capacitação, com estruturação, então tenho muito orgulho da nossa trajetória.

E aí veio a pandemia e aí eu pensei, agora está todo mundo trancado em casa, eu trabalho no campo, como boa bióloga que eu sou, o que é que eu vou fazer? Então eu pensei em fazer lives. Vou chamar referências em saúde, em meio ambiente, em diversas áreas eu vou fazer lives. Então assim, a gente costuma dizer que a minha primeira candidatura, à vice-prefeita de Petrolina, em 2020, foi um resultado de rede social, onde eu me empenhei bastante em 2020 e acredito que chamou a atenção o [meu] preparo, né? Eu atuava na política como técnica, era vista como técnica, e de repente estava eu lá mais à frente. Em 2020 eu recebi o convite para ser candidata à vice-prefeita, não ganhamos, obviamente, mas ficamos em segundo lugar, era uma chapa que nunca tínhamos sido candidatas a nada, né? Por amor mesmo que a gente estava ali, por gostar, por acreditar. Logo em seguida, pela atuação que fui uma candidata à vice, onde a minha condição a ser vice era poder fazer campanha, porque normalmente os vices são figuras decorativas, né? Mas eu disse que ia, mas eu queria ir para a rua, queria conversar com as pessoas, eu queria ouvir as pessoas e assim foi feito. Depois, em 2021 eu recebi o convite da então vice-governadora Luciana Santos, hoje é a ministra da ciência e tecnologia, para ser candidata a deputada estadual aqui em Pernambuco.

E aí nesse processo meu esposo faleceu, pouco antes das eleições, mas eu resolvi continuar, não fiz pré-campanha, fiz uma campanha muito tímida aqui só em Petrolina, porque o intuito seria me apresentar como [nome], não como vice de alguém, e tive uma experiência muito bacana, muito enriquecedora, me ajudou em todos os aspectos da minha vida. Como eu tenho certeza também que eu pude ajudar muitas mulheres, empoderar muitas mulheres, muitas mães, quando você está na rua e uma mulher chora contigo te falando dos problemas e te pedindo para lutar pela agenda da mulher e você sente realmente a carência. Foi mais ou menos isso que eu vivi de 2008 para cá.

P.2. Muito legal sua história! Então, você diria que o seu interesse pela política surgiu a partir de trabalhar na prefeitura, na secretaria, ou já desde antes?
R: Não, o meu interesse pela política foi despertado com certeza quando eu fiz parte da agência do meio ambiente, quando eu podia facilitar a vida das pessoas, a gente vê um sistema muito burocrático e às vezes despreparado. Então quando você consegue atender bem as pessoas, você sente a gratidão das pessoas, quando você enxerga que consegue mudar a vida das pessoas, você se sente bem automaticamente, você sente que está cumprindo o papel. Eu não tenho família na política, e na escola, na faculdade, nunca tive uma vivência, nunca fui direcionada ou nunca foi passado para mim e acredito que para a turma, porque a gente não vê isso nas escolas, um ensinamento sobre as instituições, sobre a política, sobre a diversidade, a democracia. Principalmente antes, agora a gente com a globalização, com a internet, a gente vê que a gente consegue ter mais acesso às informações, mas da minha geração, que é mais ou menos um intermediário, mas a gente ainda pegou uma geração mais para lá, né? Era bem difícil, assim, eram mais conteúdos para vestibular, enfim, pouco social e ambiental.

P.3. E qual é a sua motivação hoje para participar da política?
R: Bom, é muito difícil, como uma pessoa que não tem família na política, principalmente na nossa região, na nossa cidade, Petrolina, que é uma cidade que você vê que é bem patriarcal, você vê que a gente tem uma família que domina a cidade por muitos anos, e você não vê uma mulher com sobrenome em nada, somente homens. Então assim, além de não ter família na política, ser mulher, e aqui é bastante difícil, sei que na verdade a realidade do Brasil é bastante delicada, mas aqui sofri muitos embates e muitas dificuldades.
Então o que me motiva, primeiro, é saber que eu gosto, que eu quero, que eu me sinto bem ajudando as pessoas, e segundo, que não foi fácil chegar até aqui, então também não é fácil desistir. A gente pode se replanejar, se reprogramar, você nunca tem o domínio da sua vida por completo, como foi o meu caso, que eu acabei em 2022 perdendo o meu esposo e aí, enfim, atrapalhou em todas as searas, e aí a gente precisa se replanejar, tem filho, tem casa, mas aquilo que tem dentro de você está lá sempre dentro de você, então isso motiva.

P.4. Entendi. E como e por que você resolveu se tornar candidata?
R: Então, como eu te falei, eu participei da campanha, eu era coordenadora da juventude em 2020, e aí a gente ia para os sinais. Eu tinha a responsabilidade de levar todos os jovens para vários sinais aqui do município, nessa época eu era secretária. Inclusive nessa minha participação de rua, o meu atual sócio, também era secretário na época, foi até contrário, disse ‘’*você é secretária, vai para o meio da rua?*’’, aí eu falei ’’*eu quero ir, eu gosto, eu quero sentir*’’, e ali me despertou, a mosquinha da política me picou. Ali, eu pensei que eu gosto de estar aqui, eu gosto de incentivar, eu gosto de liderar, eu gosto de conversar, eu ia para a rua, conversava, tentava convencer as pessoas de que o nosso projeto era o melhor. Eu comecei a pensar que nunca tivemos uma prefeita eleita na nossa cidade, a participação das mulheres é muito tímida na nossa cidade, sempre foi, e eu não vejo uma agenda rigorosa, uma agenda para mulher na nossa cidade. Então eu decidi, tanto seguir uma agenda para mulheres e crianças, quanto para minha área, que é a área de sustentabilidade, que a gente tem uma região muito sensível, já com áreas áridas, e a gente vive da água do Rio São Francisco e de frutas, já estamos passando por uma transição muito forte por causa das mudanças climáticas. Eu

sempre defendi, durante essa minha caminhada, que a gente precisa pensar no valor do São Francisco sustentável, e que a gente também precisa olhar para as mulheres e para as crianças, porque somos mais da metade da população.
E não tem muitas pessoas em posições de poder que se coloquem sobre a área ambiental [na cidade], até porque é uma área que vai encontro a certos interesses, né? Se você colocar na balança o interesse econômico e o interesse ambiental, infelizmente ainda o interesse econômico vai prevalecer. Então, com certeza, quem tem essa pauta ambiental, mesmo que não seja aquela pessoa chiita, no meu caso, eu defendo a sustentabilidade, que é o equilíbrio social, natural e o econômico, mesmo assim não recebe tanto incentivo, não é visto com bons olhos, então é bem difícil.

P.5. Você falou que primeiro foi sua candidatura a vice-prefeita. Como foi que você chegou nesse lugar da candidatura?
R: A partir da minha participação na rua, na campanha de 2020, eu comecei a me preparar. Então, eu saí de uma [nome] que só olhava para a área ambiental e parti para estudar mais sobre as outras áreas, educação, saúde, assistência social, e comecei a me aprofundar. Então, na pandemia, eu comecei a fazer lives, a gente fez lives com médicos, a gente fez lives com secretários estaduais, secretário de meio ambiente de Pernambuco, secretário de educação de Alagoas, diversas profissões, diversos temas. Isso chamou a atenção de Júlio Lóssio, que foi o prefeito de Petrolina. O filho dele era candidato a prefeito de Petrolina e ele me convidou para ser a vice por ser mulher, por defender a bandeira ambiental e por estar preparada. Então, eu aceitei o desafio, como também era uma forma de ter essa experiência, que eu queria muito ter essa experiência e queria muito que tivesse dado certo.

P.6. Você foi secretária no governo dele também, né? Isso deu uma proximidade maior?
R: Sim, trabalhei com ele nos últimos dois anos do mandato. Ele precisava de uma pessoa técnica para assumir a agência do meio ambiente, e como eu tinha chegado lá como estagiária voluntária, eu tinha chegado pelo protocolo, então eu sabia do protocolo. Foi a partir daí que ele precisava de uma pessoa técnica e eu assumi.

P.7. O que você levou em consideração para tomar essa decisão de aceitar a candidatura e depois de continuar nesse caminho?
R: Primeiro de tudo, como eu lhe falei, o desejo e a vontade de caminhar com as pessoas, de fazer a diferença. Levei em consideração a minha família também, antes de aceitar eu conversei com a minha família, porque os anos que eu fiquei à frente da agência municipal de meio ambiente, eu fui muito perseguida, inclusive perseguição mesmo de carro, fui várias vezes prestar queixa, fui descredibilizada, desacreditada pela imprensa, por ser mulher, por ser jovem. Então, eu tinha acabado de ser mãe, meu filho tinha quatro meses, ainda amamentava, mas eu resolvi assumir o desafio de ser secretária, porque era um posto máximo e era uma realização também, e eu sabia que eu conseguia dar conta, mas fui muito descredibilizada. Sofri atentados, a agência sofreu vários atentados também para que eu desistisse. Então assim, eu nunca fui de desistir, eu fui sempre de correr atrás dos meus objetivos e do que eu acredito. E aí quando eu fui convidada para ser candidata à vice, eu levei em consideração toda a minha trajetória, levei em consideração também a imensa vontade de contribuir, de dizer, ‘’*olha, não*

somos de família tradicional, mas temos preparo. Somos mulher, precisamos abrir caminho para as mulheres, precisamos olhar para as crianças, a gente sabe onde o calo aperta enquanto mulher''. E se as mulheres tivessem esse entendimento, votariam mais nas mulheres, porque a gente sabe, enquanto mulher, o quanto é difícil nosso dia a dia, e a quantidade de políticas públicas que a gente precisa para melhorar, isso só pode acontecer a partir das mulheres. Os homens podem até pensar em determinado assunto, mas nunca vão ter a mesma sensibilidade que a gente tem.

P.8. Em relação a recursos, por exemplo, de tempo, como foi isso para você? Levando em consideração que a política, seu trabalho na secretaria, a maternidade, tudo demanda muito tempo.

R: Um fator bem, bem difícil. Ser mãe, ser esposa, ser dona de casa, ser secretária, lhe coloca em xeque a todo momento, várias vezes eu pensei, ''*eu sou uma péssima mãe, eu não vou conseguir, meu filho não vai gostar de mim*''. É preciso muito apoio psicológico para você continuar, porque quando você está na política, você precisa estar a serviço da população, e você tem hora para sair de casa, não tem hora para voltar, e às vezes quando você volta, ainda tem telefone, ainda tem gente na sua casa, então é bem desafiador. Agora ainda mais, porque após ficar viúva, passou toda a estrutura familiar a mim, então é uma responsabilidade gigantesca de casa, de filho, de família, de escola, de trabalho, de dar conta financeira, emocional, fisicamente. E a política, nesses últimos tempos eu fiquei um pouco… Eu precisei reorganizar minha vida, mas quando eu falo da política, o coração chega balança.

P.9. Como foi o apoio para você? Você falou que quando foi aceitar a candidatura, você conversou com sua família. Como que foi o apoio deles?

R: A primeira coisa que eu falei foi, eu preciso conversar com minha família, porque eu entendo que a família é a base, e quando você está na pior, é a família, pelo menos a minha, é a que está com você. Quando você está na melhor, tem muita gente, mas quando você está na pior, normalmente é sua família mais próxima que lhe ajuda. Assim, a todo momento nas minhas duas candidaturas, a minha família foi essencial. Sem a minha família, eu não teria conseguido, porque me ajuda com meu filho, me ajuda com as minhas responsabilidades. Em campanha, a gente não tem tempo, não tem tempo para trabalhar, a gente não tem tempo para cuidar de filho, a gente não tem tempo de ter uma vida social. A gente acorda de 5 horas da manhã até onze, meia-noite, uma hora da manhã, é campanha, é rua, e aí depois que você assume também uma posição, da mesma forma, então você abdica de muitas coisas, especialmente do seu tempo de vida para se dedicar ao serviço público.

P.10. Em relação ao apoio político, a primeira você foi convidada, depois também foi convidada para a segunda candidatura de deputada, então como que foi esse apoio político?

R: Foi uma das áreas que eu mais senti na minha segunda candidatura, à deputada estadual. Porque quando eu fui vice, de certa forma, você está ali com a sua dupla, com o seu grupo [o apoio é maior ao candidato principal]. Mas quando eu fui candidata a deputada estadual, todas as pessoas, todos os candidatos, todos os atores políticos, não só da sua cidade, mas da sua região e do estado, eles passam a lhe ver como um empecilho, eles passam a ter medo, eles

passam a lhe enxergar como possível e é, como concorrente. Então assim, nessa última eleição eu sofri muita violência política. Foi bem difícil, porque além do desgaste emocional e físico, eu ainda tinha que lidar com fake news, com, por exemplo, tinha candidato próximo a mim que colocava a bandeira dele na frente da minha, chegaram a me dizer assim, ‘’se você for candidata eu vou espalhar que você…’’, é até delicado de dizer, ‘’*se você for candidata eu vou lhe dizer que você é traíra*’’, posicionamentos bem delicados por parte de homens e bem agressivos. E assim foi feito, mas mesmo assim eu fui candidata. Já teve gente que disse assim, ‘’você não precisa ser candidata, se você me apoiar você vai ter um lugar no meu gabinete, na minha assessoria’’, eu disse não, eu não quero um lugar no seu gabinete, eu quero ter voz. Porque você é homem e eu sou mulher, você não vai representar as pautas que eu posso representar. Tentativas mesmo de que eu não concorresse.

P.11. Quando você foi pela primeira candidatura de vice, foi por qual partido?
R: Foi pelo PSD.

P.12. E aí quando foi na próxima, de deputada, foi pelo mesmo?
R: Não, foi pelo PCdoB, **já foi uma aproximação que, a minha agenda e as minhas pautas são mais progressistas. E aí eu me aproximei mais da esquerda. E o ambiente do PCdoB com Luciana Santos me deixou muito à vontade e me conquistou, porque ela é uma mulher que tem muita representatividade, muito humilde, muito simples. Eu admiro muito Luciana, então eu aceitei o convite dela.** E foi dessa forma, eu saí do PSD e fui para o PCdoB.

P.13. Como foi essa mudança?
R: Eu recebi o convite do presidente para ter uma conversa, falei da intenção de caminhar e ele disse, olha, a gente está à disposição para conversar. [nome do presidente] é um cara muito sério, você vê que ele tem o desejo de renovação da política, de ver as coisas acontecerem, é muito legal. E aí ele sugeriu essa conversa em Recife, a gente foi para lá e teve essa conversa e deu certo, já voltei de lá, já decidida que ia ser candidata.
Então eu senti essa abertura. Porque os partidos normalmente são comandados por grandes figuras da política. E outros, quando não são comandados, você às vezes vê muito aquela coisa de eles interferirem de alguma forma, em troca de alguma coisa, e o PCdoB não tem isso. O PCdoB é uma decisão colegiada e que não vai te rifar, o que eles dizem é isso, vai ser assim, você vai ser candidato, você vai ter isso e realmente a minha experiência com o PCdoB foi essa, de muita seriedade.
Porque o que poderia ter acontecido é que quem mandava no PSD, por exemplo, não tinha interesse na minha candidatura, quem mandava em outro partido também não tinha interesse. Quanto menos pessoas novas, jovens e mulheres, homens também, quanto menos pessoas aparecerem, melhor para quem já está na disputa. A renovação de cadeiras na cidade é muito pouca. Até está acontecendo agora aqui, tanto no nosso estado quanto na nossa cidade, muito por obrigação, por exemplo, aqui a gente teve muito tempo a mesma família que só revezava, eles brigavam entre si e revezavam. Agora, com a chegada da Univasf, que foi importante, a internet é importante também, porque a gente saiu de duas candidaturas da mesma família e hoje a gente tem a possibilidade de ter 5 ou 6 candidatos que são pessoas daqui, que não têm

família tradicional na política, então apesar de ser muito difícil, ainda mais as coisas vão começando a diversificar, a democratizar mais.

P.14. Dentro do partido, você acha que existiu apoio e incentivo no sentido também de instrução, de treinamento para a candidatura e para a vida política?
R: Sim, eu tive uma facilidade porque como eu já vinha me preparando, o meu sócio também é da área de planejamento, o trabalho dele é preparar candidatos, preparar candidaturas, fazer plano de governo, a gente trabalha juntos na elaboração de plano de governo, então a gente já tem essa experiência. Mas sem dúvidas o partido, o PCdoB foi muito justo, atuou bastante, oferecendo toda a assessoria técnica, jurídica, fundo partidário certinho, conforme combinado. Então assim, por esse lado aí existiu sim e existe sim o incentivo do partido para essa caminhada.

P.15. Como foi a questão de recurso para a sua candidatura?
R: É muito difícil assim, historicamente para a mulher, essa questão de recurso. A gente veio conseguir há pouco tempo o direito de nossas candidaturas de fato existirem, porque antes existia muita maquiagem, mas agora com a penalização dos partidos, agora realmente nós temos uma porcentagem de mulheres candidatas, mas nós temos problemas com essa questão ainda de fundo partidário, porque essa divisão ainda é muito discricionária, então é um desafio.
Para minha candidatura, eles mandaram recurso que deu para a gente fazer uma campanha como a gente pensou, naquele momento eu não podia ampliar muito a campanha por diversas limitações, mas foi feita uma campanha aqui na cidade. Eles deram recurso, como eu lhe falei, financeiro, técnico, jurídico, a gente recebeu algumas doações também e a gente conseguiu fazer a campanha. Se tivesse mais seria ótimo, né? Sempre precisa de mais, mas assim, eles cumpriram sim com o que [foi estabelecido]. Esse ano, o ambiente ainda está se formando, então estamos observando os cenários para tomar as melhores decisões.

P.16. Agora falando um pouco sobre a presença das mulheres na arena política. Você já falou um pouco das dificuldades, das perseguições sofridas. Como você percebe a arena política para as mulheres?
R: A gente não pode negar que tem tido avanços, mas a passos curtos. Afinal de contas, somos mais da metade da população, e a gente não consegue ter uma representatividade fiel do nosso número. Então, a gente precisa incentivar, chamar a juventude, as mães, para começar a participar desse processo, dos debates. A gente sabe que, culturalmente, principalmente a nossa geração para trás, foi criada para diversos aspectos fora a política, mas eu tenho esperança de que, a partir de agora, com a globalização e a tecnologia, cada vez mais possamos ter um ambiente diverso, com mais mulheres fazendo política, porque só assim realmente conseguimos ter uma democracia. Tem números que mostram que as mulheres em espaços de decisão são menos corruptas, mostram resultado… Então, a gente precisa encorajar mais mulheres.

P.17. Pensando na sua experiência, a falta de mulheres na política vem do lado delas, que não querem se candidatar, ou do lado dos partidos, que não apoiam?

R: Nos partidos, hoje, é um pouco mais difícil porque tem a cota feminina que precisa acontecer. Mas, com certeza, existe muita resistência das mulheres, que estão focadas em outras áreas. E também existe uma dificuldade pela questão da violência política, pela dificuldade de conseguir espaço mesmo. Tem mudado muito, a gente vê campanhas com relação a esse espaço, mas é bastante difícil.

P.18. Quais as principais diferenças entre homens e mulheres você vê na competição eleitoral?
R: Primeiro, a mulher é descredibilizada, e até por muitas outras mulheres, infelizmente. A gente precisa não só eleger mulheres… Por exemplo, eu estive em uma situação que eu estava defendendo uma comunidade aqui de Petrolina, e fui atacada por uma vereadora. Então além do machismo que existe, existe também a barreira das próprias mulheres, até de pensar ‘’*vai tomar meu lugar*’’. O desafio para novas candidaturas, novos atores, é extremamente grande.

P.19. Quais são as violências mais latentes que você vê nesse campo, por parte dos homens?
R: Assédio, tem muito assédio. Como eu falei, descredibilização, julgamento muito forte. Uma série de violências psicológicas, verbais, que você precisa ter muito emocional para bancar.

P.20. O que mais importa em uma disputa política para conseguir ganhar?
R: Tem correntes que dizem que o que importa é voto, mas eu acredito muito em projeto. Acredito muito em raciocínio, ideologia, posicionamento. Não dá para ficar pulando de galho em galho para conseguir alguma coisa. Quem faz dessa forma tem voo de pato, que é voo curto. Eu prefiro manter minhas convicções. O respeito para mim é muito mais importante, com o povo, com os projetos. Enquanto representante, não se pode fazer nem falar qualquer coisa, tem que ter responsabilidade. Isso pra mim é fundamental.

P.21. É isso, terminamos! Muito obrigada.
R: Obrigada pela oportunidade! Qualquer coisa só chamar.

ENTREVISTADORA: Barbara Salviano
ENTREVISTADA (Nome fictício): Isadora Carvalho
CATEGORIA: Pré-candidata
PARTIDO: PSOL
DATA: 12/04/2024
LOCAL: Online, via chamada de vídeo WhatsApp

P.1. Vou pedir para você se apresentar, falar seu nome, sua ocupação, sua formação e seu estado civil.
R: Eu sou [nome], conhecida aqui em Petrolina como [nome], e hoje eu estou aposentada. Da agricultura, eu fui assessora da Pastoral Rural da Diocese de Petrolina por seis anos, de 92 a 99, e depois fui assessora do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de 99 até 2016, e hoje estou

aposentada. Sou voluntária nos movimentos, mas sem cumprir horário, sem receber nada por isso.

P2. Antes da gente continuar, você me autoriza a gravação?
R: Sim, autorizo.

P3. Obrigada. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?
R: Na verdade, inicialmente eu posso dizer que lá no subconsciente foi a partir da minha história. Meu pai era agricultor, mas o único na região que sabia ler, escrever, que ensinou a gente, ensinava também os filhos e as filhas da comunidade, e ele já tinha todo esse interesse de luta pelos direitos, ele era quem viajava para Ouricuri, para Salgueiro, onde levava todos os documentos do pessoal, tanto para fazer como para pagar os impostos, foi recenseador também, e ele já era um revolucionário. No início eu não entendia muito, às vezes até reclamava, porque a gente tinha tão poucos recursos e tinha que gastar com isso. Depois eu fui percebendo que ele tinha razão, principalmente pela luta dele no movimento sindical nos anos 70, com muita dificuldade conforme a mulher retrata naquele áudio que eu te mandei, e até que um dia a gente fez uma formação sindical e eu entendi que ele estava certo, e aí comecei a participar. Através dessa participação voluntária na comunidade, eu fui chamada pelo padre, que não era brasileiro, era italiano, que fez um projeto na Pastoral Rural em um tempo de muita seca, de muita vulnerabilidade dos trabalhadores e trabalhadoras na área sequeira. Esse projeto foi a partir de 91, que contemplava visitas nesse sertão, e distribuição de sementes, palestras, era um equipe, e até parava com as conversas que o poder público deixava a desejar e nem falava disso, era como se fosse uma coisa natural [que passassem dificuldades], e a gente começou a se questionar, afinal não era natural, era uma fragilidade dos políticos que diziam representar [o povo]. E aí depois disso, do trabalho da Diocese, eu fui para o sindicato. No sindicato foi mais intenso ainda na minha concepção, porque os trabalhadores e as trabalhadoras passam por muita dificuldade, e tenho um respeito muito grande pelo movimento sindical, é uma luta muito árdua, muito eficiente naquela época, porém na hora de votar, estavam aderindo ao sistema. E é o que deixava os trabalhadores nessa situação [de dificuldade].
E eu já vindo dessa escola de meu pai, eu me questionava, e chegou um momento lá no sindicato que eu me filiei. Me filiei ainda trabalhando na Diocese, e a gente não se candidatou, a gente sempre apoiou [nome]. Então, eu não era candidata, mas depois eu vi que o PT aqui, principalmente no município, no Brasil, fugia daquelas origens que eu pensava, com toda aquela ascensão para Fernando Bezerra e tudo… E eu não acreditava nele, eu não acreditava na política do Fernando Bezerra, do seu grupo, eu era triste porque enganava o povo e tudo, e aí... com essa do PT lá... nós resolvemos criar o PSOL, fundar aqui no município**.** Já tinha conhecimento da luta do PSOL, da expulsão dos deputados e deputadas, que foram contra a reforma da previdência, a gente já tinha esse conhecimento, que eles foram expulsos do PT por conta disso, e fundaram o PSOL. Isso a gente começou a admirar, a gostar dessa ideia, e aí fundamos o PSOL no final de 2007, e naquela época só tínhamos três candidatos, três pessoas que se dispuseram a ser candidatos a vereadores. Rosalvo se candidatou a prefeito, a gente já tinha um relacionamento, e surgiram os três candidatos a vereadores. Aí no caso de mulher só tinha eu. Eu era a única mulher no partido, e aí me

candidatei a vereadora, e no sindicato foi um choque porque todo mundo lá ignorava essa política.
Já no início, quando eu era do PT, eles já discordavam um pouco, mas me acolheram, e a gente fez um trabalho muito grande, principalmente nas áreas de assentamento, eles tinham muitas ocupações rurais, e depois na área social também, junto à previdência, à justiça, intermediando os trabalhadores, através do sindicato para que eles conquistassem os seus benefícios, tanto da previdência e assistência social como da reforma agrária, das casas. E aí eles me aceitaram porque eu já tinha passado por essa experiência voluntária na comunidade e depois na diocese, então a gente tinha uma convivência, e eles acataram essa ideia de me colocar lá por conta dessa convivência. Quando eu fui para o PSOL, já foi pior ainda, porque se no PT eles já no início já tinham essa repugnância, porque eles eram dos outros partidos aí, imagina agora eu ir para o PSOL. Aí ficou difícil. Eles se reuniram e disseram que gostariam que eu ficasse lá, que eu apoiasse o sobrinho do presidente [do sindicato], que ia sair candidato. Eu não tenho nada contra, pelo contrário, eu gostava muito dele, eu gosto muito dele, mas ele era candidato a vereador pelo PSL. E eu disse a eles que tinha outro grupo lá que apoiava [nome] e que outro grupo lá apoiava outros candidatos, mas que não tinha nada a ver com o que eu defendia. O que talvez se aproximasse mais fosse [nome], mas mesmo assim as posturas dela aqui junto ao grupo de Fernando Bezerra Coelho, eu já havia questionado e já havia descartado para a minha pessoa. Aí eu falei para eles que a minha decisão estava tomada. Se eles não quisessem me aceitar, eu não ia poder fazer nada a não ser sair, mas que eu não ia desistir da minha posição de ajudar na criação do PSOL aqui em Petrolina. Eu falei que precisava de candidaturas e não tinha ninguém quase filiado, que eu ia ajudar nisso. Aí me candidatei, fiquei com toda a restrição lá, fiquei afastada do trabalho, não tinha mais direito ao telefone de lá, devolvi o celular e tudo, e fiz a campanha na época sem nada, não tinha nem uma bicicleta, e tive 248 votos naquele momento. O candidato deles teve 500 e poucos [votos], mas tinha uma estrutura boa, que não dá nem para comparar. E aí eu fiquei nessa situação de muita ousadia, porque foi um constrangimento. Virei a ovelha negra, não fiz surpresa porque quando eu cheguei lá a minha posição política já era diferente, eles sabiam. Aí quando passou a eleição eu pensei que eles iam me demitir, mas não, eles me acolheram, e devolveram o celular, e com tudo que eu sabia antes, parabenizaram e tudo.
Na próxima eleição, eu fui de novo, aí um dos companheiros que foi [candidato a] vice-prefeito se candidatou a vereador, então aqueles votos meus que eram da família dele diminuíram. E aí daí para cá a gente continuou, não fui mais candidata, mas continuei apoiando, até quando me aposentei. Nunca tinha sido da direção, eu só apoiava, nunca tinha sido da direção, e recentemente, esse penúltimo mandato eu fui presidente do PSOL aqui, e também da Federação Rede-PSOL**,** mas depois aí outro grupo ganhou a eleição da gente por três votos, e eles ficaram na direção. [nome], inclusive, que deu o meu nome para você, ela impôs que queria ficar na Federação lá com os outros companheiros da direção, né, [presidente], [nome], e eles pediram, digamos assim, a minha cabeça, né. Mas eu fiquei do mesmo jeito, só com essa atribuição a menos, como voluntária. E por já ter esse conhecimento, um grupo em Recife me acolheu para que eu fizesse parte do diretório estadual, por entender que seria, na visão deles, um desperdício ficar aqui sem assumir nada. E me botaram também na setorial de mulheres do partido, mas [eu] não estava nem pedindo, eu ia continuar do mesmo jeito aqui, fazer trabalho voluntário, apoiando e tudo, sem nenhuma

ganância. Aliás, as vezes que eu dirigi não foi nem para [ganhar] voto. Esse ano eu discordei de algumas coisas do companheiro [presidente], aí eu disse, já que ele impõe a candidatura a presidente, eu vou me candidatar também para a gente concorrer. E aí, por alguns descasos nossos, eles ganharam da gente por três votos. Hoje eu estou na direção estadual e também na setorial de mulheres e também no conselho estadual de saúde, que só tem uma vaga aqui no sertão, que é do Recanto Madre Paulina, já é a segunda vez que eles me chamam.

P.4. Só para confirmar, esse movimento inicial de você entrar [na política] foi primeiro pela parte do seu pai, de você entender a importância do movimento, e aí depois pela pastoral, isso?
R: Sim, sim. Depois que eu evoluí um pouco, com a insistência de meu pai, desse apoio da minha mãe também, eu passei a ser catequista voluntária. A partir daí, conhecendo esse padre, que hoje é bispo no Pará, Dom Adriano, que me envolvi.

P.5. Entendi. Falando agora mais um pouquinho de candidatura, quando você estava no PT, você não foi candidata nenhuma vez?
R: Não, nunca me propus e talvez se tivesse não teria sido aceita, mas não era esse o meu propósito na época, não. Aliás, não era o meu propósito [em momento nenhum], meu pai nunca se candidatou a nada, com todo esse destaque que ele tinha na região, porque só ele na região, na época da gente, sabia ler bem, mas ele nunca quis ser candidato na época, nunca aceitou, eu não tinha essa pretensão de jeito nenhum. Agora, eu já era muito injuriada com as coisas que eu sabia que estava errada, porque a gente tem uma proposta de fazer diferente, aí quando eu vi que as coisas pendiam para coisas iguais, aí eu ficava pensando que era pior, porque quando eu me proponho a fazer melhor e eu começo a relativizar, a me igualar a eles, eu fico pior que eles, porque meu propósito era outro. Então eu entrava no debate, discutia muito lá no PT, no sindicato não, porque no sindicato eu estava na condição de funcionária, somente nunca baixei a cabeça, sempre disse a eles, ‘’*a minha postura é essa, discordo da política que vocês fazem, partidariamente dos candidatos que vocês apoiam*’’, porque na luta não havia nada parecido com o comprometimento dos trabalhadores.

P.6. Quando você entrou no PSOL, na primeira eleição, você já foi candidata a vereadora?
R: Foi, porque aí a gente se propôs a fundar o partido. Já tinha alguns companheiros aqui que eram filiados, que era o Dr. Lígio, que hoje trabalha no Hospital de Traumas, teve o Padre Antônio, que filiou-se também, depois saiu, e tinha mais dois rapazes, que inclusive um deles foi candidato a vereador com a gente, na época. No meio da campanha, ele se desestimulou, ainda hoje é filiado, mas desistiu da candidatura. Aí ficou só eu e mais dois candidatos a vereador, que fomos até o final da campanha.

P.7. Por que você tomou essa decisão de ser candidata nesse momento?
R: É porque o partido precisava. A gente ia fundar o partido, a gente não queria somente se filiar e ficar só com as notícias de Recife e de São Paulo, do Rio, a gente queria também mostrar alguma coisa aqui em Petrolina, e não tinha ninguém pra fazer isso, aí por isso que eu me propus a me candidatar. Nós chamamos essas quatro pessoas conhecidas que tinham

interesse, todos homens, pra uma reunião, inclusive foi aqui em casa, pra dizer, ‘’*olha, a gente está disposta a participar também, a gente quer se filiar*’’, e não tinha comissão provisória aqui, não tinha nada, só tinha eles que eram filiados, e nunca tinham se candidatado a nada. Aí a gente chamou, disse, ‘’*olha, a gente discorda dessa posição do PT nesse momento, e aqui em Petrolina essa aliança está ridícula com esse Fernando Bezerra, que sempre traiu a nós, e a gente quer participar, quer fundar o PSOL de verdade aqui*’’. Aí eles, tudo bem, né, a gente foi pra Justiça, podia fazer a candidatura sem ter ainda o diretório, podia somente comunicar. Aí nós mesmos fizemos o documento, [nome] fez o documento através da comissão provisória, e mandamos para o cartório já oficializando as nossas candidaturas. E o interessante é que, eles [dos outros partidos] têm milhões pra campanha, a gente não tem nada, mas a prestação de conta tem que ser do mesmo jeito, os critérios são os mesmos, e graças a Deus a gente nunca foi judicializado. Depois da minha candidatura, teve uma senhora que queria se candidatar e ela lia bem pouquinho, quase não assinava o nome, e a Justiça recusou no início, e aí [nome] fez uma defesa de que ela tinha direito a se candidatar e tudo, e a Justiça acabou acatando.

P.8. O que você levou em consideração para se colocar nesse lugar? Porque antes você disse que nunca tinha querido se tornar candidata, então por que nesse momento, quais foram as motivações nesse sentido?

R: Eu entendo que tendo quem defende as minhas propostas, tendo quem defende o que eu defendo, merece o meu voto sem precisar que a gente esteja lá, eu entendo assim. Nesse momento não tinha. Não tinha, a gente tinha se decepcionado no PT, e não tinha partido de esquerda aqui. A gente tem admiração pelo PCdoB, pelo PCB em partes, mas eles não tinham candidatos. Eu me coloquei justamente por isso, porque para fundar o partido nas condições que era aqui em Petrolina na época, a gente tinha que estar na frente, porque não tinha ninguém que quisesse, tanto é que a gente divulgou e ficou só três. Hoje eu sinto que dei minha contribuição, o partido está competitivo, saí da presidência agora, só foi esse mandato como presidenta mas deixamos o partido competitivo, visado, procurado pelas pessoas. [nome] nunca deixou essa luta, inclusive é pré-candidato nessas eleições agora, sempre levou o nome do partido, e a gente apoia e a gente percebe o quanto é difícil entender. Por exemplo, muita gente chega para [nome] e pergunta porque ele só quer sair candidato a prefeito, e não entende que isso é um peso. É porque é preciso, ninguém quer, ninguém quer, pouquíssimas pessoas aceitam sabendo que não vai ter vantagens, é só para carregar uma bandeira que a gente acredita e que está necessitando**.** Na verdade não era o meu objetivo não, tanto é que agora eu não quero, eu quero dar a minha contribuição independente de estar candidata, mas na época alguém tinha que fazer isso, porque se não, não saía, né.

P.9. E por que não mais agora?

R: Agora... tem mais gente. Agora já tem mais gente, tem mais mulheres… A gente tem recentemente uma mulher que é líder do MTST aqui no município, pode ser candidata… Tem uma catadora que se filiou, que tem esse interesse, tem outras mulheres, graças a Deus. Não é um mérito só meu, mas a maior parte das pessoas do partido até hoje foram filiadas por [nome]. A gente tem que deixar outras pessoas, outras mulheres ocuparem esse espaço.

P.10. O que você acha que afasta você da política formal? Tem coisas que te impedem ou que você não tem disposição de lidar dentro da política formal?

R: Impedir, impedir mesmo não, porque quando a gente quer a gente... [vai atrás], é o que nós fizemos na época. Mas hoje tem muito desafio assim, você vai entrar sabendo que a corrupção é grande, a perseguição, a discriminação, a ironia. Hoje eu não estou decepcionada com o PSOL, porque nós temos as melhores representações a nível nacional. Nós crescemos também, nós temos o mesmo número de deputados federal que partidos como o PSB, 14 deputados, então avançamos muito, uma qualidade muito grande. Mas localmente tem muita ironia, muita discriminação, muita corrupção, muito dinheiro. Hoje a direita adotou uma tática muito perigosa que é, em cada rua, eles investem em um candidato. Porque se tem um candidato na minha rua do lado deles, nem esse candidato, nem a família dele vai votar em mim. Então, eles acionam candidatos do lado deles nos bairros, porque eles sabem que aquela pessoa não vai chegar, porém, vai somar o voto para que eles tenham a maioria dos votos. Isso é uma coisa intrigante, a gente ver que nossa voz ainda está longe de conscientizar as pessoas de que eles não querem nada de bom para a gente. Eles querem somente tirar o voto de quem pode fazer diferente para eleger os que realmente eles querem eleger.

Na minha época, meu pai contava que ele fez umas perguntas ao Felipe Coelho, que a mulher dele era irmã da avó do Fernando Bezerra Coelho daqui. E meu pai fazia os títulos das pessoas na época, era manuscrito, meu pai discordava dele, mas entregava tudo direitinho. Uma vez ele [Felipe Coelho] disse que admirava [o meu] pai porque sabia que o pai discordava da política dele, mas não prendia os votos dos eleitores dele. Aí o pai disse... ‘’*porque votar é um direito deles. Escolher é um direito deles. E eu não pude ainda dizer para eles o suficiente que você não é digno do voto deles*’’. Agora o que eu quero te perguntar é o que se faz para não fazer nada por ninguém e ser sempre eleito. Aí ele [Felipe Coelho] disse... ‘’*São três segredos... O primeiro é... pediu, prometa. Eleitor gosta de mentira.”* Veja que descaramento desse cara. ‘’*O segundo é... não invista em muita gente no mesmo lugar, procure o líder e invista nele. E o terceiro não vou dizer para você não aprender.*’’ Aí o pai acha que era roubar nas urnas [o terceiro segredo].

Enfim, essas táticas deles nos intrigam. E essa educação muito distante da população… Isso que acontece na política. E não dá para entender, mesmo nos bairros periféricos, o povo com lama na porta de casa, mas vota no cara que está colocando o brilho no centro da cidade, porque é por onde passam os turistas. Eu acredito que se a gente tivesse um tempo, se eu tivesse mais condição física e financeira para visitar o povo e conversar sobre isso sem ser candidata... para mim era melhor.

P.11. Entendi. Em relação a apoio, imagino que tenha tido o apoio do partido. E apoio de família, de amigos, como foi?

R: Teve uma aceitação muito grande, no meu caso aqui, a família votou. Agora, o apoio financeiro é que não tinha, não tinha fundo partidário, o partido não disponibilizou nem um centavo na época. Eu acho que em todas essas candidaturas nossas o maior recurso que a gente já recebeu foi de quatro mil reais, quando [nome] foi candidato a deputado federal. Mas no meu tempo não recebi. O que eu recebi de última hora na época foram santinhos que chegaram até com os nomes trocados, porque fizeram lá muito rápido na gráfica. A gente não tinha combustível, era tudo a pé, era tudo com muita dificuldade. Foi uma experiência

realmente para nunca mais esquecer. Mas nós tínhamos consciência disso [de que seria difícil], mas a gente entrou porque a gente não queria votar em branco, não queria votar nulo, e não acreditava nos que estavam aí para nos representar.

P.12. O que mais você considera como dificuldades da candidatura, da campanha?
R: Para mim, é isso. Eu não me acho velha, mas já tenho muitos anos de caminhada e tenho uma certa limitação hoje em relação à saúde, porque eu fiquei com diabetes. E tem que ter muita mobilidade... Na época a gente fez de tudo, mas eu tinha mais disposição física. Hoje eu acho que eu não teria mais tanta disposição física para andar tanto, porque é muito difícil a situação física para você andar de casa em casa hoje… Teria mais possibilidade porque hoje a gente tem um transportezinho. Isso do fundo partidário, que é pouco, mas comparando com o meu tempo é melhor, que na época não teve nada. Hoje eles disponibilizam material… Mas hoje eu não teria mais tanta disposição física para fazer uma campanha acirrada. Nas minhas campanhas, em muitos lugares a gente não conseguiu chegar por falta de recursos, e hoje talvez tivesse essa dificuldade financeira porque o que vem é muito pouco… Mas é isso.

P.13. Dentro desses espaços, da arena política e partidária, você percebe diferenças de tratamento entre homens e mulheres?
R: Tem... tem sim. Os partidos de esquerda hoje têm uma diversidade, mas tem as tendências e eu questiono muito. Já no PT, quando eu estava no PT. Porque muitas vezes, a razão estava com a pessoa da outra tendência, mas quem detém a maioria naquela tendência sempre tem essa limitação, para não dizer burrice, de não acatar, porque ele não é da minha tendência. Então infelizmente, existe isso. E aí gera um debate que não é perdido, o debate é importante, mas muitas vezes há um certo prejuízo até mesmo nas alianças. É preciso separar o cargo político da luta, isso limita e fragiliza a esquerda.

P.14. Você sente que dentro do PSOL tem uma abertura e um incentivo grande à participação feminina na política?
R: Tem, hoje tem. Até porque nosso partido sempre primou por isso. E hoje tem a situação de cotas, né? Hoje se não vai pelo amor, tem que ir pela dor, né? Agora, ainda há certas contradições, porque ainda tem ocupações nos partidos e a gente acha que tinha que ser de mulher mesmo. E ainda tem essa história de homens que predominam sobre os recursos. Ainda é uma luta... nós conversamos sobre isso na reunião da setorial [da mulher]. É um desafio, e a gente tem que fazer isso com muito cuidado porque não dá para menosprezar ninguém. Tem homens muito conscientes, e tem mulheres que infelizmente jogam contra nós mesmas. Mas se o espaço é para mulher, é para mulher. Por exemplo, a gente não poderia admitir que o recurso que vem para a setorial de mulheres… [vão para outro lugar]. Então, acho que começam passos importantíssimos na questão da valorização e da autonomia da mulher além das cotas. O nosso partido aqui em Petrolina, me indicou [para ocupar a setorial de mulheres] porque pela primeira vez seria uma indicação de mulher no sertão. Porque eles tiraram nossa vaga do sertão, porque nossa tendência é menor que a outra. A gente cobrou muito a interiorização do partido, porque fica muito lá para Recife. Essa foi uma dificuldade que a gente enfrentou, concentração de recursos na capital. E aí nesse nosso mandato, o

Movimento de Esquerda Socialista [tendência da qual faço parte] atendeu essa solicitação da gente de interiorização.

P.15. Você já sofreu algum tipo de violência de gênero nesses espaços [partidários e políticos]?

R: Sofri, sofri sim. Na direção eu sofri, porque quando eu me candidatei, eles começaram a colocar mesmo no grupo que eu não queria sair, que eu não queria perder. Isso quando eu me candidatei à presidência do partido. Porque eu já tinha sido presidente num consenso… E eu discordava do homem que eles estavam indicando, mas nada contra ele como pessoa. Mas não fiz uma campanha acirrada, fui para a Marcha das Margaridas e eles ficaram fazendo a campanha. Quando a gente chegou, faltavam dez dias para a eleição, que eles ganharam por três votos. Ainda teve uma questão de um prolongamento de tempo que eles pediram, e a gente permitiu, e nisso chegaram três pessoas e votaram... justamente porque votavam neles. Acabou que perdi, e eles ficaram dizendo que eu estava morrendo de ciúmes, de tristeza, por não estar na direção, essa foi a primeira violência. Depois também começaram a colocar coisas no grupo, que realmente, se eu fosse uma pessoa impressionada, eu estaria na psicóloga.

A segunda [violência], quando eu estava presidente da federação com a Rede. E aí quando eles entraram, eles me chamaram para uma reunião do diretório deles e eu fui inocentemente, e quando eu cheguei lá ele disse... ‘’*olha, eu chamei só para dizer que a senhora não é mais da federação, que a gente vai colocar [nome]*’’. E disseram que eu não tinha competência para estar na federação, e aí foi uma forma realmente muito agressiva. E eu disse que não tinha problema, podiam colocar quem quisessem, só ia lá me despedir do pessoal que me tratou com mais respeito, que inclusive eram da Rede… O presidente [do partido] estava muito cheio de vantagem, muito odioso, [nome] também, que já tinha feito campanha contra mim e se candidatado com eles lá… Mas normal, quem vem de uma história do PT aqui nos anos 90, 2000, não se incomoda muito com isso.

Eu até disse para eles que eu tenho outro entendimento, que a política se faz juntando. E que eu tinha me candidatado contra ele [o novo presidente] por nada pessoal, mas porque eu achei que deveria continuar uma mulher [na presidência do partido]. Como [nome] tinha ficado com eles, resolvi me candidatar. A gente foi para a reunião da federação, aí eu falei lá. E [nome]... é por isso que eu digo, não basta ser mulher, tem que ser mulher mesmo que tenha respeito. [nome] bateu nos peitos e disse... ‘’*hoje, eu sou a presidente*’’. Então, continuei na reunião e depois eu disse para o pessoal indicar outras pessoas [para as posições dentro do partido], porque eu não vou ficar. Não vai fazer bem porque, se eu fizer qualquer discordância, eles vão me agredir e levar para esse lado, então para evitar isso, eu não quero participar.

Aí foi quando o pessoal de Recife disse que eu deveria ficar ainda [na setorial de mulheres], aí estou ainda lá, mas sabendo que não gozo do respeito deles, dela. Mas nem me preocupo com isso.

P.16. Para terminar, o que você acha que mais importa na disputa política? O que uma pessoa tem mais que dá mais chance dela conseguir ganhar uma competição eleitoral?

R: O que eu acho que dá mais chance é um discurso, é uma linguagem que consiga convencer o eleitorado. A gente faz política, mas nós nunca tivemos um curso de formação política.

Acho que esse ir ao povo de uma forma que o povo entenda… [é essencial]. Mas não posso botar a culpa no povo [da realidade política]. Porque tem a questão de entender o que a gente está dizendo, mas tem também a questão de poder ir até lá e levar mensagem. Porque quando se aproxima a eleição, fica mais difícil. A imprensa não divulga nada da gente, só promove quem tem dinheiro. E aí a gente fica com pouco tempo, sem recursos, sem conseguir chegar ao eleitor. A gente não pode pagar ninguém para segurar a bandeira... e não tem ninguém para ir até lá levar a proposta da gente. Eles apostam que o eleitor tem memória fraca, aí na véspera da eleição eles têm um monte de gente, um monte de dinheiro, um monte de redes sociais… Tem todo esse desafio que a gente tem que estar lutando para vencer isso.

P.17. Entendi, tudo bem. Terminamos. Obrigada!
R: Obrigada você.

ENTREVISTADORA: Barbara Salviano
ENTREVISTADA (Nome fictício): Vivi Ferreira
CATEGORIA: Pré-candidata
PARTIDO: PT
DATA: 08/03/2024
LOCAL: Casa da entrevistada, Petrolina/PE

P.1. Para começar, vou pedir para você se apresentar, falar seu nome, ocupação, formação e estado civil.
R: Tá bom. Eu me chamo [nome]. Eu sempre cito o nome todo, que parece que é uma forma de você, sua identidade, o nome. Mas sou conhecida por [nome]. Essa é a minha identidade do ponto de vista do nome.
Eu sou formada em Pedagogia. Cursei alguns períodos de Ciências Sociais na Universidade Federal do Vale do São Francisco, a Univasf. Depois fui fazer um mestrado em Sociologia, o ProfSocio, também pela mesma Universidade. Não concluí em função de algumas demandas familiares, fui até a qualificação. Qualifiquei meu projeto e aí tive que pedir um trancamento porque eu precisei cuidar da minha mãe. Minha mãe foi diagnosticada com Alzheimer e eu passei a ser a cuidadora dela. E aí eu tive que abrir mão de algumas coisas, na verdade de muitas coisas, porque hoje ela é minha prioridade.
Eu venho de uma experiência de movimento social, na verdade sempre militei em espaços sociais. Sempre me identifiquei como educadora popular, inclusive acho que 10 anos da minha vida, eu fiquei tendo função mesmo em ONGs, institutos, ocupando a função de educadora social. Então os outros cargos que eu assumi formalmente foram como educadora social, coordenadora pedagógica também. Hoje eu sou uma mulher desempregada, estou nessa condição de mulher desempregada, mas cuidadora da minha mãe. E eu sempre me identifiquei com as lutas populares, essa é a minha referência. Trabalho de base, educação popular nos movimentos sociais, urbanos, rurais, então essa é a minha referência, esse é o meu chão, essa é a minha identidade.
Eu sou uma mulher nascida na agricultura familiar, que sai da infância para a cidade, aí fica com o pé no urbano e no rural. Nunca perdi de vista o lugar de onde eu vim e sempre morei na periferia, porque na periferia a gente encontra também mulheres que vêm desse lugar que

eu vim, que é a zona rural. Principalmente aqui em Petrolina, que as mulheres da periferia, a maioria trabalham nas fazendas, são trabalhadoras rurais e assalariadas, mas são trabalhadoras rurais. Então eu estou nesse lugar, sou essa pessoa.

P2. Você me autoriza a gravação?
R: Sim, autorizo. A gravação está autorizada e espero que a entrevista, que o conteúdo contribua para o seu trabalho, para a sua pesquisa, que aponte alguma coisa boa que você está buscando. É isso.

P3. Como você chegou nesse lugar? Qual foi a sua trajetória nos movimentos sociais?
R: Então, o primeiro lugar foi a Pastoral da Juventude. Eu fui iniciada na Pastoral da Juventude, na Diocese de Petrolina. E a partir da Pastoral da Juventude, eu fui encontrando com outros sujeitos que estavam em outros espaços, porque na Pastoral da Juventude eu estava atuando com jovens dos mais diversos movimentos. E teve um divisor de águas muito importante, que foi quando eu deixei de atuar só como uma jovem que estava ali no âmbito mais religioso e saí para o âmbito mais político. E isso aconteceu quando eu fiz a Escola de Fé e Política pela CNBB, que é a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Então, eu fiz a Escola de Fé e Política e ali eu descobri que a minha militância não se limitava à dimensão religiosa, embora a dimensão religiosa, por eu vir de uma experiência da teologia da libertação, ela por si só já era uma militância religiosa diferenciada, porque olhava para o religioso como uma possibilidade de libertar, de olhar para as questões das injustiças sociais, então não era uma religião olhando para o céu, era uma religião olhando para o chão, olhando para a realidade das pessoas.
E aí nesse momento eu me percebo como essa mulher jovem, mais jovem à época, com essa capacidade de mobilizar outras mulheres, outros jovens, outras pessoas, para lutar por justiça social, por direitos humanos, então eu passei a ser militante muito nesse campo dos direitos humanos, passei a ser uma ativista nesse espaço. E aí eu precisava estar em vários lugares, eu precisava estar na igreja, eu precisava estar no movimento social, eu precisava estar na universidade, eu precisava estar em vários lugares. E aí comecei a me movimentar, me articulava com o movimento estudantil, me articulava com o movimento dos trabalhadores rurais sem terra, me articulava com outros movimentos urbanos, me articulava dentro dos conselhos, dos mais diversos, desde segurança alimentar, saúde, direito da criança e adolescente, onde eu pudesse encontrar um espaço, eu estava lá, marcando presença. Então foi uma coisa que eu procurei adentrar mesmo, foi esse ambiente para entender, sobretudo, o debate em torno da política pública. Eu sempre entendi que o direito social precisa ser garantido pelo Estado, nas suas três esferas, nas diversas instituições que o compõem. E aí a gente precisava estar lá, eu precisava estar lá junto com outras pessoas, com as quais eu me articulava.
Então ocupar espaço nos conselhos, fui candidata a conselheira tutelar, ocupar espaço no Conselho de Segurança Alimentar, estava lá brigando por segurança alimentar e nutricional, estava discutindo a questão da educação, então estava eu nas conferências municipal, estadual, nacional de educação, onde eu encontrasse uma janela… Se eu não pudesse entrar pela porta, encontrava uma janela, e entrava para entender o debate e estar junto. E paralelo a isso eu tinha que trabalhar, eu tinha que estudar, eu tinha que me desdobrar em várias coisas

ao mesmo tempo. Dediquei meu tempo a isso, abri mão de muitas coisas, inclusive, para me dedicar exclusivamente à luta social.

P4. Hoje [você] tem o [ONG da entrevistada], como foi que surgiu?
R: Então, nesse processo todo a gente encontra muita gente, a gente aprende muito nesse processo de militância. Quando eu atuei com juventude, atuei com mulheres, atuei com catadores de materiais recicláveis, atuei com vários sujeitos. E aí nesse processo todo eu fui ocupando alguns espaços, principalmente em ONGs. E fui aprendendo com as ONGs. Eu passei por várias, desde ONGs focadas na educação, como outras focadas em outras experiências, até em ONGs que pautam a convivência com o semiárido. E ali elas me serviram de escola. Elas me serviram de escola tanto no campo político como no campo social, de organização, de como organizar a sociedade civil em torno de uma instituição. Então essas vivências me ajudaram a estar onde eu estou hoje, em um projeto conhecido como [nome da ONG da entrevistada]. E que desenvolve várias atividades para atender famílias em situação de vulnerabilidade social, das periferias de Petrolina.
Quando eu falo que nas instituições eu tanto aprendi o campo político, como aprendi também essa dimensão mais da organização da sociedade civil, das organizações, de como ela se articula com os governos, de como ela se articula com os partidos, de como ela se articula com os sindicatos, de como ela se articula com outras instituições, de como elas servem de pressão, de ser essa ferramenta que mobiliza a sociedade para pressionar por políticas públicas. Eu vivenciei, eu entrei em outros lugares também. Por exemplo, eu trabalhei como secretária de uma câmara de vereadores, eu trabalhei como auxiliar de gabinete de vereador, eu acompanhei muitas figuras políticas, tanto vereadores, deputados. Eu sabia que quando você cola nessas pessoas, se aproxima com o interesse de aprender, e para esse aprendizado ser colocado em prática nas lutas sociais.
E aí, com essa experiência toda, a gente chega em 2020. Em 2019, fazendo um debate interno sobre candidaturas. O meu nome foi colocado para ser candidata a vereadora, fui candidata a vereadora, e na pandemia a gente percebeu que era necessário fazer uma ação concreta para ajudar as famílias a serem orientadas em relação a como se prevenir da contaminação da Covid-19, identificar famílias em situação de fome. Naquele momento a gente entendia que, por a gente não saber muito como era que se dava a contaminação, a única coisa que a gente sabia era que não podia ter queda de imunidade, a gente sabia que as pessoas com fome, consequentemente, iam ter queda de imunidade, ficariam mais vulneráveis ainda. E aí a gente montou uma cozinha para fazer comida, e deu a nome dessa cozinha, desse projeto, [nome da ONG], por ser construído por muitas mãos mesmo, muitas mãos voluntárias, muitas mãos sensíveis às causas sociais. Muita gente que se juntou, que se mobilizou, muita gente que se articulou, muita gente que cozinhou, muita gente que capacitou outras pessoas, que orientou outras pessoas.
E aí a gente começou, eu junto com outros companheiros e companheiras, nós começamos a organizar esse projeto e fomos atender as famílias das periferias, produzindo marmita, cozinhando todos os dias, de domingo a domingo, em plena pandemia, e para cozinhar tinha que ter gente, e uma hora dava medo, mas depois pensava que o amor tinha que ser maior do que o medo, e graças a Deus a gente não teve nenhum histórico, não teve nenhum caso de pessoas contaminadas no espaço da cozinha, que era aqui, nesse lugar onde estamos nesse

momento. [A ONG] hoje é essa ferramenta mobilizadora, é uma ferramenta política também, porque o nosso trabalho passa longe de ser assistencial, é um trabalho que se reverbera nos espaços de construção de políticas públicas. Tanto que nós temos agora, o governo federal, um projeto de apoio às cozinhas solidárias, como uma ferramenta de enfrentamento à fome, então acabar com a fome desse país, nas periferias das cidades, e aqui em Petrolina não é diferente, exige uma mobilização social muito grande, que tem que ser de baixo para cima. E esse de baixo para cima é a população se organizando, é a população denunciando, é a população fazendo as coisas para mostrar para os governos que essas coisas precisam ser feitas e precisam ser transformadas em políticas públicas. Eu acho que esse é o papel mais importante de uma organização social, apontar para os governos, é mostrar onde está o problema e aquele problema precisa ser resolvido. E [a ONG] tem esse compromisso, onde tiver uma pessoa passando fome, a gente vai mostrar que tem uma família que está desassistida, que está fora de um programa social, que está sem moradia, porque a fome também não é só de comida, a gente sabe que tem a fome de comida, mas tem outras fomes, falta saúde, falta educação, falta saneamento básico.

Eu fui visitar umas ocupações e as famílias não têm acesso à energia, não têm acesso à água potável em uma cidade como Petrolina, que por si só… Quando se fala em Petrolina, se imagina uma cidade potente, e é, se imagina uma cidade poderosa, e é, uma cidade rica, bem projetada nacional e internacionalmente, mas infelizmente falha muito com as pessoas que vivem afastadas do centro dessa cidade, dessa veneza sertaneja, dessa cidade dos impossíveis. E aí estão as mulheres lutando para sobreviver. Mulheres jovens, mães solo, mulheres violentadas, mulheres adoecidas. E eu procuro, mesmo dentro das minhas limitações de tempo e outras tantas, procuro me aproximar dessas pessoas, porque por eu viver na periferia, por eu ser essa mulher negra, periférica, é mais fácil, a gente fala a mesma língua. A gente se olha de verdade, não é uma pessoa que vai um dia e não aparece mais, é uma pessoa que vive, é uma pessoa que tem um endereço na comunidade, que as pessoas batem a porta e sabe que vive ali. E sabe que minimamente vai ser respeitada, vai ser atendida de alguma forma, vai ser orientada, vai ser abraçada. E tem muita coisa que a gente não consegue fazer, porque não tem estrutura para isso. Isso é papel do Estado.

P5. Como foi o processo até chegar na primeira candidatura?

R: A minha primeira candidatura foi em 2020, mas a ideia mesmo concreta de ser candidata partiu de um grupo de amigos que já me acompanham há mais de 10 anos, e observando o meu comprometimento social, o meu comprometimento político, entenderam que eu tinha condição de estar representando o nosso segmento de trabalhadores, o nosso segmento de lutadores e militantes dos movimentos sociais populares, urbanos e rurais, e aí começaram a conversar entre si, e o entendimento foi que o meu nome deveria ser colocado. Não foi um processo longo, algo que eu já vinha preparando, que eu já vinha pensando, que eu já tinha pretensões, não, eu não tinha pretensões nessa direção. E aí eu entendi que eu deveria responder a esse chamamento, a essa tarefa política, essa convocação, e a gente foi conversando, a partir do mês de agosto de 2019, a gente foi conversando, amadurecendo. Muitas reuniões aconteceram, grupos foram se formando, os desafios foram sendo pensados, mas tudo indicava que era o momento, então o processo foi curto do ponto de vista prático, a partir de quando pensa a candidatura concretamente, porém, o meu entendimento é que o meu

nome chegou, pelo meu histórico, pela minha trajetória, ser observada há muitos anos pelo grupo político que se envolveu diretamente na campanha.
O processo foi assim, bem objetivo, o processo foi rápido... Lógico que nada acontece de uma hora para outra, ninguém chega para uma pessoa e diz assim, ‘’*ah, você é candidata”*, não, no nosso caso não é assim que se constrói. E eu digo no nosso caso, pelo nosso histórico, de militantes políticos do campo das esquerdas, da luta de classes, e aí foi muito rápido, porque era um nome que já tinha uma trajetória consolidada.

P.6. Como foi a campanha e quais as dificuldades encontradas?
R: A campanha, ela se deu basicamente nas redes sociais. Era um ano atípico, 2020, COVID-19 em alta, então todo mundo amedrontado. No entanto, foi uma campanha que não teve dificuldade de apresentar-se para a população. Era um nome que já era conhecido no meio dos movimentos populares, tanto urbano como rurais, e o nome de uma pessoa, no meu caso, de uma atuação nas pastorais sociais, de uma vivência na comunidade onde eu moro há mais de 20 anos, e aí não foi difícil colocar o nome, as pessoas saberem quem era aquela campanha específica. Mas a maior dificuldade foi não poder fazer uma campanha corpo a corpo, foi não poder fazer uma campanha indo à residência das pessoas, chegando perto do eleitor, olhando no olho do porque existia uma pandemia que nos impedia disso. Então, foi uma campanha atípica, foi um ano atípico, e isso foi o maior obstáculo para alavancar a campanha e agregar mais pessoas e, consequentemente, conseguir mais adesão para o voto diretamente. Então, acho que essa foi a maior dificuldade, foi ser uma primeira candidatura no ano de uma pandemia que nos impedia de fazer o trabalho corpo a corpo com o eleitor.

P.7. Por que você escolheu o PT como partido? No momento da candidatura, você recebeu apoio, incentivos, recursos financeiros, instruções, treinamentos?
R: Por que eu escolhi o PT? O PT é mais novo do que eu. Eu vi o meu pai, os meus familiares, muitos amigos, fundarem o PT. O meu histórico de vida, de militância, todas as pessoas com as quais eu me envolvi ao longo dos meus trabalhos sociais, sempre foram mais de pessoas ligadas ao PT. Então, eu não consigo me imaginar em outro partido. Eu sou filiada ao partido há 22 anos. Quando eu cheguei à Petrolina, em 2002, vinda da cidade de Ouricuri, aqui no sertão pernambucano, eu já cheguei aqui em Petrolina e já fui me envolver diretamente com trabalhos sociais, políticos, e mais diretamente com um vereador, à época, também do PT. E eu não tinha como não ir para o PT. Eu costumo dizer que o PT me escolheu, não sei se foi uma escolha minha, eu acho que a minha vida escolheu o PT, eu acho que o PT escolheu a minha história de vida e eu me identifico muito com esse partido, porque ainda acredito que é o partido que me representa do ponto de vista da sua história, de como surge. Eu que venho de comunidades eclesiais de base e é aí que nasce o Partido dos Trabalhadores, então eu nem consigo dizer que foi uma escolha, eu acho que eu nasci no PT, o PT nasceu em mim, enfim, é um pouco isso.
Eu recebi apoio, principalmente um apoio moral, porque foi uma candidatura que não teve dificuldade de ser aprovada. Todas as pessoas do partido, principalmente as lideranças do partido, me conhecem e sabem do meu trabalho e não teve nem discussão. Foi uma candidatura que não teve discussão no sentido de ‘’*vamos pensar, vamos levar para a aprovação*’’, não, foi um nome colocado e já aprovado por tudo que eu já falei anteriormente,

pelo meu trabalho, pela minha história, pela minha trajetória, pela minha atuação. Então acho que nem pensaram em negar, não havia nem essa possibilidade de negar [a candidatura]. E aí eu recebi apoio, muito esse apoio moral, essa credibilidade junto às pessoas e das pessoas acreditarem em mim. Enfim, os recursos eles foram, eu recebi um recurso vindo do fundo partidário, instruções, eu recebi muito por parte do próprio grupo que estava na condução da campanha, não do partido diretamente, mas desse grupo do partido que aderiu à campanha, que coordenou a campanha, foram essas pessoas que foram cuidando um pouco das instruções, do treinamento. Não treinamento técnico, esse treinamento técnico eu não recebi, era mais as orientações básicas de uma campanha.
E acho que é isso, não teve uma formação, ‘’*vou formar um quadro político aqui”*, não, quadro político foi formado ao longo dos anos, ao longo da minha trajetória, mas para a campanha em si, as orientações básicas para aquela especificidade.

P.7. Quais são as dificuldades que você encontra na arena política?
R: Os espaços de poder, além de serem ocupados pela branquitude, eles são masculinizados. E aí a mulher ainda se depara com essa barreira, que é chegar na política e se dar conta que é um espaço majoritariamente masculino. E principalmente eu, mulher negra periférica da classe trabalhadora, que procuro ocupar a política por uma causa social, por demandas sociais muito importantes. A tendência é a gente ser silenciada, ser desacreditada, ter a nossa voz abafada. Isso, infelizmente, causa muito medo. O posicionamento nos causa muito medo, porque eles são um pouco afrontosos, digamos assim. Para muitos homens é uma afronta. Uma mulher se posicionar politicamente, fazer o enfrentamento, pautar a justiça social, pautar as lutas do povo. A gente ainda é muito silenciada nesse sentido. Isso é amedrontador. Infelizmente, isso causa medo e eu acho que essa é uma das dificuldades. A gente tem um poder econômico que nos desfavorece. Na política tem muito disso, de rolar um poder econômico que mantém determinado grupo nas decisões, nos espaços. E aí enfrentar o poder econômico é [um desafio] muito grande, politicamente falando.

P.8. O que te afasta da política formal e porque você se identifica mais com os bastidores da política?
R: Eu entendo a política não meramente como uma ferramenta eleitoreira. A política não pode se confundir com as eleições. A política não pode se confundir com os partidos. A política não pode se confundir com a ocupação de cargos em governos. Então, a política formal, no meu entendimento, ela se dá na sociedade como um todo. Onde tem gente organizada lutando por direitos sociais, por direitos humanos, aí está presente a política. Eu não me afasto da política formal por essa perspectiva. Tanto que eu continuo no partido, eu continuo no espaço de organização social muito importante, que hoje pauta o governo federal e com certeza pautará os governos estaduais e municipais, que é a questão do enfrentamento à fome por meio de construção de instrumentos que garantam às famílias vulneráveis o direito ao alimento. E um desses instrumentos hoje são as cozinhas solidárias, como no meu caso. Então, eu não me considero afastada da política formal, mas afastada da política eleitoral. E nesse sentido, é aí que eu me coloco nos bastidores, porque para mim, os bastidores da política são principalmente os espaços construídos pela sociedade civil organizada. Onde as pessoas se organizam por uma luta, seja ela pela moradia, pelo saneamento básico, pela saúde,

para mim esses lugares são os bastidores da política, porque é dali que a gente conduz os processos de construção de políticas públicas. Então, os bastidores da política, mais uma vez, no meu entendimento, não é estar em uma função, por exemplo, dentro de um gabinete, numa assessoria, não, isso não é. Os bastidores da política é lá onde está a efervescência das lutas sociais, pautando políticas públicas que são decididas nos espaços do poder. Esses são os bastidores, organizando o povo, organizando as bases e pautando os governos. Eu me encontro mais nesse lugar, porque a política, política de verdade, ela se faz nos espaços da sociedade civil organizada. O formigueiro, que vai criando o movimento para fazer com que os governos olhem para as necessidades, para as demandas da sociedade. Então, os bastidores, para mim, é esse lugar.

P.9. Quais foram os aspectos relevantes para decidir pela candidatura?

R: O primeiro aspecto muito relevante foi uma candidatura construída coletivamente. A minha candidatura não foi uma candidatura que surge da minha própria cabeça, da minha vaidade, do meu desejo, da minha vontade de ocupar uma cadeira na Câmara Municipal de Petrolina. A minha candidatura surge de uma construção coletiva, com muito debate, olhando para todos os aspectos favoráveis e desfavoráveis. Favorável no sentido que era um coletivo, principalmente. Favorável olhando para o meu histórico, para a minha trajetória, para essa capacidade de dialogar com a população, de agregar pessoas nos movimentos sociais e nas organizações sociais. Então, isso foi um aspecto muito relevante. O meu histórico, a minha trajetória, as minhas vivências, os meus aprendizados, as minhas trocas. Esses aspectos muito relevantes que fizeram com que um grupo de pessoas olhassem para mim e dissessem, esse é o nome que a gente quer para nos representar. E perceber que eu não estava só. Eu sabia que não era uma candidatura individual, era uma candidatura coletiva. E pessoalmente e politicamente, eu acredito na política como uma ferramenta de luta.

Um dos aspectos que foi muito relevante foi decidir a candidatura baseado no que eu acredito, por acreditar que um mandato deve ser popular, deve ter enraizamento nas lutas do povo. E eu não consigo separar essa decisão pessoal da decisão política, porque a minha vida é política, a minha história é política, as minhas vivências eu considero políticas. O meu viver, o meu fazer é um fazer político. Então, eu não consigo separar ‘’*isso é pessoal, isso é político*’’. Não. Foi pessoal do ponto de vista de fazer a consulta aos amigos, a minha família e encontrar apoio, mas foi político por ser coletivo, por ser construído por muitas mentes, muitas mãos, muitos corações. E eu acho que isso foi o que me encorajou a decidir pela candidatura naquele momento. E isso pra mim tem um valor muito grande. Dois grandes valores: estar amparada no reconhecimento das pessoas, no meu histórico, na minha trajetória, estar amparada num partido que entendeu que a minha candidatura era importante para o partido e não ter nada que me impedisse de estar naquele processo.

P.10. Como você vê a disponibilidade de tempo para a política? É um aspecto que afeta você ou outras mulheres?

R: Bom, eu vou falar basicamente de mim, né. Para mim o tempo é crucial, a disponibilidade de tempo é crucial, porque política não se faz só num período de campanha, política não se faz só em anos eleitorais, política se faz todos os dias, e estar na política todos os dias é estar para além da casa e do trabalho. Estar para além da casa e do trabalho é estar em espaços de

formação exclusivo sobre política, é estar no espaço de organizações, é estar na discussão do partido, nas mais diversas reuniões, é estar nos ambientes, como nos parlamentos acompanhando as discussões nos espaços de construção das políticas públicas, é estar nas assembleias, é estar nos seminários.
Uma mulher que é mãe, que tem a casa para cuidar, que tem um familiar adoecido, não dá conta de fazer isso. Isso, a mim, afeta diretamente, e hoje com a experiência que eu vivo de ser a cuidadora da minha mãe, a cuidadora de uma idosa com 83 anos, com Alzheimer, sem uma rede de apoio, é impossível fazer a política nessa perspectiva, então eu me sinto muito afetada diretamente. Não consigo entender o fazer político só em alguns momentos restritos, por exemplo, tem uma atividade, tem uma ação, tem uma mobilização, vai lá e depois se isola em casa porque precisa dar conta dos afazeres. Eu não consigo pensar que a política é essa coisa pontual, que você aparece em alguns momentos pontuais. A dedicação à política, ela exige participação contínua diariamente, e aí nesse sentido, o tempo, a disponibilidade de tempo me afeta diretamente.

Outras considerações enviadas pela entrevistada por áudios do WhatsApp:
ÁUDIO 1:
Oi, Barbara. Bom dia novamente. Eu tentei ser sucinta, talvez até breve demais ou em outros, longo demais e talvez algumas repetições. Eu sei que é muito difícil responder a essas questões, porque principalmente questões que são para um estudo, para um trabalho acadêmico. Acho que meu próprio momento não está me favorecendo do ponto de vista emotivo, do ambiente onde eu estou, de pessoas dentro de casa. Enfim, eu estou com muita dificuldade para estar respondendo algumas coisas. Todo dia tenho tido muita dor de cabeça, por exemplo, hoje eu estou com muita dor de cabeça. Isso me dificulta muito falar de algumas coisas. Esse sentimento de estar muito afastada da política, de não estar conseguindo fazer as coisas, de não estar conseguindo estar acompanhando os debates políticos nas instâncias como do partido, do meu próprio grupo político, que eu não tenho conseguido estar nas reuniões. E isso tudo é em função dessa tarefa que eu estou vivendo agora, de estar cuidando da minha mãe, de hoje ser dona de casa, de não ter mais liberdade de sair à hora que eu quero, de chegar à hora que eu quero. Não só à hora que eu quero, mas do ponto de vista político da hora que é preciso sair. Enfim, então tudo isso tem me afetado bastante, a ponto de eu não estar nem motivada para estar falando muito sobre isso. Mas enfim, se precisar, faz uma pergunta mais específica em alguma coisa, fique à vontade. Para dizer, ó [nome], nesse ponto eu queria que você me dissesse isso mais diretamente. Fique à vontade, tá bom? Um abraço!

ÁUDIO 2:
Barbara, eu estava aqui pensando num exemplo prático, assim, do quanto as demandas familiares, domésticas, impedem a gente, eu, enquanto mulher, de participar das construções. Esse é o momento que está se discutindo o processo eleitoral para 2024. Nesse exato momento, na manhã de hoje, sexta-feira, está tendo a presença do nosso senador, Humberto Costa, está reunido com lideranças do nosso partido, e eu não posso estar nesse momento. O fato de eu ter sido uma candidata com certo destaque na campanha de 2020 para o partido, inclusive tendo vídeo da presidenta nacional do partido me apoiando, naturalmente era para eu estar nesse espaço. Minha candidatura para esse ano seria uma candidatura natural, para

dar continuidade à de 2020, seria uma continuidade, mas a questão familiar me impede. Agora mesmo eu estou cozinhando, fazendo almoço, enquanto os meus companheiros e companheiras estão em reunião com o nosso senador, discutindo as eleições 2024, ou seja, uma demanda familiar me tira desse lugar e, consequentemente, eu me afasto. Claro que isso é só um dos aspectos, esse é o mais evidente, esse é o mais determinante para esse ano. Eu fico pensando que, até esclarecer isso para as pessoas, porque as pessoas me encontram aqui mesmo na comunidade e me perguntam se eu vou ser candidata, e até explicar… Está muito na cabeça das pessoas que uma candidatura não deve ser uma única vez, uma candidatura como a minha não pode ser só uma, tem que ter outras tentativas, tem que dar continuidade, porque é um processo, não era um projeto pontual, era um processo que permanece nas nossas ações, que a gente realiza, mas enfim, é mais determinante. E isso é muito em função de um fator econômico também, se eu estivesse em outro lugar, economicamente falando, certamente eu teria como manter uma rede de apoio, pagar uma rede de apoio, que me desse a liberdade de continuar participando, mas aí esse fator econômico não me permite.

ÁUDIO 3:
Oi Barbara, eu acho que eu ainda vou te mandar alguns áudios porque vou fazendo as reflexões aqui e vem alguns elementos ainda que talvez seja importante você observar se interessa ou não, se cabe na pesquisa ou não. Olhando para a minha vida pessoal, eu sempre fui uma pessoa muito reservada. E uma coisa que me assustava durante a campanha, mesmo com um certo distanciamento em função do isolamento, em função da Covid-19, não podia chegar muito perto das pessoas, mas conseguia chegar nas calçadas, então com um certo distanciamento, mas chegava nas calçadas e conversava com a população que estava na frente das suas casas. E uma coisa que me assustava é muito essa questão que está no imaginário da população que é, todo político é igual, todo político é farinha do mesmo saco, todo político é corrupto, tá querendo ganhar, tá querendo ir para a Câmara para fazer a mesma coisa que os outros. Falta nas pessoas inclusive essa compreensão de qual é o papel do vereador, e um período de campanha não dá tempo de você explicar. Por isso que a candidatura, eu acho que ela tem que surgir de um processo que é também um processo educativo das pessoas entenderem o político como um agente que lhe representa num espaço onde não podem estar todos, mas que é delegado a eles a tarefa de conduzir os processos sociais de construção de políticas, de construção de programas, de garantia de direitos. Então, essa coisa de não ser comparada, não ser colocada nesse lugar que é muito no senso comum, ‘’*todo mundo é farinha do mesmo saco*’’, talvez isso até inconscientemente me faça optar pelos bastidores porque, sendo os bastidores esse espaço coletivo de organizações, de movimentos, de instituições, elas ainda têm uma credibilidade na sociedade, então talvez seja também por isso, né, inconscientemente a escolha de estar nos bastidores seja por essa preservação de imagem.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada (Nome fictício): Bianca Lima
Categoria: Pré-candidata
Partido: PCdoB
Data: 29/02/2024

Local: Local de trabalho da entrevistada, Petrolina/PE

P.1. Para começar, eu vou pedir para você se apresentar. Fala seu nome, sua ocupação, sua formação e seu status civil.
R: Eu sou [nome], sou ativista do Movimento de Mulheres já tem uns 30 anos, sou feminista. Vou fazer 55 anos de idade. Eu trabalho na Agência Regional de Educação da Secretaria Estadual de Educação Pernambuco como formadora em Língua Portuguesa e Literatura e aqui eu atuo na União Brasileira de Mulheres já tem 25 anos. Também sou integrante do Conselho Estadual de Mulheres, eleita na cadeira de notório saber. Sou escritora, tenho livros já lançados, livros infanto-juvenis, e meu próximo livro é um livro de contos para adultos, que são contos feministas, que tem como um fio condutor a condição da mulher, que está em preparo.
Eu sou solteira. Fui casada e estou em processo de separação. E tenho um filho.

P.2. E só antes da gente continuar você me autoriza a gravação?
R: Autorizo a gravação.

P.3. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?
R: No movimento estudantil, eu iniciei minhas atividades no movimento secundarista, já observando aquela situação dos estudantes no período da redemocratização. Imediatamente após essa atividade do movimento secundarista, eu passo para o movimento universitário, fundamos diretório acadêmico, centro acadêmico na União Nacional dos Estudantes. O movimento estudantil de esquerda impulsiona a gente para essa militância. Então, eu observei que ali era um território de luta necessário. Era uma realização para mim fazer o curso de Letras na universidade e lá eu entendi que esse movimento era necessário pelo ponto de vista histórico, e me mobilizava como gente, como ser político.
Foi quando essa efervescência cresceu no movimento do Fora Collor, onde eu fui uma das lideranças aqui em Petrolina, e coincidiu também com a fundação do sindicato ao qual eu sou filiada até hoje, que é o Sindicato de Trabalhadores da Educação, sou uma das fundadoras. Então isso é uma oferta para você se organizar politicamente, aprender, porque esse também é um espaço de aprendizado muito importante. Nesse contexto, claro, a gente entende que um partido político é um ambiente, um espaço onde a luta se organiza de uma maneira hierárquica. Ele está acima de todas as organizações, porque é onde você se organiza ideologicamente, onde você discute ideias para daí você se organizar nas entidades, onde você atua como gente politizada, como pessoa que tem uma formação política. Então, eu entrei no PCdoB, onde eu estou até hoje, filiada, e sempre participei da direção. Foi quando eu conheci também o movimento de mulheres, tanto no movimento estudante como no movimento do PCdoB, e o meu feminismo se destaca mais do que o que eu fiz pelo movimento estudantil e o que eu fiz pelo movimento sindical. Até hoje eu sou uma feminista ativista desse movimento de mulheres.
Minha entidade de referência é a União Brasileira de Mulheres. Lá nós discutimos o emancipacionismo, que é uma linha do feminismo, que discute justamente esse espaço político como espaço de emancipação da mulher, de questionamento, da exploração do

trabalho da mulher especialmente, com discussões no campo marxista, da luta de classes. É aí que eu me fundamento ideologicamente para organizar a luta política feminista.

P4. Como foi esse processo de entrar para o movimento feminista?

R: Então, o PCdoB é um terreno muito fértil para essas discussões. É considerável o número de mulheres que se destacam na luta política no cenário nacional até hoje. Desde que houve a redemocratização, eu vejo mulheres destacadas na luta nacional, como Jandira Feghali, como Alice Portugal, Luciana Santos, que hoje é uma ministra, já foi prefeita, já foi deputada federal, que eu conheci na União Nacional dos Estudantes. Essas mulheres forjadas na luta, elas não estão ali para compor uma chapa ou para figurar entre o que é exigido na lei, para as cotas. São mulheres que se destacam porque elas de fato têm essa formação ideológica e atuam com essa energia diferenciada, o PCdoB quer diferenciar. A União Nacional dos Estudantes tem uma história que praticamente se confunde com a história do Partido Comunista do Brasil aqui. Várias lideranças, você vê, vieram desse movimento. É nesse movimento que eu crio a vontade de me formar uma militante e essas referências também se materializam na luta sindical. Vou encontrar comunistas mulheres na luta sindical, comunistas mulheres.

Nesse cotidiano da militância política, eu como uma liderança do PCdoB aqui, tive a oportunidade e o privilégio de participar de reuniões nacionais, de fazer cursos de formação que sempre tiveram na pauta da Luta das Mulheres. É claro que não é pelo fato de ser o Partido Comunista que a luta vai ser mais fácil. A luta das mulheres comunistas é uma luta que eu considero mais ferrenha, é uma luta que não abre mão. Dentro do partido, há também a luta para as mulheres participarem, mas é uma luta diferenciada. Nós somos o primeiro partido a ter o Encontro Nacional sobre a questão da mulher, só da mulher. Essas diferenças, essas leis que vieram para facilitar a entrada das mulheres no campo político, na política partidária, nas instâncias de poder, começaram com a bancada do batom. Nós vimos que as mulheres do PCdoB instigam muito para que isso aconteça, e a ideia original de participação das mulheres na política vem com a proposta de ter 50% dos assentos reais, e não nas chapas, nós fomos derrotados nessa luta. Só conseguimos participar na chapa, com um percentual menor do que nós procuramos nas vagas reais, e uma ajuda de custo que melhora quando a mulher é uma mulher negra, e nós passamos ativamente nessa luta nessas comissões.

Acho que o ambiente familiar, éramos duas mulheres e dois homens, eu menina já vi a minha mãe chamar a atenção para que nós tivéssemos independência, que a mulher tem que trabalhar. Ela não trabalhava, ela saiu do trabalho para cuidar da gente, dos filhos. Meu pai era um funcionário público, um policial militar, e minha mãe, essa mulher que deixou o seu trabalho, trabalhava numa farmácia, para cuidar da gente, então isso já me chamava a atenção, eu menina já questionava a divisão sexual dentro da minha casa, as meninas ficam com o trabalho de lavar os pratos, de fazer a faxina, e os meninos eram o quê? Lava o carro, tudo ligado ao externo, então isso já chamava minha atenção.

Eu e minha irmã sempre trocamos muitas ideias em relação ao feminismo e até hoje ela é, como eu, uma feminista estudiosa dos conceitos que implicam nessa estrutura patriarcal, a gente gosta de estudar sobre essas coisas. Eu sou uma militante feminista conhecida na minha cidade porque participo da luta política, da luta emancipacionista, estando ou não concorrendo ao cargo político. Por causa disso, eu também tive o privilégio de uma projeção como gestora

pública, eu fui Secretária de Cultura aqui da cidade, com um trabalho bem avaliado, tudo isso com referencial do PCdoB. Não é necessariamente a minha pessoa, mas o meu partido como um espaço, um território onde a mulher tem menos entraves do que nos outros partidos, a gente sabe que tem partidos que só figuram no espaço político para concorrer às eleições e eu aprendi que a luta política é diária. Ela não se materializa só nas eleições, só na pauta eleitoral, diariamente nós nos construímos como lideranças. Tanto que quando eu fui pela primeira vez candidata a vereadora, meu filho era um menino pequeno, eu já tinha 30 anos, então não era fácil. Quando eu estava fundando um sindicato, eu não tinha sido ainda candidata, eu tinha que levar o meu filho. A gente tem um déficit de creche que é um dos principais problemas que eu considero da mulher, é a ausência de creche. Eu tinha que levar o meu filho, falar no microfone segurando, amamentar, mas falava, não deixava de ir. Ainda assim, eu não deixava de ouvir as avaliações machistas, por exemplo, do pai, "*você é uma mãe ausente*". Amamentei meu filho durante cinco anos por culpa, porque eu pensava "*sou uma mãe ausente, vou dar o peito*". Mas para a mulher estar na política, nessa instância maior que é concorrer a um cargo de poder numa instância deliberativa, numa instância de poder que é uma Câmara de Vereadores, uma Câmara de Deputados, não é fácil porque ela tem que administrar também a casa, mesmo tendo pessoas ajudando na casa, eu tenho um filho. Então, a maternidade é um entrave, acho que é um dos principais entraves para uma mulher poder ter uma participação pontual, uma participação de destaque que possa projetá-la na vida externa para que ela seja avaliada e votada, então não é fácil, é uma carga pesada.

Mesmo assim, na minha primeira eleição eu fui muito bem votada, na segunda e na terceira. Eu fui candidata a vereadora três vezes, nas três vezes eu fui muito bem votada. Eu não fui uma candidata vereadora para constar na chapa, fui uma candidata prioritária. Acho que me diferencia de muitas outras mulheres que conversam comigo e estão em uns partidos que tiveram dificuldades financeiras, dificuldades de falar na televisão, de se expressar porque não tiveram a sorte de estudar, por exemplo. Então, a facilidade de ter um partido que diz, ''*aqui é uma candidatura que tem que ir, essa daqui é boa*''. Todo mundo ajuda, é um partido ideológico, orgânico, não tem grana mas tem energia, tem gente, por isso eu sempre fui muito bem votada.

Há dois pleitos atrás eu fui candidata a deputada, mas eu entrei de última hora e nem tive motivação, mas eu me recordo que já recebi a cota [financeira] para mulheres separadas das mulheres negras e isso chegou até mim. Eu só podia investir nas mídias sociais, mas eu não fiz uma campanha boa, não estava bem. Eu entrei porque os partidos tiveram dificuldades, especialmente os partidos de esquerda. A gente tinha que montar uma chapa própria, eu tinha que ajudar o meu partido, então eu fui sabendo que eu estava compondo num contexto em que eu não me elegeria, mas estava contribuindo com outras mulheres candidatas que poderiam ganhar. O que me impulsionou para me apresentar como alternativa é esse pensamento, a luta pelos direitos das mulheres, sendo que essa luta é apenas um recorte da luta cotidiana, da luta política. A luta mesmo, ela integra um posto, uma conjuntura muito mais larga. Eu tenho feito essa observação. Por exemplo, a imprensa sempre nos procura, qualquer avanço ou problema que acontece com a mulher. Nasceu a lei do "Não é Não", a gente é chamado para dar uma opinião. Isso é importante, a gente tem voz, mas eles entendem muito o movimento como a pessoa. O movimento das mulheres é assim, quem se destaca é a pessoa. Já no movimento dos metalúrgicos, dos professores, sempre tem uma liderança, a pessoa é identificada

imediatamente. A gente tem essa paixão que movimenta a gente, mas o que a gente diz é que gostaríamos de falar ainda mais, sobretudo se pudessem nos ouvir. Não nos ouvem, eles só querem ouvir nossa opinião sobre as questões da gente, dos nossos corpos, da opressão sobre nós, da violência.

A lei Maria da Penha deu uma luz especial ao nosso movimento, nós começamos a ser mais ouvidas, a gente teve muito espaço para fazer cursos, palestras, oficinas, a imprensa sempre quis a nossa opinião, mas isso é pouco para nós. Nós queremos opinar sobre a política, nós queremos estar nos espaços de poder, e para chegarmos a tal é muito difícil, para a mulher é muito difícil, é uma luta que se a gente fizer a conta, não bate. Mesmo tendo esse percentual nas chapas, nós não vamos chegar a 30% nas vagas reais como a gente está nas chapas. Isso não é uma medida que favorece uma perspectiva de crescimento, eu não acredito. Só acredito nessa perspectiva de crescimento se houver esse recorte da história, vagas reais, porque a violência política cresce. Ela vira uma luta do patriarcado contra as mulheres. Naqueles espaços, é muito difícil a mulher dar uma opinião bem formulada e não receber uma piada, uma cotoveladinha nas nossas partes íntimas. Eles não perdoam, o patriarcado não dorme um segundo nesse espaço de poder. Ele é especialmente orgânico, o patriarcado está organizado ali, porque as bancadas representam isso, esse poder baixo, o que há de pior, o veneno, a bancada da bíblia, a bancada da bala, os evangélicos que, do ponto de vista ideológico, querem controlar os nossos corpos, então a nossa opinião está ameaçada.

Ou a sociedade entende que é necessário esse salto qualitativo, mas para todas as mulheres, e uma parte dos homens entende isso também ou a gente não vai conseguir. Primeiro, as mulheres têm que entender essa consciência de quem luta por nós somos nós mesmas, não são os homens, a gente tem que puxar o homem pela gravata, pela goela.

Enquanto nós não ocuparmos esses espaços de poder, os direitos da gente estão ameaçados porque a gente quer mais creches, mas quem delibera isso? É o orçamento público. Queremos creches de tempo integral, quem delibera isso é o orçamento e quem aprova o orçamento é o campo político. Cada vez mais querem nos empurrar para o confinamento doméstico, para as tarefas de casa. A gente discute pouco ainda sobre isso, a formação política, eu vejo que o currículo ainda é deficiente. O currículo escolar é um território político a ser ocupado pelas mulheres, nós não ocupamos esse espaço. O currículo forma pessoas, meninas e meninos, então esse currículo precisa, pelo menos, entrar em disputa, a gente precisa agir porque é a formação das mulheres que está em jogo, e a minha batalha é educacional também.

Grandes mulheres, como Rosa Luxemburgo, que também lutava no seio da luta política no leste europeu, junto com a construção socialista daquela época. Mulher importantíssima, mas você não vê o destaque dela na história. Você vê Frida Kahlo, mas você não vê Rosa Luxemburgo. Frida Kahlo é uma mulher ligada à arte, mas quando uma mulher é ligada à política propriamente dita, ela é apagada, as mulheres são apagadas da política. Na verdade, algumas vezes eu me sinto também apagada da política porque o patriarcado é um comportamento cultural e ele está em todos os partidos, inclusive no meu. Então, por vezes você se sente também apagada, você tem que lutar dobrado.

Então, Barbara, você está aqui no campo de batalha porque você vai apresentar um retrato dessas questões, mas assim, eu considero que, quando eu fui candidata pela primeira vez, tinham poucas mulheres candidatas. Eu era uma jovem, meu filho era um menino de braço, então isso contagia. "*Poxa, ela é jovem e sabe falar*". Eu chegava num programa de rádio e

diziam, "*você sabe falar?*". Quer dizer, só por que eu sou mulher que eu não sei falar, né? "*Você sabe política?*". Você não vê uma rádio nos chamando para falar da conjuntura internacional. Você não vê, ninguém me chama. Mas chamam [nome], foi meu companheiro, o pai do meu filho. Um militante de muito respeito e homem.

Eu tive acesso a livros, eu tive acesso aos debates na minha própria casa, sempre impus a minha participação nos debates, a discordar, a pensar diferente. Dentro do partido, eu tive esse privilégio, de ter um companheiro que veio na ditadura militar, estudioso e que gostava também. Isso é todo um ambiente propício para me formar como uma militante política, que sabe se posicionar diante de qualquer situação política. Mas sobre a participação política mesmo, eu não tenho nenhuma vontade de me candidatar mais a nada.

Inclusive, já teve situações em que a gente... "*Vamos lançar candidata à prefeitura*", lançou, mas sabendo que era só um lançamento, que a gente não tem uma estrutura econômica, física para uma candidatura maior, de maior envergadura, nem dessa projeção. Petrolina é uma cidade muito elitista, você sempre viu aí prefeitos ricos, herdeiros, e para a mulher chegar num espaço importante como esse é muito difícil, muito difícil mesmo.

P.5. E como foi que você chegou até as candidaturas, como foi que você resolveu se tornar candidata?

R: Na verdade não fui eu, porque no PCdoB, a dinâmica interna define quem vai ser candidata pela projeção popular, política da pessoa, então eu tinha essa projeção porque eu já era uma liderança do movimento estudantil, do movimento sindical. Eu sempre fui uma pessoa que me destacava como liderança. Eu concorri à eleição dos sindicatos, dos professores, com o Diretório Acadêmico. Aí é isso o que credencia a gente para a luta, é a nossa participação pública.

Eu fui secretária de Cultura. Nessa eleição, eu já tive uma votação melhor porque nossa gestão foi bem participativa. Montamos conselhos, a construção daquela biblioteca [municipal] foi na nossa gestão. A participação de todos os segmentos da cultura, da arte, isso faz com que as pessoas confiem, queiram votar, queiram ter uma representação mais orgânica da luta, mas foi pouco porque quem concorre às eleições são pessoas com muito dinheiro. Geralmente, são pessoas que têm uma ligação porque prestam favor, porque são ligadas à saúde. A saúde é uma deficiência. Os bairros pobres que a gente não vê no cartão postal, "*a dor das pessoas que não saem do jornal*", como diz o poeta, e essas pessoas são assistidas por lideranças que não têm condição de representar os anseios verdadeiros do povo, da classe trabalhadora, das mulheres, das mulheres negras. Enfim, essa representatividade é deficiente em Petrolina. Tem uma história muito elitista. Então é difícil, muito difícil. Mas sempre fui do PCdoB, nunca mudei.

P.6. E aí não foi então você que quis se lançar, não foi você que botou o seu nome?

R: Não, porque o PCdoB tem essa dinâmica de conversar, de deliberar em conjunto com o coletivo, pra ver qual perfil que vai. A gente teve dificuldade de ter gente. Eu não fui candidata nessa última vez, então eu saí montando a chapa, chamando as militantes. A gente teve uma mulher negra, [nome], que é militante do sindicato, mas não conseguimos elegê-la. Mas montamos essa chapa e sempre a gente decide coletivamente. Sempre fui muito disposta para essa luta. Se é para ir, vou, nunca me neguei. Eu gosto, eu gosto.

P.7. E qual era a sua motivação para aceitar [a candidatura] e fazer as campanhas?
R: A motivação sempre foi essa consciência de classe que a gente compreende que essa luta só se fortalece nas instâncias de poder, então o campo das Câmaras, do Senado, dos mandatos, são muito mais fortes, são livres. Quanto mais você demonstra a sua ligação com a base de operários, de gente trabalhadora, de estudantes, das pessoas que mais precisam dessa luta, mais você se fortalece. Então, o mandato é que tem força para isso. O sonho da gente de ter um mandato é para isso: para a luta crescer, para engrossar o cordão, ter mais mulheres. Elevar a consciência política exige energia e essa energia vem diante dos mandatos. Quanto mais mandatos a gente tem, mais forte a gente fica, mais forte a nossa voz.
Embora você observe que, quando a mulher tem uma voz mais poderosa do que a dos homens, eles matam. Marielle morreu porque a voz dela era mais forte do que a deles. Ela foi mais forte, então eu não tenho dúvida de que uma mulher incomoda muito. A força da mulher comandante incomoda muita gente, porque quando ela chega, você vê a diferença. Porque é uma pessoa com um olhar 360 graus. O homem é trivial, é aquela pessoa que demora a amadurecer, a compreender a dor do outro. A mulher tem mais sensibilidade para isso. Se ela for uma mulher forjada na luta, com consciência de classe, aí é outra história. A mulher vai embora, mas para a mulher comunista é mais difícil, porque a gente não tem poder econômico.

P.8. Como foi o processo das campanhas?
R: A primeira, a gente tinha o direito de sair na televisão todos os dias porque o nosso partido só tinha uma candidata que era eu. O partido tinha o direito de falar no palanque todos os dias, e só tinha eu como candidata, então eu falava todos os dias. É muito difícil você ver um militante do PCdoB que não tenha a propriedade do discurso político, então você faz uma leitura e dentro de 30 segundos manda o seu recado. A televisão tem um alcance incrível, e isso, somado à sua projeção como militante sindical, militante das mulheres, dos estudantes que vem com esse legado, se transformou. A gente só tinha que ter um carro e a militância pedindo voto, fazendo a panfletagem, na parte das faculdades, nas fábricas. Essa era a nossa campanha.
A nossa segunda campanha começou a se restringir, a participação em palanques ficou esvaziada porque foi proibido o show. Não podia mais. Quer dizer, as elites dominantes perceberam que tem que ter um jeito de não juntar gente, porque se juntar o povo, o povo vai ouvir. Na televisão foi que restringiu mesmo, ficou mais difícil. Mesmo assim, ainda aumentava a votação. Essas eleições para vereadores foram pra valer mesmo, mas a gente não se elegeu. Ainda assim, como eu me destaquei nas eleições, me tornei Secretária de Cultura porque eu já tinha uma militância, era bonequeira, fazia teatro na feira, era muito conhecida, já escrevia. Isso junta gente, porque a gente consulta pessoas, organiza fóruns de cultura, seminários, dá luz à cultura popular, a quem precisa produzir a sua arte. São políticas culturais deliberadas em lei, como a lei de incentivo à cultura. Isso tudo em dois anos.
Depois o PCdoB e o PT saíram do governo [municipal], porque o prefeito foi pra um caminho mais conservador, e nós nos retiramos [do governo municipal]. Mas só em dois anos conseguimos ser essa referência. Logo em seguida, fui fundar a Secult, fui Chefe de Gabinete do Secretário de Cultura, que era do PCdoB, o Marcelinho. Tudo isso a gente vai acumulando,

mas minha paixão é o feminismo com referencial na política marxista, feminista e outras teorias mais, inclusive a minha. Estou em campo pra perceber melhor a relação de opressão, de abuso. Como militante desse movimento, me envolvi com todas as conquistas que temos hoje, por exemplo, a Delegacia da Mulher, a Casa Abrigo, o Centro de Referência de Apoio à Mulher, foram projetos que fomos buscar. Eu era uma menina, mas sempre estava na frente, brigando. Quando a Delegacia da Mulher veio pra cá, a doutora Ana Rúbia era promotora. Ela trocava figurinhas comigo: "*[nome], e agora? A delegacia veio, mas não tem nada. Fale com o Fernando*". Ele disse que não tinha uma casa, mas podia alugar uma. E cadê a delegada? Não tinha ninguém. Descobrimos uma que tinha passado no concurso. Fomos à casa dela, mas disse que estava de resguardo. E a doutora Ana Rúbia, feministona maravilhosa, é uma referência muito grande. Ela praticamente se ajoelhou, falando "*ô Raquel, se você não for, a gente vai ficar sem a delegacia, a gente precisa que você pelo menos uma vez na semana*". O marido encheu um pouco, mas ela foi, deu tudo certo. Hoje temos um delegado homem na Delegacia da Mulher. Acho que é o único no Brasil. No Conselho da Mulher falo isso. Algumas pessoas dizem que ele é sensível, mas a gente gostaria que fosse uma mulher. São essas coisinhas que a gente luta, dá um passo, avança. Mas a gente está indo, né?

P9. Você comentou também no início que a maternidade foi uma coisa que atrapalhou, né, no sentido de que você precisa da atenção, não consegue dividir o tempo…

R: Tenho certeza que todas as mulheres passam por isso. Eu participei de uma banca onde uma mulher apresentava o projeto dela e uma criança chorava ao fundo: "*Mãe, mãe!*" — um guri, até que a banca teve compaixão, e deixaram ela pegar o filho.

Mas você imagina: uma mulher em campanha com um gurizinho. Tem a luta e eu não deixava de ir, mas eu não podia largar o filho. Se você deixar um pedacinho com alguém: "*Ah, você é uma mãe ausente*." O pai dele diz isso: "*Você é uma mãe ausente.*" Quer dizer, é uma pessoa formada politicamente, tem noção do feminino, tem um comportamento ótimo como homem, mesmo assim: "*Ah, você é uma mãe ausente*."

Então, eu nunca tive rede [de apoio]. Não tinha creche disponível, não tinha condições de pagar babá. E aí eu não sabia como me virar, mas tinha que ter a participação. É uma dificuldade. Eu acho que, para todas as mulheres, a maternidade é um obstáculo, e enquanto a sociedade perceber que essa problemática da maternidade não é um problema só da mulher, ela vai continuar sendo responsável [sozinha] pela criança. Eu acho que o patriarcado já age naturalmente quanto a isso, porque para eles é um fator de privilégio, né?

Porque a gente tem chamado as mães solo, as mães solteiras. A mãe solo, na minha concepção de maternidade, é quando o pai não está nem aí. É quando você diz: "*Eu preciso ir à luta, você vai olhar meu filho*". Eu tive momentos no meu casamento que eu disse: "*Eu vou fazer um curso de pós-graduação na Universidade Federal do Pernambuco.*" E o meu filho era um guri de peito, aí o meu então marido disse assim, à época: "*E Gabriel?*", e eu respondi: "*Mas eu não estou lhe perguntando se eu devo ir, eu estou lhe avisando. Você vai levar ele lá para mamar, se você quiser que ele mame*". E aí você fazia isso mais com culpa, né. Pensar em deixar o meu filho na mão dele, será que ele vai dar conta, né? Tem tudo isso. Se você não bota o pé, não tira a culpa da cabeça, você não dá um passo de fé, entendeu. Então, mesmo eu tendo toda essa situação favorável, estando dentro do partido, mas ele disse "*eita, tem Gabriel*". Se vire, eu sou candidata, não? Ele dividia [os cuidados], mas não era tão fácil

assim.

P.10. Como foi a questão de apoio de família e amigos para você?
R: Eu não tinha uma rede [de apoio] porque minha mãe morreu com lúpus. A minha irmã resolveu estudar, fazer doutorado em Recife e lá ficou. Então, da minha família, eu não tinha rede. Vez ou outra aparecia alguém, uma empregada que ficava um turno, e acabou-se. O pai dividia, mas muito desigual a divisão porque a pessoa pública era eu. Então, como que ia dar conta? Eu não sabia nem como eu me virava. Era loucura, as vizinhas não entendiam, mas me ajudavam de algum jeitinho. Não tinha uma coisa certa de saber que podia ir tranquila, que ele ia comer, que ele ia estar seguro. Era uma coisa muito louca.

P.11. E as pessoas ao seu redor, elas te incentivavam a continuar, em relação à candidatura?
R: Sim, porque era uma tarefa partidária. Então, para mim, era uma alegria fazer isso, eu tinha muito orgulho de estar enfrentando aquela tarefa. Para mim, é uma alegria de orgulho, de prestígio ter sido escolhida para enfrentar. Eu tinha que enfrentar com muita responsabilidade, com muita qualidade. Aquilo foi um aprendizado. Eu dei tudo de mim para ser uma candidata com perspectiva de vitória. Sempre tive essa perspectiva, mas não me elegi. Tinha que resolver as questões da casa, cuidar da criança, mas imagino as mulheres que nem chegam a ter isso. É complicado, só o fato de não terem reconhecimento é difícil.

P.12. E apoio político, como que foi?
R: Uma mulher como eu, eu sou proletária. Eu não sou uma pessoa da elite que tem uma família com interesse em cargos de prestígio. O prestígio de uma candidatura de alguém do meu partido é o prestígio popular. Muitos líderes fazem campanha por dinheiro. Eu nunca tive isso. Era tudo no gogó. Fazíamos reuniões públicas, mas o apoio de liderança vinha apenas de pessoas com muita consciência. Não de quem estava interessado em surfar na onda da vitória. A militância era outra história, a militância comunista é de muita guerrilha. A gente precisava se virar para oferecer um lanche, uma passagem de ônibus, nunca tínhamos estrutura. A estrutura geralmente vinha das campanhas majoritárias, que produziam seus materiais. O nosso material sempre se destacava porque era bem elaborado, cheio de propostas. Em uma das minhas candidaturas, tínhamos panfletos muito bem feitos, e isso ajudava. Mas, ainda assim, tudo era no gogó. Mesmo assim, fui bem votada.
Depois, participei como secretária de Cultura. Mas, mesmo assim, nunca recebi muito apoio, nem mesmo de artistas. Algumas pessoas acreditavam: "*Essa pessoa é uma referência, vai me representar.*" Muitos da área cultural acreditavam. Muitas mulheres também acreditavam. Mas, ainda assim, as mulheres são frequentemente culpabilizadas. Dizem que as mulheres não são eleitas porque não votam em mulheres. Não é bem assim. Já ouvi de um juiz: "*As mulheres não votam porque elas mesmas se vendem para a chapa, por dinheiro*." Isso me fazia pensar. Essa culpabilização das mulheres me incomoda, mas não podia responder ao juiz. Ouço muitas vezes: "A*h, se as mulheres votassem em mulheres...*" Mas a consciência política não depende de gênero; ela é formada, construída. A mulher não tem culpa de não votar na mulher.

Vemos candidatos homens que são eleitos só porque são "bonitinhos". Já ouvi um homem dizer que ia votar em mim porque eu era bonita. Eu pensei: "*Bonita? Vou resolver seus problemas porque sou bonita?*" Isso é frustrante. Mesmo assim, nas minhas falas na televisão, sempre busquei mostrar a importância de eleger mulheres.

Fazer campanha é difícil, ainda mais para mulheres. É necessário dinheiro, seja para produzir materiais ou para distribuir. Mesmo sem comprar votos, precisa-se de recursos. Nunca tive acesso a muito dinheiro para campanhas. Agora que eu deixei de me candidatar, os partidos têm recebido mais dinheiro, mais recursos diretamente para mulheres. No meu partido, isso é feito com transparência. Mulheres negras recebem mais, mulheres brancas recebem sua parte, e tudo é prestado conta diretamente por elas. É assim que deve ser.

Algumas delas me perguntam o que fazer e eu recomendo investir nas redes sociais, por exemplo, porque é acessível. Hoje, as eleições estão cada vez mais difíceis, especialmente para mulheres. A sociedade romantiza nossas vidas, a gente se transforma em alguém com uma perspectiva de casar, de ter filho, aí a mulher para no tempo e espaço. Eu digo para as meninas, "*estudem, que seu amor sejam os livros, você vai ser a mulher mais desejada do Brasil, poderosa*". Vai trabalhar, ganhar seu dinheiro, que é o nos faz sentir realizadas. A luta é essencial e eu acredito nela. Sempre incentivo as mulheres do meu partido a se projetarem, a construir relações, visitar as pessoas. Você não tem um remédio para dar, dê amor, dê presença. Isso cansa, mas faz parte, a luta é assim.

P.13. E o que você considera importante uma pessoa ter para ter um bom desempenho numa campanha, uma eleição?

R: É isso que eu acabei de lhe falar. Para a mulher se projetar como liderança, precisa ser uma liderança. Então, você não nasce líder. A primeira coisa é você se situar na organicidade. Se tem um partido orgânico de respeito, com história, com um programa político de respeito. É você entender que a luta é diária, não é só na eleição. Então, por exemplo, todo ano você vai me ver no 8 de março, nos 16 dias de ativismo contra a violência à mulher. Você vai me ver sempre fazendo palestras, denunciando mazelas, me posicionando, isso faz uma liderança. Porque as pessoas estão vendo que você é uma referência, que você está falando com honestidade. Várias vezes eu escutei, por exemplo, "*você salvou a minha vida*". "*Eu saí do meu casamento tóxico depois que eu lhe ouvi no rádio*", então isso é realizador.

Então o que eu digo para as meninas? Seja honesta com seus princípios. Não se venda. Lute diariamente. Olhe no olho da pessoa, visite a casa, converse, crie relações humanas, seja solidária sempre. Eu não estou me referindo a caridade, estou falando da luta coletivizada, articulada. Então isso é que constrói uma liderança, e não se faz de uma hora para outra. A menos que você seja herdeiro, filho de um rico.

Uma mulher para se projetar no ambiente externo, ela vai ter a maternidade, vai ter o preconceito dentro de casa [para atrapalhar]. Se ela for uma mulher negra, meu Deus, a vida dela vai piorar porque ela vai ter que enfrentar o preconceito de cor que é muito cruel com as mulheres. Ser mulher e ser negra é ser duplamente discriminada. Na política, especialmente. Então para você ser uma liderança negra é preciso citar num partido fortalecido de ideias. Um partido ideológico que tem história, que tem uma ação diária, que tem um programa. Senão, você não vai para canto nenhum.

É engraçadinho ser candidata? Não. É muita areia no gogó, é sola de sapato e saliva que você tem que usar porque você tem que convencer as pessoas. Muita gente diz "a*h, eu tenho x mil seguidores*", mas isso não convence ninguém, você tem que ir para campo.
O presidente Lula, por exemplo, para ser o presidente, ele vem de uma história longa. É muito longa a história dele, muita credibilidade. Assim como as mulheres como Luciana Santos. Tem que mostrar trabalho. Fernando Bezerra não chegou pra mim e disse "*você vai ser a secretária da cultura*". Não, o partido me escolheu, então, que honra. Eu tive que me desdobrar, passar a noite estudando porque precisa honrar o espaço que nos foi dado.

P.14. Você disse que não tem mais vontade de se candidatar. Por quê?
R: Na verdade, é muito trabalho. É que cansa. Então, eu gosto muito de escrever. Minha escrita não deixa de ser uma escrita militante, eu sempre vou estar voltada para a condição da mulher. E eu acho que precisa renovar também as lideranças, entendeu? Você vê que as pessoas envelhecem muito na política. Elas têm que sair, dar espaço para essa juventude**.** Acho que a juventude tem uma rebeldia necessária à luta política. Você tem que ver esse pessoal entrar. Entendeu?
A descrença na política é um jogo da elite dominante. As pessoas falam como se fosse um chavão. "*Ah, é política, ela é politicalha*". Não sabe nem o que é politicalha. "*Ah, é ladrão, político é ladrão*". São os políticos os culpados, quer dizer. Eles colocam que todo mundo é igual na política e não é. Quando você vai lá para avaliar os mandatos, você não encontra mais de cem mandatos ali que são pessoas honestas, que todo dia estão brigando por direitos, por coisas honestas. Não são iguais. Então, quando você criminaliza a política, você afasta as pessoas da política, aí vira um monte de louco, aí viram religiosos, ensandecidos, raivosos porque eles não encontram perspectiva na política. A política é um campo de batalha, uma organização dialética que tem princípios, que tem filosofia. É rico. A política é rica. Então, eu faço política todo dia.

P.15. Você já comentou que o espaço da política é um espaço muito masculino, né? Você falou que mesmo um partido sendo de um partido de esquerda, um partido que se preocupa com a causa, existem também alguns preconceitos.
R: A gente precisa criticar o *esquerdomacho*. O *esquerdomacho* é perigoso porque ele é sutil, né? Porque o patriarcado, ele está em todas as relações do poder e os homens estão nos partidos, então, o patriarcado está neles. É claro que o ambiente do PCdoB é diferenciado, como lhe disse. A presidenta do partido é a Luciana, uma mulher negra. É a primeira vez que uma mulher negra virou presidenta de um partido e continua. Ela é ministra e é presidenta. Então, para isso acontecer, há uma movimentação das mulheres, claro, porque você não vai achar o homem no seu partido comunista que vai chegar lá e dizer "*agora é a vez da mulher*", não é assim. São movimentos. A gente sempre está em movimento.
Se a gente parar de se movimentar, a gente volta para a cozinha. Já estamos em muitas cozinhas, né? Mas só é possível ocupar os espaços que ocupamos porque nós nos movimentamos.

P.16. Quais são as principais diferenças que você já viu dentro desse espaço entre homens de tratamento ou de violência e sofrimento?

R: Primeiro, para você ser uma militante e comunista, você precisa estudar e o tempo que a mulher tem para estudar é menor do que o tempo do homem. Então, você dorme menos, né? A diferença do conhecimento teórico é perceptível, mas quando você vê uma Jandira Feghali falando, você se contagia e quer estudar também. Manuela D'ávila carregou aquela menininha dela para todo canto quando ela se candidatou à [vice-]presidência. "*Por que você está levando sua menina?*" "*Porque eu não quis babá. Eu fico 15 dias, mesmo na campanha, e meu marido [fica com a filha] 15 [dias]*".

Eu quero começar a massificar essa ideia de que a mãe solo não é só a mãe solteira, pra esfregar na cara dos homens, entendeu? Por que eu vivi isso na minha casa, um homem de partido, um teórico. Mas que me responsabilizava pelo cuidado com o filho. Não, não estou lhe pedindo não, querido. Estou lhe avisando, eu vou estudar. Eu nunca encontrei um homem que possa chegar e dizer "*oh, querida, vá fazer tal coisa, vá escrever*".

Eles sempre avaliam a gente, né? No espaço político-partidário, já vi casos assim, de mulheres que ouviram, "*ah, sua opinião política é fraca*" pra desencorajar a mulher, né? Já vi meninas entrando em depressão. "Ah, ele diz que eu sou burra, que eu não tenho condições". Fale o que você pensa da política, vá falando até você se aprimorar. Que comece gaguejando, depois a gente vai para cima e fala, fala na mesma altura deles. Vamos embora, vamos para cima. Eu sempre fui encorajando as meninas, assim. Eu tenho mais de trinta anos de PCdoB e vi meninas caladas, que hoje vão para cima, falam e têm opinião sobre as coisas, são feministas também. Isso é muito gratificante, né? Mas nos partidos, inclusive no meu tem, machistas.

P.17. Nas suas campanhas, ou dentro do partido, você já sofreu discriminação ou algum tipo de violência?

R: Com certeza. O aspecto da aparência, ser chamada de gostosa, né? Eu ouvi de um cara da política pegar meu panfleto e dizer "*esse aqui eu vou levar que chegar em casa eu vou bater uma*". Dá ódio, né? De matar, de chorar. Depois eu chorei, não na frente dele. Mas ele disse "*você está muito sensual aqui nessa foto*", mas a minha foto aí não foi para ser sensual não, foi para ser conhecida, todo mundo me conhece assim. A gente tem que se explicar nas entrevistas, nas candidaturas, as pessoas focam só na pauta da mulher, não focam na pauta das discriminações, né? São várias as discriminações. A discriminação territorial, porque as pessoas da capital, de um partido, elas são mais importantes do que as pessoas do interior. O investimento sempre fica pra lá. O vereador da capital tem mais recursos, entendeu?

O fato de ser mulher na política, como você é uma pessoa pública, os nossos corpos são públicos, os nossos corpos são objetificados. Aí, quando você é candidata, ele é mais público ainda. "*Ah, você quer meu voto, né?*" aí, você sempre vai receber as cantadas e ali você tem que respirar fundo para não dar um murro. "*Ah, você é chata, né?*" O cara já fala pegando em você. "*Ave Maria, você é de ouro*", eu não sou de ouro, querido. "*Já que você está aqui, vamos tomar uma cerveja?*" e eu tive que ir lá e falar, "*Eu nem lhe conheço, como é que você me chama para sentar na sua mesa? O que leva você a crer que eu vou ser sua amiga nessa mesa de bar? Você, ainda, homem casado.*" Não tem como, tem que respeitar as mulheres. Não é nem por mim, mas tive que vir e te dar essa lição. Eu sei que estou fazendo isso, porque depois dos 50, eu fiquei com mais coragem, né, de dizer as coisas na cara dos caras. Eu sou uma mulher que tenho coragem de dizer.

P.18. Terminamos. Muito obrigada!
R: Obrigada você. Espero que consiga aproveitar algo do que falei.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada (Nome fictício): Manuela Freitas
Categoria: Pré-candidata
Partido: PRTB, posterior DC
Data: 06/02/2024
Local: Local de trabalho da entrevistada, Petrolina/PE

P.1. Para começar, vou pedir para você se apresentar, falar um pouquinho sobre você, sua ocupação, formação e seu estado civil.
R: Meu nome é [nome]. Atualmente, eu tenho uma ocupação voltada para advocacia, sou formada em Direito. Também dou aula num cursinho preparatório para concurso, sou casada e tenho trabalhado ultimamente dentro desse quadro mesmo. Tenho 32 anos, ainda não tenho filhos, mas estou aí na tentativa de colocar mais gente no mundo, né? Apesar do mundo não estar lá essas coisas, a gente tem uma natureza geradora que é muito forte. Basicamente é isso.

P.2. Você me autoriza a gravação?
R: Sim, autorizo, sem problema nenhum.

P.3. Beleza. Então, para começar, como e quando surgiu o seu interesse pela política?
R: Veja bem, o curso de Direito é um curso que se localiza muito dentro dessa área das ciências humanas em que, por mais que a legislação seja técnica, objetiva e jurídica, ela não foge do campo político. Então, durante o curso é importante que a gente consiga compreender o panorama político em que a gente está inserido como sociedade. Eu sempre gostei muito, muito de política mesmo. Sempre fui muito do sentido de tentar compreender qualquer realidade política, tanto da cidade, quanto do estado, quanto do país. Além de buscar também sempre ter minhas próprias opiniões e não me enquadrar em nenhuma caixinha pré-formada, mas sim ter opiniões sinceras e pessoais. Então, assim, eu sempre gostei de política.
Mas daí de você gostar de política para você querer trabalhar com política é um salto bem gigantesco, até por conta dessa questão de você ter necessidade de ter uma filiação partidária, de ser inserido numa comunidade política existente ali na tua cidade. Então, assim, como eu sempre gostei, há uns dois anos atrás eu comecei a pensar na possibilidade de participar mais ativamente. Na verdade, quando eu procurei o partido, eu nem tinha tanta intenção de me candidatar. Eu queria só participar, ajudar de alguma forma algum candidato, estar envolvida, estar inserida nesse campo, neste seio, que é fundamental para a sociedade.
Quando eu conheci o pessoal que hoje me apadrinha politicamente, eles me falaram: "*olha, existe uma dificuldade muito grande da gente ter candidatas porque a legislação eleitoral hoje estabelece ali algumas cotas para candidatas mulheres, e a gente tem uma dificuldade, já que você gosta, você quer estar inserida, não seria interessante para você se candidatar?*"
E aí eu falei, claro, com certeza. Eu queria, na verdade, no começo trabalhar, mas eu sempre tive a intenção de me candidatar.

Eu acho que é porque na política tem dois grupos de pessoas. As que querem entrar na política por desonestidade, isso existe, a gente não pode negar. Quem quer ser política porque é uma forma de conseguir acesso a valores do dinheiro público, e existe aquele grupo de pessoas que está de certa forma insatisfeito. Nem totalmente insatisfeito, porque quando a gente olha o cenário político de Petrolina, a gente não pode dizer que está insatisfeito. Claro, existem críticas possíveis, sempre vai existir, mas a gente vê que Petrolina é uma cidade que funciona bem, os serviços públicos funcionam bem. Só que chega um momento que você diz ‘’*poxa, eu não quero mais só esperar que os políticos façam por mim. Eu vou começar a entrar na política justamente para que as minhas ideias, os meus pensamentos, aquilo que eu represento como pessoa, possa fazer alguma diferença no canto político da cidade Petrolina”*. Então, essa questão do sexo, da mulher, da representatividade feminina, da representatividade cristã é muito forte para mim. Eu penso que é importante que essas pessoas ocupem os espaços políticos, porque, o ideal, e a gente não vê isso na prática, é que a comunidade política consiga refletir a comunidade real.

Quando você olha o universo político e vê ali um grupo de pessoas que têm sempre o mesmo padrão de idade, comportamento e sexo, não é interessante. Isso para a sociedade não é interessante. É importante que haja diversidade dentro da comunidade política, e hoje eu pretendo me candidatar à Câmara de Vereadores, é importante que haja ali um quadro de vereadores que seja efetivamente representativo do que é a sociedade de Petrolina na prática. É claro que eu não quero ser hipócrita e minimizar algumas pautas, porque quando você vai olhar para a pauta da mulher no universo político, ela não é uma pauta única. Você não tem só a questão da necessidade da representatividade da mulher na política. A gente tem várias pautas. Você tem a mulher, você tem a mulher que é empresária, você tem a mulher que é dona de casa, você tem a mulher que é branca, a mulher que é negra, a mulher que é indígena. O sexo não resume as nossas pautas, isso é fato, mas é um primeiro passo em direção à representação feminina dentro dos nossos campos políticos para que mais mulheres tenham esse interesse.

Eu tenho total consciência, Bárbara, que eu sou uma pessoa em um campo social privilegiado. Eu nasci numa família com uma boa estrutura de vida, tive a oportunidade de não ter dificuldade para ingressar na universidade pública, de não ter dificuldade para fazer essa universidade pública mesmo morando longe dos meus pais. Então, eu tenho uma formação que me capacita para enxergar isso, tenho uma criação que me faz enxergar essa realidade e é claro, tem muita gente que costuma perguntar ‘’*por que você quer se candidatar? Por que você acha que você é a pessoa certa?*’’. Porque eu tenho capacitação técnica? Seria até antidemocrático eu dizer que eu sou a pessoa certa porque eu tenho capacitação técnica porque a verdade é que para que você seja um bom político, você tem que entender qual vai ser o seu papel lá dentro, mas isso qualquer pessoa pode entender. Na verdade, toda a sociedade deveria entender o que um vereador faz, o que um prefeito faz, o que um deputado faz, um senador e um presidente. Então tem de você compreender, mas não é só isso.

Então, o que me interessa é sim uma questão de ordem pessoal, é uma função pública que eu admiro, que eu gostaria de viver a experiência para colaborar com a sociedade. Também sinto que eu tenho um certo dever para com a sociedade. Eu sou uma pessoa que foi formada numa universidade pública, então se eu tenho uma formação hoje, é porque a sociedade pagou minha formação. Eu sou uma pessoa que nasceu numa família bem estruturada, aí já entra

meu viés cristão. Se Deus me colocou numa família estruturada para que hoje eu estivesse onde eu estou, não é para atender apenas aos meus interesses pessoais, mas é para alcançar outras pessoas. Dentro do campo político, eu tenho visto a possibilidade de dar sequência a esse projeto, esse propósito mesmo assim de poder fazer algo a mais pela comunidade em que eu vivo.

P4. E quais são as suas pautas, a sua motivação?

R: Tem duas pautas que mexem muito comigo aqui em Petrolina. A primeira pauta que me move muito é a pauta rural. Porque eu vejo que Petrolina é uma cidade que tem a condição financeira que tem por conta do rural e, às vezes, eu vejo que o rural é um pouco... não é nem desprezado, ele não é colocado no centro da prioridade pública. Por exemplo, você vai nesses núcleos de irrigação, você não tem um posto policial. Falta ainda muito da atenção para o rural.

Outra coisa que eu acredito é que todo mundo que faz um curso superior vai sempre ver como é importante a educação. A educação, principalmente voltada para o fortalecimento da assistência social. No sentido da gente aproximar mais o poder público das famílias. Não porque o poder público deve interferir no seio familiar, mas porque a gente vê que tem muito problema social que a gente vive hoje. Rebeldia, uso de drogas, gravidez na adolescência, problemas sociais, que o motivo deles é a falta de instrução, a falta de acolhimento, a falta de estrutura familiar. Se a gente pudesse, dentro da educação, entrar com projetos mais voltados para aproximar as pessoas, aproximar a família da escola, acho que isso é fundamental.

Eu tenho um projeto que é de levar arte marcial para dentro das escolas. Porque as artes marciais, o jiu jitsu, o judô, o karatê, são muito fortalecidas em relação à disciplina e isso dentro das escolas é muito importante. Meu pai é militar do Exército, eu estudei em colégio militar do Exército, e o colégio militar tem uma característica que é justamente a de ter várias modalidades esportivas. Além de garantirem que o aluno permaneça ativo fisicamente e conheça as modalidades, também traz disciplina porque ou você tira uma nota boa ou você não vai mais poder praticar essa modalidade. Como os jovens se interessam muito pelas competições e tudo mais, eu acredito que é um caminho bem viável. Orçamentariamente, não chega a ser caro porque você falaria, claro, na contratação de profissionais especializados, mas quando você pensa, por exemplo, em militarização das escolas, que é uma outra vertente de disciplina, já é um projeto que é muito caro, para o Estado é inviável. Não é que eu seja contra, até porque estudei em escola militar, mas como é que a gente vai militarizar a escola quando a corporação policial do estado já está em déficit? Você já não tem policial nem para atender a segurança pública, como é que você ainda vai pegar uma parte desses profissionais e colocar na educação? É caro, a logística é complicada, então eu acredito em meios alternativos para a gente realmente ter uma preocupação com essas crianças, para entender que a criança não tem que estar na escola só para ser um momento dela estar ali e não dar trabalho para a sociedade não, mas a criança está na escola e um dia ela vai sair daí. Ela vai sair como um cidadão formado ou essa escola não deu essa base de educação que é necessária?

São dois campos que me interessam muito, a questão da proteção do trabalhador rural e das comunidades rurais e a questão da assistência social mais fortalecida em Petrolina. Você vê muitos moradores de rua em Petrolina. Em uma cidade da estrutura, do porte, da receita que a

gente arrecada todo ano aqui, não era para existir. ‘’*Ah, mas é porque muitas vezes as pessoas optam porque estão numa dependência química”*. Sim, aí já é uma questão de você entrar com uma intervenção de saúde mesmo e fazer tratamento dos dependentes químicos. Claro que não é fácil, as grandes cidades do Brasil hoje sofrem com essa questão, justamente porque você precisa convencer a pessoa a se tratar, mas é importante, não pode o poder público dizer que não é responsabilidade dele porque a pessoa não quer.

Além das questões femininas. No começo da minha carreira, atuei muito na área criminal, depois passei um pouco mais para a cível e, ultimamente, eu tenho atuado muito na área de família. E o que a gente vê em relação à desestruturação das famílias e como os ex-companheiros tentam manipular, controlar a vida dessas mulheres, mesmo após o término do relacionamento, é bastante inquietante, sabe? Eu estou com duas ações que são ações de guarda, ações complexas em que, em uma das ações, o ex-companheiro tentou matar a ex-companheira. E aí é simples, mas você tem um judiciário super lento para tomar decisões. Essa estrutura, esse acolhimento, ele é necessário, importante. O acolhimento da mulher, quando a gente fala em acolhimento familiar, porque a gente sabe que grande parte das mulheres que são vítimas de violência doméstica hoje, só são porque não tem outra opção, não tem pra onde, não tem o que fazer.

E tenho um outro projeto também, que é o de criar uma casa de acolhimento para gestantes sem apoio familiar. Eu sou contra o aborto, mas não basta ser contra o aborto, eu tenho que dar a essa mulher uma condição para que ela possa ter essa criança porque a gente sabe que muitas mulheres jovens são expulsas de casa quando engravidam. Muitas mulheres vivem numa situação de violência doméstica e aí engravidam e não tem pra onde ir. A partir daquele momento, não é mais só a vida dela, é a vida dela e da criança. Então, eu acho que a gente tinha que, dentro do poder público, ter algum projeto voltado para isso também, acolhimento de mulheres gestantes sem essa rede de apoio, sem essa estrutura familiar.

São os campos em que eu acredito que eu atuaria de forma mais militante, mas dentro do poder legislativo você vai estar ali decidindo por questões de natureza diversas. O interessante é sempre, de forma representativa, levar a confiança que o eleitor depositou em você. Quando a gente fala do poder executivo, eles governam para todo mundo, mas dentro do legislativo a questão representativa é mais forte, de você cumprir com os ideais daquelas pessoas que te elegeram. Afinal, se é para ser uma proporção ali, a tomada de decisão vai levar em conta essa proporção. Quem me colocou lá, quer que essa voz seja ouvida. O objetivo é realmente dar vazão, dar espaço à voz de pessoas que às vezes na sociedade não tem espaço para manifestar essa voz. Uma vez que a nossa comunidade política, como eu disse lá atrás, é sempre o mesmo padrão de idade, de sexo, de formação. A multiplicidade cultural, sexual, religiosa é importante na política, é fundamental.

P.5. Antes desse momento que você procurou partidos, você nunca tinha participado de nenhum movimento político?

R: Não, nunca. Nunca tinha participado de nada. Foi realmente um estalo. Sempre gostei, sempre gostei muito de política e aí do nada deu um estalo. Eu falei: “*rapaz, já que eu gosto, vou lá fazer alguma coisa então*”. A sensação que a gente tem é que, ultimamente, a gente gasta muita energia em não fazer nada. A gente às vezes manifesta nossa opinião nas redes sociais, faz postagens diversas, manifesta nossa opinião constantemente e a sensação que dá é

que quando você faz isso, você está ali manifestando sua opinião, mas uma opinião que não é colocada em prática, ela é só isso. Exige uma energia você discutir, você pensar. Hoje em dia as pessoas têm estado muito atentas, elas discutem política como se fosse pessoal mesmo. Isso é o gasto de uma energia que não vai mudar nada se você não for fazer alguma coisa. Ter uma opinião hoje em dia é importante, todo mundo tem que ter sua própria opinião. A gente está muito manipulado aí pelo controle das mídias, a questão do controle de dados, aquilo que você consome, ser sempre a mesma coisa porque os algoritmos do sistema sempre te fornecem aquilo que você costuma consumir e aí parece que a nossa opinião fica assim dentro de um quadradinho, dentro de uma caixinha. Quando você vai para o mundo real, você vê que é um pouco diferente, mas é justamente isso. É tentar gastar energia de forma estratégica e realmente útil para a sociedade.

P.7. Então, nesse momento, como e por que você resolveu se tornar candidata?
R: Bom, como eu já disse, eu tenho dentro de mim essa questão de prestar o serviço para o próximo. Acredito que tem muito da minha criação nisso. Minha família é muito solidária, mas eu acredito que o principal é o viés cristão. Porque eu acredito que onde eu estou hoje, quem eu sou hoje, a formação que eu tenho, a minha capacidade de me comunicar, isso não é fruto de um esforço somente meu. Ninguém é fruto de um esforço somente seu. Você é fruto, claro, do seu esforço, porque se você estivesse inerte, você não teria chegado onde você chegou hoje, mas você é fruto também das relações que você construiu ao longo da sua vida. Segundo a minha crença, eu sou fruto daquilo que Deus me formou para ser.

Acredito muito que Deus, quando Ele nos abençoa, Ele abençoa pela sua infinita graça porque Ele é um Deus bom e Ele tem prazer em abençoar seus filhos, mas Ele abençoa com o intuito de alcançar outras pessoas. A benção de Deus não morre em mim, ela pode ser potencializada para alcançar diversas outras pessoas. Então, eu gosto de pessoas. Gosto de gente e eu acredito que eu sou a pessoa que sou hoje pelo que Deus fez.

Existe um propósito nisso, existe em mim uma vontade muito grande de ajudar o próximo, de servir a sociedade de alguma forma. Acredito que dessa forma eu também estou glorificando a Deus, sabe? Eu ajudo as pessoas, eu também glorifico a Deus. A política é uma forma de potencializar isso, de ajudar as pessoas. Entrar na política hoje é realmente o intuito de poder fazer algo a mais, de dar voz às pessoas que precisam de voz, à comunidade feminina da sociedade. E assim, a gente tem lá na Câmara de Vereadores muitas vereadoras, muitas talvez até mais competentes politicamente do que eu, que já tem uma história, já tem uma aproximação com o povo, que é importante demais quando você fala em política, mas eu quero poder participar desse processo.

P.8. Entendi. Nesse momento, então, você que procurou o partido?
R: Sim, o que acontece é o seguinte, o meu atual padrinho político, a pessoa que eu procurei, eu não procurei pela filiação partidária, mas sim por ele mesmo. Porque o filho dele é meu conhecido, inclusive companheiro de profissão, trabalhou aqui com a gente e quando eu me interessei por entrar na política, eu comecei a ver como que eu poderia fazer isso. Conversei com esse meu amigo e ele disse: "*olha, se você tem interesse, eu vou te passar o contato do*

meu pai que ele pode te dar umas orientações de como que você vai proceder, o que você pode fazer e tudo mais". Procurei o pai dele, que é a pessoa que hoje me orienta mais fortemente, em qual partido entrar, como entrar, como seria e quando eu me reuni com ele, ele falou: "*olha, a gente está nesse partido*" e era um partido que tinha compatibilidade com as minhas opiniões políticas. Não 100%, nunca vai ser, mas tinha essa compatibilidade. Eles me ofereceram já lá mesmo, antes da filiação, a possibilidade de candidatura, uma vez que, como eu disse, a questão da candidatura da mulher é muito difícil, é importante que o partido não coloque uma mulher só para preencher o cargo porque acaba desperdiçando a candidatura.

Então eles me disseram: "*olha, se você tiver interesse em se candidatar, para a gente vai ser legal porque você é uma pessoa que tem um perfil interessante, é um perfil que está faltando, tem essa questão da gente precisar preencher a vaga com uma mulher e pela vontade que você está manifestando, pelo padrão social que você vive, os contatos que você tem, a gente acredita que você possa ter um bom destaque no processo eleitoral*". Aceitei porque desde o início a minha intenção era em algum momento me candidatar, não pensava em candidatura tão cedo, mas como existe a questão da necessidade e isso, com certeza, é por conta do que a legislação determina em relação à participação feminina. Eu tenho certeza que se não fosse uma cota mínima, talvez eu não tivesse esse espaço. Por mais que eu seja uma pessoa capacitada tecnicamente, tenha uma formação e tudo mais, você precisa de uma certa relevância política, e assim, eu sou daqui de Petrolina mas meu pai é militar, então a gente morou fora de Petrolina praticamente a vida inteira, moramos no país inteiro. Há mais ou menos uns sete, oito anos atrás a gente veio pra cá, ele foi pra reserva, e desde então estou aqui.

Só que assim, quando as pessoas entram no campo político, geralmente, é porque tem algum familiar, é porque tem uma relevância, tem um nome e eu não tenho nada, eu tenho um sonho e um título de eleitor filiado no partido, pronto. E a fé de que se for da vontade de Deus e se a população de Petrolina confiar em mim, vai dar certo e eu serei vereadora, mas com certeza a questão da legislação estabelecer a cota feminina foi um fator preponderante para que o partido me oferecesse essa oportunidade.

P.9. Você falou que um dos motivos também foi a sua identificação com as bandeiras do partido. O que foi importante pra você nesse momento de escolha do partido?
R: Olha, eu acredito que politicamente a gente cria caixinhas. Quando você vai conversar com uma pessoa sobre política, ela cria uma caixinha na cabeça dela e ''*ah, se eu for contra o aborto, então eu tenho que ser a favor de A''*, só que isso não existe. As ciências humanas não são exatas, então pra você se identificar como uma pessoa politicamente de esquerda ou de direita, as pessoas acham que eu tenho que concordar com tudo que a esquerda fala ou com tudo que a direita fala, mas isso não é verdade. Você pode concordar, sim, com uma sociedade mais conservadora no sentido de fortalecer os valores morais, os princípios éticos e isso não significa mitigar ou negligenciar o direito de grupos minoritários. Uma coisa não tem relação com a outra. Quando a gente fala de fortalecimento da família, não tem nada a ver com a mitigação dos direitos LGBT, por exemplo. Só que as pessoas acham que existe uma caixinha nesse sentido e não existe. Uma coisa pode acontecer paralela a outra perfeitamente.

Quando eu procurei um partido, eu procurei um partido que tivesse valores conservadores sociais aliados aos meus, como pessoa cristã, porque eu costumo dizer o seguinte, eu não sou nem de esquerda nem de direita, eu sou de Cristo. Tudo que Cristo disser, eu concordo com ele. Quando ele me diz que eu tenho que ajudar os pobres, isso é um valor de esquerda, isso não é um valor de direita e eu vou concordar com ele. Quando ele me disser que a família é base da sociedade e a família tem que estar fortalecida, isso é um valor que é visto na sociedade brasileira como sendo de direita. A gente tem uma população hoje, que é onde eu me insiro, que em relação aos costumes é mais conservadora, mas em relação aos direitos sociais é mais liberal. A gente quer respeito, dignidade, luta contra a corrupção, que eu acho que é a pauta política de qualquer partido. Mas o social continua sendo muito forte porque a minha opinião pessoal é que o papel do Estado é garantir o social.

Então hoje o universo político de Petrolina é bastante semelhante à minha opinião. Você vê que todos os governos de Petrolina, mais à direita ou mais à esquerda, são muito preocupados com a economia e muito preocupados com o social, porque a economia existe vai sim gerar lucro àqueles que detêm o capital, mas tudo e toda a propriedade no Estado democrático de direito tem uma função social. Logo, quando o Estado confere às empresas algumas facilidades, não é só para que aquele empresário possa ter mais lucro. É para que você possa gerar mais emprego, para que você possa gerar um retorno tributário que vai ser investido em educação, saúde, e a gente vê isso em Petrolina, sabe? Você vê que a nossa saúde, mesmo com todas as críticas possíveis, se eu não me engano, é a oitava do país. Você vê que existe uma estrutura interessante em Petrolina, a garantia desses direitos sociais aqui.

Eu acho que essa história de que o Estado não deve interferir na família, a gente tem essa opinião quando a gente tem uma família estruturada, mas esquecemos que grande parte da sociedade vive com famílias com vícios, e aí sim o Estado acaba adquirindo uma função importante em relação à família, principalmente para proteger aqueles que são mais vulneráveis. Eu não consigo dizer que eu me encaixo na direita nem que eu me encaixo na esquerda, porque eu concordo com muita coisa dos dois lados, mas quando a gente se posiciona dessa forma, a gente geralmente é acusado de isentão. Não é isso, é porque eu realmente concordo com as duas coisas e acho que é importante garantir as duas coisas na sociedade. Se fosse para categorizar, talvez as pessoas me categorizassem mais à centro-direita por conta dos valores mais conservadores, mas os valores conservadores não devem ser utilizados para ferir direitos humanos.

P.10. Quando resolveu se candidatar, você recebeu esse apoio do partido e eles te convidaram. Que outro tipo de apoio você recebeu? Da família, amigos?

R: Quando eu fui me candidatar, Eva fez uma pergunta interessante. Ela me perguntou se eu era casada e falei que sou. Ela perguntou, ‘’*o que seu marido acha disso?”*. Eu sei que a gente lutou muito pela independência feminina, mas uma coisa não anula a outra. Quando você é casada, a sua base familiar é você e o seu esposo. Então, é importante a opinião do seu esposo em relação à sua candidatura, assim como é importante a opinião dele em relação a qualquer coisa que eu vou fazer na minha vida, mas eu tive a sorte de casar com um homem que se eu dissesse assim ‘’*meu bem, eu quero ir na lua*’’, no outro dia ele está construindo um foguete, e eu falei isso pra ela e a mesma disse ‘’*que bom*’’. Ele me apoia muito, muito

mesmo, ele acredita muito nisso. No início, a minha mãe tinha um pouco de receio. Ela ficava: "*ai, esses negócios de política…*" e eu digo: "*mãe, faça o seguinte, ore pra Deus: Deus, se não for pra ser, tire isso do coração dela*". Pronto, ela passou um ano orando e desistiu. Hoje ela já está mais empolgada. Até mesmo na minha comunidade, na igreja. Antigamente, você tinha um preconceito muito grande em relação a pessoas religiosas dentro da política e hoje não. Você já vê toda a comunidade apoiando, achando bacana, achando interessante. Todo mundo quer ajudar, de vez em quando os amigos me ligam perguntando se já começou a campanha.

Logo, eu vejo que no meu universo social e familiar eu tenho tido muito apoio. Eu tive essa sorte porque é aquela questão, né? Se eu tenho preconceito com a política, tenho preconceito com o fato de ser um espaço não ocupado por mulheres, então tinha tudo pra minha família estabelecer entraves, mas pelo contrário. Eles são bastante empolgados com a ideia, são bem apoiadores. O meu sócio também, o meu companheiro de trabalho, ele também me apoiou demais, já disse que para o que eu precisar, ele está junto também.

Em relação a isso eu não tive nenhum problema, mas eu acredito que eu tive sorte porque eu acho que não é a realidade da maioria das mulheres. Até porque muitos maridos têm dificuldade de ver suas esposas em uma posição de poder. É até inconsciente isso porque a sociedade que a gente vive é uma sociedade que tem isso muito forte. Já tem outros que não, meu marido acha o máximo. Ele sempre me enaltece e isso pra mim é fundamental dentro do relacionamento. Ele me enaltece da mesma forma que eu enalteço ele bastante também. Um está sempre apoiando os projetos do outro, mesmo que às vezes você não concorde, mas tem que ter aquela individualidade dentro do relacionamento, no sentido de você entender que cada um tem seus sonhos. A gente se apoia muito, mas sei que não é a realidade da maioria das mulheres por aí.

P.11. E em relação a outros recursos, financeiros, tempo?
R: Eu tenho até um amigo que brinca comigo e diz assim "*você vai investir quanto na política?*" e eu digo que não vou investir nada. Eu vou pegar os santinhos que o partido me der, todo o recurso que o partido me der e vou utilizar. Eu não vou investir nada. E ele "*não, mas se você não investir, você não ganha*". Eu não quero investir nada, eu quero ganhar com a força do povo. Se o povo confiar em mim, então eu vou ganhar com a força do povo.

O meu tempo hoje é um tempo que eu consigo articular porque como eu advogo e dou aula, o meu horário é bastante flexível, então eu vou ter bastante tempo pra me dedicar à campanha. Já sobre o recurso, como eu disse, hoje são as pessoas que eu tenho angariado ao longo do caminho para que essas pessoas me apoiem, realmente confiem nesse projeto e me ajudem. Hoje, o meu projeto, o meu planejamento é esse.

P.12. Dentro do partido, eles ofereceram alguma base de instrução, de treinamento em relação à candidatura?
R: Olha, ainda não. O que o partido tem sido bastante é solícito. Sempre que eu preciso tirar uma dúvida ou sempre que eu tenho uma ideia. O que acontece é o seguinte, existe um

período em que você pode fazer a campanha efetivamente. Você não pode desrespeitar esse período, sob pena, inclusive, de ter seu mandato cassado lá na frente. Então, a campanha em si, a gente ainda não começou a articular, mas o que o partido tem sido até então é bastante solícito para tirada de dúvidas, para conversas, mas eu acredito que agora, depois do carnaval, a gente já começa a trabalhar mais nesse sentido de articular as campanhas. O interesse do partido é que tenha o máximo de candidatos eleitos possível. Então, não é interessante, por exemplo, dentro do processo eleitoral, você ter fogo amigo, um acabar atingindo a campanha do outro. Essa articulação política, eu acredito que deva acontecer até mesmo, inclusive, aos partidos que são coligados, aqueles que têm uma aliança.

P.13. Em relação ao recurso para a campanha, eles já deram uma previsão?
R: Não, ainda não mencionaram. O que a gente sabe é que todo partido tem acesso ao fundo partidário e, inclusive, uma porcentagem desse dinheiro tem que obrigatoriamente ir para as candidaturas femininas. Então, nesse sentido, acredito que a gente, eu e as demais meninas que vão se candidatar, vão acabar tendo acesso a esse recurso por conta do que determina a legislação eleitoral, mas, por enquanto, não houve nenhuma articulação nesse sentido.

P.14. A gente já está se encaminhando para o finalzinho. Em relação ao tratamento entre homens e mulheres dentro do partido, você percebe alguma diferença? Ou, por exemplo, o PRTB tem uma presidenta. Você percebe essa diferença de tratamento?
R: É que nem você falou, o partido que eu estou associada hoje, o PRTB, tem uma presidenta, então, eu acho que, culturalmente, o partido já está acostumado a ver mulheres em posições de poder, principalmente porque o discurso da Eva é muito do empoderamento feminino, porque muitas vezes o feminismo só reconhece a posição de vítima da mulher. A gente precisa sim reconhecer as situações em que a mulher ocupa posições de vítima, mas as pessoas pecam por reconhecer o papel de vítima das minorias e não garantir medidas para que essas pessoas saiam dessa posição de vítima.
Então, quando você fala, por exemplo, que uma mulher é vítima de violência doméstica, você tem que investir em capacitação técnica para garantir que essas mulheres não sejam dependentes dessas circunstâncias. Eu vejo que a nossa presidente tem um discurso bastante empoderador nesse sentido, de que a mulher tem força, de que a mulher tem capacidade, tem que ter seus espaços sociais. Dentro do partido não tenho sentido, até então, nenhum tipo de tratamento que seja discriminatório, mas eu acredito que seja, além da questão da força política que a presidente tem - porque a gente vê que ao longo da carreira do esposo ela sempre esteve ali ao lado dele, ela pelo partido e ele pela própria candidatura -, a gente vê que existe uma cultura no sentido de já reconhecer essa posição da mulher, associado ao fato de que hoje os partidos precisam dessas mulheres porque as candidaturas devem respeitar ali o percentual de cotas que a legislação eleitoral determina.
Tudo bem que é uma política afirmativa, o ideal é que ela nem fosse necessária, mas ela precisa existir e com isso, a gente vê que o tratamento não é discriminatório de forma alguma, existe realmente uma necessidade de acolhimento da mulher dentro do partido por conta dessa necessidade que o partido tem de ter candidatas, mas até então todas as tratativas que eu tive,

tanto pelo partido quanto pelos funcionários, assessores, foi sempre assim de muito, muito acolhimento.

Só que assim, a gente não pode reduzir a pauta feminina na minha pessoa. Porque eu sou uma mulher branca com um ensino superior. Então, a posição social que eu adquiro, o tratamento que eu recebo é totalmente diferente, com certeza, de mulheres que às vezes não têm uma formação ou de mulheres que compõem certas minorias. Não querendo resumir, eu falo, claro, pela minha experiência pessoal, mas eu entendo que talvez a experiência de outras mulheres na política seja diferente por conta dessas questões sociais.

Além de eu achar que existe um fator preponderante na forma como você é tratado, que é a postura que você adquire diante das pessoas. As mulheres, quando elas são formadas da forma que eu fui formada, no sentido de entender que eu tenho direito ao meu espaço, de que eu tenho direito à voz e que eu não preciso abaixar a cabeça para ninguém, ela já se comporta com essa autoridade individual. Daí, o tratamento que ela vai receber é proporcional à autoridade que ela se comporta. Muitas mulheres são criadas para submissão, para abaixar a cabeça e às vezes o tratamento que elas recebem é justamente proporcional a essa falta de autoridade que elas expressam ao se comunicar, ao se comportar nos ambientes. Não estou dizendo aqui que é culpa das mulheres, não. É culpa da forma como elas foram criadas.

Eu acredito que o fato de eu ser sempre bem tratada em qualquer lugar tem a ver com questões sociais e a ver com essa questão psicológica, da forma como você se posiciona. Eu brinco muito porque, assim, eu atuo na esfera criminal e eu falo que eu prefiro mil vezes enfrentar um cabo bigode do que uma policial feminina. Cabo bigode é aquele com cara de PM bravão, mas digo isso porque as policiais femininas são muito bravas, elas são muito duras. Elas são duras porque elas precisam adquirir esse comportamento, senão elas não vão ser levadas a sério. Nem pelos seus companheiros de farda e nem por aqueles que elas estão, muitas vezes, prendendo. A gente vê que às vezes a mulher tem necessidade de adquirir determinadas posturas em determinados locais que ela ocupa. A gente vê muito disso na natureza feminina, de se adequar a determinados espaços. Como eu sou uma pessoa que nasceu numa família estruturada, tenho uma formação, sempre fui criada a entender acerca do meu papel e do meu espaço, a conquistar o meu espaço, nunca abaixar a cabeça. Isso com certeza reflete demais nos tratamentos que eu recebo, porque se eu chegar num espaço e eu não tiver respeitada a minha voz, eu não fico naquele espaço. Eu posso dizer que todos os espaços que eu ocupo são espaços em que eu tenho voz, porque eu sei que eu já fui a muitos espaços em que eu não fui respeitada e eu simplesmente optei por não permanecer ali. Então tem muito disso também.

P.15. Eu sei que você está entrando nessa área propriamente dita da política agora, mas anteriormente, você já percebeu pensamentos ou ideias suas ou que outras pessoas falavam para você dessa diferença entre homens e mulheres nesse espaço?
R: Sim, sim, com certeza. Em todos os lugares. Claro que a nossa geração vive um momento em que o espaço para mulher já foi aberto. Nossa geração vive uma situação completamente

diferente do que era há vinte anos atrás, a gente vive numa constante evolução, mas o tratamento com mulheres e com homens é completamente diferente.

Eu vivenciei uma experiência em que eu tinha o hábito sempre de chegar também muito séria na delegacia. Muito dura, porque você acha que pra você ser levado a sério, você tem que ter aquele comportamento assim, seco, bravo. Num certo dia, eu cheguei na delegacia e mal cumprimentei os policiais. E eu fui lá, entrei. *Cadê meu cliente? Cadê o mandado de prisão?* Naquela brabeza de mulher que tá num ambiente masculino. Nesse dia, o policial militar que estava conduzindo a operação discutiu comigo. Ele deu de dedo na minha cara e eu dei de dedo na cara dele. Isso aqui é comum na advocacia, tá? Aí teve uma hora que ele olhou pra mim e disse assim: ‘‘*a senhora é uma mal-educada porque a senhora chegou, nem cumprimentou a gente*’’. Pronto, aquilo ali me quebrou. Aí eu fiquei quieta e fiz tudo que tinha que fazer. No final, ele tava lá fora e fui lá falar com ele. Falei “*Sargento, pelo amor de Deus, me perdoe. O senhor tem toda razão*”. Ele falou, ‘’*doutora, a senhora não precisa ser dessa forma não. Todo advogado que tem aqui em Petrolina, eles chegam, cumprimentam a gente*”. Mas por quê? Porque o homem chega num espaço que já é dele, ele não precisa conquistar, já a mulher tem essa necessidade de demonstrar um comportamento mais duro para poder ser levada a sério, mas não precisava. Desde então, todas as vezes que eu preciso comparecer nesses locais, sempre que eu chego mais tranquila, cumprimentando todo mundo, entendendo que a gente tá ali naquele local pra cada um cumprir o seu trabalho, com muito respeito, eu particularmente tenho tido muito respeito em todos os lugares que eu vou.

Mas tem isso, tem essa questão de como a gente se posiciona por conta de todas as experiências que a gente vive, de como que a gente tem que se adequar e como a gente acha que as pessoas vão nos levar a sério ou não. Existe muito dessa mentalidade de achar que o empoderamento feminino é o abandono de uma feminilidade, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Claro, se uma mulher não quiser ter tanta feminilidade, ela tem toda a liberdade do mundo. Mas o empoderamento feminino tem que vir justamente de uma valorização dessa feminilidade. Ser feminina não me torna mais frágil, não. Me torna feminina só, ponto.

P.16. E na sua visão, o que você acha que impede as mulheres de ocuparem esse espaço ou de quererem ocupar esse espaço?

R: É muito do que eu falei em relação à formação. Apesar da gente hoje dizer que as mulheres podem fazer o que elas quiserem, o fato é que essas mulheres crescem numa sociedade que não estimula a ocupação de determinados ambientes. Parece-me que existe uma sociedade que o tempo inteiro transmite a seguinte mensagem. ‘’*Mulher é para estar onde ela quiser, mas não é bem fácil assim também não”*, sabe? Mulher pode ser o que ela quiser, mas você vai ter que exercer uma dificuldade 10 vezes maior do que a de um homem. Não existe uma mensagem de alcance, no sentido de aproximar essas mulheres da política. Ultimamente, a gente tem visto mais propagandas no sentido de demonstrar a importância da mulher na política, de convidar as mulheres a participarem do processo eleitoral, mas ainda é uma coisa que talvez as mulheres não se imaginem ocupando esses espaços. Até mesmo por conta do estigma que você tem em relação a cargos políticos porque a política é ‘’suja’’. Eu acredito que o principal fator é realmente dessas mulheres não conseguirem se enxergar em situações

de poder, em posições de poder.

P.17. Você acha que isso foi um fator que também te tirou desse lugar, para se ver ocupando essa posição?
R: Eu sempre me vi ocupando posições de poder, sempre. Eu sou a única menina no meio de dois irmãos. Desde criança, eu sempre tive a mentalidade de que se eles podem, eu também posso. Meu irmão mais novo começou a fazer karatê e eu quis fazer karatê. "*Não, karatê não é coisa de menina*", mas se ele vai, eu vou também. Sempre me enxerguei em posições de poder e nunca dei ouvidos ao que a sociedade dizia a meu respeito enquanto mulher. Eu sempre tive muito forte em mim esse espírito de liderança. Da primeira série até o terceiro ano do ensino médio eu fui líder de sala, sempre tive muito forte em mim. Isso, com certeza, colabora hoje para que eu veja na política um campo de atuação, mas acredito que muitas mulheres não se vêem dessa forma. Ou então muitas mulheres acham que a sua função é uma função mais introspectiva, dentro da própria família. Mesmo aquelas mulheres que trabalham, pensam em trabalhar para poder dar um conforto melhor para a família. Elas se vêem numa posição de liderança dentro do seu familiar, mas não conseguem se ver numa posição de liderança dentro de uma sociedade que é uma sociedade altamente patriarcal que é a que a gente vive.

A gente viu o escrutínio que a Dilma sofreu durante o mandato dela. Críticas sempre vão existir, mas você não vê um tratamento que fere, por exemplo, a dignidade sexual dos homens. Mas sempre que uma mulher ocupa uma posição de poder, os xingamentos sempre vêm no sentido de ferir a dignidade sexual dessa mulher. Acho que muitas mulheres acabam fugindo disso no sentido de "*ah, esse não é um problema meu, eu já tenho tantos problemas na minha vida, vou arrumar mais esse?*" e aí falta um pouco das mulheres se enxergarem com mais autoridade, mais empoderamento. Entender que esse espaço também é nosso, que a nossa voz precisa ser ouvida. São decisões políticas que vão repercutir nas nossas vidas, na vida dos nossos maridos e na vida dos nossos filhos, dos nossos pais, dos nossos amigos. A nossa voz também precisa ser ouvida.

P.18. Terminamos. Muito obrigada!

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada (Nome fictício): Ana Lúcia
Categoria: Pré-candidata
Partido: União Brasil
Data: 29/01/2024
Local: Local de trabalho da entrevistada, Petrolina/PE

P.1. Se a senhora puder, por favor, primeiro se apresentar, falar um pouco sobre você, a ocupação, e sua formação.
R: Eu sou [nome], sou professora, comunicadora social, atriz e estou vereadora há seis mandatos, caminhando para o sétimo mandato. Sou loira, tenho um metro e cinquenta e quatro de altura, sou solteira por opção. Moro em Petrolina há mais de quarenta anos, sou

filha do município de Parnamirim/Pernambuco. Estou muito feliz em poder receber a Barbara aqui. Vamos interagir, tentando responder e atingir, pelo menos, o razoável da expectativa dela.

P.2. A senhora autoriza a gravação?
R: Autorizo a gravação contanto que alguma coisa que seja gravada sirva para lhe auxiliar nos conteúdos que você quer.

P.3. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?
R: Eu sempre fui pelo lado social. Eu sou filha de uma família rural. Ainda alcancei a coisa da submissão, da segregação de raças, com meus bisavós. Ainda tinha aquelas mulheres pretas que me serviam. E ali, eu muito pequena, já questionava com a minha mãe essa questão do apartheid. Aí eu comecei a observar que a vida era muito segmentada em prestígios, era muito dividida; isso proporcionava uma separação de classe social. Aquilo me incomodava terrivelmente. E eu fui percebendo que, pela política, resumidamente, a gente podia fazer alguma coisa.
Eu cresci, fui estudar em Recife e comecei a militar naquela época, nos anos 80. A gente viveu todos os anos 70 com a ditadura e, depois, houve a abertura política. Eu estava no auge da minha vida estudantil e, através dela, através dos movimentos estudantis, sempre estive muito atenta a todos os movimentos que davam sustentação, tirando os exageros. Eu me formei, voltei para Petrolina e comecei a dar segmento ao que a gente vivia lá em Recife, através dos movimentos sociais.
E aí percebi essa questão dos espaços, como faltavam mulheres, como as mulheres precisavam entrar na política para poder ter voz e voz necessária. Porque não é qualquer voz que é boa para entrar na política, nem de mulheres nem de homens; mas vozes comprometidas. Eu tinha o que dizer, mas eu ficava sempre nos guetos do movimento. Achava que as tribunas, os microfones, que com mandato popular, escolhido pelo povo, eu teria mais respaldo. E aí surgiu a oportunidade de entrar. Então, o que me despertou mesmo para a política foi saber que através da política, da boa política, eu poderia contribuir muito mais do que como simples militante de movimentos sociais, embora esses tenham sido os que melhor me conduziram para escolher.

P.4. Em que tipo de movimento a senhora militava?
R: Eu militava no movimento estudantil, mas, antes de ir para Recife como estudante, eu já militava aqui com a gente das ocupações, mais na área social. Na área da questão da mulher, das agressões da mulher... Mas a gente já se movimentava no sentido de fazer com que, o que existe hoje [a integração da mulher na política], acontecesse.
Então, a minha geração, talvez não caiba aí, mas é importante para vocês saberem, que a geração da minha mãe, a minha geração, aquelas pessoas que se empenharam nisso, foram de fundamental importância para a gente viver o que a gente vive hoje, com políticas públicas institucionalizadas, com garantias e direitos, principalmente para as mulheres. Porque até vinte, trinta anos atrás, se falava da mulher como se fosse propriedade do seu pai, do seu esposo, da própria sociedade machista.

P.5. E como e por que você resolveu se tornar candidata?
R: Eu sabia que militando, escolhendo, a meu ver, os políticos que melhor se aproximavam das pautas que eu defendia na época [eu poderia entrar]. Eu já fazia um trabalho político aqui em Petrolina muito grande. Já tinha, juntamente com meus companheiros Rui Amorim, Júlio Torres, Juarez Farias, Zé Wilson, Marici Amador - uma grande mulher, acho que você tem que pesquisar um pouco sobre ela...
Eu e Marici, e mais umas três ou quatro mulheres, fomos as mulheres que realmente brotamos em Petrolina, tanto que, à época, nós éramos um tanto marginalizadas. Eu lembro que diziam "*Minha filha não estuda pra casar, ela estuda pra fazer... [política]*". Quero dizer, que confusão era isso, mas era para me posicionar contra o que estava posto.
E aí eu aparecia no cenário de Petrolina e aqueles que faziam oposição aqui, ou mesmo quem não fazia, mas parecia ser um pouco mais progressista, me enxergaram e me procuraram: "*[nome], você tem tudo pra ser uma boa vereadora!*".
Quando o convite chegou… Eu sou uma mulher, sou formada em comunicação social, eu aprendi a vender imagens e eu fazia isso muito bem. Se eu acreditar em você, eu sou boa de vender [a sua] imagem. Mas eu não me via como protagonista num primeiro momento. Eu tinha um problema que, quando tinha uma emoção forte, de alegria ou de tristeza, meu joelho tremia. Eu queria isso, mas, na hora que a coisa chegou, meu joelho tremia! Eu devo muito a essa pessoa que me oportunizou.
Então, fui eleita, hoje eu já estou no sexto mandato, estou indo para o sétimo mandato de vereadora. Fui candidata a deputada estadual, aqui em Petrolina tive 11 mil votos e 19 mil votos ao todo. Hoje, eu sou suplente. A qualquer momento, se Deus me ajudar, eu posso ser chamada para terminar um ou dois anos de mandato como deputada, porque eu acho que cumpri um papel muito importante aqui em Petrolina. Eu tenho o sonho de voltar para Recife, para ver meus shows, minhas peças de teatro, porque aqui eu só me dedico à política.

P.6. E a senhora começou cedo, não foi, no seu primeiro mandato?
R: Não, eu não comecei cedo, eu militei muito. Entrei em 1996, teve um [pleito] que eu perdi por 11 votos; [na reeleição para] o segundo mandato, eu perdi por 11 votos. Em 2000, o meu prefeito perdeu e eu perdi também por 11 votos. Quando foi em 2004, eu me recuperei, já não perdi mais. De 2004 para cá, eu sempre estou nas cabeças, fui a vereadora mais votada de Petrolina. Agora, eu sempre estou entre os 4 mais votados. Isso é uma resposta razoável que Petrolina sempre me dá. Então, eu comecei com uns 40, quarenta e poucos anos.

P.7. E a senhora sente que teve diferença [de lá para cá, em relação ao tratamento enquanto mulher]?
R: Há muita diferença, as pessoas são muito respeitosas, os homens são muito respeitosos, mas... Não tenha dúvida. Eu, inclusive, não escondo isso deles. Eu luto muito contra isso. Eu aprendi, ao longo desse mandato, que não adianta você dizer aquelas falas que dizia antigamente. Maquiavel me ensinou, Maquiavel me ajuda muito a traçar estratégias. Eu leio Maquiavel para me preparar exatamente contra essas artimanhas, contra esse jogo ainda altamente preconceituoso, ainda nada inclusivo.
Então, existe um tratamento velado, diferenciado, contra a fala da mulher. Por exemplo, você é o vereador tal e eu sou a vereadora. Estamos tratando sobre o mesmo assunto. Você se

empolga, você cresce a sua voz. Então, você, como homem, está tudo ok. A mulher, fazendo isso, é uma louca, uma desequilibrada, você está entendendo? E são em movimentos como esses que a gente percebe a velada desproporção entre a forma do vereador, os espaços para o parlamentar e os da mulher. Você veja que a prefeita da vizinha cidade [Juazeiro, na Bahia] está sofrendo. Não estou questionando aqui a competência dela, ela está tentando acertar. E fazem tudo pelo fato de ser mulher, se fosse homem, talvez não estivessem fazendo um absurdo desses.

Então, acredito que ainda há muito a se fazer sobre a questão dos direitos dos espaços das mulheres em todas as instâncias e, na política, não é diferente. Isso é no Paraná, isso é em São Paulo. Por isso que, muitas vezes, os movimentos feministas são tão mal vistos, porque falam de forma muito objetiva sobre isso. Nós não falamos em vão, falamos porque sentimos na pele que ainda existe no mundo muito preconceito. A questão das falas [nas assembleias], você tem três minutos. O colega homem pode passar um pouquinho; a mulher, se passa... "*Ah, vereadora!*", entendeu?

Então, por tudo isso, nos espaços de poder, nos palanques, mesmo só tendo uma ou duas vereadoras, a gente está cobrando [por mais]. Se o homem mata um leão para garantir o seu espaço, a mulher tem que matar cinco leões, para poder ter o seu espaço. Só que a gente encontra um caminho. E aí eu aprendi lendo Maquiavel a ser menos sensível e, ao mesmo tempo, ir conquistando [espaço]. Você tem que encontrar o embate certo, a forma certa. Não é conchavando de uma forma que envergonhe o seu passado, que desconstrua tudo o que você construiu, mas, é você enveredando por um caminho mais inteligente.

Então, eu tenho conseguido algumas coisas nesse sentido, mas não o suficiente. Eu espero que 2024 me traga mais sabedoria, mais resiliência, principalmente para eu continuar, para que as próximas vereadoras do próximo mandato de 2025 encontrem um ambiente mais propício. Embora não tenha nenhum caso assim mais agressivo, mas, dissimuladamente, sorrateiramente, existem sim, casos de violência. Deixar a [nome], deixar a [nome], deixar as vereadoras, mais obscuras em relação ao protagonismo deles. Só que a gente não se conforma com isso; a gente mata esse vírus ou ele termina sendo protagonista também. Eu espero que a gente possa melhorar cada vez mais.

P.8. E quando a senhora começou, em 1996, foram até você para lhe chamar para ser candidata. Nesse momento, como foi esse apoio?

R: Ali foi muito ruim. Ali não teve o apoio da minha família. Eu, lá atrás, sofri muito com a minha família, muito, muito mesmo. Até minha mãe era mais conservadora. Então, lembra aquela música de Rita Lee, "Ovelha Negra"? Eu cantava aquela música para minha mãe. Graças a Deus, enquanto eu era moça, ela deu uma educação doméstica muito bacana para a gente. Então, eu nunca tive problema de depressão. Essas coisas de frescurinha, a gente não tinha tempo para depressão. Depressão é coisa de agora, é coisa de dez anos para cá, que as pessoas tanto se melindram. Antes, era uma coisa tão crua, a gente tinha tanto para luta, para batalha.

Eu arranjo muito emprego, dou muita carona. Eu corro perigo aqui em Petrolina. Quando eu vou lá para casa, para a fazenda, e vejo o povo andando no asfalto, eu paro. Eu dou carona, porque, quantas vezes eu ia trabalhar para ajudar a formar meus irmãos, que eram mais novos, e eu não estava com o dinheiro da passagem, e eu ia [de carona]. Naquela época, não era tão

perigoso, eu pedia carona, muita gente dava, outras não davam. Nós vivemos essa época de luta, de muita luta, de sobrevivência, que era classe média baixa. A gente estudou com muita dificuldade. Minha mãe nos preparou para a gente não ter essa vida. Eu sou de uma família de nove irmãos, todos bem sucedidos. A pobre sou eu, tenho seis mandatos, mas sou pobre. Porque eu não tenho marido, não tenho filhos, não tenho para quem deixar porra de nada, porque, graças a Deus, minha família tem. Então, o meu negócio é ter muita comida em casa, ter uma casa bacaninha. A minha assessora tem casa melhor que eu, viu? Porque eu não tenho tempo, não é comprando voto, não é, mas é fazendo o necessário para eu ter um mandato bacana, e ninguém tem um mandato bacana se não tiver estrutura.
Então, minha filha, a pergunta que você me fez foi o quê?

P.9. Era em relação ao apoio que a senhora recebeu...
R: Sim! Então, minha família, lá no início, quando eu já estava com 40 anos, já formada, minha família já tinha evoluído, né? Minhas sobrinhas, minhas irmãs, já estavam com a outra cabeça, até a minha própria mãe. Só que o que me fez sair de casa foi que minha mãe, ora ficava com raiva de mim porque dizia que eu não resolvia o problema do povo, ora ficava com raiva do povo e dizia que o povo não me deixava em paz. Era muito interessante! Foi o que me fez sair de casa e alugar uma casa - eu morei todos os meus quatro primeiros mandatos em casa alugada. Agora não, agora comprei minha casinha. Então, meu povo evoluiu, meu pessoal evoluiu.
Aí nos outros mandatos já vieram tudo pra cima. Pois fui de novo, aí pronto, aí já veio um monte de apoio. Mas apoio de partido, apoio [financeiro], não Eu ganho meu mandato pelo meu trabalho, pelo que eu economizo e pelo apoio que minha família me dá, você entendeu? Mas apoio mesmo [partidário], não. "*Você é candidata e nós vamos garantir que vai ter o fundo eleitoral pra você...*". Nunca recebi pelo fundo! Agora, eu fui candidata a deputada. Sabe por que eu perdi? Porque me prometeram que eu tinha direito a 1.200.000, como todos tinham direito, e o partido não me deu. Ele me deu 72.000 reais e eu aceitei...
Então, eu quero dizer que isso é verdade, que a gente vai pra cima, tem que melhorar, a reforma eleitoral melhorou um pouco com relação a essa questão de cotas, mas tem que cumprir para que o fundo eleitoral venha igualmente para todos e todas.
A sua pergunta, eu acho que foi relacionada a isso, então, não. A grande maioria das mulheres estão se elegendo, as poucas que se elegem, a duras penas. Eu, graças a Deus, tenho uma família que me ajuda, porque minhas economias sempre são muito parcas, são muito poucas. Isso é uma coisa que tem que, realmente, moralizar no Brasil. Muita coisa tem que ser moralizada, principalmente, nessa questão de fazer com que sejam cumpridas e aplicadas, exemplarmente, as leis eleitorais.

P.10. Como a senhora já tem seis mandatos, normalmente, quem já é vereador, tem algum tipo de prioridade no fundo partidário. A senhora não?
R: Se eu disser a você que eu fiz uma prestação de conta nos meus seis mandatos pelo fundo eleitoral, eu estou mentindo, pode pesquisar. Agora, como deputada... aliás, eu não sou deputada por isso. Uma coisa é a minha família me ajudar aqui em Petrolina, que foi bacana. Aqui em Petrolina, eu tive 12 mil votos sem investir nada, só pelo reconhecimento, imagina

se eu tivesse tido. Minha família investiu em mim nas cidades que eu vivi, eu fui a segunda mais votada, porque o meu pessoal quase todo é de lá.
Dos 1 milhão e 200 que o partido me prometeu, só veio 72 mil. Enquanto para a outra candidata a deputada, que ganhou, é a esposa de um prefeito, que o presidente do partido estava apoiando. Ela ganhou e eu e tantas outras não ganhamos. É por isso que tem gente revoltada [no partido], e eu não vou me revoltar. Eu tenho que dizer isso nos espaços que tenho. Igual tem o Dr. Marcos aqui, que ele foi candidato a deputado, não fizeram nada por ele no PT. Ele está enlouquecendo na rede social, chamando o povo de vagabundo, que não dá isso, mas fica uma coisa muito apelativa. A gente tem que dizer as coisas no espaço [adequado], na rádio. Aí eu digo, pode publicar porque é a maior verdade.

P.11. O que a senhora levou em consideração para tomar a decisão de entrar na política?
R: Foi exatamente a promoção, como veículo, de ajudar pelo legislativo. Porque o legislativo não executa nada, ele propõe, ele instiga, ele cobra, ele fiscaliza. E então ia me oferecer as condições de legislar e de fazer esse tipo de trabalho, de fazer a proposição, de cobrar, de detectar o problema, de identificar, de fazer a escuta popular. Eu já tinha essas escutas reconhecidas, mapeadas. Então uma cidade como Petrolina, que talvez seja a cidade que mais cresce, até por essa propaganda toda, que a cidade leve a cultura. Sempre tem o que você ouvir, o que você instigar.
Eu sou leal ao meu grupo político, mas eu não sou insensível. Eu digo, não digo daquela forma sensacionalista, mas eu digo, você entendeu?
Eu acho que isso aí foi o que me fez entrar na política, realmente, não é o salário. Se fosse o salário, eu estava rica, eu estava morando na orla, eu estava nesses condomínios chiques. Pode perguntar, o salário de meus assessores é merecido, porque eles trabalham.
Eu não vou esperar que a prefeitura mande uma lata de leite pra uma mãe de sete filhos, como a gente encontra aí. Precisa de uma lata de leite? Então, eu dou aquele leite. Eu chego lá, a pessoa está com a perna ferida, como foi um caso recente. Está lá com uma ferida desse tamanho e o posto [de saúde] não dá a pomada. Como é que eu não vou dar aquela pomada, né? Se isso for assistencialismo... Eu luto para que as políticas cheguem, para que não seja preciso fazer isso. Enquanto isso, eu vou deixar morrer? Não deixo, não.

P.12. Em relação a, por exemplo, a senhora ter formação, não ter filhos, ter o apoio da família, ajudou também a ter mais tempo pra se dedicar à política?
R: É, eu acho que esse pique meu, que é muito reconhecido, vem muito em função disso. Hoje, eu me arrependo, terrivelmente [de não ter filhos]. Mas com certeza ajudou sim.

P.13. Então, tirando apoio da família, a senhora recebeu algum incentivo, apoio de alguém, nesse tempo, nesses mandatos?
R: Individualmente, o meu grupo político, como eu fui demonstrando que era forte pra vereadora, eles me ajudam. Me ajudam como ajudam todos os outros, entendeu? Mas não o suficiente pra garantir, são ajudas pontuais. E o que nós defendemos, o que eu defendo, é ajuda institucionalizada.
Acredite, Barbara, eu não estou mentindo. Se eu tenho muito combustível, por exemplo, mil litros de gasolina por semana, e eu só tenho dois carros. Por mais que eu rode, eu vou tirar 6,

7 litros de gasolina de uma candidata que eu acho que vale a pena se eleger? Eu lhe diria assim, às vezes chega pra mim 10 mil. Eu tiraria mil, mil e quinhentos, para dar para outra pessoa poder se movimentar, porque é de um partido menor, entendeu? Porque se eu, vereadora de seis mandatos, tenho esses gastos, imagine quem não tem a estrutura que eu tenho. Então, como eu não vou trabalhar? E isso é o que eu faço, alimento minhas bases, incentivo mandatos, principalmente na mão de uma mulher. Veja essa coisa da mulher apoiar mulher**.** Agora, não toda mulher, porque tem certas mulheres que têm pensamento machista, pior do que qualquer homem.

P.14. No início, a iniciativa de considerar uma candidatura partiu dos líderes, em 96?
R: A iniciativa foi de um grupo político aqui de Petrolina que me enxergou, porque para entrar na política tem que chamar a atenção. Eu sentia que tinha terreno pra isso. Mas eu precisava que alguém abrisse a porta. Eu acho que se aquele grupo não tivesse me chamado, fatalmente, eu ia encontrar o caminho. Mas, naquele momento, eu não tinha procurado ninguém, eu tinha vergonha de dizer que eu queria ser candidata.
Eu fazia mesmo um trabalho para alguém me enxergar e alguém me enxergou. Mas poderia também ter sido o contrário. Não quero desestimular ninguém. Se fosse hoje, eu diria que eu quero meu espaço em um partido que me quer, um partido que tenha pautas, que me contemple. Partidos como PT, PCdoB, a diferença desses partidos para os partidos de direita, de centro é quase nenhuma. Só que tem uns que a gente enxerga pessoas progressistas, que dentro daquilo, dentro da vaidade deles, enxergam o fazer social, os direitos, a inclusão social, isso fica mais forte. Você tem mais liberdade.
Mas tem isso, é o lado cruel da comunidade, o ‘’vale tudo pra ser enxergado’’. Pra mim, não é assim.

P.15. E, a partir disso, para as próximas eleições, a senhora já quis continuar [na política]?
R: Sim. Eu tinha esperança de ser chamada para deputada, tenho ainda essa chance. O atual deputado saindo para ocupar outro cargo, eu sou deputada; mas agora, como eu não sei se a gente vai poder desocupar esse espaço, eu estou tentando preparar minha sobrinha. Ela tem uma cabeça maravilhosa, ela foi cargo de confiança de todos os governos de Eduardo Campos, na Casa Abrigo, uma casa de suporte para mulheres agredidas. Fez um trabalho excelente e eu estou querendo botar ela no meu lugar como vereadora. Mas ninguém meu [da família] quer, ninguém, e a gente não quer perder esse espaço.
Eu quero ir mais para esse sétimo [mandato], para ver se nesse percurso alguém se interessa. Porque eu acho que é um patrimônio que a gente não pode largar a mão. Aí se eu me reeleger, e eu não for chamada, eu terei mais 4 anos. Mas, mesmo assim, eu terei que passar pelo teste popular, que cada eleição é uma eleição. Eu posso ganhar, mas posso perder também.

P.16. Por que a senhora escolheu esse partido para se candidatar?
R: No início, eu achava que era mulher de um partido só. Então, sempre, em todos os meus mandatos, eu fui pelo PSB, Partido Socialista Brasileiro, que era o partido do Doutor Arraes. O Doutor Arraes era meu guru. Depois, era Eduardo Campos, mas eu tive outros a nível nacional, homens maravilhosos que me ensinaram a boa política. Naquela época, tinha a

grande frente das oposições. Por isso que eu lhe digo, que tudo que nós vivemos hoje, foi plantado exatamente nesse naipe maravilhoso de homens e pouquíssimas mulheres.
Então, naquela época, existia MDB, Arena, que era o partido que congregava as oposições, e o PFL, que representava a direita. Hoje em dia, está tudo misturado. Hoje, já passei por outros partidos porque, depois de lá, eu fui para o PPS e, agora, estou no União Brasil, que foi justamente o partido que fez essa grande sacanagem comigo de não me dar a verba que eu tinha direito. De primeira sim, numa pergunta como essa, [eu diria] porque o meu partido é o partido que representa os avanços. Mas, infelizmente, não tem mais partido [bom]. Hoje eu só não vou para a direita radical. Mas eu posso estar no centro, ou na direita, e fazer esse mesmo trabalho. Tem mulheres aí na direita que fazem um trabalho bom, só não é melhor porque elas ainda estão naquela época que o bom é casar, o bom é ter filhos... e a gente aprendeu, sofrendo, que isso é não é necessário para muitas pessoas serem felizes. Esse entendimento, que era uma coisa minha e de tantas pessoas da minha época, hoje está muito mais distribuído. Por isso que eu tenho muita esperança de que seus filhos, seus netos, vão viver num Brasil muito mais justo do que eu vivi e minha mãe viveu, e até você ainda está vivendo, porque nós ainda estamos sofrendo assédios, estamos sofrendo violência. Em um país continental como o nosso, nunca vai deixar de ter as pessoas mau caráter, que promovem a violência. Mas, contanto que tudo isso sejam coisas pontuais, e não uma tendência, como a gente vê hoje.
Então, partido político para mim, hoje, é tudo a mesma coisa.

P.17. A senhora vai tentar, então, a reeleição pelo União Brasil também?
R: Já que Fernando, o grupo da gente, está voltando para o PSB, eu pedi, pelo amor de Deus, que me levem pro PSB, para minha origem. Então, se Deus quiser, devo mudar novamente para o PSB.

P.18. É rapidinho agora. No processo de escolha dos candidatos, dentro do partido, a senhora acha que tem diferença no tratamento entre homens e mulheres?
R: Não tem mais porque agora há lei eleitoral. Não é por questão de conscientização, não, de moral, é uma questão mesmo de implicação de lei, pelas exigências, pela luta nossa, que culminou em uma legislação que agora está contemplando mais as mulheres. Então, os partidos políticos agora são obrigados a apresentarem mulheres. A última reforma, mais ainda, garante o incentivo, que o fundo eleitoral seja repartido com as mulheres, sob pena de cassação. Agora eu estou com esperança e, quando for para o ano, eu vou lhe dizer se eu recebi ou não recebi a lei eleitoral. Essa mudança da presença da mulher na política, hoje nós temos mais segurança jurídica do que tínhamos até agora.

P.19. Mas, mesmo tendo essa cota a cumprir, com pena eleitoral se não cumprir, a senhora acha que realmente é cumprido com candidatas verdadeiras, com mulheres que querem ser candidatas?
R: Agora até isso melhorou, porque cada partido diminuiu a quantidade de candidatos. Ele não vai poder botar 50 candidatos, ele agora tem que se ater aos 29 candidatos, dentre os quais, 30% têm que ser de mulheres. Então eles agora vão escolher mulheres. O União Brasil tem que ter 30 candidatos. Para entrar o primeiro candidato, o União Brasil tem que fazer 4, 5,

para entrar o primeiro. O partido já tem que ter o coeficiente eleitoral, que vai chegar mais ou menos a 9 mil votos. Então, só para ele fazer 4, o partido vai ter que ter 36 mil votos. Então essas 29 pessoas têm que ser potenciais, pessoas com potencial eleitoral, e não pessoas só para cumprir tabela.
Não pode botar [nome] sabendo que ela só vai ter 200 votos. Eles vão ter que botar mulheres com potencial, investir nelas, mulheres que tenham uma base para entrar. A soma dos 29, tem que dar para o primeiro 9 mil votos. A avaliação pela população de Petrolina, é que o próximo coeficiente, o último foi de 100 mil 700 e pouco. Como Petrolina aumentou a população, o coeficiente de Petrolina deve chegar em torno de 9 mil, você para o ano vai me dizer. Então, nós temos que ter 36 mil votos, em Petrolina para vereadores, só para vereadores. Não é pouco, não. Esses candidatos de 100 ou 200 votos, não vão ajudar o partido.
Cada partido tem que escolher a dele, esta porcentagem de mulheres, que não é para qualquer uma. Eles vão ter que ver essas questões porque isso é importante. Não só nós, políticos, sabemos disso, mas a sociedade como um todo deve saber disso. Para poder fazer esse entendimento, porque, muitas vezes, a gente fica batendo uma tecla e a realidade não é mais essa.

P.20. E a última: você percebe diferenças entre homens e mulheres na competição eleitoral?
R: Eu acho até que nossa fala já responde um pouco isso. Eu espero que com essas mudanças, que lamento não terem sido uma questão de consciência mesmo, embora no fundo seja, com uma mudança dessa institucionalizada, isso quer dizer que Brasília levou o entendimento popular para lá. Isso é bom, mas fora essa legislação que nos garante os direitos, ainda está tudo igual como antes. As pessoas ainda não evoluíram, as revoluções bacanas só estão ainda na língua de guetos, só que graças a Deus esses guetos estão fazendo barulho.
Uma fala que a gente tem que ter, para quem for candidato, que é o agente mais próximo do povo, que tem que ter paciência. Se você não gostar de gente, não se candidate pelo amor de Deus. Você pode se ater ao movimento da mulher, do idoso, das crianças e adolescentes, dos animais, de comunidades, mas a política é ampla. Ela é para quem realmente gosta de movimento, é para quem se identifica.
A política, ela tem que ser para uma pessoa disposta e principalmente na vereança. O vereador tem um contato mais direto, tem que ter contato com o contraditório, inclusive para ele poder fazer pelos seus. Por isso que às vezes nós como vereadores desagradamos, porque chega um projeto que não é popular, mas que é necessário. Aí eu tenho que ter a lucidez e o meu povo vem pra cima de mim, entendeu? Então, com mandato a gente tem ônus, mas também tem bônus, só que o ônus tá lá e que a gente tem que ter a coragem de fazer o enfrentamento.
Eu já fui oposição aqui e nunca fiz essas aberrações. Quando eu era presidente da Câmara, botava projetos mesmo que fossem polêmicos. Como é que eu vou engavetar um projeto que é bom para o povo, entendeu? Esse é o ônus, para o meu povo, eu desagradava.

P.21. Terminamos. Obrigada.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada (Nome fictício): Franciane Costa

Categoria: Pré-candidata
Partido: União Brasil
Data: 20/04/2024
Local: Online, via chamada de vídeo WhatsApp

P.1. Para começar, eu vou pedir pra você se apresentar e falar sua ocupação, sua formação e seu estado civil.
R: Sou [nome], pernambucana aqui de Petrolina. Na verdade, nascida em uma cidadezinha, Carnaubeira da Penha, do interior. Uma cidade com um pouco menos de 30 mil habitantes, mas moro aqui em Petrolina, Pernambuco, há mais de 20 anos. Sou mãe de [nome], uma adolescente de 11 anos, divorciada, sou professora de língua portuguesa e literatura formada pela Universidade de Pernambuco, UPE, com algumas especializações, como gestão pública, educação especial, entre outros. Minha formação é de professora, porém hoje exerço algumas outras atividades. Estava como Secretária Executiva de Governo, mas precisei me licenciar porque sou candidata a vereadora agora nesse pleito, aí eu entreguei meu cargo no final de março.

P.2. Antes das perguntas, você me autoriza a gravação?
R: Ok.

P.3 Como e quando surgiu seu interesse pela política?
R: Desde criança eu sempre gostei de me envolver em causas sociais, sempre me chamaram a atenção, mas não pela questão de vaidade ou de ostentação. Não, sempre foram situações que desde criança me comoviam. Eu sou de classe humilde, meu pai é agricultor, minha mãe também é agricultora e costureira. Meu pai, além de agricultor, é funcionário público de uma cidade pequena. Sou descendente indígena também. Essa cidadezinha do interior, onde eu nasci, era uma cidade esquecida por todos, sabe? Uma cidade de menos de 30 mil habitantes, sem potencial político. Então, governadores, deputados, não tinham interesse em cuidar da nossa cidade. Dentro dessa necessidade, sendo um lugar pequeno, com poucos meios de sobrevivência – só a agricultura e o comércio pequeno – a gente já via fome, pessoas precisando de melhorias na saúde, assim como eu. Quando criança, com nove anos, já tive um problema de saúde gravíssimo na cabeça. Precisei sair da minha terra para fazer tratamento fora, com a ajuda de familiares. Por vir também de uma família que gostava de política, eu já via a política como uma ferramenta para ajudar as pessoas, uma ferramenta de voz, de fala, para aqueles que realmente precisam. Então, essa foi a primeira vontade, o primeiro intuito de fazer o bem sem olhar a quem.

P.4. Entendi. Como foi que surgiu o [projeto comunitário da entrevistada]?
R: Daí eu estudei. Eu tenho muito orgulho de dizer isso, venho de escola pública. Como professora, lecionei muito tempo em escola pública. Também lecionei em escolas privadas, mas sempre minha conexão maior foi com a escola pública porque isso me conectava mais. Sempre tive uma paixão por lecionar em escolas de interior. Aqui em Petrolina, temos a área irrigada, a área ribeirinha e o sertão. Sempre que pediam para eu escolher a localidade, priorizava as escolas do interior, porque nas escolas do interior encontrava alunos mais

carentes, não apenas no aspecto pedagógico, mas também no social e emocional. Eu acabava sendo professora, psicóloga… uma bombril.

Minha relação com essas localidades é algo muito pessoal. Desde jovem, ao sair de Carnaubeira, minha terra natal, e vir para Petrolina, já trazia em mim esse sentimento de ajudar, sempre conectada às causas sociais. Quando cheguei aqui, meu primeiro trabalho foi como professora, enquanto ainda cursava a faculdade. Lecionei em uma escola do interior, numa comunidade pequena com apenas dez casas na vilinha. Ali, vivi situações difíceis. Alunos chegavam com queimaduras, feridas abertas, febre, em condições precárias. Muitas vezes, eu ia ao banheiro ou ao depósito da escola, pegava baldes, sabão amarelo e fazia uma fila com os alunos para lavar ferimentos e limpar os narizes das crianças. Não era só falta de higiene, era a falta de condições básicas dessas famílias, incluindo medicação e atendimento médico. Depois disso, conseguia dar aula, mas em algumas ocasiões ouvi de gestores que eu estava "perdendo tempo" cuidando das crianças. Sempre respondia: "*Eu não perdi tempo, eu ganhei. Nós ganhamos.*" Para mim, a saúde mental e física está acima de tudo, até mesmo da educação.

Além disso, muitas mães vinham até mim dizendo que não tinham comida em casa ou precisavam de ajuda para resolver problemas relacionados à saúde. A falta de informação sobre políticas públicas e recursos disponíveis era evidente. Comecei a levar palestrantes para essas comunidades e a orientar as famílias sobre seus direitos e serviços. Outro ponto que sempre me tocou foi o sofrimento das mulheres, especialmente aquelas precisando de cirurgias ou atendimento médico, como histerectomias, laqueaduras. Recebia mensagens dessas mulheres relatando suas dificuldades, enviando vídeos, muitas vezes com sangramentos e hemorragias. Isso me cortava o coração e me motivava ainda mais. Foi assim que nasceu a ONG [nome da ONG]: desse amor ao próximo e da necessidade de ajudar. Cada vez que ajudo alguém, é como um segredo meu com Deus. Sinto que estou cumprindo um propósito maior, levando alívio para quem sofre. A ONG não tem fins lucrativos e não recebe ajuda governamental. Nosso suporte vem de doações, campanhas, e até mesmo de palavras de apoio porque sabemos que isso também faz diferença.

P5. Você também comentou que a sua família já gostava de política. Em que sentido? Eles também participavam na cidade?

R: Já, lá na minha cidade natal. Minha cidade natal tem 20 anos de emancipação política, para você ver como é nova. A gente pertencia a outra cidade, Floresta. Nós éramos um distrito e a emancipação política ocorreu devido à luta da minha família, dos meus primos, do meu pai. Para ter ideia, meu pai foi vereador lá, seis mandatos. O meu primo foi o primeiro prefeito de lá. Para emancipar Carnaubeira da Penha, contamos com a ajuda realmente dos filhos de lá, com bingos, rifas, buscando ajuda. Fazíamos movimentos para alugar ônibus para ir para Recife, lá para o Palácio e assim conseguimos a emancipação da minha cidade natal. Então, toda a vida a gente já tinha um laço político. Porém, também, desde adolescente, eu já via algumas coisas na política que me decepcionavam. Eu acho que a política é uma ferramenta para transformar vidas, para ajudar a vida das pessoas, para de fato ser vez e voz dos invisíveis, das pessoas que realmente precisam. Eu acho que a política não pode ser legislada para se autopromover. Não, eu acho que ela é um instrumento de transformação para a vida das pessoas. Eu penso a política como um projeto plural, não singular.

P.6. E a partir daí, como e por que você resolveu se tornar candidata?

R: A partir da ONG e dessa vontade que eu sempre tive e tenho de ajudar as pessoas. Tanto que nas minhas redes sociais eu jamais coloco [tudo que faço]. Se eu fosse colocar todo dia uma pessoa que eu ajudei... porque, às vezes, é uma informação que falta. A mulher tá ali cheia de dor, cheia de doença mesmo e não tem a informação que, pelo município, ela pode ser atendida, que o SUS é pra todos, que ela tem que lutar, tem que ir lá. Quando a gente tá com dor, a gente geme, chora, grita. Então, isso a gente tem que fazer com as autoridades. Se não tá legal, a gente tem que gritar, tem que ter voz, tem que ir atrás, tem que reclamar: "*Não tá bom, prefeito! A gente precisa melhorar.*" A saúde ainda tem fila, vamos tirar. Como é que pode: tu sentindo dor numa fila, tu sangrando e precisa pegar uma fila, uma lista de espera? Não existe!

Então, diante desse contexto, dessa forma que foi todo mundo me procurando."*Eu tô sentindo uma dor, estou precisando*", "*meu filho precisa fazer uma cirurgia de hérnia, de fimose*". "*Eita, procura a [nome]! Procura a [nome]!*" e as pessoas me procuram, independente. Eu nunca perguntei, nem vou perguntar: "*Você vai votar em mim? Você é de qual partido?*" Jamais, jamais! Eu sempre costumo dizer uma frase de Madre Teresa de Calcutá: "Se a dor do próximo não te afeta, o doente é você". **O** ajudar é uma questão minha. Me faz bem ajudar, a política é uma consequência.

Diante dessa história toda que eu contei, muita gente chegou, principalmente as mulheres, e diziam: "*[nome], por que a senhora não se candidata?*" e num primeiro momento, eu dizia: "*Não, não vai dar certo, porque o que eu faço é uma coisa que eu faço para ajudar as pessoas.*" Mas aí eu comecei a ver que eu posso fazer muito mais para ajudar as pessoas se eu usar minha voz, se eu usar meu histórico como mulher, como mãe, professora, pessoa humilde que sou, da família que eu vim, das necessidades que eu já passei.

Eu quero a política para poder ser facilitadora das pessoas que realmente precisam, que realmente lutam por dias melhores. Uma política igualitária, uma política justa, humana. Costumo dizer sempre isso: a política só vai funcionar para as pessoas comuns quando as pessoas comuns estiverem na política. Aí sim, a gente vai ter voz para questionar, a gente vai ter força para incomodar e força para mudar. Eu sempre coloco isso: as pessoas precisam acreditar que a gente pode. A gente pode! O filho da costureira pode, o pedreiro pode, o açougueiro pode, o gari pode. O que a gente precisa ter é coragem. É coragem de representar as pessoas comuns e eu sou essa pessoa comum.

P.7. O que você levou em consideração, em questões pessoais, para poder tomar essa decisão? O que você pensou para conseguir chegar nesse lugar?

R: A gente sabe que hoje, quer queira ou não, ainda existe muito preconceito em relação ao espaço da mulher, não é? A mulher ainda não é reconhecida, vista, valorizada, como devia na política, no empreendedorismo, em outras e outras classes. Então, a mulher precisa, de fato, brigar pelo seu espaço. Eu até digo a outras mulheres: gente, as mulheres precisam se unir mais, elas precisam defender a própria mulher.

A gente vê o número de feminicídios, de violência doméstica, um absurdo. Hoje, a gente já vê uma ministra, uma governadora, como aqui em Pernambuco. Antes, parecia que a única profissão que a gente podia ter ainda era ser professora. Juiz tinha que ser homem, advogado,

homem, delegado, homem. Aos poucos, a gente está buscando nossos espaços. Então, eu acredito que a mulher precisa realmente lutar pelo espaço dela e a gente só pode fazer isso juntas. Acredito que, se a mulher de fato lutar pelo seu espaço na política, a gente vai conseguir políticas públicas que realmente valorizem o espaço dela.
Não é fácil porque a gente é dona de casa, a gente que lava o prato, que faz a faxina, e a gente estuda e ensina a lição aos filhos e precisa cuidar dos pais. Eu mesma tenho meu pai e minha mãe, que são dois idosos cadeirantes. Eu com meus outros irmãos todo mundo tem um plantão. Então, você administrar esse tempo, esse espaço: trabalho, casa, ser esposa, mãe, irmã, filha, seus amigos, eleitorado. Eu não gosto de colocar a palavra 'eleitor', 'eleitorado'. Eu gosto de chamar amigos. Acho que 'eleitor' é uma palavra muito distante do que eu vejo, do que eu quero na política. Então, 'eleitor' me distancia, já 'amigo' é uma palavra que eu uso porque realmente as pessoas acreditam no meu projeto, que não é meu, é nosso. São amigos colaboradores.
Então, a gente precisa muito administrar até porque o tempo é pouco e tem tantas funções às quais a mulher se dedica, não é? Mas o espaço a gente vai buscar, a gente vai correr atrás porque lugar de mulher é onde ela quiser e eu acredito que vai dar certo.

P.8. Então você teve esse apoio das pessoas que te incentivaram a se tornar candidata. Como que foi para chegar em um partido, você foi atrás ou pessoas vieram até você?
R: Então, eu até fui aprovada no Renova BR, que é uma das maiores escolas de política do Brasil, e no primeiro momento eu fiquei muito indecisa em relação a partido porque alguns diziam, tem o "chapão da morte", que é aquele partido que só vai os que já têm muita experiência, mandatos, os de dinheiro, alguns também que têm uma boa estrutura e o que eu tenho mesmo, na verdade, é a coragem, meu serviço prestado. Deve ter até agora acho que uns quinze dias da minha decisão de filiação a um partido.

Claro que, na política, a gente tem que ter um direcionamento, um exemplo para seguir, mediadores e fui analisar quais partidos na política municipal que trabalham, que defendem mais suas ideias, que têm condições de lutar mais pelo desenvolvimento de Petrolina e eu vi isso no União Brasil. Por que eu vi isso no União Brasil e me filiei? Porque dentro do União Brasil existe o presidente municipal, que é um deputado estadual, Antônio Coelho, que, em tão pouco tempo, já trouxe muita coisa, muitas obras e emendas para a Petrolina. É uma pessoa que eu falo diretamente, não preciso agendar, pedir. É também o partido que o atual prefeito está. Eu não sou do tipo que só porque estou na gestão que [acho que] está tudo ótimo, tudo maravilhoso. Não, não é assim. O que está bom, elogio, e o que não está bom, eu critico. Como minha maior convivência é nos bairros periféricos, eu sempre estou levando as demandas. "*Ó, Secretário de Saúde, aqui não está legal*". "*As pessoas estão ainda pegando fila para isso ou aquilo*". "*Secretário de serviços públicos, ó, tal rua está assim, o esgoto está estourado, está isso, está aquilo*".

Eu sou a pessoa que gosta de identificar as necessidades, levar e buscar solução. Porque não adianta apenas eu ir para o rádio e falar. Não, eu tenho que ver como é que vai resolver. Se quem resolve é tal órgão, eu tenho que buscar o órgão competente e pedir ajuda. Mediante

esse trabalho que eu já vejo na gestão municipal, que eu tenho espaço para pedir ajuda, para reivindicar, solicitar, que eu decidi pelo União Brasil.

É um partido que não é fácil competir, porque tem muitos nomes bons lá dentro, mas eu vejo uma possibilidade, uma oportunidade. Então, eu acredito que vou brigar por uma vaga e eu não vou brigar sozinha. Com certeza, vou brigar por essa vaga junto, primeiramente, de Deus, que tenho certeza que está em tudo na minha vida, me abençoando e com esses "invisíveis", essas pessoas que precisam de vez, de voz, com quem lido todos os dias. Eu até coloco que será a vez dos humilhados serem exaltados. Exaltados no sentido de ter vez, de ter voz, porque isso eu vou fazer questão de representar. Representar não por vaidade e ostentação, mas por eu conhecer e saber de perto a dor de cada um.

Eu fui "paquerada" por vários e vários partidos. Alguns, que de início eu pensei em fazer parte, não me aceitaram. Os partidos políticos não se baseiam apenas na questão de contemplar teoricamente, porque o resultado de uma candidatura são votos. É um trabalho que você fez, faz. A conclusão é o voto, e a matemática é exata; ela não erra. Então, quando foi também para decidir o partido, tentei buscar matematicamente um partido que me contemplasse diante da previsão de votos. E aí, alguns partidos com legenda menor não me aceitaram. Ouvi de dois partidos pequenos: "*Olha, a gente gosta demais de você, mas não aceitamos você aqui. Não é por nada, é pelo seu potencial político porque você vai ter mais votos que a gente*". Então, é tipo, como eles colocam, "você vai engolir". Sua votação ultrapassa. Quem está montando um partido, principalmente alguns presidentes, tem a intenção de se eleger vereador. Logo, quando eles veem que [nome] ou B ou C têm uma previsão maior de votos do que eles, não aceitam. Partido pequeno não me quis porque acham que eu tenho um potencial maior que o deles e aí, os partidos de maior porte, como o do prefeito, nos aceitam. Ainda procurei o mediano, mas quando fui analisar essa questão do que o partido defende, a estruturação, os pré-candidatos que fazem parte, o que eu me identifiquei foi o União Brasil.

P.9. E aí imagino também que, como você comentou, a questão de você conhecer e já ter tido um contato maior também [com os integrantes do partido e governo] tenha influenciado nessa decisão.

R: Isso, exatamente. Eu luto muito e incentivo, motivo mulheres a fazer parte também da política. Não só da política, mas de cargos públicos, que a gente possa defender, principalmente, os direitos da mulher.

P.10. Hoje em dia você acredita que o partido atende às suas necessidades?
R: Isso. Não só as minhas, mas de todo o meu grupo, do nosso projeto.

P.11. E quando você foi pensar nisso e viu os partidos que estavam falando com você, a ideologia importou? Ser um partido de direita, de esquerda, importou para você ou outras coisas eram mais importantes?
R: Eu pensei no conjunto porque a gente sabe que a nível nacional existem defensores

fanáticos do Bolsonaro, assim como existem do Lula. Eu deixo essa situação de nível nacional muito à vontade. Acredito que existem, no governo federal, acertos e erros. Infelizmente, ninguém é unânime. Existem vários desafios, vários pensamentos e dentro de uma equipe, acontece isso. O que vai fazer a diferença é "*o que é que meu secretariado está fazendo de errado?*", "*o que é que meu ministro está fazendo de errado?*" "*onde é que precisa ser corrigido?*", "*onde é que eu, enquanto presidente, prefeito, vereador, preciso melhorar?*".
Sobre essa questão de direita e esquerda eu tenho, claro, meu ponto de vista, porém eu acho que a política, no todo, precisa ser reconstruída. Ela precisa ser confiada, a verdade é essa. As pessoas não acreditam mais na política. Eu vejo como ação de transformação, mas muitas pessoas veem como uma ferramenta de corrupção, que só atenda a uns, enriquece os mais privilegiados e eu não acho que seja dessa forma. Se está assim, o poder da decisão está em quem? Nós. Não é a gente que decide? Então, o que é que está faltando? Informação, conhecimento. É isso que precisa. Eu acho que o eleitor precisa de fato ter mais conhecimento dos seus deveres e dos seus direitos e lutar por eles. É para isso que elegemos um vereador, para defender os nossos projetos, fiscalizar, criar o plano municipal. Então, a gente precisa fazer parte.
Foi aí que eu pensei entrar na política, para poder construir, desenvolver, levar o que Maria e João, lá da periferia do João de Deus [bairro da cidade], não consegue levar ao Executivo, eu posso chegar e exigir, pedir pra mudar, né? É isso que tem que ser feito, com pessoas de coragem. Não é fácil.

P.12. Além do partido, em relação à família e amigos, como foi essa questão? Todo mundo aceitou, todo mundo achou legal?
R: Assim, começando por minha filha, ela no início ela ficava "*ah, mainha...*" porque é a questão do tempo [com ela]. Ela já sabia que eu sou muito ocupada e sabe que é vinte e quatro horas eu no telefone, tentando ajudar um ou outro. Ela sabe que, de certa forma, o tempo que eu poderia estar dando atenção a ela, eu tô dando a outras pessoas, mas ela sabe que é por uma boa causa. Tanto que agora ela foi eleita líder de sala, na escola que ela estuda. Todo mundo disse: "*Eita, puxou a mãe*", porque já tá aí e foi uma decisão dela. Eu disse: "*Anabela, não se candidata.*" Mas ela: "*Mainha, a turma tá pedindo*." Então, quem puxa são os seus, né? Sempre coloco isso pra minha filha. A gente tá aqui numa missão de ajudar, de fazer o bem, então, se a gente puder ajudar, a gente vai ajudar.
E minha família me motiva sim, apesar de que meus irmãos, até mamãe, comentavam que hoje em dia os adjetivos usados para o político são ladrão, corrupto, velhaco. E aí mamãe um dia disse assim: "*Minha filha, quando você passar em um desses movimentos aí, nas suas caminhadas de campanha, e alguém lhe chamar de ladrão, de puta, disso e daquilo...*" Porque, assim, o eleitor revoltado, de fato, alguns fazem isso mesmo, né? Eles têm aversão à política, mas só que é uma coisa que a gente tem que mostrar que ainda existem políticos sérios, existem pessoas que querem entrar na política para fazer a diferença.
Agora, será que o eleitor também, quando vê uma [nome] que vem de família humilde, produto do meio das dificuldades, será que eles vão querer ajudar uma [nome] que veio de bairro periférico, de família humilde, que tem na mala a coragem e a vontade de fazer alguma coisa? Ou será que vão ser iludidos por rótulos? Por pessoas que têm uma situação financeira

boa, por pessoas que, digamos, tem um nome? Cabe ao eleitor fazer essa comparação, essa reflexão.
Eles me incentivam, me motivam, porque eles veem que é um sonho, é toda vida assim. Eles viram que é uma vontade que eu tenho de fazer algo a mais, de contribuir para com as pessoas que mais precisam. Mas eles sempre temeram isso, dos insultos, mas em relação ao potencial político, ao potencial de humanidade, de coragem, eles sempre depositaram muita credibilidade nesse projeto.

P.14. Eles já têm, talvez, o medo. Não sei se as outras pessoas da sua família chegaram a passar por isso, como já tiveram outras pessoas que participaram [da política], talvez tenham esse receio de que [o escrutínio] aconteça com você.
R: Isso. Eu sou muito temente a Deus, sou católica, simpatizante de outras religiões porque para mim o Deus é um Deus só. Respeito qualquer religião e eu sempre converso com Deus e peço: Senhor, se não for da Tua vontade, que esse desejo não permaneça, mas cada vez Deus mostra mais que eu tenho uma missão aqui na Terra, que eu vim para ajudar, para fazer a diferença, e eu sinto essa resposta.
A gente vê também, Barbara, muitas pessoas se perderem no caminho. Parece que o poder muda a cabeça. A gente vê casos de vereadores que estão ali ocupando um cargo com algumas regalias e usam isso de uma forma muito errada. Perdem a essência, os valores, a humildade. Ao invés de usar o poder a favor do povo, usam contra o povo, na arrogância, na prepotência. É uma coisa que mamãe, minha família, sempre pede e sabe que não vai acontecer comigo porque a educação, os valores que eu aprendi, que eu recebi, são de berço. Esses valores não foram adquiridos através de dinheiro, de luxo. Foram adquiridos através dos desafios, das dificuldades. Mamãe com sete filhos para criar na roça, numa cidade pequena. Papai era funcionário público, mas era uma renda para criar sete filhos. Eu tenho certeza, minha família acredita que esses valores, essa essência, o poder não vai me tirar. Tenho a certeza de que vou usar isso a favor do povo.

P.15. Voltando um pouquinho para o partido. Você falou que tem muitos nomes grandes no partido. Eles dão algum apoio para você no sentido de dar uma preparação, uma instrução para a campanha?
R: Nós tivemos até uma reunião ontem com o presidente do partido, com os líderes políticos do nosso partido, que são Miguel Coelho, Simão Durando, que é o prefeito, Antônio Coelho, que é o deputado estadual, e Fernando Filho, que é o deputado federal. Nesse primeiro momento, foi alinhado a questão da seriedade de cada candidato, porque estar ali, foi a questão instrucional, orientacional porque uma campanha não é fácil, então você tem que realmente ter esse objetivo. Eu quero ser vereadora porque eu quero fazer um trabalho, quero defender minhas pautas. Não ser candidato pensando que vai ter uma verba, pensando que vai receber um dinheiro, porque não é bem assim.
O partido com certeza vai dar uma ajuda a nível financeiro, porém a gente sabe que uma campanha é muita despesa. É carro, é combustível, é material de gráfica, então o partido vai dar esse amparo, ajuda de fundo partidário, que só acontece mesmo durante a campanha. Nós estamos na pré-campanha, então as reuniões que eu faço, as visitas, o combustível que eu uso está saindo do meu bolso porque o partido mesmo só coloca a ajuda do fundo partidário

durante a campanha. Logo, a pré-campanha é um momento bem melhor e sério para se trabalhar do que na própria campanha. E também, Barbara, essa ajuda que o partido aloca não é grande coisa também não, quero fazer essa observação.
Eu disputo no União Brasil. Além da cota feminina, sou a única aqui em Petrolina que disputa na cota indígena porque eu sou descendente indígena lá de Carnaubeira da Penha, da tribo Atikum, aldeia Logrado, então é um fato muito importante, é um reconhecimento, uma briga por espaço. Também a luta do índio, fiz questão de honrar essa minha descendência de índia e vou disputar pela cota indígena. Até tava no Senado, acredito que já foi aprovado, a nova lei da cota indígena, que agora quem for disputar a eleição pela cota indígena, tem um tempo de televisão garantido, assim também como fundo partidário, que pelo que eu entendi, é repassado diretamente para a conta do candidato, e não para a conta do partido. Se assim for, eu acredito que talvez tenha até essa outra vantagem para mim, que vem esse valor que também não penso que será isso tudo não.

P.16. Dentro do partido ainda, nesse processo de escolha dos candidatos, você sentiu que tem diferença no tratamento de homens e mulheres ou não?
R: Tem. Muita, muita. E olhe que eu tô num partido que realmente eles têm uma visão de que, digamos, 70% é espaço da mulher, e os próprios colegas concorrentes não dão a gente nem 5% de ousadia. Por quê? Porque a própria mulher não se posiciona, não mostra a força dela. Até que agora não, porque tem a lei das candidatas laranjas, mas nas candidaturas anteriores a essa lei, o que é que acontecia? Tinha mulher que eles pegavam só o CPF, o título, colocava, fazia o registro da candidatura só pra constar porque a lei exigia que tivesse mulheres e pronto. Hoje, em Petrolina, cada partido tem que apresentar 24 candidatos. Desses 24, 30% tem que ser a cota feminina, ou mais, poderia ser mais, então sim.
De verdade, no meu partido, tem de fato quatro mulheres. Eu mais três, que de fato, estamos de fato brigando pra ser vereadora, mas tem umas que entram para agradar o partido, para compor uma chapa. A verdade é que aqui em Petrolina, uma câmara de vereadores, com 23 vereadores, só existem duas vereadoras. Duas. Olha como é uma minoria. É absurdo, eu acho. Mas porque a própria mulher não luta pelos seus espaços, permitem que os homens tomem o fôlego, nosso lugar. Isso não é justo. Cabe também às outras mulheres dar referência, dar ênfase às mulheres que estão lutando por elas.

P.17. Entendi. E fora do partido, pensando na competição eleitoral, mas com os outros partidos e candidatos. Você também percebe diferenças entre homens e mulheres?
R: Veja, não é uma fala preconceituosa, não é. Eu vou tentar falar de um modo muito técnico. Não é porque eu seja mulher, mas eu vejo na mulher o sentimento de humanidade, de responsabilidade, de confiança maior do que no homem. Sem querer ser aqui preconceituosa, mas é assim que eu vejo o espaço da mulher hoje. Era isso que você queria saber?

P.18. Também, mas nessa questão de tratamento. Se você acha que [mulheres] são tratadas diferente, se os candidatos [homens] fazem por menos se forem candidatas mulheres, se tem algum tipo de violência nesse sentido.
R: Existe, assim, desde a classe social. Digamos, no partido que eu estou, já tem quatro vereadores de mandato e eles têm uma condição financeira que eu não chego nem nos 20%

deles. É como se o dinheiro, a classe social, financeira que ele ocupe, esteja além da vontade e do sonho de [nome], de [nome], de outros que não estão ainda no mandato e que não têm essa mesma condição, então a gente já vê um olhar diferenciado. Assim como aquele que é tímido, que não consegue ainda colocar seus projetos, suas bandeiras, o que defende, o que vai defender e tem aqueles que entram de fato só pensando em ajudar o partido a ocupar um cargo, mas é fato, existe esse olhar diferenciado.

Até porque muitos talvez não saibam o serviço que A ou B estão fazendo na sua comunidade, não sabem do dia a dia. Aqueles que já estão lá na Câmara, que já ocupam o cargo, não usam seu poder para defender essas necessidades porque só quem vê é quem realmente está ali no bairro periférico, dentro do hospital público, da escola pública. Aí é onde me dá mais incentivo para lutar por igualdade porque, dentro de um partido, você ainda vê seu olhar diferenciado.

Imagine, como é que nós listamos 24 candidatos para compor e colocar o nosso nome à escolha? Eu penso que devia todo mundo estar lutando pelos mesmos ideais, que é o bem comum, o bem para toda uma cidade, mas dentro de um grupo ainda tem pessoas que vêem os próprios colegas com olhar desigual. Como é que você vai ver o pessoal da área periférica com o olhar de classe A? É complicado, né? Você tem que ter de fato na pele sofrido, sentido a dor, para poder fazer essa defesa.

P.19. Já estamos terminando. Eu queria saber agora o que você acha que ainda afasta as mulheres da política.

R: Eu acredito que seja o medo. Infelizmente, muitas mulheres ainda não conseguem se defender nem dentro de sua própria casa, não é? Sofrem assédio moral, social, são espancadas e elas não conseguem denunciar uma dor delas. Então, eu acredito que é o medo de falar, de se posicionar, de lutar.

P.20. E você sente que o meio político, os partidos têm dado essa abertura para as mulheres ou eles também fazem esse movimento de afastar?

R: Eu acredito que hoje não é nem que eles dêem esse espaço, essa abertura, eles são obrigados e só percebem isso na hora que é para formar um partido. Na hora que é para formar um partido, na hora que é para fazer uma comida, que é para trocar a fralda do filho, da filha, aí eles sentem a necessidade. Essa é a realidade. Mas por quê? Porque a mulher foi muito conivente, ela foi muito permissiva a isso.

A gente ainda vê casos de mulheres que o marido não deixa trabalhar, às vezes já até terminou a faculdade e tudo, mas estão dentro de casa enquanto o marido está trabalhando e ela tem que ficar dentro de casa para cuidar dos filhos. Tem aquelas mais ousadas, como uma [nome] da vida, que consegue estudar, trabalhar, dar conta de casa, dar conta de filho, dar conta dos amigos, da política, mas tem as outras que não têm essa mesma velocidade e vão se acomodando. No futuro, eu acredito que a gente veja um índice muito grande de depressão, saúde mental é uma coisa séria. Eu sempre estou em contato com a Secretaria de Desenvolvimento Social, a Secretaria da Mulher e eu busco muito por isso, políticas públicas de incentivo à mulher, de proteção, de motivação, porque muitas não têm conhecimento. Quantas vão dormir espancadas? É preciso, de fato, conhecer seu espaço e lutar.

P.21. Terminamos. Muito obrigada!

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada (Nome fictício): Camila Rocha
Categoria: Pré-candidata
Partido: PSDB
Data: 06/02/2024
Local: Local de trabalho da entrevistada, Petrolina/PE

P.1. Para começar, eu vou pedir pra você se apresentar. Fala um pouco sobre você, seu estado civil, formação e ocupação.
R: Eu sou [nome], estou como vereadora em Petrolina, Pernambuco. Sou casada com [nome], mãe de três filhos. Sou professora de educação infantil, atualmente cursando Direito e me organizando também pra fazer o curso de criminologia, que é a minha área. Eu também sou investigadora criminal pela City Group Miami. A minha pauta é justiça social, segurança pública, direitos e mais igualdade para as mulheres, não só na política, mas na sociedade civil.

P.2. E você me autoriza a gravação?
R: Sim.

P.3. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?
R: Na verdade, eu sempre exerci o meu papel como cidadã, exercendo o meu direito a lei apenas no voto, a minha vida toda. Em dezembro de 2015, a minha filha de sete aninhos foi brutalmente assassinada dentro do colégio que ela estudava durante a festa de formatura da nossa filha mais velha e aí a gente conheceu um mundo que, até então, pra gente era totalmente desconhecido, surreal. Durante todo o processo de investigação, nos dois primeiros anos, eu percebi que a política era quem movimentava toda essa estrutura e vi também a interferência de políticos numa investigação policial. Aí eu vi a necessidade de também fazer parte da política. Se a política interfere em um processo, num inquérito, num processo administrativo, então eu vou fazer parte também dessa estrutura para que eu também possa movimentar esse sistema.
Confesso que no ano de 2018, foi quando eu me candidatei pela primeira vez, o objetivo maior era realizar uma manifestação contra o Estado. Dizer ao Estado que eu estava ali enquanto mãe de vítima e que eu não iria desistir, iria usar todos os mecanismos para que minha filha tivesse justiça. Porém, o resultado nos surpreendeu pelo fato de eu não ter recursos, não ter estrutura, não ter todo aquele histórico patriarcal da política que a gente vê aqui na política do nosso país. A votação foi muito boa, passei a pensar diferente e fui estudar. Ingressei na Universidade de Direito também para aprender para a investigação. Eu queria entender aquele "juridiquês" que o advogado fala, que o delegado fala, que o promotor e o juiz falam. Muitas vezes eu ficava boiando numa reunião sem entender nada. Foi aí que eu fui fazer o curso justamente para que eu pudesse participar dessas discussões e fui me preparando, fiz outros cursos.
Em 2020, vim novamente como candidata e vim para brigar mesmo, para concorrer, para estar em uma vaga para que a gente pudesse participar da construção da política pública.

Infelizmente, houve uma fraude. Um determinado partido burlou a cota de gênero e por isso, eu não pude exercer o meu papel naquele momento. Ingressei com ação na justiça, apresentei todas as provas e o juiz deferiu o meu pedido. De fato, constatou-se a fraude. Enfim, entramos em uma luta judicial que só em 2023 que saiu o resultado e aí não houve mais embargos. Pude ocupar o espaço de direito daquelas pessoas que confiaram a mim o seu voto. Eu fui a décima primeira mais bem votada em Petrolina em 2020.

Em 2022, concorri novamente na fase estadual, mas aí eu já recebi uma estrutura, porque mudei de partido. Essa questão dessa estrutura de partido é muito, muito importante. Nessa mudança de partido, eu tive uma estrutura melhor e pude concorrer a uma vaga. Meus votos aumentaram, hoje estou como primeira suplente a deputada estadual em Pernambuco pelo meu partido, porém, ao mesmo tempo, saiu o resultado do processo e aí eu voltei para Petrolina para o mandato de vereadora. É pouco mais de um ano, 14 meses, mas é tempo suficiente para que a gente possa deixar a nossa marca e deixar a nossa contribuição.

P4. Você pretende se relançar no pleito deste ano?

R: Sim, sim. Até o finalzinho de março eu creio que eu devo lançar a minha pré-candidatura para concorrer à reeleição. Eu sempre imaginei que eu teria a oportunidade de ficar os quatro anos, para que a gente pudesse fazer de fato um trabalho. Os quatro anos são necessários porque eu acho que o primeiro ano é mais de diagnóstico. Um ano de escuta para que você possa apresentar suas propostas no ano seguinte e eu estou nessa fase. Eu estou há dois meses aqui fazendo esse diagnóstico e com muita vontade de continuar. Então, eu acho que a reeleição vai me dar essa oportunidade, se as pessoas me permitirem, de eu colocar em prática tudo aquilo que a gente já vinha desenhando. Eu estou há três meses como vereadora de Petrolina, o resultado saiu no finalzinho de outubro, e aí a gente está aqui nesse processo que não é fácil porque, além da violência contra as mulheres na política, eu sou de oposição, mas é uma oposição construtiva. Mas os caras que estão no poder, que têm aquela estrutura, que já estão há muitos anos, eles não entendem dessa forma. Eu sinto muitas vezes que eu sou uma ameaça para eles, então é uma luta gigante porque a maioria da Câmara de Petrolina são homens. Petrolina tem 23 cadeiras, 20 são homens que, se você analisar o perfil deles, infelizmente, na grande maioria são homens machistas e o enfrentamento é duro, mas quando eu decidi estar na política, eu já imaginava o que eu iria enfrentar. Estou preparada e o nosso grupo é muito forte também, que me dá toda a sustentação, a sociedade civil também, o respeito que as pessoas têm por mim, isso fortalece bastante.

P5. Como foi esse processo da cassação do mandato do outro vereador? Foram vocês que foram atrás, que viram a fraude?

R: Um dia após a eleição, eu comecei a receber nas minhas redes sociais fotos, vídeos de pessoas denunciando a candidatura de uma determinada vereadora, que deveria estar concorrendo, mas estava na verdade coordenando a campanha de um homem e aí eu fui investigar. Bem, eu sou investigadora criminal, então não foi difícil, um pouco mais de três dias eu estava ali com todas as provas necessárias para ingressar com a ação. Entrei em contato na época com o partido no qual eu estava, que era o PSOL, e pedi ajuda ao partido porque é muito caro. Tem as despesas com advogado, tem as despesas processuais em um sentido de atas notariais, deslocamento. Realmente, é um custo e eu não tinha esse recurso

para fazer tudo isso. Recorri ao partido que tem uma estrutura, que recebe recurso dos cortes públicos para manter essa estrutura e me foi negado, eles não tiveram nenhum interesse em ingressar com essa ação. Então, me reuni com o meu grupo político, daqui de Petrolina, e o grupo me ajudou dizendo que ia me ajudar nesse processo. Pedi isenção das custas processuais e ingressei com a ação.

Todas as provas que eu consegui reunir ali, eu precisei fazer atas notariais porque, na grande maioria, as provas foram retiradas das redes sociais. Instagram, WhatsApp, Facebook, matérias de jornais, mas para você provar a autenticidade, tem que ter fé pública para isso aí só os cartórios. Há outro custo e ele é muito caro. Uma ata notarial hoje num processo como esse você não gasta menos que R$2,000. Nem todo mundo tem esse recurso para ingressar com a ação. Tudo é muito difícil. Você tem que ter dinheiro, você tem que ter estrutura, tempo, conhecimento e nem todas as mulheres que estão nesse processo têm essa estrutura, essa condição. A minha sorte é que o meu grupo tem pessoas que o único interesse ali de fato é contribuir com a política pública. Então, toda essa contribuição foi doação por parte dessas pessoas. Eu acredito que em menos de dois meses o juiz aqui do primeiro grau deferiu o meu pedido.

Eu lembro da decisão dele, pois ele cita que é um crime muito grave, sabe? Por se tratar de um crime contra a soberania popular. O partido que tenta burlar uma lei é muito grave. Eu me recordo muito bem dessas palavras e, de fato, quem decide é o povo, quem manda é o povo. Pelo menos, é isso que a nossa Constituição diz e se ela diz, a gente tem que respeitar e não usar de artifícios para burlar as nossas leis. Infelizmente, esse processo ficou arquivado por quase três anos no tribunal, em segundo grau. A parte, que foi o partido Avante, entrou com recurso e com embargos. O embargo suspende o processo, ele suspende a decisão de primeiro grau e aí foi um grande problema. A nossa constituição diz que os nossos poderes são independentes, porém harmônicos, mas eu não vejo dessa forma porque a interferência política é muito grande ainda dentro do judiciário e isso é fácil de identificar.

Recentemente, a gente viu o caso da situação da violência política que a nossa governadora sofreu aqui. Agressões por parte de um outro deputado, um misógino, mas o sobrinho dele, que é do Tribunal de Contas, decide um outro processo, de uma outra pauta contra uma decisão que o governo tomou. Aí você percebe o quanto a política está ali entranhada dentro dos poderes, comandando o legislativo, o judiciário. Infelizmente, são esses caras aqui que estão se perpetuando no poder há mais de anos porque passa de pai para filho. É a “renovação política”, mas é a esposa do vereador, é a esposa do prefeito que é candidata ou esposo. Enfim, eu não estou dizendo que eles não tenham direito. Todos nós temos direito, porém, eu acredito que nós da sociedade civil, precisamos participar mais e os partidos precisam abrir espaço para isso.

Você não vê um estudante dentro da Câmara Legislativa. Eu não consigo enxergar um estudante nem no Municipal, nem no Estadual, nem no Federal e olha a importância que é termos um estudante fazendo parte dessas tomadas de decisão. Todos os dias a gente vê discussões nas redes sociais de recurso que foi retirado, que foi reduzido, que foi cancelado, de universidade que vai fechar, de cursos que irão fechar, e os nossos jovens não participam. Na saúde, muda isso, tira aquilo, bota aquilo e as mulheres não estão sendo consultadas. Se você for agora numa porta de um hospital, de uma clínica, de uma UBS, 90% são mulheres que estão ali marcando consultas, exames, para seus filhos, para seus esposos, mas ninguém

pergunta àquela mulher, aquela pessoa que está ali na fila, como que ela gostaria que fosse esse processo. Por quê? Porque essa estrutura quer se manter no poder. Então, ela vai dificultar para que uma [nome] entre nessa estrutura e participe dessa mesa de tomada de decisão.

Por isso que eu acredito que houve interferência sim do Poder Judiciário para a decisão desse meu processo, sabendo eu que a decisão não seria diferente. [A decisão seria] de deferimento, de cassação para o Avante porque as provas eram muito fortes. Como você é uma mulher, candidata a vereadora e coordena a própria campanha a favor de um outro homem candidato? Tem vídeos da mulher pedindo voto para ele, a mulher distribuindo o santinho desse homem. A gente precisa reagir a isso. Eu agradeço muito as pessoas que encaminharam para mim essas provas, porque eu estava trabalhando ali 45 dias sem parar, não tinha condição de fiscalizar um outro vereador. Nós tínhamos mais de 200 candidatos em Petrolina, e eu tinha que me concentrar na minha campanha. De fato, é importante que a sociedade civil, os eleitores estejam atentos a isso e compartilhem. Uma vez que a pessoa não tem tempo ou tem medo de realizar uma denúncia, procure esses candidatos, pessoas como eu, como outros vereadores aqui, como o professor Gilmar, por exemplo, que tem coragem de interferir nesse processo, para que a gente use os meios legais para intimidar esse tipo de crime.

Eu agradeço muito essas pessoas que compartilharam comigo, porque me deram a possibilidade de ter conhecimento do fato, investigar e apontar no processo e a gente obter sucesso aí. Demorou? Muito! Por que não poderia ser mais rápido? Quantos processos hoje no Tribunal de Justiça Eleitoral nós temos em Pernambuco que pudesse fundamentar essa demora toda? Até onde eu sei, foram apenas 8 ou 10 processos de candidaturas laranjas em Pernambuco em 2020, então o que justifica três anos para decisão desses 12 processos? Será que o Tribunal de Justiça não poderia dar prioridade no crime que é tão grave quanto a nossa soberania popular, que é o voto? A única coisa que justifica é a interferência política e os interesses individuais.

P.6. Você falou que antes desse processo, em 2018, você nunca tinha pensado em se tornar candidata ou entrar na política formal. Então, por que você resolveu se tornar candidata nesse período?

R: Como eu falei, em 2015 minha filha foi brutalmente assassinada e eu via a falta de estrutura, a falta de política pública para combater esse tipo de crime e para punir esse tipo de crime. São os políticos que constroem isso, eles criam leis e distribuem os recursos. Por exemplo, eu cheguei na delegacia uma vez e percebi que as cadeiras da recepção estavam quebradas e que os investigadores estavam compartilhando o mesmo computador. Ali eu vi a impaciência, o tempo correndo e aquele investigador sem o equipamento para trabalhar e me veio a questão da interferência na investigação. Houve, de fato, uma interferência, e não foi velada, foi pública. Um determinado político foi às redes sociais dizer que o caso de [nome] tinha cansado a beleza de Petrolina e que isso deveria acabar, que as manifestações deveriam acabar. Além de ser desumano, ali ficou clara a interferência política dentro das nossas estruturas. Foi quando eu bati o martelo, pois bem, eu vou fazer parte dessa estrutura! Até então eu estava ali como eleitora, cumprindo meu papel, exercendo minha cidadania, mas agora eu vou de fato exercê-la na prática. Eu sendo a candidata, a política, para eu poder movimentar também essa estrutura. Foi quando eu me candidatei em 2018 a deputada

estadual. Em 2020 a vereadora e em 2022 a deputada estadual. Agora em 2024 irei para a reeleição de vereadora.

P.7. Você falou que em 2018 não tinha pretensão de que fosse ganhar…?
R: Não tinha qualquer perspectiva. Primeiro porque eu não era esposa de política, não era filha de político. Eu não pertencia a nenhuma estrutura e a política é patriarcal. Você pode pegar aí os prefeitos, os deputados, é tudo de pai para filho, para esposa. Recentemente, eu assisti a entrevista de uma vereadora e a repórter fez uma pergunta a ela querendo saber se ela iria se aposentar, se alguém do grupo político dela iria ficar no lugar dela, acho que ela já estava no sexto mandato. Ou se ela iria para uma outra candidatura e quem ela iria apoiar para a vereança e ela falou que ‘‘*ninguém da família dela tinha interesse em participar da política*’’. Então, portanto, ela não tinha ninguém para indicar, para substituí-la. Cara, aquilo dali eu fiquei assim… [chocada].
O que me trouxe aqui foi um grupo da sociedade civil. Não foi só eu que quis ser vereadora ou deputada. Não, eu faço parte de um grupo. O grupo Somos Todos Beatriz, que é um grupo de professores da sociedade civil, que se reuniram para me dar apoio, para eu lutar em busca de justiça por minha filha. Essas pessoas que me orientam disseram ‘‘*você precisa também estar na política*”. Não foi uma vontade só minha. Vamos dizer que foi 50% minha e 50% do grupo**.** E quem faz parte desse grupo? Mulheres, donas de casa, professores, estudantes, advogados, empresários, empresárias. São pessoas que estão ali também na linha de frente, né?
Estar na política foi uma construção, mas confesso que eu, naquele momento, como mãe, que estava enfrentando aquela luta, eu fui para desafiar o poder do Estado, para me manifestar. Para dizer que, se os políticos estão interferindo na investigação, se o governo não dá estrutura suficiente para a investigação, pois bem, eu vou estar lá e vou movimentar isso, né? Eu fiz todo tipo de movimento a favor da minha filha em busca de justiça. Movimento de rua, de rede social, sabe? Tudo e o que faltava ali naquele momento era estar na política. O interessante é que eu sofri muita violência, sabe, nesse período. Ainda sofro, porque tem pessoas que apontam que eu estou me aproveitando da situação da minha filha para estar na política. São pessoas ignorantes que com certeza não conhecem a nossa constituição. Ela diz que qualquer pessoa, desde que seja elegível, tem direito de estar na política e deve participar da política. Essas pessoas me atacam e me atacaram muito nesse período de 2018, você não tem noção [do quanto].
O que me levou para a política não foi a luta por minha filha, o que me levou para a política foram as causas da minha luta. A demora, a inércia, a falta de estrutura do Estado para uma investigação criminal. Por minha filha eu fiz e faço tudo, mas o Estado tem a sua responsabilidade e a política é um direito de todos. Se eu não perdi meus direitos políticos, eu posso fazer parte dela e ninguém pode dizer o contrário. Essas pessoas são ignorantes e analfabetas, compreendo dessa forma. Isso é analfabetismo, é falta de conhecimento mesmo, né? Elas se posicionam dessa forma porque não querem perder essa estrutura, porque têm medo de que pessoas como eu, que são da sociedade civil, façam parte desses espaços de poder, porque eu estou aqui livre. Eu estou em um mandato livre, onde quem me influencia apenas são as pessoas que confiaram em mim através do voto para estar aqui. Eu não devo absolutamente a ninguém financeiramente para estar hoje nesse mandato. Ninguém pode

interferir, nem o prefeito, nem o governador.
Se você tiver a oportunidade, assista a uma sessão, de preferência em uma audiência pública. Ano passado, eu participei de duas, que foi a do PPA e mais duas audiências públicas, em que uma foi para tratar do problema da água de Petrolina, da Compesa, e a outra referente a moradias habitacionais, ocupações aqui da cidade. Você percebe ali que quem direciona as pautas, a votação, é o Poder Executivo. Tem uma pessoa do Executivo dentro da Câmara e não é o líder da Câmara, o vereador, não. É uma pessoa exclusivamente do governo [executivo], que fica dentro da Câmara, direcionando o voto. Não são os vereadores que votam ali, quem vota é o Poder Executivo. Isso é muito claro, para ter certeza, pode abrir qualquer sessão, são gravadas para o YouTube na página da Câmara. Você consegue perceber ali toda aquela movimentação e quem direciona tudo isso é o prefeito. É o prefeito que manda e desmanda.
Uma polêmica que surgiu foi a questão das APPs. Em 2021, o presidente [da Câmara] que estava em exercício criou uma lei dando direito aos municípios de legislar sobre a margem do Rio. Eu acho isso muito grave, primeiro porque é inconstitucional. A gente sabe que quem tem o dever de legislar é o governo federal. Essa lei confronta tudo isso, mas Petrolina decidiu legislar. Até então, antes desse projeto de lei, só se podia construir às margens do Rio num espaço de 500 metros. Agora não, 100 metros você pode construir. Eles fizeram um projeto de lei onde não tem sequer um estudo ambiental. É visível no rio São Francisco a falta da mata ciliar e o assoreamento tomando conta, isso é muito grave, mas eles não se preocupam com isso porque o patrão decidiu e eles têm que obedecer. Então, votam naquilo que o patrão mandou e não no que o povo quer. Essas são consequências gravíssimas que, no futuro, os nossos netos, infelizmente, vão pagar essa conta. Pela falta de independência no poder legislativo. Foi aprovado o projeto de lei porque, infelizmente, o patrão tem a maioria dos vereadores na Câmara. É complicado. Então, eu acho que essa conta é do eleitor, que precisa analisar melhor o perfil do seu vereador pra botar numa cadeira tão importante que é a do poder legislativo.

P8. Você comentou que você recebeu apoio das pessoas, tinha a sua própria vontade também. O que mais você levou em consideração para poder entrar na política? Em relação a questões de recursos, de tempo?
R: Nossa, isso foi crucial. Eu estava ali num momento que eu me dedicava 100% à investigação. Eu já tinha abandonado o meu trabalho, minha faculdade, já tinha abandonado tudo ali pra me dedicar 100% à investigação. Se eu não trabalho, consequentemente, falta um recurso financeiro e naquele momento ali o que me ajudava eram as doações, contribuições de familiares, de amigos, de grupos, de doadores anônimos, de pessoas que acreditavam em mim, na minha luta. Então foi muito difícil, sabe? Você não tem um recurso pra você andar, eu só queria ter um carro, um combustível. Mas nem pode, então a minha família foi quem me ajudou com esse recurso. São muitas restrições que a lei exige, e isso nos impossibilita de concorrer de forma democrática nesse processo. Só existiam coisas negativas para que eu não fizesse parte desse pleito. Falta de recurso, de tempo, de mais apoio.
Apesar de eu ter um grupo muito forte dentro da sociedade civil ali me ajudando, me apoiando, o que foi mais importante para esse processo, na verdade, eu acho que foi o apoio de minha família, do meu esposo e dos meus filhos. Meu esposo diz: "*olha, a gente tem o*

necessário. Então vai pra rua. O tempo que tu tiver, tu vai pra rua. O recurso que tu tiver, até onde tu conseguir, tu vai", então isso foi importante, o apoio da família, mas não é fácil. Principalmente, para nós mulheres, fazer parte desse processo de política, de partido, de escolhas de partido. O tempo todo você percebe que os caras querem te enrolar, te enganar.
É matemático, você tem que ser inteligente também. Qual partido que tu consegue formar o quociente para poder entrar? Quem são as pessoas? A maioria das pessoas vão para partidos em que elas querem, de fato, o recurso e não pensam em quais são as bandeiras que este partido defende. Quem está à frente desse partido? Quem é o presidente desse partido? O que esse cara defende? Porque tudo é um jogo e partido, hoje, no Brasil tem dono. Então é necessário compreender tudo isso e eu não tinha esse conhecimento, estava muito verde chegando ali, mas eu tinha o necessário, que era o desejo de fazer parte e movimentar a sua estrutura e isso me ajudou bastante, me deu força pra poder continuar.

P.9. Em 2018 você foi pelo PSOL. Como foi? Você procurou o partido? Eles te convidaram? Conta um pouco sobre como foi esse processo.
R: Eu fiz uma triagem, eu e o pessoal do grupo. Pegamos vários partidos e começamos a estudar. Quem é o presidente nacional? Estadual? Quem são os vereadores hoje de mandato? Quais as pautas que eles estão? O que eles defendem? Tudo isso. Passamos semanas assim. E o que eu precisava naquele momento era de independência e de um partido que estivesse ali, aliado com aquilo que eu defendia, com as minhas pautas, que são justiça social, segurança pública, direito à moradia. Naquele momento, foi o único partido que eu cheguei que estava alinhado ali comigo e por isso eu procurei o partido. Fui até ele, conversei com o diretório municipal. Na verdade, eu conversei acho que com uns três a quatro partidos, mas o PSOL, naquele momento, identifiquei que era o mais próximo às minhas pautas. Eu me filiei ao partido e fui militar.
A minha bandeira de luta era muito próxima à que o PSOL diz que defende. *Diz que defende*, até nisso a gente tem que ter muito cuidado. É o que eu falei, partido tem dono. Os caras fazem lá um card bonitinho, bota nas redes sociais que o partido defende isso, defende aquilo. Aí chega a oportunidade do partido defender e estar ali presente em uma pauta que é do partido e ele se acovarda ou então se omite, fica inerte para compensar de alguma forma uma troca política com outro partido. Então deixa de ser um partido e sim o que me favorece. Foi isso que me fez sair do PSOL, onde eu concorri dois anos.

P.20. Em 2020 foi pelo PSOL também?
R: Sim, e sem estrutura, sem recurso. O PSOL não me dava estrutura financeira. Eu não fui para o partido por conta do recurso, eu fui porque o partido defendia aquelas pautas que eu acreditava que eram similares às minhas. Em 2022, o pessoal teve a oportunidade de defender uma dessas pautas que eles dizem que defendem, que é a justiça social e a segurança pública, que é a vida, e não o fez, que foi na criação da CPI.
Em 2022, em janeiro, um deputado estadual de Pernambuco liga para mim e diz: "*Olha, eu assisti suas entrevistas. Aqui nós já temos o suficiente para a abertura de uma CPI. Eu queria saber se a senhora me autoriza*." e mais, que "*eu não preciso da sua autorização, porque eu estou no mandato. Mas por respeito à sua luta e à sua vida, eu queria saber se a senhora me autoriza a me manifestar no Plenário no pedido da criação de uma CPI.*" Aí eu disse com

certeza. Ele era de um partido de direita, não me recordo agora qual, mas, para mim, naquele momento ali, o partido pouco importava no sentido de quem estaria levantando, sabe? Eu queria que, naquele momento, quem tivesse feito aquela ligação fosse o PSOL, porque o PSOL tinha mandato na época. Quantas e quantas vezes eu liguei para eles, compartilhei o inquérito com eles, compartilhei demandas importantes como corrupção por parte de agentes públicos e não houve sequer nenhum tipo de manifestação, nenhuma movimentação dentro do mandato. Isso vai te desestimulando e, pô, será que esse partido realmente defende as pautas que diz que defende? Mas, enfim, acreditando ainda no partido, logo que terminou essa ligação, liguei para o presidente estadual e para a deputada que estava no mandato e tive a surpresa com a negativa de que eles não iriam apoiar a CPI. Pior ainda, fui surpreendida posteriormente com a posição que ele tomou, que foi contra a criação da CPI, ainda fez movimentação lá dentro para que ela não fosse espalhada. Aí eu fiquei puta da vida, eu disse: "*Não, aí já é demais, estão me expulsando do partido*". Bom, o partido está aqui, dizendo que apoia a vida, a segurança, a justiça social e na primeira oportunidade que tem de investigar… porque a CPI não pune, mas sim investiga, então, é uma atribuição do parlamentar, do legislativo. Uma vez que se recusa a fazer parte dessa investigação, o partido é conivente, certo?

Eu não pensei duas vezes e me desfiliei porque eu não iria compactuar com aquele crime que eles estavam cometendo ali e o partido ficou inerte. Então foi difícil, porque eu acreditava no partido, sabe? Tinha a perspectiva de estar no mandato para poder lutar por aquelas pautas que o partido dizia que lutava, mas não luta. É muita fachada, muita enganação, muita propaganda. Um partido que nunca esteve no parlamento, quando tem uma oportunidade recua, fica inerte. Eu praticamente fui expulsa do partido, porque eu não iria ficar no partido ali contra aquilo que eu defendo.

P.11. Você nunca recebeu nenhum tipo de recurso financeiro, mas e a nível de instruções e treinamento. Eles te proporcionaram ou não?

R: O partido nunca me proporcionou nenhum tipo de formação política. Recurso financeiro, em 2018, se eu não me engano, eles doaram 3 ou 4 mil reais. Em 2020, para a campanha, acho que eles doaram pouco, mas também nessa linha de valor. Ou seja, não era uma ajuda, né? Porque eu acredito que ajuda, quando você está militando em um partido, a ajuda começa dali, não é só no dia da eleição. Os partidos recebem recursos para manter essa estrutura, nos dá, para nós mulheres, a oportunidade de se movimentar. Eu nunca recebi nenhum tipo de recurso fora da campanha eleitoral, mas os partidos recebem. Tem o fundo eleitoral e o fundo partidário, né? Eu nunca recebi do fundo partidário, nenhum tipo de recurso, nenhuma formação política, zero. Primeiro que o partido se fecha, sabe? Só os que decidem são quem faz parte daquela panelinha, daquele grupinho deles, né? E quando eu mudei de partido, nossa, foi muito diferente. Só para você ter uma ideia, eu militei quatro anos no PSOL e, pra você ver, eu nunca falei com o presidente nacional durante esses quatro anos. Com o estadual, eu acredito que eu estive com ele duas vezes e falei uma por telefone, em quatro anos.

No PSDB, que foi o partido que eu mudei, em menos de um mês de filiada, eu já tinha falado e estado pessoalmente com o presidente nacional duas vezes, com o estadual eu já tinha perdido a conta. Em menos de 60 dias, eu já tinha passado por pelo menos três formações políticas. Aí você faz a conta, né? De fato, qual é o partido que tem interesse mesmo que a

mulher faça parte desses espaços? Foi um choque muito grande para mim. Eu acreditava muito no PSOL, nas pautas, nos partidos de esquerda. Eu acho que a primeira coisa que uma mulher que quer fazer parte da política tem que analisar é: quem é o presidente do partido? Quem é o dono do partido? Não tem esse negócio de "aqui é coletivo", é mentira. Tudo isso é mentira. Veja quem é o dono do partido porque aí você vai ter ideia se aquela pessoa tem, de fato, o perfil do coletivo, se aquela pessoa que é o presidente constrói de forma coletiva as pautas do partido? Esse é o direcionamento. Não vá pelo que está ali na rede social bonitinho, sabe, porque é tudo igual. Só mudam os nomes.

P.12. Quando você mudou pro PSDB, foi você que foi atrás também?

R: Não. Eu recebi, logo que tornei pública a minha carta de desfiliação nas redes sociais, do motivo que me levou àquela desfiliação. Tem pessoas que falam coisas, e eu sofro de violência política. "*Ah, ela mudou do partido porque o PSOL não tinha recurso financeiro pra ela*", mentira. O PSOL tem recurso financeiro sim, recebe fundo partidário e fundo eleitoral, e são milhões. A verdade é que não há distribuição democrática dentro do partido. O motivo da minha desfiliação foi por conta da inércia do partido naquele momento, enquanto as pautas em que o partido defende. Então eu fui praticamente expulsa do partido ali, uma expulsão velada. Logo que tornei pública aquela carta, vários partidos entraram em contato comigo e eu disse "*vamos sentar, vamos conversar*". Conversei com pelo menos uns oito ou dez partidos e eu fiquei muito triste. Primeiro porque há uma falta de respeito em relação à minha pessoa, a minha luta é pública. Não é só Petrolina que tem conhecimento da minha luta. Pernambuco e o Brasil sabe das causas que me levaram até a política e um determinado político virar pra mim e dizer ''*vem pro meu partido que eu te dou X de recurso*'', nossa, isso me entristeceu demais! Porque eu nunca fui pra um partido por dinheiro, eu nunca apoiei ninguém porque ele me deu um real ou dois reais. Não, eu vou por bandeira, por construção. Mas aí uma mulher, prefeita de Caruaru, no iniciozinho de março, liga pra mim e a gente começou a conversar pelo WhatsApp, disse que queria me conhecer, combinamos o dia e ela veio. Nos sentamos e ela virou pra mim e disse assim: "*Por que você quer estar na política?*". "*Eu quero estar na política porque eu quero participar da construção da política pública. Eu quero botar a minha contribuição lá enquanto sociedade civil. Eu quero dizer o que é bom pra mim, o que eu quero*". Eu lembro como se fosse hoje dela dizendo ''*venha fazer parte do meu time. Se filie ao meu partido*'', foi diferente a conversa, sabe? Primeiro ela chegou dizendo que não tinha dinheiro, o que foi bom porque eu também não tenho, então o negócio já ficou equilibrado. Ela disse: "*Eu não faço a velha política. Eu não sou como esses caras que chegam oferecendo te dar esse tanto de recurso, eu não tenho essa estrutura específica*" e aí eu fui gostando, sabe, da conversa dela.

Ela era presidente do partido estadual na época, então isso foi o que de fato me aproximou dela, sabe, o perfil. Porque eu já tinha estudado também o perfil dela, e ela é uma mulher muito firme. Enquanto alguns fazem violência contra ela, dizem que ela é uma política que já leva pra questão pessoal, "*ah, ela é controladora*". Nós mulheres somos loucas e controladoras quando a gente tem um pulso firme, porque se fosse um homem, seria pulso firme. É dessa forma que eles nos tratam. A violência é muito velada, por isso a gente tem que ter muito cuidado nas palavras que eles usam porque a gente precisa combater isso. Mas ela é muito firme, inteligente, participativa e ela é sim do coletivo e me deu essa oportunidade.

Eu não fui eleita a deputada, mas ela me botou naquele espaço. Naquela primeira conversa que a gente teve ali, do porquê de eu querer estar na política, eu disse que queria estar ali na mesa redonda, construindo política pública. E quando ela foi eleita governadora, me disse: "O*lha, eu não esqueci daquela conversa que a gente teve, eu quero que você venha pra essa mesa. Você não está como deputada, como eu queria te botar, mas eu quero você aqui nessa mesa*". Aí me nomeou como secretária de Estado, me botou nessa mesa de negociação, então pra mim foi muito importante. Em menos de um ano, o partido ali já tinha investido financeiramente em mim, não só na campanha, mas na pré-campanha. Com formação política, com recurso pra eu andar, pra eu ter a possibilidade de, quando chegar naquele período, poder concorrer. Eu recebi quase R$600 mil, se eu não me engano, só do partido para a campanha de 2022. Estar na construção de fato da política pública, desconstruindo tudo aquilo que esses caras tentam deixar rígido, de só poder estar ali quem é o filho do político fulano de tal, quem é a esposa do político fulano de tal. Não que eu seja contra, essas pessoas têm direito, mas por que não a gente da sociedade civil? Porque apenas eles? Então, ela pegou a sociedade civil e colocou dentro do governo e isso já me ganhou. Ela tem meu apoio incondicional porque era isso que eu buscava. Que pena que eu não encontrei ela em 2018 para, juntas, nos fortalecermos para que a gente pudesse impulsionar outras candidaturas femininas.

P.13. Para você então, no partido, o que é que importa? O apoio? Eu acho que o fato da presidente ter sido uma mulher também deve ter ajudado bastante. Importa a ideologia? O que importa?

R: Tudo importa. Ideologia, as pautas que o partido defende, a estrutura do partido, o recurso financeiro, mas eu acho que principalmente o respeito. É a base de tudo. Quando você está no partido, em que você é respeitado igual aos outros, aí sim, sabe? Eu me sinto respeitada no meu partido enquanto mulher, mãe, estudante, profissional na área de segurança. Eu me considero respeitada, a minha opinião importa. Eu digo isso não é por discurso não, é pela prática mesmo. Tudo que vem acontecendo lá dentro, o que o partido vem colaborando para que esse processo aconteça. Então, assim, se eu tivesse hoje a oportunidade de dizer às mulheres que querem fazer parte desse processo, elas precisam lutar por esse respeito porque é muito dinâmico também o partido. Pode acontecer de amanhã não ser mais essa mulher presidente do partido e sim vir um presidente, um homem e aí essa estrutura pode mudar porque, de fato, ela está sempre mudando. Aí você tem que lutar para que esse respeito permaneça, para que a gente, enquanto mulher, não seja violentada nesse espaço que deveria nos proteger. Para que a gente possa proteger outras mulheres. A permanência do respeito é fundamental, isso aí a gente não pode perder de jeito nenhum. Ou seja, é uma luta permanente, até a gente vencer todos esses preconceitos, mas o que a gente não pode abrir mão de forma alguma é de fazer parte dessa estrutura. Olha, eu quero sim recurso. Se a lei está dizendo que eu tenho um percentual maior porque sou mulher negra, indígena, quilombola, eu quero, eu exijo do partido isso. Mas e se o partido não respeitar e usar os instrumentos ilegais para garantir que isso aconteça? Então, tudo importa no partido. É fundamental o respeito, a estrutura, o amparo, você precisa estar no partido que defenda isso. Tinha uma oportunidade de criarmos uma CPI para investigar e aí o partido vira para mim e diz: "*Não, você não vai assinar na CPI*." Ué, mas por que eu não vou assinar? Tem que ter esses cuidados e se posicionar. Se você tem algum compromisso com o prefeito, com o

governador, com o presidente, isso é problema seu. O meu compromisso é com o partido, é com as pautas que ele defende.

P.14. Aqui dentro da Câmara, você percebe diferença de tratamento entre homens e mulheres? Você disse que está aqui há pouco tempo, mas você já consegue notar alguma diferença?

R: É visível. Quem quiser tem a certeza, é só assistir às sessões da Câmara na página no YouTube. Quando nós mulheres estamos com o microfone, defendendo a voz das pessoas, é impressionante a capacidade que eles, homens, têm de criar grupinhos e ficar com conversinhas paralelas em voz alta. Aquilo dali é com um único objetivo: tirar a atenção das pessoas que estão nos assistindo naquele momento para o que a gente está falando, que é muito importante, e também tirar a nossa concentração. Então eles são estratégicos demais. Além da falta de respeito, do machismo, da misoginia, é estratégia para tirar a gente do foco, para que as pessoas não nos ouçam. Entende? Então é o tempo todo a falta de respeito nesse sentido. Não de todos, tem alguns que são extremamente respeitosos. Tem parlamentares aqui que não só nos respeitam no momento de fala como também nos bastidores, mas enfim, é uma luta constante.

P.15. E você acha que tem relação também com a questão de você ser da oposição?

R: Com certeza. Também. Apesar de que, das outras mulheres, tem pelo menos uma que é da situação. E nossa, a violência contra ela também é muito grande nesse sentido. Ela está falando e eles cortam a fala dela, ficam com piadinhas, fazendo gestos. Isso não é só o que eu estou falando, está lá gravado. Isso é contra nós mulheres, é uma violência contra nós na política. O fato de eu ser da oposição ainda é muito pior. Se aquela mulher da situação já sofre isso, a da oposição vai sofrer dez vezes mais. Por conta da minha atuação, recentemente eu fui ameaçada de morte, e é uma ameaça real porque a pessoa cita meu nome, o nome de meus familiares, o endereço. Tudo isso é para nos intimidar, mas a única coisa que eu faço é lamentar porque essa pessoa está perdendo o tempo. Nada disso me intimida.

Onde eu estou, eu vim porque confiaram em mim para haver a soberania popular. O que eu tinha de perder eu já perdi na minha vida, eu não tenho mais nada para perder. Eu estou cumprindo uma missão de vida aqui neste mandato e nos outros, se Deus permitir, que virão porque meu objetivo, de fato, é estar em uma legislatura federal. Eu acredito que são degraus de conhecimento, preciso estar numa vereança, em uma gestão de uma secretaria de governo de Estado ou de um governo municipal. Eu preciso estar em um mandato estadual para eu estar em um mandato federal. É conhecimento e você não pode atropelar isso. Não que quem não siga assim esteja errado, eu acho que vai de cada um, do grupo que você está. Às vezes, a pessoa está aqui e está se sentindo super preparada e, de fato, está preparada para ir para uma legislatura federal. Massa, bacana, mas eu acredito na experiência.

Eu estava numa gestão estadual, fui para uma legislatura municipal. Nossa, o que eu estou levando de bagagem é muito grande, sabe? Então, eu poderia dar um upgrade para federal. Porque eu tenho muito conhecimento aqui, mas eu quero estar no nível estadual para poder contribuir também nesse nível e no futuro estar no federal, mas, ao mesmo tempo, formando lideranças femininas, principalmente, para também fazer parte desse processo**.** Eu não quero que a minha filha assuma a minha cadeira no futuro. Se a minha filha quiser, é o direito dela.

Se ela se sentir preparada, perfeito, mas eu faço parte de um grupo. Será que nesse grupo de cento e poucas pessoas não tem uma que não queira? Por que tem que ser minha filha, meu marido, meu filho? Quero poder estimular, fortalecer. Impulsionar, promover mais pessoas, principalmente, mulheres.

P.16. E na competição eleitoral? Você percebe a diferença entre homens e mulheres?
R: Sim. Primeiro porque os partidos, eles fazem negociação. Aquilo que eu falei anteriormente, os partidos vieram me oferecer dinheiro. Apenas uma pessoa veio me oferecer oportunidade. Nessa oferta de dinheiro, tem uns que ganham mais que outros. Se você tem um grande potencial, vai receber x. Se é médio, vai receber y. Então, hoje infelizmente é a compra de voto e eles compram mesmo. Só pagar cinquenta, cem, duzentos reais ou eu consigo uma consulta médica, eu consigo um exame médico, eu consigo a transferência de um servidor. Isso é troca de voto, é crime. Então quem está nessa estrutura, que, infelizmente, é a grande maioria, que consegue movimentar tudo isso. Aí eu, que só tenho um recurso ali para o material, basicamente para as pessoas que vão fazer a campanha de porta em porta, como é que eu vou concorrer com um cara como esse? Que chega numa casa, consegue uma cirurgia e leva cinco votos. E aquela família vai ficar devendo até a eternidade para aquele político. Há um desequilíbrio muito grande aí. Os caras que estão no poder usam da máquina pública para comprar voto, para tirar de fato aquelas pessoas que têm a condição de estar ali defendendo, no parlamento, a sociedade civil.
Então, você tem que ter muita disposição, tem que ter força, tem que ter tempo, tem que usar de recursos. Tem que ser inteligente e usar outras alternativas, como redes sociais, que é mais barato, para você poder chegar até as pessoas que pensam igual a você.

P.17. E o que você acha que mais importa na disputa política? Para conseguir vencer uma competição eleitoral, por exemplo, para ter mais chance de ganhar, o que importa?
R: Tem duas situações. Se for uma competição justa, acho que o que mais importaria ali seria conhecimento. Se eu estiver como vereadora, eu preciso entender que meu papel ali é fiscalizar as contas públicas, legislar, criar leis para contribuir. O conhecimento aqui é o principal porque eu preciso saber como é que eu vou fiscalizar uma licitação pública, eu preciso conhecer as leis, esse mundo. Então, consequentemente, se eu tiver mais conhecimento nesse sentido, eu vou sair na frente daqueles que não tem. Também conhecer de fato as necessidades das pessoas para poder lutar, defender esses direitos, o mínimo constitucional dos nossos direitos. Eu acredito que você tem que se preparar com um grupo que pensa ali em pelo menos em buscar um equilíbrio. Também não acredito nessa coisinha de que todo mundo pensa igual. Eu defendo que a gente precisa ser sim diferente, que aí sim é onde a gente chega no equilíbrio.
Numa competição atual, que é a que a gente vive hoje, é o dinheiro que movimenta. Infelizmente. Então se você me perguntar, ‘‘*[nome], e para que você garanta sua cadeira?*” É só você garantir meu teto ali do recurso porque com certeza eu teria condições de botar gente na rua, de estar reproduzindo as minhas pautas, que é estar lá dentro.
Eu queria estar hoje em todas as comunidades de Petrolina com meu grupo político. Tive que dividir os meus assessores em partes interna e externa porque eu não tenho perna para estar em todos os bairros de Petrolina. Então, eu tenho um mapa e a gente faz toda a distribuição.

Meu mandato é todo planejado, a gente senta semanalmente para planejar e alinhar. Agora eu ganho um presente do Renova Brasil, que é uma assessoria legislativa, que vai me proporcionar mais ainda para eu organizar toda essa estrutura. Eu sou 100% adepta ao planejamento. Eu não dou um passo sem me planejar. Onde eu vou dormir, o que eu vou comer, o que eu vou beber, o que eu vou fazer, com quem eu vou falar... tudo meu é muito bem planejado e quis trazer isso também para o mandato. Tenho uma assessoria jurídica, uma legislativa. Tem a assessoria externa que está ali me vendo e ouvindo eu fazendo as escutas nos bairros e aí eu me organizo. Visito esses bairros e faço essas escutas para poder fazer as minhas indicações, os meus requerimentos. É sentar com as instituições, com os órgãos que deveriam estar ali realizando os serviços e não estão... Enfim, é mais ou menos isso.

P.18. Tudo bem, terminamos. Muito obrigada!
R: Obrigada.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada (Nome fictício): Sirlene Souza
Categoria: Pré-candidata
Partido: PRTB, posterior DC
Data: 02/02/2024
Local: Casa da entrevistada, Petrolina/PE

P.1. Para começar, eu vou pedir para você se apresentar, falar seu nome, falar um pouquinho sobre você, seu estado civil, sua profissão hoje em dia e sua formação.
R: Meu nome é [nome], mais conhecida como [nome], tenho 40 anos. Minha profissão é gerente administrativa no momento, e sou casada há 25 anos no civil. Tenho dois filhos e uma neta. Tenho um filho de 23 anos e outro filho de 10 anos. Quanto à formação, só fiz até o ensino médio.

P.2. Você me autoriza a gravação?
R: Autorizo, tá autorizada.

P.3. Então, vamos começar. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?
R: Nossa! Já tem pelo menos uns 10 anos que surgiu esse interesse de ficar mais próximo dos políticos para entender o que acontecia lá dentro. Primeiro começou assim, eu queria entender o que acontecia dentro da política. E o que me chamou a atenção e me fez querer permanecer, trabalhar com políticas públicas foi a mazela que a gente presencia todos os dias. Seja nas comunidades, onde as pessoas vivem, principalmente pessoas vulneráveis, pessoas que não conhecem os seus direitos. A gente conversa com mães, com jovens que não têm noção do direito que eles têm e que tudo isso precisa ter política dentro. Então, foi o que me chamou a atenção e que me fez querer permanecer. Nossa, agora de forma muito gritante mesmo quero participar, ser uma pré-candidata e concorrer a uma vaga dentro da Casa Plínio Amorim!

P.4. Essa é a sua primeira vez [como candidata]?

R: Essa é a minha primeira vez. Já fui convidada outras vezes por partidos, mas quando eu não entendia nada sobre partidos, não aceitei. Mesmo sendo leiga, um pouquinho assim que eu observei eu não aceitei porque eu não estava preparada. Hoje eu estou.

P.5. Você acha que naquela época não se via nesse lugar ainda?
R: Até me via sim, mas a forma que eu fui convidada, eu iria participar em ambientes que eu seria somente uma laranja, ou como se diz, uma ‘’linguiça’’, porque nesses partidos eu ia entrar só para compôr porque precisava de mulheres também. Então, eu não achei interessante me desgastar nessa questão para entrar naquela época, mas depois eu fui estudando mais. Amo a linguagem corporal, sou apaixonada por inteligência emocional e eu trabalho muito isso. Ver o comportamento dos políticos e quebrar o tabu. Tipo, que a política só tem pessoas ruins, que só tem pessoas que são corruptas. Eu vejo a política, inclusive, como uma escuridão, mas eu me vejo como luz e vejo também outras pessoas como luz lá dentro.

P.6. Você falou que tem dez anos que está nesse percurso. Você já participou de algum projeto social, já comandou algum projeto?
R: Já, muitos, desde os meus sete anos. Eu sou cearense, aí vim a Petrolina muito novinha e quando eu cheguei, passei por momentos muito difíceis. Cheguei a catar reciclagem, a limpar a frente das casas das pessoas, ganhava confiança delas e depois entrava. Aquilo ali me marcou demais porque toda aquela situação me fez crescer muito rápido. Então, eu trabalhei nessas questões e acabei vendo muitas coisas que uma criança, ao invés de estar brincando, não deveria presenciar. Já passei fome. Eu comecei a fazer filantropia naquela época, com sete anos, hoje eu tenho quarenta. Ela já estava dentro de mim. Hoje, eu atendo diversos bairros dentro e fora de Petrolina com muito orgulho. Algumas pessoas falam assim “*ah, você faz isso por política*” e eu falo que tudo na nossa vida envolve política.
Mas eu comecei a trabalhar com filantropia muito cedo. Hoje eu faço projetos sociais, trabalho com assuntos sociais. Eu entro em contato com profissionais do jurídico, da saúde e trago eles para dentro da comunidade e atendo pessoas, famílias, já fiz ações grandiosas, mas nunca fui de registrar. Eles registram até um dado momento, mas eu não sou de ficar tirando foto, preciso trabalhar esse lado. Porque eu também tinha na cabeça que se eu mostrasse, não seria de coração, mas não! Eu aprendi que você pode sim mostrar, mas de uma forma que não seja para expôr as pessoas e sim o seu trabalho.

P.7. Então antes, você nunca tinha pensado em entrar na política formal?
R: Não, não tinha pensado.

P.8. Por que não?
R: Eles falam tanto, as pessoas falam tanto que a política é algo muito difícil também lá dentro, de você se manter. Então, isso me preocupava. Eu tinha essa limitação, então acabei não querendo entrar. Eu já fui chamada para partidos, mas eu não me interessava. Mas teve duas datas bem marcantes, que aconteceram dentro da comunidade, que naquele dia eu tomei a decisão. Bem no comecinho de janeiro do ano passado, eu fiz uma reunião e eu estava esperando 20 mães de crianças autistas e apareceram 83. Todas elas precisando de laudos, precisando fechar um diagnóstico de uma criança e não tinha como. Aí, na hora veio “*poxa, se*

eu fosse uma vereadora, teria como fazer isso". Eu trazia um neuro para dentro da comunidade e depois a gente ia para outras comunidades, para conseguir ajudar essas mães. Essas crianças são muito presas dentro das suas residências, muitas delas não têm acesso nem à escola ainda. Eu não tenho esse conhecimento, você ainda não tem também, mas ainda existem muitas crianças autistas que são camufladas porque elas não têm o direito delas validado. Porque não tem uma escola de qualidade, não tem psicólogo, a mãe não tem orientação… a própria mãe não é acolhida. Quando a gente fala de uma criança autista, a gente tem que também colocar a mãe e toda a família porque todos sofrem ao mesmo tempo, né? Então, assim, a deficiência é mais comum, as pessoas aceitam, mas o autismo ainda é uma coisa que precisa muito ser trabalhada. Este foi um dos fatos que me chamaram a atenção.
A outra, há pelo menos cinco anos, de eu querer, de pensar que eu poderia fazer mais dentro da política, mas não como vereadora, foi também a questão dos idosos não serem bem acolhidos na família. Eu andei em algumas casas de idosos, tive conversas com alguns dizendo que os filhos tinham deixado eles lá, que não queriam cuidar e tudo aquilo ali me chamou atenção. O espaço também onde eles estavam era muito precário, aí eu pensei "*meu Deus do céu, se eu tivesse mais condições, eu poderia ajudar eles*", mas naquela época eu ainda não pensava em ser uma pré-candidata. Mas o que me fez, realmente, tomar essa decisão foi esse público dos autistas.

P.9. Então o seu contato com a política social, as ações sociais te impulsionaram nesse sentido?
R: Sim, bastante. Hoje eu me sinto muito segura mesmo, mesmo sabendo que eu vou enfrentar muitas coisas, mas eu tô muito firme, muito firme. Inclusive, já me ofereceram valores para eu não concorrer, mesmo sabendo que a gente só vai se filiar daqui a dois, três meses, mas eu já recebi a proposta bem antes, mas não abro mão. Eu quero realmente concorrer! "*Ah, mas e se você por algum acaso não entrar?*", pelo menos eu mexi com eles, e eles vão saber que alguém se levantou, que eu posso não entrar nessa, mas na próxima hoje eu entro. Enfim, não é bem se sentir confiante, eu tô também com os pés no chão e tenho aquela convicção. Vai dar muita coisa errada no meio do caminho, mas a gente pode vencer sim, com certeza.

P.10. Essas propostas vêm de que tipo de pessoas, de partidos?
R: Sim, porque eu sou uma pessoa muito humana. Eu tenho afinidade com pessoas, e acabava atraindo essas pessoas no meu período eleitoral e elas me usavam. Só que na verdade, eu nunca me senti usada, mas elas me usavam, na cabeça delas, mas pelo contrário. Eu estava tendo a oportunidade de conhecer mais pessoas, de ver o universo delas e hoje ter coisas muito preciosas que elas não têm. Veio de partido mesmo, de partidos, de legisladores que eu trabalhei, que inclusive foram muito bem votados. Pessoas chegavam e diziam ''*eu vou votar em tal pessoa porque você tá me pedindo, porque eu vejo seu trabalho, mas eu não conheço*''. Aquilo ali ficou marcado na minha cabeça. No dia mesmo me ligaram, ''*o número do teu vereador é esse aqui?*'' e quando eu dizia, era "*pronto, eu vou votar nele*" e tiravam foto e me mandavam. Então, foram cenas que eu fui guardando e hoje eu uso ao meu favor, entendeu? Eu me espelho muito nessa questão, o que é que deu errado para eles? E o que as pessoas também não acharam que eles fizeram? E o que eles não quiseram? Tudo isso eu uso como

estratégia, sou muito estrategista também, é importante.

P.11. Continuando nesse caminho também, como e porquê que você resolveu se tornar candidata?
R: É pela confiança das pessoas que gostaram muito de mim pelo meu trabalho, elas se sentiram muito seguras. Quando eu falo isso, eu não estou generalizando, até porque eu não teria como fazer isso. Não posso dizer que Petrolina [inteira] está me apoiando. Nessa parte eu vejo muito, não em quantidade, mas em qualidade. Então, aquelas pessoas que depositaram confiança em mim, que acreditaram no meu trabalho, elas me motivaram a querer representá-las. Eu falo sempre isso, tudo que nós fazemos envolve a política. A partir do momento que uma mãe sai de sua casa e vai numa escola reivindicar por uma merenda de qualidade, por um material de qualidade, por um atendimento, um acolhimento dentro de uma unidade, ela está sendo política. Isso me motivou bastante e também a nossa comunidade. É muito vulnerável, muito mesmo, ao ponto de uma criança não ter uma bola pra brincar numa quadra, isso me chamou bastante atenção e me fez querer muito entrar na política, para ganhar.

P.12. Você recebe muito apoio da sua comunidade?
R: Nossa, eu passei por uma situação muito, muito delicada, mas ao mesmo tempo que foi muito precisa e eu só vim entender seis meses depois. Eu coloquei meu nome para concorrer à eleição de bairro e eu fui muito perseguida, a minha eleição foi fraudada do começo ao fim e eu acabei não entrando. Mas a comunidade se levantou. Se isso não tivesse acontecido, eu nunca iria saber qual a força que eu tinha dentro da comunidade. A pessoa que fraudou a minha eleição, entrou com 260 votos. Um dia e meio depois, consegui 622 assinaturas, só do Henrique Leite. Sem colocar Vila Vitória nem Giovana, nem Jordão, nem Jatobá e Idalino, que também poderiam participar.
Eu não consegui compreender, então foi muito choro, foram muitas noites sem sono, sem conseguir realmente aceitar esse acontecimento, mas depois de seis meses eu entendi que não seria a presidência do bairro que precisava enfrentar, mas sim uma candidatura a vereadora. Hoje, eu tenho apoio, os idosos me procuram, os comerciantes do bairro, as pessoas chegam pra mim e falam ‘’*esse ano é um ano muito esperado porque a gente quer ver você lá nos representando, porque você nos entende, você entende o que meu filho passa, você entende o que minha mãe passa”* porque a minha filantropia atende todo um público**.** Eu vou pra casa de uma pessoa acompanhar elas ter um bebê, se for possível, como eu já fui. Já entrei na sala de parto, representando uma mãezinha que não tinha ninguém da família, só era ela e o filhinho dela.

P.13. E além disso, o que você levou em consideração para tomar essa decisão? Em relação a, por exemplo, coisas pessoais suas, ter tempo, a sua vontade mesmo, o recurso, o que você levou em consideração?
R: Eu sempre quero muito fortalecer isso dentro de mim, eu acredito muito que o dinheiro só vai potencializar o que eu sou, então eu não estou preocupada se, eu ganhando como vereadora, eu vou ter uma casa melhor, eu não me importo com isso. Eu não quero poder, eu quero ter recursos para ajudar mais pessoas. É uma missão que eu tenho que propagar e ajudar

outras pessoas também e também conseguir identificar mais pessoas como eu para também colocar dentro da política. Eu vejo dessa forma, mas não em relação a recursos em termos de dinheiro, em termos de poder, eu não quero. Quero me manter no que eu sou. Lógico que eu vou precisar ter alguns cuidados a mais, não sendo escrava do dinheiro, mas trabalhando de uma forma muito justa e muito clara. Mostrando mesmo para a sociedade, não só de Petrolina, mas quem sabe fora também, que a política sim tem jeito e que tem pessoas muito boas pra entrar lá dentro e eu sou uma delas.

P.14. E em relação a tempo?
R: Eu gosto muito de organizar toda essa questão. Hoje, atualmente, eu trabalho prestando serviço, onde o meu tempo é esmagado, sabe? É tudo muito imprensadinho, mas eu me doo muito, é até algo que eu preciso trabalhar bastante porque eu não tenho hora. Aqui eu estou com você, se chegar um morador e quiser conversar comigo, eu também sempre procuro ter disponibilidade, mas daqui a dois meses será a filiação e eu vou estar totalmente desligada do meu trabalho, inclusive, só pra me dedicar pra campanha. Tempo é algo que eu estou todos os dias criando, mas não é algo que eu já tenho, assim, fácil, mas quero me adequar para conseguir.

P.15. E você falou que virou essa chavinha, né, ‘’*eu posso ser candidata, eu quero ser candidata*’’, e aí como que foi? Você procurou os partidos? Alguns partidos procuraram você? Como foi esse processo?
R: Eu recebi muitas propostas de vários partidos, mas sabe aquela questão de quando você entra em alguma coisa que você confiou ou ouviu alguém falando sobre algo? Foi isso. Eu estava trabalhando para o Conselho Tutelar apoiando uma pessoa, e nessa equipe do Conselho, eu conheci uma pessoa mais a fundo porque eu já o conhecia de vista e porque eu o apresentei à comunidade. Gosto de participar das reuniões, de falar sobre o problema da comunidade, então mostrava muito isso e ele observando, falou ‘’*poxa, você poderia entrar no nosso partido*’’. Só que eu entendi que o pedido dele foi por achar que eu teria bastante voto. Ele me chamou pra entrar no partido dele, mas já naquela visão: ‘’*ela entrando, ela vai ter bastante voto. Se caso ela não conseguir, eu entro*.”

P.16. Entendi, porque aí fica como se fosse voto de legenda, não é?
R: Isso. Aí ele me falou ‘’*eu tenho um partido muito bom, que é um partido muito consensual"*, então eu quis conhecer. Marcamos na minha casa e convidei a presidente do partido com o esposo, que vieram. A gente conversou e eu aceitei as propostas que seriam do partido. Uma coisa que eu me senti segura, foi quando eles disseram que iam me aceitar porque eu não tinha dinheiro, então isso foi muito maravilhoso. Então, fui estudando, foi quando eu entendi mais sobre partidos, que eu sei que ele precisa ter voto pra ele, para o bem do partido, mas a minha responsabilidade é maior duas vezes. Porque eu tenho que me preocupar com os meus votos e com os dele. Eu não posso tirar menos que ele, mas também tenho que pensar que ele também não vai querer tirar menos do que eu para justamente se eleger. O partido pode fazer no mínimo dois vereadores, mas quem sabe a gente consegue fazer três?
Eu conheci essa pessoa através de um amigo, através de uma indicação. Inclusive, o partido

quando soube que eu ia fazer parte não acreditou porque achavam que eu poderia entrar num partido de legenda bem alta, onde eu não poderia alcançar [a eleição], mas por quê? Por incapacidade? Por não estar preparada? Tipo, eu não tenho dinheiro, mas os que estão lá nos partidos grandes têm. A gente sabe que nós temos dois públicos no período eleitoral. A gente tem o público que quer mudança, que querem ver não só a frente da sua casa arrumada com lâmpada no poste, com asfalto, com saneamento, mas quer ver todo o bairro com escolas e tudo.

Já tem um outro público que eles são realmente muito leigos ao ponto de se venderem. Existe o vereador que vai se preparar pra isso também, pra realmente comprar essas pessoas. Eu trabalho muito em cima disso, muito. Eu até cometi algumas falhas há alguns anos atrás onde eu falava, ‘‘*pega o dinheiro, mas vota em quem realmente está trabalhando*’’, mas depois eu pensei: ‘’*não, não pega o dinheiro, você não vai passar quatro anos com 50 reais, então não pega. Mostre que o seu voto é valorizado começando por você, e não você recebendo o dinheiro para acabar votando em outra pessoa*,”. Estou usando muito estratégia em relação a isso. Já comecei também a fazer reuniões, todos os dias, seja na minha casa ou seja na casa de outras pessoas. Não que eu esteja manipulando, mas sim persuadindo pessoas para virem para o meu lado.

P.17. Você comentou dos votos, que você se preocupa não só com os seus, mas com os do líder do partido também, né? Você não tem ou não teve receio na época de que eles estivessem tentando pegar os seus votos e levar você pro partido para poder usar você como cabo eleitoral?

R: É, a intenção deles é essa, mas dentro desse interesse deles, tem o meu desejo de vencer que é maior. Então, eu entendi o seguinte: se o partido precisa de 16 mil votos, eu tenho que ter, no mínimo, 1500 votos, 2000 votos pra poder estar de igual pra igual. Assim, eu sei que não vai ser fácil, mas essa questão de que eles estão me usando pela minha influência, eu sei disso.

P.18. Você não tem medo de que isso acabe prejudicando a sua eleição de alguma forma?

R: Não, não tenho medo. É como se eu estivesse dentro de um barco com um leão e eu tivesse que escolher: ou eu mato o leão pra ficar sozinha no barco e tentar sobreviver ou então uso a estratégia de manter ele vivo pra também me manter acordada e eu poder ter a chance maior de chegar do outro lado, tipo isso. Em relação a isso não tenho medo, de jeito nenhum. Eu gosto muito de ser desafiada, sabe? Quando uma pessoa fala que eu não vou conseguir, aquilo ali mexe muito comigo e é aí que eu vou pra cima.

Aliás, até tenho medo, mas com dosagem. O medo com dosagem é a mesma coisa que a coragem com dosagem. Eu tenho que ter dosagem na coragem. Imagina se eu for corajosa até passar do ponto? Eu vou morrer, mesmo sabendo nadar, é a mesma coisa. Tem que ter medo também, o medo é muito preciso na nossa vida, igual a solidão. Você precisa ter a solidão, precisa ter a tristeza. Eu tenho pensado nisso. Existem momentos que eu fico sozinha que eu fico imaginando, já fico me articulando, ‘ *‘como é que vai ser? Quais serão os pedidos que eu vou receber?”*. Quando eu lancei meu nome para candidata à presidência de bairro, foi muito impactante, porque eu também pude conhecer uma boa parte do que as pessoas pensavam. Tem pessoas que me conheciam e pediam logo para eu pagar a energia delas e ao invés de eu

ficar chateada e dizer "*poxa, tá me pedindo isso, que cara de pau*", pelo contrário. Eu respirava fundo e dizia, ''*vamos trabalhar em cima disso. Eu não tenho recurso para te atender esse pedido, mas mesmo que eu tivesse, não quero que você vote em mim por eu lhe dar alguma coisa. Eu quero que você vote acreditando no meu trabalho, no que eu posso fazer pra melhorar no coletivo e em toda a comunidade*''.

Pra mim seria maravilhoso estar na posição de presidente de bairro, mas eu não ganhei e eu sou uma liderança muito respeitada. Ao invés de mexer só com a comunidade, mexeu com Petrolina em peso. Em todos os bairros, as lideranças ficaram muito intrigadas, "*por que que aconteceu isso com [nome] no Henrique Leite? O que ela tem que ela se submeteu a passar por tudo isso e tentaram tirar isso dela?*", e eu também fiquei me perguntando. Foi quando eu descobri mais ainda o potencial que eu tenho porque não é legal eu te falar o que eu faço. Estou falando porque você está me perguntando, mas eu não posso chegar pra você dizer "*Barbara, eu sou muito gentil, eu faço filantropia*", não. É muito melhor quando alguém fala de você, quando elogiam.

Hoje mesmo tive contato com três legisladores que disseram assim: ''*você é uma candidata muito forte*'', aí eu ''*como assim?*''. ''*Você não é pré-candidata?*" e eu disse que estava trabalhando e que nem tinha pensado nisso, não falei pra eles que eu sou pré-candidata. Então, perguntei: ''*se caso eu entrasse, quantos votos vocês acham que eu teria?*'' e me responderam cerca de dois mil votos, três mil votos. Para eu trabalhar em cima de dois mil votos, eu teria que ter muito dinheiro.

Mas, como assim? Você é tão honesta, falando que não é pra comprar votos. Por que você tá falando que tem que ter dinheiro? Porque eu teria que trabalhar mais, teria que ter mais recursos pra ir em mais bairros, pra falar com mais pessoas e recepcionar elas como elas realmente merecem. Qualquer pessoa que eu for receber nas reuniões no bairro, sempre gosto de preparar alguma coisa com as pessoas, é o meu diferencial. Então, ia ter que ter dinheiro, aí eles entenderam. Mas eu percebi que ficaram bastante curiosos quando eu falei isso e também quando eles quiseram que eu afirmasse que eu era pré-candidata, mas eu não afirmei. Só vão saber mesmo quando me disserem que pode falar ou quando ligarem a televisão e me verem lá. Acho que até pelo interesse de já saber a competição.

Porque assim, há um diferencial muito grande entre eu e um vereador já de mandato. Qual seria? O vereador geralmente só aparece na sua comunidade faltando seis meses para as eleições e eles mandam geralmente outras pessoas, e eu não. Eu tô tendo contato com as pessoas, tô pedindo o apoio das pessoas e não voto. Tenho que ter muito cuidado em relação a isso agora, mas olho para a pessoa dentro do olho e eu falo "*eu posso contar com seu apoio moral? Eu posso contar com seu apoio caso isso venha a acontecer?*". É diferente do que por telefone, por mensagem, por panfleto. Eu vou no porta-a-porta porque eu já fui para outros vereadores também, mas agora eu tô indo para mim. É essa situação, há uma diferença muito grande. Eles não têm esse contato com a população, têm microfones em palco. Isso aí eu também faço, muito bem, mas eu prefiro mais no olho a olho mesmo e não é fácil. É muito, muito difícil!

Para você ter uma ideia, eu vou só te mostrar uma coisa. Eu tô com 4.633 contatos [no celular] e a maioria dessas pessoas são agendadas por nome, por endereço e por telefone. Eu faço isso porque se uma pessoa vier falar comigo e perguntar de Maria da Silva, eu já sei que é Maria da Rua 07 da Vila Vitória, então até mesmo isso faz com que elas se sintam muito

importantes. Eu anoto e lembro de tudo. Eu criei um grupo também há cinco anos que tem 840 pessoas, todos moradores. Eu procuro colocar os moradores mais influentes, uma pessoa que vai poder influenciar outras pessoas.

P.19. Voltando só um pouquinho para o que você falou do partido, que você conheceu por meio de uma pessoa em comum, e aí você disse que conversou com os líderes e aceitou fazer parte do partido. O que foi que eles te ofereceram, te falaram, mostraram para que você escolhesse esse?
R: Primeiro foi a pessoa que me apresentou. Depois veio a questão da confiança. Também porque, quando eu recebi o partido, tinha uma mulher e ela me passou muita, muita confiança também. A forma dela falar do acolhimento. Lógico, que o tempo todo que ela tava conversando comigo, eu tava vendo que ela tava querendo formar o partido por causa do marido, que ela precisava sim de pessoas que tivessem uma votação expressiva para poder ajudar ele automaticamente, mas eu vi muita verdade. Por isso, eu me senti bem dentro deste partido. Primeiro pela confiança da indicação e pelo acolhimento dado por uma mulher. Muitas pessoas até já me perguntaram em outras eleições o porquê de eu nunca ter apoiado uma mulher. Porque não é simplesmente só apoiar porque é mulher, eu tenho que saber o que essa mulher tem.

P.20. Teve essa questão do acolhimento, você sentiu confiança, mas por exemplo, os ideais do partido importam pra você, se são coisas que casam com você também?
R: Sim, casaram, casaram bem direitinho porque além de dar oportunidade, teve a questão também que eles não aceitam - que foi um diferencial muito crucial pra que eu pudesse permanecer - pessoas com dinheiro e nem vereador de mandato, ou seja, dando mesmo a oportunidade para o iniciante. Eu vi essa questão da oportunidade. E senti também, dentro do partido, valores. Princípios, valores, eu investiguei muito sobre a vida deles, não no lado pessoal, mas no lado partido, eu pesquisei bastante e tem um histórico muito bom, já fizeram vários vereadores. É aquela questão, eles estão procurando sim se manter e eu acho isso muito importante, mas eles também estão dando oportunidade para as pessoas que tem um olhar diferenciado, que pode fazer o diferencial dentro das políticas públicas. Foi isso.

P.21. E em relação ao apoio? Você recebeu o apoio do partido, e em relação ao apoio de família e amigos, como que foi?
R: Então, minha família é aquela coisa. Por não entenderem muito sobre política, eles colocam alguns empecilhos. Meu filho de 23 anos fala "*mãe, isso não vai dar certo*", mas eles não me impedem. Eles me apoiam de forma, sinceramente, artificial, e isso acaba não me atrapalhando. Até porque sou eu que estou vendo todo o projeto, sabe? Então o que eles vão pensar depois, a gente pode trabalhar isso, mas na filantropia eles me apoiam totalmente. Na política eles têm um receio, então estão um pouco ainda artificiais. Tenho um apoio deles, mas não de forma muito direta, mas eu tenho apoio também de pessoas muito inteligentes, pessoas riquíssimas em conhecimento, em sabedoria e que estão comigo, sem dinheiro porque isso é um diferencial também de outros vereadores, que vão precisar pagar para estarem com eles, eu não. Eles estão porque eles acreditam.

Tem uma liderança mesmo aqui no bairro vizinho que fala assim ‘’*nós precisamos de você lá dentro, nos ajude*’’. É tanto que eles até já combinaram, quando formos pra campanha, a gente vai fazer uma vaquinha para comprar um café, para comprar um bolo, para comprar o lanche, para comprar água mineral, quando estiver fazendo o porta a porta. Então, é um apoio muito genuíno, sabe? É uma coisa, eu não sei explicar exatamente, mas está sendo muito prazeroso esse apoio que eu estou tendo.

E não só dos meus amigos, mas também o apoio de fora, como professores, diretores, pessoas da área da saúde, do supermercado, essas pessoas também estão incluídas nesse processo e estão me ajudando bastante. Até é até bizarro falar isso, mas até as pessoas da mídia, elas torcem por mim. Quando não estão com os microfones ligados, elas falam ‘’*nossa, eu quero muito que você entre*’’. Tem uma jornalista mesmo que eu sou apaixonada por ela. Ela acompanhou toda a trajetória da minha vida, fez reportagem sobre a comunidade várias vezes. Eu fui dar uma entrevista numa rádio no finalzinho de outubro e a entrevistadora falou assim, depois que saiu dos microfones, ‘’*tu vai entrar em 2024?*’’ e eu disse que estava pensando. Aí ela comemorou. A gente sente esse carinho também, né?

Há uma diferença muito grande entre você querer fazer políticas públicas e você querer idolatrar políticos. Você precisa me ver discursando perante uma autoridade. Eu fui a única liderança escolhida de todas para subir no plenário para falar com Raquel Lyra. Eu fui a única, então eu representei todas as lideranças. A sala temática que eu fiquei foi sobre habitação e água, e pegando toda a experiência que eu tive com a falta d'água dentro da comunidade e também sempre atenta nas outras comunidades. Então, eu expliquei muito bem pra Raquel Lyra o que nós estávamos passando. E, de uma forma, deixei eles tudo loucos, porque eu não brigo, eu não saio da minha classe pra brigar. Eu amo debates. Amo e eu jamais desmoralizarei o adversário. Pelo contrário. Eles querem que eu bata, mas eu bato mais de uma forma bem sutil. Tive essa conversa com Raquel Lyra não só presencialmente, mas também em outras ocasiões, como rádio, tv. Não sou muito de mexer no Instagram, não tenho muitos seguidores, quase nem mexo. Eu comecei a me envolver mais do ano passado pra esse porque eu faço um curso político, e o meu consultor político me orienta muito a fazer lives, entrevistas com professores, com a menina que foi abusada sexualmente [aqui]. Essas questões, pessoas que estão sendo alvo de alguma coisa. Ele sempre manda eu procurar essas pessoas para entrevistar. E eu nem contei pra você, mas você tá diante de uma mulher que já foi muito, muito, muito, muito vítima. Eu fui abusada sexualmente dos meus três anos de idade até aos 12 anos pelo meu próprio avô. Mas eu nunca me coloquei no papel de vítima. Eu fui vítima, mas eu não me coloquei no papel de vítima. Eu resolvi vencer, crescer para ajudar outras pessoas e hoje eu já atendi muitas pessoas, famílias. Aqui no bairro mesmo tem situações bem delicadas e eu atendi, pude ajudar de alguma forma pelo que eu passei. Então eu posso te dizer com muita convicção, que eu sou uma mulher muito forte.

P.22. Em questão de apoio político, você falou de apoio da família, tem o apoio do partido. Você tem algum apoio político? Pensa em procurar algum apoio político para ajudar nessa caminhada?

R: Veja só, se vier algum apoio político, eu vou estar preparada pra esse apoio. Eu tô achando muito difícil, acho que eu não vou ter. E vou ter que usar uma estratégia para saber como é que eu vou usar tudo isso, mas se caso eu não tiver, eu também tenho as minhas ferramentas

para permanecer firme até o final. Porque eu entendi uma coisa. A gente não precisa de dinheiro, especificamente. A gente não precisa de status, mas a gente precisa do apoio das pessoas. O voto é muito precioso, mas aí a gente tem que tirar o nome do voto e passar a pedir apoio. Se as pessoas entenderem isso, a gente consegue. Mesmo dando tudo errado no meio do caminho, a gente consegue.

P.23. E dentro do partido, você teve ou vai ter, já que ainda vai ter período de filiação, alguma instrução, alguma preparação para a campanha?

R: Sim. Nós vamos receber os santinhos, vamos receber o apoio com adesivos, perfuretes, até mesmo como lidar com certas situações a presidente do partido se comprometeu. E eles recebem uma verba, o cabeça, que no caso é o presidente do partido que recebe e ele sai distribuindo pras pessoas que fazem parte do partido dele. Eu acredito que vão dar para os que têm mais apoio. No caso, eles estão contando que eu contribuo para eles com 700 votos, só que eu não entro com 700 votos. Então, eles estão querendo 700, mas eu vou trabalhar em cima do triplo disso. O que eu quero realmente é vencer.

P.24. Você tem noção de recursos financeiros também que eles vão prover ou não tem perspectiva?

R: Não tem recursos financeiros. É só material mesmo. Então, essa parte também eu estou me programando com a ajuda de uma vaquinha, meus amigos estão me apoiando. Eu recebi um apoio das pessoas me darem até café, bolo, pra eu usar para convencer as pessoas e eu sempre faço eventos, tipo no dia das mães.

Ajudo muitas pessoas, e hoje em dia essas próprias pessoas me ajudam nas ações sociais. Eu também ganho ações sociais com muitos empresários anônimos que não querem aparecer, mas eles fazem doações de cadeira de rodas, por exemplo. Eu recebia muitas cestas básicas, e precisei fazer estratégias para saber como distribuir. Inclusive, eu idealizei uma ONG, que se chama "É preciso ser gente para gostar de gente", eu usei a frase que eu criei e eu tenho esse grupo de pessoas vulneráveis, sabe? Quando eu recebo cestas básicas, eu chamo elas e elas vêm para minha casa. Todos ficam sentados, esperando e eu não faço nem questão de tirar foto com ninguém, só entrego a cesta básica, mas eu tenho todo aquele registro. Recentemente, a Escola Sesi me fez doações de quase 600 quilos de alimento e eu formei cestas básicas e fiz a doação, mas nenhum deles [dos doadores] participou. Eles confiaram em mim através de outras pessoas. Aqui, qualquer mercado que você andar, se você disser ''*eu quero pegar uma cesta básica no nome de [nome]*', eles fornecem. Lógico que vamos pagar depois, mas na confiança, eles fornecem. Isso é muito gratificante.

Outra coisa, eu fico de olho nos programas e passa uma médica falando alguma coisa, aí vou no posto de saúde, faço parceria, pego o número e depois eu ligo. "*Vamos fazer uma ação social?*" e trago elas pra dentro da comunidade e elas amam. Eu tenho uma parceiraça, a doutora Ana Carla Cavalcanti, que é dermatologista, a doutora Pâmela, que é psiquiatra, que elas vêm pra todos os eventos que eu faço, chamando outras pessoas para participar também. Eu faço parceria também com muitos advogados, só não com criminalistas, porque eu sou liderança. Então, imagina eu botar um advogado pra defender uma pessoa que matou não sei quem? E como é que vai ficar a outra família, do que morreu? Os advogados que eu trabalho, eu não cobro dinheiro deles e eu não recebo. Eu chamo para que eles ajudem. Tem muita

gente que não sabe que com o código do CID, com a receita, com o laudo, ela pode entrar com um advogado muito mais rápido na justiça.

P.25. Estamos terminando já. Você falou um pouquinho sobre quando teve a eleição aqui para presidente do bairro, você falou que sofreu uma perseguição. Por que isso aconteceu? Você sabe?

R: Sei. Eu era primeira secretária na eleição passada e em todas as eleições de bairro. Há uma ligação muito forte com um vereador e o Henrique Leite [o bairro da entrevistada]. Então, eu me desliguei desse vereador, porque eu despertei. Eu vi que o que ele tava fazendo com a população não era certo, então me desliguei, mas eu não difamei ele em lugar nenhum, nem podia. Esse vereador montou uma associação e queria que eu entrasse nessa associação com a equipe dele e eu não quis mais. Quando eu recusei, eu comecei a ser perseguida. A pessoa que, inclusive, dirigiu a eleição, é assessora desse vereador. Então, eles fraudaram tudo, tudo, nos mínimos detalhes.

Tipo, a gente tinha que entregar a documentação dia 10 de março, entregamos. Quando foi dia 16, eles disseram que a documentação não estava na mão deles, sendo que eu tinha como provar com vídeo, com tudo que você imaginar. As pessoas que estavam dirigindo na minha parte, eram pessoas muito competentes, pessoas de muitos valores, princípios. Chegamos à conclusão que não ia dar certo, porque eles fraudaram tudo. No dia da eleição, não podia ter só uma chapa, tinha que ter duas e eu não tive o direito de concorrer. E tinha passado uma lista no bairro, na qual as pessoas foram enganadas. Assinaram achando que seria para um saneamento e pessoas que me conhecem, me mandaram áudios dizendo assim ‘’*eu assinei uma lista aqui por tal pessoa dizendo que ia ter um saneamento e a gente assinou, mas tá todo mundo sem saneamento*’’. Quando foi no dia da eleição, essa lista tava lá, toda melada de comida, do dedinho do pessoal e eu questionei. Disse, “*essa lista não é de hoje, então não foram 260 votos, foi bem menos*”. Foi quando a gente descobriu mais ainda que teve realmente uma fraude, mas não só por um dia, mas também nos outros. Eu procurei um advogado e quando cheguei nele, ele tinha sido comprado e disse que era causa ganha. Quando foi no outro dia que eu levei a documentação, ele disse que não tinha mais o que fazer. Depois eu descobri que ele tinha tido ligação com o vereador, aí levamos para outra advogada. Nisso, a amiga dela estava com esse processo do pessoal, já pra me tirar de vez e foi aí que eu matei a charada. Aí eu deixei. Quando foi um mês depois das eleições, o pessoal da associação veio me pedir apoio e eu não quis mais o apoio deles. Mas sabe o que foi que mais maltratou eles por dentro? Foi que eu não parei de fazer o que eu fazia, eu continuei trabalhando nas demandas. Então eu fiquei ainda mais forte em querer buscar mais pela comunidade. Não como presidente, mas como liderança assim como as pessoas me vêem.

Porque ser liderança não é simplesmente ter um nome, mas você agir realmente como liderança, ser o porta-voz das pessoas, principalmente daquelas que não entendem muita coisa dentro do meio político. Então, isso é gratificante e ao mesmo tempo muito preocupante. A gente vem fazendo um trabalho muito árduo, não é fácil e quando eu falo ‘a gente’, é porque existem muitas pessoas comigo, muitas mesmo. Pessoas que realmente acreditam em dias melhores. A minha vida tem uma trajetória bem, assim, posso dizer, inspiradora, mas ao mesmo tempo de grandes desafios pra mim mesma, não foi fácil. Mas eu tenho certeza que você vai voltar aqui e vai me entrevistar como vereadora! Eu tenho certeza disso. E aí depois

você vai botar as duas comparações e vai me perguntar como é que tá sendo e vai ser bem legal porque eu sei que não vai ser fácil, mas eu não vou desistir um minuto.

P.26. E você percebe diferenças de tratamento no meio político entre homens e mulheres?

R: Muito. Os homens, eles têm uma ideia na cabeça deles que as mulheres são só para estarem em casa. Principalmente no meio político porque eles não estudam pra entrar lá dentro. Estudo que eu tô falando não é ir pra uma escola para saber como é que é um político não. É ir dentro de uma comunidade como essa, entendeu? Tem muitos que entraram por poder, só pra ganhar mesmo o valor x que eles estão ganhando agora, mas eles não estão preocupados. Uma coisa que me chamou muita atenção e eu tive como presenciar, porque eu trabalhava com o vereador, foi essa questão de pedidos. A liderança te solicita uma lâmpada queimada numa rua, mas o ofício vai no nome do vereador. Então, isso é ruim por um lado, mas também é bom se a pessoa que tiver ali como liderança souber realmente trabalhar. Eu vi aquela dificuldade como oportunidade de entrar lá dentro. Hoje, eu sei o que as pessoas não gostam em um vereador.

Eu pude ver esse repúdio das pessoas perante os políticos e elas não sabem ainda o que é política pública. Tipo, as mães mesmo de crianças autistas, não sabem que tem direito a uma prioridade dentro de um posto de saúde, mas eu faço questão de dizer. Não sabem que tem preferência num banco, que uma criança tem prioridade dentro de um banco. Eu aponto as coisas erradas, e sendo daqui, todos me respeitam. Uma coisa que eu gosto muito de falar é sobre a moradia, sobre a criação do meu próprio filho de 23 anos que foi criado aqui, mas nunca se envolveu com drogas, nunca fez coisa errada. Com um depoimento como esse, pode mostrar para uma pessoa lá fora que aqui moram pessoas decentes. As pessoas têm muito preconceito com o nosso bairro também somente porque a gente tem de um lado um presídio e do outro um cemitério, mas isso foi uma das melhores coisas que aconteceu, mesmo sabendo que lá dentro só tem mazela. No entanto, para a comunidade, o bairro se tornou muito mais seguro com o presídio e a gente vê muitas coisas que acontecem, mas com pessoas que vêm de fora. Não daqui. Aqui todo mundo se conhece, família Leite, família Campos, Gonçalves… A gente conhece a comunidade realmente de ponto a ponto, isso é muito bom. Podem dizer, ‘’a*h, mas aí você está pensando em entrar na política, aonde precisa de x voto e você vai trabalhar só no bairro?*’’, não. Eu também vou para muitos outros bairros e as pessoas também me procuram. Na época da falta de água mesmo, muitas comunidades entram em contato comigo. Petrolina teve várias situações, vários bairros com falta de água por quatro meses, mas o Henrique Leite foi o único que recebeu carros pipa diariamente. Conseguimos também doações de caixas d'água… Os outros bairros não conseguiram e essas reportagens podem provar.

P.27. Só para a gente terminar. O que você acha que importa mais na disputa política? O que faz uma pessoa ter maior chance de conseguir ganhar uma eleição?

R: Conhecer a necessidade do povo, em especial. É primordial, como se fosse a base. O que é que o Henrique Leite hoje precisa? Esporte, saúde. Qual é a demanda que mais exige? O político tem que saber o que o Henrique Leite necessita hoje. O que Petrolina necessita hoje? Então, tudo isso eu acho que tem que ser muito bem pensado para poder saber entrar na

política. A gente precisa conhecer a necessidade do povo e isso inclui os direitos, em tudo que você imaginar, para todo mundo.

P.28. Beleza, terminamos. Muito obrigada!
R: Obrigada.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada: (Nome fictício) Lúcia Neves
Categoria: Pré-candidata
Partido: PT
Data: 05/02/2024
Local: Local de trabalho da entrevistada, Petrolina/PE

P.1. Para começarmos, você autoriza a gravação?
R: Sim.
P.2. Gostaria que falasse um pouco sobre você. Vou pedir que se apresente, por favor (vida pessoal, ocupação, formação).

R: Meu nome é [nome], conhecida como [nome]. Sou mãe e avó. Minha vida é trabalho, família e meu comprometimento com o partido. Eu sou professora também, trabalho como administrativa atualmente. Já trabalhei muito como assessora política e hoje eu trabalho como administrativa e secretariado. Gosto muito da política, gosto de participar não como candidata, mas sempre colaborando com o partido. Integro o partido dos Trabalhadores há mais de 20, 22 anos, por aí, e faço parte do diretório de Petrolina.

Eu acho muito importante as pessoas se identificarem com a política, não só a política partidária, mas também a política da boa vizinhança. E eu fico triste quando vejo, pessoalmente, uma mulher falando que não quer saber de política, porque se você não quer saber, sua decisão vai ser tomada por outras pessoas. Foi uma luta muito grande para o homem ter direito ao voto e, depois, uma luta muito maior para as mulheres terem o direito de escolha. É importantíssimo o cidadão e a cidadã votarem, porque são vários segmentos políticos, são vários partidos, cada um com suas ideias e eu creio que as pessoas devem se identificar. Não precisa se filiar ao partido, mas na hora de votar tem que votar com compromisso. Votar é um ato muito importante, porque se a gente vota errado, vota na brincadeira, depois sofremos as consequências.
P.3. Como e quando surgiu seu interesse pela política?

R: Desde a adolescência, eu gostava muito de participar das coisas, da política. Gostava de ir para a rua, pedir voto, fazer aquela movimentação, pedir voto para o meu candidato. Desde a adolescência eu gostei, sempre me identifiquei, sempre. E depois, aos meus 29 anos, eu escolhi o partido que eu achei que seria o melhor para mim. Claro que não é perfeito - porque nenhum partido é -, mas quando a gente bota na balança, é o partido que tem o melhor projeto para o Brasil, que é o PT. Tem já 21 anos que eu sou filiada ao partido, que participo do partido, que estou nas reuniões, nos eventos, que estou na luta do dia a dia.
P.4. Como foi que surgiu esse interesse na adolescência?

R: Surgiu naturalmente… sempre tive essa vontade, esse interesse. Naquela época, existia a famosa boca de urna, e você podia segurar a bandeira do seu candidato, sabe? O período de eleição era maravilhoso. Na verdade, eu sou piauiense e cheguei em Petrolina com 13 anos, na minha pré-adolescência. Desde menina, lá na minha cidade natal, eu via aqueles carros cheios de gente, as carreatas, e aquilo foi me chamando a atenção.

Depois que eu cheguei em Petrolina, já perto dos 16 anos, comecei a me interessar muito. Aí eu passei a ir, simplesmente, sem ter compromisso com ninguém. Tinha meu candidato e ia lá, pedindo voto, lutando por ele. Mas com mais responsabilidade e consciência mesmo foi aos 29 anos, quando escolhi meu partido e minha bandeira, o PT. Agora os 50 anos estão chegando, né? E estou na luta até hoje, sem pretensão de sair do partido. Entendeu?

P.4. E a senhora participou de algum movimento político na juventude, por exemplo, estudantil ou sindicato ou alguma coisa assim?

R: Não, não participei. Mas assim, eu vim entrar mesmo no meio exatamente quando eu falei, nesse período aí. E sim, várias lutas a gente já enfrentou, várias lutas, entendeu? Lutamos, inclusive naquela época do impeachment de Dilma, a gente foi para rua, sempre estava erguendo a bandeira. E sempre que é preciso a gente tá lá, para lutar pelo melhor ao nosso país. E principalmente eu falo, como eu já tinha falado, eu fico muito triste quando eu vejo uma mulher, tipo assim, não dando importância à política. Eu costumo dizer o seguinte, vai votar, escolha um candidato, mas vai votar consciente, certo? O voto consciente é muito importante. E tem que votar com muita responsabilidade, porque senão vem as consequências. Se a gente vota errado, se a população vota errado, vem as consequências.

E eu acho muito bonito quando eu vejo uma jovem como você, que está já nesse caminho e tudo, da luta, que está se formando politicamente. E o interesse, porque é muito bonito, entendeu? E a luta, sem luta a gente não consegue, né? Não consegue as coisas. A gente só consegue com luta. Quanto mais mulheres na política, mais vamos ser respeitadas. Falta ainda, são poucas mulheres, tem que ter muitas! As mulheres tem que chegar, chegar com força, chegar com vontade.

P.5. E a senhora nunca teve interesse em lançar uma candidatura?

R: Não. Assim, algumas pessoas da minha comunidade sempre a ver me cobram, *"tá na hora, tanto tempo, você sempre ajuda…"*. Mas assim, a gente tem uma companheira que ela nos representa, então a gente ajuda ela, entendeu? Estou sempre ajudando na campanha dela e na campanha dos outros companheiros.

P.6. E por que não uma candidatura sua própria?

R: Como eu tenho essa companheira, de muito tempo, e a gente trabalha junto, é uma companheira que começa um mandato, termina, mas ela está sempre pronta para outro, sempre para ajudar. Quando a gente chega a ela e estamos precisando de algo para ajudar as pessoas, quando a gente manda tudo, ela está pronta, nunca decepcionou. Então por isso e também porque a campanha é muito cara. Cada dia mais está difícil você encarar uma campanha, não é barato. Você vê… uma campanha para vereador em Petrolina… é cada vez é mais difícil, não é fácil ganhar para vereador em Petrolina, entendeu?

Por isso, assim, enquanto essa companheira estiver na luta, estiver pronta pra luta, eu vou estar ajudando, eu e minha família.

P.6. Legal, entendi. E a senhora nunca achou que pudesse ter alguma coisa a acrescentar também na política?

R: Já sim. Eu já pensei, tiveram alguns momentos e tudo, mas eu creio que eu estou sempre pronta para ajudar os companheiros na luta. Porque quando a população também precisa e chega até a mim, eu chego até eles e a gente em conjunto ajuda a resolver as demandas também. Eu moro numa comunidade muito carente também, e as demandas chegam até mim mesmo eu não sendo presidente de bairro - o que já fui. Mas assim, as pessoas chegam até mim e eu levo aos companheiros que estão no parlamento. É sempre assim eu consigo ajudar a população carente**.**

P.7. Então a senhora não acha necessário?

R: Não, eu mesma ainda não acho necessário; mas, o partido quando precisa, a gente também tem que estar preparado para colaborar. Se chegar um momento assim, quem sabe, né? O futuro…

P.8. E a senhora nunca recebeu convite para ser candidata?

R: Não, não, assim não. Do partido mesmo não. Nesse sentido, eu já fui provocada pela população. Mas, por exemplo, o partido dos Trabalhadores, como os outros partidos também - porque creio que seja da mesma forma -, qualquer membro do partido pode dizer assim *"estou colocando meu nome para avaliação"*, por ser um direito, naturalmente. Normalmente, é um direito [um membro do partido poder se candidatar].

P.9. E o que a senhora acha que impulsiona uma pessoa a querer participar da política de forma formal, sendo candidata, querendo ter algum cargo político?

R: No meu ver, existe de tudo. Tem aquela pessoa que já vai com o projeto, já vai pensando em chegar lá e procurar a ajudar, melhorar a vida dos que mais precisam, colaborar com o todo, pensando no todo, em melhorar a vida do povo. E também existe aquela pessoa que está pensando em um projeto pessoal. Projeto pessoal é uma coisa em que você está pensando apenas no financeiro, mais em si, entendeu? Qual é o papel do parlamentar, do vereador? É aprovar ou não o projeto executivo do prefeito. Então assim, ele tem que avaliar, tem que ler com atenção, tem que ver se aquele projeto vai ser bom para o todo da população, não só para um segmento. E ele tem que votar no projeto que vai melhorar a vida de todos.

P.10. Em relação ao PT, por que a senhora escolheu o PT?

R: Eu acho, no meu ver, quando fui avaliar tudo, que foi o partido que me identifiquei. Acho o melhor partido. Não é perfeito, como todo partido, mas quando a gente vai colocar na balança, é o que mais tem acertos.

P.11. E em relação aos ideais do partido? O partido atende suas necessidades?

R: Me identifico com a ideologia e com o projeto do partido, com tudo. E atende minhas necessidades, sim. Eu sou fã de carteirinha do presidente Lula.

P.12. A senhora disse que já foi assessora de campanha. Como foi esse processo? Acompanhou essa sua candidata?

R: Já, já fui sim. Sim, a gente está acompanhando a candidata, estamos todos juntos, entendeu? Já fiz assessoria duas vezes, de forma remunerada e não remunerada. O papel do assessor é acompanhar seu candidato, estar presente, ouvir as demandas das pessoas, receber também as demandas das pessoas, representar o candidato - ou a pessoa que você trabalha - , ir em determinada comunidade e fazer a ponte entre vereador e deputado, para poder analisar e resolver.

P.13. E nesse caso a senhora está trabalhando com uma candidata mulher?

R: É, eu sempre trabalhei para ajudar, como disse, nem sempre de forma remunerada. Sempre entendi como um papel a ser cumprido. Ajudei muito a nossa eterna deputada Isabel Cristina de Oliveira, a nossa vereadora, que foi [eleita] três vezes em Petrolina, [nome], entendeu? Eu também trabalhei com Odacy Amorim… É assim, a gente está sempre na luta.

P.14. E quando a senhora trabalhava com Isabel, com Cristina, você conseguia identificar dificuldades que elas pudessem passar nesse trajeto, nesse caminho por ser mulher?

R: A gente que trabalha ali sempre junto e a gente vê também as dificuldades, né? Porque é muita coisa, é muita solicitação. Mas assim, elas sempre procuram, da melhor forma, atender. Lógico que, às vezes, nem sempre conseguem atender a demanda, por diferentes razões, que às vezes não tem como atender àquela demanda, mas sempre que há um caminho, eles atendem.

P.15. E dificuldades no próprio meio político, por exemplo, com outras pessoas do partido, na Câmara, existia? A senhora já observou alguma coisa assim?

R: Olha, eu acredito que sempre existem, né? Isso faz parte, porque cada pessoa tem um pensamento, uma ideologia, e defende suas próprias ideias. Essas diferenças existem. Mas, se o parlamentar tiver um bom jogo de cintura, ele consegue lidar com essas situações da melhor maneira possível. É preciso ter cautela, calma e buscar o consenso. No meu ponto de vista, isso é essencial na política.

P.16. E em questão de algum tipo de discriminação, a senhora já presenciou?

R: Existe também, principalmente quando é mulher negra. Sempre existe. Porque, infelizmente, nosso país ainda é muito machista, né? E aí sempre se olha para a mulher assim, com uma maneira achando que aquela mulher não consegue, que aquela mulher não é. Então ela tem que mostrar a cada dia que é competente, responsável, e que tem condição de ocupar os cargos políticos, entendeu? Eu acho que é por aí.

P.17. Mas a senhora já presenciou ou já soube de alguma história nesse sentido?

R: É, a gente sempre vê alguma coisa assim, né? Não muito no detalhe, mas a gente sempre pensa sobre quando surge, a gente sabe que existe o preconceito por ser mulher, por ser uma mulher negra, quando ela é vereadora, quando ela é deputada, quando ela ocupa um cargo, entendeu? Ela tem que cada dia provar que é competente, que é capaz de estar naquele cargo. Mas ela sabendo levar e fazendo isso, ela consegue.

P.18. E a senhora acha que é uma coisa que te desencoraja de participar do processo?

R: Não. No meu caso não é isso, não. É porque não coloquei prioridade nisso, nunca pensei em eu mesmo ser candidata, não pensei nisso até hoje. Porque assim, eu já tenho uma demanda bem grande de família, de trabalho, de colaboração com o partido… então assim, já é uma carga bem grande. Mas eu estou sempre pronta para ajudar.

P.19. Isso é uma coisa, então, que atrapalha a senhora, você acha?

R: Porque assim, quando você é a própria deputada e/ou vereadora, você tem que ter metade do seu tempo exclusivo, aliás, maior… você tem que, na verdade, deixar sua vida um pouco de lado para dar conta de tanta demanda, tem que dar prioridade. Se você não souber fazer isso, as coisas não vão andar, né? Então assim, minha família é minha prioridade.

P.20. Além disso, o que a senhora acha que importa realmente, o que que um candidato tem que dá mais chances de ganhar?

R: Olha, eu acho que quando uma pessoa resolve pleitear uma candidatura para vereador, deputado e tudo, ele tem que conversar com sua família. Segundo, procurar um partido que se identifique para poder se filiar - porque tem um tempo de filiação para você poder se candidatar. Terceiro, ver qual é o segmento que você mais vai ter apoio, porque você tem que ter uma base. E também tem que ter financeiro. Porque uma campanha gasta muito, precisa ter um meio de arcar, porque é muita coisa, muito gasto. Isso aí tem que ter.

P.21. Não sei como são nas campanhas que a senhora participou, mas muita gente com quem converso, não tem acesso a fundo eleitoral...

R: É, normalmente vem o fundo eleitoral para o partido, né? Vem e ali são divididos para os candidatos, mas é muito pouco. E para uma campanha, se você vai contando só com esse dinheiro que ganha do partido, que é muito pouco, ou seja, se você não tiver uma reserva para você garantir a sua campanha, você não consegue, é sem chance.

P.22. Acho que é isso. Essa última eu já perguntei antes, que se era se a senhora percebia a diferença entre homens e mulheres na competição eleitoral.

R: É aquilo que te falei, né, na política ainda temos poucas mulheres. Você vê a Câmara de Vereadores de Petrolina, são 23 cadeiras e tem duas mulheres, mas era para ser mais. E eu acho que as mulheres tinham que procurar votar e ajudar as mulheres.

P.23. E o que a senhora acha que impede as mulheres de entrar na vida política?

R: Acho que é o receio. Muitas pessoas no país não são politizadas, são poucos. Elas não estão atentas à política e acho também que o financeiro pesa muito. Muita gente tem vontade de entrar, mas não tem condições financeiras. Uma coisa é entrar para ganhar, outra coisa é entrar para apenas competir.

P.24. A senhora acha que as candidaturas femininas do PT saem mais pelo lado das mulheres que querem sair candidatas ou mais pelo partido que as convida?

R: O partido convida muito… até porque tem a cota, que é necessária. O partido incentiva muito e chama para vir. O partido tem o curso preparatório uma vez por ano falando sobre política e tem incentivos para mulheres se tornarem candidatas. Da minha parte, eu não tenho interesse em ser candidata, mas estou sempre a postos para fortalecer e ajudar. Ainda não é o

momento.
P.25. Pois é isso, terminamos. Muito obrigada!

R: Obrigada! Espero ter colaborado!

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada (Nome fictício): Clara Mendonça
Categoria: Pré-candidata
Partido: PSD
Data: 30/01/2024
Local: Local de trabalho da entrevistada, Petrolina/PE

P.1. Para começarmos, você me autoriza a gravação?

R: Autorizo sim.
P.2. Gostaria que falasse um pouco sobre você. Vou pedir que se apresente, por favor (vida pessoal, ocupação, formação).

R: Meu nome é [nome], tenho 36 anos, sou solteira e iniciei o curso de Pedagogia, mas não concluí. Estou na área política há pouco tempo, esse é meu segundo pleito. O primeiro foi em 2016, não fui eleita, e fui eleita em 2020 como vereadora da cidade de Petrolina.
P.3. Então sua ocupação hoje em dia é somente aqui na Câmara de Vereadores?

R: Só, estou somente aqui na Câmara mesmo.

P.4. Como e quando surgiu seu interesse pela política?

R: Em 2016, eu trabalhava com atendimento ao público, na Clínica Instituto de Olhos e começaram a surgir comentários de que eu parecia que tinha jeito para política. A partir daí, fiquei curiosa e decidi concorrer, no mesmo ano, pela primeira vez, aqui em Petrolina. Tive 1.183 votos na primeira eleição… Para uma cidade grande, sem família [na] política — na minha família, ninguém nunca disputou política —, fui a primeira a desbravar em uma cidade desse tamanho. Foi muito bacana, muito boa a experiência.
P.5. E como foi esse processo da eleição?

R: Na primeira, era mais uma descoberta, né? Porque uma coisa é você acompanhar política pelo que a gente escuta, outra coisa é você fazer parte do processo, desde pedir voto, se preparar, entender a necessidade da população, quais são as bandeiras que você vai defender… E aí, em 2016, fui conhecendo todo esse processo e indo para a rua também, pedindo voto das pessoas. Foi muito bom, todos os dias a gente ouvia as pessoas nessa troca, sabe? É muito gratificante.

Em 2020, eu fui eleita, mas foi uma fase mais difícil da minha vida, também, eu sofri um acidente, fiquei um tempo em casa, me recuperando. E levantei no período eleitoral, para a disputa política! E aí, eu disputei em 2020 e, do meu partido, só eu fui eleita. Éramos cerca de 30 candidatos e eu fui a única eleita, a única mulher eleita, e quando isso aconteceu, só

tínhamos duas mulheres na Casa. [nome], com seis mandatos, e eu, no primeiro mandato. E era um universo novo para mim, descobrindo, desvendando o que era a Casa mesmo…

Me preparei de 2016 a 2020 para pedir voto, e em 2020 eu ia descobrir como fazer a política acontecer, para atender as necessidades da população. Mas é um processo muito bom, também, de descoberta, de você gostar de ouvir as pessoas, de gostar de fazer parte, é um desafio todos os dias estar nesse meio político onde a predominância é masculina e a gente tem que se sobressair. A predominância de homens faz com que você diga *"eu sou mulher, estou aqui"*. Minha missão diária é fazer valer o voto das pessoas que acreditaram em mim.

P.6. Antes de 2016, você nunca participou de movimento político, sindicato… já teve vontade?

R: Não, nunca tinha participado. Nem direta, nem indiretamente. Teve um movimento na escola e aí, por brincadeira entrei e até ganhei na escola também. Mas nada de frente sindical, nem esses movimentos.

P.7. Como foi o processo para entrar? Você procurou partidos, alguém te chamou, como é que foi?

R: Então, eu trabalhava nessa clínica, que eu relatei que as pessoas falavam que eu parecia política. Sobre esse desejo de entrar para a política, o dono da empresa era o ex-prefeito de Petrolina, o Dr. Julio. Em meio a tantas conversas, eu estive na Câmara de Vereadores procurando partido e aí, cheguei em casa e disse: *"rapaz, não tem como não, pessoal disse que já não cabe nem quem está lá, imagine quem quer chegar"*, e meu tio *"oxe, você foi procurar partido onde o pessoal quer ficar? Tu tem que procurar é com o prefeito, né?"*. Aí eu fui ao Dr. Júlio, disse que precisava de uma vaga, que queria disputar a política. Ele estava encerrando o segundo mandato dele, né? Aí ele disse *"[nome]"*, já batizou meu nome nesse momento. E foi ele que me colocou no partido, que escolheu e tudo o mais.

A busca também era pela quantidade de mulheres para disputar, para fechar a cota de mulheres. Só que ele achou que eu viria só para cobrir cota… Então assim, para mim também era uma coisa muito nova. Uma coisa é como você se vê, e outra é como as pessoas te vêem, se as pessoas realmente acreditam em você. O grande diferencial da política é esse, né? Você se lança candidato, *"será que eu passo confiança, que as pessoas acreditam no meu poder de convencimento, de estar ali à frente, representando elas?"* E a política faz você mostrar que você está pronto, que você tem muita vontade, que você vai estar lá, honrando essa confiança. E foi surpreendente o resultado, fiquei como segunda suplente no partido na primeira eleição que participei.

P.8. Por ser a primeira assim… foi bem boa!

R: Sim, é demais, né? Foi histórico, para uma cidade tão grande e eu, sem recursos. Eu trabalhava e tinha um salário mínimo. Trabalhava com o SUS e tudo o mais… imagina, você trabalhando com o SUS — onde as pessoas desacreditam muito do SUS —, e eu sempre *"ó, vai dar certo! Se hoje ele não conseguir, amanhã a gente consegue"* e tal, e por esse jeito de lidar com as pessoas, eles foram acreditando, e diziam *"você precisa estar lá para nos*

representar. Preciso de alguém como você na Câmara de Vereadores", e deu certo, né?

P.9. E como foi a ajuda de Dr. Júlio, você precisou passar por algum processo dentro do partido?

R: Não, como ele era prefeito e ele tinha os partidos, ele só me indicou… *"ela vai disputar em tal partido"*, e já colocaram meu nome direto.

P.10. Como e por que você resolveu se tornar candidata?

R: Boa pergunta, me fez refletir aqui! Eu sempre gostei muito de ajudar, e vi, através da política, uma forma de fazer políticas públicas para realmente transformar a vida das pessoas. Não ser mais só um trabalho solto, mas ser um trabalho que possa realmente direcionar os órgãos a realmente servir ao povo. E foi quando eu pensei sobre uma das coisas que eu não gostava, que me fez pensar a não entrar na política, que é a questão da exposição… é uma coisa que ela exige, né? Que você seja uma pessoa [pública]. E eu sempre gostei de ser muito discreta na minha vida. Mas tem as coisas que você gosta e tem as coisas que você precisa aprender a lidar… E o desejo de querer ajudar, de contribuir com todo o processo era maior que o medo de se expor. Pegava o medo, colocava no bolso e pensava assim *"meu propósito é maior"*, de servir ao povo, de buscar melhorias, e aí tive coragem e fui. E comecei a me ver nesse processo todo, da minha parcela de contribuição.

P.11. Você acha que ter trabalhado com o público durante esse tempo ajudou nesse sentido?

R: Sim, ajudou muito. Todo esse caminho, quando você bate na porta das pessoas, você sente esse feedback: *"você sempre me atendeu muito bem", "você sempre foi muito receptiva... eu acredito no seu trabalho"*; então isso foi uma das portas que me abriram, também. Ter esse contato com muita gente, isso já trabalha um pouco a timidez para falar diante de milhares de pessoas, que é um desafio grande. E aí, você vai vendo o propósito, realmente… *"por que estar na política?"*, para servir ao povo! Essa é a bandeira que eu busco levantar todos os dias, e é sempre gratificante para mim.

P.12. E o que você levou em consideração para tomar essa decisão?

R: Minha disponibilidade, né? Você tem que estar disposto a servir, realmente. Não é fácil, às vezes a gente é muito criticado e as pessoas não conhecem a real lógica da política em si, que exige muito… de tempo, de renúncia de estar com a família — muitas vezes, vai ter uma reunião familiar e vai ter uma reunião política, você vai ter que abrir mão, tudo é escolha —, é nesse sentido, então, de sempre priorizar fazer parte do coletivo, de contribuir. Portanto, a disponibilidade, a vontade de, realmente, querer transformar, de fazer parte do processo político, foram as coisas que me fizeram entrar na política e acho que foi um dos sucessos da caminhada para chegar até aqui.

P.13. Em relação a recursos, você comentou que tinha somente o salário mínimo da clínica. Como foi a parte da campanha, você recebeu fundo partidário?

R: A parte da campanha o partido faz o custo do santinho e da gasolina. Recebia 50 litros de gasolina, por semana. Era isso o que eu recebia do fundo partidário. Eu também não tinha muito [para investir na campanha]… Na verdade, eu estava contando mais nesse pleito que eu fui eleita, porque eu estava voltando de um acidente. Então, um deputado me emprestou o

carro para eu rodar, os amigos iam fazendo cotinha comigo nos lugares, e era assim, sabe? Bem coisa de estudante… tinha que ir, vamos embora, sem pensar muito. Se for pensar no que falta, a gente fica parado. A gente tem que pensar no objetivo que a gente quer alcançar.

P.14. Com relação a apoio de família, amigos, apoio político, teve? Te ajudou?

R: Ajudou e teve muito, muito, muito! A família cai para dentro, né, nessa rede. Os amigos, também. Como eu não tinha condições de pagar militância nem ninguém, eram os amigos que iam para rua comigo, pedir voto e entregar santinhos, cuidando das escolas no dia da eleição. Eram todos família e amigos, todo mundo juntinho ali. Todo mundo me apoiou, me senti bem grata pela oportunidade.

P.15. E na segunda candidatura, como foi essa mudança, você teve mais apoio, teve um pouco mais de recurso?

R: Não, não tive mais recursos na segunda, não. O que mudou foi o sentimento das pessoas, porque na primeira elas ficavam um pouco em dúvida. Quando viram o resultado da primeira, na segunda vez quando fui pedir voto, as pessoas diziam *"dessa vez você vai chegar, porque na primeira você foi bem votada"*. Então, o sentimento era diferente, de acreditar. Também tinha muito a sensação de *"vou perder meu voto"*. Mas foi tudo uma consequência da primeira para a segunda.

P.16. Teve, então, muito apoio popular na segunda campanha, né?

R: Tive, totalmente, de família, amigos e aderentes. Porque o período eleitoral exige muito do candidato, também. Como eu passei dois meses me recuperando do acidente, quando eu levantei, me levantei incansável, sabe? Eu não sentia nem sono. Chegava em casa onze horas da noite e ficava pensando *"amanhã vou levantar cedinho, cinco horas da manhã"*, e quem me acompanhava, ia por três dias, no quarto já não dava mais conta. Eu dirigia, botava alguém do meu lado para ir respondendo meu celular, e pisava, ia embora.

P.17. Você faz parte de alguma comunidade aqui?

R: Faço, eu moro nos projetos irrigados. Lá foi meu berço eleitoral, eu tive 745 votos, bastante. No entorno de onde eu moro, foi muito forte. Aqui na cidade eu tive 500 e poucos votos. E assim, quando tudo estava perdido — porque eu estava pensando que não tinha sido eleita —, no dia da apuração de votos foi onde eu moro que deu a diferença de 50 votos. Foi a última urna de onde eu moro que entrou com 350 votos, pois o meu suplente estava com 300 votos. Fui saber que estava eleita eram onze horas da noite. Foi tudo muito surreal, fiquei bem feliz.

P.18. A iniciativa de considerar a candidatura partiu de você mesmo ou dos líderes?

R: Primeiro, foi do povo. Não tinha muito esse desejo meu, essa pretensão. Fui instigada pelo povo mesmo. Esse boca a boca, todo lugar que eu chegava falavam disso. Aí teve um dia que eu parei e fiquei pensando nisso… Eu tinha habilitação mas não dirigia, não tinha carro, aí eu fui deixar a documentação e rodei o dia inteiro. Parei assim e pensei *"meu Deus, o que é que eu estou fazendo? Vou entrar num negócio que vou ajudar as pessoas... eu não estou conseguindo nem me manter, de rodar, né?".* Que negócio doido! E realmente, fui em frente, se estamos aqui, vamos até o fim. Deus vai colocando as pessoas certas para nos ajudar. E no

fim, deu certo.

P.19. E então, em 2020, foi por vontade sua mesmo…

R: Foi, e as pessoas continuaram incentivando. E eu já queria muito mais, já acreditava mais e já me via com potencial de chegar lá. Faz muita diferença quando você pode contar com as pessoas e você acredita que pode chegar lá. Estou com muita fé nessa questão.

P.20. Você disse que foi eleita pelo PSD, certo?

R: Em 2020, sim. Em 2016, eu disputei pelo PSL.

P.21. Como que foi? Ele [Dr. Julio] te indicou, mas você teve algum poder de escolha sobre o partido?

R: Não, eu não entendia. Era a primeira… tudo muito novo, então para mim, assim, *"tá bom, é nesse que eu vou? Eu vou"*. Hoje não, hoje a gente já pensa no partido, quem é que está no partido? Com quem que eu vou disputar diretamente? A compreensão do todo já é diferente. Em 2020 eu já entendia melhor, que tinha vereador eleito, que haviam pessoas que eram lideranças que já tinham disputado outras eleições, era totalmente diferente. Em 2016 não, eu cheguei para começar a compreender. Em 2020, eu bati o pé, ''*rapaz, eu tenho que entrar em um partido que eu tenha capacidade de disputar e chegar a ser a cabeça''*. Também tem isso, você está num grupo e precisa ser a cabeça [se quiser ganhar].

P.22. Esse ano você vai tentar pelo PSD também?

R: Estamos vendo ainda, porque tem que ter candidato, tem que ter tudo. Mas é bem provável que sim. Esse ano reduziu a quantidade de candidatos por cada partido… acho que antes eram 36 e agora passaram a ser 24 candidatos. E aí tem que ver o coeficiente eleitoral, a quantidade de eleitores para dividir e descobrir o coeficiente, é toda uma matemática aí para fazer. Mas se Deus quiser, vem mais uma eleição!

P.23. E nesse processo de escolha dentro do partido, entre os candidatos, você vê diferença no tratamento entre homens e mulheres? Tem muitas outras no meio, que você conhece?

R: Não, realmente, precisamos incentivar mais mulheres a fazer parte do processo. Não, são poucas mulheres, no geral. Diante da quantidade de homens, são poucas mulheres. Tem a cota, mas não sei se é cumprida. Mas é começar a se ver, começar a investir em fazer parte da comunidade, dos anseios da população, passar essa mensagem de credibilidade para conquistar mesmo o eleitorado. Mas não vi nenhuma diferença de tratamento, não.

P.24. Em relação à conseguir cumprir a cota, você acompanha essa discussão?

R: Aí fica para as pessoas que tomam a frente. Eu sei que é acessível, que se consegue fazer. Mas isso é o diretório que faz, essa questão de organização de partido, de buscar candidatos, como é que vai ser a divisão do fundo partidário, é tudo bem restrito à eles. Porque é muita coisa para administrar, né? Você entrar em todas as esferas, acaba não fazendo nada. Não adianta pensar em tudo e não ter o mais importante, que é o voto. Humanamente, é impossível.

P.25. Na competição eleitoral, você percebe diferença entre homens e mulheres?

R: Não. O que vai mudar é a estrutura de cada um. Quando a pessoa está eleita, é uma estrutura diferente, por exemplo. Realmente, eu não tinha estrutura, mas tinha aderência da população, as pessoas embarcaram comigo na campanha de rua.

P.26. Você acha que tem outras coisas que influenciam mais?

R: É importante ter uma estrutura, ter esse espaço. São 45 dias muito intensos, sem hora para voltar, sem hora para chegar. É muito puxado, mesmo!

P.27. O que mais ajuda uma pessoa a ter uma boa campanha?

R: Acho que é todo um processo. Os quatro anos de um bom trabalho executado. Por exemplo, passar para as pessoas que estive aqui, que cumpri minha missão. Vereador nenhum tem poder de execução, mas que a gente esteve ali, cobrando os órgãos competentes para que o povo fosse atendido. Porque eu sempre acredito que a boa política é aquela que chega na vida das pessoas, que transforma. Porque leis a gente tem demais nesse país, né? Mas existe uma lacuna entre existir e acontecer de fato. Então, esse é o papel do legislativo, de cobrar, fiscalizar e fazer o exercício dessas políticas chegarem à população. Tem que ser bem esclarecido quanto aos papéis.

P.28. Dentro do espaço da Câmara de Vereadores, nos espaços de propor pauta, você sente diferença por ser mulher?

R: Eles dão uma abertura maior para nós, mulheres, para termos oportunidade de fala. Sempre perguntam se a gente quer iniciar a fala… Acho que há um diálogo com os vereadores, principalmente partindo do presidente, que faz o intermédio com eles. Eles conseguem dar um espaço, minimamente, para as mulheres. Eu sempre vejo essa postura no presidente da Casa. Não é por ser minoria que somos excluídas, não.

P.29. Você conhece outras mulheres que estão nessa jornada que poderia me indicar?

R: [nome], [nome]. Quem foi vereadora por muito tempo e é professora também é [nome], ela foi defensora das causas femininas na Casa por muito tempo… Está vendo a dificuldade? Temos poucas… Só me vem à cabeça elas mesmo.

P.30. Terminamos, obrigada!

R: Obrigada! Espero poder ter ajudado de alguma forma.

Entrevistadora: Barbara Salviano

Entrevistada (Nome fictício): Mariana Valente

Categoria: Pré-candidata

Partido: Sem partido no momento da entrevista, posteriormente saiu pelo PSDB

Data: 07/02/2024

Local: Residência da entrevistada, Petrolina/PE

P.1. Para começarmos, você me autoriza a gravação?

R: Sim, autorizo, sim.

P.2. Gostaria que falasse um pouco sobre você. Vou pedir que se apresente, por favor (vida pessoal, ocupação, formação).

R: Me chamo [nome], tenho 53 anos, eu só tenho ensino médio e, por enquanto, sou do lar e blogueira, trabalho com as redes sociais.

P.3. E a senhora é casada?

R: Solteira.

P.4. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?

R: Meu interesse surgiu há quatro anos, quando saí candidata. Mas infelizmente não deu, não consegui chegar ao meu objetivo. E, de lá para cá, mantenho o mesmo objetivo de me candidatar para chegar onde eu quero.

P.5. E como foi que surgiu esse interesse?

R: Surgiu através da periferia abandonada. Porque Petrolina é muito bonita, o centro da cidade, mas quando você vai para a periferia, principalmente no leste - que a zona que eu resido hoje -, tem muito o que fazer. Muito, muito mesmo. Saneamento, rede de esgoto, muitos lugares abandonados com muito mato, muita sujeira… tem muito o que se fazer na periferia, e ela está aí abandonada, infelizmente. E também a área da saúde, que está muito carente. Falando de estrutura, você vê que a gestão atual tem trabalhado muito com a questão das rotatórias, dos viadutos, mas quando parte para a periferia - vamos lá: [bairros] Dom Avelar, Santa Luzia, Terras do Sul -, são muitas ruas sem saneamento básico. E como nossa cidade é muito plana, quando é época de chuvas fica muito difícil, acontecem muitos alagamentos. As pessoas que moram na invasão perdem móveis e ficam desabrigadas, porque não tem, em Petrolina, um lugar de apoio para essas pessoas nas épocas das cheias.

P.6 E como foi que a senhora começou o blog?

R: O blog eu comecei, justamente, porque muitas pessoas dos bairros periféricos, além do que eu moro, como o Terras do Sul, Santa Luzia, Cassimiro, Dom Avelar, Cacheado, São Joaquim - que, no meu ver, é um dos bairros mais carentes -, elas mandavam muitos vídeos para mim, me pedindo ajuda. Principalmente em relação à Compesa [Companhia Pernambucana de Saneamento], porque eu só tinha meu Instagram pessoal, e como eu recebia muitas demandas no meu privado, por eu ser uma líder comunitária, resolvi criar o blog e dar mais vozes a essas pessoas. Porque voz todo mundo tem, né? Agora, quem escuta é que é o complicado.

P.7. E como foi que a senhora se tornou uma líder comunitária?

R: Líder comunitária eu sempre fui. Eu cheguei aqui, no José e Maria, em 1979, com 9 anos de idade, e já tenho 53 anos de idade… então, assim, todo mundo me conhece. Não sou presidente de bairro, me considero uma líder comunitária por justamente atender as demandas de quem me procura, e quando não posso ajudar, vou procurar ajuda, vou buscar quem ajude.

P.8. E há quanto tempo a senhora já tem o blog?

R: Há um ano e seis meses.

P.9 Ah, então foi depois da candidatura?

R: Foi, foi. Porque assim, quando eu saí candidata pela primeira vez, eu não tinha uma base, hoje eu tenho. No José e Maria, todo mundo me conhece, mas Petrolina é enorme, tem muita gente que não me conhecia. Hoje tenho certeza que todos me conhecem através do blog… já deu uma ampla visão de quem eu sou.

P.10. E aí, qual é o trabalho que a senhora faz hoje em dia no blog?

R: As pessoas mandam as demandas para mim, eu posto e cobro e, muitas vezes, em seguida já vem o resultado. Principalmente em relação à Compesa. Quando tem um esgoto estourado em tal rua, a pessoa faz um vídeo, me manda, eu ponho no blog, marco a Compesa e aí, rapidinho, como fica muito visualizado e eu acho que intimida eles, eles resolvem o problema.

P.11. E aí, por que a senhora resolveu se tornar candidata na última eleição?

R: Na verdade, na última eleição, eu nem estava preparada para ser candidata. Eu entrei mais para ajudar o partido mesmo, porque me candidatei por ele. Na época, eu trabalhava com o Lucas Ramos, que era deputado estadual — hoje ele é federal —, e aí acabei entrando pra compor, né? Porque tem aquela questão da cota de mulheres. Também foi uma forma de ganhar mais experiência, porque precisa.

P.12. E aí a senhora fez campanha, como que foi?

R: Não fiz campanha não, só me candidatei, fiz algumas coisinhas básicas… fiz algumas visitas. Porque para você ser candidato tem que ter apoio, tanto financeiro como de base, e eu não tive. Que é o que acontece com a maioria que se candidata. Na verdade, eles [o partido] te promete mundos e fundos, *"ah, eu vou te ajudar"*, mas quando chega mesmo a hora do vamos ver, [a resposta é] *"ah, não tenho, não deu"*, é isso, política é isso, entendeu? Digo sempre que na política você tem que ter três coisas: apoio, dinheiro e conhecimento. Porque ninguém faz campanha sem apoio financeiro, porque você não faz campanha dentro de casa, para todo lugar que você vai você tem que gastar… você não faz campanha sozinha, você tem que contratar uma militância para te ajudar a fazer a campanha, né? Tudo isso é gasto. Por exemplo, você está na minha casa hoje, você está vendo que eu sou uma pessoa humilde, eu não tenho condições - ainda mais com o preço do combustível como que está, imagina quando chega no final do mês?

P.13. Então na época foi realmente só pra ajudar o partido?

R: Foi, na verdade foi.

P.14. E sua vontade de realmente ser candidata veio a partir daí então?

R: Agora veio. Porque assim, partiu da experiência anterior que eu tive, e hoje eu tenho uma base, me sinto mais preparada e mais segura do que eu quero, do que eu posso. E quando a gente quer e a gente pode, a gente vai atrás, e é o que vou fazer.

P.15. Como foi o processo que a levou a se tornar candidata novamente?

R: Dessa vez, resolvi sair candidata novamente porque, primeiro, tudo é da vontade de Deus, e depois, da vontade do povo. Se eu for eleita, vou continuar fazendo meu trabalho, ajudando os menos favorecidos. Meu foco é a periferia, são aquelas pessoas esquecidas que não tem a ajuda de ninguém. Porque assim, eu não posso mudar o mundo sozinha, mas eu posso ajudar a melhorar.

P.15. O que a senhora levou em consideração para tomar essa decisão agora? Por exemplo, em relação a recursos?

R: [Em relação] a recursos eu continuo não contando com ele, porque eu sei que se vier também será muito pouco. Ainda não escolhi por qual partido vou sair, mas ninguém hoje pode sair candidato pensando em recurso de partido, porque não vem… e se vier, é tão pouco que não vai fazer diferença. Hoje, estou contando com o meu conhecimento, com meu trabalho prestado e com projetos que eu tenho para o futuro.

P.16. Em relação a tempo, qual tempo a senhora vai ter para se dedicar à política?

R: Todo o tempo do mundo eu vou ter agora.

P.17. Em relação a apoio de família, de amigos, como é essa questão?

R: Ave Maria, minha família não tem dinheiro, mas tem apoio! Eu acho que muitas vezes o apoio é muito mais interessante e muito mais bem-vindo do que o dinheiro, porque tem coisas que o dinheiro não compra, né? Quando você presta uma solidariedade a uma pessoa que está precisando naquele momento, que você estendeu a mão, ela pode te dar o dinheiro do mundo, mas jamais ela vai pagar o que você fez por ela. Então, eu acho que o dinheiro nesse momento é bom, mas não é tudo. Ajuda, mas não é o suficiente, porque senão não tinha aí vários vereadores que já tem uma estabilidade financeira, sai candidato e perde. Quer dizer, nem o dinheiro é o suficiente, porque quando o povo quer, o povo elege. Quando o povo não quer, nem o dinheiro ajuda.

P.18. Em relação ao apoio político, a senhora tem algum? Alguém veio até você?

R: Quanto a apoio político, eu estou fazendo alguns alinhamentos ainda. Como falei agora há pouco, ainda não sei por qual partido vou ser candidata, não sem ainda questão de prefeito… tudo tem que ser muito pensado, porque lá na frente vem as consequências. Então, a gente tem que parar, refletir, para poder tomar uma atitude que lá na frente você seja beneficiada com a sua escolha, para não se arrepender.

P.19. Em 2020, a senhora tinha o Lucas Ramos que trouxe você para ajudar o partido. Isso continuou, a senhora tem contato com ele, continuou com algum tipo de apoio?

R: Não, nós somos grandes amigos e assim, ele é uma pessoa maravilhosa, mas a gente não tem mais nenhum vínculo não, só de amizade mesmo.

P.20. Entendi. E aí, por exemplo, quem me recomendou a senhora foi [nome]. A senhora procurou [nome], ela veio até você? Como foi isso?

R: Nós somos muitas amigas, eu gosto muito dela. Ela é uma mulher porreta mesmo. Ela é uma política exemplar como mulher. Tem uns projetos dela que eu admiro demais, tem o Chapéu de Palha, tem vários serviços prestados aqui em Petrolina. Saiu candidata a deputada mas, infelizmente, não conseguiu, mas merecia. Nós sabemos que por trás de tudo isso vem outras coisas… mas é isso, sou fã mesmo do trabalho dela, para mim ela é um exemplo de política.

P.21. A senhora quer tentar se alinhar com o grupo político dela ou ainda não sabe?

R: É como eu acabei de falar, nós estamos fazendo um alinhamento. Porque até onde eu sei, na nossa última conversa, ela me disse que não iria mais sair candidata a vereadora. Eu não sei se ela mudou de ideia ou não, então assim, ela sempre me dá bons conselhos e boas instruções, e os conselhos são bem-vindos, vão me beneficiar futuramente se eu seguir, porque ela já tem experiência, né? São, se não me engano, mais de seis mandatos de vereadora, experiência na política é o que não falta.

P.22. Com relação ao partido, sei que ainda não escolheu, mas a senhora recebeu algum convite?

R: Convite já. Quando eu recebo um convite de um partido, pesquiso, vejo se tem a ver com a minha ideologia, se pensa como eu penso, entendeu? Porque não adianta eu sair candidata por um partido que não tenha a mesma ideologia, que não tenha as mesmas causas.

P.23. Na sua primeira candidatura, o partido te deu algum suporte?

R: Nenhum. A maioria não dá suporte.

P.24. A senhora saiu por qual partido?

R: Pelo Podemos. O que o presidente do partido sempre falou é que o partido não tinha liberado verba. Então a gente vai fazer o quê? Não tem verba, não tem ajuda. A única coisa que o partido me ajudou, e foi muito pouco, foi com combustível. Mas o resto, nada.

P.25. Sobre sua identificação com um partido, quais seriam os valores importantes para você?

R: A minha ideologia? Eu sou negra, sou periférica. Tem muito partido corrupto… eu não sou de direita, nem nunca serei. Eu gosto do PT, eu vou lá e venho cá, não é o partido, é a ideologia. Votei em Lula, mas não sou petista. Mas o partido que eu me filiar precisa ter a mesma ideologia que a minha, a periferia, os menos favorecidos, ajudar quem realmente precisa.

P.26. Você teve instrução, preparação para a primeira campanha?

R: Também não tive. Era como um cego, sabe um cego? Era eu na época. Não sabia para onde ir, nem para onde me dirigir. Parecia um cego no meio de um tiroteio, desse jeito. Era minha

primeira vez me candidatando, então assim, não tive suporte nenhum, nem financeiro, nem de alguém pra dizer: *"é assim"*. Nem o presidente do partido, por exemplo. Eu acho que essa atitude tinha que vir dele, de juntar todos os candidatos e falar: *"Ó gente, é assim, assim, assim"*. Porque, para mim, eu acredito, a obrigação do presidente do partido é instruir o candidato, orientar, dizer como fazer, porque assim é o certo. Mas eu não tive. Não tive esse apoio.

P.27. E o que que a senhora acha importante em uma disputa política, para ter mais chance de ganhar?

R: Acho importante a visão da cidade, saber o que Petrolina precisa. Vamos nos pontos que precisam de melhorias, por exemplo, saúde, educação, estrutura, saneamento, a periferia que está abandonada. Aqui em Petrolina só temos uma UPA, o que eu acho o fim. Tem cidades menores que tem duas UPAs. A zona leste, que é aqui onde eu moro, tinha que ter mais uma UPA. O Hospital do Trauma, é fora do normal aquilo, porque atende a rede PEBA. Eu acredito que, mudando um pouco de estado, o estado da Bahia deveria ter um hospital lá, para não precisar congestionar aqui… tem famílias que vem de outra cidade e é todo um processo, não tem onde ficar e ficam dormindo lá fora, passam frio, fome. Falta um olhar mais digno para aquilo que Petrolina realmente está precisando.

Outro problema é a falta de planejamento. Porque hoje nós estamos voltando às aulas e está um terror. Quem saiu do município, não tem vaga no estado. A [escola] 21 de Setembro, que é aqui do bairro José e Maria, é do município e só vai até o quinto ano. Os alunos que vão para o sexto ano e têm que ir para uma escola estadual não encontram vaga. Aqui, no José e Maria tem a [escola] Joaquim André, mas não tem vaga também. Aí encaminham o aluno para o Gercino Coelho, só que lá não tem transporte, e os pais não têm condições.

Falta planejamento, falta diálogo entre estado e município. O planejamento tem que ser feito antes. Pô, o aluno sai daqui, onde ele mora? Vamos planejar já para arrumar a vaga dele, para ele não precisar ir para um bairro distante, porque não tem transporte. Os pais não têm condições de pagar ônibus, moto táxi ou uber para levar o aluno todos os dias lá no Gercino Coelho e depois voltar. Então, eu já ouvi *"ah, mas isso é com o estado, não com o município."* Sim, é com o estado, mas é aqui, é Petrolina. A gestão atual tem que cobrar o estado, Raquel Lyra, porque a obrigação do gestor é buscar recursos e conversar com o governo estadual para resolver as coisas da cidade. Então, de quem é a culpa? É dos pais? É dos alunos que estão nesse terrorismo todo porque não têm vaga? Tem muito aluno aqui que nem fez a matrícula ainda porque não tem vaga.

P.28. Então tem que ter esse conhecimento do que precisa…

R: É, exatamente, você tem que saber. Tem um ditado que diz assim: *"fulano sabe onde é, porque fulano é passado na casca do alho"*. Eu moro há 40 anos aqui no bairro, dentro do Zé e Maria, cheguei aqui quando eu tinha 9 anos, hoje eu tenho 53. Você acha que eu não sei o que é que precisa dentro da minha comunidade? Sei sim, sei de olhos fechados. Eu vou atrás de buscar melhorias.

P.29. Estamos acabando… Na sua última candidatura, a senhora percebe uma diferença de tratamento entre homens e mulheres?

R: Não, eu não vi essa diferença não. Pelo menos, quando eu saí candidata, percebi os tratamentos todos iguais. Mas é claro que assim, nos bastidores, a gente sabe que tem… eles acham os homens mais superiores, que têm mais competência por ser homem, mas a coisa não funciona desse jeito. É um tabu que precisa ser quebrado. A mulher já nasce competente, eles não existiriam se não fosse por nós. E eu nunca senti essa diferença, sempre fui tratada por igual.

P.30. Para a senhora, no geral, o que dificulta as mulheres participarem da política?

R: Só pode ser coragem. Porque para você sair candidata, para você mostrar a cara, você precisa ter coragem. A gente não pode se acovardar, porque a gente não pode mudar o mundo, mas podemos ajudar a melhorar. E eu tenho coragem, era para meu nome ser coragem, não [nome]. Em Recife tem um coletivo de mulheres, são quatro deputadas, As Juntas. Se uniram as quatro, fizeram o coletivo e todas foram eleitas. Então quando tem união, a coisa flui. Coragem e apoio, porque eu acho que, às vezes, a coragem não vem por medo de não ter o apoio. Porque se tivesse a certeza de ter o apoio, com certeza, nós teríamos mais candidatas mulheres.

P.31. E a senhora acha que falta do lado dos partidos também?

R: Sim, pois tem a cota de gênero, né? Mas falta coragem mesmo, muitas mulheres não tem o interesse em sair candidatas.

P.32. É isso, deixa eu parar a gravação.

Entrevistadora: Barbara Salviano

Entrevistada (Nome fictício): Lavínia Oliveira

Categoria: Pré-candidata

Partido: PCdoB

Data: 18/04/2024

Local: Online, via chamada de vídeo WhatsApp

P.1. Para começarmos, você autoriza a gravação?

R: Autorizo sim.

P.2. Gostaria que falasse um pouco sobre você. Vou pedir que se apresente, por favor (vida pessoal, ocupação, formação).

R: Olá! Meu nome é [nome], tenho 51 anos, sou professora, licenciada em Ciências Biológicas. Atualmente, eu tenho mestrado e doutorado na área de Botânica, especificamente na área de ecologia dos ecossistemas do Nordeste.

P.3 E seu estado civil?

R: Eu sou casada.

P.4. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?

R: Surgiu muito nova, quando eu ainda estava estudando no ensino médio. Foi quando eu comecei a fazer parte do grêmio estudantil e passei a entender o que era política pública e como ela estava intimamente ligada à política partidária. Então, comecei a me interessar pelas questões políticas e comecei a estudar os partidos e os candidatos. Com 16 anos, dei o meu primeiro voto para presidente. Me dediquei a estudar o programa de governo dos presidentes… foi dessa época que meu interesse surgiu.

P.5. Então você entrou em movimento estudantil, e como foi o seu processo a partir daí, você se envolveu em outros movimentos depois?

R: Sim, me envolvi. Concorri ao grêmio, mas a nossa chapa não ganhou. Depois fui para o IF Sertão; fui da primeira turma de Química - na época, era a Escola Técnica ainda, não era IF Sertão -, e aí a gente montou a primeira turma de Química e lá a gente criou o grêmio e, aí, fiz parte do movimento estudantil do curso. Depois eu fui para a universidade, fui para a UPE fazer Ciências Biológicas. Lá, fiz parte do centro acadêmico, onde me tornei presidente do C.A. de Biologia e fui seguindo também a minha vida política dentro do movimento estudantil. Fiz parte da UJS e aí, desde essa época, entrei no partido, no PCdoB, e estou lá até hoje.

P.6. E como foi esse processo de entrar no partido? Você entrou com interesse de candidatura ou entrou para acompanhar? Conte um pouco mais.

R: Eu entrei porque fazia parte do movimento estudantil da UJS. Conheci o partido, gostei, me identifiquei com as lutas e com o entendimento político, e também porque eu sou de esquerda. Me senti acolhida no meio. Conheci alguns colegas do partido que atuavam aqui em Petrolina e me senti acolhida, me identifiquei mesmo com a linha da política do partido, mas não tinha interesse nenhum em me candidatar porque o que eu gosto mesmo é de trabalhar com a política pública. Eu entrei e fui candidata a vereadora, mas mais para poder estar na linha de atuação das políticas públicas, que é com o que me identifico, é a minha área. Entrei no partido para trabalhar na luta, gosto muito dos bastidores.

P.7. E você já tentou candidatura ou não?

R: Já sim, nas eleições municipais passadas eu tentei uma candidatura a vereadora. Não foi uma experiência das melhores que eu já tive, porque a gente estava num período de pandemia e era muito ruim fazer campanha… Você tinha que estar muito conectada às redes sociais e eu não tenho muita habilidade com isso, então por isso que não foi uma experiência muito boa para mim.

P.8. Esse ano você vai tentar de novo, como está?

R: Não é a minha intenção, porém existe uma construção, né? A gente estuda muito o coletivo, o que é melhor para o cenário político. Então, eu não tenho a intenção, mas eu trabalho com um conjunto de ideias, um conjunto de pessoas, um conjunto de programas e de projetos políticos que a gente tem para a nossa cidade. Eu sei que Petrolina precisa muito de mudanças no cenário político, precisa muito de mulheres na Câmara de Vereadores. Mas a gente sabe que as coisas aqui em Petrolina são difíceis, porque o pessoal tem uma mentalidade muito arcaica, muito ligada para o lado da velha política e a velha política não me interessa.

P.9. E por que você resolveu se tornar candidata?

R: Existia uma ideia da gente tentar renovar, colocar novas pessoas com novas ideias na Câmara de Vereadores, porque a gente tem uma Câmara de Vereadores em que os vereadores se reelegem constantemente, a gente tem vereadores aí com mais de 20 anos de mandato e tal. Então, a gente sabe que precisa de renovação, de gente que entenda do contexto atual do nosso país, tem coisas que já não cabem, tem coisas que acontecem, inclusive, atualmente na Câmara de Vereadores que já não cabem mais. Não existe uma oxigenação na Câmara de Vereadores, não existe uma renovação de figuras.

Há a ideia de ao menos colocar um nome e assim, eu sabia que era muito difícil, muito difícil mesmo, porque o nosso partido é um partido pequeno, e na época a gente não estava em federação ainda… Hoje estamos em federação junto com o PV e o PT, porém na época a gente ainda não estava em federação, a gente já sabia que era muito, muito difícil mesmo a gente conseguir isso, mas tínhamos que tentar, tínhamos que tentar colocar, pelo menos anunciar, esse projeto coletivo. E o pessoal já conheceu uma parte desse projeto, né? A gente só não sabe se no cenário atual a gente pode dar continuidade ou se a gente vai tentar uma coisa nova, não é? Mas a intenção foi essa mesmo, justamente botar um projeto de renovação para a Câmara de Vereadores de Petrolina.

P.10. E quando surgiu essa conversa a iniciativa de considerar a candidatura partiu de você ou partiu do grupo do partido?

R: Partiu do grupo.

P.11. E por que o seu nome foi colocado?

R: Porque eu sou do cenário de políticas públicas, da educação, eu sou professora, mas eu hoje atuo em sala de aula - e não só em sala de aula, eu atuei no núcleo de formação de ciências, né, que é o NUMEC, o Núcleo Municipal de Estudos de Ciências, onde o formador dava formação para os professores de ciências, e estou como presidente do Conselho Municipal de Educação. E o plano municipal de educação, que vai ser renovado, foi construído por uma equipe que estava na secretaria de educação, da qual eu fazia parte. Eu coordenava a equipe responsável pela construção do Plano Municipal de Educação. Sempre estive muito envolvida com políticas públicas e faço parte do sindicato da associação de trabalhadores da educação do município. Por estar nesse meio e ser relativamente conhecida na área da educação, meu partido decidiu indicar meu nome. Durante a convenção, apresentaram minha candidatura e a proposta. Demorei muito para aceitar, mas, no fim,

acabei aceitando.

P.12. O que que você sentiu? Por que você decidiu aceitar depois?

R: Eu estou pensando ainda, né? Na primeira vez, estávamos em pandemia, então a gente não podia fazer campanha do jeito que a gente queria. A gente ainda está, mas em 2018 ainda estávamos numa polarização muito forte entre esquerda e direita e como eu sou de um partido de extrema esquerda - o pessoal já fala logo *"comunista!"* -, então existia uma discriminação dentro da própria igreja - porque eu sou cristã evangélica. O pessoal não entende o que é comunismo, não sabe o que é socialismo, eles confundem muito as coisas, então eu sofri muita pressão mesmo, sofri um desgaste emocional grande e ainda estou em tratamento, desde aquela época, devido à sobrecarga e de muitos aspectos que vieram dessa polarização. Além do fato de eu ter tido Covid três vezes, também… fiquei com sequelas… por isso eu digo, foi um desgaste físico e emocional muito grande, foi uma campanha em meio a muitas coisas. Perdi meu pai em meio a tudo isso, por isso que minha experiência não foi muito boa. Talvez, se eu tentar outra vez em um período mais tranquilo da vida, seja uma experiência mais tranquila, talvez eu até consiga, mas eu ainda estou pensando muito, estamos estudando os nomes para poder bater o martelo.

Eu também tive o apoio do meu pai na época, que ainda estava vivo. Ele me deu muito apoio, dizia *"você sempre faz, você sempre constrói política pública. Por que você não tenta? Pelo menos você tenta, é uma experiência que você precisa passar"*, e realmente ele estava certo, eu precisava passar pela experiência de ver como é uma eleição, não só apoiando um candidato, mas de ver quais apoios você tem. Porque, às vezes, a gente não tem dimensão, consciência do que é aquilo. Principalmente aqui em Petrolina, né, que a gente tem que concorrer com muitas forças, muitas forças não justas, inclusive.

P.13. Você falou do apoio do seu pai e comentou do não apoio do pessoal da igreja. Como que foi para outras pessoas… familiares, amigos, teve esse apoio ou não?

R: Eu tive muito apoio dos meus familiares, embora a minha mãe seja uma das que não quer mais, porque ela ficou muito nervosa, muito apreensiva. E você sabe, né, que quando a gente está na política, muitas pessoas levantam o nome da gente com a intenção de atingir de forma negativa. E também, e por eu ter concorrido por um partido de esquerda e a atual administração não ser de um partido de esquerda, eu sofri perseguição política na minha carreira profissional, e isso tudo atingiu minha família. Mas na época da campanha eu recebi muito apoio sim. Tive alguns apoios de algumas pessoas da igreja também, dos meus familiares, do meio político, menos da gestão municipal.

P.14. E em relação ao tempo? A gente sabe que política é uma coisa que demanda muito tempo… Como que foi pra você?

R: Com relação ao tempo isso foi tranquilo, pois recebi muito apoio da minha família. Meu marido foi essencial nesse processo. Minha filha caçula é autista, então tive muito apoio do meu esposo para levar nas terapias e atividades que ela precisa fazer. Com relação ao trabalho, sou professora de escola pública, da rede municipal, então eu fui afastada das minhas funções para poder fazer a campanha. Minhas filhas mais velhas também ajudaram muito em tudo, apoiavam nas demandas… Então foi tranquilo.

P.15. Quero voltar um pouquinho no partido. Você está no PCdoB há quanto tempo?

R: Ah, desde 1999. É muito tempo…

P.16. E por que você escolheu esse partido? O que foi importante no momento da filiação?

R: Foi justamente os projetos de política social que o partido tem. O partido tem um projeto político que é muito parecido com as minhas ideias de política social, de educação para todos, então essa questão, esse projeto político que ele tem para um país democrático, para um país socialista, foi o que me atraiu. Eu sou socialista, então eu me atraí pelas ideias do partido.

P.17. Então hoje em dia você acredita que o partido ainda atende às suas necessidades?

R: Sim, sim.

P.18. No momento da campanha existiu algum tipo de apoio, no sentido de instrução ou de preparo para a campanha, para o espaço político?

R: Existe constantemente. O partido está sempre fazendo cursos, agora com a ferramenta, né, da internet a gente tem muitos cursos online e na época também eu lembro que aqui em Petrolina foi feito um seminário com o pessoal da justiça eleitoral. Teve um seminário para mulheres na candidatura, incentivando a gente. Então sempre fazemos parte desses cursos aí, tanto o partido como a própria justiça eleitoral oferecem sempre essas instruções, sim.

P.19. E dentro do partido então você sente que existe esse espaço para mulheres, essa abertura?

R: Existe, existe sim. Inclusive, existe a União Brasileira de Mulheres, ela geralmente faz muitos cursos com a gente sobre a importância das mulheres na política. E a Fundação Maurício Grabois também é uma fundação que trabalha dando muitas orientações, muitas dicas para a gente. Que oferece muito conhecimento da parte sociopolítica do Brasil.

P.20. E na época da campanha, como foi feito o recurso, vocês receberam fundo partidário, receberam alguma quantia para lidar com a campanha?

R: A gente recebeu, sim. Eu recebi tanto do Fundo Partidário para as Mulheres como também do Fundo para Mulheres Pretas e Pardas. Não é muito, é quase nada, porque o partido é um partido pequeno. Não sei como será com a questão da federação, essa orientação ainda não veio, mas com relação ao partido, unicamente, como é um partido pequeno, o fundo é muito curto. E como eram eleições em várias cidades, e no caso a gente tinha várias cidades com candidaturas majoritárias, para prefeitas, para vereadores, a gente teve um recurso muito pequeno… mas tivemos. Foi suficiente? Não! Entrou recurso próprio? Sim. Porque precisa, não tem jeito, né? A gente precisa fazer santinhos ou arte virtual, tem que pagar alguém, então é tudo por conta própria. Além do que tem muita burocracia… é horrível para abrir conta, tem que abrir uma conta específica e tal. Mas faz parte, é assim mesmo.

P. 21.Falando agora um pouco da competição eleitoral, você comentou que você sofreu perseguição política depois das eleições. E durante as eleições, houve algum tipo de perseguição, ou algum outro tipo de violência que você sofreu?

R: Às vezes você está em algum lugar e as pessoas acham - diante de algo que você já fazia constantemente -, que você está usando aquilo para fazer política, entendeu? Começam a acusar você, a injuriar você. Por exemplo, eu me afastei das minhas atividades, inclusive da Presidência do Conselho Municipal de Educação. De qualquer forma, mesmo que eu não estivesse mais à frente do conselho, quem me conhecia, vinha até mim para fazer denúncias e eu encaminhava para o Conselho, e o pessoal achava que eu estava encaminhando por questões políticas. Então, esse tipo de situação que acontece é desagradável. E outras situações são, por exemplo, pessoas que já declararam voto em você serem abordadas por outros vereadores com ameaças de tirar o emprego caso não mudasse o voto. Em especial com quem é contratado no meio da educação. É delicado, muita coisa que causa desgaste e que decepciona. Essas coisas não deveriam nem mais existir, mas existem e são fortes.

P.22. E em relação a você ser mulher, você acha que você sofreu alguma violência nesse sentido ou não?

R: Eu sofri dentro do Conselho, mas não com relação à política, a ser vereadora, mas por estar na presidência e não ser respeitada como mulher.

P.23. Você percebe diferenças entre homens e mulheres na competição eleitoral, assim, de uma forma geral?

R: Muita, muita, muita, muita mesmo, até porque, assim, a gente sente o patriarcado muito forte, principalmente aqui em Petrolina. Muitas pessoas falam na sua frente que vai votar em fulano porque fulano é homem, que já tem vida construída… e ficam comparando você, entendeu? Inclusive, eu já ouvi comentários dizendo assim *"é bom homem que não tem essas frescuras de estar em TPM, de estar em dia de votação e tá com problema de TPM"*. Em debate, você ouve muitos absurdos do tipo "mas mulher tem aqueles problemas mensais" [se referindo ao período menstrual], e a gente sente essa diferença. E a gente olha pelos fatos, né? A Câmara de Vereadores, quantas mulheres tem? Até pouco tempo atrás - hoje temos a Lucinha Mota, porque uma candidatura foi cassada -, mal chegamos a 10%, era mais de 90% de homens na Câmara. A gente vê que tem essa discriminação muito grande.

P.24. E esse tipo de coisa acontece mais no momento da campanha, por parte dos outros candidatos, por parte de outros partidos, como é que é?

R: Não, é por parte do eleitorado. É geral, principalmente do eleitorado. O partido não, ele incentiva a candidatura de mulheres, né? Até porque as mulheres são mais aguerridas, elas vão mais para o enfrentamento, elas querem estar na frente da batalha, elas não temem. Inclusive, eu sabia que ia ser perseguida politicamente, mas eu tentei mesmo assim. Eu já considerava, sabe? Hoje sofro as consequências, mas é o preço que a gente paga para ter a sociedade que a gente quer.

P.25 Sim, com certeza. E só pra terminar, o que você acha, então, que afasta as mulheres da política de Petrolina ainda?

R: Primeiro, muitas mulheres ainda aceitam essa concepção patriarcal que temos na sociedade, de que o lugar da mulher é em determinados locais. E outras, é porque elas têm muito medo mesmo de perseguição política. Embora as que tentam, as que vão pro embate mesmo, são ameaçadas e desestimuladas… há um desestímulo muito grande, porque há todo

um sistema e uma estrutura que determina que certos lugares não são para mulheres. E estamos tentando romper isso, mas mesmo assim, muitas aceitam essa designação, infelizmente. Mas quando elas se descobrem, aí sim a gente vê que a coisa vai para frente. Aos poucos - e isso é uma construção de longo prazo mesmo -, a gente está conseguindo.

P. 26. E você acha então que a dificuldade das mulheres entrarem na política parte delas, no sentido de que há esse espaço - ainda que se sintam não incentivadas a participar -, mas elas que não se propõem, ou você acha que vem dos partidos essa ofensiva?

R: Eu acho que vem muito dos partidos, que não incentivam. Elas não são estimuladas. Quando elas são estimuladas, aí elas começam a aflorar realmente, né? Mas eu não acho que exista esse estímulo na maioria dos partidos. Graças a Deus, eu estou em um partido que estimula muito e tem outros partidos em Petrolina e no Brasil que estimulam bastante. Mas a maioria não, a maioria não estimula, a maioria prefere mesmo manter o sistema patriarcal da nossa sociedade.

P.27. Tranquilo, pois é isso, terminamos. Foi ótimo, muito obrigada, adorei, foi muito boa, me ajudou bastante. Obrigada!

R: Fico honrada, viu? Um abraço, qualquer coisa, estamos aqui, pode entrar em contato, viu? Tchau, tchau, boa tarde.

Entrevistadora: Barbara Salviano

Entrevistada (Nome fictício): Raíssa Silva

Categoria: Pré-candidata
Partido: PL

Data: 22/04/2024

Local: Online, via chamada de vídeo WhatsApp

P.1. Para começarmos, você me autoriza a gravação?

R: Sim, autorizo, sim.

P.2. Gostaria que falasse um pouco sobre você. Vou pedir que se apresente, por favor (vida pessoal, ocupação, formação).

R: Eu sou [nome]. Sou professora aposentada. Atualmente, eu estou concluindo o curso de bacharel em Psicologia, até o final do ano, se Deus quiser, e sou casada.

P.3. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?

R: Bem, na verdade, esse interesse pela política surgiu desde criança. Eu venho de um lar em que a política era algo bem iminente, meu pai era chefe político da minha cidade, foi prefeito e foi vereador. Meu irmão também tinha esse mesmo viés, assumiu como vereador. O meu primo também foi prefeito da cidade, e o meu outro primo, que mora em Salvador, até hoje é deputado. Então, essa coisa da política já vinha permeando todo o seio da nossa família. E aí, eu tinha muito desejo de entrar. Não sabia quando, como seria, não sabia por qual partido, mas eu sempre soube o que eu queria. Eu sempre soube, tá? Um dia isso poderia chegar, ou

mais cedo ou mais tarde, e eu creio que esse tempo agora é um tempo muito pertinente, considerando que eu já estou aposentada, inclusive fazendo curso de psicologia porque quero, porque gosto, como hobby, mas nada de muito sacrifício nem obrigação.

Então, isso para mim vai ajudar muito, como sempre me ajudou, meu negócio são pessoas. Eu lido muito com pessoas, as humanas para mim é o que me persegue. Fui pedagoga, fui educadora de escola e terminei minha carreira como gestora de escola. E agora eu resolvi ouvir o chamado, obedecer o chamado interior, realizar um serviço desta feita em uma amplitude maior para a comunidade, onde eu posso servir as pessoas de uma forma mais legítima, digamos assim, porque eu sempre fiz esses trabalhos de base, sempre fui de visitar famílias, de ajudar, de procurar emprego para alguém, encaminhar currículo, de poder acolher as dores de pessoas, o luto de pessoas. Então, isso vem permeando a minha vida e de repente o meu nome está aí sendo indicado para poder sair para candidata nesse pleito.

P.4. Então vai ser sua primeira vez sendo candidata?

R: É a minha primeira vez, com muita determinação, muita coragem, muito esperançosa de que terei ali uma cadeira no legislativo. E por mais mulheres neste legislativo, viu?

P.5. Como e por que você resolveu se tornar candidata agora?

R: Porque nós estamos vendo esse cenário político do nosso país onde as coisas não andam na sintonia como deveria andar. A gente tem visto que a coisa está num descompasso muito grande e se eu não fizer alguma coisa aqui dentro do meu pequeno espaço, do meu habitat, da minha cidade, como poderei querer almejar que essa coisa chegue em graus maiores, em patamares maiores, não é? No legislativo, no executivo ou mesmo em nível federal? É importante conseguir fazer a minha parte desde as bases, e aí isso me motivou muito. Para mim essa é a hora... Porque pode passar e quando passa, prescreve. Para mim vai por aí. Acho que esse é o momento.

P.6. Você comentou da sua família, que já teve lugar na política, né… você acha que isso te incentivou também?

R: Incentivou. Não no sentido de que muitas pessoas pensam e fazem, como se fosse uma capitania hereditária, passando de pai para filho, eu não vejo a política por aí. Política não é profissão, política é serviço. Se você não tem esse ideário de servir, então desista. Política não é lugar de enriquecer, a gente tem outros espaços para, se quiser, correr atrás dessa parte financeira, e para mim isso não é o motivo. Assim como quando a gente entra na política, na perspectiva de ganhar, ter um cargo, você não vai para fazer o nome, para mim a gente vai ali pelo nome que a gente já carrega, e por isso então que a gente é visto, que a gente é convidado - eu estou ali pelo nome que eu já tenho -, essa é a minha concepção.

P.7. E como que foi ao longo da sua vida? Você participava de partidos, você tinha esse contato mais próximo ou não?

R: Não, pasme você! Eu sempre tive isso, guardava esse desejo, mas ele estava ali quietinho, acho que esperando a hora. Quando eu me casei, meu esposo era avesso à política, e ele disse que sinceramente com ele não teria esse apoio caso eu saísse candidata a algo, a algum cargo político. Então, depois de 44 anos de casada, foi que consegui essa vitória, *minha alforria.* Eu

sei que nem todo mundo tem essa paciência e essa resiliência para estar ali aguardando esse tempo. Eu preferi um caminho da paciência, da tranquilidade, da oração, *"Senhor, fala-lhe ao coração do meu esposo, toca naquela vida, faz ele entender esse propósito, faz ele entender que a gente só passa uma vez aqui por essa terra e a gente precisa dar o nosso melhor, e que eu tenho o chamado, o chamado do serviço, eu não gostaria de partir dessa terra sem concluir aquilo que Tu tens para mim, aquele propósito maior, para servir em outras instâncias"*. E então a partir desse momento que ele concedeu, eu pude dizer um sim para esse desejo que estava bem latente, que estava ali aguardando a hora.

P.8. O que você levou em consideração para tomar essa decisão? Você falou, por exemplo, que agora é aposentada, e aí você tem mais tempo [para se dedicar…]. O que mais você pensou para poder decidir?

R: Exatamente, eu não tenho filho pequeno em casa, tenho neto mas cada um na sua casa, então eu tenho mais tempo para visitar as comunidades. Hoje à tarde eu fui visitar um bairro aqui de Petrolina - já visitei vários -, mas esse eu fui hoje pessoalmente, e eu posso ver ali as demandas, eu escuto as mulheres, especialmente, porque meu foco é a mulher. Eu acho que por mais que hajam bandeiras levantadas há muito tempo, através de outras representações que não me representavam, eu precisava fazer fazer algo, levantar uma que representasse os ideais que eu acredito, há tantas outras [mulheres] que pensam como eu penso, que acreditam no que eu acredito… Acho que é bem pertinente ocupar um espaço também com essa diversidade de pensamentos, ideologias e tudo o mais. E o bairro que eu visitei foi o Dom Avelar.

Mas tem outros bairros, o Jardim Petrópolis, aqui em Petrolina, um bairro bem carente, e tem um outro, o Terras do Sul, que eu recebi um convite ontem à noite**.** Eu estou escutando as mulheres através de uma dinâmica de roda de conversa para ouvir as necessidades, ouvir o que elas gostariam de dizer, o que elas almejam para elas mesmas, para seu dia a dia, como é que elas avaliam a própria comunidade, do que é feito pelo poder público, o que deixa de ser feito, não só em nível físico, mas também no sentido de uma assistência que a mulher tanto precisa, de assistência moral, assistência intelectual, espiritual, em todos os âmbitos, e emocional também, principalmente. E aí a gente está nessa pesquisa, muito de leve, porque a gente não está na campanha ainda, a gente está na pré-campanha. Então é mais uma escuta, uma escuta que vai ser muito preciosa, vai ser muito valiosa. Até para as tomadas de decisões, que serão a partir também daquilo que a gente escuta, e propostas que virão, que vão se transformar em projetos a partir dessas falas.

P.9. Então, só para confirmar, antes desse momento agora [da candidatura], você não teve nenhuma experiência direta com política, né?

R: Não, de forma alguma. Só ia quando estava para apoiar meu irmão, os candidatos na majoritária, apoiava meu irmão porque meu pai já havia falecido. Então eu estava ali junto, entusiasmada, levantando bandeira e tudo mais. E depois disso, aquilo sempre me subia à cabeça, aquele desejo. E antes, muito tempo atrás, eu fiscalizava urna, fazia boca de urna. E depois de toda aquela polarização eu vi que a gente precisa tomar uma posição, porque não é só um lado que tem razão, né? A gente tem que ouvir as falas de todos os lados. E a gente não pode ser cega ao ponto de achar que tudo que está sendo veiculado pelos meios de

comunicação, especialmente os televisivos, é verdadeiro. A gente começou a ver quantas falhas, quantos equívocos tem ali, e a gente tinha aquilo tudo como verdadeiro. Tudo que era colocado ali parecia que era uma voz do céu que estava dizendo. E quando a gente veio ver, a coisa não era bem assim… Muitas narrativas eram falsas, eram ensaiadas, e a gente começou a sentir desejo de conhecer um pouquinho mais desses bastidores.

P.10. Como foi a questão do incentivo e do apoio? Como foi com outros familiares e amigos? Você comentou que agora seu marido passou a apoiar a ideia…

R: Na verdade, não fui nem eu que convenci. Eu até chorei de surpresa. Porque veio uma comitiva de mulheres aqui na minha casa para conversar com ele e essas meninas trouxeram para o meu marido os argumentos de que, naquela época, se não levantassem mulheres corajosas, mulheres que comprassem essa causa, muitas coisas ruins, desagradáveis iriam acontecer naquele momento ali com o povo de Deus. E a gente conhece muito a Bíblia e a gente conhece muito a atuação da juíza Débora, a atuação de Ester. Então elas convenceram ele, eu acredito que foi Deus na frente, eu acredito. Porque do contrário, minha filha, esse milagre não tinha acontecido. E aí ele acabou me apoiando, talvez eu esteja abençoada. As minhas amigas, todas que eu disse até agora, 99,9% apoiaram, ficaram confirmadas. Uma ou outra disse, *"você tem coragem?"*.

Eu sempre tive desafios, eu nunca tive medo, nada me acovarda. Ao contrário, me incentiva, me dá um desejo de dentro, que eu quero ir para cima para ver como é. Então minhas amigas ficaram bem, gostaram, apoiaram, estão comigo. E toda a família do meu marido confirmou que está comigo - foi outra surpresa… nos reunimos aos domingos para uma confraternização, como fazemos sempre. Fiquei impressionada com as falas de todos, sobrinho, tio, meu marido, *"a gente está com você, fechado com você"*. Enfim, graças a Deus, porque eu vejo a mão de Deus confirmando as coisas. Porque, do contrário, as pessoas poderiam dizer: *"sai dessa, você está tão bem, está tão em paz"*. Mas graças a Deus o que temos dá para a gente viver, eu e ele, então eu não estou atrás de dinheiro. Eu não posso fugir desse chamado… vai dar certo.

P.11. E as pessoas da sua família, por já serem envolvidas na política, o que eles acharam?

R: Não, esses aí eu não cheguei a consultar. Agora que eu estou anunciando aos poucos. Para os que são da família do meu pai, estou falando aos poucos. Todo mundo ficou um pouco assustado, eu disse que é coisa de Deus.

P.12. Como foi para você escolher o partido? Você que foi atrás do partido? O partido veio até você?

R: O partido veio até mim. Eu sempre fui de direita, meu pai sempre foi de direita, meu marido também. E o partido que me convidou é um partido de direita. Então nada mais justo do que aceitar isso por Deus. Porque de outra sorte, eu nem teria aceito e meu marido muito menos. Então é por aí, eu estou no lugar certo, no terreno certo, e se não der lá, se eu não chegar realmente lá, é porque Deus tem planos e propostas em todas as coisas. Eu serei grata a Ele por toda a experiência da mesma forma que serei quando assumir, e se assumir.

P.13. E o que foi importante para você na hora de escolher o partido?

R: Na verdade, o partido me escolheu. Os ideais são os mesmos - a gente acredita nos princípios cristãos, na moral, na ética, na cidadania. Então, essa é a diferença. Eu tenho 44 anos de casada. Eu sei cuidar muito bem dos meus filhos, da criação de meus filhos, dos meus netos. Todo esse nosso viver aqui em comunidade, que é família, família é comunidade. Então isso é muito bom. Da escuta, nada de imposição. Eu não me identificaria com outras ideologias, não me identificaria.

[O áudio ficou um pouco comprometido nessa resposta, perdemos algumas coisas.]

P.14. E hoje em dia o partido atende suas necessidades?

R: Atende, pelo menos até então, pelas colocações. Pelo que eles vêm redesenhando aí. Quinta-feira a gente vai ter uma parceria e essa parceria fica muito mais planificada na minha mente. Eu penso que a partir desse momento vai ser bem melhor.

P.15. Imagino que por eles terem te convidado, também teve bastante apoio por parte deles…

R: Eu creio que sim. Porque quando indicaram meu nome, que foram ver meu currículo, eles viram que eu atendia ao perfil. Por ser mulher, cristã, mãe, avó. Por ser educadora há 30 anos nessa cidade. Por ter já um grupo que eu lidero que é uma comunidade, o Mulheres Cristãs do Vale, uma associação. Eu já venho nessa escuta da dor da mulher como educadora há muito tempo, eu já faço esse trabalho de acolhimento. Nós somos um grupo que fará 15 anos agora em julho.

P.16. Que legal, entendi! E aí, com relação à candidatura, existiu apoio no sentido de instruir, de preparar você para a pré-campanha e a campanha?

R: Até agora não, mas o pontapé inicial vai ser na quinta-feira, às duas horas da tarde. A gente vai realmente saber como se posicionar e o que dizer. Estamos em novos tempos. Hoje não é mais como antigamente, quando se fazia uma campanha em cima de um caminhão, que se fazia aqueles comícios. Que se ia numa comunidade, levar as cestas básicas em troca de votos, e muitos faziam, né? Eram bens materiais em troca de voto mesmo, o que é terminantemente proibido. Eu jamais faria isso, porque acho que não é por aí. Há muita coisa que a gente precisa desconstruir, pois ainda existem práticas antigas, como voto de curral e favoritismo, de dar algo para receber algo em troca. Então eu não pauto por aí. E nem vou prometer uma coisa que eu não tenho. O que eu vou prometer é o que eu posso oferecer realmente. Apresentar projetos que melhorem a vida das pessoas.

P.17. Gostaria de saber se dentro do partido você sente alguma diferença de tratamento entre homens e mulheres. O que você acha?

R: Ainda não deu para perceber muito, mas como em todos os partidos a gente sabe que a grande parte é composta pelo gênero masculino. Só que nesse exato momento, estamos nessa fase de quebrar esse paradigma. Tanto é que a nossa majoritária é a [nome]. Estamos aí com várias colegas candidatas a vereadoras e todas elas com o mesmo perfil e o mesmo viés, da garra. Então isso já é a gente assumindo e tomando nosso espaço. Porque estava muito fechado pra gente, para o cristão principalmente.

P.18. Nesse sentido, você percebe diferenças entre homens e mulheres na competição eleitoral, em um âmbito mais geral?

R: Eu percebo muito. É como se o homem fosse o detentor de todo o conhecimento, de todo o saber. Como se ele tivesse as rédeas em sua mão. Para determinar, lutar e ser mais acreditado. E a mulher fosse uma parte mais inferiorizada, que só soubesse governar o fogão da sua casa e cuidar da família, como se não tivesse competência. No entanto, a gente tem uma máxima que diz *"a mesma mão que embala o berço é a que governa o mundo"*. Então, a mulher é essa que está aí, subjacente, está para tudo, que dá sustentação, esteio, não tem como ser diferente. A mulher tem uma visão de águia, holística, é mais sensível… por essa e outras razões é que a mulher tem condições [de exercer a política partidária].

P.19. O que você acha que impede ainda as mulheres de participarem da política mais ativamente?

R: O que impede, primeiro, é essa coragem que tem que ter. Tem que partir pra cima. Segundo, tem que tentar dialogar com essas mulheres e fazer com que elas entendam, que elas vejam que nós mulheres somos maioria nesse país. Que a gente pode eleger presidente, governadoras, prefeitas, o que a gente quiser. Poder resgatar essa autoestima da mulher. Porque não foi à toa que colocaram isso, que a mulher é limitada, acho que foi muito intencional. A gente vê a partir das músicas como falam da mulher, um sexo frágil… são tantas músicas que induz isso aí. Então é partir pra cima, começar. Olhar exemplos de mulheres que fizeram acontecer e deu certo.

P.20. Entendi, tudo bem. Nós terminamos. Foi muito boa, gostei muito. Obrigada!

R: Qualquer coisa, manda um áudio no WhatsApp e eu respondo. Espero que tenha gostado. Espero que tenha ficado algo que seja útil pra você.

Entrevistadora: Barbara Salviano

Entrevistada (Nome fictício): Luísa Campos

Categoria: Pré-candidata
Partido: PL

Data: 22/04/2024

Local: Online, via chamada de vídeo WhatsApp

P.1. Para começarmos, você me autoriza a gravação?
R: Autorizo.

P.2. Para começar, gostaria que falasse um pouco sobre você. Vou pedir que se apresente, por favor (vida pessoal, ocupação, formação).

R: Eu sou [nome], minha formação é jornalismo, comunicação social com jornalismo, tenho mestrado em educação e sou casada.

P.3 Você trabalha como jornalista?

R: Isso, trabalho como jornalista.

P.4. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?

R: Foi quando eu tive minha segunda filha, ela nasceu com uma doença rara. Na verdade, eu sempre gostei de política, mas nunca com tanta consciência, era uma coisa mais de juventude, de envolvimento e tal. E aí, ela nasceu com uma doença rara e eu tive que mergulhar em muitas questões com relação a direitos e tive que adentrar com mais força nessa área. Foi quando eu saí da TV para o rádio e criei um programa de saúde. E com a criação desse programa de saúde eu tive que entender muito mais sobre política, até porque a gente respira política da hora que a gente acorda até a hora que a gente vai dormir, a gente só não se dá conta disso, né? Então, eu tive que mergulhar nisso até para fazer o programa bem feito, com opinião, com o jeito que eu faço, com esse jornalismo que é opinativo. Como eu tive que mergulhar nessa área, eu comecei a me apaixonar, porque eu vi que a política é muito perfeita, ela só não é bem empregada. Se a política fosse bem empregada pelos políticos e pelos gestores, a gente com certeza teria uma sociedade muito melhor. Só que isso não ocorre, não só por questões de corrupção, mas por questões da política ter pessoas dentro dela que desvirtuam totalmente os objetivos. Então eu comecei a me incomodar com isso.
No segundo ano de programa, me filiei a um partido pela primeira vez, que foi o Partido Novo. Fiquei nele durante quatro anos e saí dele em novembro do ano passado, quando essas questões políticas começaram a aflorar. Porque, aí, a minha forma de fazer jornalismo causou estranhamento por não ser comum aqui na região; esse jornalismo imparcial, opinativo. E as pessoas começaram a perceber em mim um jeito para a coisa, né? Eu ouvia assim: *"ah, você tem jeito"*, *"ah, ela tá com segundas intenções"*, sabe? Então houveram esses dois tipos de comentários e aí as coisas foram fluindo naturalmente, né?

O meu interesse partiu mesmo da questão profissional, da questão de entender melhor o fluxo das coisas. Por exemplo, quando a gente tem uma reclamação de saúde, eu preciso entender em qual esfera aquela reclamação se encaixa… Se municipal, estadual ou federal, entendimento sobre o SUS, sobre as legislações, então tudo passa pela política, né? Foi mais ou menos através disso que eu comecei a me interessar mais e mais. E comecei a estudar sobre a os partidos, sobre a questão das linhas políticas… E fui entrando, fui me identificando.

P.5. Você comentou que teve envolvimentos na juventude, como que foi isso?

R: Na verdade, minha família sempre participou da política. Meu pai foi secretário de prefeitos daqui, de Petrolina, né? Então, terminou que sempre a gente participava do processo, desde as eleições que tinham - a depender do candidato que fosse da família, a gente apoiava, a gente trabalhava em campanha… Então a gente se envolvia. E na cidade de meu pai, que é Afrânio, também. Então era Petrolina e Afrânio, a gente estava sempre ali envolvidos em política. Portanto, na juventude era mais essa questão de ajudar mesmo.

P.6. E isso te incentivou, de certa forma, a entrar nesse mundo?

R: Eu acredito que o incentivo maior foi a partir do momento que eu comecei realmente a ter mais consciência, né? Porque eu acho que essa fase aí era muito inconsciente. Porque o pai dizia *"ah, vamos apoiar tal candidato"*, *"vamos ali, vamos fazer tal coisa"*. Fazer campanha,

né? Não era uma coisa muito consciente. Meu primeiro título foi aqui em Petrolina, depois quando eu comecei a me mudar de cidade, mesmo que eu passasse um ano naquela cidade, quando tinha eleição eu transferia meu título, entendeu? Então eu sempre tive essa coisa da minha obrigação com voto, em todas as cidades que morei.

P.7. Como e por que você resolveu se tornar candidata?

R: Ano passado as especulações começaram a entender que eu tinha jeito, os partidos começaram naturalmente a me procurar, eu não procurei ninguém, na verdade esse desejo meu não partiu muito de mim, foi mais de fora para dentro. Quando os partidos começaram a me procurar, e foram muitos, eu iniciei esses diálogos. Comecei a ouvir essas pessoas, a ver o que é que se pretendia, aí a gente começou a ver uma viabilidade, né? Nessas eleições deste ano a gente tem uma lacuna muito grande, é claro que o fato de ser mulher gera uma cobiça muito grande entre os próprios partidos, dado que existem legislações que privilegiam a mulher para ela entrar na política, que fomentem que ela entre na política, eu não concordo muito com isso, eu acho que o desejo da mulher tem que ser natural e não porque existe uma cota, porque existe um benefício para aquela mulher que se candidata. Porque o que acontece hoje é que muitas terminam se candidatando porque os homens mandam, né? Não porque elas querem. Então assim, no meu caso realmente foi um desejo meu. Independente dos benefícios, das cotas que existam, foi uma coisa que foi naturalmente acontecendo de fora para dentro e eu fui assimilando e fui vendo a possibilidade de fazer muito mais do que eu já faço com o meu trabalho diário no jornalismo.

Porque com o jornalismo eu consigo ajudar muitas pessoas no sentido de aquela reclamação ser resolvida. E aí comecei a ver que entrando na política eu poderia fazer muito mais do que isso, porque o trabalho que eu faço na rádio hoje com jornalismo é de formiguinha, né? Um trabalho que, você estando lá [na política] com a caneta na mão, você consegue mudar a vida de muitas pessoas num número muito maior, numa proporção muito maior, né? Porque é a gestão pública. Então partiu dessa possibilidade de eu fazer um trabalho muito maior do que eu faço.

P.8. Entendi. Então, antes disso você não tinha pretensão de vir a ser candidata um dia?

R: Não, nunca pensei, nunca cogitei. Isso realmente aconteceu do ano passado para cá.

P.9. Você comentou que fazia parte do [partido] Novo… mas não com a intenção de candidatura?

R: Não, eu entrei mesmo para conhecer. Até porque o partido Novo eu me identifiquei muito porque além dele ser liberal, ele também tem um processo seletivo para entrar, ele tem um curso que você tem que fazer e foi uma forma também de me adentrar mais nesse processo. Então foi uma oportunidade que eu encontrei por ser um partido realmente diferente, né? Na época ele não usava o fundo partidário, várias coisas que eu concordava e resolvi entrar mesmo por curiosidade. E terminou que eu tive que sair ano passado já por conta das pretensões deste ano.

P.10. Tudo bem. E agora mais com relação a você, no pessoal. O que você levou em consideração para tomar essa decisão de ser candidata?

R: São várias questões que a gente tem que analisar, porque realmente a gente se coloca à disposição, mas também a gente sabe que é um sacrifício, né? Ainda mais quando a gente tem uma vida muito estabilizada e estável, que é o meu caso. Algumas pessoas até comentam na minha família *"mas você não precisava disso"*, *"para que você vai entrar nisso?"* Como se *isso* não dissesse respeito a gente, né? Então, assim, há ainda com a política uma rejeição muito grande das pessoas até boas com instrução, com grau de instrução, mas justamente porque dentro da política existem muitas coisas ruins, né? Então ela ainda causa muita repulsa, causa muito distanciamento, as pessoas não querem saber. Basta você ver que hoje a população menos informada é a que mais se interessa por política porque ela precisa. Ela precisa das políticas públicas, ela precisa que essas pessoas trabalhem por ela, elas não têm plano de saúde, elas não têm escola privada para o filho. Então elas sabem, elas têm o conhecimento que é através da política que a gente muda as coisas. Já as pessoas que já têm um nível social melhor, que têm uma condição melhor, elas normalmente não se interessam. Elas causam uma certa repulsa porque acham que é coisa ruim. Tem sempre essa visão de que é uma coisa ruim.

Então foi um processo de desconstrução das pessoas que estão ao meu redor, porque assim, sem uma aprovação familiar a gente também não consegue. Ainda mais sendo mulher, isso aí é fato. Porque assim, se o homem ele diz assim *"ah, eu vou me candidatar"*, fica todo mundo tranquilo, porque tem a mulher em casa para cuidar dos filhos e para fazer tudo. Se acontece o contrário, as pessoas já começam a se preocupar. Então assim, é uma barreira ainda social muito forte que a gente tem que ir desconstruindo para poder organizar as ideias e ir imaginando o que é possível. Até porque já existem muitas mulheres que são lideranças políticas, que são prefeitas, e a gente já vê um trabalho sendo desenvolvido e a gente não deixa de lado as nossas funções, né? É um processo bem minucioso, mas possível.

P.11. Então, para você, foi tranquilo nesse sentido de conseguir arranjar tempo para fazer política? Para fazer visitas, participar de reuniões, esse tipo de coisa?

R: Tranquilo, até o momento sim, porque meu marido também tem apoiado muito isso. Na verdade, ele é o mais empolgado da história. E a gente consegue, né? Na verdade, isso já vem acontecendo desde o ano passado. A gente chegou a viajar, inclusive, para Recife, para ter reuniões lá também, duas vezes. Então a gente foi organizando. Claro que eu preciso ter alguns limites, né? Justamente porque existe a minha vida pessoal também. Mas a gente tem conseguido. E o grande desafio é que eu estou grávida, né? Inclusive, vou ter neném mês que vem.

P.12. Ah, parabéns!

R: Vou ter minha terceira filha agora, no mês que vem. Eu tenho um menino que vai fazer 10 anos, aí a do meio faleceu com 4 anos e agora vem a Olga, que vai nascer mês que vem. Então, ainda tem esse desafio… Porque eu vou estar com um bebê recém-nascido. Quando começar a campanha em agosto, ela vai ter 3 meses. Então vai ser rojão.

P.13. Você comentou do seu marido que te apoia. E outros familiares, amigos, como foi esse incentivo, esse apoio?

R: Começou realmente eu e ele, até porque no início, quando os partidos me procuraram para não atrapalhar no meu programa de rádio, nessa questão do envolvimento mesmo, eu passava

o número dele para ele conversar com as pessoas. E as pessoas conversarem com ele, aí no segundo momento é que vinha a conversa comigo. Ele meio que me blindava mesmo, porque eu pedi que isso ocorresse. E aí depois foi aquele processo, né? De começar a envolver um, envolver outro, da família, os amigos. E aí foi um processo que ainda está sendo construído, porque tem pessoas ainda do nosso ciclo de amizades que a gente ainda não sentou para conversar. Que sabem, né? Muito por alto, mas não sabem da história toda. Até porque ainda não me declarei como pré-candidata em momento nenhum. A gente está nesse processo, houve a afiliação, claro que a partir da afiliação, há toda a especulação. E aí muito possivelmente as coisas vão dar uma virada a partir da semana que vem. Porque essa semana as lideranças do partido estão chegando e realmente vai ter o anúncio de quem vai ser a candidata majoritária. É a partir desse anúncio que as coisas vão tomar um outro rumo, né? E aí acredito que vai ter mais trabalho.

P.14. E aí, então, como foi esse processo de encontrar e escolher um partido?

R: Eles começaram a me procurar e a gente começou a ouvir todo mundo, sem dar resposta para ninguém. Tiveram alguns partidos que terminaram indo para outro lado da história, para o atual prefeito e terminaram sendo negociados de cima. E aí a gente foi ouvindo e os partidos sempre procurando. Então, quando a gente chegou à decisão final, a gente avaliou uma série de estratégias. Porque assim, o partido que você escolher, ele vai ter um fundo partidário, vai lhe dar recurso, tempo de televisão, né? Estratégia política mesmo. Então a escolha foi uma estratégia, a gente fez toda uma análise e realmente a gente viu que o PL tinha maior condições de oferecer uma condição para uma campanha pelo menos *tete a tete*. Não ser uma campanha que, por exemplo, você está em um partido que não vai lhe dar tempo de televisão, que não vai lhe dar recurso, não adianta. Vai ficar tipo aquele candidato que todos os anos se candidatam e que não sai de 1%, né? Porque não vai ter uma campanha competitiva. Acho que o que moveu a escolha do partido foi a gente ter a possibilidade de uma campanha competitiva, mas claro que com identificação também com partido, né?

Por exemplo, eu jamais iria para um partido de extrema esquerda ou de esquerda por diversas pautas que eu discordo. Partidos de esquerda, extrema esquerda, eles realmente nunca seriam uma escolha minha, entende? Seria muito mais de centro e de direita. Mas isso não me faz uma pessoa fechada a conversar com a esquerda, jamais. Tenho boa relação com todos e esse diálogo está sempre aberto, mas eu não compactuo com determinadas coisas que eles defendem. Então acho que a escolha foi uma série de questões estratégicas mesmo.

P.15. Vocês já conversaram sobre o recurso e sobre como vai ser a distribuição do recurso, do fundo partidário?

R: A gente já conversou muitas coisas, mas agora como está vindo a direção do partido estadual, a gente vai bater o martelo nesta semana. Mas assim, por cima e por conhecimento a gente já tem essas garantias. Até porque se não tivesse eu não iria… Eu não ia botar do meu bolso.

P.16 Hoje em dia você acredita que o partido supre as suas necessidades?

R: É, vamos ver. Na hora do vamos ver é que a gente vai ver, mas assim, até o momento sim.

P.17 Existiu e existe um apoio do partido no sentido de preparação e de instrução para a campanha?

R: Sim, sempre tem, né? Eles justamente estão vindo agora para esse primeiro momento e aí vão vir outros momentos. Mas sim, eles têm que, até porque eles precisam conduzir o processo.

P.18. E você sente uma abertura grande, dentro do partido, para você enquanto mulher, mas também para outras mulheres participarem e se lançarem como candidatas?

R: Sim. Sim, é por isso que eu estou dizendo. Há uma movimentação hoje por conta das cotas para as mulheres. Então a gente, na verdade, a gente não sabe até que ponto é o interesse do partido ou é realmente a obrigação do partido. Mas dentro do PL a gente vê uma série de mulheres se colocando à disposição de maneira realmente - como é que eu digo - natural, sem ser forçada, sabe? A gente sabe que em outros partidos aqui [em Petrolina] mulheres são colocadas para formar a cota, né? Para eleger os homens. Porque a cada três mulheres você pode eleger um homem.

Então assim, tem a cota dos 30% das mulheres. No caso do PL, pelo menos as pré-candidatas que a gente tem à vereadora são mulheres que realmente querem se colocar à disposição. Agora, por parte do partido, a gente não sabe. Eu não tenho como dizer assim *"ah, o partido ama as mulheres"*, entendeu? Não sei. Na verdade, hoje todo partido tem que amar as mulheres, porque senão não elege eles, entendeu? Hoje o PL tem o PL Mulher, que tem uma mulher à frente. Tem a própria Michelle Bolsonaro que é quem lidera as questões femininas do partido e ela tem atraído muitas mulheres de forma natural, mulheres que se identificam com ela e por aí vai, né? Mas assim, a minha identificação foi pessoal minha, foi uma construção de vida mesmo.

P.19 E você percebe diferenças entre homens e mulheres na competição eleitoral?

R: Tem, né? Porque naturalmente os homens ainda são os maiores interessados. São os que mais se interessam pela política. É igual a determinadas profissões, não muda, sabe? Enfermagem tem muito mais mulher do que homem. Claro que tem homem hoje, mas tem muito mais mulher. Se você for para um pólo petroquímico, você verá muito mais homem do que mulher. Uma plataforma no meio do oceano, você vai ver muito mais homem do que mulher. Na oficina mecânica, você vai ver muito mais homem que mulher. E na política também. Pode ser que isso um dia mude, né? Mas até o momento não. É uma profissão, é uma ocupação, é algo que realmente atrai mais os homens. Então, é uma questão biológica, acho, melhor dizendo, sabe?

P.20. Então você não acha que isso é um problema? Não tem uma diferença? De, por exemplo, as mulheres não poderem participar…

R: Não, até porque não tem isso, sabe? Nunca a mulher foi proibida de participar, na verdade. Elas não se interessam, é diferente. Acho que o feminismo, ele trouxe muito essa questão, muito... assim... Como é que eu digo? Por exemplo, *"ah, a mulher conquistou os seus direitos para votar aqui, não sei o quê"*. Não, foi dado de mão beijada. Porque quando os homens precisaram ir para a guerra, a gente não precisou fazer nada, a gente teve o direito ao voto. Fez lá uma manifestação, com a luta e tal, deu à mulher o direito de votar, sem nenhum

esforço físico. E os homens não, eles tinham esforço físico. Então assim, eu não acho que a política expulsa as mulheres. Não, a política está aí para a mulher que quiser entrar. Agora, elas não se interessam em sua maioria. Basta eu lhe dizer que no meu ciclo de amizade, de amigas mais íntimas, ninguém se interessa. Não tem nenhuma interessada no assunto. Então... É uma coisa que assim, eu acho que não é a cota e nem é obrigatoriedade dos partidos terem tantas mulheres que vai mudar isso.

O que vai mudar isso é o interesse de algumas que começam a inspirar outras, né? E por aí vai. Agora, dizer que a cota vai mudar o interesse da mulher pela política, não vai. Eu acho que pelo contrário, ele cria um novo problema, porque ele força muitas mulheres a entrarem para cumprir a cota e não passa a ser uma coisa natural, orgânica, passa a ser uma coisa forçada. Aí você tem uma mulher que inclusive entra e nem vota nela - como já aconteceram em diversas denúncias e etc. - e não é a cota que vai resolver o problema, não é a obrigatoriedade de ter a mulher na política que vai fazer e resolver o problema. Acho que é o curso natural das coisas, a evolução natural da sociedade, a necessidade que algumas mulheres naturalmente vão ter e vão entrar e vão fazer a diferença que vai inspirar outras mulheres.

P.21. Só para terminar, o que você acha que mais importa na disputa política? O que um candidato tem mais, que dá mais chance a ele de ganhar uma eleição?

R: Primeiro, quem está com a máquina na mão. A gente já sabe que isso é uma coisa bem pré determinante, né? Quem está com a máquina na mão, quem está avistando uma reeleição é muito mais fácil, né? Teoricamente, caso ele esteja fazendo um bom trabalho. Outra questão é realmente ter incentivo financeiro para trabalhar uma campanha de maneira igualitária. Esse recurso financeiro é muito importante; e o apoio realmente do partido.

P.22. Ok, pois é isso, terminamos. Muito obrigada de verdade, me ajudou bastante na minha pesquisa. Obrigada pelo seu tempo, pela disponibilidade.

Entrevistadora: Barbara Salviano
Entrevistada (Nome fictício): Isabela Guimarães
Categoria: Pré-candidata
Partido: PCdoB
Data: 28/02/2024
Local: Local de trabalho da entrevistada, Petrolina/PE

P.1. Para começarmos, você me autoriza a gravação?

R: Sim, autorizo.

P.2. Para começar, gostaria que falasse um pouco sobre você. Vou pedir que se apresente, por favor (vida pessoal, ocupação, formação).

R: Meu nome é [nome], sou pedagoga, especialista em educação especial, educação inclusiva e orientação e supervisão de gestão escolar. Atuo como professora da educação especial da rede municipal e da rede estadual de Petrolina.

P.3. E seu estado civil?

R: União Estável.

P.4. Como e quando surgiu o seu interesse pela política?

R: Na verdade, eu sou militante de movimentos sociais desde a adolescência, desde os meus 16 anos. Eu sou militante do movimento de pessoas com deficiência. Atualmente, estou presidente de conselho, fui anteriormente, há alguns anos, presidente de conselho. Então, os movimentos sociais acabam lhe puxando para a política. Querendo ou não, você acaba se envolvendo com a política. Como a gente trabalha com controle social, com política pública, eu acho que uma coisa depende da outra, uma coisa puxa a outra. A política social, a política pública, ela acaba levando você para dentro da política partidária.

P.5. Pela política formal, você já tentou se candidatar alguma vez ou ainda não chegou a se candidatar? Como que foi?

R: Não, eu me filei recentemente ao partido e até então eu não tinha pensado nessa questão de candidatura. Eu gosto mesmo é da política social, me filiei ao partido a convite de alguns amigos, mas até então não havia cogitado, apesar de alguns incentivos, não havia cogitado a ideia de pleitear um cargo legislativo.

P.6. Mas agora você tem vontade de tentar o cargo legislativo ou não?

R: Ter tenho, mas é uma situação bem complicada por conta de duas situações. A questão da inclusão da mulher na política é uma situação que precisa ser debatida. E aí, quando você traz para a minha condição, enquanto mulher cega, a abertura para as pessoas com deficiência dentro da política partidária ainda é bem restrita. Então os aspectos são poucos, muitas vezes os apoios também, porque apoio de boca sempre tem, mas quando você resolve encarar a candidatura, resolve pleitear, você não tem abertura, você não tem apoio, até por conta ainda do preconceito em relação à pessoa com deficiência.

A pessoa com deficiência é um fator, chega a ser negativo, porque as pessoas ainda têm a deficiência como uma doença e não como uma característica. Eu tenho a característica de ser mulher e a característica de ser mulher cega, e muitas vezes as pessoas não veem a gente com capacidade de assumir a função.

P.7. Então quando você entrou no partido, não tinha essa intenção por trás de início?

R: Não, mesmo de colaborar com a militância, com as campanhas, mas não exatamente uma candidatura.

P.8. E para as eleições municipais deste ano, você tem interesse em tentar a candidatura?

R: Na verdade, nós estamos pensando em uma candidatura coletiva de mulheres, porque eu mesma, sozinha, não.

P.9. Por qual motivo não?

R: Justamente pelo que eu expliquei na questão anterior, da condição e da falta de oportunidade e a questão mesmo da visão ainda preconceituosa que as pessoas têm.

P.10. Qual foi a motivação para pensar nessa candidatura coletiva?

R: Nós não temos em Petrolina uma candidatura forte de mulheres, nós não temos uma presença feminina tão grande dentro da política, dentro do legislativo. E eu acho que pensando numa candidatura coletiva com algumas pessoas de vários segmentos, eu acho que fortaleceria mais a campanha.

P.11. E por que você resolveu se tornar candidata então?

R: Por conta da militância, do movimento em que eu atuo. Petrolina, na verdade, no Brasil hoje fala-se muito de inclusão, porém a inclusão mudou o foco. Na verdade, ela não mudou o foco, ela acabou sendo excludente. Hoje se fala de inclusão de movimentos sociais como LGBTQIAP+, mulheres, negros, mas não fala mais de inclusão de pessoas com deficiência. Colocaram a inclusão, colocaram todos os movimentos, todas as minorias, que quando se junta acaba sendo a maioria, colocaram todas as minorias em um único eixo e as pessoas com deficiência elas estão sendo deixadas de lado. Como se elas não fizessem parte dos mesmos movimentos, como se não tivessem pessoas com deficiência no movimento social de mulheres e etc.

Então, a ideia de estar dentro de um partido político, mesmo sem candidatura, é justamente tentar trazer essa reflexão. Para você ter uma ideia, o partido que eu estou filiada hoje, saí do partido e fui para outro por falta de acolhida. E quando eu entrei na plataforma do partido, quando você vai selecionar um movimento social para você militar dentro do partido, têm todos, menos um de pessoas com deficiência. De todas as plataformas de partidos que eu já acessei, tem todos os movimentos sociais, menos um de pessoas com deficiência.

P.12. E nesse partido que você está agora, encontrou esse acolhimento?

R: Sim, encontrei por parte de algumas pessoas, sim.

P.13. Então a pauta principal da candidatura de vocês, da candidatura coletiva, seria a pauta das pessoas com deficiência?

R: Isso, a pauta da inclusão, na verdade da acessibilidade, porque hoje a gente precisa falar de inclusão e acessibilidade, porque quando você fala inclusão, você acaba excluindo as pessoas com deficiência, então a pauta seria inclusão, acessibilidade e educação. Mas também a gente não deixa de agregar os outros movimentos sociais, até para mostrar para eles que a gente precisa, em vez de se agregar, precisa nos unir em defesa de um bem comum que é o direito das minorias. As pessoas precisam entender que todos os movimentos sociais têm pessoas que estão ali que têm características diferentes e não precisa segregar.

P.14. E o que você levou em consideração para poder tomar essa decisão de entrar no coletivo?

R: O fortalecimento do movimento. Fortalecer os movimentos e acabar com o capacitismo nosso de cada dia, com a ideia de que todas as outras pessoas e todos os outros movimentos sociais são capazes e a pessoa com deficiência não.

P.15. Em relação a tempo, como que é para você? Porque a gente sabe que militância é algo que demanda muito tempo da gente, e como você está há muito tempo na militância gostaria de saber como é para você essa questão de conseguir se dedicar à política.

R: A gente precisa fazer um esforço, porque além da militância, além do movimento social, a gente tem a vida pessoal, precisa se manter no trabalho, nas atribuições do dia a dia. Mas na área que eu trabalho hoje, ela já colabora. Ela colabora para que a gente milite, porque não é pura e simplesmente estar dentro de um partido, é você vivenciar aquela militância no dia a dia. Então para mim é mais tranquilo por isso, porque a militância das pessoas com deficiência é uma coisa que eu sinto na pele, eu vivencio todo dia a inclusão, a exclusão, a acessibilidade ou mesmo a falta dela. Então isso já facilita. Eu já tenho algum tempo, como eu disse, desde a adolescência que eu venho na militância, então acho que todo mundo já me conhece por conta disso. E a minha atribuição profissional já contribui para isso, justamente por trabalhar na promoção da acessibilidade e da inclusão das pessoas com deficiência.

P.16. E em questão, por exemplo, de recursos financeiros?

R: Eu ainda não sei, porque eu estou entrando agora, então o partido ainda está em reunião, está em conversas e a gente não sabe como ficará essa questão de recursos financeiros para uma possível campanha.

P.17. E com relação a recursos próprios? Porque a gente sabe que o partido tem um fundo partidário e tal, mas muita gente também acaba usando de recursos próprios para poder lançar a campanha…

R: Hoje eu vivo de salário de professora, que não é lá essas coisas, então para eu encarar uma campanha com recursos próprios é inviável.

P.18. Sobre apoio, qual é o apoio para você? Você recebeu incentivo, recebeu apoio de alguém para se candidatar?

R: Então, por enquanto nós estamos em conversa e recebi alguns incentivos, porém por enquanto só dá uma conversa. A gente não sentou ainda para formular uma ideia concreta sobre isso. Inclusive a sugestão da candidatura coletiva foi minha. Algumas pessoas gostaram até que por conta de fortalecer o partido, mas nós não conseguimos nos reunir ainda para poder colocar isso realmente em prática, ver se realmente será possível.

P.19. Você falou que, no início, logo que entrou no partido, já teve incentivos de outras pessoas para se candidatar, mas não teve vontade. Como foi esse incentivo? Eram de pessoas do partido ou pessoas de fora?

R: Mais pessoas de fora. *"Ah, você milita há um tempo, gosta, por que você não se candidata a uma vaga no legislativo?"* Na verdade, eu nunca me vi. Eu digo que eu tenho um pavio muito curto, então eu nunca me vi dentro de uma candidatura, dentro de uma casa legislativa, porque muitas vezes você tem que fazer coisas que vão contra os seus princípios, contra as suas ideias, então é uma coisa que a gente precisa amadurecer muito, porque lidar com esse tipo de coisa ainda é complicado. A gente precisa pensar muito para poder tomar uma decisão dessa.

P.20. E apoio de família, de amigos, como que foi?

R: Não, a minha família não concorda justamente por conta de algumas coisas, muitas vezes você tem que abrir mão de algumas coisas, né? Hoje eu só tenho o apoio do esposo porque também é militante da causa. Mas da família mesmo, dos mais próximos, muitos não concordam. Amigos sempre tem, né? Sempre os amigos estão apoiando mais que a família.

P.21. Você diria que o que te mantém centrada nesse objetivo de conseguir lançar a candidatura e fazer a campanha, seria da sua vontade mesmo, da militância, da sua motivação?

R: Isso. Inclusive, eu estava conversando agora com uma pessoa cega que estava me pedindo um apoio, porque nós não temos aqui em Petrolina, por exemplo, um centro de reabilitação visual, nós não temos profissionais que trabalhem, que reabilitem as pessoas com deficiência visual e isso é uma coisa que tem me angustiado. Então eu acho que justamente por esses pedidos de socorro, que muitas vezes você perde algumas coisas entrando em um cargo político, mas você acaba ganhando outras. Você acaba tendo alguns respaldos para algumas faltas. Por isso que eu cheguei a cogitar essa possibilidade.

P. 22. Falando um pouquinho de partido, você falou no início que estava em um e depois trocou, não é isso? Qual era o partido que você estava antes?

R: Era o partido dos Trabalhadores.

P.23. E qual foi o motivo da troca?

R: Falta de apoio, falta de acolhimento. Eu me sentia pura e simplesmente um nome, só uma afiliada. Não participava das plenárias, não era convidada para as reuniões, então quando eu sabia das coisas já tinham acontecido… faltava a sensação de pertencimento. E quando eu pensei em me filiar a um partido, foi justamente a questão da militância. E eu não estava me sentindo parte daquilo.

P.24. Entendi. E por qual partido você trocou?

R: Hoje eu estou no PC do B.

P.25. E aí qual foi a sua recepção no PCdoB?

R: Na verdade, eu fui convidada por uma amiga. Ela me convidou para migrar para o PCdoB e a acolhida foi diferente. Apesar de ser um partido pequeno em Petrolina, ele não tem a robustez que tem o PT, mas talvez por ser tão pequeno, a acolhida é melhor. A maioria das pessoas eu já conhecia, então para mim se tornou mais fácil. E tanto que, você vê, o [presidente], que é o responsável pelo diretório daqui, indicou meu nome para responder essa entrevista para você. Ele sempre está me mantendo à par das situações, ele e essa amiga também que me convidou, sempre me mantendo à par, sempre que possível estou com eles nas reuniões, expondo as minhas ideias, o meu ponto de vista. Não só da militância, mas com relação à política mesmo, com relação à conjuntura política da cidade, do nosso país. Então eu estou sempre sendo ouvida. Tem essa relação de pertencimento.

P.26. Você diria que atualmente o partido está atendendo suas necessidades?

R: Em parte sim. Pelo menos, a princípio, está. Nessa questão justamente da acolhida e da sensação de pertencimento. Existem algumas lacunas que precisam ser vistas, como eu já falei dessa questão da filiação, da militância, do movimento social, mas sim, hoje eu posso dizer que eu faço parte de um partido.

P.27. E sobre a ideologia, o PT é um partido de esquerda, o PCdoB também, então isso é importante para você?

R: Sim, porque eu acho que eu não sairia de um partido de esquerda para outro que não fosse de esquerda. Eu brinco que eu sou esquerdista até na data do nascimento. Eu digo que eu sou tão esquerda porque a minha mão de domínio é a mão esquerda. Eu não conseguiria ir para um outro partido justamente por conta da ideologia política. E eu não sairia do PT se não fosse para ir para um partido tão de esquerda ou mais que o PT. Inclusive [o PCdoB] é um partido até mais antigo que o PT.

P. 28. Sobre apoio político, você tem um? Sei que ainda não decidiu 100% lançar a candidatura, mas já teve conversas em questão de apoio político do partido? Se já conversou com algumas outras pessoas para formar esse apoio?

R: Não. Apesar de eu ter o meu esposo, ele está em um cargo comissionado em um ministério que é justamente gerido por uma pessoa do PCdoB. Ele está hoje no Ministério de Ciência e Tecnologia com a Luciana Santos. Mas nós não conversamos sobre isso ainda. Eu conversei com pessoas do Ministério de Elétrica de Petrolina, mas não sobre isso. Não sobre essa questão ainda de apoios políticos.

P.29. E seu marido também é do partido?

R: Ele é do partido.

P.30. Que legal! E você acha que o apoio é importante também nesse momento de candidatura?

R: Conta. Eu acho que você encarar uma candidatura sem apoio é um tiro no pé. Então você precisa ter alguém que o respalde, que lhe dê um apoio, que lhe dê a mão... Pelo fato de eu estar tão recente no partido, é importante ter alguém que lhe mostre os caminhos, as possibilidades. Eu acho que é importante.

P.31. Dentro do partido existe apoio e instrução no sentido de preparação para a candidatura?

R: Sim, existe. Tem as plataformas, tem alguns cursos. Eu acho que até agora eles estão lançando as plataformas e as formações para as possíveis candidaturas.

P.32. Estamos caminhando para o final! Dentro da Arena Política, da esfera da militância da qual você já faz parte, você sente diferença de tratamento entre homens e mulheres?

R: Sim. A gente percebe que a política, o movimento político partidário, ele ainda é muito masculinizado. Então, as mulheres hoje são minorias. Até quando tem candidatura, quando tem participação feminina, eles tentam burlar. A gente vê tanto de processos, de candidatura, de partidos que forjam ou deixam de apoiar a candidatura feminina. Tanto que a gente hoje, para ter uma candidatura, é por força de lei, por força de justiça. E não deveria ser! Então, para mim, existe uma diferença muito grande. E quando se trata de mulher e mulher com deficiência, é que não tem mesmo.

P.33. E aí, dentro do PCdoB, você vê um incentivo em relação a isso?

R: Eu ainda estou observando. Eu ainda estou naquela fase de observação, de conversa. Eu não posso dizer a você nem que sim, nem que não, porque tem pouco tempo que eu estou no

partido, então estou naquele processo de observar. Eu não posso ser injusta e dizer que não e depois descobrir que sim.

P.34. Você já sofreu ou se você sabe de perseguições sofridas por mulheres dentro da Arena Política ou da militância?

R: Não. Por enquanto, até agora, não. Até porque, como eu estou dizendo a você, eu estou há pouco tempo no partido. Então, até agora, eu não sofri e nem presenciei, não observei. A gente sabe que há porque vê as notícias, né? Vê os acontecimentos e sabe que existem, mas eu particularmente ainda não presenciei.

P.35. E na sua trajetória antes, você já sofreu de alguma discriminação por ser mulher ou por ser pessoa com deficiência?

R: Não. Eu exatamente não.

P.36. E o que mais importa pra você na disputa política? O que você acha que dá mais força pra uma pessoa conseguir ganhar?

R: O apoio. O apoio e também o recurso financeiro.

P.37. Apoio, você diz, de políticos ou de pessoas?

R: Sim, de políticos, de pessoas, do próprio movimento que você defende…

P.38. E o que você acha que te faria desistir da carreira política?

R: Talvez a falta de apoio do partido. Justamente a questão da sensação de pertencimento. Porque ninguém caminha só. Então, se você não tem apoio naquele meio que você está inserido, fica difícil. Então, muitas vezes você é levado a desistir ou até mesmo a abrir mão.

P.39. Entendi. Pois acho que é isso, terminamos. Se você conhece outras mulheres que você possa me indicar…

R: Ele indicou a [nome] para você?